

P. Alexandrino Monteiro, S. J.

REFLEXÕES EVANGÉLICAS



ED. "VOZES" PETRÓPOLIS

<http://www.obrascaticas.com>

P. ALEXANDRINO MONTEIRO, S. J.

REFLEXÕES EVANGÉLICAS



Editora «Vozes» – Petropolis, Est. do Rio

<http://www.obrascaticas.com>

IMPRIMI POTEST

Bahia, 20 de Fevereiro de 1925

F. Luis Gonzaga Bacchar, S. J.
Sup. Miss. Brasil Sept.

NIHIL OBSTAT

Fr. Marianus Wintzen, O. F. M., Censor

Petropolis, die 13 Junii 1925

REIMPRIMATUR

Por comissão especial do Exmo. e Revmo. S. Bispo de Nictheroy, D. José Pereira Alves.

Petropolis, 14 de Dezembro de 1925.

Frei Oswaldo Schalegger, O. F. M.

PROLOGO

Não é um livro novo na materia, o que escrevi: é antes uma nova disposição de algumas passagens do Evangelho, coordenadas em meditações e acompanhadas de breves reflexões, que respinguei, aqui e ali, dispersas pelos varios autores que escreveram sobre este mesmo assumpto.

O methodo, que nestas Reflexões segui, consiste em percorrer as palavras textuaes do Evangelho, sobretudo as proferidas pelos proprios labios de Jesus Christo, repousando nellas em concentrada meditação afim de auferir todo o néctar de verdades, de consequências, de conclusões e de affectos que nellas se encerram.

As palavras de Jesus são fontes inesgotaveis de verdades. Todas estão cheias de sentido. Não ha nellas essa eloquencia balôfa e estylo declamatorio que usa o mundo; mas encerram uma tal sobriedade de termos, aliada a uma tal abundancia de conceitos, que não se podem lêr sem experimentar as mais salutareas impressões. São palavras simples na forma, porém revestidas da viveza da imagem, da graça divina da parabola, da imponencia da visão prophetica. *Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras, disse Jesus, não passarão.*

Umhas são doces como o mel, confortantes e meigas: *Vinde a mim todos!* Outras, ameaçadoras e fulminantes como um raio: *Ail de vós, hypocritas!*

Umhas ternas e carinhosas como a brisa: *Deixae vir a mim os meninos.* Outras poderosas e retumbantes como trovões: *Apartae-vos de mim, malditos.*

Umhas são como gotas de orvalho que fazem germinar as flôres da penitencia nas almas peccadoras; outras são como settas que se cravam nos corações dos phariseus, trazendo a lume seus planos perversos e pensamentos odiosos.

Pena é que estas palavras de vida e salvação, que nos legaram os Evangelistas, de muito poucos sejam conhecidas, de muito menos lidas, e de quasi nenhuns meditadas. Oxalá, pois, que este modesto trabalho concorra para que revivam e resoem de novo aos ouvidos christãos estes divinos oráculos da eterna Verdade!

O presente trabalho, que não tem pretensões a obra original, pois nada contém que não tenha sido mil vezes escripto, é apenas um subsídio a mais para a leitura reflexionada do Evangelho, e pôde servir tambem de manual de meditação para todos os dias do anno. Por isso ponho tambem aqui um *Breve methodo para meditar*.

BREVE METHODO PARA MEDITAR

I. Actos preparatorios

1. Ler e fixar na vespera os pontos da meditação para a manhã seguinte. — 2. Antes de adormecer, pensar na hora de levantar e na materia da meditação. — 3. Depois de levantar, entreter-se em pensamentos proprios da meditação.

II. Principio

1. De pé, no logar da meditação, pensar que está Deus presente, diante de quem vamos ter nossa meditação. 2. Adorá-lo, prostrando-nos por terra. — 3. Fazer a

Oração preparatoria

“Senhor meu, e Deus meu! Creio firmemente que estaes aqui presente.

Amo-vos e adoro-vos com todo o affecto do meu coração. Dou-vos graças por todos os beneficios e peço-vos humildemente perdão de todos os meus peccados.

Dae-me graça para fazer bem esta meditação, de maneira que todos os meus pensamentos, affectos e operações se dirijam á vossa maior gloria e proveito de minha alma. — Para este mesmo fim acudo a vós, Virgem Santissima, minha terna Mãe, e a vós todos, Anjos e Santos da Corte Celestial. Alcançae-me de Deus a graça de tirar todo o fructo desta meditação.

III. Preludios

Antes de entrar na meditação propriamente dita, devem-se fazer os Preludios:

1. *A historia*, ou breve resumo do mysterio que se vae meditar; — 2. *Composição do logar* ou viva representação do logar e outras circumstancias em que se realiza o mysterio; — 3. *Petição da graça* accomodada ao assumpto que se medita, ao fructo que da meditação se quer tirar e ás necessidades do que medita.

IV. Meditação

Terminados os preludios, entra-se logo na meditação, exercitando as tres potencias:

A *memoria* recorda a materia ou o ponto que se vae meditar.

O *entendimento* reflecte sobre a materia subministrada pela memoria: — Que pensar sobre isto?... Que conclusão a deduzir?... Que motivos ha para o fazer?... Como o observei até hoje?... Que fazer para o futuro?... Que impedimento a remover?... Que meios a adoptar?...

A *vontade* excita affectos durante toda a meditação e toma resoluções accomodadas ao fructo que se pretende tirar.

V. Conclusão

Ao aproximar-se o fim da meditação, faz-se uma breve recapitulação de tudo que se meditou e renovam-se os propositos feitos. — 2. Termina-se com um Colloquio a Jesus Christo, a Nossa Senhora ou a algum Santo, encerrando tudo com o *Padre nosso*. — 3. Segue-se depois de uma breve reflexão ou exame sobre o modo como se passou a meditação.

VI. Reflexão

1. Como ouvi ou preparei os pontos e fixei os preludios?

2. Ao deitar e levantar pensei nos pontos da meditação?

3. Fiz todos os actos preparatorios?

4. Fiz os preludios?

5. Segui o methodo das tres potencias?

6. Gastei mais tempo nos discursos do entendimento que nos affectos da vontade?

7. Desci a applicações praticas?

8. Tive distracções, tédio, somnolencias? Como lhes resisti?

9. Insisti no fructo?

10. Fiz propositos? Quaes? Como guardá-los?

N. B. — *Depois da reflexão é bom tomar nota breve por escripto dos propositos feitos e das luzes e impressões recebidas durante a meditação, para os ler de tempos a tempos, e examinar si os tem guardado.*

O AUTOR.

PRIMEIRA PARTE



INFANCIA DE JESUS

APPARIÇÃO DE S. GABRIEL A ZACHARIAS

1. Quem era Zacharias

No tempo de Herodes, rei da Judéa, havia um sacerdote chamado Zacharias, da familia de Abia; e sua mulher, da estirpe de Aarão, chamava-se Isabel. Ambos eram justos diante de Deus e caminhavam irreprezivelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. E não tinham filho, por Isabel ser esteril e ambos adiantados em idade. (Luc. I, 5.) — Chegava enfim o tempo da redempção do genero humano. Já estava no throno Herodes, o primeiro rei estrangeiro que tiveram os Judeus. O sceptro tinha, pois, sahido de Judá, e chegava o tempo assignalado pelo patriarcha Jacob para a vinda do Messias.

No mesmo tempo que Herodes, que symbolizava a abjuração de Deus, viviam Zacharias e Isabel, que incarnavam a justiça e a fé nas promessas divinas. Por estas virtudes mereceram em sua velhice ser os paes do precursor do Messias. — Agradecemos a Deus, que enfim nos vem manifestar sua misericordia.

2. Apparição do Anjo

Sucedeu, porém, que desempenhando, na sua qualidade, as funções de sacerdote diante de Deus, segundo o costume estabelecido entre os sacerdotes, tocou-lhe por sorte offerecer incenso, entrando no templo do Senhor, e todo o povo estava fóra orando á hora do incenso. — Foi no templo e emquanto offerencia o incenso com as orações prescriptas, que Za-

charias recebeu a visita do Anjo S. Gabriel. — O melhor tempo para obter as graças do céu é o da oração publica, dos officios e actos religiosos da Egreja, e principalmente durante o sacrificio da Missa, em que Deus está mais perto de nós e mais disposto a conceder-nos suas graças.

E appareceu-lhe o anjo do Senhor á direita do altar do incenso. — Os anjos rodeam o altar do sacrificio. Comnosco assistem em profunda adoração ao acto mais solenne da nossa fé, o augusto sacrificio da Missa. Ainda que os não vemos sinão com os olhos da fé, a sua presença deve animar-nos a assistir a este acto com summo respeito e devoção.

E Zacharias ficou perturbado ao vê-lo, e teve grande temor. — Si a missão celeste de um anjo causou a Zacharias tão grande temor, o que será quando virmos a Deus no dia do nosso julgamento! Si formos justos como Zacharias e tivermos guardado todos os mandamentos do Senhor, não teremos que temer.

3. Embaixada do Anjo

E disse-lhe o Anjo: Não temas, Zacharias; pois tua oração foi ouvida, e Isabel tua esposa conceberá um filho, a quem porás o nome de João. — E' proprio do bom Anjo tranquillizar o espirito. Além de que Zacharias não tinha razão de temer, pois estava praticando uma acção agradavel a Deus. — Ao mesmo tempo lhe assegura que sua oração foi ouvida e, como prova, promete-lhe um filho, que, pelo nome que lhe manda pôr, ha de ser a gloria de sua casa e de todo Israel. — Si fizermos tambem a nossa oração com recolhimento e fé, podemos estar certos do seu effeito, ainda que não venha um anjo assegurar-nos delle.

COMO ZACHARIAS RECEBE A EMBAIXADA

1. Desconfiança de Zacharias

E disse Zacharias ao Anjo: Como posso estar certo do que me dizes? pois sou velho, e minha mulher avançada em annos? — Era tão grande a promessa que o Anjo fazia ao santo sacerdote, tanto contra as leis da natureza, que entrou a duvidar da possibilidade da sua realização. Mas esta desconfiança desagradou tanto ao Senhor, que a não deixou sem castigo. E na verdade, que direito tem o homem de saber o modo como Deus ha de executar seus decretos?

E o Anjo lhe respondeu: Eu sou Gabriel, que estou sempre diante de Deus; e fui enviado para te falar e annunciar esta boa nova. — Para roborar sua promessa, o Anjo revela o seu nome: Gabriel, que significa a *força de Deus*. Este nome bastava para Zacharias, recordando-se que fôra este mesmo Anjo que explicára a Daniel as prophcias das setenta semanas, comprehender logo a injustiça de sua dúvida. — Sigamos com docilidade as ordens de Deus e acceitemos com fé suas revelações, ainda que não vejamos o modo como ellas se hão de realizar.

Castigo de Zacharias

E deste momento ficarás mudo e não poderás falar, até ao dia em que isto se cumprir, porque não crêste em minhas palavras, que se cumprirão no seu tempo. — Por este castigo se vê como Deus se offende de nossa desconfiança em suas palavras. Deus não pôde faltar ás suas promessas, e seria da nossa parte uma grande injuria á Sabedoria e omnipotencia divinas, si desconfiassemos que Deus pudesse faltar ao promettido. Si não vemos o modo como Deus pôde realizar seus designios, será maior nosso merecimento em sujeitarmos nosso juizo e cremos em sua palavra infallivel.

3. Depois da aparição

Entretanto o povo esperava Zacharias: e admirava-se de se demorar no templo. Mas tendo sahido não podia falar com elles, e conheceram que tivera uma visão no templo. E explicava-se por signaes, e ficou mudo. Depois de cumpridos os dias de seu ministerio, retirou-se para casa. — 1. Zacharias dá-nos aqui exemplo de fervor e perseverança no serviço de Deus e no cumprimento do seu dever. 2. Ensina-nos a humildade, pois não receia mostrar-se ao povo no estado a que o reduziu a sua desconfiança na promessa do Anjo. 3. Mostra seu amor ao retiro, recolhendo-se a casa, logo que seu ministerio não era mais preciso no templo. — Cumpramos tambem nossos deveres com Deus até ao fim, sem os encurtarmos.

Não menos proveitosos são os exemplos que nos dá o povo: 1. — *de piedade*, não se queixando do prolongamento do acto religioso e permanecendo em oração até que elle findou; 2. — *de descrição*, pois não moteja do ministro do altar, ao vê-lo sahir sem fala, do templo; 3. — *de caridade* em não accusar nem suspeitar em Zacharias alguma falta, mas em crêr que tivéra alguma visão celeste. — Como este povo, devemos ser perseverante e assíduos em assistir aos sagrados mysterios, respeitar a dignidade sacerdotal, condoer-nos dos afflictos, e interpretar em bom sentido as acções do proximo. Quanto tenho que me reformar nesta materia! Si os actos religiosos me parecem longos e tediosos, é que assisto a elles sem fé e devoção!...

NASCIMENTO DE S. JOÃO

Nasce S. João

Tendo chegado o tempo, Isabel deu á luz um filho. E os vizinhos e parentes conheceram que Deus fizera resplandecer sua misericordia sobre ella e lhe davam o parabem. (Luc., I, 57.) — Justo motivo ti-

veram os vizinhos e parentes para se congratularem com Isabel, pois pela misericórdia de Deus se viu livre da deshonra da esterilidade. Mas, si era uma deshonra a esterilidade corporal, quanto o mais o deve ser a espiritual! . . .

Alegramo-nos com aquelles a quem Deus favorece e felicitá-los pelos bens recebidos é um dever de *humanidade*. A alegria que testemunhamos ao proximo, pelo bem que lhe succede, torna-o mais feliz, e descurar este dever pôde muitas vezes envolver uma offensa. 2. E' um dever de *caridade* que devemos cumprir sinceramente, não occultando debaixo das palavras de congratulação um espirito invejoso e mordaz. 3. E' um dever de *religião*, que devemos cumprir com espirito de piedade, reconhecendo a Deus como autor de todos os bens.

2. A circuncisão do menino

E succedeu que no oitavo dia foram circuncidar o menino. — Admiremos a fidelidade dos paes em sujeitar o menino á dolorosa lei da circuncisão, não obstante ter sido santificado no ventre de sua mãe. Quanto mais favorecidas por Deus, mais exactos devemos ser em cumprir os seus mandamentos, ainda aquelles que nos parecem menos graves.

E deram-lhe o nome de seu pae Zacharias. — Assim parecia convir, pois era o nome da familia, e sobretudo por ser um nome aureolado com o brilho das virtudes de um sacerdote santo, agradável a Deus e respeitado dos homens. — Si o nome que recebi no baptismo é de um santo, onde estão as virtudes? . . .

E respondendo sua mãe disse: De nenhum modo, mas ha de chamar-se João. — Isabel era a mais interessada em ver perpetuado no filho o nome do pae; mas sobre o amor natural prevaleceu a vontade divina. Sabendo que este seu filho lhe fôra dado por uma graça especial de Deus, que nascera em graça, que vinha annunciar aos homens o Deus da graça, oppoz-se ao parecer de seus parentes, e mandou

que se chamasse João, que se interpreta: *graça*. — O nome que muitos christãos põem a seus filhos ou nada significa, ou si alguma coisa significa, porque é nome de algum Santo, não procuram que seja acompanhado das virtudes do mesmo Santo.

Os parentes de Isabel replicaram: Não ha ninguém em nossa familia que se chame com esse nome. — Mas ella persiste em sua resolução, fiel á ordem do céu. Felizes das mães que, tendo conhecimento da vocação de seus filhos, sacrificam, como Isabel, as inclinações naturaes ás inspirações do céu, e rejeitam as falas importunas de parentes e amigos, que vêm as coisas só pelo lado terreno e material.

3. Zacharias intervem

Indicaram a seu pae que dissesse o nome que se havia de dar ao menino. E pedindo uma taboa escreveu: João é o seu nome. E todos se admiraram. — Admiração natural, pois viam que pela bocca de Zacharias falava Deus; e porque o menino, cujo nascimento era acompanhado de taes circumstancias, devia estar destinado a uma grande missão. — Em Zacharias é para admirar: 1. a grande *fidelidade* ás ordens do Anjo, dando ao menino o nome de João, fidelidade que lhe mereceu a restituição da voz: 2. o *reconhecimento* para com Deus, consagrando o primeiro uso da fala em louvá-lo — *et loquebatur benedicens Deum*; 3. o dom de propheta de que foi animado, para cantar no *Benedictus* os louvores de Deus, o novo propheta que nascera e as misericordias que Deus ia fazer a seu povo.

Todos os vizinhos se encheram de um santo temor, e estas palavras se divulgaram pela montanha da Judéa; e todos os que as ouviram, as gravaram profundamente em seu coração e diziam: Que pensas que será este menino? Porque a mão do Senhor está com elle. — Esta admiração do povo era justa, á vista dos prodigios operados naquelle menino. Effecti-

vamente, é de esperar grandes coisas daquelle a quem Deus concede taes favores. — Quanto maiores são os beneficios que Deus me faz, tanto maior é o direito que tem o proximo de que me utilize delles para seu bem.

MARIA DESPOSADA COM S. JOSÉ

Ordem de Deus

Ora, a geração de Christo foi assim: Estando sua mãe desposada com José, antes de se juntarem, foi encontrada grávida por obra do Espirito Santo. (Matth., I, 18). — Quiz Deus que a futura mãe de seu unigenito Filho fosse desposada com um varão justo. Maria, conhecendo esta vontade de Deus, manifestada talvez por seus paes, não se oppoz, apesar do proposito de permanecer virgem; pois estava certa que Deus, a cuja providencia se entregava, lhe daria um esposo fiel, que tivesse o mesmo proposito, como succedeu. — Feliz de quem se entrega totalmente á providencia e se deixa governar sempre por ella, sobretudo nos casos mais difficeis da vida! Deus não abandona aquelles que o servem.

2. Causas deste desporio

Varias são as causas que apontam os Santos Padres, pelas quaes o Filho de Deus quiz ter por mãe uma virgem desposada com um varão justo.

1. Para que, apparecendo grávida por effeito da Incarnação sobrenatural do Verbo Eterno, não fosse infamada diante dos homens.
2. Para que Jesus, o Verbo feito homem, não fosse tido por filho illegitimo.
3. Para que o mysterio da Incarnação ficasse occulto por algum tempo. — Em tudo isto apparece a amorosa providencia de Deus velando pela honra da mãe e pela glória do Filho. Juntamente nos dá o precioso mandamento de procurarmos sempre zelar a fama alheia, e de evitar tudo que possa dar occasião

a que se tenha dos outros menos estima. Ensina-nos também a cuidar da honra do nosso nome, quanto seja conveniente para a gloria de Deus. Finalmente nos exhorta a occultar os mysterios da graça, que Deus opera em nossa alma, deixando a Elle o revelá-los, quando fôr de sua vontade. — Quão longe estou desta perfeição!... Por nada diffamo o proximo; não procuro a glória do meu nome com uma vida santa, e assoalho por toda a parte o pouco bem que faço... e as graças que Deus me concede, tendo em vista não tanto a glória de Deus, quanto o meu engrandecimento.

3. Qualidades de S. José

Querendo o Eterno Pae dar á Virgem um esposo digno, e a seu Filho um aio e pae putativo, podemos suppor qual escolheria para esta tão alta dignidade, e com que dotes o adornaria! Entre muitos jovens israelitas piedosos, ricos e nobres, que então havia, foi escolhido José, um official de modicos haveres materiaes, mas rico em dons sobrenaturaes e virtudes, pois era, segundo o evangelho — *justus* — justo, palavra que synthetiza todas as virtudes que constituem um varão santo. Escolhido para guardar uma virgem, qual não devia ser sua castidade?... Escolhido para aio de Jesus, qual não devia ser sua humildade em servi-lo, sua reverencia, em tratá-lo, sua solitudine, em sustentá-lo?... Escolhido para chefe da familia mais santa, qual não devia ser sua prudencia, fortaleza e dedicação em governá-la? — E eu, que virtudes revelo no desempenho do meu officio?...

ANNUNCIAÇÃO DO ANJO S. GABRIEL

1. Deus

Estando Isabel em seu sexto mez, o Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade de Galiléa, chamada Nazareth, a uma virgem desposada com um varão, chamado José, da casa de David, e o nome da

virgem era Maria (Luc., I, 26). — Chegando enfim o tempo da redempção do genero humano, e offerecendo-se o Verbo eterno para vir ao mundo a fazer-se homem, foi enviado um anjo das primeiras jerarchias a obter o consentimento de uma virgem para ser a mãe do Verbo humanado. — Qual não deve ser nossa gratidão para com Deus, que enfim se lembrou de sua misericordia, — *recordatus misericordiae suae* — e visitou o seu povo! — Peccaram os anjos, e Deus deixou-os no seu peccado! Peccou o homem, e Deus quer salvá-lo!... Quer restituir-lhe o céu!... quer fazê-lo participante de sua glória!... quer elevá-lo á alta dignidade de filho seu adoptivo! — Qual não deve ser tambem nossa gratidão para com o Verbo eterno, que tão generosamente se offereceu para vir reabilitar-nos, satisfazendo por nós a immensa vida, que pelo peccado de Adão todos contrahimos, e que, por nós, nunca poderíamos pagar.

2. O Anjo

Escolhe Deus um anjo das mais elevadas jerarchias, qual era S. Gabriel, que significa a *força de Deus*, para nos vir annunciar esta grande nova: 1 — porque é officio dos anjos communicar aos homens as ordens de Deus; 2 — porque tendo sido um anjo rebelde a causa de nossa ruina, convinha que fosse um anjo fiel o intermediario de nossa reabilitação; 3. — porque, havendo de ser Jesus Christo o rei dos anjos, era natural que um anjo o viesse annunciar ao mundo. — Os anjos, e sobretudo S. Gabriel, estão intimamente unidos á redempção, e por isso são nossos verdadeiros amigos, que se empenham para que vamos occupar o logar dos anjos rebeldes. Deve, portanto, ser grande nossa devoção para com elles, pois gozam de um poder especial para nos ajudar em tudo que se relaciona com nossa salvação.

3. A Virgem

O anjo, enviado por Deus, não se dirige ás grandes capitaes do mundo, nem ás filhas dos reis e imperadores, mas a Nazareth, pequena cidade da Galiléa, a uma virgem desposada com José, ambos da real casa de David, então decahida de seu antigo esplendor, e portanto, aos olhos dos homens, pobres e humildes. — Não é o nascimento nem os dotes da natureza que nos tornam agradaveis aos olhos de Deus, mas a modestia, a humildade, a pureza do coração e a innocencia da vida. Si quero que Deus me visite com seus dons, hei de procurar exercitarme nestas virtudes.

Quiz o Verbo eterno nascer de uma virgem, para que, assim como emquanto Deus tem Pae e não tem mãe, assim emquanto homem tivesse mãe e não tivesse pae. — Congratulemo-nos com a Virgem Nossa Senhora por ser escolhida entre todas as filhas de Eva para a altissima dignidade de mãe de Deus.

SAUDAÇÃO DO ANJO

1. O Anjo em presença de Maria

E entrando o Anjo, onde estava Maria, disse-lhe: Eu te saúdo, ó cheia de graça; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. (Luc., I, 28) — O Anjo entrou no aposento de Maria, onde a encontrou em oração profunda, numa attitude respeitosa e recolhida. — E' principalmente no tempo da oração que Deus se communica ás almas. Assim succedeu com Zacharias, que teve a visão de S. Gabriel no momento em que offerencia o sacrificio ao Senhor.

Não se dedignou o Anjo de entrar no aposento pobre de Maria, nem de se inclinar reverente diante della e saudá-la com palavras elogiosas, pois vinha mandado por Deus, e reconhecia naquella a quem fa-

lava a creatura mais santa que o mundo possuia, e que em breve ia ser elevada á altissima dignidade de mãe de Deus.

2. Saudação angelica

Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo, bem-dita és tu entre as mulheres. — Mais não se pôde dizer em louvor de uma creatura. A graça é o maior bem, e quem está della cheio possui todos os bens. *Cheia de graça* é o mesmo que dizer: tu és a mais santa de todas as creaturas, um thesouro de virtudes, um mar de graças, que fazem de ti a creatura mais preciosa ao olhos de Deus. — E' a graça de Deus o bem principal, que devo procurar e conservar sempre em meu coração, pois elle me torna amigo de Deus e me dá direito á glória do paraíso.

O Senhor é contigo, isto é: Deus está em ti, e tu em Deus, por quem és governada e possuida. — Toda a nossa felicidade está em possuir a Deus, a sua graça e o seu amor; pois, onde está Deus, não está o peccado nem o demonio.

Bem-dita és tu entre as mulheres, isto é, nenhuma filha de Eva te igualou nem igualará em dons da graça, nenhuma será elevada a tão alta dignidade como a tua, pela qual serás abençoada e engrandecida por todas as gerações. Tu vens desfazer a maldição lançada contra a primeira mãe Eva e toda a sua descendencia, e espalhar pelo mundo o doce orvalho das benções do céu. Bem-dita pois sejas, ó Maria, por quem nos veiu a salvação e a vida!

Como a Senhora ouve esta saudação

Ouvindo estas palavras, Maria perturbou-se e pensava o que significava esta saudação. — Maria, como era tão humilde, perturbou-se ao ver diante de si um anjo que lhe dirige com tanta reverencia uma saudação tão nova. Ella nos revela uma grande prudencia em não acceitar logo os louvores com que

o Anjo a sauda; mas pensa o que poderá ser. — Si Maria se mostra tão reservada em annuir aos elogios dum anjo que lhe fala da parte de Deus, quanto não devemos ser reservados em acceitar os louvores dos homens, que não se fundam muitas vezes sinão em dotes naturaes de nobreza, de talento e de formosura! E quantas vezes não passam de um simples cumprimento e cortezia!

Mas, ao contrario da Senhora, ouvimos com *orgulho* os louvores que nos dão, julgando-nos ainda acima do que elles exprimem; — com uma *modestia hypocrita*, com que fingimos não annuir a esses louvores; e, comprazendo-nos interiormente nelles, simulamos rejeitá-los com o fim de provocar outros mais levantados; — com uma *irreflexão e imprudencia* fataes, pois, longe de desconfiarmos de nós mesmos, deixamo-nos captivar por uma lisonja, por uma mentira, por uma certa aura popular que vemos envolver o nosso nome. Não é por este artificio que o espirito do mal seduz tantas almas?... *Nimum ne crede colori* — diziam os antigos. Não acredites demasiado nessas cores de lisonja, de louvor, de estima com que se revestem as palavras dos seductores.

A EMBAIXADA DO ANJO

1. O Anjo tranquilliza a Virgem

E disse-lhe o Anjo: Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus.

Conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus; Elle será grande e se chamará o Filho do Altissimo. O Senhor Deus lhe dará o throno de David seu pae, e reinará eternamente sobre a casa de Jacob. E seu reino não terá fim. (Luc., 1.)

— O Anjo tranquilliza o espirito de Maria, e, para lhe inspirar confiança, chama-a pelo proprio nome. Assim Deus, quando entra numa alma, não quer ver nella desassocego e perturbação, mas a serenidade de uma consciencia pura. E' este tambem o motivo que

allega o Anjo para tranquillizá-la: *porque encontraste graça diante de Deus*. Quem possui a Deus, que pôde temer? A graça numa alma é um escudo inexpugnável, que a conserva sempre na posse da paz verdadeira e inalterável alegria, que nenhum mal do mundo lhe pôde roubar.

2. A embaixada

Depois que o espirito de Maria serenou, o Anjo propoz-lhe o thema de sua embaixada: *Conceberás e darás á luz um filho, a quem chamarás Jesus*. Revela-lhe que será a mãe do Messias, cujas grandezas descreve em breves traços, mas profundos. Nesta proposta vê Maria um futuro de glórias e grandezas, quaes nunca se prometteram a creatura alguma. Qualquer outra filha de Israel acharia a proposta tão tentadora, que não hesitaria em pronunciar um *sim* incondicional. Mas a Virgem de Nazareth ouve e reflecte. O Anjo fala-lhe em ser mãe, mas ella tem o proposito firme de permanecer virgem; e não sabendo como conciliar uma coisa com outra, não dá logo o seu consentimento. Quanta sabedoria e humildade neste proceder! Tanto não fizeram nem Lucifer nem Eva, que se desvaneceram com a propria grandeza e excellencia! Maria, quanto mais exaltada, mais humilde! Num corpo juvenil revela um espirito robusto, e na flôr da idade uma prudencia e conselho de anciã. Ella é verdadeiramente a *Mãe do Bom Conselho* — *Mater boni consilii*.

Objecção da Virgem

Como se fará isto, si não conheço varão? — Maria não dá o seu consentimento á proposta do Anjo, emquanto não sabe si todas aquellas grandezas se conciliam com a virgindade, de que fez profissão, e que não duvida ser do agrado de Deus. Por isso diz ao Anjo: *Como se fará isto, si não conheço varão?* — isto é, si sou virgem e Deus me inspira que virgem devo

permanecer toda a vida? — E' esta a primeira palavra que sae dos labios de Maria, palavra que nos revela as ineffaveis qualidades de seu coração, a candura angelica de sua alma.

A dúvida — *Como se fará isto?* — não revela em Maria falta de fé. Ella cria e cria firmemente, como depois affirmou S. Isabel: *bemaventurada és porque creste*. Por isso não pede, como Zacharias, um signal sobre que funde sua fé, pois está disposta a tudo crer, só pede para ser instruida. — Imitemos esta *fidelidade* de Maria em cumprir os votos que fizemos a Deus; e a sua *prudencia* em saber responder a propostas, que se oppoñham ás nossas resoluções de servir a Deus.

O MYSTERIO DA INCARNAÇÃO

1. Como se realiza

O Espirito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altissimo te fará sombra, e é por isso que o Santo que de ti nascer será chamado filho de Deus. — Nestas palavras explica o Anjo como a virgindade se pôde conciliar com a maternidade, vindo o Espirito Santo formar no ventre de Maria um corpo para o Verbo divino. Todo este mysterio se opera não por forças humanas, mas pela omnipotencia divina. Assim é que lhe revela o que succedeu a S. Isabel: — *E eis que tua prima Isabel concebeu na sua velhice um filho, e a que era chamada esteril está agora no seu sexto mez.* — Maria não duvidava nem precisava de ser confirmada na fé com o exemplo do novo prodigio da concepção do Santo Precursor. Mas o Anjo quiz com isto insinuar-lhe que, ou seja uma mulher esteril que conceba em sua velhice, ou uma virgem que, sem perder a virgindade, tenha um filho: nada é impossivel áquelle que tudo pôde no céu e na terra.

Nada é impossivel a Deus, diz o Anjo. — E' com esta resposta que havemos de refutar muitas obje-

ções contra as verdades catholicas, cuja comprehensão escapa á nossa intelligencia. *Creio, porque nada é impossível a Deus!*

2. Consentimento de Maria

Maria, depois que pelos esclarecimentos do Anjo ficou certa de que não perderia a virgindade com ser a mãe do Messias, disse:

Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra. — Emfim Maria dá o seu consentimento. Com que ansiedade o esperavam a SS. Trindade, os Anjos, os santos Padres do Limbo, e todos os homens na terra! Bemditos os labios de Maria, que pronunciaram aquelle — *fiat* — faça-se — que resolveu a Deus a vir ao mundo, que nos trouxe a felicidade, que nos abriu as portas do céu!

3. Exemplos de virtude

1. Naquellas breves palavras Maria dá-nos exemplo de perfeita *conformidade* com a vontade de Deus, com relação ás consequencias que lhe acarretaria a nova dignidade, pois se offerencia para acompanhar o Verbo eterno pelos dolorosos e difficeis caminhos, que, segundo as prophcias, lhe estavam reservados. — Quando Deus me quizer associar a algum de seus trabalhos e sacrificios, direi com generosidade: Pois sim, meu Deus, faça-se!

2. Dá-nos tambem um exemplo de profunda *humildade*, pois, sendo cumulada de tantas graças, elevada a uma dignidade superior á dos seraphins, está toda absorvida no pensamento do seu nada e se offerrece a Deus para ser a serva e escrava do futuro Messias.

3. Emfim revela-nos a Senhora naquellas palavras uma *fé viva* na palavra do Anjo e no poder de Deus, que realizará esta grande obra sem lesão de sua virgindade; *obediencia* perfeita á vontade de Deus, que tão claramente se lhe notifica; *confiança* ilimitada na

vontade divina, que não lhe faltará com o auxilio necessario ao desempenho de tão alto cargo. Bemdita seja a Virgem de Nazareth, que ao mesmo tempo que se faz mãe de Deus, se faz também para nós o modelo de tão bellas virtudes!

CONSEQUENCIAS DO MYSTERIO DA INCARNAÇÃO

1. O que fez Deus por nós

Maria deu o seu consentimento e no mesmo instante se operou o mysterio da Incarnação, mysterio insondavel para cuja realização concorreram as Tres Pessoas da SS. Trindade e de que só ellas são testemunhas.

O Pae deu-nos seu filho, como diz S. João: *De tal maneira amou Deus o mundo que lhe deu seu unigenito Filho.* E nesta dadiva de valor infinito mostrou-nos um amor também infinito, pois, em nos dar seu Filho, deu-nos todos os seus bens.

O Filho deu-se-nos por uma fôrma toda nova e nunca imaginada, fazendo-se nosso irmão pela natureza humana, que assumiu a si, tomando um corpo em tudo igual ao nosso, no seio virginal de Maria.

O Espirito Santo operou este grande mysterio, formando do purissimo sangue de Maria um corpo humano, que animou com uma alma perfeitissima, adornada de todos os dons naturaes e sobrenaturaes, ao qual corpo e á qual alma se uniu substancialmente o Verbo divino na unidade de uma só pessoa.

Maria, ainda que se offereceu para serva do Senhor, ficou sendo verdadeiramente a mãe de Deus, pois concebeu o Verbo humanado em seu castissimo seio, ao qual está aviventado com seu sangue.

Desde este momento datam todas as venturas da humanidade. Os homens têm já entre si o Salvador, homem como elles, que se offerece por elles ao Eterno

Pae para cumprir todas as suas vontades, e para sofrer a pena de morte, da qual resultará para nós a verdadeira vida.

2. O que devemos fazer por Deus

Qual deve ser agora a nossa attitude em presença de um facto desta ordem, de um mysterio tão profundo só por nós realizado, de uma tão grande misericórdia de Deus connosco, pobres creaturas? *Amor e gratidão* são os sentimentos que hoje e sempre nos devem invadir a alma, animar toda a nossa vida.

Primeiramente gratidão com S. Gabriel, que tão habil diplomata se mostrou, e com tanta dextreza se sahio da embaixada que Deus lhe confiára. O que um anjo nos tirou em Eva, um Anjo nos deu em Maria.

Depois devemos o nosso reconhecimento á Virgem, em cujas mãos poz Deus a nossa redempção, e de cujo consentimento fez depender a sua realização. Sem ella não teriamos a Jesus, nosso Salvador! O que perdemos em Eva, por Maria o recuperámos!

Finalmente, todo o nosso amor e reconhecimento deve dirigir-se ás Tres Divinas Pessôas: — ao Pae das misericórdias e Deus de toda a consolação, que se dignou visitar o seu povo, dar-lhe seu Filho e com elle a enchente de todas as graças e bençãos; — ao Filho, que por um excesso de amor para com os homens quiz ser nosso irmão, carregar com as dividas que tinhamos com Deus, e offerecer-se á morte para remir o mundo; ao Espirito Santo, que, feito como que o paranymphe divino, apresentou o Verbo eterno á nossa humanidade, e abençoou com os thesouros infinitos de seus dons a união das duas naturezas — divina e humana — em uma só pessoa — divina.

VISITAÇÃO

1. Motivos desta visita

Pouco tempo depois de realizado o mysterio da Incarnação, *Maria apressou-se em ir ao paiz montanhoso, a uma cidade da tribu de Judá, e, entrando em casa de Zacharias, saudou Isabel e ficou com ella perto de tres mezes.* (Luc., I, 39).

Sobre este mysterio ponderam os santos Padres varios motivos, que moveram a Senhora a empreender aquella viagem: 1º. *Obediencia* á voz do Espirito Santo, que a movia a visitar Isabel, afim de santificar o Precursor ainda antes de nascer, manifestar a gloria do Verbo incarnado desde os primeiros instantes de sua Conceição, e finalmente cumular as duas mães de uma nova enchente de graça. 2º. As *conveniencias de amizade e parentesco* moveram Maria a ir felicitar sua prima Isabel pelo milagre que nella se tinha operado, segundo lhe contára o Anjo Gabriel. Os Santos não são insensíveis ás demonstrações de uma amizade fundada na virtude, na semelhança das graças recebidas, na conformidade da vocação a que são chamados e no desempenho de igual ministerio. 3º. A *caridade* foi outro motivo que impelliu a Senhora a visitar Isabel, que na idade avançada em que estava tinha precisão de ter ao pé de si uma pessoa de confiança que a consolasse e ajudasse nos momentos difficeis. Até agora o amor de Deus, o espirito de humildade, a perseverança na oração contiveram Maria em sua casa; mas a caridade para com o proximo a faz sahir, expor-se a perigos, a soffrer incommodidades e fadigas. E' este espirito de caridade que a anima, e não o prazer de vêr e ser vista, nem a dissipação dos sentidos, nem a vaidade e ostentação de sua pessoa.

2. Maria em casa de Isabel

Maria, entrando em casa de Zacharias, saudou Isabel. — Os favorecidos de Deus são os primeiros em se antecipar nos obsequios aos seus semelhantes.

Maria não olha para sua elevada dignidade de mãe de Deus, que a exaltou acima de todas as creaturas. O grande mysterio, que nella se operou, não diminuiu a sua humildade e deferencia no trato. A serva do Senhor não se rege por essas bizarras leis que a vaidade mundana estabelece e observa com escrupulosa exactidão. Ella ignora essas delicadezas sobre a precedencia e os direitos que o amor proprio imagina e exige que se guardem severamente. De Maria estão longe esses sentimentos da propria excellencia, que nos impedem muitas vezes de praticar a caridade com o proximo. Ella antecipa-se a saudar Isabel, porque a verdadeira caridade voa e quer ser a primeira a obsequiar.

3. Fructos desta visita

Ora, succedeu que no momento em que Isabel ouviu a saudação de Maria, seu filho saltou de jubilo em seu ventre e foi cheia do Espirito Santo. — Não diz o Evangelho quaes foram as palavras com que Maria saudou Isabel. Mas deviam ser inspirados pelo Espirito Santo, a julgar pelos effeitos que produziram. Primeiramente em *S. João*, que, pela presença do Verbo incarnado, foi santificado no ventre materno. Em segundo lugar em *Isabel*, que, cheia do espirito de Deus, annunciou os sublimes mysterios operados em Maria. — Os mesmos effeitos produzirá em nós a presença de Jesus-Christo na eucharistia, si recebermos a sua visita em nossa alma com as disposições requeridas.

GLORIFICAÇÃO DE MARIA

1. Como Isabel recebe Maria

Isabel, cheia do Espirito Santo, levantando a voz, exclamou: Bemdita és tu entre as mulheres, e bemdito o fructo do teu ventre. — Um dos fructos da visitação foi a glorificação de Maria. Isabel, tendo naquelle momento revelação dos mysterios realizados em

Maria, proclama sua alta dignidade chamando-a, como o Anjo, *bem dita entre todas as mulheres*, proclamando juntamente que é *bem dito o fructo do seu ventre*.

A Igreja serviu-se deste elogio de Isabel para com elle completar a saudação angelica, que nos manda dirigir a esta Senhora privilegiada, principio de toda a nossa felicidade. E' com o espirito de Isabel que a invocamos com esta terna saudação?... Quantas vezes a recitamos machinalmente, sem penetrarmos o sentido de cada uma das palavras!...

2. Isabel tem-se por indigna de tal visita

1. *E donde me veiu, disse, a felicidade de receber em minha casa a mãe de meu Salvador?* — Isabel sente-se confundida com receber em sua casa a visita da mãe de Deus e humilha-se diante della, confessando a sua excelsa dignidade e a infinita majestade do seu Filho. Dá-se por feliz em receber tal visita, e na sua humildade não encontra em si nada para a merecer. — Temos nós os mesmos sentimentos de humildade, de gratidão, de regozijo espiritual, quando recebemos a visita de Jesus sacramentado? Oh! com quanto maior razão podemos então dizer: *Donde a mim o vir a meu coração o meu Deus e Senhor?*...

2. E concluiu dizendo: *Bemaventurada és porque crêste*. — Isabel não tem outro motivo para felicitar Maria sinão o mysterio ineffavel que nella se operou e a fé com que acreditou na palavra do Anjo. Ella é a primeira a abrir essa série ininterrupta de louvores com que todas as gerações hão de acclamar Maria — *bemaventurada*.

3. Isabel ensina-nos a honrar Maria

1. Nas palavras com que Isabel recebeu a visita de Maria, dá-nos os motivos do seu culto, que são: — 1º As virtudes e privilegios extraordinarios de que sua alma foi adornada, e que Isabel synthetizou nes-

tas palavras: *Bem dita és tu entre todas as mulheres.* — 2º A altíssima dignidade de Mãe de Deus, que Isabel exaltou chamando-a: *Mãe do meu Senhor*, bendizendo o fructo do seu ventre. — 3º A sua grande santidade, que Isabel descobriu nos grandes mysterios que Deus operou nella, e para os quaes se requeriam virtudes e dons extraordinarios.

2. Em segundo lugar ensina-nos Isabel o verdadeiro *culto* com que devemos honrar a Mãe de Deus. A veneração que Isabel lhe consagra é *interna e externa*. A *interna* consiste na estima e consideração que tem pela pessoa da Senhora. A *externa* mostra-a nos actos com que testemunha esta mesma estima, humilhando-se diante della e tendo-se por indigna de a ter em sua casa, sendo Maria muito mais nova e menos conhecida; ao passo que Isabel era já veneravel por sua idade, pelas suas virtudes, conhecida em toda a Judéa, e abençoada tambem com um filho, que seria — *o maior entre os nascidos*. — Assim me ensina que, esquecendo minha posição, meus dotes e virtudes, devo continuar e venerar aquelles em que resplandece a virtude, e em que Deus se compraz derramar suas graças.

3. Em terceiro lugar é Isabel e toda a sua familia exemplo dos fructos e benções que Maria concede áquelles que a honram. Quantas não choveram sobre a casa de Zacharias, quando Isabel recebeu nella Maria e a honrou com tão santos louvores! O menino João exultou de alegria, foi santificado e confirmado em graça; Isabel ficou cheia do Espirito Santo, recebeu o dom da prophecia e a revelação dos mysterios da Incarnação; Zacharias foi tambem animado do espirito prophetico e recuperou a fala ao nascer o Precursor. — Feliz quem honra a Mãe de Deus com amor filial! Nenhum obsequio, que se lhe faz, ficará esquecido! . . .

MAGNIFICAT

A' saudação de Isabel respondeu Maria cheia do Espirito Santo, entoando o magnifico hymno da redempção, o primeiro do Novo Testamento, e que a Igreja todos os dias recita por seus ministros. Nelle Maria louva a Deus

1. Pelo que operou nella

Minha alma engrandece ao Senhor. — Nestas palavras, com que respondeu aos louvores que ouviu a Isabel, Maria revelou-nos os sentimentos do seu coração cheio de humildade e reconhecimento. Todos esses louvores refere a Deus, a quem magnifica, por ter posto nella os olhos e operado tantas maravilhas. E eu quantos motivos não tenho de engrandecer ao Senhor! Tantas graças que tem feito! . . .

E meu espirito se alegrou em Deus meu Salvador. — Alegra-te por todos estes dons, mas — *in Deo* — em Deus, unico autor de todos elles — E' em Deus tambem que me hei de alegrar pelos bens da alma e do corpo, que d'elle recebi, pois de mim nada tenho!

Porque olhou para a baixeza de sua serva. — Longe de se exaltar por tantas graças, Maria não vê em si sinão motivo de se humilhar e *abater!* A verdadeira alegria está em Deus e em referir a Deus toda a gloria e louvor. Imitou seu pae David, que dizia: *Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso nome dae gloria.*

2. Pelo culto que receberá de todas as gerações

Daqui para o futuro todas as gerações me chamarão bemaventurada. — Nestas palavras Maria prophetizou o culto, que receberia de todos os povos, e nós mesmos somos testemunhas de sua realização. Entro eu neste coro universal de louvores á Mãe de Deus, ou vivo esquecido daquella que tantos beneficios me tem feito?

Porque o Todo-poderoso fez em mim grandes maravilhas. — Aqui aponta o motivo fundamental do culto que todas as gerações lhe hão de tributar. E' pela singular eleição que Deus fez della para sua Mãe, e pelos privilegios que acompanham esta dignidade, que o mundo inteiro apregoa unisono os louvores de Maria. — Tambem eu tenho motivos de sobra para louvar a Deus pelos muitos beneficios que me tem feito. Com que frequencia e devoção então eu este hymno de acção de graças, que Maria me deixou?...

E é santo seu nome, e sua misericordia se estende de geração em geração, sobre os que o temem. — Maria louvou já o poder de Deus, mas aqui engrandece tres divinos attributos em especial: a Santidade — *E' santo seu nome*; a Misericordia — *e a sua misericordia se estende de geração em geração*; a Justiça — *sobre aquelles que o temem*. Estes tres attributos mostrou Deus especialmente no mysterio da Incarnação: a *Santidade* com que preparou a primeira morada de seu Filho na terra; a *Misericordia*, com que se compadeceu do genero humano e o veiu salvar; e a *Justiça*, com que tão sabiamente quiz reparar o peccado de Adão.

3. Pelos beneficios feitos a Israel

Fez valer o poder de seu braço; desfez os planos que os orgulhosos formaram em seu coração. Apeou do throno os poderosos e exaltou os humildes. — Os pobres encheu-os de bens e os ricos despediu-os sem nada.

Nestas palavras Maria exalta o poder de Deus, que opprimiu os oppressores do seu povo, Sennacherid, Holophernes e Antiocho, mas sobretudo se refere ao primeiro perseguidor dos Israelitas, o Pharaó do Egypto, que foi desthronado e submergido nas aguas do Mar Vermelho. Os Hebreus, pelo contrario, desprezados, perseguidos, sem armas, faltos de tudo, sahiram da escravatura gloriosos e vencedores. O Soberano Senhor despojou os ricos de seus bens; e os pobres,

despojados de tudo, fê-los senhores dos thesouros do Egypto. Admiramos com Maria esta suprema grandeza de Deus, que faz triumphar a fraqueza de Israel contra a força dos tyrannos. Quem não confiará naquelle que pode tão facilmente abater os orgulhosos e levantar os humildes! . . .

Tomou debaixo de sua protecção Israel, seu servo, recordando-se da sua misericordia segundo a promessa que fez a nossos paes, Abrahão e sua posteridade, por todos os seculos. — Nestas palavras mostra Maria a grande fé que tinha nas promessas que Deus fez ao seu povo de Israel, sobretudo na que fez a Abrahão: que d'elle nasceria um filho em que seriam abençoadas todas as gentes. Deus foi fiel em cumprir suas promessas, e no longo periodo, que vae da criação do homem até á redempção, parece que não se occupava de outra coisa sinão de preparar o genero humano para a grande obra de sua misericordia. — Cantemos muitas vezes este glorioso hymno de acção de graças, pois todos os beneficios, que a Virgem nelle celebra, tambem de algum modo a nós foram feitos.

PERPLEXIDADE DE S. JOSÉ

1. Afflicção de S. José

José, porém, seu esposo, como fosse justo e não a quizesse accusar, quiz occultamente abandoná-la. (Matth., 1, 19.) — Quando Maria voltou da visita a sua prima Sta. Isabel, notou S. José nella os signaes da gravidez. E, ignorando o mysterio da Incarnação, viu-se numa ansiosa perplexidade. José tinha em alto conceito a sua esposa, e não podia suppor nella infidelidade ao seu proposito. A tribulação que este facto trouxe a José não é facil descrever. Mas assim prova Deus os justos, para que da tribulação saíam mais purificados e mais robustos para supportar novos combates.

2. Silencio de Maria

A modesta virgem mais attribulada andaria vendo a afflicção de seu esposo José; mas era tanta sua humildade, seu recato, sua modestia, que não ousou manifestar-lhe o mysterio da Incarnação. Que penalizada andaria, pois, diante de José seu esposo! “Que pensará elle de mim?... como tirá-lo da duvida em que se encontra?” — O mysterio era de Deus, e a Deus confiava a sua honra e a honra de seu esposo. — Tambem dos santos se formam ás vezes suspeitas gravissimas e infundadas. O silencio de Maria deve animar-nos a calar em taes occasiões, quando a gloria de Deus não exija o contrario, confiando na providencia, que revelará toda a verdade.

3. Resolução de S. José

Não sabendo José a explicação do que via, como era justo e temente a Deus, quiz salvaguardar a sua innocencia e a da sua esposa, e achou que o mais prudente era abandoná-la occultamente, sem lhe dirigir uma palavra de suspeita nem de censura.

Em caso tão delicado era perigosa toda a precipitação, e requeria-se muita prudencia para deliberar com acerto. — Quanto me ensina S. José neste seu proceder! Muitas vezes resolvo precipitadamente minhas duvidas, sem respeitar a fama e os direitos do proximo!... Elle me ensina a ter de todos boa opinião, ainda quando os signaes externos me inclinam a julgar desfavoravelmente de suas acções.

O ANJO REVELA A JOSÉ O MYSTERIO DA INCARNAÇÃO

1. O Anjo fala a José

Pensando elle nisto, eis que o Anjo do Senhor lhe appareceu, em sonhos, dizendo: José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que nella nasceu é do Espirito Santo. (Matth., I, 20.) — Segun-

do a expressão do evangelista, S. José andava preocupado com o pensamento do que havia de fazer, pois, ainda que tomára a resolução de abandonar sua esposa secretamente, não podia resolver-se a dar o passo decisivo. A vontade de Deus não lhe apparecia, neste ponto, bastante clara, e andava summamente perplexo e pensativo. Mas Deus não desampara aquelles que nelle confiam, como não desamparou aqui a S. José, enviando-lhe um anjo que o elucidasse sobre o mysterio operado pelo Espirito Santo no seio virginal de Maria, e o tirasse daquellas duvidas angustiosas em que vivia.

2. Outras revelações que o Anjo fez a José

S. José, vencendo a terrivel crise a que Deus o submetteu, conseguiu novos favores que o Evangelho menciona:

1. Primeiramente, é-lhe revelado o mysterio da Incarnação — *quod in ea natum est de Spiritu Sancto est* — até agora revelado só a Sta. Isabel e a Zacharias. Com esta revelação todas as suspeitas se dissiparam, e cresceu nelle o alto conceito que já tinha da Santidade de Maria, sua esposa.

2. *Ella dará á luz um filho, e tu lhe porás o nome de Jesus.* — Aqui lhe é conferida pelo Anjo a alta dignidade de pae de Jesus, pois é encarregado de lhe pôr o nome e de vigiar sobre elle e sobre a sagrada familia, da qual é constituido chefe.

3. Ao mesmo tempo lhe é revelado o mysterio da Redempção nas palavras: *Pois elle salvará o seu povo de seus peccados.* José era assim chamado a ver com seus olhos e tratar o Salvador do mundo, e portanto a ser cooperador neste mysterio da salvação dos homens.

4. E, para que não duvide do que lhe affirma, adduz a sagrada Escripura: *Tudo isto, porém, se fez, para que se cumpra o que o Senhor disse pelo propheta: Eis que uma Virgem terá no ventre e dará á*

luz um filho: e dar-lhe-ão o nome de Emmanuel, que se interpreta: Deus conosco. — Como tudo isto encheria a alma de José de um júbilo e entusiasmo que elle nunca imaginou experimentar! O que tinha sido objecto de tantas prophcias, e pedido com tantas supplicas pelos patriarchas e santos de Israel, vae recebê-lo José em seus braços, vae tratá-lo como filho, vae assistir aos suavissimos mysterios de sua infancia e adolescencia. Si José tivesse abandonado sua esposa, sem esperar a ordem de Deus, de quantos bens se privaria!...

3. José recebe sua esposa

E despertando José do somno, fez como o Anjo do Senhor lhe mandou, e recebeu sua esposa — Despertando José do somno, já olhava para sua esposa de outra maneira; o rosto estava desannuviado e o seu olhar era cheio de confiança. A tempestade tinha passado! Elle proprio contou a Maria o que o Anjo lhe disséra em sonhos, e ambos deram graças a Deus por tê-los desta maneira livrado de uma grande tribulação. — Assim vem Deus em auxilio dos que o temem, e ouve as orações dos que o invocam.

VIAGEM DE MARIA E JOSÉ A BELEM

1. Decreto do imperador

Por aquelles dias sahiu um decreto de Cesar Augusto para se inscrever todo orbe. — A paz em que vivia a Virgem e seu castissimo esposo foi interrompida pelo decreto de Cesar Augusto, que impunha o arrolamento de todos os seus vassallos, e segundo o qual cada um devia ir arrolar-se na cidade de sua naturalidade. Como José era da tribu de David, e David era de Belém, a esta cidade devia ir com sua esposa, para lá serem inscriptos. Assim é que *foi tambem José de Galiléa, da cidade de Nazareth á Judéa, á cidade de David, que se chama Belém, porque pertencia*

à casa e família de David, para arrolar-se com Maria, sua esposa. — Aqui se vê a divina Providencia guiando tudo para a realização das prophcias. Assim dispoz que este alistamento se fizesse exactamente no tempo em que estava para nascer o Salvador: e que fosse em Belém, para se cumprir a prophcia de Michéas, que assignalava esta cidade como logar de nascimento do Messias.

Tres reflexões se nos offerecem neste ponto: uma por parte de Deus, outra relativa a Maria e José, e a terceira, a nós.

Que diferentes são os pensamentos do rei do céu, dos do imperador de Roma! Quando este pensava em recensear os seus vassallos, o Rei do céu vinha recensear os seus escolhidos para o céu — *qui electos suos adscriberet in aeternitate* 1) — Maria e José recebem a ordem do imperador com resignação e sem commentarios, pois qualquer ordem emanada da legitima autoridade é para elles ordem de Deus. Elles nos ensinam a receber todas as ordens da obediencia com resignação e executá-las sem queixa nem murmuração. — Nós devemos guardar-nos de ajuizar sinistramente sobre os acontecimentos publicos, como fazem geralmente os homens sem fé e que não vêm nelles sinão o effeito do acaso. Em tudo que succede, adoremos a Providencia de Deus, que dirige sabiamente o curso dos acontecimentos para fins de sua gloria.

2. Viagem para Belém

Conhecendo a ordem do imperador, José e Maria dispõem tudo para a viagem. Ponhamo-nos com elles a caminho. — *Maria* vae montada num jumentinho. Quem a vê passar, não imagina que é ella a verdadeira arca da alliança, que transporta em si o Autor da vida. Mil vezes mais preciosa que a outra arca, em que apenas iam as taboas da lei, Maria le-

1) S. Greg. hom. 8 in Ev. — Lições do Breviario.

va dentro de si o mesmo Legislador. Caminha, porém, com menos aparato que a arca da alliança, a cuja passagem estacionavam os rios e cahiam as muralhas de Jericó.

S. José, atraz, tangendo o animal, ou adiante, levando-a pela arreata, caminha alegre por servir a Mãe de Deus e Rainha do mundo, e mostra-se sempre affavel com todos os transeuntes que o cumprimentam.

Pertence tambem á comitiva — segundo reza a lenda — *um boi*, que levam para vender na feira, afim de pagar o tributo. A tudo se estendia a providencia de S. José para sustentar sua esposa.

3. Exemplos de virtude

Sigamos os santos viajantes e reparemos nos admiraveis exemplos de virtude que nos dão.

1. *de paciencia* nos trabalhos da longa viagem, que durava de tres a quatro dias; pelo tempo em que era feita: no coração do inverno; pela pobreza com que viajavam; pelos incommodos de toda a especie, quer no caminho, quer nas hospedarias.

2. *de modestia e humildade*. Para os altos personagens era esta uma occasião propicia para se mostrarem e ostentarem suas riquezas. Maria e José, ainda que da nobre tribu de David, não seguem este methodo: viajam na humildade como o vulgo, occultando a realza de sua descendencia, e, seguindo no seu passo humilde e modesto, dão logar ás caravanas ruidosas, que passavam ao lado sem lhes dar attenção.

3. *de recolhimento e oração*; sem dar fé do que lhes fica ao lado, levam o coração e a mente em Deus. — Aprenderei em minhas viagens a dar o exemplo *de paciencia*, supportando quanto nellas se me offereça de custoso; *de modestia*, rejeitando quanto possa dar ares de grandeza e soberba; *de recolhimento*, tomando pé nas obras da natureza e da arte para subir com a meditação até Deus.

CHEGAM A BELÉM

1. Não encontram lugar

Chegados a Belém ahi pelo sol posto, foi José em busca de pousada para sua esposa. O estado em que ella se encontrava não era para ficar na albergaria commum misturada com os outros forasteiros. Por isso José bateu a mais de uma porta, mas em vão: de todas foi repellido desdenhosamente. José sentia profundamente esta repulsa, não por si, que em qualquer canto se accommodaria, mas pela Virgem Santissima, que precisava de um abrigo confortavel. — Imitemos S. José nesta caridade em procurar para nossos irmãos peregrinos todo o conforto e agasalho, ainda que nos hajamos de privar de alguma commodidade.

2. Retiram-se a uma gruta

Vendo José que as portas se lhe cerravam, dirigiu-se com Maria para fóra da cidade, onde sabia existir uma gruta de pastores. Lá chegaram, por fim, fatigados, e dispuzeram tudo para passar a noite. Não é extraordinario no Oriente pernoitar e até habitar em grutas. — Assim é Jesus, ainda antes de nascer, rejeitado pelo seu povo! Para todos ha lugar, só Jesus o não encontra. O mundo sempre foi assim! A pobreza e a humildade não se lhe recommendam. Não vê que de taes peregrinos lhe possa vir algum lucro, e reserva os commodos para alguem que se apresente com mais distincção. Mas que enganado anda neste proceder! E serei eu tão nescio que aprecie mais os bens da terra, que a virtude?...

3. Paciencia de José e Maria

José e Maria são almas privilegiadas: todavia parece que Deus as abandona. Mas si a prova que lhes manda é grande, não é menor a constancia com que a supportam. De seus labios não sáe uma queixa, uma

censura para aquelles Betlemitas orgulhosos e avarentos! Adoram em tudo isto a Providencia de Deus, que assim quer que seu Filho entre no mundo praticando um acto de profunda humildade, e que os tenha a ambos por companheiros na sua pobreza, na sua humildade e no seu soffrimento.

NASCIMENTO DE JESUS

1. Maria dá á luz seu divino Filho

Ora, succedeu que, estando elles em Belém, chegou para a Virgem o tempo de dar á luz.

E deu á luz seu filho primogenito, e envolveu-o em faixas e reclinou-o em uma mangedoura: porque não havia logar para elles em hospedaria 1). — Em tão breves palavras descreve S. Lucas o grande acontecimento, que marcou no mundo uma nova era, a era christã. Ponderemo-las todas, pois se prestam a profunda reflexões.

E deu á luz seu filho primogenito, aquelle mesmo que foi annuciado pelo Anjo e portanto não só filho primogenito de Maria, mas tambem o Filho do Eterno Pae, o Verbo divino, a Segunda Pessoa da Santissima Trindade, o Creador do céu e da terra feito homem passivel e mortal, sem deixar de ser Deus, unido sem mistura nem mudança, em uma só pessoa, a natureza humana e a natureza divina.

Mysterio de Sabedoria, de poder e de amor! Mas sobretudo que mysterio de humilhação! O omnipotente feito menino!... Quem póde, em presença deste mysterio, ter pensamentos de soberba, de vaidade, de ambição?...

2. E' envolto em faixas

E envolveu-o em faixas — tanta era a pobreza de Maria, que não tinha para seu filho unigenito outro agasalho! Umas pobres, mas alvissimas faixas, é tu-

1) Luc., II, 6.

do que a Mãe de Deus pôde arranjar para vestir seu filho para o apresentar á adoração dos Pastores! E Jesus deixa-se envolver nellas, atar e ligar, sem a menor contrariedade, para mostrar que se entrega em tudo ás disposições de sua terna mãe. Assim a pobreza da mãe se une á pobreza do filho e ambos nos prégam a excellencia desta virtude. — Ah! que longe estou de imitar a Jesus e Maria, si meu coração está apegado ás coisas da terra!...

3. E' reclinado no presepio

E reclinou-o em uma mangedoura. — Não o segurou nos braços, não o conchegou e acalentou a seu peito, mas reclinou-o na mangedoura, para de joelhos o adorar como seu Deus. Foi este o primeiro throno do Rei do céu; nelle o adoram Maria e José; nelle o virão adorar os Anjos, Pastores e Magos. Elle será tambem o throno, em que, através dos seculos, a piedade christã ha de continuar a adorar o Deus Menino.

Compreende-se a dôr do Coração de Maria, em não ter outro berço para reclinar seu filho unigenito, e em não lhe poder dispensar todos os carinhos, que não lhe faltariam, si nascesse em Nazareth, no conchêgo do lar domestico! Mas a Virgem adora em todo este mysterio os designios da Providencia, que sabe encaminhar tudo á sua glória, ao nosso bem, e a exaltação de seu divino Filho.

4. E' rejeitado

Porque não havia logar para elles na hospedaria. — Para elles, que eram pobres; para elles, que eram humildes; para elles, que eram... santos. Os ricos sempre têm quem os receba, sempre encontram logar, sempre se lhes arranja um commodo. Jesus não quiz encontrar logar entre os ricos, porque vinha ensinar a pobreza e a viver com os pobres; não quiz nascer entre os grandes, porque vinha conversar com

os humildes e ensinar-nos a humildade de seu coração: *Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração.* 1) José e Maria eram Santos e virtuosos, e a santidade é sempre rejeitada pelo mundo! Jesus não quiz encontrar lugar na hospedaria, porque não convinha á santidade de sua divina pessoa, nem á de sua mãe e de S. José, misturar-se com os grandes da terra, viciosos nas conversas e costumes.

— Quando me vir rejeitado do mundo, abandonado por todos, lançado a um canto como inutil, não perderei por isso a paz, mas irei juntar-me a Jesus e Maria, que me acolherão sempre com amor!

— O' Jesus, ensinae-me a pobreza, ensinae-me a humildade, ensinae-me a santidade, pois não quero outra coisa sinão ser vosso discipulo e seguir vossa doutrina e exemplos.

CONTEMPLAÇÃO DE JESUS NO PRESEPIO

1. Quem nasce

E reclinou-o numa mangedoura. — Entremos na Lapinha, naquelle palacio improvisado, naquelle templo de tão nova architectura, onde Deus se revela aos homens! Jesus está reclinado no presepio. Os olhos, scintillantes como estrellas e vivos como lentejoulas, estão vertendo lagrimas por nossos peccados; os labios de carmim a pedir amor; os bracinhos estendidos, a pedir abraços; as mãosinhas abertas, a offerecer graças; os pésinhos nus a pedir beijos. Demos-lhe tudo que nos pede, e acceitemos tudo que nos offerece, e entremos a contemplar quem nasce... assim?

Nasce Jesus, nasce Deus, nasce o Verbo eterno, nasce Deus-Homem! Através daquelle corpinho, que só revela fraqueza, ignorancia, impotencia, entrevejo a Divindade, a Sabedoria, a Omnipotencia de Deus.

Nasce Deus!

1) *Discite a me quia mitis sum et humilis corde.*

E esta phrase tão breve dá assumpto a reflexões profundas, inexauriveis, salutares! Que nella meditásemos a vida inteira, não chegaríamos a esgotar-lhe todas as doçuras.

Si não comprehendemos a Deus, invisivel, como o comprehendemos disfarçado e escondido? Si o não comprehendemos voando nas asas dos ventos, como o comprehendemos reclinado sobre palhinhas e envolvido em faixas? Si o não comprehendemos quando fala pela voz das tempestades, como o comprehendemos menino sem fala, sem articular outros sons a não ser gemidos?...

Grande coisa devemos ser, para Deus se fazer nosso semelhante! Grande fim deve ter Deus em vista, para se decidir a todos estes abatimentos!...

E teve-o: — Salvar-nos!

2. Para que nasce

Bem o sabemos, mas não pensamos bastante a serio para que o Verbo eterno se fez mortal! Si pensássemos que foi para nos levantar do miseravel estado em que nos tinha posto o peccado de nossos primeiros paes, não seríamos tão promptos em recahir nesse estado por nossas frequentes culpas!... Nenhuma creatura, nem anjo nem homem, podia jámais reparar aquelle tão grande mal causado pelo peccado de Adão e Eva, porque a justiça divina exigia uma satisfação proporcionada á offensa e á pessoa offendida, satisfação que á creatura essencialmente finita e limitada era de todo impossivel.

Só o Verbo eterno, incarnado, podia fazer uma e outra coisa: soffrer por nós como homem, dando, como Deus, um valor infinito a seus soffrimentos. — Que reconhecimento não devemos ao Verbo humanado por nos vir trazer a primeira dignidade de filhos de Deus, que perdemos pelo peccado original, e tornar-nos coherdeiros seus no reino da Glória!...

3. Quando nasce

1. Nasce no tempo predito pelas prophcias e por isso na obediencia a seu eterno Pae, que assim o decretou desde toda a eternidade. Não foi por acaso que sahiu por aquelle tempo o decreto do imperador romano, que se encheram as hospedarias de Belém, e que fóra da cidade demorava a pequena gruta: tudo isto estava decretado pela divina Providencia.

2. Nasce na estação do anno mais desabrida; — de noite — e na hora mais silenciosa e fria della! Parece que andou a procurar o tempo mais incommodo para nascer: tal era a sêde que tinha de começar a soffrer por nós e de nos prégear a grande virtude do soffrimento!

4. Onde nasce

Nasce em Belém, logar predito por Michéas, não no coração da cidade, mas fóra de seus muros, num portal, numa gruta desabrigada!

Seu berço, uma mangedoura!... Berço duro... berço incommodo... berço pobre!... Duro, porque não é feito de plumas e almofadas; — incommodo, porque é no retraço da palha que Jesus repousa seu delicado corpinho; — humilde, porque é o logar onde comem os animaes! — pobre, porque nelle não se vê nem ouro, nem prata, nem pérolas, nem sêdas, nem nada que saiba a grandeza mundana! — Desta lição preliminar precisava o mundo de então, e mais ainda o mundo de hoje, tão solícito de commodidades, tão attento em que nada lhe falte, tão ávido de possuir, de tudo, o melhor e o mais confortavel!

5. Como nasce

Nasce todo amavel, com as mãos a derramar graças, com os labios a semear sorrisos, com os olhos a despedir luz, com o coração a estuar de amor por mim... por ti... por todos os homens!

Nasce com a mansidão de cordeiro, e com todos os encantos e graças de um menino. Nasce como mensageiro da paz, como Anjo da alliança, como iris de reconciliação entre o céu e a terra.

Nasce Rei do mundo, mas sem aparato e magnificencia real, para não afugentar de si os humildes e timidos.

Nasce obscuro... ignorado... abandonado! — Obscuro emquanto ao logar, o mais rejeitado e desprezível. — Ignorado de seu povo, do povo que vinha salvar, do povo que tanto suspirava pela sua vinda! — Abandonado dos habitantes de Belém, que lhe negam abrigo entre seus muros! Tão obscuro, tão ignorado, tão abandonado, que é necessario que o Eterno Pae mande um anjo a annunciá-lo aos Pastores, e uma estrella, aos Magos; e toda a milicia angelica a celebrar o seu nascimento com hosannas e alleluias!...

JESUS NASCE POBRE

1. Pobreza extrema

Vamos a Belém. Entremos na gruta, unico refugio que á sagrada familia restava na grande concurrencia de forasteiros áquella cidade. Quem não se persuadia que o Filho do Todo-poderoso, annunciado como o Deus forte, o grande Rei, havia de nascer no maior palacio do mundo, num berço de plumas recamado de ouro? Mas não pensa deste modo a Sabedoria eterna. Pois que vemos ali? nem palacio sumptuoso, nem berço dourado, nem moveis ricos, nem mesmo uma casa: tudo que se vê é um portal e uma mangedoura!...

Ao passo que os mais pobres filhos dos homens têm um humilde tecto que os abriga ao nascer, o Filho de Deus só encontra uma gruta exposta ao vento e á chuva!

Pobres faixas que o cobrem, um presepio onde se reclina, a palha lhe serve de berço, dois animaes que o acalentam com o bafo... é todo o aparato de

grandeza com que o Senhor do céu e da terra nos vem visitar!

Assim como na Incarnação escolheu a humildade para nunca mais a divorciar, assim no nascimento escolhe a pobreza para companheira de toda a sua vida. Ella o seguirá pra o Egypto, para Nazareth, para o Jordão, para todas as cidades, villas e aldeias, por onde irá espalhar a semente de sua doutrina, por toda a parte, sempre, até á cruz, onde o veremos expirar — sem nada!

O que disse acêrca do fim de sua vida, podia dizê-lo no dia do seu nascimento: *As raposas têm suas tocas, as aves os seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.*

Esta extrema pobreza, em que o contemplamos nascido em Belém, irá progredindo até á Cruz, como diz S. Bernardo: — *Pobre no nascimento, mais pobre na vida, e pobrissimo na morte.* 1)

O modelo que se nos apresenta não pôde ser mais perfeito. Jesus, escolhendo para si a pobreza, quando podia dispôr de todas as riquezas da terra, quiz dar-nos uma lição sobre o valor dos bens e grandezas do mundo, que é nullo, segundo o apreço que delles fez, no seu nascimento, quem só podia avaliá-os ao justo.

2. Pobreza humilhante

A pobreza não anda só. Com ella caminha, a passo, a privação, a dôr, o sacrificio! A idéa que primeiro fazemos de um pobre é a de um homem que soffre. Ser pobre, sem ter de soffrer muita necessidade e privações, não se entende.

Outro tanto se pôde dizer das humilhações: estas são o fructo mais abundante que o pobre recolhe na sua mendicidade. O mundo, cego no gozo de suas riquezas, olha-o com desdém, ri-se de sua indigencia andrajosa, quando não lhe arremessa a pedra do insulto.

1) *Pauper in nativitate, pauperior in vita, pauperrimus in Cruce.* (Bern. de Passa, 2).

to. Não obstante este apreço que o mundo faz da pobreza, Jesus abraça-a generosamente, quer ser pobre no soffrimento e na humilhação, porque quer fazer da pobreza uma virtude para os seus discipulos, e que ha de dar á sua Igreja Santos como Francisco de Assis, José Labre e Ignacio de Loyola.

O albergue que escolheu para sua primeira morada na terra, as palhinhas do presepio em que nasce, as faixas em que se deixa envolver, são os mudos mas elegantes prégadores da pobreza de Jesus, ao mesmo tempo penosa e humilhante. O que nos está ensinando hoje com o exemplo, ha de mais tarde confirmar com a palavra no sermão da montanha, quando preconizar bemaventurado o pobre de espirito, o que chorar e fôr perseguido por amor da virtude.

3. Pobreza voluntaria

Ninguem forçou Jesus a adoptar este genero de vida: a pobreza junta com a humilhação e o soffrimento. Si a escolheu de preferencia á riqueza, é que assim convinha para nossa instrucção e nosso bem. Si elle quizesse, a terra poria a seus pés todos os thesouros de que é depositaria. Com uma só palavra, menos, com um acto apenas de sua vontade, podia crear um palacio sumptuoso e nelle vir ao mundo entre o fausto e a grandeza. Mas isto, que aos olhos do mundo parece de tanto valor, aos de Deus recém-nascido vale tanto como nada.

Tudo, pois, que o rodeia é de sua escolha. Si a familia real de David estava decahida de seu antigo esplendor, e despojada de suas antigas riquezas; si o tempo de seu nascimento coincide com a estação mais rigorosa do anno, e com a hora mais desabrida da noite; si o logar em que nasce fóra da casa materna é motivada pelo decreto ambicioso do imperador romano: todas estas circumstancias são por elle determinadas nos decretos eternos e em consequencia de sua predilecção pela pobreza, pela humilhação e pelo soffrimento.

Aqui temos a primeira lição, que o divino Infante nos préga da cadeira do seu presepio. O homem não conhecia o valor desta virtude, diz S. Bernardo, mas o Filho de Deus conhecia-a muito bem, e foi attraído por seus encantos que, descendo á terra, escolheu a pobreza por sua herança, afim de com seu exemplo nos ensinar a tê-la na devida estimação.

REVELAÇÃO AOS PASTORES

1. Os Pastores de Belém

E havia naquella região uns pastores que estavam vigiando e guardando de noite seu rebanho. (Luc., II, 8.) — Foi pela salvação do mundo que Jesus nasceu em Belém; por isso todo o seu desejo é dar-se a conhecer aos homens. Mas por quem inicia Jesus a revelação de sua vinda? Os primeiros são os Israelitas, pois a elles prometteu Deus um Messias, e pelos quaes primeiramente, mas não exclusivamente, baixou do céu á terra.

E, entre os Israelitas, quem são os primeiros favorecidos com a alegre nova do nascimento do Salvador? Ou, antes, a quem não é ella communicada? — Não é nem aos ricos, nem aos poderosos, nem aos sabios, nem aos Escribas, nem aos Sacerdotes dos Judeus, nem mesmo aos parentes do Messias, nem até aos santos personagens que então havia em Israel.

O nascimento do Salvador é annuciado primeiramente aos pastores simples e ignorantes, mas religiosos, observadores da lei, morigerados e fieis no cumprimento dos seus deveres.

Si desejamos que Jesus nos faça participar do favor que fez aos pastores, e que se revele ao nosso espirito com luzes sobrenaturaes, procuremos agradar-lhe pela simplicidade do coração, pela pureza da consciencia, e pela vigilancia sobre nossas paixões, sobre a guarda dos sentidos, e pela fidelidade em observar os mandamentos da lei de Deus e os deveres do nosso estado.

2. O Anjo

E eis que o Anjo do Senhor parou diante delles e a claridade de Deus os circumdou e temeram muito. — Si a presença de um anjo, revestido da claridade de Deus, os enche de temor, que seria si lhes apparecesse o mesmo Deus? Si penso que tenho Deus presente, e que Elle me envolve com sua divina presença, com que temor devo andar, com que respeito e veneração devo orar, si está assistindo a todos os actos de minha vida?

3. Palavras do Anjo

E disse-lhes o Anjo: Não temaes; eu vos annuncio uma grande nova, que será para todo o povo. Nasceu-vos hoje o Salvador, que é o Christo do Senhor, na cidade de David. — Certamente não podia haver nova mais alegre para os Israelitas. Por isto esperavam a tantos seculos, e agora que alegria ao ouvir, não dos homens, mas dos anjos, que já nasceu o Messias! Ponderemos cada palavra da grande nova: Nasceu *para vós* e para todo o povo; *para vós* em especial, pois quer ter por companheiros os humildes; *para todo o povo*, pois a todos quer salvar! — E nasceu *hoje*, portanto findaram as promessas, não ha mais que esperar num outro redemptor! Ao tempo dos desejos succede o da realidade. — E quem nasceu? *O Salvador!* Doce nome, pois vem salvar-nos da morte e do inferno!

Para mim tambem nascestes, ó bom Jesus, para me salvar, e nascestes *hoje* em minha alma pela santa Communhão!

SIGNAES PARA CONHECER O MESSIAS

1. Signaes de humilhação

E encontrareis um menino envolvido em pannos e deitado num presepio. — O Anjo annuncia o Salvador, e os signaes, que dá para o encontrar, denotam um menino nascido na maior pobreza, abandono e mortificação. E' que Deus não se encontra entre os prazeres e riquezas da terra! Em lugar dos signaes de grandeza e majestade, dá-lhes em Deus feito *menino* o signal de sua humildade; nos *pannos* em que está envolvido, o signal de sua pobreza; no *presepio*, onde está reclinado, o signal de sua mortificação. E' por estes signaes que os pastores e nós todos devemos reconhecer que Jesus é realmente o Salvador prometido. E com effeito, como Salvador, Jesus veio expiar nossos peccados, que provêm de uma triplice origem: da soberba, da avareza e da sensualidade. Com a humildade ensina-nos a vencer a nosso orgulho; com a pobreza, a desapegar o coração dos bens da terra; com a mortificação, a domar as nossas paixões.

2. Glorificação do Messias

E de repente juntou-se com o Anjo uma grande multidão da milicia celeste, louvando a Deus e dizendo: Gloria a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens de boa vontade — Afim de confirmar as palavras do Anjo e publicar as grandezas do Menino recém-nascido e a importancia do seu nascimento para toda a humanidade, um numeroso cõro de anjos se mostrou aos pastores, cantando: *Gloria a Deus nas alturas*. Assim acudiu o Eterno Pae pela glorificação de seu Filho, mandando seus anjos á terra a tirá-lo do grande aniquilamento em que nascera, e publicar as suas grandezas. O thema deste hymno jubiloso é a gloria que vem a Deus pelo nascimento de Jesus — *Gloria a Deus nas alturas*; e a felicidade que vem aos homens por terem já um Salvador, que

vem pôr fim ao reino das trevas e fundar o reino da luz, da graça e da paz: — *e na terra paz aos homens de boa vontade.*

3. Consequencias

Foi pelas profundas humilhações que Jesus mereceu este concerto magnifico de louvores. Assim exalta Deus aos que se humilham! — Reparemos que a paz, que os Anjos annunciam, é só para os homens *de boa vontade*, isto é, de uma vontade recta, prompta e resoluta a seguir pelo caminho da verdade e da virtude.

Para merecermos esta paz é necessario despertar em nós essa vontade energica e constante, que nos faz morrer dia a dia para nós mesmos, para nossos vicios e peccados, e nos fortifica na graça e amor de Deus.

ADORAÇÃO DOS PASTORES

1. A caminho do presepio

E succedeu que, partindo os anjos para o céu, os pastores diziam uns para os outros: Vamos até Belém e vejamos este prodigio que succedeu e o Senhor nos revelou. (Luc., II, 15). — Parece, segundo esta narração, que os pastores, depois do desaparecimento dos Anjos, começaram a duvidar e a hesitar em vir a Belém. O facto era tão extraordinario! Os signaes eram tão contrarios á idéa que faziam do Messias! E depois — de noite — ter de abandonar os seus rebanhos... tudo isto parecia detê-los; mas os mais fervorosos arrastaram os indecisos consigo, e animaram-se todos a pôr-se a caminho. Move-os — 1º *a fé viva* nas palavras do Anjo; — 2º *a santa curiosidade* e ardente desejo de ver o Messias; — 3º *a esperança* de receber as suas bençãos e favores. — Oh si houvesse entre os fiéis esta união de vontades e

esforços para as empresas da glória de Deus, como se veriam os templos mais concorridos e a mesa eucarística mais frequentada!...

2. No Presepio

1. — *E foram apressados, e encontraram Maria e José e o Menino deitado no presepio.* — Ainda que o Anjo os não mandou, todavia, como entenderam que era sua vontade, não só partiram, mas apressaram-se em ir a Belém. — Conhecida a vontade de Deus e tomada a resolução de a seguir, não devemos demorar-nos em outros negocios, mas cumprir com toda a diligencia o que Deus nos inspira, para gozarmos mais tempo da sua conversação.

2. — *E encontraram Maria e José e o Menino deitado num presepio.* Que surpresa para os pastores, quando, chegando ao presepio, viram com seus olhos a realidade de tudo que lhes tinha dito o Anjo! Maria e José ficam não menos surprehendidos com a inesperada visita dos primeiros adoradores do Menino, e delles sabem como lhes foi communicada a grande noticia. Recebem-n'os com toda a alegria e agradecimento e levam-n'os a adorar e contemplar o Salvador nascido.

3. Os pastores adorando o Menino Deus

1. — Com os olhos do corpo viram os Pastores um menino ordinario, mas com os da fé e com a luz, com que o mesmo Menino lhes illuminou as intelligencias, descobriram sob aquellas apparencias de fraqueza, humildade e pobreza, a majestade e bondade de Deus.

2. — *E, vendo, reconheceram que era o mesmo de que se lhes tinha falado.* — Viram e então conheceram — *videntes, cognoverunt.* Assim, não basta que Deus me fale na oração, é preciso passar ás obras. E' necessario ver-nos na meditação para nos conhecermos.

3. — Mas não se contentaram só com ver; prostrados por terra, adoraram, admiraram, veneraram o Deus nascido; e, segundo era costume, ofereceram-lhe os seus dons. Quanto Jesus se agradaria deste primeiro culto prestado pelos mais simples dos homens á Sua divindade e humanidade! Elle lhes pagaria tudo com graças extraordinarias. Maior é a nossa felicidade, que temos este mesmo Menino escondido no tabernaculo, e tão real e verdadeiro como estava em Belém, ao qual não só podemos adorar, mas oferecer-lhe um presepio em nosso coração.

OS PASTORES VOLTANDO DO PRESEPIO

1. Os pastores louvando a Deus

1. — *E voltaram louvando e glorificando a Deus por tudo que tinham visto e ouvido, conforme o que lhes tinha dito o Anjo.* — Tres são os efeitos do divino amor, que os pastores foram buscar ao Presepio: voltam com Jesus nos labios e no coração. O seu desejo era que todos fossem a Belém, a adorar o Deus nascido. — Quando o amor divino arder em nosso coração, a nossa lingua se converterá em instrumento da sua glória.

2. — *E todos que ouviram falar do Messias ficaram cheios de admiração.* — Parece, pelo que diziam os pastores, que os judeus das vizinhanças de Belém deviam acorrer em massa ao Presepio para adorar o Salvador, e disputar-se a honra de o levar para sua casa. Mas não foi assim: limitaram-se a uma esteril admiração, seguida logo de indiferença e esquecimento. — E que nos aproveita a nós meditar os ineffaveis mysterios da Incarnação e Nascimento de Jesus, si não passamos da admiração á imitação das virtudes que nos prêga do Presepio?...

2. Proceder de Maria

Maria conservou, porém, todas estas coisas em seu coração. — O proceder de Maria contrasta com o dos judeus, cuja indiferença acabamos de ver. *Conservava todas estas coisas*, isto é, imprimia profundamente em seu espirito tudo o que se dizia e se passava a respeito de seu divino Filho, tirando de tudo materia abundante para sua meditação e piedosos affectos. Aprendamos de nossa boa Mãe a meditar nestes mysterios, de maneira que se nos gravem profundamente no coração. *Conservava tudo*, pois tudo que se referia ao menino Deus tinha para ella summo valor. *Em seu coração*, pois era com indizível carinho e amor que Maria assistia a estas primeiras scenas da vida infantil do Messias.

3. Significação deste mysterio

Deus escolheu este modo de se revelar aos homens, porque só elle sabe os planos que conduzem á sua gloria: escolhe hoje os Pastores, como amanhã escolherá os Magos, e mais tarde ha de escolher os Apostolos.

Este modo de se revelar é o mais conforme aos designios de Christo: elle é pobre e quer ser pobre, por isso chama para junto de seu berço almas doces e pacificas, e não soldados e guerreiros. — Elle é o Deus dos patriarchas e dos pastores, e elle mesmo soberano Pastor de nossas almas, o cordeiro que será immolado pelos nossos peccados: por isso é com pastores que tem a sua primeira entrevista, é delles que recebe as primeiras adorações. — Elle é o redempor de todos os homens, tanto dos pobres como dos ricos; mas é-o sobretudo dos pobres e pequeninos; por isso é a elles que primeiro vem annunciar o Evangelho.

O Salvador vem nos prégar a abnegação: por isso a sua corte se compõe de gente simples, paciente e endurecida no trabalho, na privação e no soffrimen-

to. Os seus primeiros apóstolos são os pastores de Belém; os segundos serão os pescadores da Galiléa.

A razão de escolher Jesus pastores simples e vigilantes, para seus primeiros adoradores, deu-a S. Paulo, quando escreveu que Deus não escolhe os sábios do mundo, nem os grandes, nem os poderosos, afim de não tornar inutil a sua cruz. (I Cor. 1, 17).

CIRCUMCISÃO DO SENHOR

1. Fim da Circumcisão

Passados oito dias foi circumcisado o Menino. (Luc. II. 21.) — A circumcisão tinha lugar na casa do recém-nascido ou na synagoga. Uma pessoa previamente determinada, que geralmente era o pae do menino, com um cutello de pedra fazia-lhe a dolorosa operação e impunha-le um nome. Ao acto assistiam duas testemunhas, uma das quaes fazia as vezes de padrinho e respondia ás orações.

A circumcisão era a alliança do povo hebreu com Deus e significava a incorporação do circumcisado na religião judaica e a separação dos outros povos. — Era o signal da sujeição á lei, da participação das bênçãos e promessas dos que a observavam e das maldições dos que a transgrediam. (Rom. II. 25.) — Era o signal do peccado e da necessidade da penitencia e da circumcisão do coração. (Deut. 10, 16.) — Na circumcisão recebia o menino um nome e juntamente uma existencia legal na sociedade civil e religiosa.

Jesus Christo substituiu a circumcisão dos judeus pelo baptismo para os christãos, em que se perdoam os peccados, se impõe um nome no baptizado, que desde aquelle momento começa a ser membro da Igreja.

Obrigou-nos porém á circumcisão espiritual, isto é, a cortar todos os affectos desordenados, que re-bentam em nosso coração; todas as palavras inuteis, que saem dos nossos labios; e tudo, emfim, que é contrario á sua divina lei.

2. **Motivos**

Christo como Homem-Deus não estava sujeito á lei da circuncisão, pois, sendo o Legislador da antiga alliança, não estava sujeito a suas proprias leis. Mas quiz sujeitar-se á lei da circuncisão: 1. porque desejava por meio della dar-nos uma prova da verdade de sua natureza humana, e mostrar-se em tudo igual a nós, ter um nome entre os homens, pertencer a uma nacionalidade, inscrever-se na synagoga e professar uma religião. 2. Para mostrar que era descendente de Abrahão, sem o que os judeus não acreditariam que elle fosse o verdadeiro Messias. 3. Para confirmar a divindade da lei antiga e cumpri-la plenamente, sujeitando-se a todas as ceremonias que ella impunha e começando na aurora da vida a derramar as primeiras gotas de seu precioso sangue, como penhor de que mais tarde derramaria todo na cruz. 4. Para nos excitar com seu exemplo a praticar actos de virtude e cumprir todos os pontos da lei, ainda os que parecem mais penosos. 5. Para dar principio ao officio de medianoeiro nosso, recebendo em seu corpo o castigo do peccado, offerecendo-se a seu eterno Pae como victima de expiação, e consagrando a seu serviço todos os instantes de sua vida mortal.

A' vista do exemplo que nos dá Jesus, aos oito dias de sua vida, examinemos a exactidão com que observamos os preceitos de Deus e da Igreja, e as obrigações do nosso estado. Elle nos ensina tambem a sermos fieis em cumprir todas as ceremonias dos actos religiosos, entrando sobretudo no seu espirito, assistindo a ellas ou recebendo-as com demonstrações de fé e devoção.

VIRTUDES DE JESUS NA CIRCUMCISAO

1. **Obediencia**

Jesus começa hoje a cumprir o que mais tarde dirá d'elle S. Paulo: *Feito obediente até á morte* Desligado de toda a lei, Jesus quer sujeitar-se a ella como

qualquer israelita. E como a circuncisão era um signal de sujeição á lei geral, mostrou em recebê-la que não só se sujeitava a esta, mas a todas as leis que regiam o povo judeu. Hoje obedece a sua mãe e a S. José; mais tarde o veremos obedecer a seus mesmos algozes! — Deus obedece aos homens sem uma queixa: e os homens, si obedecem a algumas leis humanas, por temor, ás leis de Deus e da Igreja nem por amor de si proprios obedecem! Si muitos até as ignoram!... *Aprende, ó homem, diz S. Bernardo, a obedecer; aprende, terra, a sujeitar-te; aprende pó, a submeter-te!* Mas é tanto o orgulho do coração humano, que prefere obedecer ás paixões e ao demonio, do que a Deus!

2. Humildade

E' tambem para meditar a *humildade* com que Jesus obedece á lei da circuncisão. A circuncisão era um remedio contra o peccado original, e significava que era por elle manchado, quem a recebia. Christo nem peccou nem podia peccar; comtudo, quiz ser assignalado com a marca do peccado. Si pobre o vimos no presepio, na circuncisão o vemos peccador! O' humildade! Como reprehendes a minha soberba; pois sendo eu tão grande peccador, não o quero parecer, e até me julgo mais santo do que minhas obras attestam! *Aprende, posso applicar aqui as palavras de S. Bernardo, aprende, ó homem, a humilhar-te; aprende, ó terra, a desprezar-te; aprende, pó, a confundir-te!* Sim, aprenderei a confundir-me, e a não querer ser tido na conta do que não sou!

3. Caridade

Não menos apparece neste mysterio o *amor* de Jesus para conosco. Elle quer que seu tenro corpinho comece já a derramar as primicias de seu preciosissimo Sangue pela salvação dos homens. O amor que me teve, não o quiz mostrar em procurar honras

e delicias, mas em receber feridas e derramar sangue!

Este amor nos mostrou também em querer que lhe fosse imposto um nome que lhe lembrasse sempre a missão para que veio á terra, que era a nossa salvação, pois *Jesus* é o mesmo que *Salvador*, para assim nos ter sempre na memoria!

Foram, pois, aquellas preciosissimas gotas de sangue um penhor, uma fiança de que estava disposto, e até desejoso, de o derramar todo por nossa salvação. Desde agora se começa a inflamar naquelle ardente desejo, de que nos ha de falar na vespera de sua Paixão: *Com ardente desejo desejei comer esta Pascoa convosco* 1). Desde que nasci, foi este o meu pensamento mais constante, o desejo mais ardente do meu coração: — morrer por vós!...

DO NOME DE JESUS

1. Significação do nome de Jesus

E foi-lhe imposto o nome de Jesus. (Luc. II, 21). — Era costume entre os Israelitas impôr um nome ao menino no oitavo dia do seu nascimento, no acto da circumcisão. Este nome era tomado de alguma circumstancia do nascimento ou de alguma qualidade de que fosse o menino dotado.

Só o Pae celeste conhecia as qualidades ineffaveis que deviam caracterizar o Verbo Eterno feito homem, e só Elle podia dar-lhe um nome que condissesse com sua alta missão, e deu-lhe o nome de *Jesus*, que significa *Salvador*. Este nome tão bello e glorioso não o trouxe o divino Infante um só momento sem preencher o seu sentido, e no mesmo instante em que o recebeu se mostrou Salvador, derramando seu precioso Sangue, do qual uma gota só bastava para resgatar o mundo inteiro.

1) *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum.*

Este nome glorioso foi-lhe imposto no momento em que se abatia até ao ponto de se fazer semelhante aos peccadores, recebendo em seu sacratissimo corpo o sinete humilhante do peccado. Mas em recompensa desta humilhação deu-lhe o Eterno Pae um nome, *que está acima de todo o nome*, e ao qual dobram o joelho o céu, a terra e o inferno (Philip. II, 9).

Si queremos trazer dignamente o nome de Jesus impresso em nossa fronte pelos sacramentos do baptismo e confirmação, sejamos humildes, pacientes e resignados. Não poderemos associar-nos á gloria de Jesus sem primeiro tomar parte em suas humilhações.

2. Grandezas do nome de Jesus

As grandezas do nome de Jesus provêm: 1º de sua *origem*: Deus mesmo foi o seu autor, e o pronunciou no céu, quando o communicou a Gabriel, para o vir annunciar a Maria. 2º De sua *significação*: Jesus quer dizer *Salvador*, e designa a dupla natureza divina e humana do Homem-Deus, assim como a sua missão de Redemptor. 3º Dos *effeitos* maravilhosos que produz: para nós é o nome de Jesus um penhor de perdão de nossos peccados, uma garantia de que nossas orações serão attendidas: *tudo que pedirdes ao Pae em meu nome, vos será concedido*; 1) — consolação e força nas tentações durante a vida e na hora da morte. — Para o *Salvador* é o nome de Jesus um instrumento de glória; pois este nome, invocado com fé e amor pelos fiéis, alcança a victoria do inferno, e produz toda a sorte de prodigios. Ao ouvi-lo, todo o joelho se dobra no céu, na terra e no inferno. O Céu adora nelle o Rei e Senhor, a terra, o seu Libertador, o inferno, o seu Vencedor.

E' com summo respeito, devoção e amor que devemos pronunciar este sacratissimo Nome, que está acima de todo o nome, e fóra do qual não ha salvação

1): Jo. XVI. 26.

— *Et non est in alio salus.* Nem devemos faltar ao primitivo uso christão de descobrir e inclinar a cabeça ao pronunciar ou ouvir pronunciar este sacratissimo Nome.

DO NOME DE JESUS

(Continuação)

1. Poder do nome de Jesus

Ao nome de Jesus, diz S. Paulo, todo o joelho se dobra no céu, na terra e no inferno. Este nome tão poderoso quiz dar o Eterno Pae a seu Filho para o exaltar acima de todas as creaturas, já que se tinha tão profundamente abatido.

Pedir com fé em nome de Jesus é alcançar. Assim no-lo assegura o mesmo Jesus: *Tudo que pedirdes a meu Pae em meu nome ser-vos-á dado.* Assim é que a Igreja, fiada nesta promessa, termina todas as suas orações ao Eterno Pae, interpondo em seu favor o Nome dulcissimo de Jesus: *Por nosso Senhor Jesus Christo.*

Foi pela invocação deste nome — *Jesus, filho de David, tem compaixão de nós* — que muitos enfermos recuperaram a saude. Foi pela invocação deste Nome que os Apostolos operaram os mais estrondosos milagres na propagação do Evangelho, e que os fieis conseguiram expulsar os demonios dos corpos e curar muitas enfermidades.

Foi pela invocação do Nome de Jesus que os martyres triumpharam dos horrorosos tormentos que lhes davam os algozes, e os Confessores e as Virgens venceram todas as seducções do mundo.

Sendo tão poderoso o Nome de Jesus, devemos usá-lo como arma para repellar as tentações, e como seguro meio de obter as graças que pedimos a Deus.

2. Obrigações que nos impõe o Nome de Jesus

Diz S. Paulo a seu discipulo Timotheo: *Esteja longe da maldade todo aquelle que pronunciar o Nome de Jesus.* 1) — Si o apostolo S. Paulo tem o peccador por indigno de pronunciar o nome de Jesus, quanto mais indigno será honrar-se com o nome e a libré de Jesus — e peccar! — Si o nome de Jesus é Santo, é preciso que os labios que o pronunciam não estejam manchados com outros nomes obscenos e indecorosos, que o deshonram e profanam.

Dim mais S. Paulo aos Colossenses: *Tudo que fazeis em palavras ou em obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus.* 2) — Esta segunda obrigação, que na pessoa dos Colossenses impõe a todos os fieis, é um grande meio de santificar nossas acções, pois não pôde deixar de ser santo o que se faz no santissimo nome de Jesus. Nossa obras devem, pois, começar, continuar e acabar em Jesus, cuja glória deve ser o principio, o meio e o fim de todas ellas.

Invoquemos a miude este nome, em que nos foi dada a salvação; mas invoquemo-lo com fé e respeito, aproveitando-nos das numerosas indulgencias que os Papas concederam á sua invocação.

A ESTRELLA NO ORIENTE

1. Quem eram os Magos

Tendo pois nascido Jesus em Belém de Judá, nos dias do rei Herodes, eis que uns Magos vindos do Oriente chegaram a Jerusalém, dizendo: Onde está o recém-nascido rei dos Judeus? porque vimos a sua estrella no Oriente e viemos adorá-lo. (Matth., II, 1). — O Filho de Deus veiu ao mundo para ser a salvação

1) *Discedet ab iniquitate omnis qui nominat nomen Domini.* (II Tim., 2, 19).

2) *Omne quodcumque fecistis in verbo aut in opere, omnia in nomine Domini Jesu.* (Col., III, 17).

de todos; por isso, assim como revelou o seu nascimento ao seu povo na pessoa dos pastores, assim se revela á gentildade nas pessoas dos Magos. Tão grande é a bondade de Deus que a ninguém exclue da sua graça, mas a todos a offerece para chegarem ao conhecimento da verdade.

Os Magos, provavelmente oriundos da Persia, Chaldéa ou Arabia, eram homens, ao que parece, dados ao estudo da astronomia e gozavam de grande reputação de sabios entre os seus conterraneos. Pelas relações que os habitantes destas regiões mantinham com os judeus, sobretudo durante o captivo da Assyria e de Babylonia, é facil que tenham colhido informações sobre a Sagrada Escripura e prophcias dos Hebreus, como da de Balaam sobre a estrella de Judá. Além disso, os sabios deste paiz bem podiam ter uma revelação antiga particular, segundo a qual deviam, com o apparecimento de uma estrella, ir offerecer as suas homenagens a um Rei Salvador. Este astro, ou fosse uma estrella novamente creada, ou uma já existente, ou uma luz aerea e sobrenatural, impressionou os magos, e, tocados pela graça, comprehendiram que aquella era a estrella annunciada, e que deviam pôr-se a caminho e procurar em Jerusalém o novo Rei nascido.

2. Vocação dos Magos

1. Este chamamento dos Magos a adorar o rei de Israel nascido em Belém estava em harmonia com a condição delles, que deviam ser dados á astronomia. Assim Deus, quando chama os homens ao seu serviço, attende ás suas inclinações, para lhes tornar mais facil e até gostoso seguir sua voz. Ao mesmo tempo que chama, illumina a intelligencia e move a vontade. — Do mesmo modo hei de procurar conhecer as inclinações daquelles com quem trato, para os levar boamente á pratica da virtude.

2. Este modo de chamar aos Magos por meio de uma estrella era conforme ao Salvador, que vinha

ser a luz do mundo, e a todos vinha chamar para o reino do céu. Si os Magos, guiados por uma estrella aerea, chegaram a vêr a Deus nascido em Belém, quanto mais certamente chegaremos nós, guiados pela divina luz da graça, a vêr a Deus no céu, e a gozá-lo por toda a eternidade!

3. Este modo de chamar os Magos era tambem conforme á natureza da graça de Deus, que, segundo os theologos, é antecedente, concomitante e subsequente, o que se verificou na estrella, que *primeiro* appareceu aos Magos, *depois* os acompanhou a Jerusalém, e *finalmente* os seguiu até Belém.

3. Os Magos seguem a Estrella

1. Nasce Jesus, pobre e obscuro; e, sendo desconhecido e desprezado dos seus, é buscado dos estranhos, reconhecido e adorado pelos gentios como o Rei divino, que os vinha salvar. Assim quer Deus mostrar, desde o principio, como todos são chamados a fazer parte do reino messianico, no qual só pôde haver salvação.

2. Notemos como os Magos nos seus reinos estudam a nova estrella e procuram saber a sua significação. Reflectiram sobre o phenomeno, e logo viram que não foi por acaso que lhes appareceu a estrella, mas que era um signal da realização da grande promessa que Deus fizera ao seu povo. — Assim tambem as luzes, que Deus nos envia, serão causa da nossa condemnação, si não nos utilizarmos dellas para seu serviço e nossa salvação.

3. Admiremos finalmente a promptidão com que os Magos abandonam seus reinos e se dirigem a Jerusalém. Deus nem sempre nos instrue e fala por si mesmo: dá-nos guias, mestres e interpretes das Escripturas, para que nos orientem no caminho que devemos seguir para chegar á celeste Jerusalém. Sejamos, pois, doces aos seus ensinamentos e chegaremos a ver a Deus no reino de sua gloria.

VIRTUDES DOS MAGOS

1. Fidelidade e perseverança

1. *Vimos a sua estrella, e viemos adorá-lo.* — Os magos, fiéis á sua crença, seguem a voz de Deus, que pela estrella lhes falava. Mas como esta empresa não era para se consummar num dia, perseveraram em realizá-la todo o tempo preciso. Assim nós, não podendo realizar immediatamente os planos, que Deus nos inspira, sem empregar para isso esforços continuos, devemos, á imitação dos Magos, juntar a perseverança á fidelidade.

2. Nelles esta perseverança foi heroica! Nada a pôde abalar: intemperies, privações, distancias, o desaparecimento da estrella, a indiferença que notaram em Jerusalém, o desconhecimento do grande facto que os fizera emprender tão longa viagem, era para descoroçoar e dizer: "Viemos enganados. Nada aconteceu. Voltemos para nossos reinos". Mas os Magos não eram dos que desanimam com as menores difficuldades. — Que tem que ver a minha perseverança em fazer a vontade de Deus, si a comparo com a dos Magos?... A menor difficuldade me desalenta, perco a coragem, desisto da empresa!

2. Obediencia

1. *Vimos e viemos.* — Nestes dois verbos o Evangelista descreve-nos a prompta e corajosa obediencia dos Magos, que, desprezando fadigas e perigos de uma tão longa viagem, seguem a vocação de Deus, que pela Estrella os chamava a Belém. *Vimos e viemos* — nada se interpõe entre o ver e o vir. — E' assim que nós obedecemos a Deus?... Quantas demoras! Quantas hesitações! Quantas recusas!

2. Os Magos nesta obediencia prompta e generosa vencem com nobre altivez o covarde respeito humano, que a tantos impede a pratica dos deveres religiosos. Os Magos, apesar dos varios juizos e apre-

ciações, que os homens faziam da sua tão arrojada viagem, não desistem da resolução tomada. Superiores a esses mesquinhos interesses de commodismo, marcham para a terra, a que os chama sua consciencia. — Este intrepido cumprimento do dever, este edificante triumpho do respeito humano, é uma lição que nós, christãos, não nos devemos envergonhar de aprender de gentios, quaes eram os Magos! . . .

3. E' provavel que muitos outros sabios, observadores do curso dos astros, vissem esta mesma Estrella e se sentissem chamados a segui-la; mas julgaram aguardar ulteriores esclarecimentos sobre tão inesperado phenomeno. Foram porém frustrados nas suas delongas, pois se privaram de um favor tão insigne, qual era ver com seus olhos o Salvador do mundo! — Quantas graças não se perdem com differir a execução dos bons propositos que fazemos, os glanos que Deus nos inspira! Pois, ordinariamente, *differir é omittir!*

3. Generosidade

Vimos e viemos! — Deus fez-lhes a graça de vêr a estrella, mas delles foi o segui-la! Assim tambem ficarão frustradas as graças que Deus nos dá, si não lhes juntarmos a nossa cooperação.

Não eram pequenos os sacrificios que a vocação da Estrella exigia dos Magos. Tinham de abandonar os seus negocios, as suas casas, as suas familias, os seus estados, e emprehender uma viagem longa — numa idade talvez já avançada — numa estação rigorosa — por caminhos intransitaveis — sómente por interesses religiosos, donde não tiravam nenhum lucro material. Por outro lado, não faltaria quem os dissuadisse de tão ardua tentativa e os forçasse a não abandonar os seus paizes, os seus negocios e familias; pois não sabiam aonde a estrella os levaria e por quanto tempo estariam ausentes de seus estados. Mas nada os detém. O dever está acima de tudo! Por que sou infiel á graça, ás minhas resoluções, a certas pra-

ticas de piedade e mortificação, cuja importancia e utilidade se me revelam como um dever? E' porque me falta a generosidade em arcar com as dificuldades, que se me antolham no serviço de Deus e no caminho da salvação.

OS MAOOS EM JERUSALÉM

1. Herodes perturbado

E Herodes, ouvindo o que os Magos lhe diziam, perturbou-se, e com elle toda Jerusalém. — Qual o motivo desta perturbação? Só a inveja! Falam-lhe num rei, que nasceu em Judá, e a ambição de querer ser elle só o unico a reinar sente-se ferida. Vê que o seu throno não está seguro, e que outro rei, talvez mais poderoso, lh'o vem usurpar. Grande motivo de desasoscego é este para um coração ambicioso! — Quantas vezes nos perturbamos por motivos mais futeis! O motivo ultimo de todas as nossas inquietações é sempre a paixão, o orgulho e o amor proprio!

2. *E toda a Jerusalém se perturbou com elle.* — A entrada dos Magos em Jerusalém não pôde passar desapercibida aos seus habitantes, que logo se agglomeraram junto da corte de Herodes. A perturbação do rei communicou-se aos vassallos, e todos se alvorotam sem motivo. — Um coração apaixonado nunca pôde ter calma. Quantas vezes o que nos parece um motivo de inquietação o é de alegria! Quantas vezes deviamos olhar, como um beneficio de Deus, o que nos parece uma desgraça! Deus sabe tirar bem do mal; e... *aos que amam a Deus, tudo se lhes converte em bem.* 1)

2. Os doutores da lei

1. *E convocando todos os principes dos sacerdotes e escribas do povo, inquiria delles onde Christo havia de nascer.* — Herodes, no interesse que mostra

1) Diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum.

em responder á pergunta dos Magos, occulta um coração cheio da mais refinada hypocrisia. O fim que o leva a reunir todos os sabios de Jerusalém é muito differente do que têm os Magos. Procura saber a verdade não para segui-la, sinão para ir suffocar no berço esse novo rei que vem, julga elle, usurpar-lhe o throno. Todavia serve-se Deus, tanto do impio rei, como dos iniquos sacerdotes, para dirigir os Magos a Belém.

2. *E elles disseram-lhe: Em Belém de Judá, porque assim está escripto pelo propheta. — E, para ver a grande cegueira em que estão os principes dos sacerdotes e escribas, procuram nas escripturas o lugar onde ha de nascer o Messias, indicam-n'o aos Magos, e não se resolvem a ir com elles adorá-lo! Triste prenuncio da continuada cegueira em que os vemos ainda hoje! Entretanto não deixa de ser uma seria lição para aquelles que, mostrando aos outros o caminho do céu e da virtude, se deixam ficar no do peccado e dos vicios!*

3. Resposta de Herodes

1. *Então Herodes, chamando á parte os Magos, informou-se delles diligentemente sobre o tempo em que lhes apparecera a estrella. — Esta diligente informação que Herodes manda colher sobre o tempo do nascimento do Messias occulta nelle uma inaudita perversidade, que em breve se manifestará. Toda ella é dirigida a realizar o plano sanguinario de pôr termo á vida desse rei, ainda menino, mas que pôde vir mais tarde a destroná-lo. A que horriveis crimes se não atreve um coração ambicioso!...*

2. *E enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide, informae-vos dilligentemente do menino, para que eu tambem, indo lá, o adore. — Não passaram muitos dias que as intenções malevolas, que Herodes occultava nestas palavras, viessem a lume. — A hypocrisia é mais ordinaria do que se pensa: quantos apparentam um exterior piedoso, sem possuir a virtude interior,*

e conservando no interior, para esses mesmos, um odio inveterado! quantos, para obter o que desejam, falam contra o que pensam! E, como estes, quantos modos não ha ainda de hypocrisia! Sejamos sinceros, si não queremos ver em breve reveladas nossas sinistras intenções!

OS MAGOS SAEM DE JERUSALÉM

1. Partida dos Magos

Os magos, tendo ouvido o rei, partiram. — Os Magos, colhidas as informações precisas, não se demoram na cõrte de Herodes, mas, sem perda de tempo, se põem a caminho de Belém. Não sendo na grande capital que está o rei que procuram, proseguem sua viagem, sem se deterem com outros negocios e curiosidades. — Este deve ser tambem o proceder daquelles que se puzeram no caminho da virtude e querem chegar á perfeição da vida christã. Conhecido o caminho, é necessario não se entreterem com o que os póde desviar delle e retardar a viagem. — Uma vez conhecida a verdade, sigamo-la. E' a Deus que procuramos, e, em comparação delle, nada mais tem valor.

2. A estrella reaparece aos Magos

1. *E a estrella que viram no Oriente os precedia, até que parou onde estava o menino.* — Assim premiou Deus a constancia dos Magos. Onde se podiam informar do lugar e do caminho, a estrella occultouse, para lhes dar occasião de se apresentarem na cõrte de Herodes, e lá perguntarem onde nasceu o rei de Judá! Assim é que, na falta dos meios divinos, devemos procurar os humanos, e proseguir corajosamente até alcançar o fim desejado.

2. *Vendo, porém, a estrella, sentiram uma alegria extraordinaria.* — Esta alegria era prenuncio da que em breve experimentariam ao chegar ao termo da

viagem, encontrando por fim o rei divino que vinham adorar. Era aquella alegria fundada na certeza de que tinham o céu a seu favor, de que sua viagem não fôra ao acaso e irreflectida, e de que, realmente, iam encaminhados para o palacio do rei nascido. Foi, pois, aquella extraordinaria alegria um premio da fidelidade ao chamamento de Deus; alegria que sentem as almas que deixam o mundo e se encaminham para o Belém do claustro, afim de lá se unirem para sempre a Jesus; alegria tambem da boa consciencia, para quem faz tudo a que está obrigado pela lei de Deus.

3. Os Magos em Belém

Até que parou onde estava o Menino. — E' facil de imaginar a alegria que sentiram os Magos ao ver terminada a viagem, e a admiração que sentiram ao ver o lugar onde a estrella parou: uma habitação tão pobre! E' possivel, diriam, que seja este o Rei de Israel! Mas, illuminados com luz interior, reconheceram logo que o Rei que procuravam não vinha ostentar pompa mundana, mas ensinar o desprezo della. — Aonde me conduzem as minhas inclinações, que são como estrellas a cuja luz caminho? Si me conduzem a Deus, são estrellas de Deus; si me conduzem ao peccado, são estrellas do demonio. Si me conduzem á vaidade, á ostentação, á vangloria, são fogos fatuos; si me conduzem ao desprezo de mim mesmo, á humilhação, á pobreza, são astros celestes que me levam a Deus e á salvação. Onde parará a estrella a cuja luz caminho? Será sobre o grande palacio onde está Jesus e sua Mãe, que é o céu; ou sobre esse tenebroso abysmo onde não está nem Jesus nem sua Mãe, sobre o inferno?

Oxalá que, ao terminar a minha longa viagem da vida sobre a terra, eu tenha a alegria dos Magos, ao ver a Jesus e a Maria não já num pobre e humilde estabulo, mas no reino da glória!

ADORAÇÃO DOS MAOS

1. Entraram em casa

E entrando na casa encontraram o Menino com Maria, sua Mãe. — Tres acções praticaram aqui os Magos, cada qual mais fecunda em reflexões. A primeira foi entrar na casa onde estava Jesus e sua mãe, e, si se admiraram ao ver a casa tão pobre que a estrella lhes designava como a casa do rei nascido, não ficariam menos surprehendidos quando, ao entrar dentro, encontraram só Jesus e Maria, nesta corte do tão esperado Rei de Judá. Assim, tudo o que viam lhes parecia o contrario do que procuravam; e, si não fosse o testemunho divino da estrella, teriam dito: “Viemos enganados; isto não pôde ser a corte do grande Rei”. Mas Deus veio fortalecer-lhes a fé e adoraram aquelle Menino por seu Deus. — Não se encontra Jesus e Maria no meio das grandezas, mas na pobreza e na humildade. Nos nossos templos está Deus especialmente presente; e quantas vezes entro nelles sem reparar onde estou nem dar signal de que estou diante de Deus.

2. Prostraram-se por terra

E prostrando-se por terra, o adoraram. — A prostração é o acto mais natural de quem se põe na presença de Deus e está possuido da sua infinita grandeza e majestade. E' o reconhecimento do proprio nada, o aniquilamento do proprio sêr ante a Divindade, em cuja presença tudo desaparece, como si fosse pó e cinza. Esta reverencia do corpo foi acompanhada da reverencia do espirito, e assim confessaram com todo o seu sêr a dependencia absoluta de Deus. — E' com esta humildade que me apresento diante de Deus? E' tanta a minha soberba, que, quando passo por diante do Senhor Sacramentado, até o dobrar o joelho me parece já humilhação demasiada.

3. E o adoraram

E o adoraram. — E' a terceira acção dos Magos ao apparecerem diante de Jesus. Si na prostração revelavam os sentimentos da propria humildade, na adoração prestavam a Deus o culto de latria, pelo qual reconheciam aquelle Menino por seu verdadeiro Deus. E' o acto supremo pelo qual a creatura reconhece a sua plena dependencia de Deus e se lhe entrega sem reserva alguma.

Esta adoração dos Magos era acompanhada do sentimento de gratidão, dando-lhe as graças 1º. por ter vindo ao mundo a salvar os homens; e 2º. por os ter chamado a elles por meio de uma estrella.

Este acto de adoração é muito agradavel a Deus, e devemos repeti-lo muitas vezes ao dia, e sobretudo quando nos ajoelharmos, devemos fazê-lo com espirito de adoração a Deus, que em toda a parte está presente. Assim é que S. Patricio adorava a Deus trezentas vezes de joelhos, durante o dia, e de noite com duzentas genuflexões enquanto recitava os psalms.

OS PRESENTES DOS MAGOS

1. Abrem seus thesouros

E, abrindo seus thesouros, offereceram-lhe seus presentes de ouro, myrrha e incenso. — E' uso geralmente seguido entre os Orientaes não se apresentar ninguem diante de um rei sem lhe offerter algum presente. Seguindo este costume, os Magos, depois de adorarem a Jesus, quizeram tambem testemunhar-lhe a sua vassallagem, offerecendo-lhe o que de mais rico tinham seus estados: ouro, myrrha e incenso. *Abriram* seus thesouros, porque os traziam bem fechados para os não perderem nem os exporem ao perigo de chegar sem elles aos pés de Jesus. — Com este cuidado devo ter fechado o meu coração para o não perder nem deixar roubar pelas creaturas, afim de o poder entregar a Jesus todo inteiro e puro; pois não devo apparecer

diante de Deus, diz S. Chrysólogo, sem nada lhe oferecer, e o dom precioso que elle mais deseja é o meu coração: *Praebe, fili mi, cor tuum mihi.*

2. Fazem suas offertas

Offereceram-lhe ouro, incenso e myrrha. — Offereceram-lhe *ouro* como a Rei, *incenso* como a Deus e *myrrha* como a homem. No ouro exprimiam a *caridade*, no incenso, a *devoção*, e na *myrrha*, a *mortificação*. Estes dons, preciosísimos, offereceram os Magos com *generosidade*, pois era o que tinham de mais rico, e com *alegria* se despojavam destes bens para com elles presentear o Rei Menino. Offereceram-n'os, além disto, com *humildade*, sentindo não terem coisa mais valiosa para lhe trazerem de suas terras; e finalmente com *piedade*, pois o seu desejo era offerecerem-se a si proprios e consagrar-se para sempre a seu serviço; e, si os negocios de seus estados os não reclamassem, ali ficariam para o servir. — Dons mais preciosos posso eu offerecer ao Menino Deus: o ouro da minha *obediencia*, o incenso da minha *castidade* e a *myrrha* da minha *mortificação*. Com estes dons me darei eu mesmo todo, pois lhe dou meu corpo e minha alma, a vontade e o coração.

3. Como Jesus aceita estes dons

Si é verdade que Deus estima nossos dons não tanto pelo seu valor real, quanto pelos sentimentos com que lh'os offerecemos, é facil de imaginar a benevolencia com que Deus Menino accitaria os dons dos Magos, offerecidos com os sentimentos que já meditámos. E si não é menos verdade que Deus não se deixa vencer em generosidade, devemos crer que lhes recompensaria estes dons com outros muito mais preciosos. Pelo ouro lhes daria augmento de sabedoria e caridade; pelo incenso lhes daria espirito de oração e devoção; pela *myrrha* lhes daria uma graça especial que os preservasse da corrupção do peccado. — Assim tambem

nada darei a Deus, que elle me não pague em centuplicado. Quanto mais dêr, mais receberei. Por vis que sejam minhas offertas, receberei por ellas dons preciosissimos, que são as novas graças de que minha alma ficará sendo adornada.

A VOLTA DOS MAGOS

1. Perplexidade dos Magos

E recebendo em sonho ordens para não voltar a Herodes, seguiram por outro caminho para suas terras. — Das palavras do Evangelho se infere que os Magos, perplexos sobre o caminho que deviam seguir para suas terras, recorreram á oração e pediram a Deus luz para conhecer o que deviam fazer. E Deus mandou-lhes a resposta por meio de um anjo, que, em sonhos, os avisou que deviam tomar outro caminho para a patria e não voltar a Herodes. — Aqui apparece a divina Providencia velando pela vida do divino Infante, e assistindo aos Magos em sua perplexidade. Felizes os que se entregam a Deus e lhe pedem luz em suas duvidas e adversidades. Si tenho andado por caminhos errados, é porque não consulto a Deus ou aquelles que estão em seu logar.

2. Ordem de seguir outro caminho

E por outro caminho dirigiram-se para suas terras. — Conhecida a vontade de Deus, os Magos, depois de se despedirem affectuosamente de Maria, de S. José e do Menino que vieram adorar, emprehenderam a viagem para suas terras. Não mostram a menor difficuldade em se sujeitar a esta ordem, ainda que o caminho fosse talvez mais longo, mais incommodo e desconhecido. Não pensam já na promessa de voltar a Herodes, porque Deus lhes manda outra coisa. — Assim é que tambem eu, á imitação dos Magos, devo pospôr respeitos e motivos humanos á ordem de Deus, quando esta me é notificada por meus superiores ou por

alguma inspiração divina, e seguir pelo caminho que me leva á minha patria, o céu, e não pelo que conduz ao mundo vicioso, representado na cõrte de Herodes.

3. Voltam a seu paiz

Voltaram á sua região. — A nossa patria é o céu. — Della me afastei seguindo o caminho do peccado, enganado pelas lisonjas do mundo! Mas a estrella de um bom pensamento, de uma luz celeste, de um raio da graça, me poz de novo em via de encontrar a Jesus, como realmente encontrei, e a quem offereci o dom precioso do meu coração. Agora, ao voltar para minha patria, devo seguir o caminho opposto; si errei pela soberba, pela desobediencia, pela licenciosidade, devo tomar o caminho da humildade, da obediencia, da continencia e não voltar ao paiz das trevas, onde perigou minha salvação, e onde posso de novo ser preso nos laços do peccado e atraçoar minha fé.

PURIFICAÇÃO DE MARIA

1. Obediencia

E depois que se completaram os dias de sua purificação, segundo a lei de Moysés, levaram o Menino Jesus a Jerusalém para o apresentar ao Senhor. (Luc. II, 22). — Maria, em tudo pontual ao que preceituava Moysés, sujeitou-se á lei da Purificação com espirito de obediencia, de humildade e pobreza. Admiremos primeiramente a sua obediencia.

Mandava a lei de Moysés que toda a mulher que desse á luz o primeiro filho se apresentasse no templo para ser purificada, pois até lá ficava sendo tida como immunda. Maria, não obstante a sua virgindade e a altissima dignidade do Filho, que déra á luz, quiz todavia sujeitar-se a esta lei. Imitando ao seu mesmo filho, que, sujeitando-se á lei da circumcisão, quiz passar por homem pecador, Maria, sujeitando-se á lei da purificação, quiz tambem passar por uma mulher vul-

gar e peccadora como as outras. Esta obediencia humilde, exacta emquanto ao tempo e minuciosa lição para muitos fieis, que não só descuram a pratica dos preceitos da Igreja, mas quando os praticam, ou é já fóra do tempo, ou com muitas deficiencias!

2. Humildade

Maria, sujeitando-se á lei da Purificação, occultou uma das mais bellas prerogativas que a adornavam: a sua perpetua virgindade; e no juizo dos homens passava por não tê-la; pois, misturando-se com as outras mães, que ali estavam para ser purificadas, em nada se differenciava dellas.

A ninguem agrada ser tido por menos do que é; a não ser ao humildes, que tanto mais se alegram quanto mais são desconhecidos e seus dotes ignorados... Quantos se afastam do tribunal da Penitencia, porque não querem passar pelo que são? E quantos dos que delle se aproximam procuram encobrir ou disfarçar seus peccados para não parecerem tão máus como o são na realidade?... Si sou nada, si sou pó e cinza, si sou a mesma ignorancia e fraqueza, como hei de inquietar-me por ver que os outros me têm na conta do que sou?...

3. Pureza

Maria apresentou-se no templo com espirito de verdadeira pobreza. Sendo a primeira vez que sahia a publico depois de dar á luz o Filho de Deus, não se apresentou com ostentação de riqueza, de luxo e de vaidade, como se apresentaria certamente qualquer rainha ou princeza; mas com o habito humilde de uma pobre filha de Israel. Mandava a lei offerecer por esta occasião um cordeiro, ou, no caso de pobreza, dois pombinhos ou duas rolas. Maria, ainda que não lhe faltariam meios para offerecer um cordeirinho, quiz todavia offerecer o donativo dos pobres, pois em tudo se queria parecer com Jesus pobre. — Não é raro ver os

que menos têm quererem passar por abastados. Serei eu deste numero?...

E' com este espirito de pobreza que Maria entra na casa de Deus. E não é a elle que se vae hoje em dia fazer ostentação publica da riqueza, do luxo, da vaidade?...

Mas, nem por ser dos pobres a offerta que Maria deu ao templo, deixou de ser menos agradável a Deus; pois, como Jesus nos dirá mais tarde, mais deu a pobre viuva que, ás escondidas, lançou uma drachma no gazofilacio, que os ricos e poderosos que nelle deitavam esmolmas avultadas para serem vistos.

APRESENTAÇÃO DE JESUS

1. Jesus entra no templo

E depois que se cumpriram os dias de sua purificação segundo a lei de Moysés, levaram o Menino Jesus a Jerusalém para o apresentar ao Senhor. (Luc. II, 22.) — Segundo esta lei, os paes eram obrigados a levar ao Templo de Jerusalém seu filho primogenito, offerecê-lo a Deus e resgatá-lo por cinco siclos, em reconhecimento de ter o Anjo exterminador poupado aos primogenitos dos hebreus na noite em que matou os dos Egypcios.

Em força desta lei, Jesus é levado ao Templo.

Sendo o proprio autor da lei, quer elle mesmo cumpra-la. Assim dá-me o exemplo de não me isentar de cumprir o que ensino e prégo aos outros. Não basta só ensinar, é necessario praticar: *qui fecerit et docuerit*. Primeiro é praticar a virtude e depois ensinar a praticá-la aos outros.

Jesus, mestre da humildade no presepio, é-o outra vez no Templo. Aqui se mostra um puro homem, e como que sujeito á mesma lei do peccado. Mas elle attende mais á honra de seu Pae, que á sua.

Pela observancia desta lei quiz Jesus ser nosso duas vezes. Uma vez porque foi dado pelo Pae, e outra vez, diz S. Thomaz de Villanova, porque nos

foi comprado na Apresentação. Assim acumula os títulos que tem ao nosso amor, e pelos quaes se quer fazer todo nosso.

Jesus, no cumprimento desta lei, quiz-nos também ensinar que devemos lembrar-nos dos castigos de que Deus nos livrou e dos beneficios que nos concedeu e que o templo é o logar mais apropriado para lhe rendermos as devidas graças.

2. Jesus é oferecido ao Senhor

Nunca no Templo de Jerusalém foi oferecido a Deus dom mais precioso. Consideremos as pessoas que entram neste solenne offerecimento.

Maria é quem leva a Jesus nos braços, para o entregar nas mãos do sacerdote. Ella é a primeira a offerecê-lo e a sua offerta é infinitamente mais perfeita que a das outras mães, para as quaes a apresentação e resgate de seus filhos não passava de uma pura cerimonia legal, seguida de uma festa de familia, em que se gastava o restante do dia. A Virgem offerece realmente em sacrificio seu unigenito Filho ao Senhor, como uma victima que deve ser um dia immolada pelo resgate do mundo, e com o coração cheio dos mais elevados sentimentos passou todo aquelle dia no recolhimento e na oração.

Jesus offerece-se também a seu Pae, voluntariamente e não constringido pela lei. Assim como no céu se offereceu a seu Pae para vir á terra resgatar-nos, assim agora se offerece de novo para levar a cabo essa grande obra que lhe ha de custar tantos sacrificios. — Cada dia nos devemos offerecer a Deus para cumprir o que já lhe promettemos, e offerecer-nos de novo para maiores sacrificios.

O acto externo deste offerecimento foi completado pelo summo sacerdote, que, tomando Jesus nos braços, o levantou e offereceu a Deus. Jesus nos braços do sacerdote se lembraria dos braços da cruz e se offereceria desde ali para nella morrer por todo o genero humano.

Offereçamo-nos também nós para o servir e amar e soffrer todas as cruces que elle nos enviar no decurso de nossa vida. Imitemos o respeito e devoção com que Maria e José estão assistindo a este acto religioso, unindo-se elles a Jesus e offerecendo-se ao Senhor para o acompanhar toda a sua vida na dôr e nos trabalhos.

3. O resgate

Os primogenitos offerecidos ao Senhor deviam ficar ao Serviço do Templo, mas Deus destinou para este ministerio a tribu de Levi. Os primogenitos das outras tribus eram resgatados deste serviço por cinco siclos. Ainda que o Evangelista o não mencione, é certo que Maria, tão exacta em cumprir todas as clausulas da lei, daria por seu Filho os cinco siclos. Consideremos as circumstancias deste resgate. — 1. Maria resgatou-o não para si, mas para o sustentar para nós, para salvação do genero humano. 2. Resgatou-o, comprando-o, por assim dizer, ao Eterno Pae a quem fôra offerecido. E o Eterno Pae, que no-lo tinha dado na encarnação, torna a no-lo dar agora por uma venda amorosa, conquistando deste modô novos titulos á nossa gratidão. 3. E com que preço? Por cinco siclos. Sendo um bem infinito, não exigiu, attendendo á nossa pobreza, um preço infinito, mas deu-no-lo por um preço ao alcance de todos. Foi, pois, resgatado por cinco siclos quem, com o preço infinito de seu precioso sangue, nos vinha resgatar do inferno, do peccado e do demonio! Foi resgatado por cinco siclos quem nos vinha resgatar com as cinco chagas, que por nossa salvação havia de receber na cruz! — Grande lição nos dão neste mysterio a Virgem e Jesus. A Virgem ensina-nos a perfeita observancia dos mandamentos da Igreja e de todas as ceremonias que acompanham a recepção dos sacramentos. Jesus ensina-nos a não procurarmos isenção dos preceitos divinos e a estarmos por tudo que a Igreja quizer de nós. E' com esta pontualidade que lhe obedecemos?...

ENCONTRO COM SIMEÃO

1. Virtudes de Simeão

Havia em Jerusalém um homem justo e temente a Deus, chamado Simeão, que vivia na esperança de ver a consolação de Israel. (Luc. II, 25). — Estas palavras encerram um bello elogio do Santo Velho Simeão. Nellas se apontam tres virtudes, que o tornaram digno de ver o que a tantos patriarchas e prophetas não foi concedido: *A justiça, o temor de Deus e a esperança.* A *justiça* é o melhor ornamento da alma, pois é a synthese de todas as virtudes. O *temor* de Deus é o melhor preservativo contra o peccado, pois: *timor Domini expellit peccatum.* A *esperança* dá valor e coragem para supportar as provas desta vida e merecer o bem desejado. A *justiça* une-nos com Jesus; o *temor* conserva-nos unidos a elle, e a *esperança* nos afervora em seu serviço. — E' com estas virtude que me hei de preparar para merecer possuir a Deus nesta vida, recebê-lo em meu coração na Eucharistia, e ir vê-lo finalmente na Jerusalém celeste.

2. Simeão vae ao Templo

E foi-lhe revelado pelo Espirito Santo que não morreria antes de ver o Christo do Senhor. E veiu ao Templo movido pelo Espirito de Deus. — Esta revelação singular foi premio de sua vida intima com o Espirito Santo, que nelle habitava, como diz o Evangelho: *E o Espirito Santo estava nelle.* Obediente á sua voz, foi ao templo, e lá, por uma luz celeste, viu no Menino, que Maria tinha nos braços, o Salvador d'Israel. Si deixasse passar esta occasião, de quanto bem se privaria! Oh! quanto devo andar attento ás inspirações do Espirito Santo!

Ao receber Simeão o aviso de Deus que no templo se achava o Esperado das nações, com que fervor para lá correria, afim de não perder talvez a unica occasião de o ver! — Ainda que Deus está em toda a parte, é sobretudo no templo que o devemos procurar.

E' lá que temos, ainda que occulto sob os véus eucharisticos, aquelle mesmo Jesus que Simeão recebeu nos braços e apertou a seu peito. Seu grande pesar era não poder viver mais tempo para presenciar as grandes maravilhas que elle havia de fazer em Israel. — Nós, mais felizes que Simeão, podemos receber Aquelle Menino em nosso coração tantas vezes quantas quizermos, sómente é preciso vivermos na justiça e temor de Deus como elle, longe do mundo e em intima união com Deus.

3. Recebe Jesus nos braços

E recebeu-o em seus braços e o abençoou. — Simeão não se contentou só com vê-lo, como lhe fôra promettido: quiz mais; quiz tomá-lo em seus braços, apertá-lo ao seu coração, cobri-lo de beijos, e mette-lo-tudo dentro de si, si lhe fosse possível. São assim as promessas de Deus: vão sempre muito mais além do que as palavras indicam. Eu então sou inteiramente ao contrario: prometto muito e não cumpro nada, ou muito pouco do que prometti.

Simeão recebeu a Jesus em seus braços. Igual dita posso eu ter, diz Hugo, pois pelos braços de Simeão se entendem as nossas boas obras. Podemos elevar-nos a Deus com bons desejos; nunca, porém, o possuiremos sinão praticando boas obras. Portanto, erro, si me contento só com fazer propositos e não desço á pratica das virtudes.

CANTO DE SIMEAO

1. Sentimentos de Simeão

1. *Agora, Senhor, podeis deixar morrer em paz o vosso servo, segundo a vossa palavra.* — Grande motivo de desejar a morte: ter encontrado a Deus, possui-lo, tê-lo nos braços, ter podido vê-lo e admirá-lo! "Agora posso morrer! Não me resta mais que esperar!" — E morreu *em paz — in pace* — que grande

felicidade! pois só pôde ser feliz a morte de quem está em paz e amizade com Deus.

2. *Porque meus olhos viram o teu Salvador, que mandaste a todos os povos.* — Verdadeiro motivo de alegria para o justo! Ver a Deus, ver o Messias, o Desejado das nações é para elle tudo! Nada mais desejaj! Todas as grandezas da terra de nada valem para aquelle que só em Deus procura a verdadeira grandeza. Que mais pôde desejar quem viu o *Salvador* de todos os povos, a *Luz* que illumina todas as nações, a *Glória* de Israel? — Quem viu a Jesus, quem sentiu as doçuras do seu amor, não pôde olhar para os bens terrenos sem um certo desprezo, sem ver nelles uma sombra de bem, que logo desaparece. Assim dizia o Apostolo: *Tenho tudo por nada para ganhar a Christo — Omnia arbitror ut stercora ut Christum lucrificiam.*

2. Simeão exalta as glorias do Messias

1. *Porque viram meus olhos o teu Salvador, que vem salvar todos os povos.* — Elle vem realmente salvar todos, e por isso vem ver o maior bemfeitor da humanidade. É para elle, pois, que todos os povos devem olhar, como autor de toda a graça e consummador de nossa santificação. Oh! si os homens procurassem, como Simeão, a sua felicidade em possuir a Jesus, como orientariam de outro modo a sua vida! Pois que pôde haver, fóra de Jesus, que satisfaça o nosso coração, e que nos dê a segurança da morte do justo? . . .

2. *A luz que illumina todas as nações.* Jesus vem realmente alumiar o mundo com a luz de sua doutrina, cujos raios têm chegado até aos mais afastados povos do globo. Muitos gentios, illuminados com esta luz divina, deixaram os erros de suas idolatrias e abraçaram a lei do Evangelho. Mas quantas nações, como nações, têm desprezado esta luz para se guiarem pelas trevas de uma philosophia athéa?!

3. *E a gloria de Israel, teu povo.* — Gloria grande deste povo foi, sem duvida, o possuir o Messias. Por

ella tornava-se o povo maior do mundo, o verdadeiro povo de Deus. Mas não soube guardar esta gloria: rejeitou-a: Não quiz acceitar o Messias, não o reconheceu como seu libertador, não acreditou na sua divindade. Por isso as maldições dos prophetas cahiram sobre elle, e a glória de Israel passou para outro povo, que foi o povo christão. Jesus é a nossa glória, e toda a nossa dita está em conhecê-lo e amá-lo. Tenho-o eu por minha glória, ou procuro noutro bem a glória que só em Jesus se encontra?

3. Como assistem José e Maria

E estavam o pae e a mãe de Jesus maravilhados pelo que se dizia delle (Luc., II, 33). — O encontro inesperado da sagrada familia com o Santo Simeão, as palavras propheticas que este pronunciou, os louvores com que se referiu ao divino Infante, tinham suspensos a José e Maria. Elles estavam assistindo a uma nova revelação do Messias no templo, por meio de Simeão, e não podiam deixar de sentir-se santamente envaidecidos ao ouvir cantar por um santo e venerando propheta as grandezas de seu Filho. Alegremo-nos nós tambem com José e Maria, e repitamos com frequencia o bello canto de Simeão, o terceiro do Novo Testamento, tão cheio de doutrina e pensamentos consoladores. Com o espirito de José e Maria, devo assistir á prégação das grandezas de Deus, procurando crescer cada vez mais no conhecimento e amor de Jesus Christo.

PROPHECIA DE SIMEAO

1. Prophecia a respeito de Jesus

E disse a Maria, Mãe de Deus: Eis que este está posto para ruina e resurreição de muitos em Israel; em signal de contradição. (Luc., II, 34). Tres partes tem esta prophecia de Simeão:

1. *Este Menino está posto para ruina de muitos.* — E' notavel como Simeão, sabendo que aquelle me-

nino era o Salvador do mundo, prophetiza d'elle, em primeiro lugar, que será a ruina de muitos. E quem são estes *muitos* para os quaes servirá de ruina? São aquelles que, tendo-o conhecido, não viveram segundo sua doutrina; e tendo recebido tantas graças, abusaram dellas para sua propria condemnação.

1. *E para resurreição de muitos.* Ainda que Jesus Christo veiu salvar a todos, chamando-nos da morte do peccado á vida da graça, todavia nem todos se hão de aproveitar dos seus merecimentos e morrerão no seu peccado. Ninguem é excluído da graça do perdão: a infinita bondade de Deus a todos a offerece, pois não quer a morte do peccador — *non vult mortem peccatoris* — mas que se converta e viva — *sed ut magis convertatur et vivat*.

3. *E em signal de contradicção.* — Toda a vida de Christo comprovou a verdade desta prophesia. Pois teve que sustentar dos peccadores uma perpetua contradicção contra si mesmo e contra sua doutrina. Herodes procura-o para a morte; os judeus querem apedrejá-lo; a sua doutrina é desprezada e reprovada pelos doutores da synagoga; e sua pessoa é objecto de todos os opprobrios, calumnias e tormentos.

A prophesia de Simeão não se limitava só áquelle tempo; mas hoje é tambem, e será sempre, verdadeira, pois Jesus continúa sendo objecto de uma constante contradicção. Jesus Christo e o mundo repellem-se, porque ensinam doutrinas contradictorias. Mas quem erra é o mundo, que com suas maximas erroneas contradiz a eterna verdade — E eu não estarei tambem em contradicção com Jesus Christo?... Si me não conformo com sua doutrina; si meus desejos e acções não estão em harmonia com o Evangelho, sou contrario a Jesus, não pertenço aos *muitos* de quem elle quer ser a resurreição.

2. Prophesia a respeito de N. Senhora

E uma espada atravessará a tua alma. — Nesta prophesia Simeão lembra as immensas dôres que Maria tem de soffrer no desempenho do alto cargo de

Mãe de Jesus. Dôres que soffrerá, não no corpo, mas na alma. Dôres agudissimas como golpes de espada. Dôres durante a vida de seu Filho pelas perseguições de que o verá ser alvo, mas sobretudo na sua sacratissima Paixão, em que sentirá na alma os inauditos tormentos que Jesus padecerá em seu corpo.

A mesma prophesia de Simeão era já uma espada, que feria profundamente o coração da Senhora. Ella ouve que seu Filho, que é o Salvador do mundo, o maior bemfeitor da humanidade, vae ser perseguido por aquelles mesmos que tanto ansiavam por sua vinda; que para muitos será causa de ruina e condemnação; que para muitos será derramado inutilmente seu preciosissimo Sangue! Quanto isto a maguava!

Mas assim convinha que a mãe do divino martyr do Golgotha fosse tambem martyr, e que ás dôres do Filho se associassem as dôres da Mãe. Assim as dôres de Maria concorreram tambem para nossa redempção, e por isso devemos sempre tê-las presentes, e lembrarmo-nos que somos a causa dellas: o que deve despertar em nós vivos sentimentos de gratidão e amor filial para com ella.

3. Prophesia a respeito dos homens

Para que se revelem os pensamentos occultos nos corações de muitos. — A espada da perseguição abre os corações e põe a descoberto as secretas affeições que nelles se occultam. Então se vê quaes são os verdadeiros discipulos de Christo, e os que o seguem de verdade e não só de palavra. Examinemos qual é o nosso amor para com Deus, e a nossa dedicação á Igreja; sondemos os sentimentos de nosso coração; vejamos quaes são as nossas affeições. Si agora soasse a hora da revelação dos nossos pensamentos occultos, que sentiríamos? . . .

ANNA PROPHETIZA

1. Quem era Anna

1. *E vivia naquelle tempo Anna, prophetiza, filha de Phanuel, da tribu de Asser.* (Luc. II, 36). — Nomeia o Evangelista o pae e a tribu de Anna, para nos dar a entender que esta piedosa matrona não era do commum do povo, mas de uma familia distincta, e que unia ao nome illustre o esplendor das virtudes.

2. *Era já avançada em idade e vivera com seu marido sete annos, sendo virgem. Ficára viuva e contava oitenta e quatro annos.* — O estado de perfeição matrimonial e a santa viuvez de Anna mereceu-lhe o elogio que o Evangelho commemora e passará de geração em geração. Tanto aprecia Deus a santidade propria de cada estado!

3. *A qual não sahia do Templo servindo a Deus dia e noite em jejuns e orações.* Esta santa viuva traçou um plano de vida, o mais perfeito que permittia o seu estado. Basta reparar nas palavras do Evangelho: a) *A qual não sahia do templo*: aqui está essa grande virtude, sem a qual nada se consegue no caminho da perfeição: a perseverança. Daqui se deduz tambem o grande *recolhimento*, em que vivia. E o templo era sua morada ordinaria. b) *Servindo a Deus dia e noite*: para mais nada queria a vida sinão para o serviço de Deus, que é todo o fim por que estamos neste mundo. c) *dia e noite*: todas as horas tinha repartidas entre diferentes exercicios de piedade, com que vivia em continua communicação com Deus. d) *em jejuns e orações*: com estes dois exercicios conservou illibada a pureza de sua alma, a castidade virginal e vidual.

E' pela abstinencia, pela mortificação do corpo, pelas vigalias e orações que a alma se adorna de virtudes e se enriquece com merecimentos.

2. Encontro de Anna com Jesus

1. *E chegando nesta mesma hora, louvava o Senhor.* — Esta bõa Israelita, pela piedade com que frequentava o templo, mereceu a grande felicidade de encontrar o Messias. O Santo Simeão tinha ainda Jesus em seus braços e estava prophetizando sobre elle e sua Mãe, quando chegou Anna. Com a luz do Espirito Santo descobriu naquelle menino o Messias, e adorou-o com respeito e amor.

2. *E bendizia ao Senhor.* — Não pôde reprimir os affectos que lhe iam na alma, e rompeu em louvores a Deus pela misericordia que fizera a seus servos. E eu que recebo a este mesmo Jesus em meu coração, como canto seus louvores, e engrandeço a sua misericordia?... Quanta frieza na fé! Quanta tepidez nos affectos!

3. *E falava delle a todos, que esperavam a redempção de Israel.* — Já não se contenta com louvar ella só ao Senhor, mas quer torná-lo conhecido de todos e que todos o louvem e amem. — Si no meu coração ardesse o amor de Jesus, como o objecto de minhas conversas seria outro, e iria pegar esse fogo em todos os corações!

4. *Que esperavam a redempção d'Israel.* — Nem todos os Judeus esperavam o divino Libertador, como era de esperar, segundo as prophcias; muitos o esperavam com indifferença, muitos como um rei temporal, e não poucos nem com isso se occupavam. Um pequeno numero o esperava como verdadeiros Israelitas: com estes communica sua felicidade, desejosa de que tambem elles se aproveitem della. Seria imprudencia falar indifferentemente a todos, sobretudo na cidade, onde reinava o impio e cruel inimigo do Salvador. — Tambem entre os christãos, quantos se pôdem chamar verdadeiros christãos, que vivem segundo a sua fé, e desejam sinceramente o estabelecimento do reino de Deus? Quantos vivem numa funesta indifferença das coisas de Deus e da alma, e só pensam nos bens da terra!

A ORDEM DE FUGIR PARA O EGYPTO

1. Ordem de Deus

O Anjo do Senhor appareceu em sonhos a José, e disse-lhe: *Levanta-te, toma o Menino e sua Mãe e foge para o Egypto.* (Matth., II, 13). — Considera todas as circumstancias desta ordem. Ainda que Deus tinha determinado que seu Filho morresse pelos homens, como ainda não era chegado o tempo, teve cuidado em lhe guardar a vida para a empregar em nosso bem. Assim tem Deus cuidado de cada um de nós: e posso crer que não uma, mas muitas vezes me salvou a vida de muitos perigos, para que eu a empregasse melhor em seu serviço.

2. E' imposta esta ordem a José e não a Maria, ainda que mais santa, porque José era o chefe da familia, e a ordem pede que os inferiores sejam governados pelos superiores, ainda que estes lhes sejam inferiores em merecimentos.

3. Ainda que Deus podia servir-se doutro meio para salvar a vida a seu Filho, como exterminar Herodes ou extinguir-lhe a ira, ou tornar o Menino invisivel, comtudo quiz respeitar a liberdade de suas creaturas e serviu-se de um meio natural de salvamento, que é a fuga. Deus não costuma fazer milagres para nos livrar das perseguições e trabalhos, porque sabe quanto nos ajudam para nossa perfeição.

2. Ordem difficil

1. Primeiramente porque foi imposta sem preambulos, mas com palavras breves, graves e imperiosas. Assim procede Deus com os varões perfeitos, para mais os exercitar na obediencia. Tal deve ser a obediencia do verdadeiro religioso; não deve ser preciso aos superiores usar de rodeios e circum-lóquios para intimar suas ordens.

2. *Levanta-te*, disse o Anjo. A quem não custa deixar o descanso sobretudo quando se passou o dia em continuo trabalho? — Até o somno devemos sa-

crificar quando a vontade de Deus nos chama a alguma obra de seu serviço.

3. *Toma o Menino e a Mãe.* — Não lhe manda tomar as alfaias da casa, os instrumentos de seu trabalho, meios de subsistencia para a viagem. — Assim devo proceder quando Deus me manda fugir do mundo e do peccado, deixando logo tudo que me pôde impedir e retardar a execução de sua ordem.

4. *E fuge.* — O fugir é sempre humilhante e signal de fraqueza; não dá tempo para despedidas de pessoas amigas e bemfeitores. E fugir com a familia ainda é mais trabalhoso; pois não é de si proprio que S. José se preocupa, mas de Jesus e Maria, que precisam de todo o amparo. — Assim prova Deus os seus servos: conhecendo-lhes a virtude, envia-lhes trabalhos para lhes dar occasião de mais merecimento.

5. *Para o Egypto.* — Logo para o exilio! e o exilio é sempre duro! Ainda que o Egypto fosse um paraíso, nunca é o paiz natal! Deus conhece o lugar em que mais nos convém estar, e seguindo sua vontade estaremos seguros de muitos perigos. Porque a verdadeira segurança não depende do lugar, sinão da protecção de Deus. Com ella estarei seguro no Egypto por obediencia; sem ella perecerei, ficando na patria por minha vontade.

6. *Fica lá até que eu te avise.* — Esta incerteza era outra causa que tornava o exilio mais custoso. Quer Deus que nos resignemos na sua vontade e que não saibamos o tempo que hão de durar nossos trabalhos, mas que nos entreguemos á sua providencia e nos deixemos guiar em tudo por ella.

7. *Herodes procura o Menino para o matar.* — Si, por um lado, esta razão suaviza a ordem dada a José, que para salvar a vida de Jesus estava prompto para todos os trabalhos, por outro lado causar-lhe-ia grande pena ao vêr que o Salvador, ha pouco nascido, já tinha um perseguidor! Todavia a perfeição da obediencia de S. José era tal, que ainda que Deus não lhe dêsse a razão do que mandava, renderia o

seu juizo e executaria sem hesitar a ordem imposta. Tal deve ser a obediencia do bom religioso: nella devem poder confiar os superiores, sem precisarem dar a razão de suas ordens.

EXECUÇÃO DA ORDEM

1. Obediencia perfeita

José, levantando-se, tomou o Menino e sua Mãe, e de noite fugiu para o Egypto. — Que perfeita obediencia! Como foi intimada a ordem, assim foi cumprida. Não fazem o menor reparo, não apresentam a menor escusa, não mostram a menor dificuldade! Maria e José, submissos á vontade de Deus, tratam de executar a ordem sem dar tempo a reflexões em contrario: e tinham tantas! — “Por que logo para o Egypto?... Por que não antes para o paiz dos Magos?... Por que partir ainda de noite?... Por que sem tempo de fazer os preparativos?...” Em nada disso pensam os santos Fugitivos; põem-se a caminho com a mais perfeita conformidade do juizo e plena submissão da vontade. — Aprenderei com este exemplo a não inquirir as razões das ordens dos meus superiores, porque, si obedeço exigindo primeiro a razão da ordem, a minha obediencia fica privada do seu maior merecimento, que é a sujeição do juizo. Hei de obedecer porque *Deus quer* e não porque *eu quero*.

2. Obediencia prompta

Logo que S. José conheceu claramente a vontade de Deus, foi comunicá-la a Maria, que a recebeu com resignação, sem manifestar a menor repugnancia. Enquanto S. José foi dar aviamento a alguns arranjos da casa e preparativos para a longa jornada, Maria foi acordar o Menino e prepará-lo para a viagem. O seu coração materno pulsaria inquieto pelo perigo que pela muita demora poderia correr a vi-

da de Jesus, e por isso ainda mesmo antes de ser manhã se puzeram a caminho. — E' com esta promptidão que executamos as ordens dos que nos governam? De não sermos promptos no obedecer nasce a desordem em nossa vida e os perigos a que nos expomos de perder as graças de Deus. Si Maria e José não obedecessem promptamente, a que perigo não expunham o thesouro que lhes fôra confiado!...

3. Motivos de consolação

Si é grande a prova a que Maria e José são submettidos, não são menores as consolações que a suavizam: 1. Porque têm a certeza de que tudo é ordem de Deus. Deus falou, e seus designios são inescrutaveis. Deus, em tudo que nos manda, tem em vista o nosso maior bem. E' por isso que Maria e José seguem confiados em sua protecção. 2. Porque é de Jesus Menino que se trata, e para lhê salvar a vida fariam com gosto os maiores sacrificios. Si é doce morrer pela patria — *dulce pro patria mori* — quanto mais doce não é soffrer e morrer por Jesus! 3. Porque têm a confortá-los o exemplo do mesmo Jesus, que tão menino começa a trilhar o caminho da humildade, da perseguição e do exílio. 4. Porque levam comsigo o mesmo Jesus e esta doce companhia basta para os consolar em toda a viagem.

Nem sempre as ordens da obediencia nos serão agradaveis. Inesperadamente nos sobresaltarão ordens difficeis, para cuja execução teremos de cortar muitas de nossas commodidades e inclinações. Sejam fortes! Aqui temos o exemplo em Jesus, Maria e José.

VIDA DA SAGRADA FAMILIA NO EGYPTO

1. Vida de resignação

E ficou lá até á morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito pelo Senhor por meio do propheta, dizendo: Do Egypto chamei o meu filho.

(Matth., II, 15). — Não se póde determinar ao certo até que tempo a sagrada Familia se demorou no Egypto. Certos autores dizem que só permaneceu lá alguns mezes, outros pensam que quatro annos, tempo que viveu Herodes.

Esta longa demora da Sagrada Familia no Egypto parece que devia contrariar Maria e José e fazer-lhes suspirar impacientemente pelo momento do regresso. Mas o pensamento de que estavam onde Deus queria tornava-lhes aquella vida supportavel e até aprazivel. Pois, ainda que estavam no exilio e sentiam muitas privações e tinham que ganhar o pão com seu trabalho, tinham a certeza de que estavam cumprindo a vontade de Deus. Jesus Menino é que mais soffreria, ao vêr a cegueira dos Egyptios, entregues ao paganismo e celebrando seus deuses com ceremonias ridiculas, quando entre elles estava o verdadeiro Deus, a quem só é devido o culto de adoração.

2. Consolação que teve no Egypto a Sagrada Familia

Mas tambem não faltam á sagrada Familia grandes motivos de consolação. 1. Em meio de seus trabalhos têm os santos exilados a confortá-los a inalteravel paz de consciencia sobre que dormem tranquillos, num abandono completo á protecção de Deus. Não os punge uma deprimente nostalgia da patria, não soltam uma só palavra de queixa, não desabafam em desejos impacientes da volta. 2. Consolam-se com as colonias judias ali estabelecidas, com quem tratam e vivem em relações de amizade. 3. Lá têm tambem um templo grandioso em Heliopolis, em que podem assistir ás ceremonias religiosas do culto mosaico. 4. Mas o que sobretudo lhes torna doce o exilio é a companhia do Salvador, cujo trato os inunda de indiziveis consolações. Elles o vêem crescer e desenvolver-se; amparam-lhe os primeiros passos, ouvem-lhe as primeiras palavras, e enlevam-se nos doces encantos e graças que em seu rosto infantil se re-

flectem. Desta maneira costuma Deus misturar o doce com o amargo. Feliz de quem se deixa governar por sua amorosa Providencia! Assim é que dizia S. Agostinho: *Fazei de mim, Senhor, o que quereis, porque sei que me tendes amor.*

3. Edificação que deu a Sagrada Família

A presença da Sagrada Família no Egypto foi causa de muitas benções para aquella terra.

Com o exemplo das virtudes domesticas trariam muitas daquellas gentes ao conhecimento do verdadeiro Deus.

Com seu trato fino e nobre conquistaram as sympathias dos egypcios, e com o exemplo das virtudes que praticavam moveriam muitos a imitá-los.

Especialmente o Menino Jesus santificou os desertos do Egypto, para mais tarde serem os jardins de tantas flores de santidade.

Assim procurarei que minha vida seja para os outros um estímulo á virtude, e que meu trato nobre e delicado seja uma arma poderosa para conquistar para Deus os mais empedernidos corações.

MORTE DOS INNOCENTES

1. Paixão de Herodes

Então Herodes, vendo que fôra illudido pelos Magos, encheu-se de grande ira. (Matth., 2, 16). — Ansioso e inquieto, esperava Herodes a volta dos Magos, quando estes por ordem de Deus seguiram por outro caminho para suas terras. Vendo-se por este modo illudido e desprezado, Herodes, fervendo em ira, concebe um plano da mais requintada crueldade. Lavra um decreto de morticínio para os meninos de Belém, afim de tambem nelles envolver o novo Rei nascido. Eis aonde pode levar a paixão! Este impio rei, não soffrendo que outro lhe venha usurpar o throno, resolve-se a praticar o mais execrando e inaudito cri-

me de que ha memoria. Quando se não domam as paixões, de tudo é capaz o coração humano!...

E quantas vezes os planos dictados por paixões deshumanas ficam sem effeito! Herodes quer aniquillar a Christo, expungir o seu nome da memoria dos homens no massacre horrivel dos Innocentes. Estes cáem de facto victimas do ambicioso attentado; mas o novo Rei nascido vae caminho do Egypto, velado pelas asas amorosas da Providencia, que o não deixa ser attingido pelo punhal infanticida. — Nada tem que temer dos homens quem se fia em Deus. *Domini protector meus, a quo trepidabo? — O Senhor é o meu defensor, de quem temerei?*

2. Morte dos Innocentes

E mandou matar todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus arredores, de dois annos para baixo, segundo o tempo que inquireira dos Magos. — Que enorme covardia! um rei empregando toda a sua força contra debeis creancinhas incapazes de se defenderem! Como os balidos daquelles cordeirinhos e o pranto inconsolavel das mães penetraria o Céu, pedindo vingança contra o impio e deshumano perseguidor! A que excessos pôde levar o vicio abominavel da ambição, a soberba de um homem que se julga com direito de sacrificar a vida de seus semelhantes aos proprios interesses! Mas Deus, sem parecer intervir, transforma todos os projectos do barbaro perseguidor de seu Filho, e dirige tudo para a execução de seus proprios designios.

As prophcias cumprem-se, o nascimento do Salvador é annunciado em todo o mundo e os gritos das mães e o sangue de seus innocentes filhinhos chegam até ás collinas de Roma, e o facto é relatado nos annaes do Senado. Assim tira Deus da perseguição dos justos a glória do seu nome e a propagação da sua Igreja.

3. Feliz sorte dos Innocentes

Felizes Innocentes, que morreram pelo seu capi-tãozinho Jesus! Ainda que naturalmente falando sejam dignos de compaixão, todavia, considerados sobrenaturalmente, são dignos de uma santa inveja! Quem não desejaria dar o seu sangue por tão santa causa?.

Para fazermos idéa de sua felicidade consideremos: 1º o que poderiam ser no futuro, si não déssem a vida por Jesus. Diz S. João Chrysostomo 1) que estes meninos talvez no futuro se perverteriam, e por isso foi para elles um beneficio a morte prematura. 2º Foram santos e santos tão poderosos, que a Igreja invoca sua protecção nas ladainhas, e sua intercessão para a hora da morte. 3º Mereceram a sorte das almas puras, e gozam no céu de todas as prerogativas dos virgens. 4º Foram baptizados no seu proprio sangue, com o que conquistaram a glória, antes de chegar ao uso da razão. — Quantas vezes o que nos parece um mal é grande beneficio de Deus, e do bem temporal, que julgamos perder, resulta o nosso bem eterno!

REGRESSO DA SAGRADA FAMILIA

1. Morte de Herodes

Morto, porém, Herodes, eis que o Anjo do Senhor apparece durante o somno a José, no Egypto, dizendo: Levanta-te e toma o Menino e sua Mãe, e vae para a terra de Israel, porque são mortos os que buscavam tirar a vida do menino. — E' Deus quem regula os acontecimentos e quer aguardemos com paciencia e submissão suas ordens. Tudo tem o seu fim neste mundo! O poder dos homens, seus favores, suas iras, têm seu tempo marcado, assim como sua vida! Herodes pouco sobreviveu a suas barbaras ambições e morreu em Jericó devorado de vermes, tentando por diversas vezes suicidar-se. O proprio Josepho, historiadador, vê na morte horrorosa deste tyranno um cas-

1) Hom. 9.

tigo de Deus. — Nunca os ímpios conseguem triumphar na sua perseguição contra a Igreja e seus membros. Elles vão cahindo no tumulo e a Igreja continúa vivendo através dos seculos.

2. Como recebem a ordem

Emfim, terminando o tempo do exilio, appareceu o Anjo do Senhor a José e mandou-o voltar para Israel. Tanto elle como a Virgem Santissima viviam inteiramente entregues á Providencia, sem se preocuparem com o regresso á patria, como si ali houvessem de passar toda a vida. Por isso foi para elles uma surpresa esta ordem do Anjo. Receberam-n'a, é natural, com alegria, mas alegria moderada e humilde. — Esta é a sorte dos que se entregam á Providencia, e se deixam guiar pela vontade de seus superiores. A prova terá o seu termo, e a paz do coração será restabelecida.

3. Partida do Egypto

Feitas as despedidas convenientes, a Sagrada Familia poz-se a caminho, de volta a Israel. Mas José, sempre solícito pela vida do Menino Deus, pensou que este não estava bastantemente seguro no paiz, onde reinava um principe que herdára, com o throno, a crueldade de seu pae. A terra de Israel comprehendia varias provincias governadas por outros soberanos. Qual dellas deve escolher? Vendo-se perplexo, S. José acudiu á oração e Deus por um Anjo lhe designou a Galiléa: *E foi habitar uma cidade que se chama Nazareth, para se cumprir o que fôra annunciado pelos prophetas: Será chamado Nazareno.*

S. José dá-nos uma grande lição neste seu proceder: 1º, da circumspecção com que devemos proceder em todas as coisas; 2º, do recurso á oração em nossas duvidas e perplexidades; 3º, de uma grande confiança em Deus, que nos virá tirar de nossas duvidas e embaraços, pondo-nos em logar seguro para nossa salvação.

IDA DA SAGRADA FAMILIA AO TEMPLO

1. Espirito religioso da Sagrada Familia

E iam seus parentes todos os annos a Jerusalém, no dia solenne da Paschoa. — (Luc. II, 41). — A Sagrada Familia foi sempre observantissima de todas as praticas religiosas que a lei prescrevia. Assim todos os annos ia a Jerusalém assistir ás grandes solennidades da Paschoa, do Pentecostes e dos Tabernaculos.

S. José ia com espirito de obediencia á lei, que obrigava principalmente os homens. — Maria acompanhava S. José com espirito de religião e piedade, pois a lei não obrigava as mulheres. Não se contentava a piedosa Virgem só com o estrictamente obrigatorio, mas procurava todas as occasiões de prestar a Deus o culto que lhe é devido, e de edificar o proximo com o exemplo de suas virtudes. — O Menino Jesus ia com espirito de obediencia a seus paes, que o queriam em sua companhia, e com ardente amor a seu Eterno Pae, afim de o glorificar em seu Templo. — Com que espirito e com que frequencia assisto aos actos religiosos? com que pontualidade cumpro os preceitos da Igreja?...

2. Voltam do templo Maria e José

E terminados os dias voltararam para casa. — Maria e José, podendo voltar para sua terra antes que terminassem os sete dias que duravam as festas da Paschoa, perseveraram até ao fim dellas, para nada defraudarem aos actos religiosos que em honra de Deus eram celebrados no templo. Cumpriram toda a lei. — Não é perdido o tempo que se gasta em assistir ás ceremonias religiosas e são muitas as benções que Deus concede aos que nellas perseveram com espirito de fé! Demos a Deus o que é de Deus, demos-lhe o sacrificio inteiro e não em fracções, pois de tudo nos ha de pedir conta. O que tiro a Deus, a quem o dou sinão ao mundo, aos sentidos, á vaidade?...

3. Jesus fica no templo

Tendo passado os (sete) dias da festa, voltando José e Maria para casa, o Menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus paes o soubessem. — Este facto do Evangelho está cheio de mysterios e ensinamentos. Segundo S. Gregorio, o Verbo eterno veio ensinar-nos não só com palavras mas tambem com obras. Ipsa etenim facta ejus praecepta sunt. 1) — As suas obras são preceitos.

Jesus, ficando no templo de Jerusalém, sem primeiro pedir o consentimento de seus paes, e sabendo a pena que teriam com sua ausencia, quiz, 1º. ensinar aos homens a pôr os interesses da glória de Deus acima das affeições naturaes, ainda as mais santas e legitimas. 2º. Quiz em particular ensinar ás pessoas que aspiram á perfeição que devem morrer a affectos de carne e sangue e converter em espirital o amor natural aos parentes, amigos e bemfeitores. Porque mudar o affecto filial e carnal em espirital não é destrui-lo, mas aperfeiçoá-lo, tornando-o mais meritorio. 3º. Não avisou Jesus a seus paes — a) para os não desgostar com parecer desobediente, si, pedindo-lhes licença para o que tinha ordem de seu eterno Pae, lh'a negassem; — b) porque, si os avisasse, ficariam de certo com elle todo o tempo que fosse preciso, o que o impediria de executar livremente o que pretendia para gloria de seu Pae celeste.

Nisto nos ensinou Jesus como devemos proceder, quando presumirmos que nossos parentes ou amigos tentam impedir-nos o cumprimento dos nossos deveres para com Deus.

1) S. Gregorio, hom. 17.

JESUS PERDIDO

1. Maria e José procuram Jesus

E vindo a tarde procuraram o Menino entre os parentes e conhecidos, e, não o encontrando, voltaram a Jerusalém, à sua procura. — Talvez pareça estranho que Maria se não fizesse acompanhar de Jesus, sendo que tão ternamente o amava. Mas como os meninos se juntaram com os homens, confiava que viria em companhia de S. José. Quando, porém, depois de um dia de viagem, se reuniram os da mesma terra, é fácil de imaginar a angustia da terna mãe ao ver que Jesus não apparecia em toda a comitiva. A prova, que a Providencia lhes enviava, não podia ser tão sensível. Todavia acolhem-n'a: 1º *com paciencia e resignação* na vontade de Deus, que assim os quer provar; 2º *com humildade*, pois se crêem indignos da presença de Jesus; 3º *com diligencia e perseverança*, em o ir procurar, tendo por nada dar a volta ao mundo, si tanto fosse preciso para o encontrar.

2. Como se deve procurar Jesus

Donde vem que, perdendo nós a Jesus pelo peccado, nos mostramos tão insensíveis e negligentes em o procurar?... Não será porque o não amamos como elle merece?...

Perder a Jesus é, na linguagem dos Santos, separar-se d'elle pelo peccado mortal, ou esfriar em seu amor pelo venial: ainda que deste segundo modo o não percamos totalmente, contudo vivemos longe d'elle e sem experimentarmos as doçuras e consolações de sua presença. Por qualquer modo que percamos a Jesus, Maria nos ensina a procurá-lo. Como ella o procurou, o devemos nós procurar tambem. Ella, para encontrar a Jesus, 1. *voltou atraz*; 2. *procurou-o com dôr*, 3. *procurou-o logo* que deu pela sua falta: 4. *procurou-o no templo*.

Estes são os modos por que deve procurar a Jesus quem o perdeu. E' necessario *voltar atraz* no ca-

minho do peccado; é necessario procurar a Jesus com *a dôr* do arrependimento; é necessario procurá-lo logo que o perdeu, porque pôde não ter tempo para o achar mais tarde; é necessario procurá-lo *no templo*, isto é, no sacramento da penitencia e da eucharistia.

3. Revelação de Jesus

Deixemos Maria e José na sua dolorosa pesquisa e vamos assistir ao que se passa em Jerusalém.

A permanencia de Jesus no templo teve por fim uma revelação de sua vinda ao mundo, de sua missão e de sua divindade.

Até agora Jesus revelou-se ao mundo por meio dos Anjos, dos Pastores, dos Magos, de Simeão: agora revela-se por si mesmo. É que revelação! Primeiramente é todo *amavel*, pois que doce espectáculo seria ver um menino de doze annos falando das Escripturas com tanta intelligencia! Em segundo lugar foi uma revelação *brilhante* pela sabedoria que revela em tão poucos annos e pela admiração que desperta em toda a assembléa.

Esta revelação do Salvador é um como ensalo de sua vida publica. Elle faz agora, por breve tempo, o que mais tarde fará por toda a vida: desprende-se de seus parentes, vive sem casa, sustenta-se de esmolas, ensina a sua nova doutrina com geral admiração dos ouvintes. Nisto quiz tambem mostrar a seus paes que não é só a elles que obedece, mas depende de uma autoridade superior que é seu Eterno Pae.

JESUS ENCONTRADO

1. Circumstancias do encontro

E succedeu que ao terceiro dia o encontraram no templo, sentado entre os doutores, ouvindo-os e interrogando-os — 1. O tempo, em que a Senhora encontrou seu Filho, foi ao terceiro dia depois que o perdeu. Foram estes tres dias de crueis dôres para o seu coração. A' medida que passou o primeiro e o

segundo dia foi crescendo a ansia e pena pelo bem perdido. O tempo em que devemos procurar a Deus é toda a vida. Nenhum dia devemos passar sem o procurar com boas obras, até o irmos encontrar no templo da gloria. 2. *O lugar*, onde Maria finalmente encontrou Jesus, foi o templo, que é a casa de Deus. E' tambem nella que o devemos procurar e não no meio dos regalos e vaidades do mundo, pois, como diz S. Job: *Non invenitur in terra suaviter viventium*. 3. Encontrou-o *occupado* em dar glória a Deus, assistindo á explicação da Escripura, ouvindo e interrogando os doutores da lei, sendo elle o mestre que melhor os podia ensinar. Assim, não se encontra a Deus na ociosidade e nos passatempos, mas na pratica dos mandamentos e no exercicio das virtudes.

2. Palavras de Maria

Filho, por que procedeste assim comnosco? Teu pae e eu te procurámos com dôr. — 1. Nestas palavras não quer Maria reprehender seu Filho, mas somente mostrar-lhe o *interesse* e solicitude que tem por elle, o *amor* que lhe consagra e a *dôr* com que o procurou. 2. Não pretende saber a causa por que Jesus assim procedeu: foi apenas um desabafo de seu coração maguado, a que sua dignidade de mãe lhe dava direito. Assim o fizeram os Santos em suas tribulações, e o mesmo Jesus Christo, na cruz, se queixou a seu Eterno Pae de o ter abandonado. 3. Expoz a sua queixa com *humildade*, pois se colloca em ultimo lugar, dando a precedencia a S. José: *Teu pae e eu*. 4. Mostrou-se um perfeito modelo de todas as mães, que devem saber a razão da ausencia de seus filhos e ser tão sollicitas do bem de seus corpos como do das suas almas.

3. Palavras de Jesus

Por que me procuraveis? — Não quiz Jesus com estas palavras reprehender seus parentes nem desaprovar o cuidado que tiveram em o procurar. Como si dissesse: "Não foi por descuido vosso que is-

to succedeu; si fiquei no templo, não foi por me perder de vós, mas muito de proposito, pois era vontade de meu Pae”.

Não sabieis que me convinha estar onde era vontade de meu Pae? Dá-lhes finalmente a razão de todo este mysterio, que é cumprir a vontade de seu Pae, á qual tudo se deve antepôr, ainda mesmo a vontade dos parentes. Ah! quantas vezes tenho eu seguido outra ordem, antepondo á divina e santissima vontade de Deus os meus gostos e as minhas paixões!

E elles não entenderam a palavra que lhes disse. A primeira palavra que o Evangelho refere de Jesus Christo foi tão majestosa, indicando sua vocação messianica, no meio da santa e tranquilla escuridão da vida escondida, que não admira ficarem Maria e José como *perplexos* com esta tão inesperada revelação. Maria e José não entenderam então porque Jesus naquella idade tinha, entre os doutores, revelado tão esplendorosamente sua grande sabedoria; mas nem por isso exigiram alguma explicação. Era vontade de Deus, e tanto bastava para sujeitarem seu juizo. — Muitas vezes ficarei sem entender a razão de muitos successos que Deus permite, e de muitas resoluções que os superiores tomam. Que fazer? Submitter o juizo, e esperar que Deus, a seu tempo, si fôr sua vontade, nos dê o esclarecimento de tudo.

VIDA EM NAZARETH

1. Jesus procura o retiro

E sahio com elles da cidade e foi para Nazareth. — Jesus foi a admiração de todos pela revelação que no templo fez de sua divina sabedoria. Parece que este successo extraordinario devia movê-lo a iniciar suas prégações, mas não é assim. Pondo-se de novo á obediencia de seus paes, sahio com elles da cidade e foi estabelecer-se em Nazareth, numa quasi solidão. Aqui permaneceu até que seu Pae celeste o

chamou a encetar as excursões da vida apostollica. — Com este seu procedimento Jesus nos ensina — 1. que antes de apparecer em publico, para reformar os outros, deve cada um excitar-se nas virtudes solidas, vivendo em intima união com Deus; — 2. que não nos devemos entregar inconsideradamente a certas obras de zêlo, com risco de cahir nos laços do demonio e de nos perdermos quando queremos salvar os outros; — 3. que se não deve, com o fim de praticar obras de zelo, faltar ás obrigações do proprio estado; — 4. que não está o servir a Deus em praticar obras estrondosas e que excitem o applauso, mas em viver na humildade e no retiro da oração.

2. Estabelece-se em Nazareth

O Filho de Deus, que preferiu para nascer o lugar mais vil na estima dos homens, escolhe para lugar de sua residencia, até aos trinta annos, a cidade de Nazareth, de tão pouca celebridade que della se não faz menção no Antigo Testamento, e de tão pouca reputação que della se dizia: *Póde lá vir coisa boa de Nazareth?* — Mas Jesus quer confundir a nossa vaidade, que nos leva a frequentar as grandes capitães sob pretextos mais ou menos capciosos de maior zêlo, de saúde, de nos tornarmos mais uteis á sociedade; mas, de facto, para ahí captarmos estima, louvores e applausos dos homens, quando não para satisfazer a curiosidade e dar mais abundante pasto ás paixões.

3. Mystério da vida occulta

A vida occulta de Jesus em Nazareth é um profundo mysterio! Elle veiu ao mundo não só para o resgatar com sua morte, mas tambem para o conduzir, com a luz de sua doutrina, ao conhecimento da verdade, ao culto do amor de Deus. O curso de sua vida não se prolongaria além dos trinta e tres annos, e por isso parece que não havia tempo a per-

der para se apresentar no meio dos homens como Enviado de Deus. Mas nisto está o mysterio! Até aos trinta annos permanece occulto e desconhecido numa officina de carpinteiro!

Jesus primeiro quiz ensinar com o exemplo o que mais tarde havia de ensinar com palavras. As desordens do mundo, que vinha remediar, provinham do orgulho e ambição, por isso antes de mais nada começa por ensinar aos homens a corrigir este vicio capital com a virtude da *humildade*. E que humildade! Elle occulta nesta vida de retiro suas qualidades pessoasas: — 1. sua *divindade*: ninguem, fóra de Maria e José, sabe de sua origem divina, e os que o conhecem têm-n'o pelo honesto filho de um carpinteiro. — 2. occulta sua *sabedoria*: depois de brilhar no templo com tanto esplendor, foi de novo eclipsar-se entre os montes da Galiléa, não deixando transparecer um raio della nem mesmo no recinto restricto de seus concidadãos. — 3. Occulta seu *poder*, pois de nenhum milagre temos noticia que fosse feito nesta longa phase de sua vida. — 4. Occulta sua *santidade*, pois não dá mostras dellas sinão quanto convém a um joven piedoso e exemplar. De tal maneira se occulta, que Nathanael, que vivia perto de Nazareth, em Caná, nada mais sabe delle sinão que é o filho do Carpinteiro. — Oh humildade! Quem pôde, com tal exemplo, procurar a glória e estimação dos homens? Si o Filho de Deus assim se esconde, como pretendo eu ser conhecido? Nesta escola devo aprender, a este divino mestre devo seguir, pois isto mesmo que me está pégando com o exemplo me ha de mais tarde ensinar com palavras.

VIDA OCCULTA

1. Vida de obediencia

E era-lhes obediente. — Em tão breves palavras está comprehendida a vida do Salvador até aos trinta annos. E' que a obediencia é filha da humildade, e não pôde ser obediente quem não é humilde.

A Sagrada Escripura, mencionando em especial a obediencia do Salvador, sem fazer a menor allusão a outras virtudes, dá-nos a entender que esta lhe era especialmente cara e que della nos quiz deixar um exemplo frisante, visto a grande necessidade que della temos.

A vida de obediencia é a mais segura, porque o homem que se põe debaixo da autoridade estabelecida por Deus, e se deixa governar por ella, segue pelo caminho da salvação. *Quem vos ouve, a mim ouve. — Qui vos audit, me audit.*

2. Qualidades da obediencia de Jesus

Quem obedece? E' a Sabedoria infinita, a Omnipotencia e a Santidade de Deus. Não é um simples homem que obedece a outro homem, mas um Homem-Deus, o Creador do céu e da terra, que obedece a suas creaturas! Obedece quem não tinha necessidade de obedecer! Obedece quem, não tendo outro sêr superior a si, se põe em estado de sujeição! Tomou a forma de servo, e, como servo, se sujeitou a seu senhor! Oh! si Adão, olhando para a sua origem, para o seu barro, para o seu nada, se submettesse a Deus e á lei que lhe impoz... Quantos males se teriam evitado! Jesus veio-lhe emendar o erro de não obedecer a Deus, pondo-se á obediencia do homem!

A quem obedece? A seu Pae celeste e áquelles que o representam na terra: *Maria* e *José*. Santos, mas creaturas! Santos e prudentes, mas que nem de longe se aproximam da Sabedoria e Santidade do que lhes obedece. Diferença infinita! Jesus comprehende tudo muito mais perfeitamente que elles, tanto no acerto em dar ordens, como no modo mais perfeito e mais rapido de executá-las. E todavia obedece sem pôr a menor difficuldade, sem mostrar que seria mais acertado cumprir a ordem de outro modo.

Em que obedece? Em tudo: seja agradável ou desagradável, seja humilhante ou honroso, seja facil ou difficil. O valor e merecimento da obediencia não está na

obra que se pratica, mas na perfeita submissão á vontade de quem obedece. Jesus não põe limites á sua obediencia. O' exemplo! E tu, christão, sabes qual é a vontade de Deus e da Igreja, e não obedeces? Obedeces a um preceito, porque te agrada, e desobedeces a outro, porque te custa?

Por que obedece? Não obedece por temor, por interesse proprio, por esperança de recompensa: obedece — 1. para glorificar a Deus, seu Pae, respeitando na pessoa, que manda, o seu representante. 2. Pela belleza e excellencia da obediencia, na qual o homem offerece a Deus o sacrificio mais excellente, que é o da vontade propria. 3. Por nossa causa: todo o homem tem necessidade de obedecer, e é da virtude da obediencia que depende a prosperidade dos povos e dos individuos. Ora, o exemplo da obediencia de Jesus é o melhor estimulo para tambem nós obedecermos, pois só no caso de sermos conformes com elle é que seremos salvos.

Como obedece? 1. Com perfeita sujeição *de juizo*, tendo como justo e razoavel tudo que lhe é mandado, ainda quando não seja o melhor e mais prudente. 2. Com perfeita obediencia *de vontade*, concordando em tudo com o parecer de seus paes, não tendo outro querer, nem outro sentir differente do delles. 3. Com perfeita obediencia *de execução*, cumprindo pontual e promptamente quanto lhe é mandado, sem escusas e murmurações, com alegria interior do coração, e exterior do rosto. 4. Com *perseverança*, pois permanece debaixo da autoridade de seus paes mais tempo que outros meninos, até á idade de trinta annos. — Que escusa posso eu ter para me subtrahir á obediencia e seguir a minha propria vontade? De que me serve uma obediencia forçada, de má vontade, exterior na execução, e não interior da vontade e do juizo?

VIDA DE PROGRESSO

1. Jesus progride

E Jesus progredia na sabedoria e na idade e na graça. — Jesus Christo, gozando da visão de Deus desde o primeiro instante da sua incarnação, possuía a plenitude da sciencia, da graça e da santidade; e podia crescer nellas realmente, como succede connosco, que, á medida que vamos crescendo em idade, adquirimos novos conhecimentos nas varias sciencias humanas.

O progresso de Jesus é sómente exterior. A' medida que cresce nos annos, vae dando mostras de maior sciencia, de mais perfeição nas virtudes, de mais robustez no trabalho. Foi como o sol, que sendo o mesmo fóco de luz, vae pouco a pouco mostrando maior claridade. — Com esta sua vida de progresso nos quiz Jesus ensinar — 1. que devemos aproveitar a vida para progredirmos na virtude, e não ser como aquelles que assim como crescem na idade crescem em vicios e peccados; 2. que não está o nosso progredir em crescer nas honras e adquirir maior estima e autoridade, mas em diminuir nossas faltas voluntarias, corrigir nossos defeitos, domar nossas paixões, afastar os obstaculos de virtude, e adquirir de dia para dia novos augmentos de graça e merecimentos.

2. Crescia na sabedoria

Jesus foi seguindo os mesmos passos que nós, e por consequente, segundo os annos que ia vivendo, mostrava maior desenvolvimento no organismo sensitivo, nos sentidos, na fantasia, no cerebro. E ainda que tudo sabia pela união hypostática com o Verbo, comtudo foi adquirindo pouco a pouco o conhecimento experimental do que já sabia por sua sciencia divina. Aos olhos dos homens parecia não fazer outros progressos sinão os que faz qualquer menino cujo desenvolvimento intellectual depende da idade e da experiencia que vae tendo das coisas; mas tinha em si,

como diz S. Paulo, todos os thesouros da sabedoria e sciencia. 1). — Dever nosso é procurar crescer na salvação, no conhecimento e temor de Deus e de tudo que se refere á nossa santificação.

3. Crescia em idade

Diz o Evangelista S. Lucas que Jesus progredia na idade, pois Jesus tinha um corpo real e não apparente, como disseram alguns herejes; e por isso, á medida que iam decorrendo os annos, ia depondo as debilidades proprias da infancia e tomando a robustez de um joven e de um varão perfeito, com todo aquelle desenvolvimento necessario para a vida laboriosa de carpinteiro e mais tarde para as fadigas da vida apostolica. — Tambem nós devemos abandonar as fraquezas da infancia espiritual, que são as nossas faltas e defeitos, e não ser *meninos fructuantes que se deixam arrastar por todo o vento de doutrina*, mas crescer como Christo, não conservando da infancia sinão a innocencia como diz o Apostolo: *irmãos, não sejaes meninos no sentido, mas sim pequeninos na malicia*.

Fratres, nolite pueri effici sensibus, sed malitia parvuli estote: sensibus autem perfecti estote (1. Cor. 14, 20).

VIDA DE SANTIDADE

1. Crescia em graça

E Jesus progredia em graça. — Jesus quiz ser um modelo perfeito para todos os homens e idades. Assim foi revelando sempre maior santidade ao passo que ia crescendo. Contendo os esplendores de sua excellencia dentro da nuvem de sua humanidade, ia mostrando pouco a pouco o que era, tornando-se um joven nazareno perfeito, virtuoso, irreprehensivel em

1) Col. II, 3 *In quo sunt omnes thesauri sapientiae et scientiae.*

seu exterior, vigoroso no corpo, esbelto, sem deformidade alguma, sem aspereza no trato, sem inconsideração nas palavras, sem desalinho no porte. Todos que o viam podiam dizer com S. João: *Vimos sua gloria, gloria propria do Unigenito do Pae, cheio de graça e de verdade.* 1)

Assim era Jesus, em seu exterior, um reflexo vivo do seu interior, pura graça e verdade, que de tal modo enchia toda a sua pessoa, que resumava pelo exterior e ungia como balsamo sua divina presença.

Ainda que o exemplo, que se nos propõe, é tão perfeito, devemos esforçar-nos por, ao menos de longe, segui-lo, procurando — 1. crescer na graça e actos de virtude, tornando-nos agradaveis a Deus pela santidade do coração, e agradaveis aos homens pelo trato alegre, franco e caridoso; — 2. crescer na idade sem decrescer na virtude, procurando que os annos não nos decorram estereis e sem avançarmos na virtude; — 3. crescer na verdadeira sabedoria e estimação justa das coisas deste mundo, avaliando em muito as eternas, e em pouco ou nada as temporaes.

2. Diante de Deus e dos homens

Diz o Evangelista S. Lucas que Jesus progredia na sabedoria, na idade e na graça *diante de Deus e dos homens*, para significar que os actos de virtude que praticava dirigiam-se a dois fins: a dar gloria ao eterno Pae e a edificar os homens. — Assim nos ensina a evitar dois extremos viciosos: um, dos fervorosos indiscretos, que presumem ser virtuosos somente diante de Deus, sem fazer caso da edificação dos homens, não se lembrando que não se pôde amar a Deus sem amar o proximo; outro, dos fervorosos fingidos ou hypocritas, que põem todo o cuidado em parecer virtuosos diante dos homens para captar seus louvores, sem attender a crescer na pureza do coração diante de Deus.

1) Jo. I. 14. *Et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti a Patre plenam gratiam et veritate.*

O exemplo de Jesus nos ensina a ir por entre estes dois extremos, abraçando-os a ambos sem um prejudicar o outro, procurando ser tão santos diante de Deus como diante dos homens, com obras que os edifiquem, não para que nos louvem por ellas, mas para que por ellas glorifiquem a Deus.

VIDA DE TRABALHO

1. Jesus escolhe um officio

Jesus, determinando demorar-se em Nazareth até aos trinta annos, idade em que os judeus entravam no exercicio das funcções publicas, quiz occupar este tempo num officio mechanico, já para ganhar a vida, já para evitar a ociosidade, já enfim para se parecer em tudo comnosco, não se eximindo da lei do trabalho a que todo homem está sujeito.

Entre os varios modos de ganhar a vida, Jesus escolheu um dos mais humildes, que foi o officio de carpinteiro, exercitado por S. José, de quem se fez aprendiz. Desde os primeiros annos ia-o auxiliando neste trabalho, já lançando as linhas, já tirando pela serra, já acepilhando algum madeiro. A' medida que ia crescendo, revelava maior aproveitamento no exercicio de sua arte, até que, morto S. José, ficou chefe da officina. Oh! quem não pasma ante este exemplo do Homem-Deus! Quem pôde fugir do trabalho, por mais duro e humilde que seja, si o Filho de Deus se sujeitou a elle durante a maior parte de sua vida?

2. Caracteres do trabalho de Jesus

Jesus trabalha, pois, em Nazareth, e seu trabalho é — 1. *util e necessario*: Jesus não trabalha para recrear-se, mas para ganhar a vida e sustentar-se a si e a sua mãe; — 2. é um trabalho *ordinario*, para o qual não se requerem grandes aptidões. Jesus trabalha não para mostrar suas habilidades e revelar scienciã, mas para servir seus freguezes, o que não

impedia que a obra fosse em tudo perfeita; — 3. era um trabalho *uniforme*: Jesus não exerceu outra arte. Na casa de Nazareth não havia grande diferença de um dia para o outro. Tirando os dias em que a sagrada Família ia a Jerusalém assistir às solennidades prescriptas, o horario de cada dia era, a bem dizer, invariavel; — 4. era um trabalho *fatigante*, feito com toda a applicação e seriedade. E' olhar para as mãos deste divino official: como estão calejadas com o duro manejo dos instrumentos! Sua fronte está queimada pelos ardores do sol! No seu rosto tremeluzem as gotas de suor! Seu peito está arfando pelo esforço com que trabalha! Verdadeiramente pôde dizer: *Pauper sum et in laboribus a juventute mea. Sou pobre e trabalho desde a minha juventude.*

3. Trabalho e oração

O trabalho de Jesus era santificado pela constante oração com que estava continuamente offerecendo a seu eterno Pae todas as fadigas e suores, para salvação do mundo. Este o resumo de sua vida: Trabalhava e orava.

Nas fadigas do corpo bendizia a justiça de Deus seu Pae, que tinha condemnado o homem a regar com suores a terra de que recebe o alimento. Quando recebia alguma ordem ou encommenda, adorava a vontade de Deus, que pelas creaturas lhe manifestava sua vontade. Quando recebia algum salario, dava graças a Deus que assim lhe proporcionava meios de subsistencia. O trabalho, tomado com o espirito com que Jesus o tomava, é uma fonte perenne de merecimentos para o céu. Mas quantos trabalham no mundo só para a terra, para o interesse, para o vicio! — O' Jesus, que nesta escola de Nazareth fostes o nosso mestre e exemplar na virtude, no trabalho e na oração, ensinae-nos a ordenar a nossa vida de modo que cada dia crescamos nas virtudes e santifiquemos o nosso trabalho com a oração e inteira conformidade com a vontade de Deus.

SEGUNDA PARTE



ENSINAMENTOS

PRÉGAÇÃO DE S. JOAO BAPTISTA

1. Preparação

Naquelles dias veiu S. João Baptista prégando no deserto da Judéa 1). — S. João Baptista foi escolhido por Deus para preparar o caminho e dispôr o povo para a vinda do Messias, que viria em breve encetar sua vida apostolica. Comprehendendo sua alta missão, preparou-se para ella — 1. com uma vida innocente, qual convinha ao Precursor do Filho do Altissimo, o Santo dos Santos: tal deve ser tambem a vida do apostolo, e prégador da divina palavra. Para isso foi viver no deserto, longe das occasiões de peccado; — 2. com a oração fervorosa e continua para conservar-se na innocencia e alcançar a conversão dos peccadores: pois é pela oração, mais que pelas palavras, que as almas se convertem: — 3. com a penitencia, praticando primeiro em si o que havia de prégær aos outros; penitencia no comer, no vestir e no dormir: seu alimento era o mel silvestre; seu vestido, uma pelle de camelo, seu leito, a terra nua! Tal vida de innocencia, oração e penitencia deve ser a preparação de todo o varão apostolico, si quer ver fructificar seu trabalho.

2. Assumpto de sua prégação

E dizendo: Fazei penitencia, pois aproximou-se o reino dos céus. — A penitencia era o assumpto favorito de suas prédicas, como tão necessaria para receber o reino dos céus, isto é, o Messias. — E' com a penitencia que me hei de preparar para receber este

1) Matth. III, 1.

mesmo Senhor, que veio ao mundo e ficou nelle para alimento de nossas almas.

Elle appella para as terriveis verdades do juizo final, do inferno e da morte, para mover seu auditorio á verdadeira penitencia. Oh, como estas verdades são poderosas para render os corações! São as que, resoando continuamente a meus ouvidos, me hão de afastar do peccado e levar a fazer verdadeira penitencia! Como as medito?...

1. Lembra-lhes o juizo final: — *Raça de viboras, quem vos ensinou a fugir á ira futura?* — dizia elle aos Phariseus e Saduceus, que o vinham escutar e receber o seu baptismo. Contra estes ouvintes de má fé, que envenenavam tudo com o virus de suas doutrinas e falsas interpretações, invectivava elle com vehemencia, chamando-lhes *raça de viboras*, isto é, máus filhos de máus paes, em que a malicia e perversidade são hereditarias. Peccavam a sangue frio e como si estivessem seguros da impunidade. Lembra-lhes, interrogando-os rheticamente, que não escaparão á ira de Deus no juizo final.

2. Lembra-lhes a sentença de Deus neste juizo: — *Elle traz a ciranda na mão, e limpará a sua eira e recolherá o seu trigo no celleiro e queimará a palha com fogo inextinguivel.* — O trigo atulhado nos celleiros symboliza os justos em sua Igreja; donde, se perseverarem, passarão á felicidade eterna. A palha symboliza todos os incredulos, que serão, como palha, queimados em um fogo que não tem fim! Oh dia terrivel em que se ha de fazer esta distribuição de bens e males, de castigos e recompensas! Qual será a minha sorte?... Serei palha ou trigo na eira do Senhor?!...

3. Lembra-lhes o fogo do inferno: — *E queimará a palha com o fogo inextinguivel.* João Baptista não receia apontar a esses peccadores para o logar do fogo eterno, para os induzir á penitencia dos seus peccados. Si este ultimo recurso falha, não ha mais onde appellar para render os corações obstinados!... A quem medita no fogo do inferno, que penitencia

póde parecer dura?... Quando se trata da eternidade, seria nada a penitencia de toda a vida!...

4. Lembra-lhes a morte: — *Já o machado está posto á raiz das arvores.* A enfermidade e a velhice annunciam morte proxima; porém a saúde e a mocidade nem por isso asseguram longa vida. Todos somos arvores com o machado á raiz!... Grande motivo para nos darmos á penitencia antes que o machado dê o ultimo córte e a arvore de nossa vida caia ao chão.

5. Mais uma vez lembra a seus ouvintes o fogo do inferno: — *Portanto, toda a arvore que não der fructo bom será... lançada ao fogo.* Nunca é demais sentirmos perto as chammas deste fogo, para, ao calor delle, sacudirmos o torpor que nos inibe de praticar boas obras!

6. Por fim tira-os da presumpção que os impede de fazer penitencia: — *Não vos digaes a vós mesmos: Temos por pae a Abrahão: em consideração a seu servo, Deus nos salvará; pois eu vos declaro que Deus póde fazer nascer destas pedras filhos de Abrahão.* Quer dizer: Deus, que formou Adão do limo da terra, póde aniquilar-vos a todos, e mandar ás pedras, que vêdes neste deserto, converter-se em novos homens, que pela obediencia e pela fé serão, com maior titulo que vós, chamados filhos de Abrahão. Nas pedras estão tambem representados os gentios, que, sendo repudiados os judeus, serão chamados a fazer parte do reino messianico.

3. Qualidade de sua prégação

Préga *com zelo* da glória de Deus, pois queria ter preparado todo aquelle povo para receber com fructo o Messias e seguir sua doutrina.

Préga *com fortaleza* e constancia contra os vicios dos phariseus; e já é terrivel com os soberbos, como Elias; já misericordioso com os humildes, como Moysés.

Préga *sem milagres*, pois tanta força de persuadir tinha a vida santa que levava, que não precisava de fazer milagres para autorizar sua doutrina.

Préga principalmente *com o exemplo* de uma vida austera e penitente. *Ora, João*, conta o Evangelho, *tinha um vestido de pelle de camelo, e um cinto de couro em volta dos rins, e seu alimento eram gafanhotos e mel silvestre*. Este exemplo nunca lido de nenhum outro propheta é que despovoava *Jerusalém e toda a Judéa e todo o paiz vizinho do Jordão, vindo a elle os peccadores para ser baptizados e confessar os seus peccados*. — Oh força maravilhosa do exemplo!... Como queres convencer os ouvintes a fazer penitencia, si vives vida regalada?... — Como queres induzir o auditorio a uma vida santa, si a tua é peccaminosa?... Como queres infundir o amor de Deus nos corações dos fiéis, si o teu transborda em amor terreno e mundano?...

TESTEMUNHO DE S. JOAO BAPTISTA

1. Uma embaixada

E este é o testemunho de João, quando os Judeus lhe enviaram de Jerusalém Sacerdotes e Levitas para o interrogar: Tu quem és? 1) — A vida austera e santa de João Baptista, o ardente zelo com que prérgava, tinham-lhe conquistado um grande renome. Daqui a embaixada que lhe mandam os Judeus, para lhe perguntar si elle é Christo. Varios motivos occasionaram esta embaixada: 1. a vaidade dos Sacerdotes, que, attentos a tudo que interessava a religião, mostravam que a elles pertencia decidir quem era o verdadeiro Messias e como tal propô-lo ao povo; mas suas pretensões chimericas oppunham-se aos oráculos propheticos; 2. a inveja, porque João metteu-se a prégar sem previa autorização dos Sacerdotes: este foi apparentemente o maior crime por que João foi

1) Jo., 1, 19.

perseguido. Talvez até procuravam com esta deputação surpreender o Precursor nalguma resposta ambigua, para o desacreditar. 3. o temor de encontrar o Messias; o povo cria que João Baptista fosse o Messias, portanto era vergonhoso para os Sacerdotes que aquelle que tinham maltratado fosse o Messias. Assim, temiam o que deviam desejar.

2. Fim da embaixada

Então fizeram a João Baptista diferentes perguntas: *Quem és tu?* — Pergunta de difficil resposta, pois não é facil dizer cada um de si o que é. Por isso João não disse logo o que era, mas o que não era, adivinhando a intenção dos Phariseus. *Eu não sou Christo.* A pergunta dos phariseus devia encher João de humildade e confusão, por vêr que aquelles sabios o confundiam com o Messias. O verdadeiro humilde repelle os louvores que não lhe são devidos; o falso humilde rejeita-os, mas dando a entender que lhe convêm, crendo que, rejeitando-os, têm o valor da humildade! — Quem sou eu?... Qual é o meu estado?... Quaes são os meus deveres?... Não poderemos dizer de nós com mais verdade o que S. Bernardo disse de si? — “Sou a chimera do meu seculo, sou um monstro no mundo, sou ecclesiastico, religioso, christão de nome, e levo uma vida pagã ou ao menos dissipada!? O meu estado exige de mim altas virtudes e só em mim se encontram vicios...”

Elles lhe disseram: O quê pois? És tu Elias? E disse: Não sou. — E's tu propheta? E respondeu: Não! — Ainda que João podera dar-se por um novo Elias e por um propheta, porque tinha o Espirito de Elias e era mais que propheta, como testemunhou o mesmo Christo 1), comtudo a sua humildade fê-lo declinar de si este titulos honorificos, respondendo sem rodeios: *Não sou!*

...1) Luc. VII, 27.

3. Testemunho de João

Elles então disseram-lhe: Quem és, para que demos a resposta áquelles que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo? Disse: Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitae o caminho do Senhor, como disse o propheta Isaias. — João não podia dizer menos, mas podia ter dito mais e accrescentar que era o Enviado especial de Deus. Entretanto disse o bastante para que entendessem que as prophcias autorizavam sua missão. — O verdadeiro humilde, obrigado a falar de si, fá-lo com termos concisos e simples, referindo sempre tudo que tem de bom ao Autor de todo o bem. — Que dizes de ti mesmo?... Quanto orgulho, quanta vaidade e estima propria!... Quantas vezes falo de mim, do que fiz, do que se diz em meu louvor e em vituperio dos outros!... — Que dizes de ti no tribunal da penitencia? Dás-te a conhecer como és?...

Ora, os que tinham sido enviados eram dos phariseus. E interrogaram-n'o e disseram-lhe: Por que, pois, baptizas, si não és nem Christo nem Elias, nem propheta? Estes deputados phariseus eram Sacerdotes e Levitas, e portanto deviam comprehender, pela ultima resposta de João, que elle era o Precursor do Messias annuciado por Isaias, e que, como tal, tinha mais direito de baptizar que Elias ou qualquer propheta: mas o verdadeiro humilde não responde ás objurgações, não procura justificar-se nem fazer valer seus direitos, onde a gloria de Deus não pede o contrario. — Por que nos mettemos no que nos não pertence? Por que baptizas, si não és propheta? isto é, não és pastor d'almas, nem doutor da Igreja, como pois te pões a discretear sobre a religião, em lugar de a praticar?... Quem te constituiu juiz sobre teus irmãos para os censurar?...

João respondeu-lhes: Eu baptizo com agua: porém no meio de vós esteve quem não conheceis. Elle é que virá depois de mim, que foi feito antes de mim, a quem eu não sou digno de desatar a correia de

suas sandalias. — Esta esplendida confissão, que João fez de Jesus Christo, era para impressionar os legados judeus e aquelles que os enviaram, si o fizessem com desejo da verdade: mas contentaram-se com saber que João não era o Messias. Assim começaram a enveredar pelo caminho da cegueira, desprezando estas luzes da verdade. — João fala de si em duas palavras e diffunde-se nos louvores do Messias. Occulta-se a si, para tornar conhecido o seu Mestre! Eu então não me canso em me engrandecer diante dos outros e para os demais não tenho uma palavra de louvor!... — S. João podia aqui dizer-nos em geral: Jesus está no meio de vós; e vós não o conheceis, ou, si o conheceis, onde está o vosso respeito e amor para com elle?...

BAPTISMO DE JESUS

1. Jesus deixa Galiléa

1. *Então veio Jesus de Galiléa para o Jordão ter com João, para ser baptizado por elle.* 1) — *Veiu da Galiléa*, dessa terra onde passou a maior parte de sua vida; onde deixou conhecidos e amigos e sobretudo sua bemdita Mãe, desolada por se vêr só sem o amado Filho, que a sustentava com seu trabalho. Mas a vontade de Deus impunha-se, e estes dois corações tiveram de se apartar! Quanto este exemplo tem dado força a muitas almas para deixar o mundo e tudo que nelle tinham, afim de seguir a vocação de Deus!... *Veiu para o Jordão*, onde sabia que seu Precursor estava prégando e baptizando os peccadores. Era aqui que o chamava a vontade de seu Pae; por aqui devia encetar sua vida apostolica, pois era o campo já preparado pelo seu Precursor. — Vamos para onde nos chama a vocação de Deus, e não para onde nos querem levar nossas paixões!...

1) Matth., III, 13.

2. *Veiu ter com João*, que ardia em desejos de o conhecer e tratar; pois, ainda que um sentiu a presença do outro nos ventres de suas mães, depois de nascidos nunca se tinham visto. — Ardamos em desejos de vêr a Jesus e de sentir a sua presença, que, mais tarde ou mais cedo, o veremos, si não na realidade, nos efeitos do seu amor.

Para ser baptizado por elle. — O que tinha tomado a forma de peccador na circumcisão, agora toma a de penitente, enquanto, misturado com os peccadores e publicanos, se apresenta para ser baptizado por João! O humilde Jesus quer ser tido pelo que não é; — e eu, sendo peccador, não quero ser tido na conta do que sou! Que humildade a delle!... Que soberba a minha!...

2. Jesus é baptizado

1. *João, porém, prohibia-o, dizendo: Eu devo ser baptizado por ti, e tu vens a mim?* — A promessa feita a João de ver Jesus realizava-se enfim! Qual não foi sua surpresa ao dar com os olhos no Messias perdido entre aquella multidão que esperava receber o baptismo?... *Tu vens a mim?!...* — Maior alegria será a nossa, si, imitando a João na pureza da alma e na penitencia do corpo, chegarmos a ver a Jesus, não humilhado entre os peccadores, mas glorificado entre os anjos. Vivamos nesta doce esperanza!...

2. João, ao ver Jesus aproximar-se delle para ser baptizado, recúa impellido por um sentimento de profunda humildade, que nelle naturalmente despertava a presença do Senhor seu Deus. Reconheceu-se indigno e escusou-se, dizendo: "Eu devo ser baptizado por ti, e vens a mim?" O Mestre ao Discipulo! O Creador á creatura! Como estes sentimentos de humildade agradariam ao Senhor! Eu devo ter os mesmos, quando vir Jesus aproximar-se de mim para entrar em meu coração. — Retiremo-nos pelo sentimento de nossa indignidade, mas aproximemo-nos

pela obediencia, pois é elle que nos manda que o recebamos!

3. *Respondendo-lhe, porém, Jesus, disse-lhe: Deixa por agora; porque assim nos importa cumprir toda a justiça.* A divina autoridade do Messias impõe silencio á humildade do seu Precursor; João baptiza a Jesus, e ambos cumprem toda a justiça, um, humilhando-se; outro, obedecendo. Eis a primeira lição que Jesus nos dá, ao principiar sua vida publica. Por esta hei de começar, si quero ser seu discipulo: humilhar-me sujeitando-me não já ao superior, ou igual, mas até ao inferior!

3. Depois do baptismo

Baptizando porém Jesus, immediatamente sahio da agua, e eis que se abriram os céus: e viu o Espirito de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre elle. — Quem se humilha será exaltado! O Eterno Pae e o Espirito Santo, ao ver o Verbo humanado em tanta humilhação, vieram glorificá-lo com tres prodigios, cada qual mais admiravel. Primeiramente, *eis que se abriram os céus!* O' vista surprehendente! Eis aberto e patente o digno objecto de nossos desejos! Fechado depois de tantos seculos, fostes vós, ó Jesus, que nos merecestes que elle emfim se abrisse! — Queres tu que tambem se abra para ti? Ahi tens a chave: a humildade! 2. *E viu o Espirito de Deus descendo como uma pomba sobre elle:* Jesus recebe de um modo sensivel o Espirito Santo para o comunicar aos homens. Vem em fórma de pomba, symbolo da pureza, sobre Jesus tão humilhado, porque a humildade conserva a innocencia.

3. *E eis que se ouviu do céu uma voz dizendo: Este é meu Filho muito amado, em que tenho minhas complacencias.* Jesus assim humilhado, dizia o Eterno Pae, não é quem vós cuidaes, um peccador como vós, e precisando de baptismo: não; esse é o meu Filho muito amado! E mais amado agora que o vejo em tanta humilhação! Qual não seria a nossa ale-

gria, si ouvíssemos de Deus as mesmas palavras! Ouvi-la-emos sempre que nos humilharmos como Christo.

Assim foi designado o baptismo da nova lei por aquelle que Jesus recebeu de João. Nelle pela primeira vez se manifestou a Santissima Trindade: O Pae pela voz, o Filho pela humanidade, o Espirito Santo pela pomba. Jesus, recebendo pela agua o baptismo de João, determinou e santificou a materia do que mais tarde havia de instituir como sacramento. Pela presença da SS. Trindade deu-nos a entender os maravilhosos effeitos que opera na alma: pois pelo baptismo se abre o céu, é-nos communicado o Espirito Santo e nos tornamos membros de Jesus Christo, seus irmãos e coherdeiros, e filhos adoptivos do Eterno Pae...

JESUS NO DESERTO

1. Jesus é levado ao deserto

Então Jesus foi conduzido ao deserto pelo Espirito Santo, para ser tentado pelo demonio 1). — Depois de trinta annos de vida occulta, Jesus, ao dar principio á sua vida apostolica, ainda é conduzido ao deserto para lá passar quarenta dias retirado do mundo. No baptismo deu-nos o exemplo de humildade, no deserto vae ensinar-nos a penitencia.

Jesus é conduzido ao deserto pelo Espirito Santo, pois é elle que dirige as almas á perfeição, e o primeiro passo é levá-las ao deserto, para longe dos applausos dos homens e dos cuidados terrenos. — Ainda no meio do mundo e das grandes cidades eu me posso preparar um deserto para nelle viver com Deus na oração e penitencia. Um tal deserto habitual é uma abstracção tal do mundo, que vivamos nelle como por necessidade, desprezando suas pompas, evitando seus espectaculos, detestando suas maximas,

1) *Matth.*, IV, 1.

cerrando as portas dos sentidos a todos os seus gozos.

Para onde sou levado e por que espirito?... E' por este Espirito divino que me deixo governar, ou é pelo espirito do mundo?... *Os que são guiados pelo Espirito Santo, estes são os filhos de Deus*, 1) d'iz S. Paulo. E nota S. João Chrysostomo que não disse o Apostolo: *Os que receberam o Espirito Santo, estes são os filhos de Deus* — mas: *Os que são governados pelo Espirito de Deus* — para que entendamos que não basta ter recebido o Espirito Santo no Baptismo, sinão que se requer que sejamos regidos pelo mesmo Espirito, e que, tendo a elle por guia, vivamos uma vida espiritual e divina.

2. Jesus é tentado

O fim primario, por que o Espirito Santo levou Jesus ao deserto, foi *para ser tentado pelo demonio*. Grande coisa então deve ser a tentação, si o proprio Filho de Deus é submettido a ella, e para a superar se prepara com o jejum e a oração de quarenta dias! — E' certo que a tentação é uma das muitas miserias da vida humana, mas Jesus, que em tudo quiz ser semelhante a nós, menos em peccar, quiz tambem passar por esta prova, para nos dar exemplo e animar em semelhantes combates. Ai! de quem se julga livre de tentações e não se prepara para ellas com a oração e a penitencia! Estamos no mundo para sermos provados pela tentação e darmos a Deus prova de nossa fidelidade em superá-la. Contemos com ser tentados — *em todo o lugar*: no deserto e no povoado, no templo e em casa, no mundo e na religião; — *em todo o tempo*: na juventude e na velhice, na oração e no trabalho, na doença e na saúde, de dia e de noite; — *por todos os modos*: pela astucia e pela violencia, pelas suggestões interiores do espirito maligno, e pelas sensações exteriores dos sentidos, pela prosperidade e

1) *Quicumque enim Spiritu Dei aguntur, hi sunt filii Dei.* (Rom. VIII. 12).

pela adversidade, pela alegria e pela tristeza. Como poderemos resistir a tantos ataques sem o auxilio da graça? Peçamo-la com ardor: *Senhor, não nos deixeis cair em tentação.*

3. Jesus penitente

E como jejuasse quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. — Jesus não tinha peccado a expiar com a penitencia, como pois um jejum tão prolongado e austero? Jesus vem expiar não os seus, mas os nossos peccados, e começa por expiar, com o jejum, aquelle que em Adão e Eva foi causa de nossa ruina! — Além da exacta observancia de jejuns e abstinencia de preceito, todo o christão deve evitar a delicadeza exaggerada e o sensualismo no comer, no vestir e no dormir, domando a sua carne com os piedosos rigores que usavam os Santos.

Jejum prolongado! O jejum de Jesus não foi de um dia, nem de uma semana, nem de um mez, mas de quarenta dias: no que me ensina a perseverar na penitencia e a não afrouxar nella sob o pretexto de arruinar a saúde e abreviar a vida.

Jejum rigoroso! Só por milagre se pôde conservar Jesus Christo tantos dias sem comer absolutamente nada! Eu, sem esperar milagres, devo procurar que meu jejum seja perfeito, seguindo as leis estabelecidas pela Igreja, contentando-me só com o necessario, conforme o aviso de S. Pedro: Irmãos, sede sobrios. — *Fratres, sobrii estote.*

TENTAÇÕES DE JESUS

1. Primeira tentação

E aproximando-se o tentador, disse-lhe: Si és filho de Deus, manda que estas pedras se convertam em pães. — No fim dos quarenta dias Jesus teve fome e permittiu ao demonio que, aproveitando esta occasião, o tentasse com a gula. Com effeito, o demonio, revestido da forma humana, vendo-o exausto de

forças, propoz-lhe um meio de matar a fome. "Estás com fome, disse-lhe, e este deserto nada tem para comer". *Si és filho de Deus, manda que estas pedras se convertam em pães.* — E' assim que o demonio, aproveitando nossa situação, nossa fraqueza e necessidade, examinando nosso temperamento, nosso caracter, nossas inclinações, nossa paixão dominante, nos tenta a satisfazer nossas inclinações e necessidades por meios illicitos. Parece propor-nos apenas um alivio necessario, um prazer honesto, mas quantos, por cederem a esta primeira suggestão, cahiram em grandes faltas?! Jesus recebe este primeiro bote da tentação e repelle-o com firmeza, usando da palavra de Deus: — *Está escripto, responde Jesus, o homem não vive só de pão, mas de toda a palavra que sae da bocca de Deus.* Quer dizer: o que dá vida ao homem não é tanto o alimento que toma, quanto a vontade de Deus que deve seguir. A' imitação de Jesus Christo, responderei ás tentações com a mesma serenidade, com a mesma promptidão, com a mesma maxima: *Está escripto!* Está escripto nos mandamentos que tal não devo fazer! Está escripto nas regras que o que me propões é contra a vontade de Deus! Está escripto que, pelo que me promettes, receberei um castigo eterno!...

2. Segunda tentação

O demonio, derrotado com a sábia resposta de Jesus, não tardou a voltar á brecha, a vêr si por outro meio conseguia render a praça. Usando do poder que Deus lhe deu, levou a Jesus pelo ar até Jerusalém e o collocou sobre a cupula do templo. Este pae da mentira usa de novo da Escriptura para persuadir o crime. *Si és filho de Deus, diz-lhe, deita-te aqui a baixo, porque está escripto que mandará Deus seus anjos a te guardar e que te sustentarão em suas mãos para que não firas teus pés nalguma pedra.* — O demonio pôde-nos pôr á beira do precipicio, mas não pôde precipitar-nos nelle. Pôde suggerir-nos cami-

nhos extraordinarios que favoreçam nosso orgulho, mas, ai! de nós, si sairmos do caminho da humildade e da obediencia! Pois só por estes dois caminhos Deus nos protegerá! Nosso Senhor, sem notar ao espirito maligno que tinha truncado o texto da Escripura, omittindo as palavras *em todos os teus caminhos*, retunde-lhe a proposta com a maxima biblica: *Não tentarás o Senhor teu Deus!* — Não se hão de fazer milagres por vaidade, ostentação ou vã confiança: Si posso descer pela escada, como tentar a Deus despenhando-me? Outra vez o Senhor appella para a Escripura: *Está escripto!* Com esta brevidade hei de vencer as tentações, sem me pôr a discutir com o tentador. Facilmente é vencido quem não corta a tentação ao principio. Si Eva não fosse tão loquaz, talvez não cahisse no peccado!...

3. Terceira tentação

O tentador carregou outra vez a Jesus e o transportou a um alto monte, donde lhe fez ver todos os reinos do mundo e toda a gloria que os acompanha, e lhe disse: *Eu te darei todas estas coisas, si, prostrando-te, me adorares!* — Que arrojo de proposta! Que horrivel mentira! Que impostura! Que perfidia! E' assim que, por vãos fantasmas, chimericas esperanças e illusões traiçoeiras, o demonio perturba nossa imaginação e nossos sentidos, enganando-nos! Pois que nos pôde elle dar, si nada tem? E ainda que tivesse o mundo todo em seu poder, nada nos daria, pois é o nosso irreconciliavel inimigo!

A resposta do Senhor é uma simples palavra de indignação, acompanhada de um gesto de repulsa: *Retira-te, Satanaz!* E' assim que as tentações devem ser rebatidas e rechassadas, com um desprezo senhoril do tentador e do objecto da tentação! *Está escripto: Adorarás teu Deus e só a elle servirás.* Palavras que deviamos ter escriptas em nossos corações com caracteres indeleveis, pois só em servir e adorar a um só Deus está a verdadeira grandeza e felicidade. — E'

a Deus só que adoramos, ou temos algum ídolo oculto, a quem rendemos homenagem? E' a um só Deus que servimos, ou repartimos com o mundo e com nossas afeições o serviço a que Elle só tem direito?...

4. Premio da victoria

Então o deixou o demonio e vieram os anjos e o serviram. — O demonio, ao ver-se derrotado pela terceira vez, retirou-se confuso. O Eterno Pae, que tinha assistido a este combate de seu Filho Jesus com o poder das trevas, vem premiar-lhe a victoria, mandando aos anjos pôr-lhe a mesa e servi-lo. O' doce premio de quem vence a tentação! Não ha iguaria superior á paz e tranquillidade que a alma sente, quando, vencido o demonio, é visitada por Deus com ineffaveis consolações. Com que amor e confiança se aproxima então da Mesa Eucharistica para alimentar-se com o Pão dos anjos!... — Sejamos fortes em superar as tentações desta vida, e seremos servidos pelos anjos no banquete eterno da Gloria!...

VOCAÇÃO DOS PRIMEIROS DISCIPULOS

1. Chamamento de dois discipulos de João Baptista

1. *No dia seguinte estava outra vez João com dois de seus discipulos.* 1) — O santo Precursor, de ordinario rodeado de muitos discipulos, tinha só dois consigo, porque, estando o dia a declinar, despediu o povo, com o qual se ausentaram tambem os outros discipulos, á excepção dos dois que pela adhesão a seu mestre se conservaram mais tempo com elle. Esta demora em ouvir a doutrina de seu mestre valeu aos dois discipulos a graça de ver Jesus, de o conhecer e de serem os primeiros da sua escola.

1) Jo. I, 85.

2. *E vendo Jesus caminhando, disse: Eis o Cordeiro de Deus!* — Jesus, sahindo do deserto, começou a alistar discipulos: não foi, pois, sem fim muito determinado que passou por João a certa distancia, para lhe dar azo a mostrá-lo a seus dois discipulos. E' assim que Jesus se nos mostra muitas vezes por um desejo, uma santa inspiração, uma leitura; mas, distrahidos com o mundo, deixamo-lo passar, sem recebermos o beneficio que nos trazia.

3. *E ouviram-n'ó os dois discipulos falar, e seguiram Jesus.* A expressão com que João designou a Christo — *Eis o Cordeiro de Deus* — era bem conhecida de seus discipulos, por isso não duvidaram que lhes falava do Messias; e, comprehendendo o pensamento de seu mestre, que era que se juntassem a elle, os dois discipulos resolveram-se a segui-lo, desejosos de o conhecer e de lhe falar.

2. Jesus recebe os dois discipulos

1. *Voltando-se porém Jesus, e vendo que o seguiam, disse-lhes: Que procuraes? Elles responderam: Mestre, onde moras?* — Os dois discipulos de João marchavam atraz de Jesus com um desejo impaciente de lhe falar, mas sem se atreverem pelo respeito. Jesus tirou-os deste embaraço, voltando para elles e perguntando-lhes com tom de amizade: *Que procuraes?* — *Mestre, onde moras?* disseram. Nestas breves palavras mostraram o desejo que tinham de ouvir sua doutrina e de segui-lo. — A quem procuro eu em todos os meus trabalhos, em todas as minhas viagens, em todos os meus discursos, em todos os meus negocios? E' Jesus ou o mundo?... a vontade de Deus, ou a minha satisfação?...

2. *Disse-lhes: Vinde e vêde.* — Jesus morava na cidade vizinha ou nos seus arredores, por isso lhes diz: *Vinde e vêde.* Elle foram acompanhando Jesus, um de cada lado, captivos de sua bondade e já apostados a matricular-se na sua escola. *E viram onde morava,* uma tenda ou uma casa desprovida de tudo!

Mas sem toda esta pobreza e incommodidade, porque onde está Jesus está tudo!... *E ficaram com elle aquelle dia, pois era quasi a decima hora*, isto é, faltavam duas horas para findar o dia. Como seriam rápidos e doces estes momentos de conversa com Jesus! Si eu saboreasse as doçuras da conversa do Senhor, não acharia tão longos os actos religiosos, e uma hora de meditação sempre me pareceria breve.

3. Chamamento de Simeão Pedro

1. *Era porém André, irmão de Simão Pedro, um dos dois que ouviram a João e tinham seguido a Jesus.* — Do outro discípulo não se diz o nome, mas não ha duvida que era João Evangelista, que narra este facto, e que por modestia occultou seu nome.

André encontrou seu irmão Simão e disse-lhe: Encontrámos o Messias. E levou-o a Jesus — O zelo já trabalha no coração de André: quer juntar novos discipulos do seu novo Mestre e o primeiro que se lhe offerece é seu irmão Simão. Não se contentou com dizer-lhe que vira o Messias, nova de summo interesse, para um Israelita; mas levou-o a vê-lo.

Pedro, alvoroçado com tão inesperada nova, não se fez rogar! Tal deve ser o zelo do apostolo: não deve contentar-se com prégar a Jesus, mas levar os peccadores a seus pés pela confissão e communhão.

2. *Olhando, porém, Jesus para elle, disse-lhe: Tu és Simão, filho de Jonas: tu te chamarás Cephas, que significa Pedra.* — Quem poderá dizer qual foi este primeiro olhar de Jesus para o que estava destinado a ser o principe dos apóstolos?... Como esta primeira vista do Salvador inflammava o coração de Pedro, elegendo-o para cabeça de sua Igreja! Para mostrar que tem sobre elle vistas especiaes, muda-lhe o nome de Simão em Pedro, pois seria elle a primeira pedra de Sua Igreja. Mas nem elle nem seus companheiros comprehenderam então este mysterio. Adoremos as disposições de Deus a nosso respeito, pois dellas só pôde sair o nosso bem e a gloria divina!

VOCAÇÃO DE FELIPPE E NATHANAEL

1. Vocaçào de Felipe

1. *Na manhã seguinte quiz partir para a Galiléa e encontrou Felipe. E disse-lhe Jesus: Segue-me.* 1) — Jesus deixava Bethania para voltar á Galiléa com seus tres primeiros discipulos, Pedro, André e João, quando encontrou Felipe. Segue-me, disse-lhe, e elle se lhes juntou. Tal é a efficacia da vocação de Deus sobre as almas simples e doces. Jesus procura seus discipulos na Galiléa, que era das terras da Palestina a mais ignobil, para que não se crêsse que a sua prégacção estava na sabedoria do mundo, mas na doutrina do Espirito Santo, diz S. Chrysostomo. *Ut non crederetur sermo ejus esse in sapientia mundi, sed in doctrina Spiritus Sancti.*

2. *Felippe era natural de Bethsaida, cidade de André e de Pedro.* — Felipe, animado com o exemplo de seus patricios, e tendo ouvido a João Baptista falar das grandezas do Messias, seguiu o chamamento de Deus com a maior promptidão e alegria. Quantas vocações tem suscitado o bom exemplo de amigos e parentes! . . .

2. Vocaçào de Nathanael

1. *Encontrou Felipe a Nathanael e disse-lhe: Encontrámos, em Nazareth, Jesus, Filho de José, de quem escreveu Moysés na lei; e os prophetas.* — Felipe tinha um amigo chamado Nathanael, um dos verdadeiros fieis que esperavam a consolação de Israel. Felipe dá-lhe a parte de sua nova vocação e procura que elle participe de sua mesma felicidade. Temos o mesmo interesse pela salvação de nossos amigos? . . . Procuramos tornar Jesus conhecido dos homens que o desconhecem? . . .

2. *E disse-lhe Nathanael: Póde lá de Nazareth sahir alguma coisa boa?* — Aqui chega a força do

1) Job. I. 48.

preconceito! Por mais que Nazareth seja um povo desprezível, nem tudo que de lá vem será digno de desprezo! Si os Galileus soubessem quem era a familia de José, teriam a terra em que ella vivia pela mais famosa de toda a Judéa.

3. *Disse-lhe Felippe: Vem e vê.* — E' este o melhor meio de se destruir o preconceito. Não julgemos pelos discursos e prevenções que ouvimos; mas, antes de julgar, examinemos devagar o objecto de que se trata, para não sermos injustos em nossos juizos.

3. Jesus e Nathanael

1. *Jesus viu Nathanael vindo para si e disse delle: Eis verdadeiramente um Israelita em que não ha dolo.* — Que elogio em tão poucas palavras! E' que Jesus julga, não pelo que se diz, mas porque penetra o coração. Verá elle em mim taes qualidades? Serei um verdadeiro christão? Um verdadeiro religioso...

2. *Disse-lhe Nathanael: Donde me conheces?* Estranhou Nathanael que Jesus falasse delle com tanta segurança como si o conhecesse ha muito tempo, não se tendo nunca visto. Mas *Jesus respondeu-lhe: Antes que Felippe te chamasse, eu te vi quando estavas debaixo da figueira.* — Estas palavras de Jesus foram uma revelação para Nathanael: viu-se diante de quem conhecia o seu coração e sabia toda a sua vida, que não podia ser sinão o Messias: e confessou sua divindade. *Senhor, tu és Filho de Deus, tu és o Rei de Israel.* O' grande Rei, como é doce servir-vos! Vós vêdes tudo que se faz por vós e tudo que desejamos fazer! Vêdes-me em toda a parte e não me posso occultar á vossa presença. Ah! como posso em vossa presença offender-vos?

MILAGRE DAS BODAS DE CANA'

(Jo. II, 1)

1. Os convidados

1. *Tres dias depois houve umas bodas em Caná de Galiléa e a Mãe de Jesus estava lá. Jesus foi também convidado com seus discipulos para as bodas.* — Imitemos estes dois esposos que convidaram Jesus e Maria para assistir a suas bodas e abençoá-las. Antes de começar qualquer acção, peçamos a Jesus que nos esclareça e a Maria que nos assista. — Tenhamos a Jesus e a Maria presentes em cada acção de nossa vida, para em todas ellas termos sempre um exemplo de modestia e sobriedade.

2. Jesus achava-se ali tanto para autorizar a santidade do matrimonio, quanto para ensinar os christãos a guardar em taes festas as regras da modestia e temperança. Jesus não nos prohibe os prazeres innocentes, assiste a elles, e toma parte em nossas alegrias, comtanto que sejam razoaveis e não ofendam a lei divina.

3. No fim do banquete sentiram os efeitos da omnipotencia de Jesus e da intercessão de Maria com o milagre da conversão da agua em vinho. Quanto este milagre lhes assegurava uma continua protecção de Jesus e Maria! Não é assim nos prazeres tumultuosos do mundo! Os principios são attrahentes, mas o fim é cheio de amarguras, de remorsos, de desespero! E que será quando acabarem todos os gozos com a vida! Que felizes seriam todos os casamentos celebrados sob a protecção de Jesus e Maria, com intenções puramente chistãs! . . .

2. Intercessão de Maria

Tendo faltado o vinho, a Mãe de Jesus disse-lhe: Não têm vinho. — 1. Maria Santissima nota aquella falta, sem que ninguem lh'a advirta. Assim procede ainda hoje conosco. Esta divina Mãe tem sempre os

olhos attentos ás necessidades de seus filhos. 2. Maria fala a seu Filho sem que ninguém lh'o peça, e pede-lhe nada menos que um milagre. Não será ella mais solícita connosco, si com humildes preces lhe supplicarmos a sua protecção?... 3. Emfim previne os ser-ventes do que devem fazer. A caridade de Maria não falta a nada, prevê tudo, attende a tudo. O' Mãe carinhosa, si tal sois para as necessidades corporaes, quanto mais prompta sereis em nos socorrer nas espirituaes. Exponde tambem a vosso Filho as necessidades de minha alma. Dizei-lhe que me falta a humildade, a devoção, o recolhimento. E elle tudo me concederá em attenção a vós. — Sim: mas para isso é necessario que faças tudo que elle te manda em seus preceitos!

3. Resposta de Jesus

1. *Mulher, que temos nós com isso? Ainda não chegou a minha hora.* — Assim acolheu Jesus a petição de sua Mãe. Mas não estranhemos. Elle começava a manifestar-se em publico com seus discipulos, por isso nesta resposta á sua Mãe quiz dar-lhes a entender que no exercicio do apostolado não se deviam prender com o amor dos parentes, mas attender só á gloria de Deus e bem das almas. Além disso o tempo para manifestar o seu poder em operar milagres ainda não tinha chegado. Ainda que este tempo estava proximo, diz a sua Mãe que ainda não chegou a hora, para nos mostrar que se devem aguardar os momentos da graça e nada fazer fóra do tempo marcado pela obediencia.

Jesus esperava, diz S. Agostinho, que todos os convidados se certificassem que não havia mais vinho, para que claramente se visse o seu poder e a gloria do Pae. A hora não tinha chegado, quando Maria lhe falou, diz o mesmo Santo, mas chegou quando operou o milagre.

A resposta de Jesus, ao parecer dura, não desarma a confiança de Maria. Por isso, segura de que

Jesus a ouvirá, não reitera a petição; diz simplesmente aos copeiros: Fazei tudo que elle vos disser. E' com esta confiança que dirijo a Jesus minhas preces?... Não será por falta della que não sou ouvido?...

4. O milagre

1. *Disse-lhes Jesus: Enchei as talhas com agua. Encheram-n'as até cima. Disse-lhes então Jesus: Tirae agora e levae ao architriclino. E levaram.* — Milagre grandioso, mas sem apparato: sem nenhum signal exterior, que chamasse a attenção. Jesus amou sempre a humildade e evitou a ostentação do poder com exterioridades escusadas. Logo que o architriclino saboreou a agua convertida em vinho, chamou o esposo e disse-lhe: *Todo o homem põe primeiro o bom vinho e quando todos beberam bastante, então põe o que é peor: Tu, porém, guardaste o bom vinho para agora.* — Neste milagre Jesus Christo se mostrou contrario ás praxes do mundo, que, depois do vinho inebriante das paixões e prazeres sensuaes, apresenta o vinho avinagrado das ansiedades do coração e remorsos da consciencia: ao passo que Jesus primeiro nos dá a beber o calix com o fel das tribulações e depois nos inebria com o vinho de suas divinas consolações. Qual preferimos?... Oh! antes o calix da amargura, ainda que seja por toda a vida, porque depois nos dará o vinho de suas eternas consolações!...

JESUS EXPULSA DO TEMPLO OS PROFANADORES

1. Expulsão dos profanadores

1. *A festa dos Judeus estava proxima, e Jesus foi a Jerusalém.* 1) — Era esta a primeira festa da Pascoa depois que Jesus encetára sua vida apostolica. Neste tempo ainda se não tinha mostrado na ca-

1) Jo. II. 13.

pital, onde só era conhecido de nome pelo testemunho do Precursor e pela fama dos milagres. Jesus entrou na cidade alguns dias antes da festa da Pascoa, seguido de seus discipulos.

2. *E encontrou no templo vendedores de bois e ovelhas e pombas, e banqueiros sentados.* — Eram judeus interesseiros, que, sob o pretexto de subministrar o necessario para os sacrificios, transformaram o templo num mercado e em banco de transacções. Assim, estes judeus, tão escrupulosos em suas ceremonias, põem o templo ao serviço de sua avareza. Quaes os profanadores dos nossos templos, muito mais respeitaveis pela presença real de Jesus Christo? Homens que talvez nem sejam christãos, que vêm para vêr e para serem vistos e para commetter com a lingua e os olhos os mais abominaveis desacatos!... E quaes os profanadores do templo do meu coração?... Não será este, peior que um mercado, um covil de todas as paixões?...

3. *E fazendo um azorrague de cordas, lançou-os todos do templo com as ovelhas e bois, e espalhou o dinheiro dos cambistas, e lançou-lhes as mesas ao chão. E aos que vendiam pombas disse: Tiraes isto daqui e não façaes, da casa de meu Pae, casa de negocio.* — Esta escandalosa profanação do templo era tolerada e já posta em costume. Jesus não pôde soffrer uma tal desordem: era a casa de seu Pae, que via profanada: a elle pois tocava reparar tão grande affronta. — Quantas vezes não toleramos uma pequena desfeita á nossa pessoa, e ficamos insensíveis ao vêr tantas profanações contra a honra de Deus!...

4. *Então se recordaram os seus discipulos que estava escripto: O zelo da tua casa me devorou.* — Os discipulos, que só tinham visto em Jesus ares de bondade e doçura, ao ver com surpresa o rigor desta acção, recordaram-se do verso do psalmo tantas vezes lido em suas synagogas: *o zelo de tua casa me devorou.* E foram testemunhas da realização deste zelo prophético do Salvador. Era pois um zelo devorador, que tinha por principio a gloria de Deus. — Mas

o zelo que tem por movel a paixão, que nasce de um temperamento inquieto, irascível e turbulento, é inefficaz e contraproducente!...

2. Jesus dá um signal deste seu poder

1. *Os Judeus lhes disseram: Por que milagre nos mostras que tens poder para fazer estas coisas?* — Os Judeus que tinham alguma autoridade no Templo, como os Sacerdotes e Levitas, não puderam levar a bem esta acção de Jesus, para a qual devia estar investido de autoridade publica ou missão divina: por isso lhe pedem um signal desta legitima autoridade. Mas a acção que Jesus acabava de praticar era já um signal sensível do seu divino poder e autoridade. Os discipulos, Galileus pouco instruidos, reconheceram neste acto o cumprimento de uma propheta referida ao Messias, e estes sabios de Jerusalém querem que Jesus lhes prove o seu poder! Não é um grande milagre, diz S. Jeronymo, que um só homem, que não parecia revestido de autoridade, fizesse sem a menor resistencia o que Jesus acabava de fazer?

2. *Jesus lhes respondeu: Destruí este templo, e eu o reedificarei em tres dias. Os Judeus lhe retornaram: Este templo levou quarenta e seis annos a ser edificado, e tu o reedificarás em tres dias?* — Eis como os espiritos fortes em assumptos de religião tomam tudo num sentido grosseiro e puramente material. Os Judeus, que se tinham por instruidos e estavam acostumados ao discurso figurado, enigmático e parabolico, nada disto entrevêm na palavras de Jesus. Si lhes parecia impossivel o que lhes dizia, deviam perguntar em que sentido falava, ou então esperar, como os discipulos, que o tempo revelasse o mysterio. — Este processo devemos nós seguir quando acharmos alguma obscuridade nas Escripturas, nos mysterios, no governo de Deus sobre os homens. Deus tem os seus momentos e o tempo revelará tudo! Mas este processo não agrada aos Judeus orgulhosos, e retiram-se tendo por contradictorias as palavras do Salvador.

3. Efeitos da resposta de Jesus

Elle falava, porém, do templo do seu corpo. — Esta resposta era uma predição pela qual o Salvador dizia aos Judeus em enigma: Como sacrificaeis o templo de meu Pae á vossa avareza, sacrificareis o templo do meu corpo á vossa inveja. Mas que succederá? O mesmo poder, que foi causa do vosso escandalo e confusão, fará emfim um ultimo prodigio, que não podereis comprehender, e sob cujo peso succumbireis. Este prodigio é a resurreição do meu corpo, que succederá tres dias depois do destroço que nelle fareis. Então serei vencedor da morte, a minha resurreição estabelecerá a verdade de minha missão. Esta predição teve o seu effeito no tempo marcado.

Quando Jesus Christo resuscitou dos mortos, lembraram-se os discipulos que lhes tinha dito isto, e crearam na Escriptura e em tudo que lhes tinha dito — assim termina S. João esta narração.

O' Corpo adoravel, verdadeiro templo de Deus, onde reside a plenitude da divindade, por ti nos chegamos a Deus e nos unimos a elle quando o recebemos na Eucharistia. Lançae, Jesus, do templo do meu corpo, todos os demonios que nelle negociam a perda de minha alma!...

ENTREVISTA DE JESUS COM NICODEMOS

1. Nicodemos visita a Jesus

Ora, havia um phariseu, chamado Nicodemos, um dos principaes entre os Judeus. Este veiu de noite ter com Jesus e disse-lhe: Sabemos que sois um doutor enviado por Deus, porque ninguem pôde fazer os milagres que vós fazeis, si Deus não está com elle 1) — Quanto pôdem a virtude e o zelo da honra de Deus para a vonversão das almas! Este phariseu altamente collocado sentiu-se impellido a ir ter com Jesus depois de assistir ao acto que lhe vira praticar no Tem-

1) Jo. IV. 1.

plo. A rectidão do seu juizo fez-lhe ver em Jesus, que taes milagres operava, alguma coisa mais que um homem. Por isso resolveu-se a ir falar-lhe, para melhor o conhecer. Feliz d'elle que deu este passo! Ainda que fraco na Fé, vence os obstaculos que se lhe oppõem, que eram, para elle, a alta classe a que pertencia, o orgulho e o respeito humano, e foi ter com Jesus. Quantos tiveram o mesmo pensamento, mas não se resolveram! E quantas dividas se desvaneceriam a muitos, que, por não ir tem com quem os elucide e fale ao coração, se deixam envelhecer em seu erros e cegueiras! Sou eu deste numero?... Vou ter em minhas perplexidades com aquelles que Deus me pôz por mestres e guias no caminho da Salvação?...

2. Resposta de Jesus

1. *Jesus respondeu-lhe: Em verdade, em verdade te digo, si alguém não renascer de novo, não pôde ver o reino de Deus. Disse-lhe Nicodemos: Como pôde o homem renascer sendo velho? Porventura poderá entrar outra vez no ventre materno e renascer?* — Eis como este distincto phariseu interpretou as palavras do Salvador! Assim pensam os sabios do mundo que só frequentam a escola do materialismo. Para elles tudo são idéas baixas; não vêem no homem si não materia; donde concluem que é impossivel o que se lhes diz de mais nobre e elevado!

2. Jesus, ao ver Nicodemos interpretar suas palavras de um modo tão grosseiro e material, não o abandonou, mas deu-lhe nova lição. *Em verdade, em verdade te digo, ninguem pôde entrar no reino do céu, si não renascer da agua e do Espirito Santo. O que nasce da carne, é carne, o que nasce do Espirito, é espirito. Não te surpreenda o que te disse: E' necessario que nasças segunda vez.* — Como si dissesse: é necessario que o homem renasça, não do ventre de sua mãe, mas da agua e do Espirito Santo; e como o primeiro nascimento, que vem da carne, dá uma vida carnal e animal, assim a segunda, que vem do Espirito

Santo, dá uma vida espiritual e celeste. Este segundo nascimento é necessario para entrar no reino do céu. Nós, os christãos, renascemos verdadeiramente no baptismo para uma vida nova, espiritual, celeste, que é a vida da graça. E' esta que realmente vivemos, ou é a vida que nos vem do Adão terrestre, material, terrena e carnal?...

3. *O Espirito sopra onde quer*, — sem que nenhum poder humano o produza, o acalme, o dirija, o segure. *Ouves-lhe o ruido, mas não sabes donde vem ou para onde vae: assim é todo aquelle que nasce do espirito.* — Como si dissesse: Esta renascença de que te falo, que se faz pela operação do Espirito Santo, não se vê com os olhos; mas nem por isso é menos real. O vento que não se vê, e se sente, é uma imagem deste Espirito, que não se vê agir dentro do homem, mas fóra sentem-se os seus effeitos.

3. Ultima lição

1. *Respondeu Nicodemos e disse-lhe: como se podem fazer estas coisas?* — Aqui está um escolho em que muitos naufragam! — Eu não creio o que não entendo, diz o impio, tratando-se de assumptos religiosos. E quantas coisas crês, que não entendes?!... Muitos ignoram a verdade porque não consultam em suas duvidas quem os pôde elucidar. São espiritos altivos, que pensam saber tudo, e nada sabem!

Havia em Nicodemos uns assomos de orgulho pharisaico, que era necessario humilhar, e Jesus foi preparando seu discipulo para acceitar a sua ultima advertencia.

2. *E que, lhe diz, és doutor em Israel e ignoras isto? Em verdade, em verdade, te digo, que falamos do que sabemos e testemunhamos o que vimos, e vós não recebeis nosso testemunho; si não me credes, quando falo a linguagem da terra, como me acreditareis, quando vos falo a linguagem do céu?* — Je-

sus não reprehende Nicodemos por não comprehender, mas por não saber nem crêr; pois devia, como doutor da lei, saber o que se diz na Escriptura, e crer o que ella ensina. — Ainda que não comprehendamos muitos mysterios de nossa fé, ao menos devemos sabê-los, crê-los e confessá-los.

3. A reprehensão feita a Nicodemos foi mortificativa e humilhante, mas salutar. O phariseu, humilhado, não replicou mais; seu silencio foi a prova de sua docilidade e por ella mereceu que o Salvador lhe revelasse mysterios mais sublimes, como o da sua sacratissima Paixão, o mysterio da Incarnação e o mysterio da Santissima Trindade.

Docil á palavra de seu divino Mestre, Nicodemos ficou sendo seu discipulo, e quando os apostolos o abandonaram, elle encarregou-se da sepultura do Corpo do Senhor. — Qual é o fructo de minhas palestras com os homens? Sáem dellas discipulos de Christo?...

A SAMARITANA

1. Jesus no poço de Sichar

1. *Chegou pois Jesus, a uma cidade de Samaria, que se chama Sichar; junto a uma herdade que Jacob deu a seu filho José. Ora, estava ali o poço de Jacob. Jesus, cansado do caminho, estava sentado assim na borda da cisterna. Era pela sexta hora do dia.* (Jo. IV, 5). — Esta narrativa ressuma o ardente zelo das almas, em que se abrasa o coração do divino Salvador. Elle ahi vae arfando debaixo de um sol asphyxiante, palmilhando o caminho poeirento de Sichar, seguido de seus discipulos. E' o bom Pastor em busca da ovelha perdida! — Jesus, cansado por salvar almas, e eu quero salvar a minha no descanso, na indolencia, na inacção?... Cansado está elle tambem por ti, diz S. Ambrosio, porque ha muito que te procuro. *Fatigatus etiam in te quia diu te quaesivit.* (l. 2 de Spir. Sancto).

2. Nesta ocasião *veiu uma mulher de Samaria tirar agua.* — Feliz Samaritana, que foste encontrar o teu Salvador! Não foi acaso este encontro, mas muito determinado pela misericórdia e providencia divina. Oh! quantas occasiões semelhantes se nos offerecem de encontrar Jesus, e que tão infelizmente desprezamos! Não seja para nossa ruina!...

3. *Disse-lhe Jesus: dá-me de beber.* — A sede de Jesus não era tanto de fadiga, como da conversão desta alma. — *Mas esta mulher Samaritana disse-lhe: Como, sendo tu Judeu, me pedes de beber, a mim que sou mulher Samaritana? pois os judeus não communicam com os Samaritanos.* — Mal sabia ella que falava com aquelle que em breve havia de reunir o Samaritano com o Judeu, e o Samaritano com o Gento, e formar de todos os povos da terra um só povo fiel. — Não serei, como esta mulher, tão duro para com Jesus que lhe nego o que me pede e que tão facilmente lhe posso dar?...

3. Da agua da vida

Respondeu-lhe Jesus: Si conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: dá-me de beber! tu lhe pedirias e elle te daria a agua viva. — 1. Jesus passou por alto a descortezia da mulher e levou-a a pensamentos mais sérios, picando-lhe a curiosidade de uma agua superior. Si conhecessemos o dom que nos faz Jesus quando nos pede algum sacrificio, nada lhe recusariamos, pois pelo menor sacrificio nos dará a agua viva do seu amor, da sua graça e da vida eterna!

2. Ella não sabia *quem era o que lhe pedia agua;* eu sei que é Deus que pede a guarda dos seus mandamentos, a mortificação de meus sentidos, o cumprimento de meus deveres, e terei a insensatez de lhe negar tão pequenos sacrificios?

Disse-lhe a mulher: Nem tens com que tirar, e o poço é fundo; onde pois tens a agua viva? Porventura és tu maior que nosso pae Jacob, que nos deu esta cisterna, e elle mesmo bebeu della, seus filhos e

seus rebanhos? — Estas difficuldades e desculpas, que a Samaritana apresenta, são imagem dos pretextos frivolos que allegam os peccadores, dos obstaculos que se preparam a si mesmos para obviar aos toques da graça e aos remorsos da consciencia.

Jesus deixou correr a comparação que a Samaritana fez entre elle e Jacob, para a não indispôr, e responde indirectamente, explicando a differença entre a agua do poço de Jacob e a que Elle promette. *Quem beber desta agua terá ainda sede; mas quem beber da agua que eu dou, não terá mais sede; pois a agua que darei tornar-se-á nelle uma fonte de agua que corre para a vida eterna.* — Quão difficil é ao homem carnal comprehender as coisas de Deus! Não imagina que possa haver bens superiores aos dos sentidos. Ainda que a Samaritana não comprehendes-se todas as palavras de Christo, todavia começou a entrever através dellas um mysterio de que deseja um esclarecimento. Isto foi bastante para desejar ardentemente esta preciosa agua; e pediu-lh'a.

Senhor, lhe diz ella, dae-me desta agua, afim de que não tenha mais sede, nem venha mais por ella aqui. — Pede-lhe esta agua viva, mas cuja virtude desconhece. Guia-a na petição o interesse e commodidade. — Nós conhecemos melhor esta agua divina, que é a graça do Espirito Santo; desejemo-la, e peça-mo-la, não para nos isentar das necessidades da vida, mas para nos purificar dos peccados, para extinguir o ardor das paixões, para nos tirar a sede dos prazeres e dos bens do mundo.

3. Jesus revela-se á Samaritana

Disse-lhe: Vae, chama teu marido e volta cá. Respondeu-lhe a mulher, e disse: Não tenho marido. — Jesus vae-se insinuando na alma da Samaritana, levando-a a manifestar seu coração e confessar sua má vida. Assim se foi dispondo para receber a agua da vida da graça. Emquanto não confessarmos nossas culpas e lançarmos do coração toda a peçonha

do peccado, não receberemos a agua da divina graça!...

Jesus vae se assenhorando da alma de sua discipula e descobre-lhe as desordens de sua vida. *Tens razão, disse-lhe Jesus, em dizer que não tens marido, porque tiveste cinco, e agora o que tens não é teu: nisto falaste verdade.* — Tal revelação surpreendeu a pobre Samaritana, que se viu diante de um propheta. *Senhor, vejo que sois propheta.* A agua da divina graça começava já a espalhar-se pela alma. Já se confessa peccadora, já se mostra arrependida: está quasi convertida.

A Samaritana reconheceu em Jesus um propheta, mas elle deu-se-lhe a conhecer como Messias. Assim se foi aclarando nessa alma a luz da verdade, nesse dialogo apologetico que teve com Jesus. Por fim confessou a fé no Messias: *Eu sei que o Messias, isto é, Christo, ha de vir; quando elle vier, nos declarará todas estas coisas.* *Disse-lhe Jesus: Eu sou que falo comtigo.* — O' palavra admiravel! Jesus tambem nolla dirige a nós: estejamos attentos! E elle fala, elle diz-nos que é elle que fala e não outro, e não queremos reconhecer a sua voz!...

A SAMARITANA

(Continuação)

1. Jesus com os Apostolos

1. *E logo chegaram os seus discipulos e admiravam-se porque falava com a mulher.* — Esta admiração dos discipulos mostra como Jesus Christo andava afastado do trato com mulheres, como os pastores das almas estão sujeitos ás censuras dos homens, e como seu proceder é objecto das reflexões do publico.

2. *Todavia ninguem disse: O que procuras ou por que falas com ella?* — As ovelhas não devem julgar temerariamente o proceder dos seus pastores, nem guiar-se pelas apparencias. Aprendamos dos di-

scipulos a dominar o funesto espirito de curiosidade, tão contrario ao recolhimento e opposto á caridade christã.

2. Zelo da Samaritana

1. No mesmo tempo em que chegavam os discipulos, *a mulher deixou o seu cantaro, partiu para a cidade e disse áquelles homens: Vinde e vêde um homem que me disse tudo quanto eu fiz: Não será elle Christo?* — A Samaritana, convertida em apostola, vae ensinar-nos com que zelo devemos prégar a Jesus Christo. 1. *Zelo ardente*, que chega a esquecer o cantaro com a agua que viera buscar para serviço de casa, e vae publicar a toda a cidade o feliz encontro com o Messias. Tudo é vida e fogo nas almas que se chegam a Deus e ouvem suas palavras de vida e salvação. 2. *Zelo humilde*, pois, occultando as grandes verdades que lhe foram reveladas, menciona sómente a revelação de sua vida, de suas acções, de seus peccados. Quanto seu exemplo condemna a prudencia dos peccadores, que temem revelar os seus peccados a um ministro de Jesus Christo, e blasonam delles diante de todo o mundo! 3. *Zelo prudente*, pois não diz que este homem é o Messias e que elle a certificou disso; contenta-se com dizer que é um homem que sabe toda a sua vida, deixando, áquelles a quem se dirige, verificar si é elle o Messias. 4. *Zelo efficaz*, pois *sahiram da cidade e foram ter com elle.* — Si um tal facto se dêsse hoje em dia, quantos incredulos se não renderiam a tal convite!... Acompanhemos este povo para vêr Jesus Christo, ouvir suas palavras, estudar suas acções e conhecer quanto nos ama.

3. Caridade de Jesus

1. *Entretanto, seus discipulos diziam-lhe: Mestre, come.* — Emquanto a Samaritana corria a chamar os habitantes de Sichar, os discipulos de Jesus põem-lhe diante o que trouxeram da cidade, e, como

viram que não comia, forçaram-n'o a comer: *Mestre, come!* Não obstante a fadiga do caminho, o calor, a hora avançada, o esgotamento em que está, o divino Salvador não pensa em comer, mas na obra de Deus, que tem começada, que a Samaritana continúa e que elle quer consummar. O' Jesus, a vossa caridade e cuidado de nossa salvação faz-vos esquecer vossas proprias necessidades, emquanto nós por necessidades imaginarias, frivolos passatempos, esqueceremos nossa salvação e a de nossos irmãos!...

2. Os discipulos forçam-n'o a comer, mas elle diz-lhes: *Eu tenho um alimento que vós não conheceis.* — O Salvador aproveita toda a occasião para nos instruir. A agua que pediu á Samaritana deu-lhe ensejo a falar da agua da vida; o alimento que lhe apresentam os discipulos serve-lhe de thema para uma instrução apostolica. O alimento de Jesus é a nossa santificação: nós lhe apresentamos um alimento celeste quando nos tornamos doces aos toques da graça, e lh'o negamos quando seguimos nossas propensões. Quando nossos falsos amigos nos convidarem a afrouxar em nossos exercicios de piedade, quando nos convidarem para a mesa dos gozos mundanos, digamos resolutamente com Jesus Christo: *Eu tenho outro alimento que vós não conheceis!*

3. Os discipulos se diziam uns aos outros: *Ter-lhe-á alguém trazido de comer?* — Os discipulos não eram ainda mais esclarecidos, sobre o alimento divino de que Jesus lhe falava, do que a Samaritana sobre a agua viva. Como não tinham experiencia sinão da fome corporal, não conheciam ainda a fome da verdade e da justiça: por isso não entenderam por que Jesus não comia, julgando que alguém lhe trouxera de comer. — O homem é sempre escravo dos sentidos quando Deus o não levanta á região dos espiritos e lhe não fala das doçuras da graça. — O' Jesus, preferindo as necessidades do proximo ás vossas, occupando-vos mais da salvação dos Samaritanos que da refeição de vosso corpo, ensinae-nos a não omittir nunca as obras de caridade, e a ante-

pôr, às necessidades do nosso corpo, o socorro que de nós reclama a salvação das almas.

4. *Disse-lhes Jesus: O meu alimento é fazer a vontade daquelle que me enviou, para que leve a cabo sua obra.* A salvação de uma alma é para Jesus preferível ao pão material, quanto mais a salvação de uma cidade inteira! Eis qual deve ser o nosso pão de cada dia: fazer a vontade de Deus em tudo. Tanto a peito tinha Jesus fazer a vontade de seu Pae, quanto a peito têm os homens procurar o alimento corporal.

DAS BEMAVENTURANÇAS 1)

PRIMEIRA BEMAVENTURANÇA

1. Pobres de espirito com relação aos bens externos

Bemaventurados os pobres de espirito, porque delles é o reino do céu. — A pobreza de espirito pôde considerar-se com relação aos bens externos e aos internos. Os pobres de espirito com relação aos bens externos podem-se dividir em tres classes: pobres de espirito por eleição, por necessidade e por afeição.

Os pobres por eleição ou voluntarios são aquelles que, por uma livre renúncia, se despojaram de seus bens e se obrigaram por voto a nada possuir como proprio neste mundo, e a nada usar a não ser sob a dependencia de algum superior. Estes serão pobres de espirito si conservarem os sentimentos de desprendimento, de humildade e mortificação com que fizeram uma tão generosa renúncia.

Os pobres por necessidade são os que, pela condição de seu nascimento ou por qualquer outra disposição da divina providencia, se encontram sem bens, ou com tal penuria delles, que vivem soffrendo os rigores da indigencia. Estes são pobres de espirito, si contentes com a sua sorte, levam a pobreza com re-

1) Matth. V 4 — VII 29.

signação e humildade, não desejando sahir della nem invejando a sorte dos ricos.

Os pobres por affeição são aquelles que por uma especie de necessidade se encontram ligados ás riquezas. Ests são pobres de espirito si possuem as riquezas sem ter a ellas preso o coração, sem orgulho e sem inquietação para as augmentar, si estão promptos a antes perdê-las do que offender a Deus; si usam dellas com temor, moderação e sobriedade; si as empregam em soccorrer o proximo, em propagar a fé, no culto e serviço de Deus, e não no fausto, no luxo e delicias da vida. — A qual destas classes pertencço?... Tenho o meu coração despido de todo o affecto ás coisas temporaes?...

2. Pobres de espirito com relação aos bens internos

Ha tres classes de bens dos quaes o pobre de espirito se deve desapegar, si quer chegar á bem-aventurança. A primeira classe comprehende os bens do corpo, como a força, a belleza, a saude; a segunda, os bens naturaes da alma, como a sciencia, as luzes, os talentos e as vantagens que dellas nos vêm perante os homens, como a honra, a estima, o louvor; a terceira, os bens sobrenaturaes da alma, que não são necessarios á nossa perfeição, como as consolações espirituaes, os gostos sensiveis e as doçuras da devoção. Tambem nos devemos despojar destes bens? Sim. — Primeiramente devemos considerá-los não como proprios, mas recebidos da mão de Deus como um pobre recebe uma esmola. Devemos em segundo lugar possui-los com humildade, como sendo de Deus e não nossos; usar delles com temor de virmos a offender a Deus com seus mesmos beneficios. Finalmente, si Deus no-los quizer de novo tirar, devemos soffrer a perda delles com resignação, e pensar que, creados não por nós, mas por Deus, não é a seus dons, mas a Elle só que nos devemos apegar. Quanto mais avançarmos nesta pobreza de espirito, neste completo

desapego de nós mesmos, tanto mais adiantaremos na perfeição e chegaremos a uma grande bemaventurança, muito mais elevada no céu!...

3. Em que consiste a bemaventurança

Os pobres de espirito são bemaventurados porque delles é o reino do céu, disse Jesus. O reino que lhes é promettido pôde significar: 1. *O céu*, onde entrarão na posse de Deus e de sua gloria. Que premio! Deixar uns benzinhos da terra, cuja posse causa tanta inquietação, e receber em troca um reino eterno, um bem infinito!... — 2. *O coração*, que é um céu na terra, quando nelle habita Deus pela graça santificante, e nelle reina pelo seu amor. Os pobres de espirito, senhores do seu coração, engrandecem-n'o com novos actos de virtude e piedade, enquanto os ricos, presos aos bens da terra, vivem dominados pelo continuo anseio de mais enriquecer! Aquelles são senhores de um reino; estes, escravos de um interesse!... — 3. *A Igreja*, em que os pobres de espirito possuem o verdadeiro reino do Evangelho, que lhes é principalmente annuciado. São elles que constituem o reino messianico: *Evangelizare pauperibus misit me* — Ao contrario os ricos, que são excluidos deste reino, assim como muitos pagãos e herejes, são impedidos pelas riquezas, aquelles de abraçar o christianismo, estes, de voltar ao seio da Igreja. O' infelizes riquezas, quem vos não ha de temer?... O' santa pobreza, quem te não ha de procurar e abraçar?... O' feliz e santo desprendimento de tudo que não é Deus, tu és a primeira lição que Jesus nos dá, a primeira bemaventurança que nos propõe!...

SEGUNDA BEMAVENTURANÇA

1. Em que consiste

1. *Bemaventurados os mansos, porque elles possuirão a terra.* — A segunda virtude, a que Jesus promette à bemaventurança, é a mansidão. A mansidão,

para ser virtude, deve ter por principio a caridade e a humildade, e não o temperamento, uma certa politica ou interesse, nem o desejo de agradar e seduzir. Deve ser sincera, e não fingida ou aparente; deve mostrar-se em toda a pessoa: no assombramento do rosto, no gesto, nas palavras, no tom da voz, e sobretudo residir no coração. E' assim que eu pratico a virtude da mansidão? — Quando no coração está um mar de ira, então hão de minhas palavras, gestos e semblante mostrar que navego em mar tranquillo.

2. As occasiões de praticar a mansidão são quotidianas, são de cada hora, são de cada momento. E' nos pequenos como nos grandes acontecimentos. E' preciso soffrer o que nos mortifica, o que nos irrita, o que nos contraria, quer venha dos homens, quer venha dos elementos.

3. Com que pessoas devo praticar a doçura e mansidão? — Com os superiores, com os iguaes, com os inferiores, com os grandes e com os pequenos, com todos os homens em geral e com cada um em particular, sobretudo com aquelles com quem tenho trato mais frequente e que com suas impertinencias me provocam a irritação. Devemos com todos ser mansos e caritativos com os do nosso genio e caracter e com os antipathicos e odientos, pois todos têm direito a ser supportados por nós no que nos pôde desagradar da parte delles, como desejamos que os outros nos supportem.

2. Pretextos contra a mansidão

As vezes serve de pretexto á falta de mansidão: 1º *o objecto que mortifica*. Aparece-nos então fastidioso, tão incommodo, que chega um a persuadir-se que é impossivel, ou ao menos muito difficil, supportá-lo; mas é proprio da virtude vencer as difficuldades: sem contrariedade, onde está a virtude e o merecimento?... 2º Outro pretexto para desculpar a falta de mansidão é *o proprio natural*. E'-se naturalmente vivo, arrebatado, impetuoso. Mas pretende-

mos praticar as lições de Jesus Christo só quando são conforme ao nosso natural, character e inclinações? O que elle exige de nós não é precisamente vencer nossas inclinações, refrear nossas paixões, dominar os primeiros impetos da cólera, destruir os máus habitos e substitui-los pelos bons? Quem não faz neste sentido sinão fracos esforços, em vão se lisonjeia de discipulo de Christo e de ter parte em suas promessas!... 3. Outro pretexto é *o zelo da ordem*. Mas o verdadeiro zelo é cheio de doçura; si ás vezes toma um tom severo, é sem exasperação e azedume. Guardemo-nos de menosprezar uma virtude que o divino Mestre põe aqui em segundó lugar, virtude que recommendou muitas vezes e de que nos deu elle mesmo um exemplo perfeito: *Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração*. Facilmente nos desculpamos, dizendo que os peccados nesta materia são leves: mas não vemos os escandalos que causa um modo brusco, a ferida que abre no coração do proximo uma palavra dura e apaixonada!

3. Premio desta virtude

1. Os mansos são bemaventurados, porque possuirão a terra, isto é, a terra dos vivos, a terra promettida, o céu onde gozarão numa paz eterna as doçuras do amor de Deus.

2. Possuirão a terra, isto é, o imperio do coração. O coração é em cada um de nós uma terra, um reino, onde se levantam sem cessar mil movimentos sediciosos: mas a doçura e a mansidão os abafam logo ao nascer, e então se possui a alma em paz, e na alma o Deus da paz. Não póde haver espirito interior onde não reina esta paz, que é fructo da victoria sobre as paixões.

3. Elles possuirão realmente a terra que habitamos. Quem é manso e doce com todos não tem inimigos, toda a terra é sua. A' mansidão se attribuem muitos successos, que não se realizariam por outro meio. Que brilhantes conversões, que fundações piedosas são filhas da mansidão, que, sem ella, seriam

mallogradas!... Não foi arvorando a bandeira da paz e da mansidão que o christianismo possui hoje a terra que o paganismo tinha possuido por longo tempo, por um regimen de oppressão e servilismo? O' Jesus, ensinae-nos a ser doces, mansos e humildes como vós, a possuir nossa alma em paz, e a expellir della os revoltosos turbilhões dos máus affectos!...

TERCEIRA BEMAVENTURANÇA

Bemaventurados os que choram, porque elles serão consolados. — As lagrimas, que na opinião dos homens são o apanágio dos infelizes, no juizo de Deus são o principio de felicidade e o premio da bemaventurança. Mas é da origem destas lagrimas que nascem os direitos que temos á felicidade promettida por Deus. Ora, podemos distinguir tres origens diferentes e por consequente tres sortes de lagrimas: lagrimas da natureza, lagrimas da religião e lagrimas da oração.

1. Lagrimas da natureza

Examinemos quaes são aquelles que pela natureza são condemnados ás lagrimas. Ah! são todos os homens! Ninguem é exceptuado! O mundo está cheio de infelizes que choram, que gemem, que se contorcem na dôr!... Lagrimas correm de todos os olhos e por motivos muito differentes. A perda dos bens e da saude; a morte dos parentes e amigos; a inveja e as perseguições dos inimigos, e mil outras causas de afflicção enchem o mundo de lagrimas, que só a religião pôde adoçar.

2. Ora, *em que condições* pôdem ser felizes os que choram obrigados pela inelutavel lei da natureza? Os que choram pelas desgraças que a vida humana traz consigo serão felizes si aproveitam as tribulações para se desprenderem das creaturas e unirse ao Creador; si, olhando suas penas como vindas da mão de Deus, as acceitam com resignação e suppor-

tam com firmeza e paciência, em espirito de penitencia e satisfação por seus peccados. Maior merecimento terão ainda si chegam a soffrê-las com amor e reconhecimento por um Deus que os castiga, que os purifica e torna semelhantes a seu Filho. 3. *Como serão felizes os que choram assim?* Serão felizes porque serão consolados. — *Se-lo-ão no céu*, donde é banida toda a causa de afflicção e onde encontrarão em Deus um Pae amoroso que lhes limpará as lagrimas desta vida e os inundará de consolações eternas. — *Se-lo-ão sobre a terra*, por consolações *interiores*, por graças particulares que lhes farão comprehender que suas afflicções são contadas por Deus e que nenhuma ficará sem recompensa. — *Se-lo-ão ainda sobre a terra* por consolações *exteriores*, porque nem sempre a mão da justiça divina pesa sobre nós, nem é só para nos castigar que seu braço está armado: si, por um lado, nos manda alguma afflicção, por outro, nos multiplica seus beneficios. Mas que ingratos somos! Murmuramos pelos bens que nos tira, e, não agradecendo os bens que nos faz, ainda abusamos delles para o offender!...

2. Lagrimas da religião

1. Entre os que, pela religião, são condemnados ás lagrimas, entram em primeiro logar todos os christãos, que pelo baptismo renunciaram ás pompas, ás alegrias e vaidades do mundo. Em seguida os que entre os christãos fazem profissão de uma vida mais santa e perfeita, quer no mundo, quer no estado religioso. — 2. E em que condições serão estes bemaventurados? Serão bemaventurados si, conservando o espirito de sua vocação, detestam a felicidade do mundo, aborrecem o fausto, o orgulho, os prazeres e delicias mundanas, preferindo a tudo isto uma vida séria, retirada, laboriosa e penitente.

3. *E em que são elles felizes?* Porque tambem serão consolados. — *Sê-lo-ão no céu*, onde gozarão de uma alegria pura, proporcionada á sua vida pe-

nitente, ao seu fervor e ás suas lagrimas. — Sê-lo-ão *na terra*, pelas consolações interiores que dá uma boa consciencia áquelles que cumprem os deveres do christianismo e da perfeição evangelica. — Elles o serão ainda sobre a terra, pelas consolações exteriores que receberão das pessoas de bem, pelos bons exemplos que outros, por seu meio, praticam, e pela gloria que dão ao Senhor.

3. Lagrimas da oração

A oração é uma fonte de suavissimas lagrimas, que, por serem só conhecidas de Deus e produzidas pelo seu amor, terão maior premio. Lagrimas de zelo á vista dos males que soffre a Igreja, dos escandalos que se commettêm, dos ultrajes que os peccadores fazem á majestade divina, á vista do numero incalculavel de almas que se entregam á desordem e perecem para sempre! Lagrimas de penitencia á vista de nossos peccados e de nossas infidelidades quotidianas! Lagrimas de tristeza, considerando as miserias e perigos de nossos exilio. Lagrimas de compaixão, meditando os tormentos de Jesus Christo. Lagrimas de devoção, adorando o augustissimo Sacramento da Eucharistia. Quem poderia nomear todas as fontes de lagrimas que o Espirito Santo faz brotar do coração fiel docil aos seus influxos? . . .

Os que assim choram serão bemaventurados, porque serão consolados. Nas mesmas lagrimas têm a maior das consolações: mas serão consolados *no céu*, onde, entrando na posse de Deus, nada mais anseia seu coração, possuem o objecto por que suspiravam na terra, tem-n'o seguro por toda a eternidade! — Serão consolados *em vida*, porque, no meio do mundo, terão maior consolação nas lagrimas com que regam os pés do crucifixo, do que os mundanos gozando de todas as alegrias dos sentidos. — Serão consolados porque nella terão um antegosto da bemaventurança, por encontrarem as suas almas purificadas de todos os peccados e lavadas com as lagrimas da contrição e do amor de Deus.

QUARTA BEMAVENTURANÇA

1. O que é justiça

Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça, porque elles serão fartos. — Sob o nome de *justiça* se entende aqui o habito de todas as virtudes e o cumprimento de todos os nossos deveres. E' o que chamamos santidade, perfeição, graça santificante; e como todos os dias podemos crescer na justiça assim entendida, devemos desejá-la e progredir nella. A justiça neste sentido é nosso unico bem, o unico que nos pertence, que é inherente á nossa alma e que lhe dá toda a nobreza, grandeza, formosura e riqueza. Todos os outros bens estão fóra de nós e podemos ser delles despojados contra a vontade. A mesma sciencia e os talentos são deste numero. A alma apenas usa delles passageiramente. A justiça é um bem puro e sem mistura; todos os outros bens trazem em si o principio de corrupção. A sciencia incha, os prazeres enfadam, as riquezas perdem-se; mas a justiça encerra todas as virtudes e oppõe-se a todos os vicios. Ella é um bem eterno e incorruptivel. Ah! quantas vezes se perde, mas é por nossa culpa!... A morte nos despojará de todos os outros bens, sem que nos possa ficar um só: mas deixar-nos-á a virtude inteira. Que loucura, pois, desejar tanto os bens terrenos que a morte nos ha de roubar e descurar o que ella não nos póde tirar, a justiça e santidade!...

2. Em que consiste a fome e sede de justiça

Ter fome e sede de justiça é desejá-la ardentemente como a fome nos faz desejar o comer, e a sede, o beber. Ella deve occupar-nos inteiramente, seguir-nos por toda a parte, arder em nosso coração dia e noite. Este desejo deve ser activo e efficaz, como a fome e a sede. Deve-nos pôr attentos em utilizar todas as occasiões que podem apresentar-se de nos santificarmos; deve apparecer em todas as nossas

acções, soffrimentos, empresas, orações. O que não fazemos para matar a fome e a sêde do corpo? E que pouco fazemos para saciar a fome e sêde da santificação de nossa alma?

Emfim, este desejo deve ser regulado e razoavel, como a fome e sêde é sujeita a certas regras no homem são. Não nos entretenhemos com idéas chimericas de uma santidade que não nos convém nem está conforme com o nosso estado. Praticando todos os dias os mesmos deveres, podemos todos os dias crescer na santidade. Nem devemos tampouco aspirar a dons sublimes e extraordinarios, como são os raptos e as revelações, mas limitar-nos ao mais precioso de todos os dons, que é fazer a vontade de Deus e fazê-la todos os dias do modo mais perfeito. Não devemos, finalmente, no exercicio do proprio estado, aspirar á impeccabilidade. Procuremos evitar todo o peccado e imperfeição, mas, si alguma falta nos escapar cada dia, não nos perturbemos nem desesperemos de chegar á perfeição. A santidade anda junta a estas faltas, filhas da fraqueza humana, que Deus permite para nossa humilhação. Purifiquemonos della com a penitencia e vamos adiante sempre com novo fervor.

3. Como é saciada a fome e sêde de justiça

A bemaventurança promettida aos que têm fome e sêde de justiça 1. está no mesmo desejo della. Os desejos profanos atormentam o coração, que se lhes entrega, porque o seu objecto umas vezes está longe, outras é difficil e até impossivel de se obter: e, ainda que se obtivesse, é incapaz de satisfazer a vontade. O desejo da justiça, pelo contrario, enche a alma de consolação. Quem deseja deveras amar a Deus e unir-se a elle, já o ama, já o possui. Feliz desejar que já é possuir o bem que se deseja! Tenhamos pois esta fome e sêde, isto é, um ardente desejo de santificar-nos e chegarmos a ser santos.

2. Esta bemaventurança encontra-se *em todas as acções* e acontecimentos da vida. Si procuramos em tudo santificar-nos, santificar-nos-emos. Nada deste mundo nos pôde impedir, pelo contrario tudo nos pôde auxiliar neste empenho.

3. Esta bemaventurança se encontra *na doutrina do Evangelho* tal como a Igreja a recebeu e no-la explica. Lá uma alma recta encontra com que satisfazer a sua fome e sêde de santidade, pois lá tem traçada a verdadeira idéa da perfeição, as regras, os motivos, os meios para chegar a ella, e sobretudo o perfeito modelo que deve seguir: Jesus-Christo. Fóra do Evangelho nada ha que satisfaça, nada que possa tranquillizar uma alma nem para esta vida nem para a outra.

4. Esta bemaventurança se encontra no *uso dos sacramentos*, que todos são fontes de graça e de justiça, sobretudo o sagrado banquete da Eucharistia, onde recebemos o Justo por excellencia, que quer ser nossa justiça e santificação. Feliz a alma faminta desta iguaria e sedenta desta preciosa bebida! Ella será saciada á proporção da fome e sêde que levar. Dilatemos nossos desejos: quanto maiores forem, mais satisfeitos serão.

5. Finalmente esta bemaventurança se encontrará no céu, onde, para sempre isentos dos peccados e associados aos justos, viveremos com elles no reino da justiça e possuiremos, sem temor de perdê-lo, o autor de toda a justiça — *Deus!*

QUINTA BEMAVENTURANÇA

1. Misericordia corporal

Bemaventurados os que usam misericordia, porque elles alcançarão misericordia. — De tres maneiras podemos exercitar a misericordia com o proximo: nas necessidades corporaes, nas espirituaes e nos defeitos.

Dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; visitar os encarcerados; assistir aos doentes; hospedar os peregrinos; resgatar os captivos e enterrar os mortos: são obras de misericórdia. Quem as pratica, tem direito ao premio que Jesus Christo promette. Como as guardo?... Aproveito todas as occasiões de as praticar?... Praticamo-las como queríamos que outros as praticassem connosco nas mesmas necessidades?... Temos em casa um doente e talvez raras ou nenhuma vez o visitamos! Lembremo-nos como Deus exerce connosco estas obras de misericórdia: proveu-nos de todos os bens e até com superabundancia. Agradeçamos-lhe tanta misericórdia, mas lembremo-nos que não é só para nós que nos dá todos estes bens! Si nos dá muito, é para que repartamos com os que têm menos.

Esta misericórdia deve ser *universal*, não excluindo della os nossos inimigos, imitando a misericórdia de Deus, que manda a chuva sobre os bons e máus: *qui pluit super justos et injustos*. Si a nossa misericórdia fôr para as pessoas que nos são sympathicas, não terá merecimento, nem merecerá o nome de misericórdia: será interesse, ambição, avareza, sympathia.

Devo usar de misericórdia movido de verdadeiro amor do proximo, da caridade e compaixão, com intenção pura de auxiliar e não com a esperança de lucro, nem para ser visto dos homens.

Si não podemos socorrer o nosso proximo com as obras de misericórdia corporaes, temos então recurso ás espirituaes.

2. Misericórdia espiritual

As obras de misericórdia espirituaes são principalmente a correcção prudente e caridosa dos erros do proximo, a instrucção dos ignorantes, consolar os tristes, dar bom conselho, e orar pelos vivos e mortos. Como exercitamos estas obras?... Não deixamos de reprehender muitas vezes, por fraqueza, timidez, respei-

to humano? Ou não reprehendemos com altivez, desconfiança e azedume?... Como attendemos á instrucção daquelles que dependem de nós?... Sobretudo á instrucção delles nos mysterios da religião e nos deveres para com Deus?... A maior necessidade espiritual do homem é a sciencia da salvação. — Ouvimos os afflictos que vêm a nós por consolação em suas maguas? Visitamo-los?... São nossos conselhos conformes com o Evangelho?... Emfim, desquitamo-nos do que devemos aos mortos e aos vivos por nossas orações e pelas que lhes podemos procurar?... Ah! quanta crueldade, quanta dureza e deshumanidade, em vez desta misericordia que o Evangelho nos recomenda, e a que Deus promette tão grande premio!...

E como é que Deus exerce estas mesmas obras de misericordia connosco? Elle nos reprehende pelos salutaes remorsos da consciencia; quantas vezes trabalhamos por abafá-los em nós e talvez nos outros!... Deus fez que merecessemos no seio da Igreja e cercou-nos de luzes e instrucções; mas não as temos desprezado, preferindo a sciencia *banal* do mundo, as lições da impiedade, os máus exemplos?... Em nossas penas Deus está sempre disposto a nos attender: não terá elle razão de se queixar de que não recorremos a elle, quando mais precisamos, e vamos mendigar a consolação nas creaturas?... Mil inspirações nos illuminam cada dia e nos excitam ao bem: qual é nossa fidelidade em segui-las?... Agradeçamos a Deus porque, apesar de nossa ingratição, ainda não retirou de nós sua misericordia.

3. Misericordia caritativa

Devemos exercitar a misericordia com o proximo, supportando-lhe os defeitos. Ha muitas faltas no proximo que nos mortificam, e que não obstante devemos supportar. Injurias atrozes, injustiças consideraveis, que é preciso perdoar com generosidade. Ha muitas offensas ligeiras, palavras inconsideradas, que é necessario esquecer; ha defeitos, descortezias,

desatensões, maneiras repellentes, que é preciso desculpar com indulgencia, para não nos indispormos, para não esfriarmos na caridade: como exercitamos estas obras de misericordia com as fraquezas do proximo?... Perdoamos facilmente qualquer offensa, sem guardar lembrança della, sem exaggerar em nossa imaginação, sem falar della nas conversas?... Ah! julgamos talvez que não temos nada que desgoste os nossos semelhantes, e temos muita necessidade que elles nos supportem!... Sejam misericordiosos e indulgentes, para que os outros o sejam conosco.

SEXTA BEMAVENTURANÇA

1. Gráus da pureza do coração

Bemaventurados os puros de coração, porque elles verão a Deus. — A pureza do coração comprehende tres gráus. O primeiro consiste no estado de graça e pertence á via purgativa. Para estar neste gráu o coração deve ser puro, limpo da macula de todo o peccado mortal e desapegado de toda a affeição ao peccado venial, de sorte que nelle reine o amor de Deus e habite a graça santificante. E' o que se chama — *ser justo*.

O segundo gráu é mais elevado e consiste em desarraigado do coração todos os máus habitos do peccado, para implantar os da virtude, de sorte que as paixões estejam nelle mortificadas e sob o dominio das virtudes: é o que se chama — *ser virtuoso*. O terceiro gráu da pureza do coração é um estado de santidade que pertence á vida intuitiva; neste gráu o coração está desapegado de todas as creaturas e unido só a Deus. Não tem prazer, dôr, tristezas, desejo, temor, affeição, que não seja em Deus e por Deus. E' o que se chama — *ser santo!* Contentar-se com o primeiro gráu sem se applicar efficazmente a adquirir os outros dois, constitue o que se chama o estado de tibieza, muito perigoso no caminho da salvação! O coração é como um porto aonde tudo converge: nossos sentidos exteriores

diffundem-se pelos varios objectos impuros que penetram até ao coração; é pois necessario refrear os sentidos e não lhes permittir sinão o absolutamente necessario. Nosso espirito, nossa imaginação, nossa memoria, são faculdades turbulentas, donde se elevam sem cessar mil vapores cuja malignidade ataca a pureza do coração; urge banir delle todo o pensamento, toda a imaginação, toda a lembrança não só licenciosa ou perigosa, mas até a inutil. O nosso coração é um sólo ingrato que de ordinario não produz sinão affeições desregradas, desejos impuros, intenções criminosas; é preciso arrancar delle estas producções impuras até ás ultimas fibras, e tantas vezes quantas brotarem de novo.

2. Preconceitos contra a pureza do coração

1. *Si vivo desta maneira, levo uma vida infeliz!*

— Ora essa!? então julgas que tua felicidade pôde vir do peccado? das paixões? das creaturas?... Muito te enganas! daqui é que se originam todas as nossas penas! Não é sob o imperio destes inimigos que experimentamos a mais dura e funesta escravidão?... Oh! que doçuras encontra a alma que debellou estes inimigos, que se poz em liberdade e adheriu para sempre e unicamente a Deus!...

2. *Esta vigilancia continua é coisa impossivel!*

— Mas a graça torna-a possível e até facil! Muitas almas puras têm vivido desta sorte em todas as condições, e em outras mais difficeis que as nossas. Na verdade, não é isenta de difficuldades esta illibada pureza do coração, e para as superar é preciso esforço varonil e applicação constante: mas nenhum bem se alcança sem trabalho. As artes e as sciencias têm suas difficuldades, o que não tira que as aprendamos. Estas difficuldades se aplanam á medida que se progride; e o prazer de as ter superado indemniza toda a pena e trabalho que tivemos em vencê-las.

3. *Esta perfeita pureza de coração não é de preceito.* — Que grosseiro erro! Ella é pelo contrario de preceito indispensavel, que deriva essencialmente da grandeza e santidade de Deus: e, com effeito, a menor impureza basta para nos fechar o céu, onde nada de impuro pôde entrar; e para purificar nossa alma nada menos é preciso que o fogo do purgatorio. E' pois um erro, e um erro fatal, trocar a pena e trabalho que se tem em conservar o coração puro, pelos supplicios rigorosos que se padecem sem agradar a Deus e sem nelles merecer!...

3. Recompensa

1. Os puros de coração verão a Deus neste mundo pela contemplação de suas obras: no estabelecimento e conservação da Igreja; nos Livros Santos, que contêm seus oráculos; em todos os acontecimentos que são effeitos de sua Providencia. Vê-lo-ão nos favores interiores, nas luzes, nas consolações, nas delicias sobrenaturaes, de que Deus se apraz em nos inundar o coração de tempos a tempos, e em que ha um quê de tão divino e ineffavel, que todas as delicias da carne e do mundo são um tormento em sua comparação.

4. Emfim elles verão a Deus no céu, pela visão clara de toda a sua gloria. Quando as dores da ultima doença, quando os sacramentos e as orações da Igreja tiverem acabado de purificar esta alma, e que uma santa morte tiver posto o sello da perseverança final á sua fidelidade, será admittida á visão de Deus face a face, a gozá-lo e amá-lo com um amor beatifico, seraphico e eterno! O' recompensa digna da grandeza e bondade de Deus! ó pureza do coração, como és preciosa e digna de todos os nossos cuidados!...

SETIMA BEMAVENTURANÇA

1. Como se é pacífico

Bemaventurados os pacíficos, porque elles serão chamados filhos de Deus. — São quatro os gráus da virtude da pacificação: o primeiro consiste em pacificar-nos a nós mesmos, sujeitando a carne ao espirito, procurando a harmonia e a paz entre as duas partes do nosso sêr. O segundo consiste em pacificar-se cada um com os outros homens, procurando estar com todos em perfeita união, paz e concordia. O terceiro é pacificar os demais homens entre si, de modo que todos vivam como irmãos. O quarto, finalmente, consiste em pacificar as almas com Deus, o que é obra de grande zelo e merecimento, pois é induzir os peccadores a pôr-se na graça e amizade divina.

Além disto, devemos praticar a virtude da pacificação, não perturbando a paz publica e concorrendo para restabelecê-la, quanto fôr perturbada. — Para não perturbarmos a paz do Estado, de uma provincia e de uma comunidade: 1º é preciso *obediencia* ás leis e aos que governam, sem murmurar nem criticar. Abstenhamo-nos de escriptos sectarios, de manifestos e apologias partidarias, que servem sómente para dividir os espiritos e formar partidos; 2º é preciso *zelo* para a restabelecer; contribuiremos para a pacificação publica não entrando em facções entre particulares, declarando-nos sempre pela obediencia aos poderes constituídos, e esforçando-nos por conciliar os desavindos, pondo-os no caminho do dever e da paz; 3º exige *paciencia e orações*; quando nada pudermos fazer pela paz publica, contentemo-nos com orar; si nossos lamentos são inuteis, entreguemo-nos ao silencio e não percamos a paz de nossa alma com Deus.

2. Deveres do pacífico

Deveres do homem pacífico com relação á paz domestica. 1º Deve ter cuidado de que não se perturbe por sua causa a paz da familia; para isso con-

vêm que esteja attento a seu máu humor para o reprimir, ás palavras, para as medir, ás acções, para as regradar, de sorte que não falte a alguém ao respeito, á polidez, á caridade, que se devem ao proximo. 2º E' necessario contribuir para o restabelecimento da paz entre aquelles que a perderam; com zelo cheio de doçura e caridade, para adoçar os espiritos; cheio de prudencia, para não exasperar mais os animos. 3º Deve ir até ao sacrificio proprio, si tanto fôr preciso para conservar a paz entre aquelles que a perturbam, sacrificio de seus interesses, de seus direitos, de sua reputação, de tudo, excepto dos interesses de Deus e da religião. Quem nada quer ceder para o bem da paz, não quer a paz, não a ama, não é homem pacifico; assim, ás palavras acres não replicar; ás maneiras grosseiras, não dar attenção; ás offensas, não mostrar resentimento; ás pretensões, não mostrar resistencia. O mundo nos olhará como frouxos e sem brio, mas deixemos o mundo nos seus falsos criterios e sigamos a doutrina que Jesus nos préga.

3. Felicidade dos pacificos

1º. São bemaventurados os pacificos, porque são filhos de Deus, cujas vontades elles cumprem, cujos exemplos seguem e cujo nome bemdizem. Assim como Deus Pae e Deus Filho são um só por natureza, assim o pacifico e Deus são um pela graça. — Os que perturbam a paz são, pelo contrario, filhos do demonio, cujas inclinações seguem, cujas obras imitam e cujos planos executam. 2º. São bemaventurados os pacificos, porque serão reconhecidos por filhos de Deus, não sómente sobre a terra pelas pessoas de bem, mas até pelos máus no dia de juizo final. Eis ahi, dirão os que nós maltratámos, desprezámos e tivemos por insensatos! Que gloria os cérca! Elles lá estão no numero dos filhos de Deus. Ah! fomos nós que nos enganámos, somos nós os insensatos! 3º. Serão bemaventurados, porque serão tratados como filhos de Deus e admitidos á herança do Pae celeste, onde gozarão de

uma paz perfeita, deliciosa e eterna, enquanto que a morada dos que perturbaram a paz e que não viveram em paz nem consigo nem com Deus, será um lugar de horrores, de supplicios, onde estarão em eterna perturbação.

OITAVA BEMAVENTURANÇA

1. Perseguição dos justos

Bemaventurados os que soffrem perseguição por amor da justiça, porque delles é o reino do céu. — O mundo, em todos os tempos, levantou cruéis perseguições contra os justos, cuja vida era uma continua reprehensão de seus vícios e injustiças. Assim como a semelhança é causa de amor, diz Aristoteles, assim, a dessemelhança é causa de odio.

E' por isso que, entre o espirito do mundo e o espirito de Jesus Christo e dos que o seguem, existiu, existe e existirá sempre um antagonismo irreductivel. O espirito mundano funda-se na soberba, na vaidade, na concupiscencia, na ambição, na avareza, na gula, na luxuria; o espirito de Christo, na humildade, na modestia, no desprendimento, na mortificação, na sobriedade, na pureza, na caridade. Por isso repellem-se mutuamente, como os dois pólos da electricidade, e porque, como diz S. Leão Magno: *A iniquidade não tem paz com a justiça.* 1)

A perseguição dos justos reveste differentes aspectos: umas vezes é uma perseguição *clara*, empregando ameaças, violencias, maus tratos, para arrastar ao crime, para roubar a fé, para afastar da piedade ou desviar as almas fervorosas do caminho de vida mais perfeita. Outras vezes é uma perseguição satânica, embuçada em palavras humoristicas, com que se ridicularizam as ceremonias sagradas, os que se dão á virtude e a praticam em publico. Muitas ou-

1) *Iniquitas cum iustitia non habet pacem. Intemperantiam odit sobrietas, falsitati nulla est cum veritate concordia. Non amat superbiam mansuetudinem, petulantiam verecundiam, avaritiam largitatem, et tam pertinaces conflictus habet ista diversitas, ut verum sit, quod qui pie volunt vivere in Christo, persecutionem patientur.* (Ser. 9).

tras, é uma perseguição *systematica*, pela qual, sob o pretexto de atacar só os defeitos, abusos e excessos, se vocifera e declama contra os dogmas e praticas religiosas da Igreja, contra os que frequentam os actos do culto, contra os ecclesiasticos e religiosos. Mas tal crime não ficará impune, por attingir não só a Deus, mas seus fiéis servos. E' aos amigos de Deus que o mundo persegue, quando devia supplicar suas orações, quando devia pedir seus conselhos, quando os devia considerar como para-raios e baluartes de suas cidades. Mas a tanto se não dobra o orgulho mundano! Serventuarios de Satanaz, os ferozes perseguidores dos justos atropellam todas as leis da justiça, afastando-se de Deus e pondo-se no estado de cegueira intellectual e endurecimento do coração, do qual só um milagre os poderá arrancar!

Mas o premio dos justos perseguidos é grande! — *Delles é o reino do céu!* — Delles, e não dos seus injustos perseguidores — delles, e não dos que impiamente os calumniam — delles, e não dos tyrannos, que, além do odio inveterado ao justo, fomentam no coração o execrando odio a Deus!...

2. Perseguição dos apóstolos

Vós sereis felizes, continua Jesus Christo, quando por minha causa os homens vos cobrirem de opprobrios, quando vos perseguirem e disserem contra vós toda a sorte de mal contra a verdade. — Jesus propoz as outras bemaventuranças numa palavra; mas insistiu nesta ultima e a desenvolve, porque era de grande importancia para a sua Igreja e seus apóstolos, sobre quem as perseguições se haviam de desencadear com maior furor. Infeliz Jerusalém, que persegue e matas os prophetas, teu endurecimento é completo e sem remedio! Guardemo-nos de mancommunar-nos com os perseguidores da virtude; honremos os que soffrem por Deus, pela religião e pela

fé; defendamos, intrepidos, sua causa em ocasião oportuna, e felizes seremos, si tivermos parte em seus opprobrios.

3. Fructos da perseguição

Regozijae-vos então, continua Jesus Christo, e exultae, porque a vossa recompensa é copiosa no céu; assim perseguiram os prophetas que viveram antes de vós. — A primeira vantagem que a perseguição traz aos varões apostolicos é pôr-lhes a virtude ao abrigo dos escolhos da vaidade e do amor proprio, da dissipação e do amor mundano. A segunda vantagem é augmentar-lhes a recompensa. Jesus promete-lhes que será *copiosa*. Oh! o que elle terá preparado para os seus justos que foram por seu amor calumniados, presos, esartejados, lançados aos leões, queimados a fogo lento, e martyrizados da maneira mais barbara e deshumana!... O' sorte digna de inveja! A terceira vantagem da perseguição é a gloria que della resulta para os perseguidos. A perseguição tornou os Apostolos semelhantes aos prophetas, e torna não só as varões apostolicos semelhantes aos prophetas e apostolos, mas a Jesus Christo. Esta é a maior glória do discipulo; parecer-se com o Mestre! Não vos desalenteis, pois, nas perseguições, ministros de Jesus Christo; olhae-as como glorioso apanagio de vossa missão, como gloriosa herança de vosso Mestre; e si ellas vos faltam, oh! não seja castigo de vossa ociosidade, de vossa contemporização com o erro e o vicio, e triste consequencia de levardes uma vida conforme ás maximas do mundo!... Temei, não seja a causa de vos não perseguir o mundo o não o contradizerdes com a vida ajustada pelo Evangelho, e que por isso em vez de vos perseguir vos venha a desprezar e a roubar-vos a coroa que Deus prometeu aos perseguidos por seu nome!...

QUALIDADES DOS APOSTOLOS

1. O sal da terra

Vós sois o sal da terra, proseguiu Jesus; *si o sal se corromper, com que a salgareis? Não serve para mais nada, sinão para ser deitado fóra e pisado aos pés.* — Os apóstolos e todos os pastores das almas são o sal da terra, na qual estão representados os fiéis, afim de preservá-los da corrupção do peccado pela sabedoria dos seus conselhos e de suas exhortações, pela prégação e administração dos sacramentos, pela catechização dos meninos e instrução dos adultos. Missão sublime, mas não sem perigos! Porque, si o pastor cáe, quem o levantará?... Si erra, quem o corrigirá?... Si perde o gosto do seu estado e de seus deveres, quem lh'o restituirá?... Não será rejeitado por Deus e desprezado dos homens, como sal inutil que se deita ao muladar ou á rua para ser pisado pelos transeuntes? Oh, como é difficil a conversão de um sacerdote que abandonou a Deus!... A cegueira da mente e o endurecimento do coração será o triste resultado da sua apostasia!

E' pois dever de todos, que têm a seu cargo a salvação das almas, meditar nas ameaças, que Jesus faz ao sal que não salga, para se conservar no temor e humildde. Aos fiéis cumpre examinar com que docilidade recebem este sal, que lhes é offerecido nas instrucções da catechese, nas homilias dominicaes, e nas prégações da Quaresma, Advento e outras festividades.

A primeira qualidade do sal é seccar os humores viciados, preservar da corrupção e putrefacção, e dar sabor aos alimentos: assim o varão apostolico deve trabalhar por seccar em si, primeiro, e depois nos outros, os humores malignos da concupiscencia, preservar as almas da corrupção do peccado, e tornar saborosa aos fiéis a pratica das virtudes christãs.

2. A luz do mundo

1. *Vós sois a luz do mundo; uma cidade sobre uma montanha não pôde estar occulta; e quando se accende uma lanterna, não se põe debaixo do alqueire mas sobre o candelabro, afim de que alumie toda a casa.* — Os apóstolos, assim como são o sal que preserva da corrupção, são a luz do mundo, que conduz os homens a seu ultimo fim. Toda a luz tirada doutra origem só conduz ao erro, ás trevas, ao precipicio! Os apóstolos são como estrellas, que Deus collocou no céu de sua Igreja, para que com a luz de sua doutrina e da vida exemplar guiem os fiéis pelo caminho da salvação, dissipando as trevas das heresias, das opiniões erroneas, dos erros, em que andam envolvidos os mundanos.

2. Os apóstolos são comparados por Jesus Christo a uma cidade sobre uma montanha, que de todos pôde ser vista. Tão altos os quer sobre os demais homens, tão livres dos turbilhões das paixões, tão separados da terra e tão juntos do céu! Tão altos quer Jesus os seus apóstolos e sua Igreja, para que de todos possa ser vista, e ninguem se escuse de entrar nella.

3. *E quando se accende uma lanterna, não se colloca sob o alqueire, mas no candelabro, para que alumie toda a casa.* — O varão apostolico não deve occultar nem por temor nem por indolencia o talento que Deus lhe deu de prégar e ensinar; e peor seria si deixasse apagar essa luz, privando os fiéis da doutrina do Evangelho e expondo-os a errar o caminho da salvação. *Elle deve ser como a luz sobre o candelabro, entregar-se á vida solitaria vivendo sómente para si; mas, levantado ao monte da perfeição, deve mostrar-se aos fiéis como exemplar de todas as virtudes.*

3. A luz das obras

Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, que elles vejam vossas boas obras e glorifiquém a vosso Pae que está no céu. — A prégação dos aposto-

los, ainda que acompanhada de milagres, não produziria o fructo esperado, si não fosse a par com a santidade. E que successo pôde ter a prégação de um apóstolo, si, desacompanhada de milagres, é-o também das virtudes? O grande meio de persuadir é dar exemplo, mas o preceito de edificar com uma vida santa não é só para os pré-gadores: a elle estão obrigados os paes e as mães, os mestres e as mestras, todos aquelles que têm subditos, e também todos os fiéis em particular. Como imitamos os Apóstolos e os Santos?... Como seguimos os exemplos que nos dão? Que bons exemplos damos nós?... E, quando fazemos algum bem, é a gloria de Deus que procuramos ou a nossa?...

DA OBSERVANCIA DA LEI

1. Importancia da lei de Deus

Não penseis, diz Jesus Christo, que aboli a lei e os prophetas; não vim para a abolir, mas para a cumprir. — Jesus ensina-nos com estas palavras a grande importancia da lei de Deus, pois, como elle diz, veiu ao mundo não para a abolir, mas para a cumprir; veiu cumprir as promessas que Deus tinha feito ao seu povo e tudo que delle tinham dito os prophetas; veiu reduzir a lei de Moysés a maior perfeição, declarando com mais precisão os seus preceitos, restituindo-a á sua pureza e santidade, acrescentando-lhe admiraveis conselhos que deixou no Evangelho. — E eu a que vim á religião? A cumprir todas as suas regras e leis, ou a quebrá-las?...

2. *Porque vos disse, em verdade o céu e a terra passarão. Não passará um i ou um ponto até que tudo se cumpra.* — Jesus se nos apresenta como o mais perfeito observador da lei e de tudo que delle foi escripto, até á menor clausula, de maneira que mais facilmente acabará o céu e a terra do que fique por cumprir o menor ponto da lei: Oh! si eu fosse tão observante da lei de Deus! Si estivesse

apostado a perder tudo antes que faltar á minima regra da religião, ao minimo preceito da Igreja!... Assim como as leis que Deus impoz á natureza se cumprem com uma pontualidade sem deslize, as que impoz ao homem estão sujeitas ao mesmo decreto: nenhum dos preceitos, por mais insignificante que seja, será impunemente transgredido.

2. Motivos para observar a lei

Os motivos que dá Jesus para nos incitar á observancia da lei são tres:

1. O primeiro é a infelicidade dos que violam e ensinam outros a violar a lei de Deus. *Aquelle pois, continua Jesus, que violar um destes mandamentos minimos e ensinar os homens a violá-los será chamado o ultimo no reino do céu.* — Pelo reino do céu todos os interpretes entendem aqui o ultimo juizo. Ora, quem violar ou ensinar a violar, ainda que seja o mais insignificante dos mandamentos, melhor, um dos que o mundo toma como insignificantes, no dia do juizo final será posto no ultimo lugar.

Com estas palavras Jesus nos exhorta a observar as mais pequenas regras, os preceitos mais leves, porque a violação destes leva-nos sem duvida a violar os mais graves.

Não ha mal nenhum tão pequeno que não conduza a outro maior. E basta transgredir um só — *unum de mandatis* — para obter o ultimo lugar, porque da transgressão de um facilmente se passará a violar outros muitos.

Chama-lhes *minimos*, não porque tudo o que ha na lei não seja grande e de summo valor, mas para nos indicar a facilidade em os guardar. S. João disse expressamente que os mandamentos de Deus não são pesados: *Mandata ejus gravia non sunt.* 1)

Será chamado o ultimo, isto é, será desprezado e excluido como indigno do reino do céu. — Si o que transgredir um só preceito é o ultimo, que

1) I Jo. V, 8.

será dos que transgridem não um, mas todos, não só os leves, mas os graves, não só uma, mas inúmeras vezes!...

2. O segundo motivo é a felicidade dos que observaram a lei e ensinaram outros a observá-la. *O que, porém, a guardar e ensinar a guardá-la, este será grande no reino do céu.* — Os que observarem escrupulosamente a lei do Senhor e ensinarem outros a observá-la, quer com seus exemplos, quer por seus discursos, serão grandes no ultimo dia, isto é, será grande a glória e o premio que hão de receber. O' grandeza digna de inveja! E' possível que sejamos tão insensíveis, que tal promessa nos não mova á exacta observancia da lei de Deus e a empregar todos os meios para induzir outros a observá-la?!

3. O terceiro motivo é a insufficiencia das virtudes mundanas para a salvação. — *Porque, vos digo, si vossa justiça não fôr superior á dos Escribas e Phariseus, não entrareis no reino do céu.* — A justiça, isto é, a virtude dos Escribas e Phariseus tinha tres defeitos, como se vê pelas censuras do divino Mestre. Era toda *exterior*, sem cuidar da interior; *minuciosa*, atendo-se a ligeiras observancias, e descuidando o essencial; pagavam o dizimo da mentha e do thymo, e não tinham nem amor de Deus, nem caridade para com o proximo. (Luc. XI, 39) Eram *hypocritas*, procurando só a estima dos homens, sem se preocupar com a honra de Deus. Oravam para ser vistos, queriam que os saudassem com respeito, que os recebessem com honra, que lhes dessem um lugar de distincção. Com uma tal pretendida virtude não se entra no reino de Deus. E' a nossa virtude mais perfeita?... mais sincera?... mais interior?... mais humilde?... Não ha christãos, semelhantes aos Escribas e Phariseus, que restringem a lei de Deus a uma proibidade aparente e superficial, e que substituem as maximas do Evangelho pelas do mundo, mais corruptas que as dos Phariseus? A virtude do mundo é virtude de parada, de ostentação; virtude insufficiente para entrar no céu, virtude hypocrita e simulada, que sob a capa

de piedade, occulta vícios e peccados dignos da re-provação eterna!...

Deus exige dos seus apóstolos, e portanto de todos os christãos, maior justiça e maior perfeição que dos Escribas e Phariseus, porque lhes dá maiores graças. Maior santidade, porém, exige aindo do religioso que do secular pela mesma causa. E quantos seculares — oh confusão! — não me vencem na virtude!... Quantos, que vivem no mundo, irão occupar os primeiros logares no reino do céu, sendo reservado o ultimo, a muitos que se dizem religiosos!...

DEVERES PARA COM O PROXIMO

1. Deveres para com o proximo injusto

Ouvistes que foi dito: olho por olho, dente por dente; eu, porém, vos digo que não resistaes ao que vos faz mal. (Matth., V, 38). — A lei evangelica prohibe aos particulares a lei de talião e substitue-a pelas regras de perfeição que em certos casos se tornam deveres de obrigação. A lei de talião, que condemna o culpado a soffrer o mal que fez a outrem, foi feita por Moysés para regular o julgamento dos magistrados; mas a autoridade que dava esta leis aos tribunaes da justiça era usurpada pelos particulares, e cada um se arrogava o direito de causar ao proximo todo o mal que delle recebera. Nosso Senhor Jesus Christo oppoz a este abuso o preceito de não resistir á injustiça e á violencia. E' claro que esta nova lei não prohibe indifferentemente, em todos os casos e a todos os christãos, de recorrer á autoridade publica a pedir justiça. Esta lei tocava especialmente aos apóstolos e christãos perseguidos, que muitas vezes se vëem na obrigação de a praticar á letra. Hoje mesmo os successores dos apóstolos e os simples christãos e sobretudo os religiosos podem-se encontrar na mesma situação.

2. Varios casos

Nosso Senhor, depois de ter proposto a lei geral, applica-a em seguida a tres casos diferentes: 1º, quando nos ultrajam até nos ferir: *Mas si alguém vos ferir na face direita, apresentae-lhe tambem a outra.* — Comparemos nossa paciencia com esta maxima. Si os ultrajes que nos affligem são desta natureza, vejamos com que generosidade os devemos supportar; mas, si não passam de uma palavra, de um gesto, de um sorriso de mofa, que nos irrita e impacienta, envergonhem-nos de estar tão longe da perfeição evangelica e de ter sentimentos tão oppostos aos de Jesus Christo.

2º, Quando nos despojam dos bens: *Abandonae até vosso manto áquelle que quer pleitear comvosco para ter vossa tunica.* — Cotejemos nossa conducta com esta doutrina. Si as injustiças que nos fazem chegam a estes excessos, vejamos com que desinteresse as devemos enfrentar; mas, si nos revoltamos pela menor perda, pelo menor damno, si armarmos um processo por um bem de pouco valor, por um pontinho de honra, que só offende nossa vaidade, reconhecemos quanto andamos longe de Jesus Christo.

3º, Quando nos tratam como escravos: *E si alguém te forçar a dar mil passos, dá com elle dois mil.* — Ponghamo-nos ao espelho desta doutrina. Si as vexações que soffremos são tão injustas como aquella, vejamos com que doçura as devemos soffrer; mas, si o que se exige de nós é imposto pela legitima autoridade, si é conforme ao nosso estado, si tem por objecto a utilidade publica, a gloria de Deus e o bem do proximo, devemos ver que, queixando-nos disso, como o fazemos geralmente, ainda nada aprendemos na escola de Jesus Christo.

3. Deveres para com o proximo indiscreto

1. *Dae a quem vos pede.* — Ainda quando teu proximo te peça um bem que te seja util, dá-o. Teu desapego, tua caridade, tua obediencia á lei de Jesus Christo será para ti um bem mil vezes mais precioso

que o que dêste. Mas, si o que te pede é um serviço, um soccorro, um conselho, uma palavra, uma audiência favoravel, como pôdes recusar? Examinemos agora quantas recusas fazemos todos os dias contra o espirito desta lei de desinteresse proprio.

2. *E não fujas daquelle que deseja tomar de emprestimo.* — Que rodeios, subterfugios e escusas falsas para nos desfazermos dos que nos pedem alguma coisa emprestada! O emprestimo usurario é para o avarento uma fonte de riquezas injustas. O emprestimo feito com o espirito do christianismo pôde ser para o fiel uma fonte de merecimentos, cujos productos serão tanto mais abundantes quanto mais frequente é a occasião de emprestar, e tanto mais seguros quanto esta boa obra é menos sujeita á vaidade.

Em muitas outras occasiões teremos de soffrer as impertinencias do nosso proximo; sejamos, quanto possivel, condescendentes e faceis, pois assim seguiremos a lei de Jesus Christo. Si nos custa alguma coisa, o autor da lei saberá indemnizar-nos do mal que nos advier. Quando nos fôr de todo impossivel conceder ao proximo o que nos pede, mostremos ao menos boa vontade de o soccorrer. Não o repillamos bruscamente, pois o espirito da lei de Jesus Christo é tratar o proximo como nosso irmão.

AMOR DOS INIMIGOS

1. A nova lei da amizade

Ouvistes que foi dito: Amarás o teu proximo e odiarás o teu inimigo; eu, porém, vos digo: Amae os vossos inimigos, fazei bem áquelles que vos odeiam e orae pelos que vos perseguem e calumniam. (Matth. VI, 44) — Um christão não pôde ser inimigo de ninguém. A inimizade pôde estar no coração, nas acções e nas palavras.

1. A inimizade está *no coração*, quando nelle sentimos o odio, a antipathia, a aversão, o desprezo por alguém; quando nos alegamos do mal do proximo;

quando nos affligimos pelo bom successo que experimenta em seus negocios e o vemos na prosperidade e na alegria. Si presentirmos que em nosso coração se levantam estes sentimentos contra alguma pessoa, abafemo-los e acabemos por arrancá-los até ás ultimas raizes.

2. *Nas acções* manifesta-se o odio pela perseguição, pela injustiça, pela damnificação dos bens. São estas as armas com que se vingam as pessoas inimigas. Não terei usado de nenhuma dellas para perseguir o meu proximo?...

3. *Nas palavras* manifesta-se o odio a uma pessoa, quando a calumniamos, a offendemos com ditos mordazes, a criticamos injustamente e interpretamos em máu sentido tudo que faz; quando avultamos suas faltas, as publicamos e exaggeramos. Perguntemos a nós mesmos si falaríamos assim si fosse nosso amigo. Entrarei dentro do meu coração, examinarei minhas acções e palavras, para vêr si nellas ha algum resaiibo de odio, alguma sombra de aversão e rancor.

UM CHRISTÃO NÃO DEVE TRATAR NINGUÉM COMO INIMIGO

Fazei bem aos que vos odeiam e pedi pelos que vos perseguem e calumniam. — Quer dizer: Si tendes um inimigo, que não podeis ganhar, que manifesta a todos o odio que vos tem, que vos persegue e calumnia, tal injustiça não deve apagar em vós o fogo da caridade. Quaes os deveres neste caso? *No coração*, devemos amá-lo, sentir o seu mal, alegrar-nos pelo seu bem; *nas acções*, devemos fazer-lhe bem, si a occasião se offerecer para isso; ajudá-lo e socorrê-lo no perigo, defendê-lo e usar sempre com elle boas maneiras; — *nas palavras*, devemos falar bem d'elle em toda a parte, occultar o mal que nos fez; tratá-lo com modos cortezes, doces e captivantes; emfim, devemos orar por elle, por sua conversão, por

sua saúde, prosperidade e bom successo nos negocios. Quantas inimizades cessariam, si uma das partes observasse estas regras! . . .

MODELO PARA O PERDÃO DOS INIMIGOS

1. *Afim de que sejaes filhos de vosso Pae celeste, que faz nascer o sol sobre os bons e os máus e chover sobre os justos e injustos.* — Si nos queixamos da difficuldade em cumprir a lei do amor dos inimigos, é porque não pensamos que somos christãos, filhos de Deus, adoptados em Jesus Christo. O modelo que nos propõe o divino Legislador não pôde ser mais elevado e mais confortante! E' o Pae celeste que manda brilhar o sol e cahir a chuva em favor dos que o servem e dos que o offendem. E Jesus, que nos propoz este modelo, mais tarde se nos proporá a si mesmo, morrendo por amigos e inimigos! . . . Em sua agonia, a primeira palavra que profere é uma oração por seu assassinos! . . . Quem, em face de taes modelos, pôde ainda conservar uma sombra de odio em seu coração?

Para que sejaes filhos de vosso Pae que está no céu. — Eis o premio que lucrámos com o perdão dos inimigos. Si Deus me dá o exemplo de fazer bem a todos, eu, si quero ser seu filho, devo igualmente fazer bem a meus inimigos. *Em que saberás que és filho de Deus, si não fores semelhante a Deus?* diz S. João Chrysostomo. *In quo scies, quod sis filius Dei, nisi fueris similis Deo?* 1) Jesus apresenta tambem a seus discipulos um modelo humano, para que o vençam em perfeição.

2. *Porque, si não amaes sinão os que vos amam, que recompensa mereceis? Não fazem isto mesmo os publicanos? . . . E si não saudaes sinão vossos irmãos, que fazeis de extraordinario? Não fazem isto mesmo os pagãos?* — Jesus quer que seus discipulos estejam acima dos publicanos e pagãos; exige delles maiores sacrificios.

1) In imperf. hom. 81.

Comparemo-nos com os publicanos, e talvez acharmos que não somos superiores!... Amamos os que nos amam, usamos de urbanidade com os que a usam conosco, fazemos o bem áquelles que no-lo fazem, ou de quem o esperamos. Ora, fazendo tudo pelo proprio interesse e nada por Deus, que recompensa esperamos?... Não é certo que, si nossa fortuna dependesse de nosso inimigo, nada nos custaria amá-lo? E uma recompensa eterna, que podemos alcançar com o mesmo preço, não nos impressiona!... Havemos de ficar no mesmo plano dos publicanos?...

3. Jesus Christo nos propõe ainda outro modelo, modelo universal, que devemos ter presente em todas as nossas acções. — *Sêde, pois, perfeitos como vosso Pae celeste é perfeito!* — Nesta, como em todas as outras materias, devemos ter presente as infinitas perfeições de nosso Pae celeste, afim de agir, julgar e querer em tudo conforme a sua vontade. A perfeição que nestas palavras se nos pede consiste em carer de toda a culpa, em abraçar todas as virtudes e chegar em cada uma dellas ao mais elevado gráu que se póde imaginar. Mais uma vez appella Jesus Christo para o exemplo de seu eterno Pae, afim de nos mover a perdoar toda a offensa e a fazer bem áquelles que nos querem mal.

A ESMOLA

1. Aviso preliminar

Guardae-vos de praticar as boas obras diante dos homens para ser vistos por elles: doutra sorte não receberéis recompensa de vosso Pae que está no céu. — Nestas palavras Jesus nos previne em nossas boas obras contra o escolho da vaidade, onde naufraga todo o merecimento. As boas obras que fazeis, como a esmola, o jejum, a oração, não as façais em presença dos homens com o fim de ser vistos e de captar a estima e o renome de virtuosos: doutra sorte serão obras perdidas que ficarão sem recompensa

alguma da parte de vosso Pae que está no céu. Este preceito não é opposto ao que Jesus Christo nos deu, de edificar o proximo com boas obras, quando disse: *Assim luza a vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas boas obras*, porque no homem virtuoso ha muitas obras boas, que não se podem occultar e edificam, e ha outras que devem ficar occultas e ter só a Deus por testemunha. Além de que nas obras que se fazem publicamente, para dar bom exemplo ou evitar escandalo, não se deve nellas procurar a propria gloria, mas só a Deus e a edificação do proximo. Ora, o meio mais efficaz para nos assegurarmos da recta intenção em nossas boas obras é praticá-las em segredo e longe das vistas dos homens. E' por isso que diz Jesus Christo:

2. Obrigação de dar esmolas

Quando dères esmola, não toques a trombeta diante de ti como fazem os hypocritas nas synagogas e nas ruas, para serem honrados pelos homens; digo-vos em verdade, receberam já sua paga; tu, porém, quando dères esmola, não saiba a tua esquerda o que fez a direita, afim de que tua esmola se faça em segredo e teu Pae, que vê o que é occulto, te dará a recompensa. — O preceito de dar esmola é-nos aqui lembrado por Jesus Christo como já conhecido de todos: sómente nos quer ensinar a cumpri-lo com proveito nosso. Antes de mais nada devemos considerar si o cumprimos, e como o cumprimos.

E' Deus, nosso Pae, e Pae commum de todos os homens, que nos deu tudo o que temos. Ou seja muito ou pouco o que nos deu, elle quer que repar-tamos o que temos com nossos irmãos que têm ainda menos que nós ou estão na miseria. Si Deus nos cumulou de bens, não foi para os esbanjar no luxo, no jogo, nos prazeres e em mil coisas superfluas, emquanto nossos irmãos estão na indigencia. Quantas misérias, quantas dores, quantas lagrimas alliviaríamos, si

a tantas despesas inúteis tirássemos um pouco para socorrer os pobres!

A esmola não fica sem recompensa. Deus vê o que damos, vê o bem de que nos privamos, vê a generosidade com que cerceamos do que é nosso para allivio do pobre. A recompensa é a bemaventurança no céu, e na terra o augmento da fortuna. Os gastos que fazemos por nós são perdidos: ninguém no-los restituirá. Todas as nossas riquezas enfim hão de perecer e não conservaremos dellas sinão o que dermos a Deus e ao pobre, por amor de Deus.

Pratiquemos, pois, obra christã tão meritoria e do agrado de Deus, e induzamos outros á sua prática. Sobretudo se devem acostumar os filhos desde a infancia a esta obra de misericordia. Suas tenras mãos não são ainda capazes de outras obras, e seu coração é nesta idade mais susceptivel do sentimento de compaixão pelas miserias do proximo. Formar-lhes o coração para a caridade é deixar-lhes uma herança mais preciosa que as riquezas, pois é ensinar-lhes o uso dellas mais glorioso e mais util.

3. Como se deve dar esmola

E como se deve dar a esmola? — Sem procurar a estima e o applauso dos homens. Comprar a estimação dos homens, á fama de esmoléres, pelo preço e valor da esmola, é dar o céu pela terra, e trocar a bemaventurança eterna pela gloria ephemera que nos grangeia a fama de esmoléres. Assim é que o veneno da vaidade nos corrompe obra tão santa e agradável a Deus, como é a esmola!

Para nos livrar deste escolho da vaidade e applausos dos homens, Jesus Christo nos ensina que até a nossos proprios olhos devemos occultar a esmola e todas as boas obras, não reflectindo nellas com vangloria, esquecendo-as, ou, si pensamos nellas, seja para as depurar das imperfeições, ou para nos reprehender do mal que fizemos. Não procuremos para testemunha de nossas acções sinão aquelle que será o

seu Juiz. Que as veja agora occultas este Pae celeste a cujos olhos nada escapa, afim de que as torne conhecidas de todo o universo no juizo universal.

DA ORAÇÃO

1. Hypocrisia na oração

E quando oraes, não sereis como os hypocritas, que affectam orar nas Synagogas e nas esquinas das praças para ser vistos dos homens: na verdade vos digo: receberam sua recompensa. (Matth., 6, 5). — A hypocrisia na oração comprehende a singularidade, a dissimulação e o respeito humano. — Para evitar a *singularidade*, devemos abster-nos de fazer orações publicas em logar que lhes não é destinado. Oremos com um exterior modesto, como convém a pessoas piedosas, sem affectação e numa postura que não desperte a attenção dos que nos cercam. — Para evitar a *dissimulação*, procuremos orar realmente, quando estamos no logar da oração e na postura de quem ora. Mover os labios sem nada rezar, e olhar para o devocionario sem nada ler, é dissimular a oração, é orar como os hypocritas. — Para evitar o *respeito humano*, oremos, não porque nos vêem os homens, mas porque estamos na presença de Deus. Orar para que se diga de nós que somos religiosos, orar com a lingua, sem o coração tomar parte, é arremedar a oração, é perder o tempo, é offender a Deus! E é assim que eu oro? . . .

2. Dissipação na oração

Tu, porém, quando oraes, entra no teu cubiculo e, cerrada a porta, ora a teu Pae em segredo, e teu Pae, que vê o que é occulto, te recompensará. — E' necessario evitar a dissipação, quer oremos em casa, quer na igreja. *Em casa*, entremos em nosso quarto ou oratorio, fechemos a porta, e lá a sós com Deus, e isolados do mundo, depois de nos pôrmos na divina presença, dirijamos-lhe nossas orações, como si não

houvesse sinão Elle e nós sobre a terra. Entremos em intima conversa com nosso Pae celeste, abrindo-lhe nosso coração, expondo-lhe nossos males, pedindo-lhe para elles o remedio. Talvez nunca tenhamos ensaiado este methodo de orar, o mais accessivel a todos. Oh! si empregassemos as horas que temos de lazer em tão santo e proveitoso exercicio!... Deus nos ouviria e nos falaria e sentiriamos um antegosto, na terra, das consolações do céu. *Na igreja*, entremos no santuario do nosso coração, fechemos as portas dos sentidos para tudo que é mundano: que nossos ouvidos não ouçam sinão o officio divino, que nossos olhos não vejam sinão as santas ceremonias que o acompanham, que nossa lingua não se mova sinão para acompanhar os cantos sagrados que lá se entõam. — Nada tão commum como as queixas contra as distracções na oração; e que fazemos para as evitar? Si vamos á oração sem preparação, sem fervor, sem pensar no que vamos fazer, cuidando só em nos descarregar de uma obrigação; si o coração vae dissipado; si no logar da oração tomamos a liberdade de olhar para tudo, e até de falar nos não abstemos, que duvida que nos ha de assaltar um diluvio de distracções, em que ficaremos submergidos! Deus conhece nossa fraqueza e escusará as distracções que mal podemos evitar; mas as que vêm de nossa frouxidão, essas não as escusará!...

3. Multidão de palavras na oração

Orando, porém, não faleis muito, como os pagãos: julgam pois que são ouvidos no seu multiloquio. — A oração contém, além da petição, o louvor, a adoração, a oblação, a acção de graças: o que se executa pela recitação dos psalms, pelo canto dos hymnos, pela leitura dos Livros sagrados, por toda a liturgia da Igreja. Não é á oração tomada nesta accepção que se applica a prohibição de Jesus Christo; mas á oração que se faz a Deus para lhe pedir alguma graça particular, em que se não devem multiplicar

as palavras com discursos semelhantes aos dos pagãos. Os pagãos não tinham de seus falsos deuses a idéa que nós temos do verdadeiro Deus. Elles criam que seus deuses podiam estar ausentes ou muito distantes e consideravam-n'os como ignorando as suas necessidades, e nem sempre dispostos a remediá-las: pensavam, pois, que á força de palavras viriam afinal a fazer-se ouvir delles e obter o despacho de seus rogos. Não é assim como Deus nosso Pae celeste, que está sempre presente e nos ouve em toda a parte, que sabe nossos desejos e necessidades, e quer remediá-las. *Não vos pareaes a elles, diz Jesus Christo, pois sabe vosso Pae o que vos é preciso, antes que lh'o peçaes.* Que motivo de confiança em nossa oração! Mas, apesar de Deus conhecer nossas petições e querer remediá-las, quer entretanto que lh'as peçamos para nos conservar uma santa dependencia e humildade, afim de estabelecer entre Elle e nós um commercio cheio de fé, amor e confiança. Oremos sempre com fervor e perseverança!...

DA ORAÇÃO DOMINICAL

1. Sentimentos com que devemos recitá-la

Orareis pois assim:

Padre nosso, que estaes no céu, santificado seja o vosso nome.

Venha a nós o vosso reino.

Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos dae hoje.

Perdoae as nossas dividas assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

Não nos deixeis cahir em tentação, mas livrae-nos do mal. Amen.

1. — Com relação ao Autor desta oração devemos recitá-la com reconhecimento e fidelidade; pois não é, da parte de Jesus Christo, uma bondade in-

finita ter-nos ensinado em que termos quer que oremos, indicando-nos até as petições que devemos fazer a Deus? Como não as ha de attender e despachar, si lh'as fizermos com fé e amor?

2. — Com relação a quem a dirigimos — *Padre Nosso* — devemos recitá-la com amor e confiança. E' a Deus que a dirigimos; e com que nome nos manda Jesus Christo que o invoquemos? Não é com o de Creador, Juiz, Onnipotente, mas com o doce nome de *Pae!* Chamamos a Deus nosso *Pae*, porque tal é Elle pela criação, conservação, adopção: manda-nos Jesus invocá-lo com este nome para nos infundir confiança de alcançar o que pedimos.

3. — Com relação a nós — *Padre Nosso* — devemos recitá-la com sentimento de caridade fraternal. Todos somos filhos de Deus pela criação; mas, além deste titulo, commum a todos os homens, somos filhos de Deus por um titulo particular e eminente, que é o da adopção em Jesus Christo. Por este titulo e na qualidade de christãos, todos somos *irmãos* em Jesus Christo, formamos com elle, que é o primogenito de todos os homens, uma familia cujos interesses são communs, por isso chamamos a Deus *Pae Nosso* e não *meu!*

4. — Com relação ao logar — *que estaes no céu* — devemos recitar esta oração cheios de respeito, para quem a dirigimos, de desprendimento da terra e desejos do céu, donde e para onde a dirigimos. — E' até ao throno de vossa gloria que elevamos nossos pensamentos e desejos, ó *Pae celeste!* O céu é o logar onde vos revelaes aos justos, o logar aonde devem subir nossos pensamentos, a patria que nos ha de juntar a todos numa só familia!

2. Petições que nella fazemos

Primeira Petição

Santificado seja o vosso nome! — Santificado, conhecido, adorado, glorificado pelo culto publico e uniforme de todas as nações; por todas as creaturas

visíveis e invisíveis; assim pelas presentes como pelas futuras, tanto pelos christãos como pelos que o não são. Seja o vosso nome santificado por todas as linguas, em todo tempo e lugar! Todos o bendigam e louvem, tanto na adversidade como na prosperidade; tanto na paz como na guerra! e ninguem o ultraje nem blasphema. Não haja homem, ó meu Deus, que vos não conheça, que vos não ame de todo o coração, que vos não sirva como mereceis! Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos Exercitos, toda a terra está cheia de sua gloria!

A gloria do Senhor, que é objecto desta petição, deve constituir o primeiro objecto de nossos desejos. Mas que zelo temos desta gloria de Deus?... Que fazemos para a procurar?... Não é o nosso nome que desejamos ver mais conhecido, falado e glorificado dos homens do que o santissimo nome de Deus?...

Segunda Petição

Venha a nós o vosso reino, — 1. o reino da vossa graça em nossos corações; renae nelles como soberano: tudo nelles se vos submeta, e nada vos resista. 2. Venha a nós o reino da gloria, onde reinaes com os justos em perfeita paz e amor. 3. Venha a nós o vosso reino na terra, o triumpho de vossa Egreja, a sujeição de todos os povos ao vosso Evangelho. Não nos privem deste reino nossos muitos peccados, mas vossa misericordia os cubra, levando-nos a esse reino de luz, de delicias, de toda a sorte de bens que Jesus Christo nos conquistou com sua morte. — Como trabalhamos por implantar este reino em nós e nos outros?... Poderemos dizer de nós o que S. João dizia aos Judeus: *Regnum Dei intra nos est? O reino de Deus está entre nós?* Reina Deus em meu coração pela graça ou o demonio pelo peccado?...

Terceira Petição

Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu. — Todos os homens, sem distincção de raças e linguas, christãos e gentios, se submettam á vossa

trahimos comvosco, ó meu Deus. Perdoae-me, como eu perdão sinceramente a todos que me offenderam! Bem sei que não ha proporção entre os meus peccados, commettidos contra vós, e as injurias recebidas de meus inimigos, nem entre o perdão que posso conceder, comparado com vossa infinita misericordia! — Deus perdoa-nos as offensas pequenas e grandes; assim devemos perdoar tudo, sem nada exceptuar. Sem isto, a oração dominical não tem sentido em nossos labios.

Sexta Petição

E não nos deixeis cahir em tentação. — Afastae de nós as occasiões de peccado e de que o demónio se serve para nos perder! Ha algumas tão perigosas que os mais fortes se sentem vacillar. Só vós, ó meu Deus, nos podeis amparar e fortalecer para não sermos vencidos. Ha tentações inevitaveis e que vossa providencia permite; de qualquer natureza que ellas sejam, não permittaes que nellas sucumbamos. Não vos peço para não ser tentado, porque tambem Jesus Christo, vosso Filho, o foi, e está na ordem de vossa Providencia passarmos por esta prova; só vos peço que não permittaes que seja tentado mais do que posso resistir. — Pedirei a Deus que não me deixe cahir nas tentações que mais vezes me assaltam e em que talvez já tenho cahido.

Setima Petição

Mas livrae-nos de todo o mal. — 1. *Do mal temporal.* — Não nos envieis afflicção ou calamidade que seja occasião de queda, que nos impeça o cumprimento de nossos deveres. Livrae-nos de uma indigencia extrema que nos faça murmurar de vossa Providencia e desesperar de nossa salvação! Livrae-nos dos flagéllos temporaes, das enfermidades, dos incendios, das inundações, das guerras, e de tantos outros males que o peccado trouxe ao mundo.

2. Mas sobretudo livrae-nos dos *males espirituaes*, do peccado e do inferno; do mau espirito, do homem escandaloso e seductor. Livrae-nos da ty-

vontade; seja ella cumprida na terra por todas as creaturas que vos conhecem, como a cumprem os Anjos e bemaventurados na gloria, que é com inteireza, com pura intenção de vos agradar, com promptidão, sem repugnancia, com fortaleza, perseverança e amor. — E' assim que eu obedeço?... O' vontade propria, sem a qual não haveria inferno, quando acabarás de te submeter á vontade divina? Que felizes seriamos si tivéssemos por alimento fazer em tudo a vontade de Deus, á imitação de Jesus Christo, que disse: *Meus cibus est ut faciam voluntatem ejus qui misit me. O meu alimento é fazer a vontade daquelle que me enviou* (Jo. IV, 54).

Quarta Petição

O pão nosso de cada dia nos dae hoje. 1. Dae-nos o *pão terrestre e material* para a vida do corpo. Dae-nos não riquezas, não commodidades da vida, mas o que é necessario para nossa subsistencia. 2. Dae-nos o *pão celeste e espirital* da palavra, na instrucção, na leitura, na meditação e oração para sustento da vida de nossa alma. 3. *Dae-nos o pão divino da Eucharistia* para alimento de nossa alma e resurreição do nosso corpo, e penhor seguro da vida eterna.

Dae-nos o *pão nosso*, não porque seja nosso antes que no-lo daes, mas nosso por ordenar-se á nossa necessidade, nosso porque Jesus Christo no-lo comprou com seu sangue. — *De cada dia*, pois cada dia dependo de vós e em cada hora preciso do vosso auxilio. — *Nos dae* a todos nós e não só a mim, porque todos somos irmãos e filhos vossos. — *Dae-no-lo hoje*, porque o dia de amanhã ainda não me pertence!

Quinta Petição

E perdoae-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. — Perdoae-nos os peccados mortaes e veniaes, e as penas que por elles merecemos! Esta é a mais urgente de nossas necessidades: sermos livres das dividas immensas que con-

rannia de nossas proprias paixões, e tornaes-nos dignos de entrar no estado de liberdade e paz dos vossos filhos, para só praticarmos o bem e a virtude e segurarmos a eterna bemaventurança.

OS TESOUIROS

1. Diferença dos bens da terra dos do céu

Não junteis thesouros sobre a terra, onde a ferrugem e a traça os consomem; e onde os ladrões os desenterram e roubam; mas juntae thesouros no céu, onde nem a ferrugem nem a traça os destróem e onde os ladrões não os desenterram e roubam 1). Nestas palavras nos ensina Jesus Christo a diferença entre os bens da terra e os do céu.

1. *Emquanto á natureza*, os thesouros da terra consistem no ouro, na prata, nas pedras preciosas, nos vestidos luxuosos, em soberbos palacios. — Os thesouros celestes consistem em actos de virtude; na graça, que por elles alcançamos, e nos merecimentos com que havemos de comprar a corôa da gloria. Aquelles nada valem: são pó e cinza! Estes valem tudo, valem o céu e a vida eterna!

2. *Na aquisição* tambem differem os bens da terra dos do céu: aquelles, pela difficuldade em os adquirir: para o que é preciso esperar a occasião, ter talento administrativo, ser feliz nas empresas: o que muitas vezes falta. — Para adquirir os bens celestes, basta querer. As virtudes em toda a hora se podem praticar, a graça alcança-se pela oração, os merecimentos estão annexos a cada boa obra. O cuidado em nos enriquecer destes bens a ninguem prejudica e ninguem nos póde impedir nesta empresa.

1) Matth., VI, 19.

2. Diferença no augmento e conservação

1. *Emquanto ao augmento*, tambem é enorme a differença entre os bens da terra e os do céu! — Quantas vezes se arriscam a saúde e a vida por augmentar os bens da terra, e elles sempre a diminuir!... Os bens do céu podem augmentar-se todos os dias e todos os instantes. Um suspiro, um desejo, um pensamento, uma palavra, a menor acção feita por Deus é um augmento no thesouro que temos no céu, são novas perolas engastadas na corôa de nossa gloria!

2. *Na conservação*, muito mais ainda differem os bens terrenos dos celestiaes. A que desgraças não estão aquelles expostos! A ferrugem do tempo os consome, os ladrões os roubam, os incendios os devoram, os naufragios os sorvem, mil causas imprevistas os aniquilam todos os dias! Os bens da alma não têm melhor sorte! A gloria e fama é denegrida pela calumnia; os prazeres são amargurados pelo remorso, pela inveja, pela traição; todas as grandezas cáem por si mesmas sob o peso da propria vaidade! — Aquelle, porém, que poz o seu thesouro no céu, está ao abrigo de todos estes vae-vens da fortuna, de todos estes perigos de ruina e destruição.

3. O coração, onde o thesouro

Na possessão tambem se differencam os bens terrenos dos celestes, porque uns nos arrastam o coração para a terra, outros, para o céu! — *Porque, onde está nosso thesouro*, disse Jesus Christo, *ahi está nosso coração*. — E vae muito de ter o coração na terra ou no céu! O coração que põe a felicidade nos bens terrenos é um coração terreno, e portanto material, terrestre e vil, que põe sua dita em frivolidades e chimeras. — Ao contrario, um coração que só vive para Deus e para o céu é um coração grande, nobre e generoso. Queremos pois saber onde está nosso thesouro? Examinemos onde temos o

coração! Oh! não estará muito longe de Deus e do céu, e muito apegado aos bens deste mundo?!...

4. Cegueira na posse dos bens terrenos

A posse dos bens da terra, além do aviltamento do coração, cega o espirito. — *O teu olho é a lanterna do teu corpo. Si teu olho é simples, todo o teu corpo será luminoso. Mas, si teu olho fôr máu, todo o teu corpo será tenebroso.* — Si tendes os olhos sãos, todo o vosso corpo é luminoso, isto é, sabeis como sois e ondes estaes, onde metteis a mão e pondeis o pé, o que deveis fazer e evitar; numa palavra: andaes com luz, o que é um meio de segurança. Tal a sorte do que trabalha para o céu: sente que está e caminha na luz, vê as coisas como ellas são, e estima-as pelo que valem. Mas, si vosso olhar está viciado, si não é simples e está velado por uma espessa cataracta, como pôde discernir os objectos? Ah! e qual é a cegueira do que só ama os bens da terra? Como distinguir os objectos bons dos máus?... Afeiçoado aos bens mundanos, nem pensa si ha outros bens superiores aos dos sentidos, bens duradouros e eternos! — Cumpre illuminar nossa alma com as luzes da religião e da fé, para não se precipitar, cega, no abysmo de todos os crimes, arrastada pelas paixões desenfreadas do coração!...

5. Diferença no gozo

No gozo, finalmente, são os bens da terra diametralmente oppostos aos bens do céu. — O gozo dos bens da terra dura tanto quanto a vida, e nem se goza tranquillamente, durante toda ella. O gozo dos bens terrenos participa das vicissitudes destes: é um gozo imperfeito, inquieto, momentaneo; a morte porá fim a tudo, e nos desapegará de tudo! — Pelo contrario, o gozo dos bens celestes é perfeito e eterno! Que insensatez amontoar riquezas na

terra, que nella hão de ficar, e de que nada levaremos para a outra vida! Cumpramos o preceito de Jesus Christo: *Enthesourae thesouros no céu!* Lá é nossa patria; para lá iremos, e, si não tivermos lá um thesouro preparado, viveremos eternamente desterrados! E não é pouco o que devemos lá juntar, mas — *um thesouro!*

DOIS SENHORES

Ninguém pôde servir a dois senhores; porque ou amará um e odiará o outro, e se inclinará a um e desprezará o outro. (Matth., 6, 24). — No uso dos bens da terra e em procurá-los com afã pôde haver uma illusão: ter ao mesmo tempo um thesouro na terra e outro no céu; servir a Deus e ás riquezas, ser feliz neste mundo e no outro, gozar durante a vida dos bens da terra, dos prazeres, das commodidades, e esperar na vida futura gozar dos bens celestes, numa palavra: servir a dois senhores que se repellem.

Não podeis servir a Deus e ao dinheiro. — A razão desta impossibilidade está em que ambos estes senhores exigem de nós o que não podemos repartir entre elles. 1. Temos *um só coração*, que não pôde pertencer ao mesmo tempo a dois objectos, e sobretudo a dois objectos tão differentes e oppostos como são o Creador e a creatura, a virtude e o vicio, o céu e a terra. Não se pôde amar um sem odiar o outro. 2. A nossa *estima* e affeição muito menos podemos consagrá-la simultaneamente a dois senhores que nos promettem bens tão contradictorios como a felicidade e a infelicidade, a vida e a morte! Si estimamos os que vivem no luxo, nas honras, nos prazeres, forçosamente desestimamos os que professam a pobreza evangelica, os que procuram a humilhação e os vituperios e os que abraçam a cruz, a mortificação e a penitencia.

3. Impossivel se torna tambem repartir a *nossa obediencia* entre dois senhores, que nos impõem leis em absoluto antagonismo. Entre as leis do Evange-

lho e as do mundo não ha conciliação possível: umas annullam as outras, e quem as quizesse seguir indistinctamente ver-se-ia em triste e perpetua collisão. O ambicioso desconhece as leis da temperança e modestia; como ha de obedecer ás leis da humildade? O voluptuoso desconhece as leis da continencia; como ha de obedecer ás leis da mortificação? O avarento desconhece as leis da justiça; como ha de obedecer ás leis da caridade?

4. Não se podem dividir *nossas complacencias e gostos* entre bens de natureza tão differente. As nossas complacencias não podem ir para o céu, quando só pensamos na terra; não podemos comprazer-nos em Deus e ser complacentes com o mundo. Nossas complacencias não podem ir para a virtude, si vivemos atascados nos vicios e seguimos sem a menor resistencia os impulsos das paixões.

Queixamo-nos talvez de que não sentimos gosto nos exercicios de piedade, nem doçura na pratica da virtude; mas não será porque intentamos servir a dois senhores? Já foi dito pela Sabedoria incarnada: Não podeis! Ou servir a Deus e virar as costas ao mundo; ou virar-nos para o mundo, voltando as costas a Deus! O pouco adiantamento que temos feito, na aquisição das virtudes, vem daqui: Não somos obedientes intentando fazer a vontade de Deus, sem negar a nossa. Não somos castos, por querermos a virtude da castidade sem deixar de ser indulgentes com nossas inclinações. Não somos humildes, por querermos a humildade, sem occultar nossas prendas e talentos. Emfim não somos santos porque não buscamos unicamente a Deus, nem a Elle só dirigimos nosso coração, nossa estima, nossa obediencia, nossos cuidados e pensamentos.

ABANDONO A PROVIDENCIA

1. *Portanto vos digo: Não vos inquieteis pelo sustento da vossa vida nem pelo vestido do vosso corpo. Não vale mais a alma que o alimento e o corpo mais*

que o vestido? (Matth., VI, 25) — Com estas palavras destróe Jesus Christo o preconceito daquelles que se julgam obrigados a procurar os bens terrenos, com receio de que lhes venham a faltar. Assim pensa unicamente quem desconhece o Senhor do céu e da terra, a quem serve, e não vê nos mil beneficios que delle tem recebido um penhor de continuar a recebê-los ainda mais abundantes para o futuro. Deu-nos Deus a alma e o corpo; como poderia, depois disto, não nos dar sustento para manter as forças e prolongar a vida, e os vestidos para nos abrigar das intemperies do tempo?

2. *Olhae as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celleiros; e vosso Pae celeste as sustenta. Não valeis mais que ellas?* — Outra causa que leva os homens a juntar riquezas, vivendo numa continua agitação, é uma plena abstracção do espirito, que não reflecte nos milagres continuos da Providencia, que no mundo visivel se offerecem a nossos olhos. — Vêde as aves do céu, com quanto cuidado Deus as sustenta! Vêde as flôres do prado, com quanta belleza de talhes, com quanta magnificencia de côres, com quanto luxo de sedas e velludos as vestiu! Todavia nem áquellas deu a força de semear e ceifar, nem a estas a industria de urdir e fiar. — E pensaes que Deus se esquecerá de vós, sendo elle vosso creador e vosso Pae? . . . Sendo vós seus filhos, para quem creou tudo que existe, e para quem tem reservado um mundo novo muito mais rico?

3. *Não andeis pois sollicitos, dizendo: Que havemos de comer, de beber e de vestir? Pois estas coisas procuram os pagãos. Vosso Pae celeste sabe que tendes necessidade disto.* — Os christãos, que vivem inquietos e sollicitos pelos bens materiaes da vida, parecem-se com os que não têm confiança em Deus, e de quem nada esperam. Crêdes porventura que o Deus que adoramos é como o dos pagãos, insensivel, cego, impotente? Ah! si nosso Deus é Pae, é-o mais que nenhum outro! E para um Pae que tão so-

licito é de todos os seus filhos, é uma affronta desconfiar de sua Providencia.

4. *Portanto, procuraes primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará!* — O reino de Deus, de que nos fala Jesus Christo, é a sua gloria e a nossa bemaventurança. Pela justiça, que nos manda procurar, se entendem os meios para chegar á santidade. Disto só devemos andar sollicitos; para aqui devem convergir todos os nossos cuidados. Tratemos, pois, de nos santificar, pois isto é procurar o *reino de Deus*. Exercitemo-nos em todas as virtudes, pois isto é procurar a *sua justiça*.

5. *Não vos inquieteis, portanto, com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã terá cuidado de si mesmo.* — Façamos cada dia o que temos a fazer e o que se pede de nós, sem inquietação pelo futuro. Assim como Deus teve cuidado de nós hoje, assim tê-lo-á amanhã.

Basta a cada dia a sua pena. Isto, todavia, não nos prohiu uma sabia e moderada providencia dos bens que nos são necessarios á vida, mas sem uma preocupação tal que nos faça desconfiar da divina Providencia e descurar o cumprimento de nossos deveres; pois Aquelle que nos prohiu as inquietações e sollicitudes pelos bens temporaes, nos impoz a lei do trabalho e nos ensinou com seu exemplo a ganhar o pão com o suor do rosto.

DOIS CAMINHOS

1. Caminho da perdição

Entrae pela porta estreita, porque a porta da perdição é larga. O caminho que lá conduz é espaçoso e o numero dos que lá entram é grande. 1)

Todos os homens andam por um de dois caminhos: ou pelo caminho espaçoso, que conduz á perdição; ou pelo estreito, que conduz á salvação. O caminho da perdição é largo e espaçoso, porque não

1) Matth. VII. 13.

está apertado entre os preceitos de Deus e os dictames da razão; é o caminho da expansão dos sentidos, da liberdade das paixões, da satisfação de todos os gostos. Porque é espaçoso este caminho, são muitos os que o andam, animando-se uns com o exemplo dos outros. O' insensatos, que vos puzestes neste caminho, voltae atraz, pois não vêdes para onde ides? Não sabeis aonde vos levam todas essas fortunas, todos esses prazeres, todas essas grandezas? De que vos servirá ter vivido segundo as inclinações perversas de vossa natureza, si por esse caminho ides parar á terra da perdição? — Andei já por este caminho?... Ando ainda?... E quero continuar a andar nelle?

2. Caminho da salvação

Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz á vida e ha poucos que a encontram. — O caminho do céu é estreito, porque não se póde levar por elle tudo que se quer, mas só o que é lícito. Não podem transitar por elle as bagagens dos bens terrenos: só se póde levar por este caminho o amor e a graça de Deus. Por este caminho emmudece o ruido das paixões, das pompas mundanas e das comitivas honrosas. — E' por isso que poucos o frequentam, muitos até o ignoram, nem pensam que possa haver outro caminho na vida que não seja o caminho espaçoso das alegrias mundanas. — Poucos entram nelle e menos ainda são os que perseveram. Alguns começam bem, mas a poucos passos se cansam do aperto em que marcham, e voltam atraz, á procura de mais largueza e liberdade.

Mas tal não fariam, si pensassem aonde conduz este caminho. Elle conduz *á vida*, diz Jesus Christo, — mas a que vida? — A' verdadeira vida, á vida por excelencia, á vida em cuja comparação esta nossa não é sinão morte continua! — E' o desejo de chegar a esta vida de salvação que alenta os tibios e apressa os fervorosos neste caminho estreito e trabalhoso. E' o esquecimento do ultimo fim que torna tantos inconstantes, e faz tantos desertores! Que do-

ce, no momento da morte, ter andado por um caminho e ter chegado ao fim d'elle com a esperança firme da salvação! — Eu entrei nelle... e tenho continuado?... Não voltei atraz, enfadado com tanta mortificação, com tanta penitencia, com tanta guarda dos sentidos?...

3. Pequeno numero dos que andam no caminho da Salvação

E poucos a encontram. — Que nos diz Christo destes dois caminhos? que é grande o numero dos que levam uma má vida, e pequeno o numero dos que observam a lei de Deus. Nada disto nos deve surprender. E' uma verdade que nós mesmos apalpamos. Quantos vemos caminhar pela estrada do prazer, não tendo por fim desta vida sinão o gozo dos sentidos?!

Pouco adianta perguntar si pertenco ou não ao numero dos escolhidos. Escolhamos o caminho, e nada mais! Difficultades tem-n'as e muitas; mas a graça de Deus acompanha os que a procuram. Sigamos o preceito do Senhor: *Contendite intrare per angustam portam.* (Luc. 13) *Esforçae-vos por entrar pela porta estreita.* Para entrar pela larga não é preciso esforço: a mesma natureza impelle a entrar por ella. O esforço, o trabalho, a violencia é só para a estreita. Sejamos do numero dos que se esforçam, dos que se violentam por seguir o caminho da virtude: este só é o que nos convém, si queremos chegar á Salvação.

OS FALSOS PROPHETAS

1. Quem são os falsos prophetas

1. *Acautelae-vos contra os falsos prophetas.* (Matth. VII, 15) — Os falsos prophetas, de quem nos manda Jesus Christo acautelar, são os prégadores de falsa doutrina. — *Dentro de mim,* são as concupiscencias, os affectos depravados, o amor proprio e o das

creaturas. Quantas falsidades me prégam: — que é bom ser estimado; — que é máu ser desprezado: — que é bom procurar a consolação nas creaturas; — que é um mal não seguir as proprias inclinações! Assim prégam; e não tenho eu seguido sua falsa doutrina?...

Fóra de mim, são os amigos falsos e traiçoeiros, que me incitam, com a palavra e com o exemplo, a resistir á vontade de Deus e de meus superiores, a seguir as minhas vontades, a não ser tão escrupuloso em guardar os sentidos. E eu, encantado com doutrina tão lisonjeira, tenho attendido a estes falsos prophetas!

2. *Elles se apresentam vestidos com pelle de ovelhas, mas interiormente são lobos vorazes.* — Não se mostram taes quaes são na realidade. Encobrem seus planos de corrupção, não deixam apparecer seu rancor e fanatismo anti-religioso, vestem a pelle de ovelhas para occultar os instinctos de lobos carniceiros. Dão-se por filhos da Igreja, mas não prégam sua doutrina; dizem-se enviados de Deus, mas occultam, num exterior de fingida piedade, o espirito diabolico. Não tenho eu seguido, em parte, a doutrina de taes prégadores?... E não tenho talvez com minhas palavras induzido outros ao erro, fazendo assim o papel de falso propheta?...

2. Como descobrir os falsos prophetas

Vós os conheceis pelos seus fructos. Porventura pôdem-se colher uvas dos espinhos e figos dos cardos? Assim toda a arvore boa produz bons fructos; porém a má arvore produz máus fructos. (Matth. VII.) — Nem todos pôdem descobrir o veneno da má doutrina nos discursos e escriptos dos falsos prophetas. Mas um meio seguro nos dá Jesus Christo para distinguir os falsos prophetas dos verdadeiros prégadores da sã doutrina. E' considerar o fructo da doutrina que prégam. Si seus discursos conduzem á libertinagem, á avareza, á rebellião, á sensualidade, á

independencia, ao desprezo da autoridade, a arvore donde provêm estes fructos é má, e os prégadores de tal doutrina são os taes pseudo-prophetas. — E que fructos produzem dentro de mim os falsos prophetas dos meus sentidos, do meu amor proprio, das minhas paixões, das minhas concupiscencias, sinão faltas?... sinão tibiezas?... sinão relaxações?... sinão peccados?... E hei de continuar a attender estes falsos conselheiros dos meus sentidos e affectos, que só produzem fructos de perdição?... Conheces isto e não te emendas?... Teme!...

3. Castigo dos falsos prophetas

Toda a arvore que não dá bons fructos será cortada e lançada ao fogo. — Terrível castigo commina Jesus Christo, nestas palavras, contra os propagadores de falsa doutrina! Serão como arvores arrancadas do campo da Igreja e lançadas ao fogo eterno! Os falsos prophetas têm seus adeptos, que os louvam, que os escutam, que lhes obedecem; mas uns e outros têm a reprovação de Jesus Christo e da Igreja, que fulmina contra elles o anáthema, que os separa da communhão dos fiéis. Serão como galhos sêccos cortados do tronco para alimentar as chammas. — Ai de mim, si no campo da Igreja sou arvore sem fructos de boas obras! Não me lance Deus fóra, por occupar inutilmente o terreno! Quantos eu conheço que, por se não precaverem contra falsos conselheiros, perderam a seiva da fé e da vocação religiosa, e foram arrancados como arvores sem fructos e entregues ao fogo de suas paixões, para irem depois arder no fogo eterno?!...

DA VONTADE DE DEUS

1. Pratica das boas obras

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas o que faz a vontade de meu Pae. (Matth. VII, 21) — Jesus Christo reprehende com estas palavras, 1º os que praticam algumas boas

obras por pura devoção, e omitem as que são obrigatórias. 2º Não approva os que falam muito, e fazem pouco, que trazem o nome de Deus na bocca, e nada fazem por seu amor. Não basta soltar alguns suspiros para o céu, reconhecer a Jesus Christo como Senhor, invocá-lo e pedir-lhe graças. É necessario com a divina graça pôr mãos á obra e cumprir a vontade de seu Pae, como elle no-la annunciou. Suspiros e gemidos estereis não nos abrirão o céu! Com dizer: *Senhor! Senhor!* não estamos salvos: é necessario praticar as obras que Deus nos impõe na sua lei. Mas não nos illudamos com as boas obras que praticamos, julgando que todas são agradaveis a Deus. Para nossas obras serem realmente boas, 1º devem ser feitas segundo a vontade de Deus; 2º por Deus; 3º em sua graça.

2. Obras segundos a vontade de Deus

Nossas obras, para terem valor para a salvação, devem ser feitas segundo a vontade de Deus, na religião que deu aos homens, no estado que destinou a cada um, segundo as regras da obediencia aos legittimos superiores. Assim as obras mais santas, feitas com prejuizo dos deveres do nosso estado, contra a obediencia e segundo nosso capricho, não são obras agradaveis a Deus, nem uteis para o céu, mas dignas até de castigo. Pelo contrario, aquelle que segue a vontade de Deus, ainda nas obras mais communs e obscuras, merece para o céu e terá grande recompensa. São minhas obras assim? . . .

3. Obras feitas por Deus

Muitos dirão naquelle dia: Senhor, Senhor, não prophetizámos em teu nome, e em teu nome expulsámos os demonios, e em teu nome fizemos tantos milagres? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci! — Prêgar, escrever, reprehender, corrigir os costumes, converter os peccadores, praticar obras de caridade, fazer até maravilhas, si tudo se faz por

vaidade, por interesse, por ambição, por amor do applauso e louvor, tudo será inutil! E quando se apresentarem com todas estas obras diante de Jesus Christo para receber o premio, elle lhes dirá: Não vos conheço! Nunca vos tive ao meu serviço, nunca fizestes nada por mim, não vos conheço como meus servos! — Ao contrario, reconhecerá por seus aquelles que, no pouco que fizeram, só tinham em vista a vontade divina, e lhes dará pelo menor serviço grande recompensa!

4. Obras feitas na graça de Deus

Nossas obras, para valerem para o céu, devem ser feitas por amor de Deus e na sua graça. Uma paixão aninhada no coração, uma impureza secreta, um amor illegitimo, uma affeição peccaminosa, um sentimento de odio, de inveja, de vingança, que nos priva da graça divina, basta para annullar e corromper todo o bem que praticamos. O peccado é o ladrão que nos roubará todo o valor de nossas obras, quando apparecermos no tribunal divino. Jesus Christo nos dirá então: *Retirae-vos de mim, obreiros da iniquidade!* Si queremos utilizar o tempo da vida, a primeira obra a fazer é pôr-nos na graça de Deus. Então todas as nossas obras terão valor e receberemos por ellas grande gloria!

DA ORAÇÃO

1. Pedi, procura e batei

1. *Pedi e dar-se-vos-á.* — Este é o meio para obter a graça e a gloria. Pede com humildade, porque és indigno; pede com ardor, porque é grande a tua necessidade; pede com perseverança, porque a graça é um bem precioso e deve ser solicitada constantemente e com iteradas preces. Pede, porque és pobre, e não tens aquillo que mais te é preciso para a salvação, porque és fraco e não tens a força bastante para resistir ás tentações.

2. *Procurae e achareis.* — Procurae o reino de Deus, empregando a oração como principal meio para o alcançar. Procuremos este reino de Deus na meditação das verdades eternas, na leitura dos livros piedosos, na pratica da virtude, na frequencia dos sacramentos. Procuremos a Deus na oração, na Egreja, no retiro, na contemplação da natureza, e achá-lo-emos. Procuremos a graça perdida pelo peccado numa dolorosa confissão, e encontrá-la-emos. Procuremos o caminho da salvação, que é o da virtude, da abnegação e encontrá-lo-emos! Mas procuremos com sinceridade: *Si quaeritis, quaerite. Si procuraes, procuraes* deveras. Muitas vezes não alcançamos, porque não procuramos a serio. Procuramos a humildade, mas fugimos das humilhações; procuramos a pobreza, mas fugimos de soffrer os seus effeitos; procuramos a obediencia, mas fugimos das ordens difficeis!

3. *Batei e abrir-se-vos-á.* — No *bater* quer-nos Jesus significar a perseverança que devemos ter em nosso coração. — Batamos á porta do coração de Deus para nos admittir á intima união com Elle. — Batamos á porta do céu com ardentes preces, com gemidos e lagrimas, para sermos nelle admittidos; si formos perseverantes, um dia a veremos abrir-se de par em par para nos receber. — Batamos á porta do sacrario com ardentes desejos de que ella se abra, e sahirá delle Jesus sacramentado, para entrar em nosso coração e cumular-nos de suas graças.

2. Effeito da oração

Porque, quem pede recebe, quem procura encontra, e a quem bate abrir-se-á. — O effeito da oração é certo e infallivel, porque Deus o prometeu, comtanto que peçamos o que fôr conforme a sua santa vontade. *Quodcumque petierimus secundum voluntatem ejus, audit nos.* (1. Jo. 5.) Tudo que pedirmos segundo sua vontade, nos concede. A certeza de que receberemos o que pedimos funda-se na bondade de Deus, que, sendo o bem soberano, a bon-

dade por essência, quer dar-se e communicar-se a seus filhos. Si nos manda pedir tão instantemente, de tantos modos e em tantas occasiões, é que tem desejo de nos conceder suas graças. O effeito da oração é pois infallivel: quer Deus nos conceda o que pedimos, quer negue, sempre nos dará o equivalente ou o que mais nos convém. *Com effeito, diz Jesus Christo, quem é o homem entre vós, que, si o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou si pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Si vós pois, que sois máus, sabeis dar a vossos filhos boas dadas, quanto mais vosso Pae celeste dará bens aos que lh'os pedem?* — Deus é um pae que tem mais amor a seus filhos que qualquer outro pae da terra. Elle escolheu-nos por filhos, e fez-se nosso Pae para inspirar-nos toda a confiança em nossas orações. Como Deus, sabe e pôde; como Pae, quer tudo que nos convém. Oh! não lhe demos esse desgosto, pois o castigo é uma violencia ao seu coração, que só nos quer fazer bem!

3. Uma regra aurea

Tudo que quizerdes que vos façam os homens, fazei-o vós a elles, porque isto é a lei e os prophetas. (Matth. VII, 12) — Deus ouve nossas orações, mas quer tambem que não faltemos á caridade com nossos irmãos, negando-lhes o que nos pedem. Quer nosso Pae celeste que o imitemos, e que soccorramos o nosso proximo, quando recorrer a nós a pedir algum beneficio. Si nos pedir, demos; si nos procurar, não fuçamos; si bater á nossa porta, abramos-lh'a. Regra admiravel nos dá Jesus nestas palavras! Façamos aos outros aquillo que desejamos que nos façam a nós. Da falta de observancia desta regra nascem nossas queixas. Queremos ser respeitados, e não respeitamos; queremos ser obedecidos, e não obedecemos; queremos ser ouvidos, e não ouvimos; queremos ser amados, e não amamos! Oh, si esta maxima se observasse, quanta paz reinaria na sociedade, na familia e nas religiões!

VOCAÇÃO DE S. MATHEUS

1. A quem chama

E como passasse adiante, viu Levi, filho de Alpheu, sentado ao telônio, e diz-lhe: Segue-me. E levantando-se, seguiu-o. (Marc. II, 14) — Levi, por outro nome Mattheus, era um publicano, cobrador de impostos, profissão que absorvia todas as suas atenções para o dinheiro. Todavia é um homem desta profissão que Jesus chama ao apostolado e á pratica dos conselhos evangelicos. Como são impenetraveis os planos e decretos de Deus!... Não desesperemos de ninguém: os que parecem mais afastados do reino do céu, pódem ser nelle grandes Santos.

2. Como chama

a) *E viu-o*: muitos estariam ali com Levi; a todos viu o Senhor, mas a Levi com especial predilecção. Aquelle olhar divino foi um raio da divina graça. *Viu-o Deus, para que elle visse a Deus*, diz S. Chrysologo. — *Vidit illum Deus, ut ille videret Deum*. Olhae-me, ó Jesus, com esses olhos que transformam um publicano num apóstolo, um peccador num justo! — b) *Chama-o passando*: Jesus não perde um momento: mesmo caminhando, vae instruindo o povo, e, passando pelo telônio de Levi, sem mais preambulos, chama-o para seu discipulo. As grandes graças dependem da passagem de Jesus pela nossa alma, illuminando-a com alguma boa inspiração, ou chamando-a com algum toque ou moção do Espirito Santo. Estejamos attentos a sua passagem, para ouvirmos a sua voz. c) *Chama-o quando estava sentado no telônio*, isto é, absorvido nos lucros temporaes. Muitas vezes é no tumulto dos negocios e nas grandes agitações da vida que Deus fala ao coração e o move a separar-se de tudo para só adherir a Elle.

3. Como é obedecido

Tres actos pratica S. Mattheus ao ouvir a voz do Senhor: O primeiro foi *deixar tudo*: dinheiro, telónio, amigos, empregados, officio. Este é o primeiro passo para seguir a Christo: deixar o mundo, os parentes, os bens temporaes, os amigos. O segundo foi *levantar-se*, pois para seguir a vocação á vida perfeita é necessario levantar-se da terra dos vicios e caminhar para a das virtudes. O terceiro foi *segui-lo*, sem que o respeito humano, o negocio, os amigos o detivessem. Deixa tudo e incorpora-se no séquito numeroso que acompanha o Salvador. O' poder do divino chamamento! Assim como dèste a este publicano a graça da vocação, dèste-lhe a força para a seguir. O' Jesus, procedei assim commigo. *Dae o que mandaes e mandae o que quizerdes* 1).

O novo discipulo seguiu seu Mestre durante toda a vida que Jesus passou na terra, e depois foi prègar o seu nome aos povos da Ethiopia. Foi o primeiro escriptor sagrado do Novo Testamento, compondo seu Evangelho em hebraico, ainda na Judéa, antes de partir para a provincia que lhe cahiu em sorte.

A fidelidade á primeira graça de sua vocação valeu-lhe a ultima de sellar com seu sangue a fé em Jesus Christo. — Sejamos fiéis ás inspirações da graça, pois de uma só que percamos, pôde-nos vir um grande mal, mal eterno e irreparavel!

JESUS EM CASA DE S. MATHEUS

1. Levi prepara um banquete

Em seguida, Levi fez um grande banquete em sua casa (Luc. V, 29). *Jesus estando á mesa, vieram se lhe juntar muitos publicanos e peccadores e seus discipulos: porque havia muitos que o seguiam* (Marc. II, 15). — 1. Levi quiz testemunhar a Jesus sua gratidão, e preparou-lhe um grande banquete, para o qual

1) *Da quod jubet, et jubet quod vis* — S. Agostinho.

convidou outros publicanos, parentes e amigos. 2. Quiz mostrar a sua alegria em ser escolhido por Jesus para a vida apostolica: por isso procurou que houvesse maior numero para a alegria ser mais geral. 3. Quiz trazer ao conhecimento de Christo outros publicanos e peccadores. Já começa a exercer o zelo de apóstolo, trazendo a Jesus os peccadores, para que se aproveitem de sua doutrina. 4. Mostrou sua generosidade, pois diz S. Lucas que o banquete era *grande*. Não attende a gastos para honrar seu Mestre. Jesus não dedigna sentar-se a esta mesa, e misturar-se com os peccadores, com desdouro de sua dignidade, porque os peccadores viera buscar á terra, e tinha ali uma boa occasião de os converter.

2. Murmuração dos phariseus

Mas os phariseus e os escribas, vendo que elle comia com os publicanos e os peccadores, diziam aos discipulos de Jesus: Por que é que vosso Mestre come e bebe com os publicanos e os peccadores? 1) — Nesta murmuração os phariseus revelam-se *invejosos e covardes*: 1. *Invejosos*, porque viam a grande roda que Jesus ia juntando em volta de si, e como sua autoridade ia crescendo cada vez mais. E donde sabiam elles que Jesus comia em casa de Mattheus? o invejoso repara tudo, vê tudo, examina tudo. Infeliz curiosidade, que tantas vezes perturba a paz e destróe a caridade! O invejoso em tudo vê mysterio e de tudo se escandaliza: em vez de suppôr nos outros boas intenções, interpreta tudo em máu sentido e só vê crimes e escandalos nas acções mais honestas e indifferentes.

2. Mostram-se *covardes*, porque não apresentam seus reparos e censuras directamente a Jesus, mas aos discipulos. O covarde não ataca de frente a pessoa, com receio de ouvir alguma resposta sem réplica. E' na ausência e em segredo que murmura: é aos amigos, aos que lhes inspiram confiança, que communica suas sus-

1) Marc. II, 16.

peitas e inocula o veneno de suas criticas. — Não é diante de um homem de caracter que o impio ousa negar os dogmas da religião, mas diante daquelles que julga destituídos de sciencia bastante para os refutar. Diante de pessoas autorizadas, guarda covarde e meticuloso silencio.

3. Resposta de Jesus

1. *Jesus, ouvindo isto, disse-lhes: Não são os sãos que precisam de medico, mas os doentes.* 1) — Jesus responde comparando-se a um medico. E que medico cheio de caridade até com aquelles que se mostram seus inimigos! Não os reprehende pela censura; não se irrita contra sua perversidade; não lhes lança em rosto sua inveja e covardia; mas instrue-os com doçura, procura ganhá-los para os curar de tantas enfermidades. O' medico divino, si nós vos consultassemos em nossas enfermidades, sobretudo espirituaes, quão depressa chegaríamos a uma perfeita saúde do espirito, e nos asseguraríamos a vida eterna!...

2. *Ide, diz, e aprendei o que significa esta palavra: Antes quero a misericordia, que o sacrificio.* — Quer dizer: A misericordia e o sacrificio são igualmente recommendados; mas na concorrência e collisão destes dois deveres, e na impossibilidade de os conciliar, deveis deixar o sacrificio por exercer a misericordia. Uma obra de caridade para com o proximo é mais agradavel a Deus, que uma obra da lei a mais santa, mesmo que seja a immolação da victima. Deus prefere as obras de misericordia a todos os sacrificios e obras de piedade. Deixar, sob pretexto de devoção, as obras de caridade, é um abuso. Deixar a Deus pelo proximo é agir segundo o Coração de Deus.

3. *Porque não são os justos que venho buscar, mas os peccadores.* — Attrahindo para mim os peccadores e ganhando-os para meu Pae, cumpro a Escripura, dou a preferencia ás obras de misericordia: os peccadores são mais necessitados que os justos.

1) Luc., V. 31.

CONVERSAO DE ZACHEU

1. Desejo de Zacheu

1. *Eis um homem, por nome Zacheu, que era o principal dos publicanos e rico; procurava ver Jesus, quem fosse.* 1) — Este desejo de Zacheu foi o primeiro passo para a sua conversão. O seu coração não era todo das riquezas, ainda nelle havia um desejo santo de ver Jesus. E não foi um desejo esteril, mas activo, pois andava procurando realizá-lo: *quaerebat!* Mal ouvia falar que vinha Jesus de Nazareth, logo lhe sahia ao encontro. Quantos queriam ver Jesus, mas não o procuravam!

2. *Mas não podia, por causa da multidão, e era de baixa estatura.* — Não é isto mesmo o que se dá commigo? Não vejo a Jesus na oração porque a turba tumultuosa dos affectos desordenados e das phantasias da mente m'o encobrem. — Não vejo a Jesus na oração, porque a minha *pequenez* na virtude não m'o deixa ver; não me levanto sobre as paixões, não rompo a barreira das affeições terrenas, e quero ver a Jesus? . . .

3. *E correndo, subiu a um sycómoro para o ver, porque por ali havia de passar.* — O meio mais apto para Zacheu realizar o seu desejo era subir a uma arvore. Apesar de ser homem rico e principal, não duvidou deitar a correr adiante da multidão e trepar ao sycómoro: nem o perigo de subir a uma arvore, nem o respeito humano, nem o temor de se desacreditar ao ver que os transeuntes se ririam delle, foram motivos para não realizar seu desejo. Este nobre exemplo de Zacheu me incita, quando Deus me inspirar bons desejos, 1. a vencer o respeito humano, a desprezar o pensar do mundo e a arrostar com os perigos; 2. a correr adiante com a assidua meditação e previsão das occasiões de peccado, que me impedem de ver a Deus; 3. a collocar-me em logar alto, acima das coisas da terra, do ruido e tumulto do mundo, para dahi, e mais perto do céu, ver e contemplar a Deus.

1) Luc. XIX. 2.

2. Zacheu vê Jesus

E como chegasse ao lugar, Jesus, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zacheu, apressa-te a descer, porque hoje convém-me ficar em tua casa. — 1. Zacheu deu-se por feliz em poder, enfim, vêr a Jesus no meio do povo; mas a sua maior felicidade esteve em que Jesus também o viu. Naquelle troca de olhares, Zacheu sentir-se-ia confuso, sobretudo ao vêr-se apostrophado naquelle lugar e por aquelle que nunca o tinha visto.

1. Jesus supera os desejos de Zacheu, premiando-lhe a diligencia em procurar vê-lo, com se fazer seu hospede, e dar-lhe assim occasião de melhor o vêr, conhecer e tratar.

3. Chamou-o pelo próprio nome, para que entendesse que, ainda que nunca o tinha visto, conhecia-o bem.

4. Manda-o descer depressa, para lhe significar que não quer perder a occasião de justificá-lo, antes que se esfrie seu bom desejo.

5. *Hoje* se quer hospedar em casa delle e não amanhã ou outro dia, porque não se devem perder as occasiões de praticar a caridade, nem dilatar os bons propositos para o dia seguinte, que é incerto.

6. *Em tua casa*: não faltavam a Christo casas onde hospedar-se, mas prefere a de Zacheu, para lhe remunerar o desejo de o procurar vêr. — Si eu desejar devéras vêr Jesus, elle se fará meu hospede. Com que desejo o vou receber na Eucharistia? . . .

7. *E, apressado, desceu e o recebeu, alegre.* — Obediencia prompta, alegre e generosa! Esta pressa devo ter em servir a Jesus, em cumprir sua vontade, em me preparar para o receber em meu coração. *Alegre* deve ser também o nosso serviço, pois — *Hilarem datorem diligit Deus.* — Deus ama o que o serve com alegria.

3. Murmuração dos phariseus

1. *E como todos vissem, murmuravam, dizendo: que se hospedára com um homem peccador.* — Aqui temos o escandalo pharisaico! Que indiscrição da parte de Christo podia haver em se hospedar com um peccador, aliás homem rico e distincto, si eram os peccadores que elle vinha buscar?... Mas os máus ainda das boas acções tomam pé para murmurar.

2. *Levantando-se, porém, Zacheu, disse ao Senhor: Eis que dou aos pobres metade dos meus bens, e si a alguém prejudiquei, restituirei em quadruplicado.* — Proposito efficaz, com que deu logo por feito o que propunha fazer, pois diz no presente *dou e restituo* e não darei e restituirei para o futuro. — Com esta firme determinação hei de procurar a emenda de minha vida. Tem maior valor este proposito de Zacheu, por ser feito, não sobre uma coisa facil, mas difficultosa; não obrigatoria, mas voluntaria e de conselho; pois, sendo rico, divide suas riquezas pelos pobres. Isto sem duvida fazia como satisfação pelos seus peccados; e do que tomou injustamente não só restitue tudo, mas quatro vezes mais. O amor de Jesus moderou-lhe o amor dos bens temporaes.

3. *Disse-lhe Jesus: Hoje entrou a salvação nesta casa.* — Aqui Euthymio: — *Satus facta est, ejecta perditione quae in ea morabatur.* — *Fez-se a salvação nesta casa, expellida a perdição que nella morava.* — *Perditio tua ex te,* diz Oseas (XIII, 9). *A tua perdição vem de ti.* — Não ha salvação emquanto não lançares a ti de ti mesmo, emquanto não expulsares do teu coração o amor da propria excellencia, da vangloria e das commodidades. Afasta-te de ti, e Christo virá a ti, e com elle a tua salvação!...

CONVERSAO DE MAGDALENA

1. A peccadora aos pés de Jesus

1. *Jesus, convidado por um phariseu a jantar, entrou em casa delle e se pôz á mesa. Eis que uma mulher, conhecida na cidade como peccadora, sabendo que Jesus fôra jantar á casa do phariseu, trouxe um vaso d'alabrasto com unguento, e estando atraz, junto dos pés de Jesus, começou a regar com lagrimas esses pés e enxugá-los com os cabellos, a beijá-los e a ungi-los com o unguento* (Luc. VII, 36). — Entre os ouvintes das ultimas prêgações de Jesus, encontrava-se uma mulher, cujas desordens publicas eram o escandalo da cidade. Impressionada com os milagres e os discursos de Jesus, conheceu seu estado e resolveu sahir delle. Certa de que aquelle que tinha mudado seu coração e de quem se diziam tantas maravilhas era o Messias, procurou occasião de se encontrar com elle, para obter o perdão dos seus peccados. Um phariseu convidára Jesus para jantar, e a peccadora, que espiava todos os passos de Jesus, aproveitou esta occasião para se lançar a seus pés e chorar as desordens de sua vida. — O verdadeiro penitente proveita a primeira occasião para se justificar. A hora era favoravel; Magdalena corre a casa, traz o precioso unguento e entra afoita em casa do phariseu e lança-se aos pés de Jesus, sem reparar que está diante de uma assemblêa que a reconhece como peccadora publica, sem temer as criticas de uns e as ironias de outros. Jesus, segundo o uso do paiz, estava recostado sobre uma especie de leito ou coxim, com o rosto para a mesa, e os pés para fóra, descobertos e sem sandalias. E' ante estes pés adoraveis que a penitente se prostra, humilde e respeitosa, e lá se lhe abriam as fontes de seus olhos, desabafando por elles a sua dôr.

2. *E começou a regar com lagrimas os seus pés, e a enxugá-los com os cabellos da cabeça, a beijá-los e a ungi-los com o unguento* (Luc. VII, 38). — A dôr embarga-lhe a voz, e só falam os olhos mare-

jando-se de lagrimas, que rolam em grossas bagas até humedecer os pés de Jesus, que ella vae limpando com os cabellos, beijando-os e unguindo-os com o precioso unguento. O' verdadeira penitente, quem não se enternece com tuas lagrimas e chora contigo? Oh! que insensivel fico eu á vista de minhas culpas, talvez mais graves que as tuas! . . .

A penitencia desta peccadora foi um holocausto perfeito. Emprega em reparar suas desordens o que tinha sido causa dellas. Os olhos, causa de tantos máus desejos, banham-se de lagrimas; os labios, maculados com tantos osculos impuros, purificam-se em oscular os sacratissimos pés de Jesus; os cabellos, enfeite de seu rosto, desalinham-se para limpar os pés do Salvador. Os perfumes, com que procurou agradar ao mundo, consagra-os a ungir os pés de seu Mestre. — O mesmo farei eu, empregando em servir a Deus todos os meus sentidos, que me apartaram d'elle, seguindo o preceito de São Paulo: *Sicut exhibuistis membra vestra*, etc., palavras que S. Gregorio paraphraseia assim: *O que empregaste torpemente offerece-o já em louvor de Deus; e quantos deleites experimentaste em ti, tantos holocaustos de ti mesmo encontres 1).*

2. Murmuração do phariseu

1. *O phariseu, que tinha convidado Jesus, vendo isto, disse consigo mesmo: Si este homem fosse propheta, saberia quem é aquella que o toca, porque é uma peccadora* (Luc. VII, 39). — Neste só juizo quantos erros! Julgou 1º, que Christo não era propheta; 2º, que Christo ignorava o estado de Magdalena; 3º, que Magdalena, contrita, era ainda peccadora; 4º, que Christo devia repellir esta mulher; 5º, que o justo se mancha com tocar o peccador 2).

1) *Quod tibi turpiter exhibuisti, jara Deo laudabiliter offeras; et quot in te habuisti oblectamenta, tot de te invenis holocausta* (S. Greg. hom. 33).

2) Avancino, pag. 341.

2. *Então Jesus tomou a palavra e disse: Simão, tenho uma coisa para te dizer. Mestre, falae, respondeu elle. Um credor tinha dois devedores: um devia-lhe quinhento denarios, outro cincoenta. Não tendo elles donde pagar, perdoou a ambos. Qual delles o amava mais? Simão respondeu: Julgo que é aquelle a quem mais foi perdoado. Jesus disse-lhe: Julgaste bem. — O Salvador quiz dar a entender que o phariseu amava menos a Deus que a peccadora. Por isso lhe propoz esta parabola, em que os dois devedores são Simão e Magdalena, e o credor caritativo, Jesus. Si, na ordem natural, aquelle a quem foi perdoada maior divida deve amar mais, assim na ordem da graça. Os mais culpados amam mais porque têm maiores dividas e esperam maior misericordia.*

3. *E voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste agua para lavar os pés e ella os está lavando com suas lagrimas e enxugando com seus cabellos. Não me deste o osculo de paz, e ella não cessa de beijar os meus pés; não derramaste oleo sobre minha cabeça, e ella ungiu com perfumes os meus pés. Eis por que te digo que muitos peccados lhe são perdoados, porque amou muito. Aquelle a quem menos é perdoado, menos ama. — A censura do phariseu feriu a Christo e a peccadora: Jesus toma a defesa da peccadora e não fala de si, para me ensinar a defender os mais fracos, e a calar quando me vir alvejado pela lingua do murmurador.*

3. Absolução

1. *Então Jesus disse á mulher: Teus peccados são perdoados. — Jesus assegura á peccadora que Deus a recebeu em sua graça; e, não se contentando com já o ter declarado falando com Simão, quer dar-lhe a solida alegria e a paz ineffavel de uma alma regenerada para a graça. Oxalá possa eu merecer ouvir as mesmas palavras depois de minhas confissões! Ou-*

vi-las-ei si levar os mesmos sentimentos de penitencia desta peccadora!

2. *Os que estavam á mesa começaram a dizer entre si: Quem é este homem, que perdôa os peccados? — O' duros phariseus, ainda não sabeis quem é? E' o bom Pastor, o vosso Rei, o Messias, o Deus de Amor e de perdão! — Jesus respondeu com o silencio a estas murmurações reféces dos phariseus, mostrando-lhes praticamente como tinha o poder de perdoar peccados.*

3. *E disse á mulher: A tua fé te salvou: vae em paz! — O' palavras de ineffavel consolação! Tenhamos fé na misericordia de Deus, tenhamos sincera dôr dos nossos peccados, e mereceremos ouvir estas mesmas palavras, quando nos aproximarmos do tribunal da penitencia, contritos e humilhados!...*

A MULHER ADULTERA

1. A adúltera é accusada

Então trazem os Escribas e Phariseus uma mulher surprehendida em adulterio, e collocaram-na no meio, e disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi agora surprehendida em adulterio. A lei de Moysés mandanos apedrejá-la; tu, porém, que dizes? (Jo. 8, 3). — Jesus estava prégando no templo, quando os Phariseus o vieram interromper propondo-lhe o caso presente para que o resolvesse. As suas intenções, porém, eram tentá-lo. A mansidão e misericordia de Jesus era proverbial e della queriam fazer laço para o accusar. Fazendo-o juiz na causa da adúltera, julgavam que ou lhe perdoaria, indo assim contra a lei de Moysés; ou si a condemnava, publicariam que não era tão misericordioso como se dizia. Escolheram esta occasião, em que Jesus estava prégando a grande multidão, para que todos vissem como Jesus cahia no laço e perdia sua autoridade.

2. Primeira resposta indirecta

Jesus, porém, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra. — A malícia refinada dos accusadores nem resposta mereceu. O Senhor poz-se a escrever na terra para significar que declinava ser juiz em tal causa e em tal occasião. Jesus conhecia a malícia dos seus inimigos, a hypocrisia do seu zelo pela observância da lei de Moysés, a corrupção de seus costumes; e para lhes mostrar que em julgar as acções do proximo em publico se deve ir devagar e com reflexão, poz-se a escrever na areia. Vós dizeis que esta mulher é ré de adulterio, e occultaes vossos innumerados crimes que vos tornam muito mais odiosos a Deus e dignos de castigo. Escrevia com o dedo na terra para se mostrar facil e accessivel em perdoar; assim como o vento e a chuva desfazem as letras desenhadas no pó, assim as lagrimas e os suspiros apagam nossos peccados, que se escrevem na terra 1).

3. Segunda resposta

Como, porém, proseguissem a interrogá-lo, levantou-se, e disse-lhes: O primeiro dentre vós que está sem peccado, atire-lhe a primeira pedra. — Quando os phariseus viram que Jesus não respondia, crêram que estaria embaraçado com a solução do caso, e davam-se por triumphantes. Por isto, animados com este feliz resultado, compellem-n'o a falar e a se explicar. Hypocritas, bem merecieis que Jesus falasse e publicasse a podridão de vossos corações, mas elle poupa-vos essa vergonha!

E disse-lhes: O primeiro dentre vós que está sem peccado, atire-lhe a primeira pedra. — Dito isto, sentou-se e continuou escrevendo no pé caracteres indecifráveis. Mas as palavras cahiram como um raio sobre os accusadores. Ellas devem ter feito subir o rubor ás faces daquelles delatores, si é que ainda não tinham perdido o sentimento da propria dignidade. E

1) *Avanço*, pag. 393.

que instructivas para nós! Si as tivessemos presentes, não seríamos tão inexoráveis em condemnar os culpados.

Mas, ouvindo isto, um depois do outro, se ia retirando, começando pelos mais velhos. — Com taes palavras ficaram os Phariseus e Escribas de tal modo desconcertados e confusos, que acharam que o melhor partido era retirar-se, não succedesse que, forçando o Senhor a falar, lhes revelasse outros segredos que os não honrariam. Os mais idosos, como mais viciados, foram os mais finos em se furtrar á vaia do povo. Porque, como diz Beda, *começou cada um a ver em si o que conhecia mais digno de ser condemnado* 1). — Jesus tornou a escrever na terra para lhes dar tempo á retirada. A resposta do Salvador foi tão a proposito, que toda a assembléa ficou em silencio, admirando a sabedoria de Jesus, que tão sabiamente confundia seus adversarios.

4. Absolvição da adúltera

1. *E ficou só Jesus, e a mulher no meio.* — A adúltera, livre de seus accusadores, estava só diante de seu verdadeiro juiz e em presença de toda aquella assembléa, confiando, sim, no perdão, mas cheia de vergonha por se ver alvejada pelos olhares de todo aquelle concurso. Tal será a nossa situação, quando no juizo final, chamados á presença deste mesmo Juiz, que então não terá a misericórdia de hoje, nossa vida será patente a toda a humanidade ali presente. Qual será a confusão dos que lá chegarem sem terem em vida alcançado o perdão de seus peccados!...

2. *Levantando-se então Jesus, disse-lhe: Mulher, onde estão os teus accusadores? Ninguém te condemnou? A qual disse: Ninguém, Senhor! Nem eu te condemnarei. Vae, e já não peques mais.* — São para notar todos os actos desta scena.

1) *In se cernere cooperant singuli, quod magis damnandum cognoverant.*

1. Primeiro *levanta-se Jesus*, como Juiz que vae dar a ultima sentença. 2. Obriga a adúltera a confessar que seus accusadores se retiraram, desistindo de a *apedrejar*, para lhe ir pouco a pouco despertando a confiança. 3. Indu-la a confessar que ninguem a condemnou, e que por isso está livre do vexame de ser apedrejada: motivo de alegria e de maior confiança. 4. Jesus pronuncia sua sentença de perdão, que levou a perfeita paz e tranquillidade a esta alma contrita; 5. Finalmente confirma sua obra de misericórdia, animando a adúltera a não peccar mais, para o que lhe terá dado uma graça especial.

O JOVEN RICO

1. Desejo de salvação

1. *E como Jesus se puzesse a caminho, um joven, correndo ao seu encontro, dobrando o joelho diante d'elle, pedia-lhe: Bom Mestre, que farei para alcançar a vida eterna?* (Matth. 19, 16). — Este joven rico dá-nos um bello exemplo de como devemos apresentar a Deus as nossas supplicas. *Com fervor*: Jesus acabava de abençoar os meninos e dirigia-se com seus apóstolos para além do Jordão, quando um joven, que ouvira talvez a sua ultima pregação, corre apressadamente ao encontro d'elle para o consultar. Assim devemos em nossas duvidas correr aos pés de Jesus, ou daquelles que o representam. *Com respeito*: apesar de ser um joven rico e de familia distincta, não se acovarda em mostrar a Jesus o seu respeito, dobrando o joelho diante d'elle, no meio da estrada. — Nós, que temos d'elle maior conhecimento, teremos tambem em sua presença maior respeito?... *Com confiança*: chama-lhe Mestre bom, portanto confia que o attenderá com a bondade que o caracteriza. E nós oramos com igual confiança?...

2. *Que é necessario que eu faça para alcançar a vida eterna?* — Nobre petição a deste joven! Sendo rico, tem por maior bem alcançar a salvação; por ella

se interessa e por isso pergunta qual o meio para alcançá-la. Eis o de que deve cuidar, principalmente, todo o homem neste mundo, e o assumpto que mais o deve interessar: Mas que succede? que a maior parte dos homens em tudo pensa, menos na salvação!...

3. *Jesus lhe diz: Por que me perguntas chamando-me bom? Bom é só um, Deus.* — Jesus aperfeiçoa a fé deste joven. Na resposta não rejeita o titulo de *bom*, mas dá-lhe a entender que não faz ainda delle toda a idéa que devia fazer, e, dizendo-lhe que este titulo convém só a Deus, faz-lhe ver que devia olhar aquelle, a quem dá o titulo de bom, como Filho de Deus e não como um senhor puramente humano. A resposta de Jesus foi categorica e sem rodeios: *Si queres entrar na vida, guarda os mandamentos.* Este é o verdadeiro caminho da salvação: fóra delle tudo é inutil!

2. Innocencia deste moço

1. *Quaes são, disse elle a Jesus, estes preceitos que devo guardar? Jesus lhe respondeu: Tu os conheces: Não matarás, não commetterás adulterio, não roubaras, não dirás falso testemunho, honrarás teu pae e tua mãe, e amarás teu proximo como a ti mesmo.* — A instrucção deste joven deve confundir a grande ignorancia da doutrina christã que lavra na sociedade moderna. Quantos jovens, talvez mais ricos e mais sabios noutras materias, ignoram o que este sabia e não merecem ouvir o louvor: *tu os conheces. Praecepta nosti.* (Marc. X, 19).

2. *O joven respondeu: Senhor, guardei todos estes preceitos desde a minha juventude.* — Feliz do joven que vive na innocencia baptismal, e observa desde a infancia todos os mandamentos de Deus! — E eu, desde a entrada na religião, posso dizer que guardei todas as minhas regras?...

3. Jesus, ao ver este joven na flôr da idade, rico e nobre, ainda na innocencia e desejando a salvação com tanto interesse, *olhando para elle, amou-o. Jesus autem intuitus eum, dilexit eum.* Ah! de que serve aos

jovens tornar-se amáveis aos olhos dos homens, si a consciencia os reprehende pelo estado que os torna abomináveis aos olhos de Deus?...

3. Tristeza deste joven

1. *Que me falta ainda?* disse o joven. — Não contente com os mandamentos e com merecer já por elles a vida eterna, está disposto a alguma coisa mais.

2. *Jesus lhe diz: Si queres ser perfeito...* é ao que elle aspirava, é o que trouxe aos pés de Christo, — *uma só coisa te falta*. Novo motivo de alegria; pois está bem adiantado aquelle a que só falta uma coisa, e deve alegrar-se si essa unica coisa está em seu poder. Ouve pois o que te falta: — *Vae, vende tudo o que tens e distribue o dinheiro aos pobres e terás um thesouro no céu, vem, e segue-me*. — Que doce alegria se devia apoderar deste joven ao ouvir que, por bens temporaes, Jesus lhe promettia um thesouro no céu. Mas não foi assim.

3. *Quando o joven ouviu estas palavras, retirou-se triste, porque possuia muitos bens*. — Ah! riquezas fataes, quantas vocações tendes suffocado! Mas si este joven não sentia forças para se despojar de seus bens e seguir a Christo, pois isto era apenas um conselho e não um preceito, como se retira triste? E' que, quando se sente a voz de Deus chamando á vida perfeita, não se lhe resiste nunca sem grande dôr do coração e uma tristeza secreta, que continuamente está reprehendendo a frouxidão e falta de fidelidade á graça; tristeza que dura toda a vida e cresce na hora da morte.

JESUS E OS MENINOS

1. Jesus acolhe os meninos

1. *Então apresentaram-lhe os meninos para que os abençoasse* (Math. XIX, 13). — Os apóstolos escutavam a doutrina sublime que seu Mestre lhes pré-gava, quando se viram rodeados de meninos trazidos pelas mães, para que Jesus os abençoasse. Longe de

se irritar com a buliçosa turba infantil que lhe vinha interromper a prégação, Jesus recebe-os com agrado e ternura. Oxalá que todos os paes e mães seguissem este exemplo, levando seus filhos a Jesus, instruindo-os na fé e consagrando-os ao Senhor.

2. *Mas os discipulos repelliram os meninos com palavras duras.* — Nesta acção os apóstolos julgavam poupar a seu divino Mestre uma visita importuna. Mas que longe estavam de conhecer a bondade do seu Coração! — Quanto peor mal fazem os que afastam as almas do caminho da perfeição e da frequencia dos sacramentos!

3. Mas Jesus, notando isto, indignou-se e, chamando os meninos, disse aos seus discipulos: *Deixae vir os meninos a mim, porque delles é o reino do céu.* — Palavras repassadas da mais divina ternura, que deviam derramar a alegria nos corações das mães e dos seus filhos! — Ellas devem tambem reanimar o zelo dos que se occupam da instrucção dos pequeninos; animá-los a supportar as fadigas e os desgostos inseparaveis de tal emprego, aprendendo delles o que Jesus mais nelles amava, que era a innocencia, a graça de Deus e a boa disposição para receber as verdades do Evangelho. — Ellas nos ensinam tambem a ser meninos, para termos mais facil accesso aos pés de Jesus. Ser menino é, segundo o Evangelho, ter as qualidades dos meninos, a innocencia, a simplicidade, a doçura, a docilidade e obediencia, e estar isentos dos vicios que elles desconhecem: o orgulho, a ambição, a impureza, a dobrez. Si não formos assim, não seremos dignos do reino do céu.

2. Uma lição divina

1. *Em verdade vos digo, quem não receber o reino de Deus como um menino, não entrará nelle.* — O reino de Deus, de que nos fala, é a sua doutrina, o seu Evangelho, que devemos acceitar como si fôssemos meninos. Só Deus nos podia propôr assim sua doutrina. Os sabios, quando nos querem persuadir seus sys-

temas e descobertas scientificas, não têm direito de falar aos homens com si fossem meninos, nem algum delles ousou tomar este tom de suprema autoridade, porque, si o fizesse, seria desprezado por seu orgulho, e rejeitada sua doutrina. Só Jesus Christo tem autoridade para exigir que recebamos sua doutrina com a submissão de meninos. E que somos nós sinão meninos em presença do Verbo Incarnado? Que direito tem a nossa razão de lhe perguntar os porquês do que nos revela? Deixemo-nos ensinar com a docilidade de meninos, pois é esta uma condição para entrar no reino do céu, isto é, na sua Igreja cá na terra, e em sua gloria lá no céu!

2. Este modo de propôr a sua doutrina é tambem o que mais convém a Deus. — Querendo Deus falar-nos por seu Filho, Deus como elle, ficar-nos-ia bem entrar em discussão com elle? Exigindo de nós a homenagem de nosso coração por um acto de amor acima de tudo, não devia tambem exigir a homenagem de nosso entendimento por uma docilidade perfeita? . . . Si Deus nos fala, não temos que investigar as razões: recebamos sua doutrina como o menino acceta sem discussão o que lhe ensina sua mãe ou seu mestre.

3. Este modo de propôr a sua doutrina é o mais conforme á mesma doutrina, que é toda divina e celeste. Jesus não vem ensinar-nos verdades naturaes, curiosas e estereis; mas verdades celestes e essenciaes á nossa salvação. Ora, muitas destas verdades apoiam-se em razões intrinsecas, que estão acima de nossa intelligencia, e portanto deviam ser-nos propostas com uma autoridade suprema, que exigisse de nós uma acquiescencia plena e uma docilidade infantil absoluta. Assim foi que as receberam os apóstolos e tantos genios do christianismo, que por uma fé simples, docil e inabalavel nas verdades eternas, se sublimaram a uma elevada santidade e profunda contemplação. E, por falta desta simplicidade em accetar as verdades da fé, em que absurdos cahiram tantos philosophos? . . .

3. Bênção dos meninos

E Jesus, tendo-os abraçado, abençoou-os impondo-lhes as mãos. — Jesus, aproximando de si estes meninos, tratou-os com uma ternura inexplicável: abraçou-os, apertou-os ao seu coração, impôs-lhes as mãos e orou sobre elles. O' felizes meninos, quem não inveja a vossa sorte! Que fructos não produziria em vossas almas esta bênção do Senhor, que vo-la deu com taes mostras de bondade? — Mas eu posso participar dos mesmos fructos, si me apresentar, como vós, a este divino Salvador, quando o vou receber na communhão, com a innocencia do vosso coração, com a simplicidade de vossa fé e com a pureza de vossa alma!

OS FILHOS DE ZEBEDEU

1. Petição da mãe

1. *Mas a mãe dos filhos de Zebedeu, aproximando-se de Jesus com seus dois filhos (João e Thiago), o adorou, pedindo-lhe uma graça. Que queres? lhe disse Jesus. Ella respondeu: Mandae que em vosso reino meus dois filhos se sentem um á vossa direita e outro á vossa esquerda (Math. 20, 20).* — Não apparece no Evangelho o que motivou esta petição extravagante da mãe dos filhos de Zebedeu, si não foi talvez o ter dito Jesus a seus apostolos que se sentariam em doze thronos para julgar as doze tribus de Israel. Os dois irmãos João e Thiago contaram isto a sua mãe, e combinaram obter do Salvador os primeiros logares no seu reino. Tambem na escola de Christo se encontra a ambição! Jesus acabava de lhes falar da sua morte e resurreição, mas elles interpretavam tudo o reino temporal de Israel, e esta idéa occasionava frequentes disputas sobre a precedencia. Nesta occasião julgaram os dois discipulos que o tempo se aproximava e que urgia segurar os primeiros postos. — A ambição, quanto mais tem, mais quer. Estes dois apostolos tinham seguros cada um

o seu throno para julgar Israel; mas esta igualdade com os outros apóstolos não lhes serve; dos doze thronos querem os primeiros. Deu-lhes talvez confiança para esta petição o terem sido escolhidos para, juntamente com Pedro, presenciarem o mysterio da transfiguração, e pela estima em que os tinha o Salvador pelos serviços que lhe prestavam. Assim é que a ambição se serve dos favores recebidos e dos serviços prestados, para subir.

2. Resposta de Jesus

1. *Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis.* — Não sabiam, certamente, o que pediam; pediam os dois primeiros logares no reino temporal do Messias, e tudo isto era uma chimera! E quantas chimeras e utopias em nossos projectos e desejos!... Desejamos figurar neste mundo, e não somos delle! Desejamos ser os primeiros entre os sabios, entre os ricos, entre os poderosos, e tudo isto é uma chimera, pois nem sabedoria, nem riqueza, nem poder tem consistencia e duração nesta terra!

2. *Podeis beber o calix que eu hei de beber, e ser baptizados no baptismo em que eu serei baptizado?* — Eis o que nos deve occupar. Não estamos neste mundo sinão para soffrer, bebendo o calix da amargura, e para ser baptizados com as aguas amargas das tribulações, desprezos e affrontas, e até com o sangue do martyrio. Mas quantas vezes procuramos afastar o calix que Deus nos offerece, pedindo melhor logar e melhor emprego! Peçamos antes graça e força para beber nosso calix, afim de nos parecermos com o nosso Salvador!

3. *E elles disseram: Podemos!* — Os dois irmãos imaginavam que, respondendo em conformidade com a pergunta de Jesus, seriam ouvidos; mas a intenção do Salvador era adverti-los do que deviam fazer, e dissuadi-los de lhe pedir o que só dependia de Deus, seu Pae. O ambicioso é assim: não conhe-

cendo o objecto que deseja, não conhece as obrigações e sacrificios que lhe estão inherentes, e, quando se lhe fala delles, crê-se capaz de tudo.

4. *Jesus lhes disse: Certamente bebereis o calix que eu hei de beber, e sereis baptizados no baptismo em que eu serei baptizado; mas enquanto a estar sentados á minha direita ou á minha esquerda, isto não me pertence dar-vos, mas é para quem meu Pae o tem destinado* (Marc. X, 39). — Jesus Christo não concede nada por solicitação ou favor; a vontade humana se regula pela divina. Os logares no céu estão destinados a cada um segundo a fidelidade em corresponder á graça da vocação. O que devemos pedir a Deus é a graça de merecer aquelle logar que nos é destinado e de chegar ao gráu de perfeição a que Deus quer que cheguemos.

3. Lição de humildade

1. *Os apóstolos, ouvindo isto, encheram-se de indignação com os dois irmãos; mas Jesus chamou-os e lhes disse: Sabeis que os principes das nações reinam sobre ellas e que os grandes fazem valer sua autoridade sobre seus súditos. Não será o mesmo entre vós; mas o que quizer ser o maior entre vós, seja o servo dos outros, e o que quizer ser o primeiro entre os outros, seja o escravo delles.* — Não é mandando aos nossos irmãos, mas servindo-os, que se alcançam os primeiros logares no reino de Jesus Christo. Lição admiravel, que tantas almas tem elevado a grande perfeição! . . .

2. *Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida para redempção do mundo.* — Jesus apresenta-lhes o seu proprio exemplo, para os fundar na humildade. Que fomos de ambição ainda pôdem existir com este exemplo de um Deus feito homem e que se humilhou até morrer por nós? . . . Jesus mostrou-se aqui um verdadeiro Mestre que não se impacienta com as impertinencias dos seus discipulos. Não os reprehende pela leviandade

de tal petição; ouve-os com paciência, interroga-os com bondade, responde-lhes com doçura, instrue-os com caridade. A indignação dos outros apóstolos era também filha da inveja e ambição; mas Jesus dissimula tudo, e procura instruí-los e curar-lhes estas chagas do coração. Elles ouvem com docilidade e a paz é restabelecida.

EMBAIXADA DE S. JOAO BAPTISTA A JESUS

1. Termos da embaixada

João, tendo na prisão ouvido falar das obras de Christo, mandou-lhe dois de seus discipulos. 1) — João estava detido na prisão por ter reprehendido a Herodes por sua má vida; no carcere, porém, sentia grande consolação em ouvir falar dos diversos milagres que Jesus Christo operava por toda a Palestina. Este é o melhor meio de alliviar nossas penas: falar ou ouvir falar de Jesus. A leitura do Evangelho foi sempre uma fonte de grandes consolações para as horas de maior desolação.

2. Os discipulos de João, apesar de terem por mestre um propheta, eram ainda muito imperfeitos e não se podiam persuadir que Jesus fosse o Messias que se esperava, e olhavam-n'o como um dos concorrentes a esse alto posto. Para os corrigir destes preconceitos, aproveitou S. João a narrativa dos milagres de Jesus e enviou-lhe dois de seus discipulos, afim de que se convencessem da verdade. E' assim que João, ainda por entre os ferros do carcere, encontra meio de exercer seu ministerio e de trabalhar pela gloria de seu Mestre. E eu, por qualquer contrariedade, deixo o serviço de Deus, e me dou por desobrigado de observar a sua lei, as regras do meu instituto e os deveres do meu estado!...

3. *Para lhe dizer: E's tu o que deve vir, ou devemos ainda esperar outro?* — Pergunta importante que já a Synagoga tinha feito a João e que João

1) Matth., XI, 2.

faz agora a Jesus, não por si, pois já o conhecia por tal, e apontára-o até com o dedo, dizendo: *Eis o Cordeiro de Deus*; mas por causa dos discipulos, para lhes offerecer occasião de o conhecer e de adherir a elle. E eu não poderei fazer a mesma pergunta?... o meu pouco amor para com Jesus, a minha pouca fé em suas palavras, a minha pouca esperança em suas promessas, obriga-me a perguntar si ainda espero por outro, que favoreça minhas inclinações e amor proprio. Mas não! Não posso esperar outro: a este devo amar e servir: Jesus é o meu Salvador!

2. Resposta

E tendo chegado a elle os dois homens, disseram: João Baptista envia-nos a te dizer: E's tu o que ha de vir, ou esperamos outro? — Nesta mesma occasião Jesus curou a muitos de seus males, das chagas e dos espiritos malignos e deu tambem vista a muitos cegos. — Estes legados, chegando ao pé de Jesus, encontraram-n'o rodeado de povo e de doentes. O Salvador recebeu os embaixadores no meio deste variado publico. Ouviu tranquillamente o assumpto da embaixada; e logo, antes de lhes responder, mandou vir os feridos, os cegos, os coxos e os demoniacos; curou-os a todos com o poder e bondade que caracterizava o verdadeiro Messias e um Deus Salvador. Tal foi a primeira resposta que deu Jesus aos embaixadores de João. Mostremos nós tambem, com obras, que somos christãos, e com as virtudes proprias da religião, que somos religiosos.

2. E, respondendo, disse-lhes: Ide, annunciae a João o que ouvistes e vistes: porque os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos resuscitam e os pobres são evangelizados. — A intenção de Jesus Christo, falando assim aos enviados de S. João, era: 1º, para chamar-lhes á memoria a prophecia de Isaias, em que estas coisas se predizem do Messias. O cumprimento das prophecias e os milagres são duas provas das mais convincentes,

pois não podem vir sinão daquelle que é o Senhor dos tempos e dos acontecimentos; 2º, porque é mais forte o testemunho dado com obras do que com palavras; muitos falam bem de si, mas sem praticar obras que o comprovem. — Christo prova com obras que é o Messias: e tu que tens feito que prove que és christão?... que és religioso?... Ouve S. Paulo: *Não está o reino de Deus nas palavras, mas na virtude* 1).

3. Aviso importante

E' feliz aquelle que não se scandalizar em mim. — Jesus accrescentou estas palavras para que João tomasse pé nellas, para precaver seus discipulos e instrui-los acerca de sua Paixão, para que não se scandalizassem então de suas humilhações, opprobrios e morte. O motivo para os judeus se scandalizarem de Jesus podia ser: 1º, a *sublimidade* de sua doutrina: o orgulhoso, que mal se conhece a si, quer penetrar os segredos dos divinos mysterios; 2º, a *santidade* e pureza de sua moral: o voluptuoso crê impossivel ou muito difficil a sua pratica para se sujeitar á sua observancia; 3º, a *humildade* e apparente fraqueza, em que o Homem-Deus appareceu ao mundo. O Judeu, que esperava um Redemptor, não do peccado, mas do jugo dos romanos, vendo que em Jesus tudo era doçura, pobreza e humildade, ficou scandalizado, e rejeitou um tal Messias. — A mim tambem são ditas aquellas palavras; pois, sendo imitador de Jesus, não me devo envergonhar de sua pobreza e humildade. Escandalizo-me certamente si fujo de praticar estas virtudes e outras de que me deu exemplo.

ELOGIO DE S. JOÃO BAPTISTA

1. Firmeza

Tendo partido os emissarios de João, Jesus dirigiu-se ao povo, e falou-lhe de João desta maneira: Que fostes vêr no deserto? Uma canna que o vento

1) *Non enim in sermonibus est regnum Dei, sed in virtute* (I Cor. IV, 20).

agita? (Luc. VII, 24). — Da pergunta que mandou fazer João Baptista podiam julgar as turbas, que João, que lhes prégára a Christo como verdadeiro Messias, mudára de opinião ou ao menos duvidava do que tinha prégado. Para desfazer esta suspeita, é que Jesus Christo louva a João pela constancia em sua doutrina, affirmando que não é como uma canna agitada por todos os ventos. — Não louvou Jesus a João em presença dos seus embaixadores, 1. — para que não se confirmassem no erro de que João era maior que Christo. 2. — Para não parecer que louvava a João em attenção a seus discipulos, manifestando assim alguma especie de adulação. 3. — Para nos ensinar a nos abstermos de louvar os presentes, *pois o sabio, emquanto é louvado na presença, é flagellado no coração.* 4. — Para conservar seu servo na humildade, pois assim não podiam seus embaixadores communicar-lhe os louvores, que delle dizia Jesus.

2. Austeridade

Mas o que fostes vêr? Um homem vestido luxuosamente? Sabeis que os que vestem vestido precioso e vivem em delicias estão no palacio dos reis? — Aquí louva Jesus a vida austera do seu Precursor no vestir, no comer e na habitação: não veste sêdas nem hollandas, mas a pelle de um camello; não vive em delicias e em banquetes, mas alimenta-se de mel silvestre e de gafanhotos; não vive em palacios, mas no deserto, tendo por leito a terra, por tecto as estrellas. — E eu como pratico esta vida austera e penitente? Ainda em palacios dos reis grandes do mundo, não estou isento de fazer penitencia, de mortificar os sentidos e de dar bom exemplo.

3. Propheta e Anjo

Mas o que fostes vêr? Um propheta? Sim, eu vo-lo digo, e mais que propheta. — João Baptista era propheta porque annunciou o Messias; e mais que pro-

pheta, porque o mostrou com o dedo andando já no mundo.

Este é de quem foi escripto: Eis que envio o meu anjo ante a tua face, que preparará o teu caminho diante de ti. — Era João mais que propheta, porque foi elle mesmo objecto de prophecias, sendo aquelle anjo, de que fala o propheta Malachias, e que devia ser enviado para preparar os caminhos do Senhor; anjo pela pureza de vida, e anjo pelo mesmo officio de Precursor, exercido com toda a perfeição com que os anjos cumprem as ordens de Deus. Assim louva Christo o seu fiel servo pelo exacto cumprimento do seu officio. Não é mais louvavel o que desempenha officio maior, mas o que desempenha o seu proprio com mais perfeição. Vê como cumpres o teu officio e si mereces que Deus te louve por elle.

4. O maior dos nascidos

Na verdade vos digo: não se levantou entre os nascidos de mulheres um maior que João Baptista. — Jesus Christo assegura que de todos os filhos nascidos antes de João Baptista não houve nenhum propheta, homem nenhum maior que elle, nenhum cujo emprego fosse tão excellente e desempenhado com toda a fidelidade. Não se pôde elogiar mais! Feliz Precursor, que mereceste taes louvores de Christo! Nelles não ha exaggero, nem adulação, nem fingimento: são sinceros, merecidos, verdadeiros. Taes não são os louvores que dão os homens, que geralmente louvam para adular, para comprazer, para tambem ser louvados. Procuremos viver de modo que mereçamos os louvores de Deus no dia do juizo: *Eia, bom e fiel servo!*

5. Quem maior que elle

Mas aquelle que é o menor no reino dos céus, é maior que elle. — João Baptista, pelo munus de Precursor, estava acima de todos os prophetas, porque annunciava o reino do céu como já proximo a estabe-

lecer-se. Este reino do céu é a Igreja de Jesus Christo, toda celeste e santa pelo seu Autor, pelos seus mysterios, pelos seus sacramentos. Ora, si o officio de João Baptista em annunciar este reino era tão grande, quanto maior é a dignidade não só daquelle que neste reino occupa o primeiro lugar em governá-lo e consagrar seus ministros, mas até a daquelle que occupa o ultimo lugar em instruir os fiéis, explicar os mysterios e administrar os sacramentos? Que grande é a dignidade do sacerdocio catholico! Mas si pela dignidade sacerdotal estamos acima de S. João Baptista, que esforços devemos fazer por chegar a imitar suas virtudes! Quanto mais pura e penitente deve ser a nossa vida, pois trazemos o corpo de Christo em nossas mãos!...

DEGOLAÇÃO DE S. JOÃO BAPTISTA

1. Prisão de João

Herodes, tendo esposado Herodias, que ainda era mulher de Felippe, seu irmão, tinha mandado prender João; mandára-o ligar e lançar na prisão, por causa della. 1) — Aqui está o primeiro effeito da incontinençia deste rei devasso, adultero e incestuoso. Quando se não reprimem os primeiros assaltos desta paixão, chega-se a cahir nos mais vergonhosos excessos.

2. *Porque João dizia a Herodes: Não te é lícito ter por mulher a de teu irmão. Herodes queria mandá-lo matar, mas temia o povo, que tinha João na conta de um propheta.* — Já nem a voz de um propheta rende o effeminado rei; a sua palavra energica, a sua insistencia em o reprehender por este excesso, irrita-o mais. Pensa em mandar matar João; mas teme a sedição do povo, que tem este homem por um santo. Assim vive num continuo desassocego proprio dos incontinentes.

3. *Ora, Herodias lhe armava emboscadas e procurava occasião de o mandar matar; mas não tinha ain-*

1) Marc. VI. 17.

da podido executar o seu plano, porque Herodes temia a João: Sabendo que era um homem justo e santo, respeitava-o e seguia seus avisos e o ouvia de boa vontade. — Quanto mais brando é o sexo feminino, emquanto se conserva na innocencia, tanto mais, perdida esta, é cruel e vingativo. Os servos de Deus não têm mais perigoso inimigo que uma prostituta, poderosa e offendida. Não podendo obter de Herodes a morte de João Baptista, trata ella mesma com ciladas, independentemente da autoridade real, de executar o seu sanguinario attentado. E' assim que a paixão cega e leva ao precipicio! Este principe effeminado, em vez de mandar para longe esta mulher que o cobria de opprobrio, contentava-se em reprimir os seus actos violentos contra o propheta.

2. Occasião da morte de João Baptista

Mas, emfim, chegou um dia favoravel ao plano de Herodias: *foi o dia natalicio de Herodes, no qual deu um banquete aos grandes de sua corte, aos primeiros officiaes de seus exercitos e aos principaes da Galiléa. Ora, a filha de Herodias, entrando e dançando, agradou a Herodes e aos que estavam á mesa com elle. O rei disse-lhe: Pede-me o que quizeres, que tudo te darei. E accrescentou, com juramento: Dar-te-ei tudo que me pedires, ainda que seja metade de meu reino.* — Quem havia de imaginar que um dia de tanta alegria havia de dar occasião a tão grande crime? Mas este é o fructo das festas mundanas, onde a devassidão tem o primeiro lugar. A filha de Herodias dança com tanta desenvoltura, que Herodes não sabe como ha de recompensá-la, e deixa á sua liberdade escolher a recompensa. Offerece até metade do seu reino. Mas o inebriamento do prazer cega a razão e não deixa a Herodes ver as funestas consequencias de uma tal offerta, a tal pessoa e em tal occasião. — O' mães christãs, temei as assembléas profanas, onde se fazem promessas que são a ruina das innocencias, a origem de lagrimas amargas e de mortes tragicas, e o opprobrio de toda a familia!

2. *A filha, sahindo, disse a sua mãe: Que pedirei? A mãe respondeu: A cabeça de João Baptista. E entrando logo, com toda a pressa, disse ao rei: Quero que me dê agora mesmo a cabeça de João Baptista num prato.* — Eis o fim da embriaguez do festim! Herodias propõe á sua filha a mais nefaria petição, e a filha tem a descortezia e o atrevimento de a apresentar ao rei diante de toda a corte. — Este, porém, mostra-se covarde em permittir tal petição em tal dia, e mais covarde ainda em a mandar executar.

3. *O rei ficou contrariado com esta petição; não obstante, por causa do juramento que tinha feito, e dos que estavam á mesa com elle, não a quiz contristar.* — Herodes devia arder em colera e indignação ao ouvir proposta tão barbara e injusta, e tão indecorosa para as circumstancias do dia, do lugar e da hora. Elle queria salvar o Precursor por motivos de politica e um resto de equidade, mas pôde mais o respeito humano e o desgosto de contrariar mãe e filha! Não teme a Deus e teme a creatura! Desculpa-se com o juramento, mas fraca idéa tinha da religião, si cria que o juramento pôde obrigar a um crime! Tanto escrupulo em quebrar um juramento injusto, e tão pouco em mandar matar um innocente, um santo, um propheta! Eis a moral do mundo!...

3. Degolação do Precursor

Por isso mandou um de seus guardas com ordem de trazer num prato a cabeça de João Baptista. Este guarda, indo á prisão, cortou-lhe a cabeça, trouxe-a num prato, e deu-a á filha e a filha a deu á mãe. — Eis o triumpho da impudicia na pessoa de Herodias, si se pôde chamar triumpho ao cumulo da baixeza! Aquella cabeça, envolta em sangue, está falando da crueldade de Herodes, da raiva de Herodias e da impudencia da filha. *Quantos crimes num só crime!* exclama Sto. Ambrosio 1). O justo é morto pelos adul-

1) *Quanta in uno facinore sunt crimina!* (De vírg. 1. 8)

teros; pelos réus é decretada a pena capital contra o juiz; a morte do propheta é o premio da dansarina. — Os assistentes, horrorizados, retiram os olhos de tal espectáculo, e a cabeça é entregue nas mãos da filha, que a vae apresentar á mãe; esta apascenta seus olhos viperinos naquelle objecto que ha tanto tempo desejava ter nas mãos!

Assim morre o Precursor do Messias, victima innocente ás mãos da impureza!

DA VOCAÇÃO APOSTOLICA

1. Primeiro chamado

Succedeu que, estando em caminho, disse-lhe um certo: Seguir-te-ei para onde quer que fores. Jesus lhe respondeu: As raposas têm as tocas e as aves do céu os seus ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. 2) — Palavras formosas as deste pretendente á vida apostolica, si a intenção fosse pura e desinteressada. Elle queria seguir a Christo por propria conveniencia, por fim interesseiro e terreno, esperando encontrar commodidades e subsistencia para a vida: mas como, pela resposta de Jesus, entendeu que nada disto encontraria no seu seguimento, renunciou ao seu plano e pretensão. A resposta de Jesus — *As raposas têm suas tocas e as aves do céu os seus ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça* — indicava a este postulante que para seguir a Christo é preciso abraçar a pobreza, e não ter sequer onde dormir, que é o mais infimo gráu a que póde chegar a indigencia. Era como dizer: Por que me queres seguir por causa das riquezas e lucros temporaes, quando nem um cochicholo tenho 1). — Por ventura queres ser como a *raposa*, procurando na escola da pobreza uma cova e commodos temporaes; e, como uma *ave*, procuras, com fingida humildade, um ninho nas alturas, isto é, na

2) Luc. IX. 57.

1) *Quid me propter divitias et seculi lucra sequi vis, cum nec hospitium habeam?* (S. Jeron.)

honra e estima dos outros? Oxalá que taes coisas se não digam de mim!... Mas si vim á religião para achar uma vida tranquilla e commoda, e não com um estreme espirito de pobreza e abnegação, ainda não entrei na escola de Christo nem sou seu discipulo!...

2. Segundo chamado

Ora, disse a outro: Segue-me: elle, porém, respondeu: Senhor, permitti que eu vá primeiro sepultar meu pae. Disse-lhe Jesus: Deixa que os mortos sepultem seus mortos; tu, porém, vae e annuncia o reino de Deus. — Aqui está como faltam muitos á vocação de Deus, interpondo difficuldades á divina vontade. Nem todos têm a coragem e promptidão de S. Mattheus, que, ao ouvir a palavra — *Segue-me* — deixa tudo e sem hesitar põe-se ao lado de Christo para o seguir. — Na expressão — *permitti-me ir sepultar meu pae* — viu Jesus neste segundo pretendente o amor aos parentes, a quem se deve renunciar com valor, para fazer a vontade de Deus e seguir a vocação religiosa. — O que é chamado ás coisas celestes não deve cuidar mais das seculares, mas tê-las como obras mortas, visto que não pertencem á vida espiritual, e deixá-las aos seculares mortos no peccado. — E' um dever de piedade sepultar o pae, mas quando Deus manda outra coisa, ainda esta e outras acções piedosas se devem abandonar para seguir a vontade de Deus. Mais: deve-se deixar a Deus por Deus, porque a regra da perfeição é a vontade de Deus. — Quantos ouvem esta voz de Jesus: *Segue-me!* Segue-me no retiro, segue-me na penitencia, segue-me nos trabalhos, segue-me na pobreza, na castidade e na obediencia! Mas o mundo diz tambem: Segue-me no repouso, segue-me nos prazeres, segue-me nas honras: e ha quem siga a voz do mundo e despreze a voz de Deus! Oh temeridade de quem assim procede!

3. Terceiro chamado

E disse outro, a quem Jesus chamou: Seguir-te-ei, Senhor; mas permitti primeiro que vá despedir-me daquelles que tenho em casa. — Tambem o Senhor não quer este para seu apostolo, porque o encontra muito embaraçado com negocio de parentes, por isso lhe diz: *Ninguem que põe a mão no arado e olha para traz é apto para o reino do céu.* — Quando se trata do serviço de Deus, deve-se renunciar aos negocios dos parentes e cortar pelas affeições do coração. — O que pretende seguir a Christo, olhe para diante com o affecto e o desejo de o imitar, e não para traz, para as coisas terrenas que nos afastam da perfeição. — Assim como o que vae ao arado não pôde dirigir a relha pela direita, si olha para traz, assim o que se põe no caminho da perfeição deve olhar sempre para diante e vêr o trabalho que emprehende para o consummar.

A MÃE E OS PARENTES DE JESUS

1. Procuram falar-lhe

1. *Jesus falava ainda ao povo, quando sua mãe e seus irmãos, que estavam fóra, pediram para lhe falar.* 1) — Estes irmãos de Jesus seriam sobrinhos de S. José, filhos de suas irmãs, e tidos por primos do Homem-Deus, porque José passava por seu pae e os Judeus davam ordinariamente aos primos o nome de irmãos. Não sabemos quaes as intenções destes parentes de Jesus, mas, quaesquer que fossem, fizeram-se acompanhar de Maria para mais facilmente conseguirem o que pretendiam. Si assim foi, admiremos o proceder de Maria. Acostumada a agir só pela inspiração do Espirito Santo, quando sua voz não se lhe manifestava claramente, seguia as regras da prudencia e cedia á vontade de seu proximo, quando o que se lhe pro-

1) Matth. VII. 46.

punha era razoavel. Imitemos os parentes de Jesus, tomando Maria por nossa intercessora em nossas orações.

2. *E não se puderam aproximar por causa da multidão.* — Jesus estava ainda na casa onde curára o possesso cego e mudo. Uma multidão innumeravel invadia e assediava de tal maneira o interior e exterior da casa, que Maria e os parentes não puderam penetrar até onde estava Jesus. Ah! que alegre espectáculo para o coração desta terna Mãe! Com quanto gozo vê ella o aperto de povo ouvindo com ansia a doutrina celeste de seu Filho! Alegremo-nos pelo bem que se faz na Egreja e por ver tantas almas seguir a Jesus.

3. *Disse-lhe um certo: Eis que tua mãe e teus irmãos estão lá fóra, procurando-te.* — Foram certamente os parentes de Jesus, que, vendo a impossibilidade de romper por aquella multidão, lhe enviaram um mensageiro para o chamar. Maria não tomou parte nesta mensagem sinão com o silencio, pois não queria interromper seu Filho na prégação, esperando o fim della para lhe falar. Este aviso foi-lhe dado, diz S. Jeronymo, para lhe armar ciladas e ver si preferia a carne e sangue a uma obra espiritual 1).

2. Resposta de Jesus

1. *Mas elle lhe respondeu: Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?* — Ah! Jesus, assim desconheceis vossa mãe? Oh! não, vós a tendes no coração, vós a estaes vendo e alegræe-vos por tê-la entre vossos ouvintes. Mas agora quereis ensinar-nos 1º que, para seguir-vos na vida apostolica, devemos deixar nossa mãe, pae e irmãos, e ter por taes os fiéis confiados a nossa instrucção. 2º Porque, falando aos Judeus, convinha que elles vos olhassem não como puro homem filho de Maria, mas vos reconhecessem por Filho de Deus.

2. *E estendendo a mão sobre seus discipulos, disse: Eis a minha mãe e os meus irmãos.* — Eis

1) *Utrum spirituali operi carnem et sanguinem preferat.*

a dignidade dos varões apostolicos, que, de um modo espiritual, se fazem mães de Christo, prégando, convertendo e accendendo o amor de Deus nos outros, como diz S. Gregorio: O que é irmão e irmã de Christo crendo, torna-se mãe prégando, si, por meio de sua voz, se gera o amor de Deus na mente do proximo 1).

3. Quem são os parentes de Jesus

Todo aquelle que fizer a vontade de meu Pae celeste, esse é meu irmão, minha irmã, minha mãe. — Quer Jesus significar com estas palavras que existe parentesco espiritual entre elle e os que fazem a vontade de seu Pae, pois diz São Chrysologo: Um só e verdadeiro parentesco ha com Christo: o fazer a vontade de Deus. *Una sola et vera necessitudo cum Christo est, ut voluntatem Dei facias* (Hom. 45, in Matth.).

Quiz tambem Jesus Christo, com estas palavras, significar a intima união que tem com seus discipulos, chamando-lhes irmãos, irmãs e mãe, nomes que representam a união mais intima na terra. Si quero viver nesta intima união com Jesus, devo ser seu discipulo.

OS APOSTOLOS APANHANDO ESPIGAS

1. Fome dos apóstolos

Naquelle tempo, passou Jesus pelos prados num sabbado; os seus discipulos, porém, tendo fome, começaram a colher espigas e a comer. (Matth., XII, 1.) — A tanto chegava a pobreza de Christo e de seus apóstolos, que até passavam fome. Admira, diz S. Chrysostomo, como não têm cuidado algum do corpo e comtudo não se apartam de Christo 2). A presença e companhia de Christo lhes basta, suppre-lhes toda a falta e até lhes torna saborosas as espigas insipidas. Este exemplo nos ensina a converter o demasiado cuida-

1) Qui Christi frater et soror est credendo, mater efficitur praedicando, si per ejus vocem amor Domini in proximi mente generatur (S. Greg. Hom. 3. in Ev.).

2) Admirare quomodo nullam corporis curam habeant; neque tamen a Christo abcedant. (Hom., 60 in Matth.)

do da vida corporal na perfeição de nossa alma, e a não nos afastar de Jesus Christo, quando a falta do necessario e das commodidades nos impelle a murmuracões e impaciencias.

Os Phariseus, porém, vendo isto, disseram: Eis que teus discipulos fazem o que não é licito fazer ao sabbado. — Este figadaes inimigos de Jesus Christo o andam espiando por toda a parte, e de tudo lançam mão para o accusar e offuscar a fama que já conquistou entre o povo por seus milagres: é sempre a inveja mascarada com o pretendido zelo da lei violada! Mas si voltassem os olhos para si proprios, encontrariam muito de que se accusar no tocante á guarda da lei sabbatina. Sendo toupeiras para si, são lynces para os outros. Não sejas tu assim! Antes de culpar os outros, observa as tuas acções, não vá a tua censura recahir sobre ti mesmo.

2. Resposta de Jesus

1. *Jesus, porém, respondeu-lhes: Não lestes o que fez David quando teve fome, elle e os que o acompanhavam? Como entrou no templo de Deus e comeu os pães que estavam expostos, os quaes não podia comer, elle e os que o acompanhavam, a não ser sómente os Sacerdotes?* — Jesus desculpa a acção dos seus apostolos com o exemplo de David, quando no tempo do summo Sacerdote Abiathar, Achimelech, seu collega no pontificado, deu a comer os *pães da proposição* a David, quando fugia com seus soldados. Estes pães, consagrados e postos diante da arca, só os podiam comer os filhos de Aarão. Ora, ninguem tem a acção de David por um crime: a necessidade em que se encontrava dispensava-o da lei. Como é, pois, que a lei do sabbado não cederá á necessidade dos discipulos de Jesus?... E' assim que os que vivem na abundancia não sabem compadecer-se do proximo necessitado! Sejamos mais equitativos e menos prevenidos pela paixão, ao julgarmos as acções do proximo.

2. *Ou não lestes na lei que aos sabbados os sacerdotes no templo violam o sabbado e estão sem crime? Digo-vos, pois, que maior que o templo é o que está aqui.* — Os sacerdotes no templo não violam a lei do sabbado porque os ministerios que lá exercem, como matar as victimas, ainda que são trabalhos servis, destinam-se ao culto de Deus. Ora, si a lei não tem força sobre o ministerio dos sacerdotes no templo, com mais forte razão a não tem sobre o ministerio dos meus discipulos, que estão ao meu serviço, que sou o Templo vivo, o Deus do templo, e o que fazem em conformidade com minhas intenções é preferivel ao culto exterior da religião que se pratica na casa de Deus.

3. *Si soubesseis bem o que significa: Quero a misericordia e não o sacrificio, nunca condemnareis os innocentes.* — Nestas palavras lembra Jesus aos Phariseus o que Deus declarou por Oséas 1), que na occorrença de dois deveres, um relativo ao culto religioso, outro ás obras de misericordia, se deve preferir o segundo. Deus attende mais ás necessidades do proximo que aos signaes de piedade, offerecendo-lhe victimas no templo. Ora, os apóstolos, occupados no serviço de Jesus e na instrução do povo, mal tinham para prover o sustento de amanhã e portanto estavam dispensados da lei de guardar o sabbado.

4. *E o filho do homem é tambem Senhor do sabbado.* — Jesus declara que é o Senhor do sabbado e por isso tem autoridade para dispensar na sua guarda. Mas isto é o que os phariseus não queriam admitir, apesar de vêr tantos milagres com que provava sua missão divina. E ficaram na sua cegueira e obstinação!

1) Oséas. 6. 6.

ELEIÇÃO DOS DOZE APOSTOLOS

1. Tempo e lugar

Naquelles dias subiu Jesus a um monte para orar, e passou a noite na oração a Deus. (Luc. 6, 12) — A oração é a melhor garantia do bom successo das grandes empresas. Jesus ia eleger os seus doze apóstolos, as doze columnas da sua Igreja, aquelles doze arautos do seu Evangelho, que levariam a fé ás mais remotas regiões do mundo. Para acertar na escolha, recolheu-se ao retiro do monte, onde passou toda a noite em oração. — Que bem succedidas seriam nossas empresas e negocios, si antes de os realizar nos retirássemos á oração a consultá-los com Deus! E' com a oração e o jejum que obteremos o despacho de nossas petições.

2. *Quando amanheceu, Jesus chamou seus discipulos e escolheu dentre elles doze, que chamou apóstolos.* 1. Chamou seus discipulos todos para delles escolher doze apóstolos, ficando os outros sendo testemunhas desta eleição. 2. Chamou-os ao *alto da montanha* para lhes indicar que seus apóstolos não se devem contentar com a vida commum dos fieis, mas elevar-se acima de todas as paixões e afeições terrenas, até ao alto monte da perfeição christã. 3. E escolheu *os que elle quiz — quos voluit* — e não os que tinham mais qualidades, nem os que queria a assembléa dos discipulos, nem os que queriam os parentes ou os amigos, nem menos ainda os que se apresentavam com ambição, amor proprio e interesse. A vontade de Deus, seu Pae, é a regra que segue nesta escolha. Na oração viu que estes e não outros eram os que devia escolher.

4. *Escolheu doze*, porque nem todos são chamados ao apóstolado; nem tinham de que se entristecer os que ficavam excluidos, porque continuavam a ser discipulos de Christo e podiam trabalhar muito por sua gloria. *Escolheu doze e não mais*, porque eram figura dos doze chefes das doze tribus em que se dividia o reino de Israel. Assim as figuras do Antigo Testamento se substituem pela realidade do Novo.

5. *Os quaes chamou apóstolos*, isto é, enviados, porque depois os mandaria por todo o mundo, afim de annunciar aos homens a nova religião, em que Deus devia ser adorado, e ensinar-lhe o que deviam fazer para entrar nella.

6. *E ordenou que os doze ficassem com elle* (Marc. III, 13) — Os doze apóstolos ficaram sendo os companheiros inseparaveis de Jesus. Quiz tê-los sempre comsigo, para lhes dar maior instrucção, para os enviar a prégar, quando e para onde julgasse conveniente. Tal é a condição daquelles que abraçam a vida apostolica: devem estar sempre debaixo de uma inteira dependencia de seus superiores e sempre dispostos a ir annunciar o reino de Deus aos povos que lhes forem assignalados. Devem estar habitualmente com Jesus Christo pelo recolhimento interior, afim de receber suas luzes para guiar os fieis no caminho da perfeição.

7. *E deu-lhes o poder de curar as enfermidades e de expulsar os demonios*. — Muniu-os destes dois poderes, para, quando os enviasse a prégar, confirmarem a sua doutrina com milagres. Estes são ainda hoje os poderes dos varões apostolicos: curar as enfermidades e chagas das almas, e expulsar os demonios, que pelo peccado nellas entravam.

2. Os doze apóstolos em geral

Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: O primeiro, Simão, que se chama Pedro, e André, seu irmão. Fellippe e Bartholomeu, Thomé e Matheus, publicano, Thiago, filho de Alpheu, e Thadeu. Simão Cannaneu, e Judas Iscariotes, que o entregou (Math. X, 2). — São estes os homens que Jesus escolheu para fundar a sua Igreja, para converter o universo, e reunir todos os povos numa só fé, numa só religião, no culto e adoração de um só Deus. E que homens eram estes? Onde estão as suas riquezas, as suas sciencias, a sua autoridade, o seu nome, a fama de seus feitos, para se pôrem á frente do mundo e

emprender a obra gigantesca de estabelecer uma sociedade religiosa contraria ao paganismo então reinante no mundo? E' que Deus não quer cimentar sua obra com vicios e paixões, nem levantá-la sobre a areia movediça da vaidade, mas dar-lhe por fundamentos a humildade, a pobreza, a ignorancia, afim de que sua divulgação e estabilidade se não attribúa ao poder, ás riquezas e á sabedoria humanas.

JUIZO FINAL

1. A vinda do juiz

Quando vier o Filho do homem, com toda a sua majestade, e todos os anjos com elle: então sentar-se-á no throno de sua gloria 1). 1. Jesus veio a primeira vez ao mundo para remi-lo: e segunda vez virá para julgá-lo. Então virá como Juiz o que primeiro veio como nosso advogado e Salvador. 2. Virá *em toda a sua majestade*: não na humildade de menino revestido de nossas miserias, mas na fortaleza de leão de Judá, no esplendor de sua gloria, na manifestação de seu poder de Juiz universal. 3. Não virá só, mas acompanhado de todos os anjos: virá como Rei dos exercitos, cortejado de todos os seus vassallos. Então apparecerá o mundo dos anjos em frente do mundo dos homens. Oh! que vista importante quando, rasgando-se os céus, começar a desfilar esse luzido e majestoso cortejo! 4. *E sentar-se-á sobre o throno de sua majestade*, como Juiz no tribunal para a mais solenne acção judicial em que todos os homens vão ser julgados. E todas as gentes se congregarão em volta d'elle 2). Agora não está elle de pé, como outr'ora diante de seus juizes nos tribunaes de Jerusalém. Agora está elle sentado, e diante d'elle aquelles mesmos iniquos juizes que o condemnaram injustamente. Para este juizo os aprazou quando lhes disse: *E vereis o Filho do homem baixar nas nuvens do céu*. Que depres-

1) Mat. XXV. 31.

2) Et congregabuntur ante eum omnes gentes. (Math. 25)

sa se mudaram as scenas! Os que eram juizes, agora são réus, e o que era réu é agora o Juiz de todos! Temamos este dia, porque, os que julgamos agora, seremos então julgados!...

E collocará as ovelhas á sua direita e os cabritos á sua esquerda. — Logo, haverá reparação! Haverá direita e esquerda! Haverá bons e máus! Haverá premios e castigos!... A' direita estarão as ovelhas que representam os fiéis, doces em seguir a voz de seus pastores. A' esquerda estarão os cabritos, que representam os máus que seguiram antes a voz de suas paixões e concupiscencias. Qual é o logar que pretendo occupar?...

2. Sentença dos bons

Então dirá aos que estão á sua direita: Vinde, benditos de meu Pae, possui o reino que vos está preparado. — Chama os bons ao premio, antes de condemnar os máus, para os honrar, e para mostrar que está mais disposto a premiar do que a castigar, como diz S. João Chrysostomo 1). O premiar é proprio de sua natureza: si castiga, é forçado.

Vinde: ó doce palavra! Finalmente acabou tudo: dôres, perseguições, martyrios! *Vinde*, pois, para o premio, para a alegria. *Vinde*, donde, e para onde? — Da morte para a vida! da terra para o céu! das lagrimas para a felicidade!

Benditos de meu Pae, os abençoados de meu Pae, os amigos de meu Pae, os amados filhos de meu Pae! *Benditos* por todos os anjos, *benditos* por todos os povos, *benditos* por toda a eternidade!

Possui o reino que vos está preparado, que eu vos preparei com meu Sangue, e que vós preparastes com vossas virtudes. *Possui-o* sem medo de o perder!

Tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber. — A causa de tão alegre sentença são as obras de misericordia corporaes, por isso os

1) *Quia paratior est semper ad benefaciendum* (Chrysost. In Impert.).

Justos se admiram de por obras tão pequenas merecerem tão grande premio. Será então premiado o copo d'agua offerecido ao mendigo, a esmola dada ás occultas, a visita ao enfermo e ao encarcerado. Não desprezes nenhuma destas obras, pois terão todas grande premio. *Quod potest manus tua, constanter operare.*

3. Sentença dos réprobos

Então dirá áquelles que estão á sua esquerda: Afastae-vos de mim, malditos, para o fogo eterno! — Estas palavras soarão como trovões nos ouvidos dos réprobos. Apartae-vos: dura palavra! terrível separação. Andastes na vida apartados de mim; apartados ficareis de mim para sempre! — de mim: de mim que vos criei e remi, e não me servistes! de mim que sou vosso Deus e deveria ser o centro de vossa felicidade; e não me quizestes! — para o fogo: si fosse só apartar ficando no mundo, seria já um grande castigo; mas para o fogo, que é o de que mais se teme o corpo humano, oh horror! oh castigo! oh miseria! — para o fogo eterno: — não temporal, não de um anno, de um seculo, de milhões de seculos, mas — eterno! — Que foi preparado para o demonio: sobre tão grande castigo, ainda o da companhia dos demonios! Fogo preparado por mim para o demonio; e para ti, por teus peccados!

Tive fome e não me destes de comer! — E por omissões de obras tão facéis de fazer! O' meu Deus; hic ure, seca, modo in aeternum parcas! aqui corrae, mas não me castigueis eternamente!

DA MORTE

1. Preparação

1. *Estejam vossos rins cingidos.* 1) — Os Judeus usavam uma veste comprida que atavam com uma faixa á cintura quando trabalhavam ou viajavam, para estarem mais desembaraçados e livres. A pri-

1) Luc. XII. 35.

meira preparação para a morte é desembaraçar-nos de todas as coisas da terra. Os vestidos, que nos embaraçam, são as paixões, as affeições desregradas, o luxo e a vaidade, que é necessario reprimir com o cinto e cilicio da mortificação.

2. *E lanternas accesas em vossas mãos.* — Por lanternas entendem-se aqui as boas doutrinas e as luzes dos santos desejos, accesas não só no entendimento para conhecermos, mas nas mãos, para nos incitar ao exercicio de boas obras e virtudes. Este mundo está envolto em espessas trevas, e a vida é como uma viagem que se faz através de um deserto, para a qual são precisas lanternas, que alumiem os passos e conduzam ao feliz termo da viagem. Quem não tem fé, caminha sem luz, e portanto vae precipitar-se no abysmo. Quem não tem a fé que nos ensinou Jesus-Christo, caminha com falso luar e vae igualmente errado. Quem tem uma fé morta, leva a lampada apagada e corre o mesmo perigo. Caminhemos, pois, á luz de nossas boas obras e do facho da verdadeira fé. — A lampada accesa é o amor de Deus em nossas almas, e o óleo, que a conserva accêsa, são as virtudes.

3. *Sêde semelhantes aos servos, que esperam seu senhor, quando vier das nupcias, para lhe abrir, quando chegar e bater á porta.* — Nosso Senhor está no céu num eterno banquete, com a Igreja triumphante. Um dia, que não sabemos quando, virá até nós: estejamos promptos para lhe abrir a porta e recebê-lo. Elle bate pela doença: abrimos-lhe a porta, si, resignados, acceitamos a morte que nos envia. Oh pensemos nesta visita! — *Dominus autem prope est* 1). Um dia já bem proximo a receberemos! Estejamos sempre preparados e em acto de a recebermos, porque virá quando menos esperarmos!

1) Phil. IV. 6.

2. Feliz de quem está preparado

Felizes são os servos que o Senhor, quando vier, encontrar vigiando. — A alma fervorosa sente grande consolação na hora da morte, porque vê terminados seus combates e encontra-se nas vespuras de receber o premio eterno! Quanto consolação sente agora em se ter desprendido dos bens que forçosamente a morte lhe havia de arrancar! Ella vê ainda uma vez o seu Juiz, Jesus-Christo, vir nas mãos do Sacerdote dar-lhe o ultimo penhor da bemaventurança eterna! — Feliz é esta alma no momento mesmo da morte, e a sua felicidade resente-se nos assistentes. E' consolador assistir á morte de um christão fervoroso que, ou na flôr dos annos e na idade das esperanças e seducções, ou na velhice, quando o coração está mais apegado á vida, recebe com alegria a noticia fatal, pede com ardor os sacramentos e entrega sua alma nas mãos de Deus, com a resignação de um justo. Que differente a morte dos mundanos! Têm-se visto jovens e anciãos soltar gritos horrendos, quando lhes annunciam a morte proxima. Quantos recusam os sacramentos e quantos a custo falam na confissão!

3. Preparação necessaria

Ora, ouvi isto: si um pae de familia soubesse a que hora o ladrão ha de vir, elle velaria certamente e não deixaria assaltar sua casa. — Si soubessemos o tempo em que haviamos de morrer, poderiamos adiar para lá o preparar-nos, mas, não sabendo, imitemos este pae de familia e tenhamos nossa consciencia sempre em boa ordem, evitando que nella entre o demonio com o peccado. Nunca nos conservemos em estado em que não desejaríamos morrer! Assim poderá acontecer morrermos de morte subita, mas nunca imprevista.

Estae, pois, sempre preparados, porque o Filho do homem virá na hora em que menos pensardes. — A morte surprehende por mil accidentes imprevistos. A doença é geralmente o primeiro aviso, mas, ainda

que ella vem, nos illudimos na esperanza de que ha de passar e que não morremos della! Oh! engano! A experiencia de todos os dias não basta para nos enganar? Estejamos preparados: o negocio é comnosco, de nós se trata, e cada um é que ha de preparar-se para esta hora! Sigamos o conselho de Jesus: *Estae, pois, sempre preparados.*

DA SALVAÇÃO

1. Condições

Então Jesus, tendo chamado a si o povo com seus discipulos, disse-lhes: Si alguém quer vir após de mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz todos os dias e siga-me. 1) — Notemos todas as condições que Jesus põe aos que se querem salvar: 1º. *Si alguém quer vir*: a primeira condição para salvar-se é querer. Deus não quer escravos, mas voluntarios em seu serviço. Sem uma vontade firme, nada se consegue, e muito menos a salvação! E' necessario uma vontade que supere todas as dificuldades. 2º, *atrás de mim*: porque nada exige de nós que não tenha praticado primeiro; põe-se adiante para nos animar com seu exemplo. Não nos manda adiante, porque não quer que o discipulo seja mais que seu mestre. 3º, *renuncie-se a si mesmo*: o amor desordenado de nós mesmos é a origem de todos os peccados; é, pois, necessario abnegar-nos em tudo para seguir unicamente a vontade de Deus. Esta abnegação deve começar por excluir de nós todo o peccado mortal, e pôr-nos na disposição de antes morrer que offender a Deus; daqui deve levar-nos a evitar todo o peccado venial conhecido e deliberado; e, finalmente, elevar-nos acima de toda a imperfeição que o amor proprio possa introduzir em nossas obras. 4º, *tome a sua cruz*: tome a sua e não a de Christo, nem a dos apóstolos, nem a dos martyres, mas a sua propria; e esteja prompto a soffrer perseguições dos homens, contrariedades dos ami-

1) Math. XVI. 24.

gos, incommodidades da vida, enfermidades do corpo, fraquezas da idade, males do tempo, dos climas, das estações. Todos estes males formam a cruz que devemos levar após de Christo. Devemos acceptá-la das mãos de Deus e supportá-la com resignação e como satisfação por nossos peccados. 5º e siga-me: não tanto com os passos do corpo, quanto com os affectos da alma. Não basta tomar a cruz e ficar parado: é necessario andar, isto é, progredir na virtude, na mortificação, na abnegação, e trabalhar por seguir a Christo, imitando-o. Não o seguindo na imitação, não o seguiremos na gloria.

2. Necessidade da salvação

Aquelle que quizer salvar sua vida, a perderá; e o que perder a sua vida por mim e pelo evangelho, a salvará. — Por estas palavras Jesus nos ensina que devemos estar dispostos a antes perder a nossa vida do que offender a Deus. Si o amor a mim mesmo é tal que me leve a offender a Deus, perco-me; si me odeio para não offender a Deus, salvo-me. De modo que aquelle amor é odio, e odio execravel; e este odio é amor, e amor salvifico.

O meio seguro, pois, de salvar a alma é perder a vida por Deus. Tu a perdes: 1º, si de tal maneira te cinges com a mortificação, que a vida de Jesus se manifeste em ti, em teus pensamentos, em tuas palavras e em tuas obras. 2º Perdes a vida, si te consagras todo ao serviço de Deus a ponto de poderes dizer: *Vivo eu, já não eu; mas Christo vive em mim* 1).

3. Conclusão final

Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, si perder sua alma? — Tudo neste mundo é nada em comparação da alma! Ella vale mais que todo o mundo, e tudo que nelle ha. A destruição de todo o universo, de todos os reinos, de todas as cidades, de

1) *Vivo ego, jam non ego; vivit vero in me Christus* (Galat., 2).

todas as maravilhas da arte, de todas as riquezas juntas, seria menor perda que a de uma só alma! Portanto, de nada vale ao homem ganhar todo o mundo e perder sua alma; porque, ainda que fosse senhor de todo o mundo, sê-lo-ia por algum tempo, e a perda da alma seria eterna: por um bem temporal, um mal eterno!... Mas não falemos já do mundo todo, mas das parcelas de bens que nelle ha. Que aproveita uma satisfação de um instante, si por ella se perde a alma?... Oh! como estas palavras, meditadas profundamente, são capazes de mudar os corações mais desviados do caminho da salvação! Foram ellas que, repetidas uma e muitas vezes, transformaram Xavier de um joven mundano num apóstolo.

A MÃE DE JESUS LOUVADA

1. Uma mulher bendiz a Mãe de Jesus

Sucedeu, porém, que, dizendo estas coisas, levantando a voz uma certa mulher da multidão, disse-lhe: Bemaventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram. 1) — Maravilhada esta mulher da sabedoria e poder de Jesus, não pôde reprimir a sua admiração e proferiu este louvor de Jesus bendizendo o ventre que o trouxe e os peitos que o amamentaram. Querendo louvar o Filho, louvou a Mãe de tal Filho. O' feliz mulher, as tuas palavras, exaradas no Evangelho, passarão de bôcca em bôcca, de idade em idade, e serão repetidas por todas as gerações da terra até ao fim dos seculos. Tu és a primeira a cumprir a prophesia daquella a quem louvas, e cuja felicidade é muito maior do que podes pensar e exprimir. Estes sentimentos deve despertar em mim a meditação das maravilhas de Jesus; mas, si fico mudo, não será porque as medito com frieza?...

1) Luc. XI, 27.

2. Maria bemaventurada

Bemaventurado o ventre que te trouxe, isto é, bemaventurada é tua Mãe! — Maria por muitos titulos é bemaventurada. 1. O Anjo S. Gabriel a chamou bemaventurada entre todas as mulheres, porque estava cheia de graça, porque era a mais pura de todas as virgens; porque, ainda que filha de Adão, estava isenta da culpa original; porque, ainda que revestida de um corpo mortal, estava isenta de todo o peccado actual, mesmo venial e indeliberado. 2. Bemaventurada a proclamou também Sta. Isabel, exaltando-a como a mais santa entre todas as mulheres, e abençoando o fructo do seu ventre, o Filho do Altissimo, o Salvador do genero humano, causa de todas as grandezas de Maria. 3. Bemaventurada a preconiza hoje a piedosa mulher do Evangelho, por ser a Mãe de tal Filho, exaltando o seu mais elevado privilegio — a maternidade divina. Bemaventurada foi, é e será sempre a Mãe bemditissima, bemaventurado o seu ventre, que nos deu fructo tão precioso, Jesus, nosso salvador; bemaventurados os seus peitos, que o amamentaram; bemaventuradas suas mãos que o vestiram e alimentaram; bemaventurados seus braços, que o salvaram de Herodes e transportaram ao Egypto; bemaventurados os seus olhos, que o viram nascer, crescer e trabalhar em Nazareth tantos annos; bemaventurada finalmente por ser toda consagrada ao serviço do Homem-Deus.

3. Resposta de Jesus

Jesus respondeu: Mais felizes, porém, são aquelles que escutam a palavra de Deus e a praticam. — Com estas palavras Jesus nos ensina que, si é uma felicidade para Maria ser sua mãe, é-o muito mais tê-la ella merecido por suas virtudes, observando a lei de Deus: porque, si a dignidade de Mãe divina a eleva acima de todas as creaturas, as suas virtudes constituem o merito para esta dignidade e são a origem della. Si Maria, por ser Mãe de Deus, merece

nossas homenagens, as suas virtudes merecem nossa atenção e imitação. — Si os privilegios de Maria são sublimes, a sua vida é commum no exterior e inteiramente ao alcance de nossa imitação. Mas numa vida commum Maria submete-se a todos os decretos da Providencia e aproveita todas as occasiões de agradar a Deus, cumprindo com fidelidade todos os deveres de seu estado. Assim é que mereceu ouvir de seu Filho aquelle grande louvor: *Bemaventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.*

MISSAO DOS APOSTOLOS

1. Jesus envia seus apóstolos a prégar

E chamou os doze: e começou a enviá-los, dois a dois, e dava-lhes poder sobre os espiritos immundos. 1) — E chamou-os, porque, para ser enviado, é necessario ser chamado por Deus para o ministerio apostolico. E' elle quem chama e envia ainda hoje, por ministerio dos superiores ecclesiasticos, os prégaradores e missionarios, que nos annunciam a divina palavra. 2. *E mandou-os dois a dois*, porque deviam dar testemunho da verdade por onde quer que fossem: ora uma só testemunha não basta perante a lei; e tambem para lhes mostrar a união que deve sempre reinar entre os seus ministros. 3. Porque um companheiro nos trabalhos apostolicos serve de soccorro, de conselheiro, de conforto, de defesa e de garantia.

4. *Confere-lhes o poder sobre os espiritos immundos* e de operar milagres para lhes conciliar autoridade e respeito no desempenho da missão que lhes confia. Não é portanto de estranhar que este poder persevere na Igreja e como um signal caracteristico e visivel dos verdadeiros discipulos de Christo, 2) e um signal para distinguir a verdadeira Igreja das seitas anticatholicas. — E' pela caridade, pelos beneficios materiaes que o apóstolo deve abrir caminho para chegar ás almas.

1) Marc. VI. 7.

2) Santana, S. J. O Evangelho de s. Matheus.

2. Manda-os sem viatico

E ordena-lhes que não levem nada para o caminho, a não ser um bordão; nem alforges, nem pão, nem dinheiro no cinturão. — E' neste estado de pobreza que os apóstolos devem partir para anunciar o Evangelho: inteiramente semelhantes a seu Mestre, que encetou sua vida apostolica desprovido de tudo e só confiado na Providencia. Quer assim que primeiro préguem com o exemplo da abnegação e do desinteresse, pois é este o melhor meio de attrahir os homens á nova lei que lhes vão anunciar. Permittelhes só o bordão por arrimo nas longas jornadas e insignia do munus pastoral de que vão incumbidos. Manda-os *calçados com sandalias* para as sacudir do pó nas cidades que os não quizerem receber. Não quer que vão *vestidos com duas tunicas*, para fugir do esplendor e do luxo, para estarem mais desembaraçados para os trabalhos e para irem sómente com o necessario, deixando o resto á Providencia. Assim quer Jesus seus apóstolos inteiramente semelhantes a si e livres de todo cuidado e affecto dos bens terrenos.

3. Os apóstolos em missão

1. *Em qualquer casa em que entrardes, permaneci lá até partirdes para outra região.* — Jesus Christo ordena-lhes expressamente que não mudem de casa em que forem hospedados, para não maguar o primeiro hospedeiro, dando logar a suspeitas sobre seu comportamento. E tambem para não mostrarem leviandade, amor proprio e apêgo ás commodidades. Pouco basta no ministro de Deus para scandalizar o povo e destruir o fructo da palavra divina.

2. *E si alguém vos não receber nem vos ouvir, sahindo de lá, sacudi o pó de vossos pés em testemunho contra elles.* — Os apóstolos devem, ao retirar-se das cidades e das casas que os não quizerem receber e aproveitar de sua prgação, sacudir o pó dos pés em testemunho contra os ingratos que recusaram

ouvi-los, e como signal que a graça e o Evangelho se retiram delles. Quantas nações, cidades e familias se oppõem ainda hoje á prêgação do Evangelho!

3. *E, partindo, prêgavam que fizessem penitencia; e expulsavam muitos demonios, e ungiam com oleo a muitos doentes e saravam.* — Os apóstolos não se escusam com a sua ignorancia e fraqueza, porque vão confiados naquelle que os envia, nos poderes que lhes dá, e na certeza de que os ajudará em tão ardua empresa. A sua esperanza não foi confundida e a sua obediencia foi premiada. O fructo da missão foi extraordinario, pois voltaram cheios de alegria. Assim Deus sabe com instrumentos fracos operar grandes maravilhas, para mostrar que a conversão do mundo não depende da sciencia e grandeza humanas.

CONFISSAO DE S. PEDRO

1. Pergunta de Jesus

1. Era nas immediações de Cesaréa de Philippe, cidade ao norte da Palestina, quando Jesus, acompanhado de seus discipulos, lhes dirige esta pergunta: *Que dizem por ahi quem é o Filho do Homem? Que dizem quem eu sou?* 1) — Perguntou, diz S. Cyrillo Jerosolimitano, não por vangloria, mas para ensinar aos seus a verdade 2). Jesus quer ser conhecido não para seu, mas para nosso bem. Instrue-nos, diz São Thomaz, que sejamos sollicitos do que se diz de nós: si mal, para o corrigirmos; si bem, para o conservarmos 3).

2. *Os apóstolos responderam: Uns dizem que sois João Baptista, outros Elias, outros Jeremias, e outros um dos antigos prophetas que resuscitou.* — Que triste revelação dos apóstolos ao fazerem esta emenda de erros em que esta o povo a respeito de Jesus! Tanto

1) Math. XVI. 13.

2) *Quasovit non inanis gloriæ studio, sed ut suos veritatem doceret.* (Cath. 11).

3) *Instruimur, ut si minus solliciti quid de nobis dicatur; ut, si malum, corrigamus; si bonum, conservemus.*

tempo ouvindo sua doutrina, assistindo a seus milagres, admirando suas virtudes, e ainda o não tem pelo Messias esperado! E' que muitos esperavam um Messias segundo os seus desejos, e não com a santidade, com a doutrina que Jesus lhes prégava. Ainda hoje é assim! O mundo não quer reconhecer a Jesus Christo por filho de Deus, por causa da perfeição de sua doutrina. Admittindo um tal Messias, estavam obrigados a mudar de vida e isso é o que lhes dóe!...

2. Confissão de Pedro

Jesus pergunta, em seguida, a seus apóstolos: E vós, quem julgaes que eu sou? Simão, Pedro, tomando a palavra, disse: Tu és o Christo, Filho de Deus vivo, isto é, o Messias. — Esta bella confissão de S. Pedro foi notavel pela fé que a acompanhava, e foi louvada e recompensada pelo Salvador. Varias vezes os apóstolos tinham chamado a seu Mestre Filho de Deus, mas sempre em occasião de surpresa, de alegria e admiração e de temor; aqui não ha nada disto: os animos estão calmos e só a fé é posta em acção. Por isso a confissão de Pedro em nome dos Apóstolos é o mais bello testemunho da divindade de Jesus Christo. Unamos nossa voz á do Santo Apóstolo e confessemos a Jesus por nosso Deus, nosso Rei e Salvador.

3. Recompensa

1. *Jesus lhe respondeu: Bemaventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não é nem o sangue nem a carne que te revelaram isto, mas meu Pae, que está no céu. — Jesus preconiza Pedro bemaventurado por ter recebido de Deus tal revelação. Não é nem a carne, nem o sangue, nem a sciencia do mundo que nos revelam as verdades que se referem a Deus, porque o homem animal não percebe aquillo que é do Espirito de Deus 1). Bemaventurados seremos tambem*

1) *Animalis homo non percipit ea quae sunt Spiritus Dei.* (I Cor. 2. 14).

nós si vivermos nesta fé, segundo ella trabalharmos e nella morreremos!

2. *Pois eu te digo que tu és Pedro, e que sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.* — Os herejes empregaram toda a sua arte para destruir a força destas divinas palavras; mas ellas serão sempre a consolação e o triumpho dos catholicos romanos. Jesus é a pedra angular e o fundamento da Igreja. Mas como esta sociedade devia começar a formar-se depois da vinda do Espirito Santo, quando Jesus Christo não estava mais na terra, era preciso deixar-lhe um chefe visivel que carregasse com todo este edificio, e é por isso que Pedro é escolhido para ser a primeira pedra da Igreja e o primeiro vigario de Christo na terra. O peso e a responsabilidade deste munus eram enormes, mas Jesus promete-lhe que nem todo o inferno poderá abalar esta instituição: *E as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

3. *E te darei as chaves do reino do céu.* — Jesus confirma este cargo sublime, investindo Pedro do supremo poder, necessario para o desempenho do munus de pastor de todos os fiéis. Jesus, retirando-se da terra para o seio de seu Pae, entregará a Pedro as chaves da Igreja; elle ficará sendo o seu vigario com o supremo poder sobre a Igreja universal. Até onde chega a dignidade de um homem na terra! Pedro será o primeiro homem no mundo em poder e majestade. A seus pés cahirão de joelhos os maiores potentados da terra, apesar das blasphemias que os herejes hão de bolsar contra a divina Instituição da Igreja.

4. *Tudo o que ligares na terra será ligado no céu e tudo que desligares na terra será desligado no céu.* — Que beneficio nos fez Deus em nos deixar na terra, nas mãos de seu vigario e seus successores, o poder de nos abrir o céu! Ah! aproveitemos esta misericordia do Senhor, sujeitando-nos ao julgamento de seus ministros, para, quando apparecermos no tribunal divino, irmos já julgados e absolvidos!

TRANSFIGURAÇÃO

1. Precedentes

Seis dias depois, Jesus tomou Pedro, João e Thiago, e conduziu-os a uma alta montanha para orar. 1) — a) Jesus escolhe sómente tres dos seus apóstolos para testemunhas de sua transfiguração. As visões e revelações não são privilegio de todos os Santos, mas de poucas almas que Deus escolhe. b) Condu-los a uma alta montanha (segundo a tradição o Thabor); porque nem o sublime conhecimento das coisas divinas, nem as consolações internas da união com Deus se adquirem no tumulto dos negocios mundanos. c) Subiu á montanha *para orar* 2), e foi nesta oração que Jesus recebeu de seu Pae toda aquella gloria em que se transfigurou aos olhos de seus apóstolos. E' na oração que Deus se revela a nossa alma, inundando-a de suas divinas illustrações.

2. *E enquanto orava, transfigurou-se diante delles; seu rosto pareceu outro; tornou-se resplandecente como o sol, e seus vestidos brancos como a neve.* — Todo este brilho extasiante era uma manifestação da gloria celeste, que fruía sua alma bemaventurada pela visão intuitiva de Deus, desde que se uniu substancialmente ao Verbo. Não é assim a gloria dos homens! Todo o brilho, que apparece exteriormente nas graças e adornos do corpo, não revela o interior, encobre até muitas vezes uma alma ennegrecida com muitos vicios e peccados.

2. Moysés e Elias

1. *Eis que lhes appareceram Moysés e Elias falando com elle.* — Moysés, o legislador dos Judeus, Elias, o pae dos prophetas, vêm homenagear aquella que é o fim da lei e dos prophetas. Escolheu estes dois por serem os mais zelosos observadores da lei e por se parecerem a Christo no jejum quadregesimal. Si

1) Math. XVII. 1.

2) Luc. IX. 28.

queremos ser favorecidos com semelhantes dons, pareçamo-nos com Christo.

2. *E estavam cheios de majestade e gloria*, isto é, revestidos do esplendor de Jesus-Christo e daquelle ar de grandeza e porte veneravel com que se fizeram respeitar sobre a terra. Apareceram cheios de gloria para honrar a Christo e para significar que os justos serão semelhantes ao seu chefe e capitão Jesus Christo. Quanto mais nos aproximarmos de Christo pela imitação de suas virtudes, maior parte teremos em sua gloria.

3. *E falavam do excesso de amor, que, pela paixão, havia de realizar em Jerusalém.* — No meio de tanta gloria, este é o assumpto que Jesus trata com seus amigos! Ah! é que Jesus, falando da sua morte, fala do seu amor, daquillo em que mais pensa, daquillo que mais gravado tem no seu coração! — Fala da cruz em meio de sua gloria, para nos indicar que é pela cruz que chegaremos a participar da mesma gloria. — Fala-nos do soffrimento em meio das alegrias, para nos ensinar a alegrar-nos em meio das tribulações e a mostrarmos rosto sereno e animo forte em meio das provas.

3. Os apóstolos

1. *Entretanto, Pedro e os que estavam com elle, dormiam um profundo somno.* — Fatigados do caminho, estes tres apóstolos deixaram-se adormecer e não assistiram ao principio da transfiguração. Ah! quantas graças perdemos na oração, quando nos deixamos vencer pelo somno!

2. *E, despertando, viram a gloria de Jesus e os dois varões que falavam com elle.* — Que surpresa ao darem com os olhos naquelle espectáculo! Que sentimentos de temor e alegria ao ver a gloria e majestade de seu Mestre, acompanhado dos veneraveis personagens que por revelação conhecem ser Moysés e Elias! O' Jesus, fazei que eu, ao despertar do somno

da morte, tenha a felicidade de ver-vos em vossa gloria, cortejado por vossos Santos.

3. *Então Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, estamos bem aqui: si queres, faremos aqui tres tendas: uma para ti, outra para Moysés e a terceira para Elias.* — Eis o que é um vislumbre da gloria do paraíso! Pedro já não quer mais nada desta terra, e promptifica-se a construir tres tendas, para ficar ali toda a vida fruindo aquella gloria de seu Mestre.

Mas não sabia o que dizia, porque a terra não é logar da felicidade permanente. Si Deus nos dá alguma vez a sentir as doçuras de sua presença, é para nos animar a soffrer por elle e pela gloria do céu, que não terá fim! — Não sabia o que dizia, porque, com tal proposta, impedia a Paixão de Christo, e privava-nos dos fructos da Redempção.

4. A voz de Deus

1. *Pedro ainda não tinha acabado de falar, quando uma nuvem resplandecente os encobriu.* — Taes são as consolações desta vida, ainda as mais santas e espirituaes: a sua duração é a da neve que se derrete ao sol. Não tarda a vir a nuvem da tribulação a cobrir-nos de tristeza!

2. *E sahio desta nuvem uma voz que dizia: Este é o meu Filho muito amado, em que tenho minhas complacencias. Ouvi-o.* — Neste oraculo do Eterno Pae temos uma instrucção e um preceito. — *Uma instrucção* que nos ensina que diante de Deus nada é grande, bom, estimavel, sinão Jesus Christo, o que está unido a Jesus Christo e tudo que é feito por Jesus Christo com seu espirito e na sua graça. — *Um preceito* que nos manda ouvir a Jesus, crer em sua doutrina, praticar sua lei, imitar seus exemplos e seguir em tudo suas maximas: *ouvi-o!* — E' isto que eu faço?... Elle fala-me tantas vezes ao coração, e eu quero illudir-me, dizendo que não é elle, que são imaginações

importunas?... A Jesus devo ouvir, e não ao demonio, nem ao mundo, nem aos falsos amigos.

3. *Mas Jesus, aproximando-se d'elles, tocou-os e lhes disse: Levantae-vos e não temaes. Então, erguendo os olhos e lançando-os por todos os lados, não viram sinão Jesus, que tinha ficado só com elles.* — Tudo desaparece, menos Jesus que ali está com seus discipulos, para os acompanhar na dôr e na alegria. O' Jesus, quando serei tão feliz que a vós só procure, a vós só encontre, a vós só veja!...

MILAGRES

CURA DO FILHO DO RÉGULO

1. Petição do régulo

Veu, pois, de novo a Caná de Galiléa, onde mudou a agua em vinho; e havia um certo regulo, cujo filho estava enfermo em Capharnaúm. Este, como ouviu-se que Jesus chegára da Judéa á Galiléa, foi ter com elle e pediu-lhe que descesse e sarasse seu filho, pois estava a morrer. 1) — Jesus fizera muitos milagres em Capharnaúm; mas, depois que se ausentou, adoeceu o filho do Régulo, 2) e o mal era tão violento que não havia esperança em remedio humano. Triste situação para o afflicto pae! Informa-se onde está Jesus e vae ter com elle a pedir-lhe a cura de seu filho. Si tivéssemos a mesma solitudine pela salvação de nossa alma que este pae pela saude de seu filho, iriamos a Jesus expôr-lhe a nossa enfermidade e supplicar-lhe a cura.

Este afflicto pae, receiando que Jesus chegue tarde a Capharnaúm, vae ao seu encontro para que apresse a marcha. Deixa o filho no leito para ir buscar-lhe soccorro, parte sem receio de fadiga nem distancia, pois a seus commodos prefere a saude de seu filho. Succede o mesmo conosco no trabalho de nossa salvação? Ai! as menores difficuldades nos desalentam!...

1) Jo. IV. 46.

2) S. Jeronymo chama-lhe *palatinus*, i. é. senhor da côrte do rei Herodes, que, segundo muitos autores, lhe déra o governo de Galléa, motivo por que se chama regulo — pequeno rei.

2. Resposta de Jesus

1. *Disse-lhe Jesus: Si não vêdes milagres e prodígios, não crêdes.* — A fé deste homem era imperfeita e precisava de uma instrução, que Jesus lhe fez nestas palavras. Com ellas queria o Senhor dizer que elles, os homens grandes e honrados, si necessidades pessoaes os não obrigavam a recorrer a elle ou não fazia milagres para satisfazer a sua curiosidade, não se persuadiam de que elle era o Messias. Ah! quantas vezes recorremos a Deus só em nossas necessidades corporaes, não nos impressionando os males de nossa alma e o perigo da Salvação!...

2. *Senhor, vinde antes que meu filho morra!* — Este pae desolado contava todos os momentos, e vendo que Jesus se dispunha a partir, temendo que o remedio já chegasse tarde, reitera impacientemente sua petição: *Meu filho está nas ultimas, apressae-vos!* A fé deste homem era imperfeita, pois não cria que Jesus lhe pudesse curar o filho sem lá ir, e que depois de morto o não podia resuscitar. Todavia dá-nos exemplo da insistencia na oração, pois pede quasi mandando e já impacientado pela demora: *Senhor, vinde!* A seu exemplo, forcemos a Jesus com nossas supplicas, pois elle quer ser forçado a conceder-nos o que lhe pedimos.

3. *Disse-lhe Jesus: Vae, teu filho vive.* — Jesus, apesar da pouca fé deste homem, despacha-o tão brevemente como elle deseja. Jesus curou-lhe o filho sem ir a Capharnaúm, para mostrar ao Régulo que podia mais do que elle julgava. O pae, ao ouvir estas palavras, creu na cura do filho e no milagre de Jesus, pois não insistiu mais para que o acompanhasse: e assim não ficou sendo daquelles de quem disse Jesus que não criam sem ver. Assim procede comnosco: si nos reprehende, si nos recusa e mostra differir o que lhe pedimos, é para nos dar occasião de exercitar nossa fé, de insistir na oração e de provar nossa constancia.

3. Fé e zelo do régulo

Na firme persuasão de que seu filho estava curado, partiu. — *No dia seguinte, estando em caminho, seus servos vêm-lhe ao encontro e lhe dizem: Vosso filho está bom.* — Esta noticia não o surpreendeu, apenas o confirmou na sua fé; foi porém grande a alegria que sentiu, pois conseguira o que tanto desejava. Não se deu a uma alegria vã, esquecendo o seu bemfeitor, mas, examinando todo o sucedido, acabou por se converter elle e toda a familia.

Elle lhes perguntou a que horas o filho se achou melhor. Elles responderam: A febre o deixou na sétima hora do dia (isto é, uma hora depois do meio dia). O pae reconheceu que era a hora em que Jesus lhe disse: Vae, teu filho está curado. — Com isto comprehendeu que Jesus não só lhe predisse a cura do filho, mas que elle mesmo a operou naquelle instante. Vendo um poder tão divino, creu não só na palavra de Jesus, mas em Jesus mesmo: creu que era o Filho de Deus. E não se contentou com ficar elle só de posse desta fé, mas *elle creu e toda a sua casa.* — A verdadeira fé não existe sem zelo. Em reconhecimento ao grande favor de Jesus, o pae procurou que toda a sua familia crescesse nelle: para isso instruiu seu filho, sua mulher, seus criados na fé do Messias e nas obrigações em que estavam para com elle.

CURA DO POSSESSO EM CAPHARNAÛM

1. Jesus na Synagoga

1. *Em seguida desceu a Capharnaüm, cidade da Galiléa, e logo, entrando na Synagoga dos Judeus, no dia de Sabbado, os instruiu.* 1) — Jesus escolheu para centro de suas missões a cidade de Capharnaüm. Voltando de Caná a esta cidade, não descansa: põe-se logo a ensinar o povo, que acudia sempre em grande numero a ouvi-lo. Além das instrucções que dava em

1) Luc. IV. 31.

particular, Jesus ensina sobretudo em publico, aos sabbados, na Synagoga, onde os Judeus se reuniam para ouvir a explicação da Sagrada Escripura. — O domingo é para os christãos o que era o sabbado para os Judeus. E' neste dia tambem que os fieis se reúnem na igreja para ouvir a explicação do Evangelho e assistir ao santo sacrificio da Missa. Qual é a minha assiduidade a estes actos?...

2. *E admiravam-se de sua doutrina, porque sua palavra era cheia de autoridade.* — Era um enlevo sempre que Jesus se apresentava em publico para falar. Sua presença divina, cheia de encantos, conciliava a atenção de todos; sua palavra viva e fluente arrastava as multidões; sua doutrina celeste suspendia os animos. Oh! quem pudéra assistir a estas conferencias do Salvador e colher-lhe dos labios cada uma das palavras cheias de graça e de verdade! O povo, acostumado a ouvir os Escribas em seu discursos ostentosos e mais cheios de duvidas e conjecturas que de verdades, sentia-se extasiado em ouvir Jesus explicando os prophetas, sem ostentação, com clazera e autoridade de Legislador divino.

2. O possesso

Ora, estava na Synagoga um homem possuido do demonio da impureza, que gritava, dizendo: Deixa-nos. Que ha de commum entre nós e ti, Jesus de Nazareth? — *Deixa-nos*, isto é, não nos perturbes em nossa possessão. Que temos nós que ver contigo? Por que procuras nossa ruina e nos declaras guerra? — Taes são ainda hoje as queixas dos possessos do demonio da impureza contra o zelo daquelles que os perseguem, prégando contra o vicio da luxuria, ameaçando-os com castigos eternos. Para que nos vindes perturbar, dizem, em nossos gozos e passatempos? Retirae-vos com vossas doutrinas importunas e não venhaes perturbar a paz da vida social. Deixae o mundo tranquillo e cada um fazer sua vontade. — Ah! a perda das almas, que estes demonios da impureza levam ao

inferno, não será bastante para inflamar o nosso zelo e tornar-nos surdos a esses clamores e queixas fúnebras?...

2. *Eu te conheço, tu és o Santo dos santos.* — Queixas e louvores, ameaças e lisonjas, tudo emprega o demonio para enganar e seduzir. Quem louva mais a bondade e misericórdia de Deus que o demonio da impureza? Com essas expressões julga tranquillizar-se na continuação de seus loucos prazeres. Mas Jesus lhe disse em tom ameaçador:

3. *Cala-te, e sae deste homem.* — O demonio, enfurecido por se ver obrigado a calar-se e abandonar a presa, não obedece sem dar a conhecer a sua raiva e crueldade, *arrojando o homem ao meio da multidão.* Imagem natural do que faz soffrer a um peccador, que pensa em se converter. Ah! como lhe difficulta ir declarar suas faltas vergonhosas? Que luta por sahir de seus máus habitos? Coragem, alma christã! São os ultimos esforços de um inimigo cruel, de que te vaes libertar.

4. *E o espirito impuro, agitando o possesso, com violentas convulsões, lança-o por terra em meio de todo o povo e sahiu delle sem lhe fazer mal algum.* — Mas é necessario obedecer e em vão o demonio arremessa o possesso ao chão: nenhum mal consegue fazer-lhe. Seus esforços não servem sinão para manifestar uma grande fraqueza e inteira sujeição ao poder de Jesus. Ah! que felicidade a nossa em termos um salvador tão poderoso! Confiemos nelle e nenhum mal teremos a receiar de nossos inimigos!... Adoro, ó Jesus, este vosso poder no mundo dos espiritos! Dignae-vos exercê-lo em meu favor, emmudecendo em meu coração o ruido das paixões e expulsando delle o espirito da impureza!

3. O povo

1. *Em todos se produziu um grande pavor.* — Que coisa mais horrivel que este possesso em convulsões e soltando gritos tremendos! Ah! uma alma em peccado mortal, onde reina o demonio, é coisa muito

mais horrorosa. E o que será no inferno, onde se encontram reunidos todos os demonios e réprobos juntos?...

2. *E diziam uns para os outros: Que é isto? Que nova doutrina é esta? Elle manda com autoridade até aos espiritos immundos, e todos lhe obedecem.* — Como si dissessem: este homem prêga de um modo diferente dos Escribas e Phariseus. E' tão poderoso nas obras como nas palavras! — Assim se entretinha o povo falando da grandeza e do poder de Jesus. E foi por este motivo que

3. *A fama de suas maravilhas se espalhava por todos os logares da Galiléa.* — Alegremo-nos por esta gloria de Jesus, cujo nome e maravilhas se tornam conhecidos por toda aquella região. Juntemo-nos a este povo que uns com os outros se entretêm a ponderar estas manifestações do poder divino do Salvador, e concorramos com nossas prêgações e conversas para que Jesus seja mais conhecido e admirado de todos.

CURA DA SOGRA DE S. PEDRO 1)

1. Jesus em casa de Pedro

1. *E logo, sahindo da Synagoga, entraram com Thiago e João na casa de Simeão e de André 2).* — Sahindo Jesus da Synagoga antes do meio dia, segundo parece, Pedro convidou-o para tomar a refeição em sua casa. Este acto de caridade para com o divino Mestre valeu a Pedro a cura da sogra. — Feliz da casa onde entra Deus! Com elle vae a vida e a salvação. Entrae, Jesus, na casa de meu coração. Vinde, como Medico soberano, curar-me da febre em que estou ardendo.

1) Pedro, ainda que natural de Bethsaida, vivia em Capharnaúm por causa da pesca. Depois que seguiu a Christo, sua casa ficou occupada por sua mulher Concoridia, segundo S. Clemente de Alexandria e Eusebio de Cesarea, por sua filhinha Petronilla, e por sua sogra Joanna.

2) Marc. I, 29. — Luc. IV, 38. — Math. VIII, 14.

2. *Ora, a sogra de Simão estava de cama com grande febre.* — Enquanto andamos de pé, vamos reagindo contra qualquer fraqueza; mas, uma vez caídos na cama, confessamo-nos vencidos pela doença! — O mesmo succede com nossa alma: enquanto não affrouxa nos exercicios de piedade, ainda que tenha suas faltas e fraquezas, vae caminhando, lutando e avançando na virtude. Logo, porém, que abandona a oração, cáe prostrada no leito da tibieza, donde só a mão potente de Jesus a pôde levantar.

3. Foi a *febre* que obrigou Joanna a recolher-se ao leito e a abandonar o serviço domestico. E' tambem a febre das paixões que nos afasta do caminho do fervor, e nos impede o progresso na virtude. *A nossa febre, diz S. Ambrosio, é a avareza, a luxuria, a ambição, a ira* 1). Examinemos de qual destas febres padecemos, para lhe applicar o remedio conveniente.

2. Cura

1. *E intercederam por ella.* — Que felicidade é ter na familia, ou entre os conhecidos, pessoas, amigas de Deus, que intercedam por nós! Sejamos, como estes quatro discipulos, caritativos pedindo a Deus a saude dos enfermos e procuremos attrahir sobre nós a intercessão dos Santos. — Tentam-se todos os remedios para debellar a enfermidade e descursa-se o mais efficaz — a oração!

2. *E aproximando-se, levantou-a.* — Jesus, compadecendo-se todos os infelizes, não podia ficar insensivel á petição dos discipulos em favor daquelle que tinha deixado tudo para o seguir e que se mostrára tão fervoroso em o convidar e servir. — Deus tem uma providencia especial dos paes que deixam seus filhos abandonar o mundo e consagrar-se a Elle na Religião. — Jesus aproxima-se da enferma, ainda que a pôde curar tanto ao longe, como ao perto. Assim como curou o filho do Régulo ao longe, assim agora cura a sogra de Pedro ao perto, aproximando-se della. — Mas

1) *Febris nostra, avaritia, libido, ambitio, iracundia est.*

não é o mesmo a respeito das almas. A cura da nossa alma opera-se unicamente pela aproximação e união com Deus. As almas adoecem de morte, quando se apartam de Deus, segundo o que diz David: *Aquelles que se afastam de vós perecerão* 1). — E portanto a sua cura só pôde operar-se pela aproximação de Deus.

3. *Tomando-a pela mão.* — Jesus pudera curar a enferma com uma só palavra: mas não! Aproxima-se della, toma-lhe a mão e ajuda-a a levantar-se! Oh dignação divina! — Ai! de mim si Deus não me estende a mão de sua graça!... Só Elle me pôde dar a coragem e a força para reagir contra as más inclinações e empregar os primeiros esforços por me libertar dellas. Estes são muitas vezes o que mais custa. E' preciso que a mão de Jesus venha ajudar a nossa fraqueza. E virá si lh'o pedirmos.

4. *E immediatamente a deixou a febre.* — Esta febre, que tinha zombado de todos os meios humanos, obedece *imediatamente* á voz de Jesus. Ah! Só Elle pôde tambem mandar ás nossas paixões e reduzi-las á impotencia, libertando-nos de sua escravidão.

3. Reconhecimento

E levantando-se logo, os servia. — 1. *Levanta-se logo* que se sente curada, pois está ansiosa de pagar com seus serviços a graça recebida. — Si me sinto com saude, por que me entrego a um repouso peccaminoso?... 2. *Levanta-se logo*, porque se trata de servir a Jesus e de pagar amor com amor. — Ah! quando se trata de servir o mundo, o nosso interesse, que diligencia, que pressas, que ardor!... Então ha sempre força, saude e tempo!... 3. *E levantando-se logo, os servia.* Que bella lição nos dá esta miraculada no primeiro uso que faz da saude! E' toda para servir a Deus, para exercitar a caridade, para mostrar seu reconhecimento a tão grande Bemfeitor! — Deus hos restituiu e tem conservado a saude do corpo e da alma pelo

1) *Qui alongant se a te, peribunt* (Ps. LXXII, 26.)

perdão dos peccados: sirvamo-lo com novo fervor, como Joanna, soccorrendo o proximo, consolando os afflictos, assistindo aos doentes, e empregando toda a nossa actividade em obras de zelo.

CURA DO LEPROSO

I. O leproso

Descendo Jesus da montanha, uma grande multidão de povo o seguia, e eis que um leproso, dirigindo-se a elle, o adorava. 1) — São dignas de consideração todas as circumstancias deste milagre.

a) O leproso vê Jesus — *Videns Jesum*. — O vêr este leproso a Jesus foi bondade do Senhor, que se offereceu á vista deste infeliz. A felicidade deste leproso esteve em considerar em Jesus o Messias, o Filho de Deus, em crer nelle, em esperar nelle, em aproximar-se d'elle. — Nós temos a mesma felicidade, pois Jesus se nos offerece á vista por suas inspirações e santos desejos.

b) Logo que o viu, *foi ter com elle*. — Toda a nossa salvação está em irmos a Jesus. Emquanto nos conservamos longe d'elle pelo peccado, andamos longe do céu e fóra do caminho da salvação.

c) *E, prostrando-se por terra, o adorou*. — Este acto de adoração foi a melhor disposição para obter o despacho de sua supplica. — O acto com que dou principio á minha meditação é tão sincero e humilde como o deste leproso?... Como queremos apparecer diante de Deus sem adorarmos a sua majestade e confessarmos a nossa humildade?...

d) *E pediu-lhe, dizendo: Senhor, si quereis, podeis curar-me*. — Breve, mas fervente oração! Quantos sentimentos nestas palavras! Confessa que é *Senhor*; crê que é omnipotente — *podeis*; confia em sua bondade — *si quereis*; submete-se á sua divina vontade, pois não diz — *curae-me*, mas — *si quereis*,

1. Math. VIII. 1. — Luc. V. 12.

podeis curar-me. — E' com estes actos de fé, de submissão e confiança que eu oro?... Por falta delles é que minhas orações ficam tantas vezes sem effeito!...

2. Cura

E estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero, sê limpo! — O' mão poderosa! O' toque salutar! Que transformação maravilhosa operaste neste infeliz! Sua carne e seu coração exultam de alegria! Não era bastante, Senhor, curá-lo? Que bondade! E' tambem por ella que desceis até nós e nos tocaes interiormente, unindo-vos ao nosso corpo, para alimento de nossa alma. Oh! que esse toque divino nos santifique e nos limpe da lepra de todo o peccado!

Jesus agradou-se tanto da oração do leproso — *si quereis, podeis curar-me* — que lh'a despacha com os mesmos termos: *Quero, sê curado.* — Agradou-se tanto da fé do leproso que não gastou tempo em o dispôr para receber a graça da cura, como fez com outros enfermos, mas, ouvida a petição do leproso — *Si quereis, podeis curar-me* — responde sem hesitar — *Quero!* Oh! como é terno o Coração de Jesus! Como está prompto a ouvir-nos, quando lhe pedimos com as disposições deste leproso! — Na cura da minha alma é elle que põe a condição: *Si queres... Si queres ser curado, eu te curo.* — Mas ou não respondo logo, ou digo um *quero* muito indeciso, muito forçado, muito hesitante; Jesus *quer* curar-me de minhas enfermidades espirituaes, mas é preciso que eu *queira* cooperar com sua graça.

3. Depois da cura

1. *E mandou-lhe que não dissesse a ninguem.* — Modestia de Jesus, que deste modo quer occultar suas maravilhas, *ensinando*, diz S. Chrysostomo, *quão alheio estava da aura da gloria, e da jactancia da pompa; 1)*

1) *Docens quam esset alienus ab aura gloriae, et jactantia pompae.* (Chrysost. Homil. 69.)

— quer dar-nos também o exemplo dessa humildade, que ensina a occultar o bem que fazemos ao próximo 2).

2. *Mas vae, mostra-te ao sacerdote.* — O leproso queria ficar com Jesus e segui-lo. Mas Jesus não consente e manda-o cumprir a lei de Moysés de se apresentar ao sacerdote encarregado de verificar a cura dos leprosos e de os restituir á sociedade civil. — Assim temos de deixar a Jesus, para cumprir a lei a que nos obrigam nossos deveres.

3. *E offerece pela tua cura a dádiva imposta pela lei de Moysés:* este meio dava testemunho aos sacerdotes e a todo o povo que a sua cura era perfeita. — Assim nos ensina Jesus em ter em grande apreço todos os ritos que usa a Igreja na administração dos sacramentos e outras funcções ecclesiasticas, e a ser escrupulosos e miudos em os guardar.

CURA DO SERVO DO CENTURIAO

1. Palavras do Centurião

1. *E tendo entrado em Capharnaúm, chegou-se a elle um centurião,* 1) *rogando-lhe e dizendo: Senhor, o meu servo jaz em minha casa paralytico e fortemente atormentado.* 2) — Estas palavras, pronunciadas com a franqueza de um militar, revelam-nos:

— *a grande caridade* do Centurião, pedindo socorro para o seu servo, que estava soffrendo horrivelmente de uma longa paralyisia. — Temos para com nosso serviçoes e inferiores a mesma caridade? — Temola ao menos para com a nossa alma ha tanto tempo paralytica e sem movimento para o serviço de Deus e a pratica das boas obras?...

— *a sua confiança:* nada pede, só expõe o estado do doente, e isso é bastante para quem tem um

2) *Præcipitur nemini dicere, ut doceat, non vulganda nostra beneficia.* (Ambr. I, 5 in Luc).

1) Centurião era um official romano que commandava uma centuria ou uma companhia de cem homens.

2) Math. VIII, 5.

coração que se compadece de nossas enfermidades! — Exponhamos-lhe com a mesma confiança as nossas enfermidades espirituaes e seremos curados.

2. *Jesus lhe disse: Eu irei e o curarei.* — Que bem exprimem estas palavras a disposição de Jesus Christo em alliviar nossos males! — Como nos deixamos definhar no perigoso estado em que se encontra nossa alma, tendo um Salvador tão amavel, tão condescendente, tão misericordioso, tão prompto em nos soccorrer? . . .

3. *E, respondendo, o Centurião disse: Senhor, eu não sou digno que entres em minha casa, porém, dize sómente uma palavra e será curado o meu servo.* — Palavras que revelam: *sua profunda humildade*, confessando-se indigno de receber Jesus em sua casa; — *sua grande fé*, crendo no poder infinito de Jesus. — Estas palavras põe a Igreja nos labios de seus filhos no momento da communhão. Pronunciemo-las com profunda humildade nesse momento, em que Jesus sáe do sacrario para entrar em nosso coração.

3. *Pois eu tambem sou um homem subordinado; tenho soldados ás minhas ordens, e digo a um: Vae, e elle vae; e a outro: Vem, e elle vem; e ao meu servo: Faze isto, e elle o faz.* — Estas palavras encerram uma explicita profissão de fé no poder de Jesus, que é para admirar num gentio. E' como si dissesse: Assim como meus soldados e servos me obedecem, a vós obedecerão as doenças e males mais rebeldes. — Temos de Jesus a mesma idéa? Por que então, ao recorrer a elle, tanta timidez, tanta desconfiança, tanta hesitação? . . .

2. Palavras de Jesus ao povo

Ouvindo, porém, isto, Jesus se admirou e disse para os que o seguiam: Em verdade vos digo, que não achei tão grande fé em Israel. 1)

1) Santo Thomaz d'Aquino não receia affirmar, depois de S. João Chrysostomo e de S. Ambrosio, que nestas palavras N. S. não exceptuava os apóstolos nem outros santos devotados á sua divina Pessoa.

— Um estrangeiro 2) com mais fé que os Israelitas! Um homem do mundo, das armas, com mais fé do que os consagrados ao serviço de Deus! Si nos retiramos do mundo, não nos deixemos vencer na fé por aqueles que lá vivem.

2. *Mas eu vos afirmo que virão muitos do Oriente e do Occidente, e se assentarão com Abrahão, Isaac e Jacob no recinto do céu.* — Esta prophesia referia-se a nós. Nós, os christãos, somos os que do occidente nos associamos á fé dos Patriarchas e entramos no reino messianico. Agradeçamos a Jesus, que fez chegar até nós a luz do Evangelho e nos recebeu no seio de sua Igreja! Quantos estão ainda nas trevas do paganismo!...

3. *E os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores. Ahi haverá chôro e ranger de dentes.* — Os filhos do reino, que hão de ser lançados nas trevas exteriores, são os judeus infieis, que, tendo a felicidade de nascer no seio da verdadeira religião, e os primeiros chamados a viver sob o imperio de Christo, o não reconheceram e o rejeitaram. Em trevas vivem neste mundo, e em trevas viverão eternamente! — Postos no lugar dos Judeus, guardemo-nos de perder a fé, e de por nossa culpa deixar passar esta herança a outras mãos,

3. Palavras de Jesus ao Centurião

E disse Jesus ao Centurião: Vae, e faça-se como tu creste. — Que grande é o poder da oração feita com fé! Nestas palavras Jesus nos ensina que o effeito de nossas preces depende da fé com que as fazemos. Nellas nos mostra tambem o seu amor e grande desejo de nos socorrer. Só espera que os solicitemos com nossas orações. Elle quer vir a nós, estar conosco e testemunhar-nos o seu amor em curar nossas enfermidades.

2) O centurião era um official romano.

O POSSESSO DO ESPIRITO IMPURO

1. Caracteres deste espirito

E chegaram ao outro lado do mar, á região dos Gerasenos. E ao desembarcar, immediatamente dirigiu-se a Jesus um homem, sahindo dos sepulcros, possuido do espirito impuro. 1) — Ainda que todos os demonios são espiritos impuros, o da impureza reveste caracteres distinctos dos demais, que S. Marcos enumera: 1. *O qual não tinha casa*: — porque o homem possuido do espirito impuro não tem descanso em sua consciencia. — 2. *Vivia nos sepulcros*: logares infectos e tenebrosos, para mais livremente se entregar ás suas impurezas. — 3. *E ninguem o podia ligar com cadeias*, porque o impudico a tudo resiste: nem a razão, nem a lei, nem os avisos, nem as inspirações o contêm. 4. *Porque, atado muitas vezes com cadeias nas mãos e ferros nos pés, rompia as cadeias e quebrava os ferros, e ninguem o podia domar*. — Triste, mas verdadeira imagem do escravo da impureza! Nada o pode conter! Nem a perda da reputação, nem a ruina da saúde, nem o opprobrio da familia, nem os votos da religião, nem o character das ordens sacras, nem a doença, nem a vista da morte proxima o podem reter no caminho da maldade! Só a graça de Jesus Christo o póde curar.

5. *E sempre, de dia e de noite, estava nos sepulcros e nos montes*. — Os *sepulcros* são a estancia da morte, logar proprio dos impudicos, que vivem mortos á graça! — Andam pelos *montes* porque, deshonrados, não se sentem bem na sociedade, preferindo a vida dos seres selvaticos. E isto de dia e de noite: — que humilhante captiveiro!...

6. *Gritando e ferindo-se com pedras*. — Estes gritos horrorosos revelam a agitação do seu espirito, a inquietação, o desassocego, o remorso, que trazem os impudicos num continuo desassocego. Oh! paixão cruel! todos os teus prazeres, que passam num momento,

1) *Marco*. V. I.

transformam-se em tormentos que duram toda a vida!...

7. — *E andava despido*, 1) acrescenta S. Lucas — O demonio da impureza é ainda hoje o demonio da nudez. E' elle que a introduz na pintura, na escultura, nas módas, nos theatros! A nudez é a divisa do demonio impuro: quem a usa é dos seus, está-lhe sujeito! — Observemos uma modestia severa, tanto em particular como em publico.

8 — *Ha já muito tempo*, — diz mais S. Lucas. — Quando o homem se entrega á impureza, engana-se pensando que será por algum tempo sómente. Uma queda chama por mil outras e o tempo marcado para converter-se passa, e chega-se nesse deploravel estado até á idade decrépita, até ao tumulo!...

2. Ao pé de Jesus

1. *Vendo, porém, a Jesus ao longe, correu ao encontro d'elle e o adorou.* — Jesus tem debaixo do seu poder todos os espiritos da maldade, e este demonio da impureza vê-se obrigado a sahir de suas cavernas tenebrosas e a apparecer na presença de seu Juiz. — Este espirito feroz e indomavel cae a seus pés, renhece-o por seu Senhor e adora-o. Mas é uma adoração forçada: picado pelo remorso, lá se vae confessar; mas, mal arrependido, de novo volta aos seus máus habitos.

2. *E clamando em alta voz, disse: Que ha entre ti e mim, Jesus, filho de Deus Altissimo? Eu te conjuro, da parte de Deus, que não me atormentes.* — O demonio queixa-se de que Jesus o venha perturbar na posse das suas victimas, contando com ficar com seu poder até ao fim do mundo. Mas Jesus veio pôr termo ao seu imperio e libertar-nos do seu jugo. — Ainda hoje o demonio faz as mesmas queixas pela bocca dos impudicos. Queixa-se de Deus, que se oppõe ás suas desordens. Queixa-se de seus Ministros, que

1) *Et vestimento non induebatur.* Luc. VIII, 27.

prégam contra os vícios e paixões da carne, e expõem a lei do decálogo, que ordena a guarda da castidade.

3. *Porém dizia-lhe: Sáe do homem, espirito imundo. E perguntava-lhe: Qual é o teu nome? E disse-lhe: Legião é o meu nome, porque somos muitos. Legião é o verdadeiro nome do demonio da impureza: pois não anda só, mas arrasta a todos os vícios. Apodera-se de todos os sentidos e faculdades e possui o homem todo. Mas, por maior que seja o seu numero, podemos vencê-los a todos com auxilio de nosso divino Libertador.*

3. Petição do espirito impuro

1. *E pedia-lhe muito que o não expulsasse daquella região, e não o mandasse para o abysmo, continua S. Lucas. — Pede-lhe que o não expulse daquella região, pois nella domina e nella quer continuar a fazer mal. Pede que o não mande para o abysmo, onde será precipitado no fim do mundo, para continuar sobre a terra a tentar e perder os homens. — Outros não são os desejos dos impudicos. Quereriam não houvesse justiça em Deus, para os não condemnar ao inferno; quereriam a sorte dos animaes e viver sempre nesta terra no pleno gozo de todos os prazeres.*

2. *Ora, havia ali, num monte, uma grande vara de porcos, pastando. E pediam-lhe para que lhes permittisse entrar nelles. E permittiu-lhes. Sahiram, pois, os demonios do homem e entraram nos porcos. E impetuosamente precipitou-se a vara no lago e afogou-se. — Vendo-se obrigados os demonios a sahir do homem, pediram ao menos que lhes permittisse entrar nos porcos.*

Nesta petição: 1. reconhecem o poder de Christo, que os póde lançar fóra; 2. confessam sua impotencia, pois nem siquer podem fazer mal aos porcos, sem permissão de Deus; 3. mostram sua grande malicia, pois, não podendo fazer mal nem á alma nem ao corpo, ao menos querem prejudicar os habitantes

daquella região nos bens externos; 4. revelam qual o lugar onde habitam de preferencia — a immundicie; 5. manifestam o grande odio que têm a Christo, procurando, pela destruição daquelles animaes, torná-lo odioso a todo o paiz. Demos graças ao Senhor por ter acorrentado á sua cruz todos estes espiritos malignos e ter libertado os christãos de sua possessão!

O POSSESSO DO ESPIRITO IMPURO

(Continuação)

1. Os Gerasenos

1. *Logo que viram o succedido, os que guardavam os porcos fugiram, e levaram a nova á cidade e ás aldeias.* — Quem não se sobresaltaria com tal espectáculo? Si podessemos ver a multidão dos peccados e demonios de que é livre um peccador que se converte, ficaríamos possuidos de maior admiração.

2. *Sahiram logo todos a vêr o que tinha succedido e foram ter com Jesus.* — Todo este successo feriu os habitantes de Gérasa mais pelo interessé do que pelo desejo de conhecer o Messias. Lastimaram a perda dos porcos, dos quaes não lhes era permitido alimentar-se, mas julgavam poder criá-los para o commercio, que tambem lhes era vedado. Foi em castigo da inobservancia desta lei que Jesus permittiu aquelle destroço.

3. *E encontraram o homem, do qual sahiram os demonios, sentado, vestido, e em seu juizo, a seus pés.* — O homem, livre do demonio, está *sentado* aos pés de Jesus; — tal é o estado do que se livra do peccado e descansa na paz da consciencia. Está *vestido*: assim o peccador convertido reveste-se dos dons e das graças de Deus.— *E em seu juizo*: quem se volta para Deus, então mostra entender o valor das coisas.

4. *E toda a multidão do paiz dos Gerasenos lhe pediu: que se afastasse delles, porque estavam possuidos de grande medo. Elle, porém, entrando na barca, voltou.* — O' povo insensato! Assim te queres

privar de teu grande bemfeitor, daquelle que livrou teus possessos, curou teus doentes e te annunciou a verdade? — Quantas vezes imitamos este povo ingrato, dizendo a Jesus — *Retirae-vos de mim!* — não por humildade e respeito, mas para não termos de nos despojar daquillo que lhe desagrade?...

2. O possesso

1. *E o homem, do qual sahiram os demonios, pedia-lhe para ficar com elle. Despediu-o, porém, Jesus, dizendo: Volta para tua casa, e narra quanto te fez Deus.* — Este homem, livre de seu inimigo e afeiçoado a seu bemfeitor, pede-lhe para o seguir e ser um dos seus discipulos. Mas Jesus destinou-o a outro ministerio: recolher-se a sua casa e annunciar as misericordias de Deus. — Quando se deixa o peccado, nenhuma companhia nos é tão doce como a de Jesus. Qual não foi, pois, a mágua deste possesso ao ouvir a ordem de separação!... Mas suavizou-a a lembrança de que ia incumbido de apregoar por toda a parte as maravilhas do Senhor.

2. *E foi por toda a cidade, prégando quanto Jesus lhe fizera.* — Voltando a sua casa, alegrou sua familia contando-lhe o beneficio que Jesus lhe fizera, livrando-o do demonio impuro. É com que zelo e reconhecimento o não faria, desejoso de que todos conhecessem a Jesus e lhe adherissem!

3. *E sahiu, e começou a publicar, em Decápolis, quanto Jesus lhe tinha feito, e todos se admiravam.* — Não contente com falar de Jesus a seus parentes, foi por toda a Decapolis prégando as maravilhas de Deus; e fazia-o com tal zelo que *todos se admiravam.* — A gratidão forma apóstolos em todas as classes. Como voltariam a Deus muitas almas, si todos os que são por elle cumulados de beneficios fossem reconhecidos!...

3. Gloria de Jesus

E todos se admiravam. — Admiremos também nós: 1. *O poder* de Jesus que cita o demonio á sua presença, que o interroga e o expulsa. — Sejamos fieis a Jesus e nada teremos a temer de nossos inimigos. 2. *A sua sabedoria*, com que põe a descoberto o character, a malicia e a fraqueza do inimigo de nossa salvação. 3. *Sua prudencia*, despedindo o homem, livre do demonio, do ministerio apostolico, pois não quer admittir a elle quem não goza de uma reputação em tudo perfeita. 4. *Sua bondade* em livrar os possessos do máu espirito, dando ás suas familias a consolação de os tornar a ver. 5. *Sua paciencia* em se retirar daquelle paiz a pedido dos Geraseños, sem se queixar, vendo que assim tão ingratamente lhe pagavam os beneficios que lhes fizera. 6. Finalmente *sua condescendencia* com as instancias do povo fiel, que estava da outra parte do lago esperando a sua vinda. — O' Jesus, não vos afasteis de mim! Ficae commigo para me curar, para me ensinar, para me salvar!

CURA DO PARALYTICO

1. Como foi levado a Jesus

: Então apresentaram-lhe um paralytico, deitado sobre um leito, levado por quatro homens, que procuravam meio de introduzi-lo na casa e de pô-lo na presença de Jesus. 1) — Este infeliz estava de tal maneira tolhido em todos os seus membros, que eram precisos quatro homens para o transportar, deitado no seu leito, aos pés de Jesus. E encontrou caridosos que lhe prestaram este obsequio: a caridade mostra-se não só em palavras, mas sobretudo nas obras. — Neste paralytico temos uma imagem expressiva do peccador inveterado em seus vicios: para levá-lo a Jesus, a receber a graça da conversão, são precisas as

1) *Luo. V. 18.*

orações das almas caridosas. Oremos pelos peccadores!...

E como não pudessem apresentá-lo a Jesus, por causa da multidão, descobriram o tecto da casa onde elle estava, e, tendo feito uma abertura, desceram o leito onde o paralytico estava deitado. — A caridade obsequiosa excogita meios de realizar seu intento, vence difficuldades, encara os perigos com fortaleza para socorrer o infeliz. O expediente em que deram para chegar ao pé de Jesus devia causar surpresa nos espectadores, que estariam ansiosos por vêr o resultado. O Senhor deu-lhes tempo a fazer suas conjecturas e commentarios e a exercitar sua fé.

2. Perdão dos peccados

1. *Jesus, vendo a fé delles, disse ao paralytico. Confia, filho, teus peccados são perdoados. —* Jesus, antes de curar o paralytico, perdoa-lhe os peccados para nos ensinar — que primeiro devemos tratar da cura de nossa alma que do nosso corpo; — que todas as enfermidades têm sua origem no peccado; — que o peccado é o maior dos nossos males de que primeiro devemos procurar libertar-nos; — que as afflicções corporaes devem-se supportar em expiação pelos peccados.

2. *E começaram os Escribas e Phariseus a cogitar, dentro de si, dizendo: Quem é este que diz blasphemias? Quem pôde perdoar peccados a não ser Deus só? —* Estes doutores deviam saber que, segundo os Prophetas, um dos caracteres do Messias era de ser filho de Deus, Deus conosco, e que por consequente podia perdoar os peccados, segundo elles mesmo affirmam: *Quem pôde perdoar peccados sinão Deus?* Nunca falta quem interprete sinistramente o que fazemos com a melhor intenção, como não faltaram entre os ouvintes de Jesus estes phariseus, que, sob pretexto de zelo, occultavam a sua refinada inveja á divina Pessoa do Salvador. Fugamos de ser destes taes, para não merecermos a censura de Jesus Christo.

3. *Mas Jesus, vendo seus pensamentos, lhes disse: Que pensaes em vossos corações?* — Palavras de grande confusão para os phariseus e de grande lição para nós! De que vale occultar-nos aos olhos dos homens, si Jesus vê nossos corações e ha de julgar-nos pelos pensamentos de vaidade, de ambição, de sensualidade, de juizos temerarios, de criticas e murmuração? Andemos com grande pureza de coração diante daquelle que vê todo nosso interior e ha de ser o juiz de cada uma de nossas acções.

Que é mais facil dizer: Teus peccados são perdoados, ou dizer: Levanta-te e anda? Ora, afirm de que saibaes que o Filho do homem tem na terra o poder de perdoar peccados, (disse ao paralytico): Eu te mando, levanta-te, toma o teu leito e vae para tua casa. No mesmo instante, o paralytico, levantando-se, na presença delles, tomou o leito, no qual jazia, e foi para casa, louvando a Deus.

A' ordem do Salvador o paralytico levantou-se por si só, e á vista de todos tomou o leito e poz-se a caminho de sua casa; no que mostrou que estava verdadeiramente curado. — Quando Jesus nos concede pela voz de seu ministro a remissão de nossos peccados, o nosso proceder deve provar a nossa cura espiritual. Levantemo-nos por meio de generosas e repetidas resoluções. Saiamos de nossos máus habitos e livres da paralytia espiritual caminhemos por todas as virtudes para o céu.

E o assombro apoderou-se de todos e glorificavam a Deus. — E encheram-se de temor, dizendo: Vimos hoje maravilhas. — As acclamações dos assistentes confundiam-se com as acções de graças do paralytico. O momento foi de grande glorificação para Jesus, que assim manifestava aos homens o seu poder, a sua misericordia e sua divindade.

No meio destas acclamações só os Phariseus se conservam em silencio, confundidos por verem descobertos seus pensamentos e condemnada sua incredulidade.

lidade. O endurecimento do coração, a inveja e odio não lhes deixam sentir a admiração do povo crente e fiel pelas obras maravilhosas de Jesus.

RESURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO

1. Oração do pae

E veiu um certo homem, dos principaes da Synagoga, por nome Jairo: e vendo-o, cahiu a seus pés, e pedia-lhe muito, dizendo: Pois que a minha filha está nas ultimas, vem, impõe sobre ella a tua mão, para que se salve e viva. 1) — Admiremos as qualidades desta oração.

1. E' feita com respeito e humildade — *prostrando-se a seus pés* e, como tem S. Matheus, *adorando-o*. E' nesta postura e com estes sentimentos de humildade que apresento a Deus minhas orações?

2. Com insistencia e perseverança: — *e supplicava-lhe muito*. Tratava-se de salvar a vida de uma unica filha. Que interesse maior para um pae? — Si pensassemos que nossa alma é uma só, e sempre vive em perigo de morte, e morte eterna, como andariamos sollicitos para a preservar de todo o peccado, e, si por desgraça a julgassemos morta, como trataríamos de lhe restituir a vida?...

3. Com grande confiança: — *Vem!* — como quem diz: Não ha outro remedio para minha filha, — não tenho mais a quem recorrer, — ninguem, sinão vós, a pôde salvar! — Ah! si nossa alma está nas ultimas — *in extremis est* 1) — não desesperemos: temos em Jesus o remedio certo, infallivel, prompto!

4. Com fé: *Vinde impôr-lhe a mão*. A fé de Jairo era grande, mas imperfeita, pois julgava necessario que Jesus fosse e impuzesse a mão sobre a filha: não chegava á fé do Centurião; mas Jesus, ainda que a não elogia, acha-a digna de recompensa, e, em attenção a

1) Marc. V, 22.

2) Marc. V, 23. *Quoniam filia mea in extremis est.*

ella, cura-lhe a filha. Jesus é bom, e compadece-se de nossa fraqueza, quando vê um coração sincero, que deposita nelle toda a confiança.

2. Fructo da oração de Jairo

1. *E levantando-se Jesus, o seguia com seus discipulos.* — Jesus estava sentado no meio de uma grande multidão, a quem falava e instrua, quando Jairo lhe expoz sua petição. Não obstante esta grande assistencia, Jesus levanta-se e põe-se ao dispôr de quem o procura. — Tanta é a vontade que Jesus tem de socorrer-nos! Despacha a petição como lhe é feita. Jairo pede-lhe que *venha*, e Jesus, levantando-se, vae e *segue-o*, sem lhe fazer o menor reparo!

2. E' esta uma das vezes em que Jesus ouve e despacha uma petição sem dizer uma só palavra. Elle conhecia bem toda a inquietação do pae, e o caso não era para demoras: a filha estava nas ultimas; por isso interrompe a prgação e põe-se a caminho para casa de Jairo. Quando me sentir no cairrel do abysmo e prestes a succumbir á tentação, sem delongas irei ter com Jesus, para que venha em meu auxilio, e tê-lo-ei logo ao meu lado!

3. *E seguia-o grande multidão, e o apertavam.* 1) — O povo, vendo Jesus interromper a instrucção e seguir a Jairo, não se quiz privar da companhia de tão bom Mestre e seguiu-o, soffrego de ouvir sua palavra e de assistir a seus milagres. O enthusiasmo não lhe deixa guardar a moderação e devido acatamento pela Pessoa do Salvador, que se vê envolvido e apertado pelas turbas.

3. Noticia da morte da filha

Ainda elle não tinha acabado de falar, quando chegaram da casa do principe da Synagoga, dizendo: A tua filha está morta, para que importunar mais o

1) Marc. V. 24. Et sequebatur eum turba multa, et comprimebant eum.

Mestre? 1) — A fé de Jairo, fortalecida com a cura da Hemorrhóisa, operada durante o trajecto, foi por esta noticia submettida a uma grande prova. Jesus falava ainda com a Hemorrhóisa, quando annunciam a Jairo que sua filha morrera e que não se canse em fatigar o divino Mestre com seus rogos, nem o obri-gue a seguir tão longa e inutil viagem. Que golpe do-loroso para o pae! Ao assistir á cura da Hemorrhóisa, concebera firme esperança de que Jesus curaria tam-bem sua filha, quando lhe dizem que já morreu! O' morte, como destróes todas as esperanças de saúde, de vida, de felicidade!

Mas Jesus, tendo ouvido o que se dizia, disse ao principe da Synagoga: Não temas, crê sómente. — Jairo sentia-se vacillar na fé, com a triste nova; mas Jesus, que até então não lhe dito nada, reanima-o, conforta-o, levanta-lhe a fé e a esperança com a doce palavra: *crê sómente!* — Taes devem ser os sentimen-tos que devemos ter na morte e inspirá-los aos mori-mundos: sentimentos de fé e confiança. Então nossos peccados nos virão á memoria com toda a sua gravida-de, e nossas boas obras nos apparecerão cheias de de-ficiencias e imperfeições: *Não temas; crê sómente!* Crê na misericordia de Deus, que não abandona aquelles que nelle confiam e que fizeram de sua parte tudo que deviam para lhe agradar.

RESURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO

(Continuação)

1. Jesus entra em casa da defunta

1. *E não consentiu que alguém o seguisse, a não ser Pedro, Jacob e João, irmão de Thiago* 2). — Je-sus escolhe só estes tres dos seus discipulos para tes-temunhas do milagre, o mais famoso e extraordinario de todos que até então tinha feito, para nos ensinar a

1) Marc. V, 36.

2) Marc. V, 37.

fugir dos applausos dos homens, a evitar a vanglória e a procurar a humildade.

2. *E entram na casa do archisynagógo, e vê o tumulo, e os que estavam chorando e soltando alaridos.* — O' morte, como é afflictiva e amarga a tua presença! Onde entras, entram o pranto, a dôr, a lamentação! Jesus veiu acalmar todo este alarido. — E' a fé em Deus que reprime e modera estas demonstrações excessivas da saudade pelos que morrem numa familia christã.

3. *E tendo entrado, lhes disse: Para que vos turbaes e estaes chorando? A menina não está morta, mas dorme.* — Os Israelitas chamavam a morte de uma pessoa recentemente fallecida descanso ou somno. Com razão, pois, se podia dizer, desta menina defunta, que dentro em breve ia ser resuscitada, que não estava morta, mas dormia. — Assim nos ensina Jesus — que a morte não é sinão um somno prolongado, isto é, que não morremos todos inteiros e para sempre; — que devemos resuscitar um dia, e receber vida nova pela união de nossa alma ao nosso corpo; — que esaá união setá eterna; — que então haverá uma nova ordem de coisas, um outro mundo; — que seremos felizes ou infelizes, segundo as obras bõas ou más que praticarmos; — que a felicidade será perpetua para os bons, e a miseria extrema para os máus!

Eis a nossa fé e a nossa esperança. São estas as verdades que unicamente podem suavizar as nossas lagrimas pelo fallecimento de parentes e amigos, e afugentar os terrores que nos causa o pensamento da nossa propria morte.

4. *E zombavam delle, porque sabiam bem que estava morta.* — O mundo zomba do que ouve dizer da outra vida, como aquelles a quem Jesus falava zombavam do que lhes dizia sobre a morte da menina.

Si não comprehendiam as palavras do Salvador, a sua autoridade e reputação devia-lhes suspender o juizo, aguardando que se revelasse o mysterio occulto em suas divinas palavras. — O libertino zomba das

consequencias da morte, e ri-se da fé numa outra vida. Mas fala assim porque é ignorante da religião, nem conhece as Escripturas e a Tradição dos Santos Padres, em que estas verdades se declaram.

3. Resurreição da defunta

1. *Mas Jesus, tendo mandado sahir a todos, tomou o pae e a mãe da menina e os que trazia consigo, e entrou onde a menina estava deitada.* — Jesus manda sahir a multidão que enchia a casa de Jairo, e fica só com seus tres discipulos, com o pae e a mãe da defunta. — O primeiro passo para a resurreição e conversão de nossa alma é o retiro do tumulto das paixões e do mundo e o silencio da oração. Afastemos de nossa alma cuidados terrenos, pensamentos mundanos, desejos impuros, e Jesus virá a nós e nos livrará de nossos males.

2. *E tomando a mão da menina, disse-lhe: Talitha cumi,* que significa: *Menina, eu te mando, levanta-te.* — O' mão poderosa! tomas um cadaver e communicas-lhe o calor, o movimento e a vida! O' voz vivificante, que penetras os abysmos da morte e a forças a entregar a presa de que se tinha apossado! Tocae meu coração, ó Jesus, falae á minha alma, e a vida lhe será restituída. Quem por si cae, não se levanta sem o auxilio da mão de Deus sem a sua graça.

3. *E, acto continuo, a menina se levantou e se pôz a andar (porque era já de doze annos), e ficaram admirados, com grande espanto.* — A essencia da resurreição espiritual é a volta do Espirito Santo aos nossos corações, para derramar nelles a graça da justificação. Si estamos verdadeiramente resuscitados, devemos levantar-nos e sahir de nossos máus habitos e caminhar na pratica das virtudes. Quando ouvirmos a voz de Deus mandando-nos levantar de nossos vicios, não resistamos á sua voz, não diffiramos a penitencia para a hora da morte!...

4. *Mas Jesus lhes ordenou encarecidamente que ninguem o soubesse.* — A alegria dos paes e dos

discipulos foi tanta, que encheriam tudo com aclamações e louvores, si Jesus lhes não impuzesse silencio. — A conversão de uma alma não deve ser publicada por quem foi o ministro della, seria vaidade; nem pelo proprio sujeito, seria ostentação; nem pelos confidentes, seria indiscrição.

5. *E manda que dêem de comer á menina.* — Quando o peccador se levanta da morte do peccado, para a vida da graça, deve fortificar-se com o pão dos anjos, a divina Eucharistia, para se precaver contra segunda morte.

CURA DA HEMORRHOISSA

1. Plano da Hemorhoissa

1. *E uma mulher soffria fluxo de sangue havia doze annos, . . . e gastára todas as suas economias, e não melhorava, mas sentia-se cada vez peor.* 1) — Esta mulher, segundo tradição antiga, natural de Cesaréa de Philippe, chamada Berenice 2), rica, tinha gasto durante doze annos toda a sua fortuna com os medicos, e seu estado ia de mal em peor, pois o sangue que se perde é vida que se vae. Estado bem triste o desta mulher! A doença era *vergonhosa, inveterada e rebelde*. Os remedios, *custosos, inuteis e dispendiosos*. Quando se trata da saúde do corpo tudo se sacrifica pelos remedios já incertos, já inuteis. Si se trata da saúde da alma, para cujas doenças ha remedios infalliveis, nada se faz! . . . E quanto melhor é a saúde da alma que a do corpo? . . .

2. *Como ouviisse falar de Jesus, juntou-se á multidão.* — O estado desta mulher era desesperado, pois não encontrava já remedios para se curar. Mas teve a sorte de *ouvir falar de Jesus*, em que está o remedio de todo os males, e cobrou logo certa esperança de encontrar nelle a cura do seu mal. — O primeiro passo para a cura de nossa alma é ouvir falar de Jesus e apre-

1) Marc. V. 25. Math. IX. 20.

2) Lacouture — *Os milagres de Jesus Christo.*

goar suas maravilhas para nos afeiçoarmos a elle, crescermos em seu amor e enchemo-nos de confiança em seu poder. — O segundo passo que deu esta mulher para chegar a obter a cura foi *ir ter com Jesus*, confundindo-se com a multidão e esforçando-se por chegar até Elle. Si se contentasse só com ouvir falar de Jesus e de seus milagres e não sahisse de sua casa, nunca teria conseguido a cura da longa enfermidade. — Si queremos a cura de nossa alma, é necessario que tambem saíamos de nós mesmos, de nossos vícios e peccados, e vamos á procura de Jesus onde elle se nos dá como remedio efficaz de todos os males.

2. A cura

1. *E tomou a fimbria do seu vestido. Pois dizia para consigo: Si tocar sómente o seu vestido, se-rei curada.* — E' admiravel nesta mulher a fé no poder de Jesus, a sua confiança e humildade. Na circumstancia presente era-lhe impossivel falar a Jesus, expôr-lhe a sua doença, apresentar-se diante d'elle, pois tinha-se por indigna e não ousaria manifestar diante do povo sua enfermidade. Com fé no poder de Jesus, e confiança em sua bondade, entendeu que bastava tocar-lhe na fimbria do vestido para ser curada. — E' com esta fé que me aproximo da Mesa Eucharistica?... Não é já a fimbria do vestido, mas o Corpo e o Sangue do Salvador que uno ao meu. O' toque divino, capaz de curar todas as minhas enfermidades! Mas si ainda persevera o mal, é que faltou a fé, a confiança e a humildade!...

2. *E immediatamente seccou-se a fonte de seu sangue, e sentiu no corpo que estava curada da enfermidade.* — Qual não foi a alegria de Berenice, ao vêr a sua fé coroada de tão feliz exito! Como creu, assim se fez! Ah! é esta fé que nos falta, quando recebemos o Corpo de Jesus Christo, por isso permanecemos nas mesmas enfermidades!

3. Confirmação publica do milagre

1. *E logo Jesus, conhecendo em si mesmo a virtude que sahira delle, voltando-se para a multidão, dizia: Quem tocou meus vestidos?* — Pergunta Jesus, não para saber, pois nada ignora; mas para revelar a fé da hemorrhoissa. Os apóstolos não viram nestas palavras nenhum mysterio, por isso, estranhando a pergunta, dizem:

2. *Vês a turba apertando-te e dizes: Quem me tocou?* — Mas Jesus distinguia entre os que o tocavam por inadvertencia, e aquella que o tocou com espirito de fé!

3. *E olhava em volta para vêr aquella que fizera isto.* — A fervorosa e humilde curada não ousava manifestar-se, mas Jesus queria premiar sua fé, e por isso naquelle olhar vago por sobre a multidão como a obrigava a declarar-se. Jesus conhece todas as nossas acções e a intenção com que as fazemos.

4. *Porém, a mulher, temendo e tremendo, sabendo o que se tinha passado em si, veiu e prostrou-se a seus pés, e disse-lhe toda a verdade.* — Veiu temendo e tremendo, como ré de algum sacrilegio em tocar o vestido sacrosanto de Jesus, e num acto de profunda humildade confessou uma imaginada culpa. — Ah! misericordioso Jesus, eu me devo lançar a vossos pés e encher-me de temor e tremor, á vista do numero e enormidade de meus peccados! — Quem communga sacrilegamente, ouça a voz de Jesus dizendo: Quem me tocou sem a devida preparação? — Vá então ao seu ministro, e confesse-lhe toda a verdade.

5. *Porém, Jesus disse-lhe: Filha, a tua fé te salvou: vae em paz, e sê curada de tua enfermidade.* — Depois da confissão da miraculada ficaram os discipulos admirados do que succedera, e a pobre mulher estaria ansiosa, não sabendo a sentença que Jesus pronunciaria sobre ella. — Que fará de mim?... diria. Tirar-me-á outra vez a saúde?... — O doce nome de *filha*, com que Jesus a trata, annuncia-lhe sua felicidade. A sentença é o elogio de sua fé e a confirmação de sua cura.

CURA DE DOIS CEGOS

1. Oração dos cegos

E passando dali Jesus o seguiram dois cegos, clamando e dizendo: Tem compaixão de nós, Filho de David. (Math. IX, 27). — 1. Eram cegos no corpo, não porém no espirito; pois com a luz da fé conhecem o Messias, crêem no seu poder, esperam na sua misericórdia. 2. Ouvindo dizer que Jesus ia passando, incorporam-se no cortejo e o seguem, repetindo sua oração. Felizes, que aproveitam esse momento, em que Jesus passava, para alcançar d'elle sua cura. — E nós deixamos passar tantos momentos de salvação que Deus nos offerece, nas solennidades da Igreja, no santo tempo da quaresma e advento, nos exercicios espirituaes, em que Jesus certamente passa e nos fala ao coração; mas, cegos com a poeira de tantos cuidados mundanos, o deixamos passar sem lhe darmos attenção!... 3. E o *seguem*: apesar de cegos, lá vão com os outros que acompanham o Salvador, para não perder seu unico remedio. Não ficam no seu lugar, nem se contentam com *bradar* uma ou duas vezes pelo seu soccorro, mas *seguem* o Senhor, *chamando* ininterruptamente, até serem attendidos. — Nossos suspiros ao céu são languidos, raros e pouco sinceros, por isso não somos ouvidos. Si conhecessemos quanto mais perigosa é a cegueira espiritual que a corporal, bradaríamos ao céu com mais frequencia e maior affecto.

2. Jesus interroga os cegos

E como entrasse em casa, chegaram-se a elle os cegos. — Durante todo o trajecto Jesus não lhes disse uma palavra; fingiu que os não ouvia. Assim os quiz preparar com a perseverança na oração, com a fadiga em o seguir, com a paciencia em soffrer as palavras dos que os mandavam calar, para lhes conceder, finalmente, a tão desejada graça. — Esperemos o Senhor com paciencia e longanimidade, que veremos o seu poder.

Os pobres cegos, cansados da viagem, descansam por fim aos pés de Jesus. Já não bradam mais, esperam só o despacho de sua petição. Também nós temos a Jesus em casa: a entrada é livre, a toda a hora recebe visitas este divino hospede das almas. Mas quantas vezes entramos e saímos sem nada orar?... Presentes com o corpo, ausentes com o espirito!...

E Jesus lhes disse: Crêdes que posso fazer em vós isto que pedis? Responderam-lhe: Sim, Senhor. — Confissão breve e sincera da sua fé no poder de Jesus! E' como si dissessem: Sem duvida, Senhor, vós podeis isto e muito mais, e porque o cremos, vo-lo supplicamos. Jesus sabia bem os sentimentos destes dois cegos, de fé e confiança, que os animava. Mas obrigou-os a confessá-los publicamente para seu maior merecimento. Poderíamos responder o mesmo, si Jesus nos fizesse a mesma pergunta: *Crês que posso fazer o que me pedes?* Cremos certamente, mas peçamos-lhe que nos afervore o coração.

3. A cura

1. *Então Jesus tocou os olhos delles, dizendo: Faça-se-vos segundo vossa fé. E os olhos se lhes abriram. —* O' felizes cegos! Já vêdes, e o objecto primeiro de vossa vista é aquelle amabilissimo Senhor que vos curou! Pela medida da disposição, mediu-se-vos a graça. Pedistes e recebestes.

2. *E Jesus os intimou, dizendo: Vêde que ninguém o saiba. —* Quão longe andamos deste exemplo de Jesus, nós que tanto desejamos se occupem de nós e falem de nossas boas obras e das qualidades que temos!... que somos talvez os primeiros a falar delles!...

3. *Elles, porém, partindo, o tornaram conhecido por toda aquella região. —* Os miraculados cegos tornaram-se prégadores do nome de Jesus, publicando suas maravilhas por toda aquella região. Muitos, com tal exemplo, creram em Jesus e acudiram a elle pelo re-

medio de suas enfermidades. O melhor modo de sermos gratos aos benefícios de Deus é trazer ao seu conhecimento e amor os que o não conhecem e amam.

RESURREIÇÃO DO FILHO DA VIUVA DE NAIM

1. O prestito funebre

E aconteceu que ia depois para uma cidade chamada Naim, e iam com elle seus discipulos e uma grande multidão de povo. E chegando á porta da cidade, eis que era levado a enterrar um defunto, filho unico de sua mãe, e esta era viuva, e vinha com ella muita gente da cidade. 1) Todo este relato do Evangelho offerece materia a muitas reflexões.

1. *Ia*, não por acaso e sem fim determinado, mas muito de proposito, com o fim de instruir seus discipulos, consolar a desolada viuva, e glorificar a Deus. — Em todas as minhas viagens devo ter um fim nobre, um fim santo, donde possa resultar o bem do proximo, a gloria de Deus e a salvação de minha alma.

2. *E chegando á porta da cidade* encontra-se com um prestito funebre. Era á porta da cidade que então se celebravam os julgamentos. A morte é a porta da eternidade: nessa porta nos encontraremos tambem um dia com Jesus para sermos julgados.

3. *Eis que era levado a enterrar um defunto, filho unico de sua mãe.* — Era um joven que ia ser sepultado, arrancado pela morte, na flôr da idade, aos gozos da vida, aos bens deste mundo! Quem se pôde fiar da saúde, da idade, dos bens da terra?... Tudo acaba e muito em breve!...

4. *Filho unico de sua mãe, e esta era viuva* — Pobre mãe! Já tinha perdido seu marido, e agora, sem seu filho unico, perdia tudo! Mas é assim a vida! Só a esperança em Deus conforta nestes golpes da Providencia.

1) Luc., VII. 11.

5. *E vinha com ella muita gente da cidade.* — Ultimo echo da grandeza, ultimo tributo da amizade! Este luzido acompanhamento denotava ser o morto de distincção. Tudo que faz por nós o mundo é acompanhar-nos á sepultura!

2. Jesus resuscita o filho defunto

1. *Logo que o Senhor a viu, movido de compaixão para com ella, disse-lhe: Não chores.* — Jesus não ficou insensível a tão doloroso espectáculo! Ao vêr a mãe de um filho unico acompanhando-o, debulhada em lagrimas, até á ultima estancia, o seu Coração entenece-se e move-se á compaixão. — *Não chores!* ó doce palavra! Nunca esta mãe desolada imaginou encontrar tão cedo o remedio para a sua dôr. — *Não chores!* Quem poderia pronunciar tal palavra naquele momento de dôr e de pranto? Só Jesus podia falar assim, porque só elle podia estancar aquellas lagrimas, dando a vida ao filho morto! — *Não chores!* Como estas palavras dilataram o coração da pobre viuva com a esperança de que talvez ainda visse seu filho vivo! — Feliz momento em que Jesus diz a uma alma attribulada: *Não chores!* porque virá remediar todos os seus males.

2. *E aproximou-se e tocou o ataude.* (Aquelles, porém, que o levavam, pararam). *E disse: Joven, eu te mando, levanta-te.* — Consideremos todas as acções de Jesus: a. — *E aproximou-se* do defunto: assim procede com o peccador morto á graça; aproxima-se d'elle pelos remorsos que excita em seu coração, pelas luzes com que lhe illumina a mente, pelas inspirações com que lhe fala á alma. b. — *E tocou o ataude, fazendo-o parar:* é o que faz com o peccador quando o chama á vida: toca-o com a graça e fá-lo parar no caminho do peccado. c. — *E os que o levavam.* Impellido pelas paixões, si queres resurgir para a vida santa e perfeita, é preciso reprimi-las e parar no caminho do vicio. d. — *Joven, eu te ordeno, levanta-te!* — Palavra poderosa, a que nada pôde resistir! A morte

restitue a sua prêsa, e o joven defunto levanta-se vivo! O' Jesus, pronunciae esta palavra a tantos vivos, mortos! E si eu sou um delles e vivo surdo aos vossos clamores, bradae bem alto para não adormecer no peccado e nelle morrer!

3. O jovem resuscitado

1. *E levantou-se o que estava morto.* — Qual não seria a sua surpresa ao ver-se dentro de um feretro e rodeado de povo, que o conduzia ao tumulo! — E tu resuscitaste tambem, recebendo a vida da graça: levanta-te, pois, da terra, ergue teus pensamentos ao céu, e considerando a multidão de peccados, que te acompanhavam ao inferno, ordena a tua vida segundo a lei de Deus.

2. *E começou a falar.* — Primeiramente com Jesus Christo, dando-lhe as graças por tão grande beneficio. Depois com sua mãe, mostrando-lhe que era o mesmo, que estava verdadeiramente vivo. Emfim com os que o levavam, pedindo que o soltassem dos laços da morte, annunciando a todos sua ressurreição.

3. *E entregou-o a sua mãe.* — O' mãe afortunada, com que alegria recebeste o teu amado filho! Jesus viu em ti a sua propria mãe, mil vezes mais desconsolada que tu, pela morte de um filho infinitamente mais amavel e superior ao teu. Assim, representando-se naquelle joven resuscitado, ha de, para consolar a Virgem sua Mãe na immensa dôr de o ver tão ignominiosamente morto, resuscitar-se a si proprio e entregar-se-lhe vivo e glorioso!

CURA DO PARALYTICO JUNTO DA PISCINA

1. A piscina

Ora, ha em Jerusalém uma piscina Probatica, que em hebraico se chama Bethsáida, tendo cinco alpendres. 1) — Esta piscina representa as fontes baptis-

1) Jo. V, 2.

maes e as pias de agua benta que se encontram em nossos templos, e sobretudo os tribunaes da penitencia, onde as almas se banham nas aguas salutaes da graça.

2. *Nestes alpendres jazia uma grande multidão de doentes, cegos, aleijados, paralyticos, esperando o movimento da agua.* — Que bella imagem do grande numero de penitentes, que nas festas mais solennes da Igreja rodeiam os confessionarios á espera de sua vez para se regenerarem no banho da penitencia! Tambem elles são doentes, mas doutra especie: uns, debeis e sem forças para caminhar na virtude; outros, cegos para as coisas eternas, mas com os olhos muito abertos para os bens deste mundo; outros, coxos, cladicando já para Deus, já para o mundo; outros, áridos e seccos, sem gosto para a virtude, sem devoção nos exercicios de piedade. E eu, talvez com todas estas doenças, não suspiro pela cura!...

3. *Porque um Anjo descia, em certo tempo, á piscina: e movia-se a agua. E o que primeiro entrava na piscina, depois do movimento da agua, ficava são de qualquer enfermidade que tivesse.* — Esta grande maravilha, unica no mundo, foi concedida a Jerusalém no tempo da vinda do Messias, que, como Anjo do grande Conselho, vinha preparar-nos um banho espiritual em seu Sangue. Com que attenção estariam aquelles enfermos ao movimento da agua, para entrar nella! — E eu com que ansia aguardo a vinda do confessor, para ser o primeiro a lançar-me a seus pés e receber a cura de minhas enfermidades espirituaes?!...

2. O paralytico

1. *Ora, estava ali um homem que havia trinta e oito annos se achava enfermo.* — Triste imagem do peccador habitual, que passa a maior parte da vida numa mortal paralyisia do espirito, sem se levantar do estado do peccado e procurar a penitencia.

2. *Vendo Jesus este homem deitado, e conhecendo que estava doente havia muito tempo, disse-lhe: Que-*

res sarar? — Muitos doentes estavam ali, mas Jesus olhou especialmente para este, por mais abandonado e digno de compaixão. Ah! como é salutar um olhar de Deus misericordioso! Como nossas penas lhe não passam despercebidas!...

3. *Queres sarar?* — Jesus não duvidava que este enfermo queria a saúde; mas era conveniente que conhecesse a sua insufficiencia e manifestasse desejo de ser curado. — Muito mais preciso é este desejo e vontade resoluta para a cura das enfermidades de nossa alma. Por que lamentamos cada dia as mesmas quédas? E' que não queremos devéras! Queremos curár a soberba, e fugimos das humilhações!...

4. *Respondeu-lhe o doente: Não tenho homem que, quando a agua é agitada, me lance na piscina, pois quando eu vou, já outro desceu antes de mim.* — Não disse isto murmurando e accusando tacitamente os ministros da piscina, que ajudavam os mais ricos, e o deixavam a elle, por ser pobre. Culpava a sua impotencia, pois, quando a custo se ia arrastando, já outro tinha descido. A paciencia e perseverança deste infeliz moveu o Senhor a curá-lo. Alegra-te, paralytico, pois já tens um homem que te vem curar!

3. E' curado o paralytico

Jesus lhe diz: Levanta-te, toma o teu leito e caminha. — Palavras cheias de grandeza e majestade! O doente vê-se intantaneamente curado. Com tres actos deve elle manifestar a sua cura: *levantar-se, tomar o leito e caminhar.* — Por estes mesmos actos hei de mostrar a minha cura espiritual, 1. *Levanta-te*, não esperando só na graça divina, mas cooperando com ella. Nem eu só posso alguma coisa, nem só a graça basta: mas eu com ella posso tudo. 2. *Toma teu leito*, que são essas paixões e concupiscencias em que vivias preso, e crucifica-as; governa-as com a razão e não te deixes governar por ellas. 3. *E caminha* de virtude em virtude, crescendo sempre na perfeição!

JESUS E' ACCUSADO DE CURAR AO SABBADO

1. Escrupulo dos Judeus

Diziam, pois os Judeus áquelle que fôra curado: E' sabbado, não te é licito levar o leito. — 1. Jesus escolheu o sabbado para esta cura, primeiro, para que fosse maior o numero de pessoas testemunhas deste milagre; segundo, para ter occasião de confundir os Judeus, que o haviam de accusar por curar ao sabbado. Terceiro porque, sabendo que seus inimigos o haviam de perseguir por este milagre, nos queria ensinar a não deixarmos de cumprir a vontade de Deus por causa da perseguição dos maus. 2. Nas palavras que dirigem ao miraculado — *não te é licito levar o leito* — revelam a grande inveja e odio que têm ao Salvador. Fazem um crime da felicidade do paralytico, que Jesus curou tão misericordiosamente. Contradizem a ordem que Jesus lhe deu de levar o leito, dizendo-lhe que o não póde levar. No que revelam a dureza de seus coraçõs para com este infeliz, quando se deviam alegrar com sua ditosa sorte.

2. *Respondeu-lhes: Aquelle que me curou, disse-me: Toma teu leito e caminha.* — Como si dissesse: Não faço mais do que me foi ordenado. Aquelle que me pôde curar deve ser superior a vós, deve entender melhor que vós em que consiste guardar o sabbado. — A mudança de vida numa alma convertida terá sempre censores e murmuradores. Mas caminhemos firmes pelo caminho que Jesus nos assignala, e respondamos ás censuras do mundo como o paralytico: Faço o que me ordena quem me curou.

2. Pergunta dos Judeus

Perguntaram-lhe então: Quem é aquelle homem que te disse: Toma o teu leito e caminha? Aquelle, porém, que fôra curado, não sabia quem fosse. Pois Jesus tinha-se retirado da multidão reunida no logar. — O miraculado, assim como antes refutára solidamente o escrupulo dos Judeus a respeito da guarda do sab-

bado, assim agora lhes frustra a maligna curiosidade de saber qual foi o autor do milagre. Jesus deu-nos o bello exemplo de humildade fugindo dos applausos do povo. Exemplo este, nunca demais inculcado, de nos escondermos, de passarmos ignorados pelo mundo, de não termos nome siquer entre os homens! *Ama nesciri!*

3. Aviso de Jesus

1. *Depois encontrou-o Jesus no templo, e disse-lhe: Olha que estás curado, já não peques mais, para que te não aconteça coisa peor.* — Um dos primeiros usos que o paralytico fez da saúde foi ir ao templo agradecer a Deus. Este acto de acção de graças mereceu-lhe novo favor, pois encontrou lá a Jesus, que se lhe deu a conhecer como autor do milagre. Então, ainda que o Evangelho o não diz, se lhe lançaria aos pés e redobraría seus profundos sentimentos de gratidão.

O aviso que lhe dá é digno de especial reflexão: *Não peques mais, para que te não aconteça peor.* As doenças muitas vezes manda-as Deus em castigo de peccados, como parece deduzir-se das palavras de Jesus ao paralytico. Dá-lhe pois o importante aviso de não peccar mais, para se não expôr a coisa peor. Este aviso devo tomar para mim quando saio regenerado das aguas da penitencia. "Não peques mais para te não acontecer coisa peor", isto é, para não morreres no peccado!

2. *Partiu aquelle homem e annunciou aos Judeus que fôra Jesus quem o havia curado.* — Imitemos este homem no zelo com que publica o nome e a gloria do Senhor. Não receia prégar este nome diante dos mais obstinados inimigos de Jesus, pois tem o coração cheio de seu amor.

3. *Por esta causa perseguiam os Judeus a Jesus, porque praticava estas coisas ao sabbado.* — Perseguição injusta, odienta, irracional. A injustiça, o odio, a sem-razão é sempre o movei de todas as perseguições dos Judeus contra o Salvador. O que é ter um coração

recto e um coração apaixonado! O primeiro vê naturalmente a verdade e segue-a; o segundo só procura ver a apparencia de mal, guiando-se unicamente pelo preconceito e prevenção. — Não estranhemos que nos persiga o mundo quando praticamos o bem: nem deixemos nunca de o praticar com medo das censuras e perseguições dos maus.

CURA DA MÃO SECCA

1. Ponto de casuística

E estava ali um homem que tinha a mão secca, e perguntavam a Jesus, dizendo: Si é licito curar no sabbado? para o accusar. 1) — 1. Este homem tinha a mão direita secca e paralyzada. Si pela mão direita entendemos o que somos obrigados a fazer pela nossa eterna salvação, facilmente reconheceremos que padecemos da mesma enfermidade, e que só nossa mão esquerda tem movimento, isto é, que fazemos tudo pela terra e nada pelo céu! . . . 2. Não perguntam para saber, pois o Talmud, código das tradições rabbinicas, prohibe toda a tentativa de cura ao sabbado: perguntam para a accusar. Si a resposta de Jesus fosse conforme esta prescrição, cahia em descredito diante do povo, por falta de compaixão; si fosse de parecer que se devia curar ao sabbado, ia contra a lei, e seria perseguido pelos chefes da synagoga. São assim as proposições insidiosas dos máus: na apparencia revelam zelo da lei, mas nas consequencias levam occulto o veneno do erro, da mentira e do odio.

2. Solução

1. Mas elle lhes respondeu: Qual será de vós o homem que tenha uma ovelha, e si esta lhe cahir, ao sabbado, em uma cova, não lhe deite a mão e a tire? Pois quanto mais excellente é o homem que a ovelha? Portanto, é licito fazer bem no sabbado. — Di-

1) *Math.* XII, 9-14.

zendo isto, Jesus deitou um olhar pelo auditorio, aguardando a resposta. Mas o silencio de todos mostrou bem que era irrespondivel a argumentação do divino Mestre. Então, dirigindo-se ao aleijado, que estava distante, diz-lhe:

2. *Levanta-te e vem para o meio.* 1) — Com que alegria ouviu elle esta ordem, que lhe annunciava sua cura!... Ahi está o pobre homem em meio da assembléa, movendo todos á compaixão, menos aquelles insensiveis Phariseus, que se oppõem á sua cura ao sabbado! — Toda a assembléa esperava que Jesus o curasse ali diante de todos, em confirmação do que acabava de expôr. Mas antes quiz ainda arrancar uma resposta a seus inimigos.

3. *E diz-lhes: E' licito fazer bem ao sabbado, ou mal? Salvar a vida, ou tirá-la? Mas elles calaram.* — Silencio covarde dos Phariseus: Si é tanto o vosso zeló pela guarda do sabbado, por que vos calaes? Por que não sahis a defender vossa lei? *Silencio descaridoso*, com que mostram sua falta de compaixão para com o infeliz, não sahindo a advogar a sua causa. Pois, segundo Jesus Christo, não fazer bem ao indigente, quando se pôde, é o mesmo que fazer-lhe mal. — *Silencio obstinado* na sua malignidade. Tinham duas respostas a dar, mas nenhuma deram. Si respondessem conforme seu sentimento, pela negativa, iriam contra o povo, que, guiado pela recta razão, entendia que ao sabbado se podiam praticar obras de caridade. Si respondessem pela affirmativa, iam contra seu systema rabbinico. Portanto, *silencio triumphante* para Jesus, pois ninguem ousa negar ou contradizer suas palavras cheias de sabedoria e misericordia.

3. Cura do paralytico

E olhando-os em roda, com ira, condoido da cegueira de seus corações, disse ao homem: Estende a tua mão. E a estendeu, e a mão foi-lhe restituida. — Jesus doe-se da cegueira de seus corações, na qual o

1) Marc. III. 2.

não reconhecem por Messias, nem admittem a doutrina de ajudar o proximo ao sabbado. Jesus despreza todas as cavillações de seus inimigos e procede conforme á verdade, á justiça e á caridade, sem medo ao *terrivel* dilemma dos Phariseus! — Que faço eu em presença da verdade?... Temo segui-la, quando de a seguir resultam perseguições?...

Estende a tua mão! Tomemos para nós esta ordem. Estende a tua mão ha tanto tempo ociosa e sem movimento. Estende-a sobre tudo que pôde prejudicar a tua salvação para o destruir, — sobre esses livros, sobre esses quadros, sobre essas revistas, para os queimar; — sobre esse luxo indecoroso, para o cercear; — sobre os laços dessa amizade perigosa, para os romper; — sobre os instrumentos de mortificação e penitencia, para satisfazer por teus peccados!...

4. Odio dos Phariseus

Sahindo, porém, os Phariseus logo se reuniram em conselho com os Herodianos, contra elle, para tratar do modo como o haviam de matar. — Deveriam os Phariseus sahir deste acto solenne admirando o poder e sabedoria de Jesus, mas saem precipitadamente, possuidos de uma loucura satanica, apostados a acabar com aquelle a quem não pôdem resistir. Alliam-se com os Herodianos, inimigos da nação e religião dos Judeus, para executar mais facilmente seu plano. Mas, a quem se não pede auxilio para opprimir o innocente! Tudo isto sabia Jesus, mas não deixa por isso de ensinar a verdade, de praticar o bem, de excitar a misericordia. Elle sabe que está votado á morte e que ha de cahir victima ás mãos dos Judeus por nossos peccados; mas o tempo para isso está determinado por seu Eterno Pae, e segue imperturbavel sua missão apostolica.

CURA DE UM POSSESSO CEGO E MUDO

1. O possesso

Então foi-lhe apresentado um cego e mudo, possuído do demonio. 1) — Este homem soffria de tres males ao mesmo tempo: era cego, mudo e possesso. O seu estado era tanto mais digno de compaixão, quanto os males que padecia eram cada qual peor. A cegueira privava-o da communicação com o mundo exterior; a mudez afastava-o do trato com os homens; a possessão do demonio tirava-lhe a liberdade e dava-lhe muito que soffrer. O peor mal de todos era ainda não se poder apresentar a Jesus para obter a cura de tantas enfermidades. Então o povo, movido á compaixão, o levou á presença do Senhor, para que o curasse.

E curou-o de modo que falava e via. — Jesus agradou-se tanto deste acto de caridade do povo, apresentando-lhe aquelle enfermo e orando pela sua cura, que não poz a menor difficuldade nem demora em satisfazer os seus desejos. O' força da oração em commum! Aprenderei daqui a unir minha oração com a dos fieis, pois assim seu effeito será rapido e seguro.

2. O possesso — figura do peccador

Os tres males de que soffre este enfermo assemelham-se aos males que na alma causa o peccado. 1. O peccador é verdadeiramente *possesso* do demonio, pois, expulsando a Deus do seu coração, dá entrada nelle ao demonio. Fica seu escravo na alma e no corpo, de tal maneira que, morrendo no peccado, o irá continuar a servir nas chammas eternas! Oh! quem não evitará este grande mal, que tantos e gravissimos males produz!... 2. E' *cego*, porque não vê o estado horrivel de sua consciencia; não vê o perigo a que se expõe, vivendo no peccado, em que póde morrer e condemnar-se; não vê a multidão de peccados commettidos, seu numero e circumstancias, para os confessar. 3. *Mudo* para orar, porque perdeu a confiança em Deus, perdeu a esperança de que Deus

1) Math. XIII, 22. — Luc. XI, 14.

o possa ouvir; — mudo para se accusar de seus peccados e consultar os meios de se emendar; — mudo para retractar seus erros e pôr-se no bom caminho.

3. Varios pareceres

1. *E todo o povo estava admirado, e dizia: Porventura este é o Filho de David?* — A multidão, que não tinha preconceitos nem estava cega pela inveja, como os Phariseus, reconhecia em Jesus o Filho de David, isto é, o Messias, pois as maravilhas inauditas que o via praticar provavam a sua missão divina.

2. *Porém, os Phariseus, ouvindo isto, diziam: Este não expulsa os demonios sinão por Beelzebub, principe dos demonios.* — Que differente é o parecer dos Phariseus! Elles viram o milagre operado no possesso mudo e cego; ouviram o juizo que delle fez o povo. O factó era manifesto; negar a verdade era impossivel. Então espalham entre o povo que Jesus se entende com o principe dos demonios para os expulsar dos corpos dos possessos. Subterfugio absurdo e ridiculo, que o povo mais sensato ouviria com desprezo. A soberba e a inveja impedem os phariseus de confessar, como o povo simples, a fé no Messias. Assim é que se referem a Elle com um frio *Este não expulsa os demonios sinão por Beelzebub!* — Ha espiritos que tudo que veem de bom nos outros o tomam á má parte e procuram offuscar-lhes a gloria que dahi lhes vem.

3. *E outros, tentando-o, accrescenta S. Lucas, pediam-lhe um signal do céu.* 1) — Os prodigios de Jesus, segundo os judeus, só eram signaes terrestres. Então alguns dentre elles pediram a Jesus alguns signaes e prodigios celestes, a apparição de algum phenomeno aéreo. Esta petição não era para obter mais uma prova da divindade de Jesus, mas para o tentar, para ver si tinha a complacencia e vaidade de lhes mostrar que possuia o mesmo poder na terra que no céu. E si não fossem ouvidos, como esperavam, iam tomar a sua recusa como fraqueza e apresentá-la ao povo como falta

1) Luc. XI, 16.

de poder. Ora, Jesus não veio mostrar o seu poder em milagres inúteis e vãos, mas caritativos e misericordiosos, como verdadeiro Salvador dos homens. — Taes são os incredulos de nossos dias, que não acreditam nos milagres que se lhes apresentam, mas querem ser testemunhas de outros novos que elles hão de determinar.

MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

1. Precedentes do milagre

1. *Mas, vindo a tarde, chegaram-se a elle os seus discipulos, dizendo: Este logar é deserto, e já passou a hora. Despede as turbas, para que, passando ás aldeias, comprem para si de comer. E Jesus lhes disse: Não têm necessidade de ir: dae-lhes vós de comer.* 1) — Consideremos nesta passagem os sentimentos das turbas, dos apóstolos e de Jesus. — *As turbas seguem a Jesus por toda a parte, ansiosas de o ouvir, tão constantes em o seguir que já nem de comer se lembram, pois nas suas palavras divinas tinham o melhor sustento. — Os apóstolos, cheios de caridade para com aquelle povo, avisam o Senhor para que o despeça afim de procurar pelas aldeias o sustento. — Jesus, cheio de misericórdia para com aquelle povo, que o escutou com tanta persistencia, não o quer mais dar em jejum, mas dá ordem aos apóstolos que lhe dêem de comer.*

2. Mas o que eram duzentos denarios de pães para perto de cinco mil homens, afóra meninos e mulheres? O projecto dos apóstolos era louvavel, mas insufficiente. Então lhes diz:

3. *Quantos pães tendes? Ide, e vêde. E depois de terem qveriguado, dizem: Cinco, e dois peixes.* — Estas pãlavras deviam causar nos apóstolos alguma surpresa, pois, si duzentos denarios de pães não chegavam, muito menos os cinco pães e dois peixes. Obedeceram todavia e a pesquisa, ainda que os não tirou do

1) Matth. XIV, 15.

embaraço, servia para mostrar ao povo o desejo que Jesus tinha de o alimentar. André, irmão de Pedro, como traz S. João, foi quem os encontrou: *Ha aqui um moço, diz, que tem cinco pães e dois peixes* 1). E accrescentou logo: *Mas que é isto para tantos?* Tudo eram dificuldades para os apóstolos cumprirem a ordem que lhes deu Jesus de dar de comer a toda aquella gente. O problema parecia-lhes insolúvel. Mas deviam pensar que tudo isto estava annunciando alguma das maravilhas de Jesus, como succedeu.

2. O milagre

1. *E ordenou-lhes que fizessem a todos sentar-se, por turmas, sobre a verde relva. E sentaram-se por grupos de cem e cincoenta* 2). Ia começar a refeição com os cinco pães e dois peixes. Já não duvidam os discipulos que Jesus vae operar um grande milagre, e executam a ordem com a maxima promptidão. Para o serviço deste grande banquete ser feito com maior presteza, mandou dispôr os cinco mil homens em ordem, por grupos de cem e cincoenta. Foi por isto que os discipulos puderam contar facilmente os que tomaram parte neste milagre. Mandou-os sentar sobre a verde relva, porque havia de ser demorado o banquete, até estarem todos saciados. E quando viu tudo em ordem:

2. *Tomando os cinco pães e os dois peixes, levantando os olhos ao céu, benzeu e partiu os pães, e deu-os a seus discipulos, para que os distribuíssem por elles; e dividiu os dois peixes por todos. E todos comeram e ficaram saciados.* — Aqui se vê a grande Providencia que Deus tem dos que primeiro buscam o reino do céu do que os bens temporaes. Com que generosidade trata Jesus os que o seguem!

3. *E recolheram os restos, doze cestos cheios dos fragmentos e dos peixes.* — Por cinco pães e dois peixes recolhem doze cestos: fructo da generosidade em dar o pouco que tinham.

1) Jo. VI, 8-9.

2) Marc. VII, 40.

3. — Consequentes do milagre

1. *Ora, aquelles homens, como vissem o milagre que Jesus fizera, diziam: Este é verdadeiramente o propheta que devia vir ao mundo 1).* — Este banquete não só lhes fortificou o corpo, mas também as almas, pois sahiram delle mais firmes na fé no Messias.

2. *Mas Jesus, sabendo que viriam e o levariam para o fazer rei, fugiu, só, de novo, para o monte.* — Aquelle povo, não sabendo como testemunhar a Jesus sua gratidão, resolveu ir ter com Jesus, levá-lo em triumpho para a cidade, e acclamá-lo rei. Mas Jesus, conhecendo seus planos, fugiu para o monte a orar. Nesta resolução mostrou o povo a falsa idéa que tinha do Messias, que não vinha a buscar honras, mas a fundar o reino da humildade. — Sigamos este exemplo do Salvador, fugindo de tudo que nos possa seduzir o coração, e levar-nos para o mundo; mas procuremos o retiro, para nelle nos darmos á oração.

CURA DA FILHA DA CANANÉA

1. — Oração da Cananéa

Eis que uma mulher cananéa, sahindo daquelle territorio, clamou, dizendo-lhe: Compadece-te de mim, Senhor, Filho de David: a minha filha é muito atormentada pelo demonio 2). — E' admiravel a fé desta pagã, que reconhece em Jesus o Filho de David, o Messias. — Admiravel a sua *humildade*, pois sendo de uma alta classe da sociedade, não hesita em prostrar-se por terra aos pés de Jesus. — Admiravel sua *caridade*, pois identifica-se com sua filha e não invoca, para ser ouvida, sinão a sua propria dôr pelo mal da filha. — E' assim que nós oramos? Porque faltam estas qualidades em nossas orações, não somos ouvidos. E' necessario clamar, prostrar-nos por terra, humilhar-nos diante de Deus. E' necessario este ardor, esta

1) Jo. VI, 14-15.

2) Math. XV, 22.

insistencia, este sahir da occupações da vida — *egressa e finibus illis* — e ir ao encontro de Jesus, e aproveitar a graça que nos offerece. Contenta-se com expôr sua dôr, sem nada pedir. Crê que Jesus, como Omnipotente, pôde; e, como misericordioso, quêr.

2. Primeira prova da fé da Cananéa

1. *Mas elle não lhe disse uma palavra* — até que, diz Euthymio, *toda a fé da mulher, modestia e prudencia, se manifestasse.* 1) — Si Deus nos differe o que pedimos, é para dar-nos occasião de exercitar virtudes. Por isso não devemos affrouxar em pedir, mas insistir.

2. *E, chegando-se, os seus discipulos lhe pediam, dizendo: Despacha-a, porque vem gritando atraz de nós.* — A Syrophenicia não desanima; segue a comitiva, repete sua oração e pede aos apóstolos que intercedam por ella. Elles, importunados com os clamores da mulher, rogam ao Senhor que a despache. Por que? para que socorra o pobre infeliz? Para que Deus seja glorificado por um milagre?... Não, mas porque vem clamando atraz delles. Quantas vezes oramos para nos livrar do que nos molesta, e não para glorificar a Deus!

3. *Elle, porém, respondendo, disse: Não fui enviado sinão ás ovelhas que pereceram da casa de Israel.* — “Pobre mãe, ouviste o que disse Jesus? Que esperança te pôde restar ainda? Retira-te, vae chorar a tua sorte e a de tua filha!” — Ah! não seria preciso tanto para tomarmos este partido: mas a Cananéa não pensa assim. “Ausentar-me sem obter a cura de minha filha, sabendo eu que o Senhor a pôde curar?... Nunca!” — Si desejassemos devéras a cura de nossos males, não sahiríamos dos pés de Jesus sem obtermos o despacho de nossas supplicas. Sem perseverança nada se

1) *Donec omnis femina fides, modestia, ac prudentia manifestaretur.*

obtem. E a mim me concederá mais depressa o que peço, pois sou *das ovelhas que pereceram da casa de Israel*. — *Erravi tamquam ovis, quae periit* 1).

3. Segunda prova da fé da Cananéa

1. *E ella veiu e o adorou, dizendo: Senhor, valei-me*. — Longe de se ausentar, ao vêr-se excluída de participar do poder de Jesus, segue os apóstolos e entra na casa onde Jesus se refugiou, e, lançando-se a seus pés, não sahirá dali até obter o que deseja.

2. *E Jesus respondeu-lhe: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães*. — O pão dos filhos é a graça dos milagres, promettida aos Judeus e negada aos pagãos, que os Judeus, na linguagem ordinaria, chamavam *cães*. A resposta de Jesus era dura sobretudo para uma pessoa honrada, como a Cananéa, e para uma pobre mãe já tão attribulada pelo mal da filha. Mas o desejo da sua cura deu-lhe força para vencer a prova, e acceitou resignada a humilhante comparação e até aproveitou prudentemente para uma nova instancia.

3. *Porém ella replicou: Assim é, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus donos*. — Quanta humildade nestas palavras! Quanta paciencia, constancia, fé, prudencia! Aprenderei a exercitar as mesmas virtudes nas palavras duras que me dizem, tendo-me na conta do que ellas affirmam, ouvindo sem murmurar nem retorquir.

4. *Então Jesus lhe disse: O' mulher, como tua fé é grande!* — Jesus, vencido pela constancia e humildade da Syrophenicia, trata-a já como *mulher*. Humilhou-se, é exaltada! 2). — *E' grande a tua fé*: passa as outras virtudes em silencio e louva sómente a fé, que chama *grande*, e da qual as outras brotaram.

1) Ps. 118.

2) Tu te cognovisti canem, ego jam te agnosco hominam (S. Ag. serm. 61 de temp.).

5. *Faça-se contigo como queres. E ficou sã sua filha desde aquella hora.* — Eis quanto pôde a oração humilde, fervorosa, perseverante! O poder de Deus cede á vontade de uma pagã e abre-se uma excepção áquella — *não fui enviado sinão ás ovelhas que pereceram da casa d'Israel.*

CURA DE UM SURDO-MUDO

1. O surdo-mudo

E trouxeram-lhe um surdo e mudo e rogavam-lhe que puzesse a mão sobre elle 1). — Estado deste infeliz era para inspirar compaixão, como de facto inspirou áquelles que o levaram a Jesus. *Surdo* — não ouvia os grandes milagres que se contavam do Messias; *mudo* — não podia implorar a cura das duas enfermidades que padecia. — E eu não soffrerei das mesmas enfermidades?... Não me mostro *surdo* a tudo que diz respeito á minha salvação? — aos conselhos dos que se empenham pela minha cura? — ás inspirações que Deus me dá para me desviar do peccado? — á voz da consciencia, que me está reprehendendo de minhas faltas?... Não sou *mudo*, quando é tempo de orar?... quando devo confessar os meus peccados?... quando se offerece occasião de falar de Deus, de aconselhar a pratica das boas obras, de agradecer os beneficios divinos, de ensinar aos rudes a doutrina christã? — Pedirei a Jesus que me sare desta surdez e mudez espiritual, muito mais perigosa que a corporal.

2. Preparativos do milagre

1. *Então Jesus, tirando-o dentre o povo, a parte, metteu-lhe os dedos nos ouvidos, e tocou-lhe com saliva a lingua, e levantando os olhos ao céu, deu um suspiro e disse: Ephpheta, que quer dizer: abre-te.* — Para curar a surdez e mudez espiritual o remédio é

1) Marc. VI, 31.

afastar-se do ruído do mundo, e entrar dentro de si pela humilde consideração da própria baixeza. E' na solidão que se ouve a voz de Deus!

2. *E metteu-lhe os dedos nos ouvidos*, — para os fechar á vaidade, ao ruído do mundo, ao clamor das paixões.

3. *E cuspiu, tocou com a saliva a lingua delle*. — Pela saliva se designa a graça, que depois havia de reger a lingua do mudo no uso quotidiano da fala. No Cantico dos Canticos lê-se que a bocca do Salvador destilla leite e mel, para significar que sua conversação é cheia de suavidade. Assim é de crer que esta suavidade se pregaria á lingua do mudo, humedecida com a saliva do Salvador.

4. *E levantando os olhos ao céu, deu um suspiro*. Outro remedio para curar a surdez e mudez espiritual é a meditação das coisas celestes, afastando os olhos das terrenas.

5. *E suspirou*. — Este suspiro foi provocado mais pelos que estavam representados no surdo, do que pelo mesmo surdo. Ah! quantas almas surdas ás minhas inspirações, que nem hão de pedir a cura, nem se hão de deixar levar a quem os cure!... E' que já não *suspiram* pelos bens celestes!... Examina como estás desapegado do mundo, como guardas as portas dos sentidos, como governas a lingua, como meditas nos bens celestes e como suspiras por elles.

3. Cura do surdo-mudo

1. *E disse-lhe: Ephpheta, que é o mesmo que: abre-te. E no mesmo instante se lhe abriram os ouvidos e soltou a lingua, e falava expeditamente*. — A palavra do Salvador produz immediatamente seu effeito. Nem podia deixar de ser, pois era o Senhor da criação que fala e a quem tudo obedece.

2. *E falava expeditamente*. — Certamente que as primeiras palavras seriam de agradecimento ao seu divino Bemfeitor. Oh! si conosco succedesse o mesmo! Si ao sairmos do confessorio, de um ser-

mão, de uma pratica, de uma visita ao Santissimo, a nossa lingua falasse a linguagem dos Santos, da virtude, e não da frivolidade, da critica, da maledicencia, da murmuração!...

3. *E mandou-lhes que não dissessem a ninguem.* — Jesus, alheio a toda a jactancia e louvor, e eu não só desejando que se fale de mim, e se conheçam minhas acções, mas até sendo eu o primeiro a falar dellas!

4. *Mas quanto mais lhes prohibia, tanto mais apregoavam seus milagres.* — E' louvor do bemfeitor o querer occultar-se, mas é dever de gratidão estimar e apregoar o beneficio. E quantos tenho recebido que não agradeço nem apregão?...

5. *Dizendo: Fez tudo bem.* Oh! si tal se pudesse dizer de mim!... Quanta consolação para minha alma!... quanta paz para minha consciencia!...

SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PAES

1. Compaixão de Jesus

Naquelles dias, como fosse grande a multidão e não tivesse que comer, chamou Jesus seus discipulos, e disse-lhes: Compadeço-me desta gente, porque ha já tres dias que persevera commigo, e não tem que comer. E si os despeço em jejum para suas casas, morrerão no caminho; pois muitos delles vieram de longe. 1) — Depois que Jesus voltou de Tyro, demorou-se nas margens do lago de Genezareth, aonde acudiu a multidão com muitos doentes. No fim do terceiro dia chamou seus discipulos e fez-lhes ver o estado em que se encontrava o povo. As provisões tinham acabado e alguns eram de longe. Assim é: Jesus sabe tudo que nos succede, vê tudo que nos prova e afflige. Elle conhece muito bem o tempo que o servimos, os sacrificios que fazemos para estar junto d'elle, as tentações a que temos resistido, as provações que temos superado. Não é assim o mundo, que fica indifferente aos

1) Marc., VIII, 1.

serviços que lhe prestamos. *Compadeço-me da multidão.* — Na primeira multiplicação dos pães foram os apóstolos que expuzeram a Jesus a necessidade do povo. Desta vez é Jesus que se mostra compadecido da multidão. Moveu-o a esta compaixão o fervor com que o povo o seguia, vindo de longe para ouvi-lo; — a *constancia*, com que perseverava em ouvi-lo desde ha tres dias; — a *paciencia*, com que supporta a fome sem se queixar. E eu quão depressa me canso de estar em sua presença, de ouvir sua palavra!...

E si os despeço em jejum para suas casas, morrerão no caminho. — Si Jesus pensa em despedir o povo não é por fugir ao trabalho e por sentir cansaço, mas pela compaixão profunda que lhe inspira. Elle o está vendo cahir de fraqueza ao longo do caminho, si lhe não restaura as forças antes de o despedir. — Assim vela Deus pelos que o servem.

2. Bondade de Jesus

E responderam-lhe seus discipulos: Como encontrar, neste deserto, bastante pão para sustentar todo este povo? — Admiremos como Jesus, que é a sabedoria increada, toma conselho com seus apóstolos sobre o modo de soccorrer o povo faminto. Seria para lhes suggerir um milagre analogo ao que já fizera com identica circumstancia. Mas elles já não se lembram disso e apenas expõem a impossibilidade de remediar o povo naquella solidão. *Quis poterit*, diziam, *Quem os pode sustentar com pães nesta solidão?* E não se lembraram que tinham entre si quem o podia fazer!

E perguntou-lhes: Quantos pães tendes? E responderam: Sete. — A mesma pobreza de sempre!... Jesus sabia tudo, mas quiz com a pergunta mostrar sua solicitude e suggerir-lhes a possibilidade de um novo milagre.

3. O milagre

E mandou á multidão recostar-se sobre a terra. E, tomando os sete pães, dando graças a Deus, partiu-os, e dava-os a seus discipulos, para que os distribuis-

sem pelo povo. E tinham tambem alguns peixinhos, e benzeu-os, e mandou distribui-los. — Quanta confiança na divina Providencia e misericordia devia despertar em todos este grande poder de Deus, que com tão poucos pães sustentava tanta gente! — Prodigio semelhante se opera diante de nossos olhos todos os annos nas producções da terra, para sustento dos homens. De poucos grãos, que se lançam á terra, sae uma grande seara; as plantas renovam-se, os animaes reproduzem-se: prodigio que devia dar-nos a mais alta idéa do poder de Deus. Mas olhando só o interesse material, não reconhecemos a mão poderosa que nos sustenta!

E comeram e ficaram satisfeitos, e levaram o que ficou dos fragmentos, sete alcofas. Eram, portanto, os que comeram, quasi quatro mil homens, e despediu-os. — Assim, a verdadeira confiança não confunde nunca o que confia. Em todo este milagre Jesus nos ensina o modo que se deve ter em dar. Elle dá *religiosamente*, pois ora antes de operar milagre; dá *respeitosamente*, mandando assentar-se o povo; dá *ordenadamente*, mandando aos discipulos distribuir a cada um quanto queira; dá *economicamente*, mandando recolher os restos, para que nada se perca.

CURA DO CEGO DE BETHSAIDA

1. A apresentação do cego

1. *E tendo chegado a Bethsaida, levam a Jesus um cego, e pediam-lhe que o tocasse.* 1) — Feliz cego, que teve quem o conduzisse a Jesus e pedisse por elle! Ainda que estava em melhores condições que o surdo mudo, pois podia ouvir falar do poder e bondade de Jesus, comtudo não podia ir ter com elle, si pessoas caridosas o não levassem. — Triste condição a do cego espiritual, si não tem quem o leve a Jesus com bons conselhos e avisos, e rogue a Deus por elle! Mas os que pertencem á Igreja têm a seu favor a communi-

1) *Marco*. VIII, 22.

cação dos Santos, cujas orações e merecimentos obtêm de Deus a cura de muitos cegos e enfermos no espirito.

2. *E Jesus, tomando a mão do cego, o levou para fóra do povoado.* — Jesus imita a caridade do povo, e faz-se também guia do cego. Feliz da alma que se deixa guiar por Jesus; breve recuperará a vista e pôr-se-á no caminho da salvação!

3. *E levou-o para fóra do povoado.* — Por que não cura Jesus o cego no lugar em que lh'o apresentam? Bethsaida era um lugar em que o Senhor fizera muitos milagres, e comtudo seus moradores eram incredulos. Por isso são vituperados por Christo por não corresponderem á graça: *Vae tibi Corozain, vae tibi Bethsaida!* Ai de ti, Corozain! Ai de ti, Bethsaida! — Para obter a cura da cegueira espiritual é necessario cooperar com a graça, que nunca falta. O mesmo se diga de todas as outras doenças da alma. Leva-o para fóra do povoado, porque é longe do mundo que se obtem a luz das verdade eternas.

2. O milagre

1. *E humedecendo-lhe os olhos com saliva, impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe si via alguma coisa.* — O divino Mestre serve-se de sua saliva como collyrio para curar a cegueira do infeliz que lhe apresentaram. Os antigos attribuiam a este liquido uma virtude medicinal para a cura da vista. Assim nos ensina o Salvador a empregar os meios humanos para a cura das enfermidades. — Ha certas praticas, na vida espiritual, que nos parecem de somenos importancia; mas si as cumprimos com fidelidade, como fizeram os Santos, seremos esclarecidos e mereceremos por ellas maiores graças.

3. *E perguntou-lhe si via alguma coisa.* — Ordinariamente Jesus curava os enfermos de uma vez: com este, como também com o surdo-mudo, procedeu por operações successivas. Muitos interpretes dizem que foi por encontrar neste cego a fé pouco viva. Mas neste

processo demorado nos quiz mostrar como a cura espiritual das almas se opera progressivamente, á medida dos meios e esforços empregados em corresponder á graça.

4. *E, olhando, disse: Vejo os homens caminhando, como arvores.* — Jesus quiz que o cego declarasse até que ponto via, para que comprehendesse quanto já tinha recebido, e quanto lhe faltava para ver claramente, afim de que o reconhecimento animasse sua fé e se tornasse digno de uma cura completa. Examinemos si a nossa vista no mundo espiritual é clara, ou si ainda as coisas humanas e terrenas nos apparecem maiores que as celestes e divinas.

3. Cura radical

1. *Depois, impôz de novo as mãos sobre os olhos delle, e começou a vêr, e foi-lhe restituída a vista, de maneira que via claramente tudo.* — Crescendo a fé do cego, acompanhada de fervente oração, Jesus completou a cura, restituindo-lhe de todo a vista. Assim nós, cooperando com a graça divina, receberemos maior luz das verdades da fé, em que sempre podemos crescer. Quanto maior fôr esta luz, mais progrediremos na virtude.

2. *E mandou-o para sua casa, dizendo: Vae para tua casa.* — Manda-o para casa para evitar a manifestação do povo ao vê-lo com vista. Manda-o para casa para empregar o uso da vista em bem da familia e não para gozar do mundo.

3. *Si entrares na cidade, não digas nada a ninguém.* — Deus não nos prohibe entrar no mundo e tratar com os homens, quando os deveres sociaes e o zelo das almas nos obriguem a isso: fóra destes casos vivamos em casa comnosco e com Deus. — *Não digas nada a ninguém:* ainda que o não dissesse, todos veriam o milagre. Jesus talvez se referisse nesta ordem ao modo como operou a cura do cego. Mas tambem este se soube para a gloria de Deus. — Si mu-

damos de vida, si operamos grandes transformações nas almas, deixemos que o facto se revele por si mesmo, e não sejamos os primeiros a apregoar os nossos triumphos.

CURA DE UM MENINO LUNATICO

1. Oração do pae do lunatico

E vindo para o povo, aproximou-se de Jesus um homem, prostrando-se de joelhos diante d'elle, dizendo: Senhor, compadece-te de meu filho, porque é lunatico, e padece muito: pois muitas vezes cæe no fogo, e frequentemente na agua. 1) — Esta scena passa-se no sopé do monte Thabor, na manhã seguinte á Transfiguração. A oração do pae é das mais tocantes, já pela dôr que revela, já pela postura reverente e humilde com que é feita.

Lunaticos eram doentes sobre cujo estado a lua parecia ter grande influencia: eram sobretudo os epilepticos. A epilepsia é uma doença terrivel e a pintura que della faz o Evangelho não é exaggerada. A este mal juntava-se outro, o estar o menino possuido do demonio surdo e mudo. 2) E' facil pois de comprehender a immensa dôr do pae em vêr seu filho em taes circumstancias. — Mas neste lunatico não estará representado o homem dominado por suas paixões?... Tambem elle cæe a cada passo *no fogo* do amor proprio, da ira e da concupiscencia; tambem elle cæe frequentemente *na agua* do lago de seus vicios e desejos depravados! Tambem elle é *mudo* em orar e pedir a Deus perdão, e *surdo* em ouvir a voz da graça, os remorsos da consciencia. Tambem elle é *lançado a terra*, a que vive apegado e da qual não se quer levantar para procurar os bens celestes!...

E apresentei-o a teus discipulos, e não o puderam curar. — Os discipulos tentaram curar o infeliz lunatico, mas nada conseguiram por causa de sua pouca

1) Math. XVIII, 14.

2) Marc. IX, 18.

fé! Vendo elles o possesso e a violencia de seus ataques, começaram a desconfiar de o poder curar, e a desconfiança não faz milagres. Concorria para esta confiança a presença dos Escribas, com quem acabavam de disputar. — Quantas vezes não se opera a cura de nossas faltas, porque nos desalentamos com a vista das difficuldades, com a frequencia das quedas, com a violencia das tentações?!...

2. Resposta de Jesus

1. *Jesus, respondendo, disse: O' geração incrédula e perversa, até quando estarei comvosco? Até quando vos soffrerei? Trazei-me cá o doente.* — Geração *incrédula*, porque, depois de tantos milagres, ainda não crê que Jesus é o Filho de Deus; e *perversa*, porque por seus peccados obstou a que os discipulos curassem o lunatico. *Até quando estarei comvosco*, que sois contra mim? *Até quando vos soffrerei*, isto é, já me causa tedio viver entre vós, que não sahis de vossa incredulidade! A apóstrophe do Salvador denota a grande offensa que faz a Deus quem não crê na sua palavra. — Oxalá que Jesus não tenha razão de se indignar contra mim como contra os judeus, pois, tendo-me concedido tantos beneficios, ainda me não rendi inteiramente ao seu amor.

2. *Trazei-m'o cá.* — O rigor das palavras precedentes mitiga-o com a brandura destas; no que nos ensina a não despedir sem consolação aquelle que recebeu a reprehensão.

3. *E levaram-no. E como o visse, logo o demonio o perturbou; e, lançado á terra, revolvía-se, espumando.* — Jesus permite que em sua presença o demonio atormente o joven tão fortemente, afim de que não descoroçoemos, quando precisamente ao pé do altar e no acto santissimo da communhão nossa alma se vê terrivelmente tentada. Quando nos virmos em tão aguda crise, não temamos: Jesus está conosco.

4. *E perguntou ao pae delle: Ha quanto tempo acontece isto? E elle disse: Desde a infancia.* — Jesus

sabe tudo; mas fez esta pergunta por causa dos assistentes, afim de os ir dispondo para receber o milagre. Esta pergunta revela o interesse que Jesus tem pelo joven doente; com ella quer tambem captivar a benevolencia do pae e despertar nelle mais firme esperanza de que seu filho será curado.

5. *Jesus disse-lhe: Si podes crêr, tudo é possível ao crente.* — Não se pôde fazer elogio maior da fé. Tudo é possível a quem a possui. Animado com esta promessa, o pae do lunatico creu obter a cura de seu filho, fazendo um acto de fé acompanhado de profunda humildade.

6. *E immediatamente, exclamando com lagrimas, o pae do menino dizia: Creio, Senhor, ajudae a minha incredulidade.* — Nestas palavras o pae mostrou temor de não poder chegar áquelle gráu de fé preciso para obter a cura de seu filho e por isso pediu a Jesus que supprisse o que lhe faltava. O que elle chama *incredulidade* é o mesmo que insufficiencia na fé. — *Faze o que podes*, diz S. Agostinho, *e pede o que não podes fazer.*

3. Cura do lunatico

1. *E como visse Jesus a multidão que se vinha aproximando, intimou ao espirito immundo, dizendo-lhe: Espirito surdo e mudo, eu te mando: sae delle, e não entres mais.* — Esta é a intenção de Deus, que, sendo o peccado expulso da alma pela graça, não volte a entrar nella, assim como o demonio não voltou a entrar no joven lunatico.

2. *E clamando, e atormentando-o muito, sahio delle, e ficou como morto, de modo que muitos diziam: Está morto.* — Para eliminar todas as paixões, é necessario que te consideres como morto pela continua mortificação.

3. *Jesus, porém, tomando a mão delle, o levantou, e elle ergueu-se.* — Oh! poder de Jesus! Oh! premio da fé e da humildade! Que gloria para Jesus! Que alegria para o pae crente! Que confusão para os escribas incredulos!

CURA DA MULHER ENCURVADA

1. — Jesus vê-a e chama-a

Um sabbado, estava Jesus ensinando na Synagoga. Estava ali uma mulher que padecia uma enfermidade havia dezoito annos: e andava curvada, nem podia olhar para cima. 1) — Triste condição a desta mulher! A deformação da columna vertebral não era menos humilhante que dolorosa! Mas contrastando com esta enfermidade corporal, muito mais humilhante e triste é a espiritual, causada pelo peccado, que inclina as almas para a terra, conforme o que diz o psalmo de David: *Oculos suos statuerunt declinare in terram* (Ps. 16.) Todos os seus affectos estão na terra e della não levantam os olhos para o céu. Oh! estado infeliz! E quantos vivem assim, não dezoito annos, mas toda a vida! Sem ter um pensamento elevado, sem se arrancar do lôdo vil do peccado e das paixões a que vivem escravizados?!

Vendo-a Jesus, chamou-a para junto de si. — A pobre enferma não podia ver o Salvador, mas tinha a consolação de o ouvir, e suas palavras recreavam sua alma como gotas de orvalho refrigerante.

Viu-a Jesus, porque nada escapa a seus olhares de misericordia, que de preferencia se dirigem para os mais infelizes. Este olhar de bondade foi attrahido sem duvida pela devoção da infeliz, que apesar de sua enfermidade não se dava por dispensada de assistir á instrucção religiosa dada na Synagoga. De quanto bem se privaria, si não cumprisse este dever religioso?

E chamou-a para o pé de si. — Que doce alegria ao ouvir a voz de Jesus que a chamava! Para que será? perguntaria ella. E o coração adivinhava-lhe que Jesus lhe queria fazer algum beneficio, por isso com promptidão obedeceu a ordem tão doce. Não se acovarda em apparecer em tão triste estado no meio da assembléa. — Este chamamento repete-o ainda hoje

1) Luc. VIII. 10.

ás almas enfermas, mas poucas o ouvem! Por isso vivem e morrem em suas enfermidades, em seus peccados, em seus maus habitos!...

2. A mulher é curada

Mulher, estás livre de tua enfermidade. — Eis o premio de sua obediencia em se apresentar a Jesus, em ouvir seu chamamento, em seguir seu conselho! Jesus curou-a sem que ella lh'o pedisse. E' que seu estado humilhante e triste, e a resignação com que o soffria sem se queixar, foi como uma ardente oração, que moveu Jesus a curá-la.

E impoz-lhe as mãos. Este gesto é ao mesmo tempo um signal de autoridade e de benção. Com que sentimento de humildade e devoção a pobre mulher se conservou sob as mãos do Salvador, que a estavam cumulando de benções!...

E logo se endireitou, e dava gloria a Deus. — Mal Jesus pronunciou as palavra e lhe impoz as mãos, operou-se o milagre, a pobre corcovada endireitou-se e pôde ver então o seu bemfeitor. A sua primeira acção foi dar graças a Deus por um beneficio, que ella talvez nunca esperou receber.

3. Indignação do chefe da Synagoga

O archisynagogo, indignando-se porque Jesus curava ao sabbado, dizia ao povo: Seis são os dias em que é licito curar; vinde, pois, nestes e curae-vos, e não ao sabbado. — Com este ar imperioso se dirige ao povo o chefe da Synagoga, indignado pela pretendida transgressão da lei de Deus em curar ao sabbado. Estranha advertencia! Nem os assistentes, nem a enferma pediram este milagre: só Jesus é o culpado! Mas o chefe da synagoga não ousa interpellá-lo directamente, com receio de ouvir alguma das respostas esmagadoras com que Jesus tantas vezes confundia os phariseus. Mas de nada lhe serviu a precaução: Jesus dirigiu-se ao grupo que partilhava dos mesmos sentimentos do

chefe da Synagoga: *Hypocritas, não desata cada um de vós o boi da mangedoura ao sabbado, ou o jumento, e o leva a beber? E esta filha de Abrahão, a qual ligou Satanaz ha já dezoito annos, não foi conveniente ser desatada desta prisão ao sabbado?* — Comparação sensível para o povo, mas humilhante para os phariseus orgulhosos. Ao ouvi-la, ficaram sem resposta. O falso zelo é cheio de dureza para com os infelizes.

E dizendo elle estas coisas, se envergonhavam todos os seus adversarios. — Triunpho de Jesus! Humilhação de seus inimigos! — Triste sorte a dos hypocritas e injustos censores! nunca são triumphantes de suas censuras e hypocrisias! . . .

Mas todo o povo se alegrava pelas maravilhas que o Salvador operava tão gloriosamente. — Com a indignação dos phariseus augmenta a alegria do povo. Deus permite muitas vezes que a calumnia redunde em gloria do que é calumniado.

CURA DO CEGO DE NASCENÇA

1. Precedentes do milagre

1. *E passando, Jesus viu um homem cego de nascença. E perguntaram-lhe os discipulos: Mestre, quem peccou, este, ou seus paes, para que nascesse cego?* 1) — Esta pergunta dos discipulos revela dois erros da escola pharisaica: que as doenças são castigo de algum peccado enorme do affligido ou dos seus parentes; e que Deus castiga de antemão os peccados ainda não commettidos. Ainda que todos os males têm sua origem no peccado original, seria um erro suppôr que as afflicções são sempre castigo de peccados actuaes. Si assim fosse, Maria Santissima seria a mais culpada das mães. Mas Jesus refutou-lhes logo estes erros.

2. *Respondeu Jesus: Nem este peccou, nem seus paes; mas foi para que se manifestem nelle as obras*

1) Jo. IX. 1.

de Deus. — Não quer Deus a enfermidade; permitte-a para sua gloria e nossa salvação. A quantos não tem salvado a enfermidade! Quantos merecimentos nella se ganham pela paciencia e resignação!

3. *Importa que eu faça as obras daquelle que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguem pôde operar.* — Jesus falava do milagre que ia em breve operar, e de sua morte proxima. Façamos o bem, pratiquemos boas obras enquanto vivemos. A noite da morte aproxima-se! Que desejaríamos ter feito então?...

4. *Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.* — E ia sê-lo agora, dando a luz dos olhos ao pobre cego. Estas palavras tinha-as dito já no templo, mas agora repete-as em favor do cego, infundindo-lhe a esperança de cobrar a vista.

2. Operação do milagre

1. *Dizendo isto, cuspiu na terra e com a saliva fez lodo, e com o lodo untou os olhos do cego.* — Todo este processo parece contrario ao fim que intenta. Mas Jesus quer provar a obediencia e fé do cego.

O lodo, nos olhos dos que vêem, cega: como pois dá a vista ao cego? E' que Deus sabe por meios oppositos produzir maravilhas: assim, pelas tentações, confirma; pela aridez, illumina; pela humildade, exalta. O que nos parece um obstaculo, elle sabe convertê-lo em nosso bem: submettamos-lhe o nosso juizo e confiemos-nos á sua providencia.

2. *E lhe disse: Vae, lava-te no tanque de Siloé, que quer dizer enviado.* — Era em virtude do Messias, o Enviado de Deus, que estes banhos curavam a cegueira. Nelles estão figurados o Baptismo e a Penitencia: no primeiro nos curamos da cegueira do peccado original; no segundo, dos peccados actuaes.

3. *Foi elle, pois, lavou-se, e voltou vendo.* — Admiravel fructo da obediencia! Si não obedecesse á voz de Jesus, como Naaman á de Eliseu, não teria alcançado a vista. Jesus quiz que a cura do cego fosse fru-

cto da obediencia. Quiz tambem não ser applaudido por este milagre. Por isso, enquanto o cego se fol lavar, Jesus retirou-se.

3. Inquirição do milagre

1. *De maneira que os vizinhos e os que o tinham visto antes pedir esmola diziam: Não é este o que estava sentado e pedia esmola? Uns diziam: E' este. Outros, porém: Não é, mas um parecido com elle.* — Ao ouvir este discursos tão injuriosos a seu bemfeitor, o cego inflammou-se, e, cheio de zelo da gloria de Deus, apresentou-se diante destes incredulos, confessando ser elle e não outro o que Jesus curára. Quando uma alma, illuminada pela graça, se volta para Deus, não faltará quem duvide de sua conversão. Então, não temer! Proseguir avante e confessar com a vida santa o milagre da graça.

2. *Perguntavam-lhe, pois: Como é que te foram abertos os olhos? Respondeu: Aquelle homem, que se chama Jesus, fez lôdo e untou com elle os meus olhos, e me disse: Vae ao tanque de Siloé e lava-te. E fui, e lavei-me, e vejo.* — A simplicidade com que o cego narra a sua cura basta para convencer o mais incredulo. O modo como descreve o milagre revela o desejo ardente de tornar a encontrar o seu autor. — Não temamos contar o que nos separou do mundo e de suas vaidades. Felizes si pudermos convencer outros a procurar a mesma graça! Sejam sempre reconhecidos para com Deus!

3. *E elles lhe disseram: Onde está elle? Respondeu: Não sei.* — Esta ignorancia seria para elle uma grande dôr; pois, sem duvida, se iria lançar a seus pés para o adorar! Si os phariseus perguntaram onde estava Jesus, não era certamente para o glorificar, mas para o perseguir. — Eu sei onde elle está, está muito perto, posso adorá-lo, posso ir dar-lhe os agradecimentos por tantos beneficios que me tem feito... e faço-o?...

CURA DO CEGO DE NASCENÇA

(Continuação)

1. O cego diante dos phariseus

1. *Então levaram aos phariseus aquelle que tinha sido cego. Ora, era sabbado quando Jesus fez o lôdo e lhe abriu os olhos. Perguntavam-lhe, pois, de novo os phariseus como vira. E elle lhes respondeu: Pôz-me lôdo nos olhos, lavei-os e vejo.* — Tres classes de pessoas entram neste interrogatorio: os conhecidos do cego curado, os phariseus e o miraculado. Os primeiros, incredulos, levam o caso aos phariseus, para que resolvam o que se deve pensar deste facto. Os phariseus interessam-se no caso para ver si encontram motivo de accusar a Jesus. O miraculado, de posse da verdade, responde com firmeza, confessa o milagre, glorifica a Deus.

2. *Então diziam alguns phariseus: Este homem não é Deus, porquanto não guarda o sabbado. Outros, porém, diziam: Como pôde um homem fazer estes milagres? E havia divergencia entre elles.* — Ambos os pareceres admittiam o facto milagroso; mas nenhum que Jesus fosse o Enviado de Deus. A solução não os honrou, e mais uma vez se confessaram impios e incredulos!...

3. *Perguntaram, pois, outra vez ao cego: Tu, que dizes d'Aquelle que te abriu os olhos? E elle respondeu: Eu digo que é um propheta.* — Confissão sincera, franca, resoluta. Não teme ir contra o parecer erroneo daquelles doutores da Synagoga. Torna-se até mestre delles que se abatem a inquirir o seu parecer. Uma palavra que elle dissesse, equivocada ou desvantajosa para Jesus, lhes bastava. Mas, quem está senhor da verdade não hesita em confessar: *E' um propheta.*

2. São interrogados os paes do cego

1. Os doutores não esperavam uma tão sabia resposta e, para sahirem airosoamente do embaraço, põem duvidas sobre a cegueira de nascença do mendigo, e consultam seus paes.

2. *E' este, dizem, o vosso filho, do qual dizeis que nasceu cego, e vê agora? Os paes responderam: Sabemos que é nosso filho, e que nasceu cego. Como é que alcançou a vista, interrogae-o vós, pois já tem idade para se explicar.* — Todos confessam a verdade e se põem do lado do autor do milagre e do miraculado. Comprovado o facto, os phariseus passam para o campo da legalidade. Chamam o mendigo e dizem-lhe:

3. *Dá gloria a Deus: Sabemos que Jesus é peccador, desde o momento que não guarda o preceito do sabbado.* — O miraculado, indignando-se, por vêr ultrajado o seu Bemfeitor, não se conteve e disse, com certa ironia: Si elle é peccador, não sei; o que sei é que estava cego e agora vejo. — Não se dão por vencidos os phariseus; mas, na esperança de o surprender em alguma contradicção, perguntam: *Que fez Jesus, para te abrir os olhos? O mendigo diz-lhes: Já vo-lo disse, e ouvistes; para que quereis ouvir outra vez? Acaso tambem vós quereis ser seus discipulos?* — Feridos no seu orgulho, os phariseus explodem em colera e maldições: *Sê tu seu discipulo; nós, porém, somos discipulos de Moysés. Sabemos que Deus falou a Moysés, mas este não sabemos donde é.* — Aqui o nosso confessor de Jesus Christo sentiu-se reanimar e deixou falar seu zelo.

4. *Por certo que é coisa admiravel que não saibas donde elle é, e que me abraisse os olhos! Entretanto, sabemos que Deus não ouve os peccadores; mas si alguém lhe rende culto e faz sua vontade, a este attende Deus. Desde que ha mundo, nunca se ouviu dizer que alguém abraisse os olhos a um cego de nascença. Si este não fosse de Deus, não podia fazer coisa alguma.* — Não se pôde negar que neste cego se cumpriu a palavra que Jesus disse aos apóstolos, que quando fossem citados perante os juizes, o Espirito Santo lhes suggeriria o que deviam dizer. A uma confissão tão clara responderam os soberbos phariseus:

2. Vingança dos phariseus

1. *Tu nasceste em peccado, todo inteiro, e nos ensinas? E lançaram-n'o do templo.* — Nunca se viram tão humilhados os phariseus, refutados por um mendigo. Endurecidos, lançaram-n'o do templo como excomungado. Assim trata o mundo impio aos crentes. Os discolos não querem trato com os virtuosos, porque não concordam com o seu parecer e leviandades.

2. Jesus ouviu dizer que o tinham lançado fóra e, encontrando-o, disse-lhe: *Crês no Filho de Deus? Respondeu elle e disse: Quem é elle, Senhor, para que creia nelle? E Jesus lhe disse: Já o viste e é aquelle que fala contigo. E elle disse: Creio, Senhor. E de joelhos o adorou.* — Ao beneficio da vista, junta o Senhor o da fé e do conhecimento do Messias. “Logo que pelo amor de Christo foi assignalado com a nota da ignominia, logo Christo se lhe mostrou presente, diz S. Cyrillo 1); e illuminou-o interiõrmente.

CURA DO HYDROPICO

1. Jesus á mesa do phariseu

E succedeu que, entrando Jesus em casa de um dos principaes phariseus, para comer pão ao sabbado, elles o observavam. 2) — Jesus não rejeita o convite dos phariseus, ainda que lhes conheça a malicia, porque intenta ganhá-los e instrui-los. Por isso neste e semelhantes jantares não tanto procurava o bem proprio, como o alheio. Este é o meio de ganhar aquelles que nos malquerem: ir a elles e não os repellir, nem declinar os seus convites. O fim dos outros convidados era *observar* a Jesus, e notar todos os seus actos e palavras, para ter de que o accusar. Jesus não teme, pois nada observarão nelle que seja digno de reprehensão. Estou em estado de ser observado por todos?...

1) *Quia primum ignominiae nota pro Christo affectus, protinus se illi Christum presentem ostendit.* (Cyril. Alex. L., 6 in Jo. c. 10.).

2) Luc. XIV. 1.

Si pensasse que todos me estão observando, seria mais ponderado em todas as minhas palavras, e mais correcto em todos os meus actos.

2. O hydropico

1. *E eis que um certo homem hydropico estava diante delle.* — Tu, considera-te com S. Agostinho neste hydropico, pois *tens a hydropesia da concupiscencia* 1). Quanto mais lhe concedes, tanto mais ella se enfurece! Si a dominares, serás *immaculado, e serás limpo de um grande delicto.* 2)

2. *Este hydropico* apresentou-se diante do Senhor, certamente para que, ao vê-lo, o curasse. Não se atreveu a pedir-lhe nada, porque o seu estado o tornava bem digno de compaixão. Apresentemo-nos diante do Senhor com fé no seu poder, com confiança na sua misericórdia, com a humildade que nos inspira o estado deploravel da nossa alma, e elle ouvirá os desejos de nosso coração.

3. Ao vê-lo, os *phariseus*, tiveram logo o pensamento de que Jesus ia violar o sabbado com a cura deste infeliz, e estão prestes a escandalizar-se, e, por isso, mostram-se sem misericórdia para com o infeliz hydropico.

4. *Jesus*, ao ver o enfermo, assim, diante de si, mudo, humilhado, lê no seu coração o desejo da cura e resolve-se a curá-lo.

5. *E, respondendo Jesus, disse aos doutores da lei e aos Phariseus: E' licito curar ao Sabbado?* — Doutores e mestres em Israel, devem resolver a questão. Jesus submete-se á sua decisão, testemunhando assim a todos grande deferencia. Elles é que se vêm num grande embaraço. Evidentemente o Senhor pensava em curar o enfermo e todos o entendiam assim. Portanto, para os *phariseus* declararem que era interdito curar ao sabbado, seria recusar uma cura facilmente offerecida e cahir no desagrado do doente e

1) *Hydropisim habes concupiscentiam.* (2 qu. Evang.).

2) *Et emundaberis a delicto maximo.* (Pa. 18.).

do povo. Por outro lado, não podiam autorizar esta cura, para não attrahirem sobre si um desmentido formal, pois muitas vezes tinham condemnado taes curas aos sabbados. Que fazer? Calar!

6. *Mas elles calaram.* — Neste silencio revelaram ignorancia, fraqueza e perversidade. O silencio é bom ou máu, segundo o principio donde procede. Sejamos justos em nossas apreciações, não nos deixando cegar pelo orgulho e egoismo.

3. Cura do hydropico

1. *Elle porém, segurando-o, sarou-o e despediu-o.* — O contacto da mão do Salvador produziu uma profunda mudança no organismo do hydropico e ficou plenamente curado. O silencio dos phariseus não impediu a caridade de Jesus para com o infeliz hydropico. A caridade não aguarda a approvação do mundo para fazer bem: colloca-se sobre o respeito humano e despreza toda a censura injusta.

2. *E disse-lhes: Quem de vós, si o jumento e o boi cahir no poço, immediatamente o não vae tirar?* — Jesus lança em rosto aos phariseus a contradicção em que cáem, quando, por um lado, censuram a cura dos enfermos ao sabbado, e por outro não hesitam, neste mesmo dia, entregar-se ao duro trabalho de extrahir da cisterna o boi ou o jumento que lá cahiu.

3. *E não lhe podiam responder.* Si á primeira pergunta do Salvador se calaram, foi por calculo, para não se condemnarem a si mesmos: — agora o silencio revela impossibilidade de responder, pois viam perfeitamente que a cura de um homm, que soffre, está acima da salvação de um animal, que se afoga. — Que hei de responder no dia do juizo, quando Jesus me perguntar por que fui mais compassivo com meu corpo do que com minha alma?... Não vale mais esta que aquella?...

CURA DO CEGO BARTIMEU

1. Estado triste da cegueira

1. *E chegam a Jericó: e partindo de Jericó, elle e seus discipulos e grande multidão, o filho de Timeu, o cego Bartimeu, estava sentado junto do caminho, esmolando.* 1) — Uma das enfermidades mais divulgadas na Palestina, no tempo do Messias, era a cegueira. Mais divulgada e perigosa é a cegueira espiritual nestes calamitosos tempos! Como os objectos e as pessoas para o infeliz Bartimeu, são para muitas e muitas almas as verdades mais serias da salvação, o fim do homem, a certeza da morte, os juizos de Deus, os castigos do pecado. Estas verdades, que faziam tremer os maiores Santos, já não impressionam muitas almas, porque se não deixam penetrar de sua luz.

2. *Este cego estava sentado á beira do caminho.* — Que mais pôde fazer um cego, sinão estar sentado? E' incapaz de trabalhar. E os que padecem da cegueira do espirito, que bem podem fazer? *Sentados* na pedra de seus vícios e peccados, veem passar a multidão de almas fervorosas, seguindo a Jesus, e elles ficam-se para traz, sem o menor progresso na virtude, depois de tantos annos de religião.

3. *E pedia esmola.* Mais não podia fazer! A cegueira gera a mendicidade. Para o cego era um bem, uma necessidade o mendigar a esmola dos transeuntes: para mim é um mal, si, deixando o Bem dos bens, que é Deus, vou mendigar ás creaturas a consolação que não encontro na virtude!

2. Oração do cego

1. *O qual, ouvindo que era Jesus Nazareno, começou a clamar e a dizer: Jesus, filho de David, tem compaixão de mim.* — E' de suppôr a grande alegria que sentiu o cego ao saber que era Jesus que passava. A flôr da esperança desabrochou logo em seu coração. — O que fez este cego para o bem do corpo, hei de

1) Marc. X, 46.

fazer eu para o bem da alma: aproveitar a primeira ocasião, em que Jesus passa, para obter d'elle a luz da graça e levantar-me para o seguir.

2. *E muitos o mandavam calar, mas elle clamava ainda mais: Filho de David, compadece-te de mim.* — Os transeuntes, que iam á frente, importunados pelos gritos do cego, mandam-n'o calar. Certamente que o não fariam, si se tivessem encontrado na mesma necessidade, e seriam mais condescendentes com o infeliz cego, que solicitava de Jesus a cura de seus olhos. Protestemos contra a dureza do povo, e imitemos a constancia e fervor do cego com que prosegue na sua oração. — As palavras do mundo e dos maus conselheiros tambem se hão de levantar contra mim, tentando impôr-me silencio em minha oração e nos louvores que, com uma vida nova, dou a Deus. Longe, de arrefecer, devo perseverar com maior ardor até alcançar a graça de uma cura perfeita.

3. O milagre

1. *E, parando, Jesus mandou-o chamar. E chama-mam o cego, dizendo-lhe: Cobra animo, levanta-te, porque te chama.* — São faceis de imaginar os sentimentos que o cego experimentou naquelle momento. "Jesus chama-me?" "E' para me curar!" — Com que fé, humildade e confiança se aproximaria! . . .

2. *E lançando de si o vestido, saltando, foi ter com elle.* — Obediencia prompta e alegre! Quantas vezes Deus nos chama para a igreja, para a penitencia, para a communhão, para o retiro, para a religião, e não lhe obedecemos? . . . — *Lança de si o vestido* para ir mais depressa; e vae *saltando*, pela alegria de encontrar a cura de seus olhos.

3. *E respondendo Jesus, disse-lhe: Que queres que te faça? O cego, porém, disse-lhe: Senhor, que eu veja.* — O cego acudiu promptamente ao chamamento de Jesus, e Jesus agora põe-se ao dispôr do cego: *Que queres que te faça?* Oh! bondade infinita! Si recorressemos ao Salvador com a fé deste cego, certamente

elle nos ouviria e nos diria, prompto a soccorrer-nos: "Que queres que te faça"? — O cego pede o que mais *deseja* e o que mais *precisa*. Conheçamos primeiro nossas necessidades espirituaes para pedirmos o remedio dellas.

4. *Jesus, porém, disse-lhe: Vae, a tua fé te salvou. E logo viu, e o seguia pelo caminho.* — 1. A confiança do cego não foi confundida. — Peçamos com fé, e alcançaremos. Si não alcançarmos, peçamos a fé que nos falta. 2. Jesus manda-o para casa, mas elle não se quer apartar de seu Bemfeitor e segue-o com a multidão. — Recebida a luz da graça, não voltemos ao mundo, aos logares onde a perdemos, mas acompanhemos a Jesus pelo caminho da virtude de uma santa vida, nem queiramos outro companheiro de nosso exilio sinão este divino consolador dos infelizes.

RESURREIÇÃO DE LAZARO

1. Jesus fala com Martha

1. *Martha, porém, assim que ouviu que Jesus chegou, saiu-lhe ao encontro; Maria, porém, ficou em casa. Disse então Martha a Jesus: Senhor, si tivesses estado aqui, não teria morrido meu irmão.* 1) — *Queixa amorosa*: Não se mostrou resentida por Jesus não ter annuido ao convite de vir curar seu irmão Lazaro. *Delicada*: não lhe pergunta por que se demorou e não veiu mais cedo. *Humilde*: Sahuu-lhe ao encontro sem mostrar nenhum desprazer por Jesus vir só depois de Lazaro morto.

2. *Mas tambem agora sei que tudo que pedires a Deus, Deus t'o concederá.* — Si antes confiava que Jesus podia ter impedido a morte de Lazaro, agora confia que o póde resuscitar, ainda que, por humildade, lh'o não declara abertamente. Mas Jesus entendeu-lhe o pensamento, e disse-lhe,

3. *Resuscitará teu irmão.* — Parece que Martha com tão categorica affirmação não podia duvidar que

1) Jo. XI, 20.

Jesus resuscitaria seu irmão; todavia mostrou-se incredula, e, afim de obter uma resposta mais precisa e segura, transporta as palavras de Jesus para a resurreição do ultimo dia.

4. *Sei que ha de resuscitar na resurreição do ultimo dia.* — Esta era a fé de Martha e de todo o Israelita, que nella tinham um solido motivo de conforto em transes tão afflictivos como o da morte.

5. *Eu sou a resurreição e a vida. O que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo o que crê e vive em mim, não morrerá eternamente.* — Palavras consoladoras que Martha mereceu ouvir pela primeira vez. Jesus é a resurreição, porque tem poder sobre a vida e a morte. Elle proprio resuscitará, e fará resuscitar todos os homens no fim do mundo. No que dava a entender a Martha que estava disposto a resuscitar seu irmão Lazaro. Ao mesmo tempo, dá-lhe a consolação de que Lazaro, ainda que esteja morto, vive, porque creu nelle.

6. *Crês isto?* — A esta interpeção subita, Martha responde, sem se referir ás verdades emittidas pelo Salvador, com um acto de fé na divindade de Jesus Christo.

7. *Senhor, eu creio que és o Christo, Filho de Deus vivo, que vieste a este mundo.* — Possa igual resposta sahir de nossos labios e corações, ao ouvir as blasphemias da incredulidade.

2. Jesus fala com Maria

1. *E dizendo isto, retirou-se Martha e chamou Maria, sua irmã, em voz baixa, dizendo: O Mestre está ahí, e chama-te.* — Fidelidade de Martha, que tornou Maria participante da mesma consolação! Regosijo de Maria em ter o divino Mestre em casa! Amor e doçura ineffavel, sabendo que o Senhor a chamou! . . .

2. *Logo que ouviu isto, levantou-se depressa e foi ter com elle.* — Sou eu tão prompto em acudir ao chamamento de Deus, ao signal da obediencia, a uma

santa inspiração?... Não me deixo prender pelas consolações humanas, renunciando ás divinas?

3. *Pois Jesus não tinha ainda entrado em casa, mas estava ainda no logar onde Martha lhe sahira ao encontro.* — Jesus, que tencionava resuscitar Lazaro, não queria entrar em casa das irmãs sem lhes resuscitar o irmão.

4. *Os Judeus, que estavam com ella em casa e a consolavam, vendo que Maria se levantou apressada e sahio, foram com ella, dizendo: Vae ao sepulcro, para ali chorar.* — Este encontro de Maria com o Salvador deu-lhe mais consolo que todas as condolencias dos Judeus. Jesus quiz falar-lhe ao pé do sepulcro do irmão, para que os judeus, que a acompanhavam, fossem testemunhas do milagre.

5. *Maria, porém, quando chegou onde estava Jesus, assim que o viu, lançou-se-lhe aos pés, e lhe disse: Senhor, si estivesseis aqui, não teria morrido meu irmão.* — Maria repete a mesma queixa de Martha, tão gravada tinham nos corações e tantas vezes a tinham repetido naquelles lutosos dias!...

3. Jesus junto do sepulcro de Lazaro

1. *Jesus, assim que a viu chorar e os Judeus que vieram com ella, commoveu-se em seu espirito e turbou-se a si mesmo.* — Maria chora de amor e de saudade; os judeus choram de compaixão, mas sem fé, nem amor a Jesus Christo. Jesus, assistindo a este pranto geral, sente-se commovido e turbou-se a si mesmo: *turbavit seipsum*. O evangelista accrescenta muito de proposito a palavra — *seipsum* — *a si mesmo*, para mostrar que nesta commoção do Salvador todos os affectos se regulam por sua santissima vontade.

2. *E disse: Onde o puzestes? Dizem-lhe: Senhor, vem e vê.*

E Jesus chorou. — Si havia ali um coração compassivo e amigo dos homens, era o de Jesus. Tambem elle chorou! Lagrimas divinas, silenciosas e ternas que o Evangelista annunciou á parte num só versiculo que

é um dos mais breves e talvez o mais terno dos Livros Santos! Si as lagrimas revelam fraqueza, o divino Mestre não se eximiu de nenhuma de nossas enfermidades, excepto o peccado.

3. *Disseram então os Judeus: Eis quanto o amava.* — Das poucas lagrimas que Jesus verte por Lazaro, colligem quanto o ama; — maior é o amor que me tem, pois derramou todo o seu sangue, deu a sua vida e deu-se a si mesmo na Eucharistia: e ainda não comprehendendo seu grande amor!..

4. *Alguns delles, porém, disseram: Não podia este, que abriu os olhos do cego de nascença, fazer que Lazaro não morresse?* — Não pensavam estes censores que Deus permite o mal para delle tirar bens. Censuram a Jesus por ter deixado morrer um seu amigo, podendo impedi-lo. Mas para bem delles o fez, para que assistissem a mais uma prova clarissima de sua Divindade, e crêsem nelle. — Deixemos a Deus governar o mundo como elle sabe, e acceitemos resignados o que determina de nós.

RESURREIÇÃO DE LAZARO

(Continuação)

1. Jesus junto do sepulcro de Lazaro

1. *Disse Jesus: Removei a pedra. Diz-lhe Martha: Senhor, já cheira mal, porque é de quatro dias.* — Quatro dias!.. Tão pouco basta para reduzir o homem a estado tão repellente? Eis no que vem a parar toda a belleza do corpo, perfumes e adornos!.. A objecção de Martha não foi desobediencia, mas respeito. Explica-a a viva repugnancia de ver e deixar ver a tantas testemunhas o sello humilhante da morte impresso no corpo de seu irmão. — Si queres resurgir, levanta a pedra que encobre teus vicios e defeitos, para, á vista delles, te horrorizares e procurares o remedio. Jesus pudera resuscitar Lazaro sem afastar a pedra do sepulcro; quiz, porém, a cooperação dos assistentes

para o grande milagre. Assim também, na ressurreição espiritual, quer que ponhamos diligencia em vencer as dificuldades e remover os obstáculos.

2. *Disse-lhe Jesus: Não te disse que, si crêres, verás a gloria de Deus?* — A gloria de Deus, isto é, a ressurreição de seu irmão. Martha pensava que Jesus queria apenas ver pela ultima vez seu amigo Lazaro. Mas Jesus firma-a na esperança de o ver ainda hoje resuscitado.

3. *Removeram, pois, a pedra.* — As ultimas palavras de Jesus convenceram a todos que ia resuscitar Lazaro, e não hesitaram em cumprir a ordem dada. Que espectáculo triste! Ahi está patente a todos o fructo do peccado, as consequencias da morte! Aberta a sepultura, abriu-se o livro do desengano da vida, o melhor pregoeiro da vaidade humana!

2. Oração de Jesus

Então Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: Pae, eu te dou graças, porque me tens ouvido; eu, porém, sabia que sempre me ouves; mas falei assim por causa do povo que me cerca, para que creiam que tu me enviaste. — Jesus fez esta oração para ser ouvida pelos assistentes. Nella attesta sua filiação divina, seu poder e o fim do milagre que vae fazer.

a. *Sua filiação divina:* começa sua oração a Deus, invocando-o com o doce nome de "Pae"; assim toma por testemunha a Deus, de que elle, Jesus de Nazareth, é seu filho em toda a extensão do termo. A nós é-nos também permittido chamar a Deus "Pae", mas só em virtude de nossa adopção pelo baptismo. Jesus é seu Filho proprio gerado desde toda a eternidade e tendo a mesma natureza.

b. *Seu poder:* Jesus ora a seu Pae não para lhe fazer uma petição, mas para lhe agradecer por tudo em que foi ouvido, porque a omnipotencia divina é-lhe commum com a do Pae. Para resuscitar o morto não tem necessidade, como Eliseu para a ressurreição do

filho da Sunamita 1), de multiplicar as supplicas, nem como mais tarde S. Pedro, resuscitando Tabitha 2), de se ajoelhar ao pé do corpo examine: a Jesus basta uma palavra.

c. *O fim do milagre: Para que elles creiam que sois vós que me enviaes*: isto é, a fé que exige que todos tenham nelle como Filho de Deus e como Messias enviado por Deus: de modo que o milagre que vae operar diante de todo o povo seja a confirmação de todos os outros, a prova da divindade de Jesus Christo e o sello de todas as verdades que nos ensinou. Effectivamente, a resurreição de um morto enterrado ha quatro dias é uma obra que supera as forças da natureza, e, sendo feita em nome de Deus e como testemunho da autoridade e divindade de quem a opera, é uma prova tão evidente, como é evidente que Deus não pôde mentir, nem induzir os homens em erro.

3. Operação do milagre

1. *Dizendo isto, com voz forte clamou: Lazaro, vem para fóra.* — E' para imaginar a majestade deste acto; o silencio profundo da assembléa; a expectação geral, a conversão de todos os olhares para o sepulcro, afim de observar como Lazaro obedece á voz de Jesus. — Jesus clama, porque Lazaro representa os peccadores inveterados e sepultados debaixo da lousa de seus vicios, e que já se não movem aos toques habituaes da graça, mas é necessario que a voz divina resôe poderosa no fundo de seus corações.

2. *E no mesmo instante sahio o que estivera morto, ligados os pés e as mãos com ataduras e o seu rosto estava envolto no lençol.* — A' poderosa voz do Senhor nada resiste: a morte e o tumulto restituem sua presa, o corpo reanima-se e Lazaro sáe da sepultura, vivo. *Sahiu com as mãos e pés ligados*: ainda depois de resuscitados á graça, sentimos as prisões dos máus hábitos, que nos tolhem os movimentos no caminho do

1) IV Reg. IV, 28.

2) Act. IX, 40.

bem. — *E seu rosto estava envolvido no lençol*: estava vivo e nada via; assim succede com o peccador, a quem os peccados vendam; caminha sem a luz dos seus novissimos! . . .

3. *Disse-lhes Jesus: Desatae-o e deixae-o ir.* — Jesus podia resuscitar Lazaro já livre das ataduras, mas quiz que apparecesse tal como o tinham sepultado, para que não houvesse duvida sobre sua identidade. Em segundo lugar, porque não emprega o milagre para aquillo que os homens podem fazer por si. Oh! grande poder de Deus! O' Jesus, vós sois a resurreição e a vida! Um dia tambem vossa potente voz me fará resurgir do tumulo: fazei que seja para me juntar a vossos amigos e viver em vossa companhia por toda a eternidade! . . .

A PESCA MILAGROSA

1. Jesus ensinando da barca

1. *E subindo a uma barca, que era a de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra.* 1) — Como a flôr do campo attráe as abelhas, assim Jesus as multidões sequiosas de ouvir sua doutrina celeste. — Jesus ensinava na praia do lago de Genezareth, quando se viu cercado de uma enorme multidão de povo, que affluia de toda a parte, e como que se precipitava sobre elle, como diz S. Lucas — *irruerant in eum*. Qual é o desejo que tenho de me unir a Jesus e de saborear sua doutrina, ao menos lida no Évan-gelho? . . .

2. Continuando a affluir o povo e querendo os ultimos, como geralmente succede, aproximar-se mais, era grande o aperto, e Jesus viu-se obrigado a entrar numa das barcas pertencentes a André e Simão. Com receio de que o povo invadissem tambem a barca, Jesus pediu a Simão para a afastar um pouco da praia. *E sentando-se ensinava da barquinha as turbas*. A attenção com que era escutado é facil de crêr. Todas as suas palavras eram acolhidas com reverencia, admiração

1) 1. uc. V. 3.

e fé. 3. O dono da barca deu-se por feliz concorrer com ella para o apostolado de Jesus. Pedro imaginava que esta barca era figura de outra, que elle havia de governar, e da qual havia tambem de ensinar as multidões.

2. A pesca

1. *Logo que acabou de falar, disse a Simão: Faz-te ao largo, e lança as vossas rêdes para pescar.* — Jesus foi logo obedecido: a nau desatou e começou a cortar as ondas, velejando para o alto mar. Entretanto a multidão ficaria saudosa na praia e iria seguindo com longos olhos o divino Mestre. — Tambem elle me convida a segui-lo, a entrar no mar alto da perfeição, para ahi recolher pesca abundante de boas obras e merecimentos.

2. *E, respondendo, Simão disse-lhe: Mestre, trabalhando nós por toda a noite, nada apanhámos; porém, em teu nome, lançarei as rêdes.* — a) Obediencia cega de Pedro, que oppondo só o insuccesso da noite passada, cumpre a ordem do Senhor com a maior sujeição. Podia lembrar a inoportunidade da hora para pescar, pois o melhor tempo costuma ser de noite; podia oppor a fadiga de toda a campanha e observar que naquelle logar não se encontrava peixe. Mas a verdadeira obediencia põe de parte todo o raciocinio e executa a ordem como sôa! — b) Obediencia cheia de confiança: Si Pedro expõe ao Senhor o insuccesso da noite passada não é para o obrigar a revogar a ordem, mas sómente para mostrar a plena confiança que tem em sua palavra — *in verbo tuo*. — c) Obediencia prompta: mal ouviram a ordem do Senhor, Pedro e seus companheiros tomam as redes e lançam-n'as ao mar. E' assim que obedeço?... Quanto tenho que aprender nesta obediencia cega, confiante e prompta de Pedro!...

3. *E tendo feito isto, apanharam tão grande quantidade de peixes, que as rêdes se lhes rompiam.* — Mal as rêdes mergulharam, sentiram logo os pescadores que

uma grande multidão de peixes entram nellas, pela resistencia que offerciam, muito maior que de ordinario. Julgaram até que se rompiam em suas mãos e fizeram signal aos pescadores das barcas vizinhas para os vir ajudar. Vieram; e as barcas, cheias, estavam a ponto de ir a pique. Eis o fructo da obediencia e do poder de Jesus, em cujo nome as redes foram deitadas! Todas as nossas obras, feitas por obediencia e em nome de Jesus, terão semelhante resultado.

3. Sentimentos de Pedro

1. *O que vendo Simão Pedro, lançou-se aos pés de Jesus, dizendo: Retira-te de mim, Senhor, porque soa homem peccador.* — Os discipulos tinham visto já outros milagres do divino Mestre, mas nenhum os penetrou tanto de temor como este. Eram pescadores e por isso estavam mais ao alcance de comprehender toda a grandeza desta milagrosa pesca, pois vêem a Jesus penetrar com seu poder até os abysmos do mar. Isto os emmudeceu e tornou immoveis. O respeito e temor, ao verem-se diante de Senhor tão poderoso, não os deixava sequer levantar os olhos para seu Benefeitor. Pedro, mais arrebatado que os outros, manifestou os seus sentimentos de profunda humildade, crendo-se indigno de ter em sua barca tão grande Senhor. — Ah! que sentimentos não devem ser os meus, ao apparecer diante da tremenda Majestade de Deus, quando subo ao altar para celebrar, ou me chego á sagrada mesa para commungar! . . .

2. *E Jesus disse a Pedro: Não temas, desta hora em diante serás pescador dos homens.* — Jesus inspira confiança a Pedro, porque não são os que temem e amam a Deus que se devem afastar d'elle. Por maiores peccadores que sejam, si se humilham, Deus os recebe e conforta. Jesus, longe de se afastar de Pedro, escolheu-o para seu apostolo, convertendo-o em pescador de homens.

3. *E, conduzidas as barcas para terra, deixando tudo, o seguiram.* — Estavam tambem na barca Thiago

e João, filhos de Zebedeu, os quaes tomaram tambem para si as palavras ditas a Pedro, que seriam pescadores de homens; em vista do que deixaram tudo, e desde aquella hora se uniram a Jesus para nunca mais o abandonar. — Exemplo admiravel de desprendimento para seguir a vocação divina! Uma vez conhecida a vontade de seu Mestre, estes fieis discipulos não hesitam em obedecer ao divino chamamento, renunciando generosamente ao pouco que tinham.

A TEMPESTADE SERENADA

1. Jesus entra na barca

1. *E subindo Jesus para o navio, seguiram-n'ò seus discipulos.* 1) — Jesus passára toda a manhã deste dia instruindo o povo. Pela tarde, sentindo-se muito fatigado, disse aos apóstolos que se embarcassem e fizessem ao largo. Elles obedecem. E vae Jesus embarcado com seus discipulos para o meio das ondas! Bella imagem da Igreja, fluctuando, como um navio, sobre as vagas das perseguições que o mundo lhe levanta.

2. *Então se levantou uma grande tempestade no mar, de modo que a barquinha se cobria com as ondas; elle, porém, dormia.* — Os apóstolos, contentes por ver o seu divino Mestre repousando, remavam com vigor, e a barca avançava rapidamente: quando o vento começa a soprar fortemente e a levantar as ondas até se formar uma terrivel tempestade. Quem podia suppôr que esta viagem marítima, em que ia Jesus, havia de ser tão perigosa?... Não é só no mar que a vida está em perigo. Todos os elementos da natureza nos ameaçam a cada instante, e mil accidentes mortaes se repetem cada dia e podem nos assaltar no momento mais imprevisto. Andemos sempre na graça de Deus e preparados para apparecer em sua presença.

1) Math. VIII, 28.

2. Jesus dormindo

1. *Entretanto, estava Jesus dormindo na pôpa sobre um travesseiro.* 1) — Os apóstolos, vendo Jesus cair de cansaço e de somno, improvisam na popa um leito com alguns pannos de vela por colchão, e um molho de cordas por almofada. Jesus agradeceu esta atenção dos discípulos, e adormeceu. Que bello exemplo nos dão os apóstolos e Jesus!

— Os apóstolos, zelando a saúde de seu Mestre, procuram-lhe o allivio indispensavel depois de uma manhã de trabalho fatigante. Sou eu tão attencioso com aquelles com quem vivo?...

— Jesus, accetando com reconhecimento o obsequio dos discípulos e o incommodo leito que lhe preparam. Si ainda me queixo da dureza do leito, da falta do necessario, do desabrigo da habitação que a Providencia me deparou, ainda não mereço o nome de discípulo de Christo.

2. *E aproximaram-se delle os seus discípulos, e despertaram-n'o dizendo: Senhor, salvae-nos, que perecemos.* — A vista das ondas furiosas que invadiam a barca lançou os Apóstolos na maior desordem e temor. O naufragio era imminente, e, ainda que levavam consigo o divino Mestre, Senhor dos ventos e dos mares, trabalhavam por salvar-se; porque, si bem que devemos esperar tudo de Deus, não devemos descurar os meios humanos enquanto nos podem servir.

Reconhecendo-se, enfim, impotentes para domar a tempestade, acodem ao divino Mestre. Despertam-n'o, e quasi o reprehendem, segundo a narração de S. Marcos: *Mestre, não te importa que pereçamos!* — No perigo é necessario agir com firmeza e fazer tudo que depende de nós. E' necessario orar e interessar o céu em nosso favor; é necessario esperar naquelle que invocamos, e porfim submeter-nos ás ordens da Providencia.

1) Marc. V. 38.

3. Jesus serenando a tempestade

1. *E, levantando-se, imperou ao vento e disse ao mar: Cala-te, emmudece.* — Que majestade nesta atitude do Senhor! Primeiramente dirige-se aos ventos, que são a causa da tempestade; logo impõe silencio ás ondas, como faz o mestre que reprehende na escola os discipulos rebeldes e loquazes.

2. *E cessou o vento, e seguiu-se uma grande bonança.* — Ordinariamente, as tempestades no mar não se apaziguam instantaneamente. Continua a agitação e o murmurio, a trovoada afasta-se ribombando, como a fera que perdeu a presa. Mas, á palavra omnipotente de Jesus, o vento cessa subitamente, e as ondas agitadas retomam a tranquillidade de um lago. — Assim serena Jesus as tempestades do nosso coração. Ainda que ás vezes parece surdo aos nossos clamores e nos deixa a braços com a tentação, não tardará a vir impôr silencio a nossos inimigos.

4. Consequencias do milagre

1. *Então lhes disse: Por que sois assim timidos? Ainda não tendes fé?* — O recurso dos apostolos a Jesus, como o unico meio de salvação, prova uma certa fé no seu poder; mas uma fé mais viva tê-los-ia persuadido que a protecção do Senhor é igual, quer durma, quer esteja desperto. — Si tivéssemos uma grande fé na presença real de Deus na Eucharistia, e na Providencia amorosa com que vela por nossa vida, não nos deixariamos invadir tão facilmente pelo desanimo em nossas tribulações.

2. *E ficaram sobremaneira penetrados de temor, e diziam uns para os outros: Quem julgas que é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?* — A admiração dos Apostolos era justa, pois ainda não tinham assistido a manifestações do poder de Deus sobre os elementos. O temor é o sentimento proprio da presença de Deus, pois nos sentimos pequeninos debaixo de tanta majestade.

JESUS CAMINHA SOBRE AS AGUAS

1. Ordem de Jesus

1. *E immediatamente* (depois da multiplicação dos pães), *obligou seus discipulos a subir para a barca, para chegarem antes delle á outra margem, a Bethsaida, enquanto elle despedia o povo.* 1) — Jesus abrigou os apóstolos a embarcar — *coegit* — pois tanto lhes custava obedecer nestas circumstancias — partir sem levar consigo o seu divino Mestre; — ao cahir já da tarde; com a previsão de uma tempestade, pois o céu estava escuro pelas nuvens, o vento soprava ponteiro e o mar principiava a agitar-se. Mas Jesus manda e é obedecido: os apóstolos entram na barca, e, apesar do temor e desconfiança, remam com vigor. — Quando Deus nos manda para o meio dos perigos, não temamos: acompanha-nos a sua graça.

2. *E logo que os despediu, retirou-se a um monte, a orar.* — Este era o costume de Jesus, passar as noites orando nalgum monte, lugar retirado e tranquilo. Quem não pasma ante um tal exemplo! Depois de um dia de trabalho, Jesus passa a noite orando pela salvação dos homens, quando esses passam a vida num continuo somno, sem despertar para as obras da vida eterna!

3. *E anoitecendo, estava a nau no alto mar, e elle, só, em terra.* — A previsão dos apóstolos realizou-se. A tempestade formou-se, e os ventos levaram o navio para o alto mar. E' facil de imaginar os apóstolos nesta conjunctura. Sem Jesus que os auxilie, sem pharol que os illumine, sem meio algum de domar as ondas e recolher-se a alguma abra: é para imaginar a sua afflicção! Mas Jesus mandou-os, e elles trabalham quanto podem por salvar-se. — Imitemos os apóstolos, trabalhando por superar as provas e tentações, que a Providencia permite; porque, si formos constantes, veremos em breve o divino auxilio.

1) Marc. VI. 45.

2. Jesus caminha sobre as aguas

1. *E vendo-os labutando em remar* (porque o vento lhes era contrario), *pela quarta vigilia da noite, veiu ter com elles, caminhando sobre o mar, e queria passar-lhes adiante.* — Da terra, Jesus assistia á luta de seus apóstolos com a furia dos elementos. E, não lhe soffrendo mais o coração deixá-los sós em seu trabalho, antes de amanhecer vae ter com elles caminhando sobre as aguas a pé enxuto. O' maravilha! O liquido elemento, tão agitado, solidifica-se debaixo dos pés de seu Creador!... Jesus, tendo tantos meios de socorrer seus apóstolos, quiz servir-se deste, que havia de servir para nos revelar grandes mysterios.

2. *Mas elles, quando o viram caminhar sobre o mar, pensaram que era um fantasma, e clamaram. E todos o viram e se perturbaram.* — Estes homens maritimos, que tão varonilmente lutaram contra a tempestade, sentem-se agora aterrados com o que eles jugam ser um fantasma. Concorreu para esta supposição a luz indecisa da manhã e o somno que, depois de uma noite tão agitada, lhes pesava já nos olhos. — Quantas vezes julgo que é um fantasma a passagem de Jesus pelo mar revolto de minha alma, ferindo-me a mente com o raio de uma santa inspiração!

3. *E immediatamente falou com elles, e disse-lhes: Confiae, sou eu, não temaes.* — Jesus, avançando em direcção á barca dos apóstolos, deu-se-lhes a conhecer em sua pessoa e em sua voz. Com tal manifestação é facil de imaginar a alegria dos apóstolos, e como ao grande temor, que os possuia, se seguiu a mais inalteravel e reconfortante paz. Em meio de nossas tribulações não temamos. Jesus não tarda: elle ahí vem sobre o mar agitado de nossa afflicção!

3. Pedro caminha sobre as aguas

1. *Respondendo, porém, Pedro disse: Senhor, si és tu, manda-me ir a ti, sobre as aguas.* 1) — O amor de Pedro não soffre demoras em ir para Christo. Pedê

1) Math. XIV. 28.

para que o *mande*, porque confia que a obediencia supprirá o que lhe falta em forças humanas.

2. *Então disse-lhe: Vem. E descendo Pedro da barca, caminhava sobre a agua, para ir ter com elle.* — A' palavra — *vem!* — o apóstolos não hesita um instante: desce da barca, e, olhos fixos no seu Mestre, caminha sobre as ondas como em terra firme. Aqui é o caso de dizer que a obediencia faz milagres!... Ia Pedro caminhando sobre as ondas muito triumphante quando

3. *Sentindo um forte vento, temeu; e como começasse a afogar-se, gritou: Senhor, salvae-me.* — Temeu o vento forte, tendo diante de si a Jesus! Quantas vezes o vento de uma pequena adversidade nos desalenta e tira a confiança em Deus, fazendo-nos cahir no mar da desesperação! Permittiu Jesus esta mudança de scena, para que Pedro se não orgulhasse com tal distincção, e para que reconhecesse que por si nada podia, e que, para salvar-se, devia recorrer a quem tudo póde.

4. *E logo Jesus, estendendo-lhe a mão, o segrou, e disse-lhe: Homem de pouca fé, por que duvidaste?* — Foi pela falta de fé, e não pelo vento, que se ia ao fundo. Em toda esta scena nos deixou Jesus uma bella imagem da protecção que Deus tem de seu Vigario na terra. Quando mais tarde, governando a Igreja, se sentir sossobrar no mar da duvida, Jesus lhe dará a mão para o defender de todo o erro e heresia.

O' Jesus, mandae-me ir a vós sobre o mar de minhas affeições desordenadas; pois, sem vós, nellas perecerei!

JESUS PAGA O TRIBUTO

1. Jesus accusado de não pagar o tributo

Aproximaram-se de Pedro aquelles que cobravam as duas drachmas e disseram-lhe: Vosso Mestre não paga as duas drachmas. Respondeu: Tambem 1). —

1) *Math.* XVII, 23.

Esta contribuição annual era uma taxa antiquíssima, imposta por Deus a todos os Israelitas de idade de vinte annos, para auxiliar o culto. Dirigiram-se os cobradores a Pedro, por ser o mais graduado entre os apóstolos. Pois, talvez o imposto devia ser pago pelo chefe de familia. — Pedro, ao ouvir que seu Mestre não pagava o tributo, respondeu affirmativamente, sem hesitar, que tambem elle o tem pago. Talvez tinha sido testemunha deste pagamento regular nos annos passados: em todo o caso julgava offender a piedade de seu Mestre, suppondo que não cumpria o que era tido por todos como um dever religioso. Assim, sem mais consulta, responde: *Tambem paga!* — Devemos pensar sempre das pessoas conscienciosas que são fiéis no cumprimento dos seus deveres e das leis do Estado.

2. Jesus isento do tributo

E tendo entrado em casa, Jesus preveniu-o, dizendo: Que te parece, Simão, os Reis da terra de quem recebem o tributo ou o censo? de seus filhos ou dos estranhos? E elle respondeu: Dos estranhos. Logo, estão isentos os filhos. — Com estas palavras quiz Jesus declarar que não estava obrigado a pagar o imposto, pois era o Filho de Deus e o Rei dos reis que se adorava no Templo. Que titulos posso apresentar para me desobrigar do cumprimento das leis da Igreja?

Jesus trata só com Pedro deste assumpto, porque só a elle queria confiar esta exempção do tributo. Nós, pelo contrario, fazemos uma pomposa ostentação de nossos privilegios e garantias, para nos considerarmos superiores aos outros.

Mas Jesus não quiz *fazer uso* desta exempção, e deu ordem a Pedro para pagar por elle o tributo. Independente de toda a lei, a tudo se submete para nos ensinar a inteira submissão a todas as leis divinas e humanas.

3. Jesus paga o tributo

Mas para que não os escandalizemos, vae ao mar, e lança o anzol, e o primeiro peixe que subir, toma-o; e abrindo-lhe a bocca, encontrarás um estatér; tomando-o, dá-o por mim e por ti. — Tres reflexões nos offerece este passo do Evangelho.

1. Jesus paga para evitar o escandalo. Os direitos de Jesus não eram ainda conhecidos de todos, e por isso, para evitar o escandalo, manda a Pedro pagar o tributo.

2. Jesus paga por meio de um milagre, e por que? a) Porque nem elle nem Pedro tinham com que pagar. Que pobreza! b) Porque as pequenas esmolas, que recebiam, estavam nas mãos de outros apóstolos que não estavam presentes; mas ainda que estivessem não queria servir-se dellas para pagar o tributo, pois eram destinadas aos pobres. — c) Porque nos quiz mostrar o poder de Deus, que se estende até aos abysmos dos mares, obedecendo-lhe o peixe com lhe trazer um estatér na bocca.

3. Jesus paga o dobro do que se lhe pede. O estatér era uma moeda de prata que valia quatro drachmas e só se lhe pediam duas. Assim confirmou com o exemplo o que nos ensinou no sermão da montanha: *Si vos pedirem o vosso manto, dae tambem a vossa tunica* 1).

4. Paga por meio de S. Pedro, no que o estabeleceu seu ecónomo, mandando-lhes pagar por suas mãos o tributo exigido. Faz a Pedro ministro de suas maravilhas, mandando-o buscar o estatér na bocca do peixe. Faz Pedro chefe dos apóstolos. O tributo pede-se a Jesus, como chefe da familia apostolica, mas Jesus declina em Pedro a execução da lei, como o mais conceituado.

1) Math. V. 40.

A FIGUEIRA AMALDIÇOADA

1. Jesus com fome

1. *Voltando de manhã para a cidade, teve fome* 1). — Jesus experimentou todas as nossas enfermidades, para nos merecer a graça de as supportarmos com resignação. Soframos a fome como Jesus, ou seja por necessidade ou em virtude da lei da Igreja, nos jejuns e abstinências. Jesus está perto de sua Paixão e não pensa mais em si, mas no momento em que, esgotadas suas forças, dê por nós a vida. A sua fome é aqui, como na cruz a sua sede, — *mysteriosa*: Fome e sede das almas e de nossa salvação!...

2. *E vendo uma figueira á beira do caminho, dirigiu-se a ella: e não encontrou nella sinão folhas.* — Esta era uma figueira esteril, por isso só tinha folhagem. — O Salvador, guiando-se pelas apparencias, dirigiu-se a ella para ver si, apesar da sazão pouco adelantada (era antes do dia 15 da lua de Março) encontrava alguns fructos; mas não esperava encontrá-los, queria sómente dar uma lição a seus apóstolos. — Nesta figueira estou eu representado. Jesus virá um dia procurar-lhe os fructos das boas obras. Vem *em vida* com suas graças, que me offerece para produzir obras de virtude; e virá *na morte* pelo juizo particular. E que é que encontrará? Um ouropel de virtude, umas apparencias de boas obras — fôlhas, enfim!... Uma figueira sem fructo!...

2. Maldição da figueira

1. *E disse-lhe: Nunca mais nasça em ti fructo.* — Uma arvore fructifera é tida por esteril e má, quando não dá fructo na sazão propria, mas ninguem se pôde queixar que não tenha fructos, quando as congêneres os não dão. Por que é, pois, que o Salvador censura a esterilidade desta figueira? Não é tanto a arvore que elle tem em vista, quanto o homem, de que ella é symbolo. No pensar do mundo, o homem

1) *Math.* XXI. 18.

deve passar a infancia na alegria, a juventude nos prazeres, e a virilidade nos negocios e governo da familia: quando vier o outomno da velhice, então será o tempo de se dar a obras de piedade. Não! — diz o Senhor, o homem não deve em época nenhuma ser esteril em obras de salvação: cada idade deve produzir as que lhe são proprias. Diz S. Marcos que não era então o tempo dos figos 1). Mas si Jesus exige o fructo da figueira fóra do tempo dos fructos, quanto mais certamente os exigirá de mim no tempo proprio, que é toda a hora, em todos os dias, pois em todo o momento devo praticar obras de salvação! . . .

3. Admiração dos apóstolos

1. *E vendo isto os discipulos, admiraram-se, dizendo: Como é que seccou logo?* — Apenas Jesus pronunciou a sentença de maldição sobre a figueira, a seiva deixou de circular e avientar-lhe os tecidos; amarellecera as folhas e cahiram dos ramos, seccou completamente, e ficou servindo só para o fogo! — Mais funestas consequencias terá a maldição de Deus sobre os réprobos: parará nellas a seiva das graças para a pratica de boas obras, cahirão as folhas de tantas hypocrisias, e ficarão reduzidos a um madeiro sêcco, apto para o fogo eterno! . . .

2. A admiração dos apóstolos não foi tanto motivada pela rapida dessecção da figueira, quanto pelo motivo da maldição. Não sabiam que esta arvore era um symbolo do povo judaico e que a maldição da figueira representava a maldição que este povo attrahiria sobre si num futuro proximo. Com effeito, este povo, cumulado de tantos favores divinos, tinha a precedencia sobre todos os outros povos. A Synagoga, nos diz S. Jeronymo, era então como a arvore verdejante, mas esteril em fructos de salvação.

O que tambem admirou os apóstolos foi que, tendo sido os outros milagres do Salvador bençãos e graças, este é uma maldição e destruição, o que

1) Marc. XI, 18. Non enim erat tempus flicorum.

lhes parecia contra os habitos de Jesus e sua bondade. Na apparencia sim, mas não na realidade. Tambem aqui revelou a ternura de seu coração, pois quiz por este meio auxiliar seus compatricios, forçando-os a praticar boas obras pelo temor dos castigos e juizos de Deus.

3. *E respondendo Jesus, lhes disse: Em verdade, vos digo, si tiverdes fé e não hesitardes, não só fareis isto de uma figueira; mas si ainda disserdes a este monte: Tira-te e lança-te no mar, assim se fará.* — De todo este notavel acontecimento Jesus tira por conclusão a fé em Deus, virtude em que deseja ter bem fundados os seus apóstolos e todos os christãos, pois a fé nos valorizará as obras e impedirá que venhamos a ser figueiras estereis.

PARABOLAS

PARABOLA DO SEMEADOR

1. O Semeador

1. *Sahiu o que semêia a semear a sua semente* 1). — Nesta parábola Jesus tinha em vista o seu ministério, e queria remover o escândalo, que naturalmente nascia do pouco fructo do seu trabalho apostolico entre os judeus. Nella quer tambem revelar-nos as causas por que a palavra de Deus, sendo de si tão bella e efficaz, produzia tão pouco fructo no povo judaico.

2. *O Semeador* — é *Deus*, que sahiu a commu-nicar-se ás creaturas pela sua bondade, em as crear com seu poder, e governar com sua providencia; é *Jesus Christo*, que sahiu do Pae e veiu ao mundo 2) a semear a semente do Evangelho nos corações dos homens; é todo o *varão apostolico*, que a continúa a semear no coração dos fiéis, — *são os prégadores e confessores*, que por suas admoestações lançam os germens da virtude nas almas dos seus penitentes; *sou eu*, quando com minhas palavras e conselhos induzo outros á pratica da virtude.

3. *A Semente* — é a *palavra divina*, que gera em nós a virtude e os fructos de boas obras. São as *graças*, que Deus me offerece, e eu desprezo por viver endurecido em minhas faltas. São os *merecimentos* de Jesus Christo, que elle me offerece para me resgatar do peccado, e de que eu não me aproveito, porque quero permanecer em meu habitos viciosos. São as *inspira-*

1) Marc. IV, 1. — Luc. VIII, 5.

2) *Envi e Patre et veni in mundum.* (Jo. XVI, 28.).

ções, que Deus me segreda á alma e que eu, envolvido nos affectos terrenos, não ouço nem quero ouvir! — Ah! quanto fructo de santidade teria produzido toda esta semente, si cahisse em bom terreno!

2. Varios terrenos onde cae a semente

1. *A' beira do caminho.* — *Emquanto semeia, uma semente cahiu á beira do caminho.* — *A semente cahida á beira do caminho representa aquelles que ouvem a palavra de Deus, depois vem o demonio e tira-lhes a palavra do coração, para que não se salvem, crendo.* — A primeira terra inutil á germinação da semente é a *beira do caminho*, por onde passam os transeuntes. Assim, é a alma dissipada semelhante a uma estrada, por onde passam todos os affectos e pensamentos mundanos, como viandantes que pisam a semente das boas inspirações.

2. *Sobre pedra.* — *Outra semente cahiu sobre pedra, e, nascida, seccou, porque não tinha humidade.* — *A semente cahida sobre pedra representa aquelles que, tendo ouvido a palavra de Deus, a recebem com alegria, mas não lança raizes, porque crêem por algum tempo; mas, sobrevindo a tentação, desfallecem.* — A segunda terra inutil á germinação da palavra de Deus é a *pedregosa*, que representa a inconstancia e volubilidade dos homens. Assim como a semente não lança raizes nas pedras, tambem a palavra de Deus não germina nos corações endurecidos e empedrados com os máus habitos, onde não ha a humidade e frescura da devoção e fervor, e onde as verdades mais solidas e aterradoras da fé não lançam sequer uma raiz. Que fazer? Remover do meu coração todo este cascalho de vicios e faltas que impedem a germinação das virtudes e o fructo das boas obras.

3. *Entre espinhos.* — *Outra semente cahiu entre espinhos, e logo, nascendo, os espinhos a suffocaram.* — A semente cahida entre espinhos, diz Jesus explicando a parábola, representa *aquelles que ouviram a palavra de Deus, mas, indo atraz das solitudes, das riquezas e dos prazeres da vida, abafam e não produ-*

zem fructo. — A terceira terra inutil á germinação da semente é *a que está entre espinhos*. Nella representa-se a alma emmaranhada entre os negocios e cuidados inuteis da vida, que, unidos ao amor das riquezas e dos prazeres, a tornam um verdadeiro mattagal, onde é impossivel fazer a sementeira das virtudes. Para a semente da graça germinar em minha alma é preciso arrancar della os espinhos dos cuidados dos bens da terra, das riquezas e dos prazeres.

4. *Terra bôa.* — *Outra semente cahiu em terra bôa, e, nascendo, produziu fructo.* — *Nesta terra bôa estão representados aquelles que, ouvindo a palavra de Deus, a guardam em seu coração, bom e optimo, e dão fructo na paciencia.* — A terra bôa é a alma desembaraçada de todos os obstaculos á graça e preparada para receber a semente com fructo. São aquelles que ouvem a palavra de Deus com gosto; que a entendem, pondo-a na pratica; que produzem fructo *na paciencia*, vencendo com perseverança e valor as difficuldades. São aquelles que têm *bom e optimo* coração, sem as pedras e os espinhos que o tornem esteril e improductivo.

5. Mas ainda na terra bôa a semente não produz igualmente. Nuns produz *cem, noutros, sessenta, e noutros, trinta* 1), porque nem todos têm a mesma disposição, nem correspondem igualmente á graça recebida. Eu não me hei de contentar com *trinta*, nem *sessenta*, mas esforçar-me-ei por chegar a *cem*, isto é, buscar a *maior*, e sempre a *maior gloria de Deus* em tudo.

O CAMPO SEMEADO

1. O campo material

E dizia: Assim é o reino de Deus, como um homem que deita a semente na terra. E dorme, e levanta-se de noite e de dia, e a semente germina e cresce sem qu elle saiba. Como, pois, por si mesma, a terra produz primeiro a herva, depois a espiga, e, finalmente, o grão na espiga. E quando deu fructos, logo se mette a foice,

1) *Math.* XIII, 12.

porque é tempo da messe. 1) — E' coisa admiravel o que se passa nas producções da terra. O homem lavra o campo, lança-lhe a semente e retira-se para casa. Só precisa de voltar lá no tempo da messe. A terra trabalha por si mesma em seu seio, longe das vistas humanas. Começa por aquecer a semente, humedecê-la, amolecê-la, desenvolvê-la, receber-lhe as raizes e nutrilas. Depois de algum tempo opéra fóra da terra ao ar livre, causando a alegria do sementeiro. Primeiramente apparece o caule, vem a espiga e finalmente o grão. Este vae engrossando, até que chega a maturação.

E' o tempo da ceifa. O lavrador com a foice corta o trigo maduro, leva-o para a eira, debulha-o e recolhe-o no celleiro. O' grande Deus! quem não admira vossas obras? Que bondade, sabedoria e poder nesta ordem natural de vossa amavel Providencia! Quem é capaz de comprehender as forças physicas que assim transformam um grão de trigo! Que nos expliquem os biologistas as relações deste grão com toda a natureza: com a terra que o recebe; com as nuvens que o orvalham; com o sol que o aquece e amadurece; com o corpo humano a que serve de alimento, e em cuja substancia se transforma!

Nada ou pouco disto sabemos, e todavia queremos penetrar os designios de Deus na ordem *sobrenatural*, comprehender os segredos do seu reino, os mysterios da fé, e sondar os abysmos do seu mesmo ser! Renunciemos a estas investigações fóra do alcance de nossa intelligencia, admiremos as obras da eterna Sabedoria, e tratemos de semear durante a vida a semente das boas obras, para no tempo da messe recolhermos os fructos para a vida eterna.

2. O campo da Igreja

1. Appliquemos esta parábola á Igreja de Jesus Christo, que é o campo do Senhor e o reino de Deus sobre a terra. Jesus é o Homem-Deus que veio lançar neste seu campo a semente da doutrina divina do Evan-

1) Marc. IV. 26.

gelho, durante tres annos, á custa de muita somma de soffrimentos e contrariedades. 2. Agora, sentado á direita de seu Pae, gozando de sua gloria, sem parecer ingerir-se no que se passa sobre a terra, está assistindo ao germinar desta semente num campo regado com seu preciosissimo Sangue. E que fructos não produz! As flores de santidade pullulam de toda a parte. As prégações do Evangelho têm convertido o mundo. A graça dos sacramentos, os merecimentos da Vida, Paixão e Morte de Jesus Christo tem desabrochado nos mais bellos frutos da virtude e santidade. 3. Assim continuará a germinar até que chegue o tempo da mésse. Então virá Jesus a ver de novo o seu campo, para recolher os fructos que produziu, que são os Escolhidos, e lançá-los no celleiro do céu, onde serão conservados por toda a eternidade!

3. O campo de nosso coração

Appliquemos esta parabola tambem a nós mesmos, que somos um pequeno campo na vasta superficie da Igreja. No terreno de nossos corações recebemos a semente da graça, que os sacramentos nelle depositaram. A nossa vida é o tempo em que esta semente divina entra a germinar e a crescer até chegar o tempo da mésse, que é a morte! Então virá o Senhor do campo a recolher o que semeou. E que achará nelle?... Quem sabe? talvez muita herva e nenhum trigo; muita espiga e nenhum grão; muita arvore e nenhum fructo! — E por que? — Porque os propositos ficaram no papel; e os desejos de praticar a virtude ficaram em palavras. Si alguma boa obra começou a apparecer, faltou a perseverança, e definhou. A semente lançada á terra germina por si mesma: mas a semente da graça em nossa alma não fructifica sem nossa cooperação.

O tempo da mésse está perto! Quando elle chegar deve a seara estar madura com muito grão para ser guardado no celleiro do céu. Si o ceifeiro encontrar só folha, abandonará o campo, e mandará a seus ministros que lhe lancem o fogo.

O GRÃO DE MOSTARDA

1. Jesus representado no grão de mostarda

E dizia: A que compararemos o reino de Deus? ou sob que parábola o representaremos? E' como um grão de mostarda que, sendo semeado na terra, é a mais pequena das sementes; mas, depois de semeada, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e lança grandes ramos, de sorte que as aves do céu possam repou-sar á sombra delles. 1) — Nesta parábola está representado o mesmo Jesus Christo. Fazendo-se o mais pequeno dos homens, o mais obscuro, o mais desconhecido pelo nascimento, pelos parentes, pelo officio, pelo lugar de residencia, esteve occulto debaixo da terra de uma vida humilde em Nazareth durante trinta annos. Findos estes, mostrou-se ao mundo e cresceu tanto na estimação dos homens, que se tornou o maior delles, e, como arvore gigantesca, estendeu seus braços por toda a Palestina, dando abrigo a toda a sorte de infelizes.

Passados tres annos occultou-se de novo na reputação dos homens, aniquilou-se, reduziu-se a um verme e foi esmagado como a azeitona sob a galga do lagar, — e enterrado! Porém, mal têm passado tres dias que esse divino grão de mostarda revive, levanta-se da terra e estende seus braços, não já sobre a Palestina, mas por todo o mundo, sendo não só o maior dos homens, mas o Rei do Universo, o Juiz dos vivos e dos mortos, a arvore da vida e da Salvação. — Felizes as almas que, semelhantes ás aves do céu, vão descansar á sombra de seus ramos. Ali, ao abrigo das paixões que agitam a terra, e dos desejos insaciaveis que dessoram o coração, gozam as doçuras ineffaveis do amor de Jesus e da paz inalteravel de sua graça.

2. A Igreja representada no grão de mostarda

Como um grão de mostarda foi a Igreja em seus principios, — já pelo pequeno numero e baixa condição das pessoas que a compunham, quaes eram os humildes pescadores de Galiléa, — já pela simplicidade com

1) *Mat.* IV, 30.

que se apresentou no mundo, sem sciencia, sem meios de defesa, sem protecção de principes, — já, emfim, pelo desprezo em que a tinham os homens, pela perseguição dos tyrannos, sob que esteve por longo tempo sepultada. Todavia, este grão de mostarda germinou, cresceu de seculo para seculo, lançou raizes tão profundas e fez-se uma arvore tão majestosa que estendeu seus ramos até ás ultimas raias da terra. A' sombra della vieram abrigar-se os monarchas mais poderosos, encontrando no Evangelho uma gloria mais solida que a dos seus thronos; os genios mais sublimes, as intelligencias mais cultas vieram receber a sua influencia; ao pé desta arvore divina os maiores peccadores encontraram a paz desejada de suas consciencias e as doces consolações da virtude. Retiremo-nos para a sombra desta arvore benefica, a Egreja catholica, Mestre da verdade e Senhora do mundo. Guiados por ella, influenciados por sua doutrina, bebendo das Fontes de seus Sacramentos, estaremos ao abrigo de todos os erros e males, que corróem a sociedade athéa e pagã.

3. A graça representada no grão de mostarda

Esta parabola póde applicar-se á graça de Deus em nossos corações. A nossa conversão e o principio de nossa salvação eterna é muitas vezes tão imperceptivel como um grão de mostarda. Um bom pensamento, uma inspiração, uma palavra lida ou ouvida num sermão, um bom exemplo, um accidente, a resistencia a uma tentação, é muitas vezes causa da conversão de uma alma a Deus.

E que augmento não toma esta primeira graça, quando se lhe é fiel?... Cresce, fortifica-se, alarga-se, produz virtudes sólidas e sublimes, que fazem do homem um justo, uma arvore frondosa no jardim da Egreja. Assim foram tantos Santos, que, por serem fiéis a um toque da graça, subiram de virtude em virtude, tornando-se arvores tão majestosas que não só os Anjos e as almas justas, mas até Jesus veiu descansar

em seus ramos a saborear a fragrancia de suas flores e fructos.

— Ah! si nós comprehendessemos o valor de um grãozinho de graça divina, como andariamos sollicitos em o aproveitar! Si não somos ainda arvores gigantes-cas de Santidade, é que temos desprezado essas pequeninas graças que Deus nos offerece. Façamos que o bom pensamento, a santa inspiração, o bom exemplo fructifiquem em nosso coração, e chegaremos a ser arvores, cujos ramos irão até ao céu!

DO JOIO

1. A parábola

Outra parábola lhes propôz, dizendo: O reino do céu tornou-se semelhante a um homem que semeou bôa semente no seu campo. Mas enquanto dormiam os homens, veiu o seu inimigo e semeou joio no meio do trigo, e foi-se. Tendo, porém, crescido a herva e dado fructo, então appareceu tambem o joio. E chegando-se os servos do pae de familia, disseram-lhe: Senhor, não semeaste bôa semente no teu campo? Donde, pois, lhe veiu o joio? — E disse-lhes: Um homem inimigo fez isso.

E os servos disseram-lhe:

— Queres que vamos e o arranquemos?

E diz-lhes:

— Não! Não seja que apanhando vós o joio, arranqueis tambem juntamente com elle o trigo. Deixae crescer um e outro até á ceifa, e no tempo da ceifa, direi aos segadores: Apanhae primeiro o joio, e atae-o em môlhos, para o fogo; mas o trigo recolhei-o no meu celleiro 1).

Esta parábola tem por fim mostrar que no reino Messianico, até á consummação dos seculos, ha de haver sempre bons e máus, por instigação do demonio, que nunca deixará de armar ciladas aos homens.

Erravam, pois, os judeus, quando imaginavam que o reino Messianico seria um reino de summa e inalte-

1) Math. XIII, 24.

ravel felicidade, *temporal e espiritual*, onde tudo seria abundancia, sinceridade, paz e amor. Erravam tambem os que mais tarde cuidaram que os peccadores não podiam ser membros da Igreja de Jesus Christo 1).

O joio é uma planta narcotica (=que faz dormir) que nasce entre o trigo e é muito parecida com elle, excepto na semente, que é negra. O joio narcotico só se distingue bem do trigo quando começa a espigar.

2. Jesus explica a parábola

Jesus explicou o sentido desta parábola num dos entretenimentos a sós com seus discipulos.

Então, despedidas as turbas, voltou para casa, e chegaram-se a elle seus discipulos, dizendo: Explicae-nos a parábola do joio do campo. — Nesta supplica os discipulos mostraram o interesse e attenção com que ouviam a palavra de seu divino Mestre e a sêde de comprehender os mysterios que encerravam suas parabol-as. Preoccup-a-os sobretudo a questão do joio no reino Messianico.

E elle, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente é o Filho do homem. — Este é o fim por que veio á terra: lançar a semente de sua doutrina, que havia de formar a grande seára de todas as almas justas até ao fim do mundo.

O campo é o universo e não só a terra de Israel, o que nos mostra a universalidade do reino Messianico. Por este campo podemos entender toda a comunidade religiosa, familia ou collegio, onde tambem o demonio costuma lançar a semente do joio, da desunião, da discordia e da relaxação.

A boa semente, esses são os filhos do reino. — Os filhos do reino são os justos, os filhos da Igreja, os membros vivos de Jesus Christo, destinados ao céu. Sou eu deste numero?... Ou serei antes joio no meio de tantos justos entre os quaes vivo?...

O joio são os filhos do perverso, isto é, do demonio, porque o imitam nas obras e na maldade. O pec-

1) Evangelho de S. Mathews, pelo P. Santana, da Companhia de Jesus.

gador, ao contrario do justo, é filho do demonio, está excluido do reino do céu, enquanto permanece no peccado, e terá o mesmo destino que o demonio.

E o inimigo, que o semeia, é o demonio. — Enquanto os homens dormem, o demonio vela. Ai! dos pastores das almas, si dormem, em vez de vigiar! Ai! de mim, si por minha negligencia deixo que o demonio lance em meu coração a semente do peccado! Ai! dos paes de familia que deixam entrar em sua casa o joio do vicio e do peccado nos máus livros e outros objectos que trazem o germen da corrupção!

3. Sorte do joio e do trigo

A ceifa é o fim do mundo e os ceifeiros são os anjos. Assim, pois, como se apanha o joio, e se queima com fogo, assim será no fim do mundo. Mandará o Filho do homem os seus Anjos, e recolherão do meio do reino todos os escandalos e os que praticam a iniquidade, e lançá-los-ão na fornalha do fogo. Ahi haverá choro e ranger de dentes. — 1. Nesta explicação não pôde haver erro nem exaggero. Nella sobretudo se menciona a sorte do joio, que é o castigo dos máus:

a) enquanto *ao lugar*: uma fornalha! Que triste fim do peccado! — b) enquanto *ao instrumento* do supplicio: fogo! Quem irá ainda após os prazeres e delicias dos sentidos, com a perspectiva de tal castigo! — c) enquanto *aos effeitos* do castigo: choro e ranger dentes! Choro de desespero, e ranger de dentes de raiva! — d) enquanto *à qualidade* das pessoas lançadas nesta fornalha: todos os peccadores impenitentes, sem excepção de um só, sem distincção de postos ou dignidade, de sexos ou estados.

Ser justo ou peccador é ponto que a muitos pouco interessa cá na terra. Mas a sua importancia capital ver-se-á no dia da mèsse! A sorte do joio está bem definida pelo divino Expositor da parabola, que será tambem o Juiz neste dia de separação!...

2. *Então os justos resplandecerão como o sol no reino de seu Pae. Quem tem ouvidos de ouvir, ouça.* —

Consideremos também a recompensa dos justos; a) *Na sua pessoa*: resplandecerão como sóes, sem se descobrir seu corpo e espirito a menor mancha: b) *No lugar*: no reino de Deus, seu Pai, no céu! Si a terra, apesar de amaldiçoada, offerece tantos encantos, que será o céu, morada que Deus preparou para os seus escolhidos! c) *No objecto* de sua felicidade: Deus, bem dos bens, origem de toda a felicidade. Gozá-lo, vê-lo, amá-lo, que sorte invejável!

DA RÊDE

1. A parábola

1. *Outrosim, é semelhante o reino do céu a uma rêde varredora lançada no mar, apanhando toda a casta de peixes. A qual, estando cheia, os pescadores tiram para fóra e, sentados ao longo da praia, escolheram os bons para os cestos, e deitaram fóra os máus.*

Assim será no fim do mundo. Sahirão os Anjos e separarão os máus do meio dos bons e lançá-los-ão na fornalha de fogo. Ahi haverá chôro e ranger de dentes 1).

2. Esta parábola tem por fim mostrar que o reino messianico, ou a Igreja, neste mundo não é uma sociedade composta só de Santos, mas nelle vivem misturados bons e máus. O peccador, que perdeu a graça do baptismo, está ainda na Igreja, e pôde converter-se e salvar-se. Fóra da Igreja é que não pode haver salvação. Mas quem na Igreja abraçou o estado de perfeição, não está por isso já salvo. A condemnação pôde ter lugar em todos os estados, ainda os mais perfeitos.

3. A mistura de bons e máus na Igreja não nos deve surprehender, pois foi predita; mas nem por isso é menos santa em si mesma. Por motivo identico não deixam de ser santas as Ordens religiosas que ha na Igreja, por alguns escandalos que nellas se dão. E' o triste apanágio da natureza humana, e um mal quasi inevitavel entre creaturas, que estão em prova e no uso de sua liberdade.

1) Math. XIII, 47.

4. Longe de condemnar os outros, verei em que estado vivo na Igreja: si entre os bons, si entre os máus; si entre os religiosos perversos, si entre os tibios. De nada vale occultar-me, porque o que está occulto e misturado agora, não o estará sempre; em breve será recolhida a rede para se proceder á separação definitiva de bons e máus.

2. Paráfrase da Parábola

1. *A qual rede, estando cheia, a tiraram para fóra.* — O reino messianico só estará cheio, quando os gentios tiverem entrado nelle, e tambem Israel, que só então será salvo. Quando Deus tiver executado todos os seus planos sobre a terra em favor dos Escolhidos, o mundo acabará! . . .

2. *E, sentados ao longo da praia, escolheram os bons para os cestos e os máus deitaram-n'os fóra.* — Nesse dia final do mundo, Jesus Christo, sentado com seus apóstolos nas nuvens do céu, virá fazer a separação de bons e máus. Os anjos serão os executadores dessa selecção, separando os peccadores do meio dos santos; do meio dos religiosos mortificados e penitentes, os sensuaes; do meio dos christãos fervorosos, os corrompidos; do meio das virgens sábias e prudentes, as virgens loucas; enfim, do meio dos escolhidos, os réprobos! — Terrível separação! Mas mais terrível é o fim e o destino dos separados!

3. *E lançá-los-ão na fornalha de fogo.* — E' muito para notar a insistencia com que Jesus Christo fala do fogo do inferno em suas parábolas. E' para inculcar e gravar profundamente nas almas o temor de Deus, base solida e segura da vida e perfeição christã.

O que estava reunido na mesma rede será dividido e collocado em dois pontos oppostos: os bons com todos os bens no céu; os máus com todos os males no inferno! . . .

3. Conclusão pratica

1. *Entendestes todas estas coisas? Dizem-lhe: Sim.* — Estas palavras revelam-nos a familiaridade com que Jesus trata com seus apóstolos e o empenho que tem em que elles entendam bem os mysterios do seu Reino, conforme ao que antes lhes tinha dito 1).

Nosso Senhor dirige-nos a mesma pergunta: Tendes entendido estas verdades, e que é de vós que nelas se trata?... Tendes entendido que não tendes outro tempo de preparar-vos para esta separação, sinão o incerto e curto espaço de vossa vida?... Tendes entendido estas verdades, para as tomar como regra de vossos pensamentos e acções?...

2. *E disse-lhes: Todo o doutor instruido nas coisas do reino dos céus é semelhante a um homem, pae de familia, que tira de seu thesouro coisas novas e velhas.* — Termina Jesus a parábola, dizendo que o mestre, que ensina no reino de Christo, na Igreja, deve ser semelhante ao pae de familia que tem as provisões necessarias para o sustento de sua casa, umas guardadas de ha muito tempo, outras arrançadas de fresco. O ministro da Igreja deve tambem possuir um thesouro de sciencia, donde tire as verdades que deve prégar e ensinar ao povo: verdades antigas já aprendidas; e novas, adquiridas com o estudo quotidiano.

DO MAU SERVO

1. A grande divida

1. *E' semelhante o reino do céu a um rei que veiu tomar contas a seus servos* 1). Este rei representa o divino Juiz. Os servos somos nós. E' hoje, é nesta hora que elle vem tomar contas a cada um de nós. Muito lhe devemos por nossos peccados, muito tem de exigir de nossa vida. Que vamos responder? Sejamos sinceros, pois sabe tudo, e é justissimo! Um dia virá, certamente, em que seremos forçados a dar-lhe estreita conta de

1) Math. XIII, 11. — *Quia vobis datum est nosse mysteria regni coelorum.*

1) Math. XVIII, 28.

toda a nossa vida, mas então já não poderemos repará-la. Como estaremos diante d'elle?... Que temos feito dos bens que nos deu?... Em que empregámos o nosso corpo?... nossa alma?... nosso coração?... nossas forças?... nossos talentos?... nossa vida?...

2. *E tendo começado a tomar contas, apresentou-se-lhe um que lhe devia dez mil talentos.* — Este sou eu! Não ha divida maior que a contrahida pelo peccado: e este, repetindo-se, que divida enorme!... Nesta divida (mais de dois milhões de libras esterlinas) que era superior ao rendimento annual de toda a Palestina, vejamos o muito que devemos a Deus, e que elle tão benignamente nos perdôa!

3. *E como não tivesse com que pagar, mandou o seu senhor que o vendessem, a elle e a sua mulher e seus filhos e tudo quanto tinha, para pagar.* — Esta ordem do senhor era justa e estava dentro dos limites do direito oriental, que em punição de certos delictos exterminava a familia inteira do criminoso 1). — O direito de Deus sobre nós seria de nos despojar de todos os bens, de que abusamos, e entregar-nos para sempre áquelles a quem nos vendemos, ao demonio e ao inferno, para ahi pagarmos nossa divida com um supplicio eterno! Felizmente temos com que pagar a nossa divida, isto é, com o Sangue de Jesus Christo, offerecendo-o ao eterno Pae em satisfação de nossos peccados.

2. A paciencia de Deus

1. *E lançando-se por terra, aquelle servo, rogava-lhe dizendo: Tem paciencia commigo e te pagarei tudo.* — A necessidade leva-o a fazer promessas que mal poderá cumprir; mas esta promptidão de vontade sincera serviu-lhe para alcançar o perdão. E' pelas disposições presentes do peccador, e não em vista da execução futura dos seus bons propositos, que Deus lhe perdôa. — Quão paciente tem sido Deus para commigo? Tem-me supportado tantos annos. Ah! si tivesse procedido

1) Evangelho de S. Mathews pelo P. Santana, S. J., pag. 179.

commigo como procedeu com os anjos rebeldes, onde estaria eu agora?!... Pela misericórdia e paciencia de Deus ainda não fui condemnado!

2. O servo, ao ouvir ordem tão fulminante, não perdeu a coragem nem se entregou ao desespero: recorreu ao meio unico, que era obter o tempo necessario para pagar: Senhor, esperae um pouco; que vos pagarei! Ah! Deus ainda não exigiu de nós a conta: ainda temos tempo de saldar todas as dividas. Que insensato não é aquelle que deixa para a hora da morte este negocio! E então já não será tempo de pedir ao Senhor que espere, porque a vida passou! Hoje mesmo devemos compôr as nossas dividas, pois hoje mesmo podemos ser chamados a dar conta de nossa vida.

3. Perdão da divida

E compadecido o senhor daquelle servo, deixou-o ir e perdoou-lhe a divida. — O Senhor, vendo a seus pés o servo, compadeceu-se delle, e concedeu-lhe mais do que pedia, dando-lhe a liberdade e perdoando-lhe toda a divida. Rasgo de generosidade que não repugna á prodigalidade oriental. — E' Jesus Christo que nos propõe esta parábola: ella nada contém de exaggerado. O maior peccador, o mais infame e escandaloso, o mais individado com Deus, si cahir de joelhos aos pés do ministro de Jesus Christo e pedir perdão de suas grandes dividas, obterá a remissão dellas, e será restituído á liberdade dos filhos de Deus. — No senhor que tão facilmente perdoou a grande divida daquelle servo está representada a bondade e misericórdia de Deus em perdoar e em perdoar dando mais do que se pede e se pôde esperar! Pois não só nos perdoa as nossas dividas, mas dá-nos a sua graça, a adopção de filhos seus, e a herança de um reino eterno! Ah! sendo-nos tão facil saldar as nossas dividas, confessando nossos peccados, e merecer tão grandes premios, como permaneceremos na servidão do demonio?

DO MAU SERVO

(Continuação)

1. O servo e seu devedor

1. *E tendo sahido aquelle servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem dinheiros, 1) e, agarrando-o, afogava-o, dizendo: Paga o que deves.* — O que o proximo nos deve é nada em comparação do muito que devemos a Deus. A occasião era favoravel para este homem se mostrar digno da remissão da vida que lhe fôra perdoada, perdoando elle tambem a seu companheiro a pequena quantia de que lhe era devedor. Mas só lh'a não perdoa, sinão lh'a exige, ameaçando-o com a morte.

2. *E agarrando-o, afogava-o, dizendo: Paga o que deves.* — Esta narração nos horroriza; mas não é assim que muitos credores ricos e poderosos procedem com seus devedores pobres e fracos? Não é assim que pessoas altivas, orgulhosas e vingativas exigem as atenções, o respeito, as satisfações, que se lhes devem?... E eu mesmo não terei nesta materia muito de que me arrepender e emendar? Deus perdoa-nos grandes dividas: nós nem uma palavra offensiva queremos desculpar ao proximo! E quão pouco é, si a comparamos com as nossas!

3. *E lançando-se por terra, o conservo rogava-lhe, dizendo: Tem paciencia commigo e tudo te pagarei.* — O pobre devedor procurou desembaraçar-se das mãos do seu credor, para se lhe deitar aos pés e pedir-lhe tempo para lhe pagar tudo. Fez-lhe a mesma supplica e nas mesmas circumstancias, que elle pouco antes tinha feito a seu senhor, sendo-lhe ouvida tão favoravelmente. Mas este homem duro e cruel mostra-se inexoravel e insensível com seu devedor.

4. *Elle, porém, não quiz; mas foi e metteu-o na cadeia, até que pagasse a divida.* — Este deshumano credor não parou na sua ingratição e crueldade. Foi ter com o juiz e mandou lançar o seu devedor na prisão

1) Perto de dezcolto mil réis.

até que pagasse a dívida. Barbaro processo contra o qual não se pôde reprimir a indignação! Mas não é esta a nossa historia si examinamos o modo como recebemos as supplicas e escusas daquelles que vêm ter comnosco? Não nos tocará parte da indignação que merece este exactor inexoravel? . . .

2. O servo accusado perante o senhor

1. *E vendo os outros servos o que se passava, ficaram muito contristados e foram contar ao seu senhor tudo o que se tinha passado.* — Com Deus não é isto preciso. Elle vê tudo, e sente as lagrimas do pobre oprimido. Todavia a indignação dos Anjos e Santos do céu, os suspiros dos Justos na terra, testemunhas de tantos excessos de crueldade e deshumanidade, não cessam de solicitar sua vingança. Saiba todo o homem duro e descaravel que a justiça divina tarde ou cedo se fará sentir sobre elle, e de um modo tanto mais terrivel, quanto por mais tempo suspendida! — Os servos dão-nos um bello exemplo de correcção fraterna e caridade, levando ao conhecimento do Senhor as violencias de que um seu companheiro fôra victima.

2. *Então o chamou o seu senhor e disse-lhe: Servo perverso, perdoei-te toda a dívida, porque me pediste. Não convinha tambem que tu te compadecesses do teu conservo, como eu me compadeci de tí?* — “Então o chamou o seu senhor”: ordem terrivel, ordem suprema, que tambem uma vez na vida nos será intimada! Ninguem lhe poderá resistir! E vivo eu como si nunca tivesse de comparecer diante de um Juiz supremo, que ha de julgar todos os actos de minha vida? . . . Vivo, como si não houvesse de morrer? . . . Peçamos a Deus perdão, antes de vir esse dia, que será só de justiça!

3. *Servo perverso, perdoei-te toda a dívida.* — Que responder a uma tal advertencia? Deus, nosso Creador e Senhor, perdoa-nos offensas atrozes e sem numero; e nós, suas creaturas, não havemos de perdoar a nosso irmão uma ligeira offensa, que, por mais grave que nos pareça, não tem comparação com as gravis-

simas feitas a Deus?... Deus escusa nossa leviandade, ligeireza, inconstancia e desatensões: e nós não havemos de escusar nosso irmão de suas inadvertencias; antes, pelo contrario, havemos de nutrir em nosso coração restos de passadas aversões e antipathias?... Queremos que nos sofram e não queremos soffrer os outros?... Queremos que nos sirvam, e não queremos servir?... Queremos uma lei para nos julgar a nós, e outra para julgar o proximo?...

3. Castigo do servo infiel

1. *E o senhor, irado, entregou-o aos algozes, até que pagasse toda a divida.* — “Entregou-o aos algozes”, isto é, atormentadores: o que allude ao logar de tormentos, para onde vão os condemnados. “Até que pague toda a divida”: isto é, para sempre, pois é manifestamente impossivel que um homem sem meios e encarcerado possa libertar-se de tamanha divida. Daqui se infere que a cólera deste senhor é a cólera de Deus, que os ministros de sua justiça são os demonios, que este supplicio é o fogo do inferno, e que o prazo do pagamento é a eternidade, que não tem fim!...

2. *Assim vos fará tambem,* conclue Jesus a parábola, *meu Pae celeste, si não perdoardes cada um a vosso irmão do intimo do coração.* — E' Jesus quem faz a applicação da parábola. A misericordia de Deus para conosco é a norma e o modelo da misericordia que devemos usar com o proximo. Sem o perdão sincero e generoso das offensas recebidas, ninguem alcançará misericordia de Deus 1).

Perdoemos, mas perdoemos de coração; quando nos formos reconciliar com nosso irmão, que não fique em nós um fundo de frieza, que pouco se differença do odio!

1) Evangelho de S. Matheus, pelo P. Santana, S. J., pag. 181.

DO SAMARITANO

1. O homem ferido pelos ladrões

1. *E quem é meu proximo? perguntou a Jesus um doutor da lei. E Jesus, proseguindo, disse: Um homem baixava de Jerusalém a Jericó, e cahiu nas mãos dos ladrões, que logo o despojaram do que levava, e, depois de o terem maltratado com muitas feridas, se retiraram, deixando-o meio morto 1).* — Neste homem está representado o infeliz peccador, que desce da *Jerusalém* do céu, onde vivia pela graça e gosto das delicias celestes, para *Jericó*, terra dos prazeres dos sentidos. E cahiu nas mãos dos ladrões, que são os *demonios*, e suas cadeias, que são as concupiscencias. *Despojaram-n'o* de tudo, da graça e dons sobrenaturaes; *maltratando-o* com graves feridas de culpas mortaes; e o deixaram *semi-vivo*, com a luz da fé quasi a extinguir-se!

2. *Aconteceu, porém, passar pelo mesmo caminho um sacerdote, e, quando 'o viu, passou de largo. De igual modo um Levita achando-se perto do lugar, e vendo-o, passou tambem ao largo.* — Jesus quiz, com esta parabola, reprehender a falta de caridade que reinava então entre o povo judeu. As causas desta deshumanidade são:

1. *O orgulho.* Este homem coberto de chagas e moribundo era judeu, da mesma cidade que os dois transeuntes. Mas como era um homem commum, sem dignidade e titulos, e elles sacerdotes e levitas, de uma classe distincta, acharam que seria rebaixar sua dignidade, cuidando daquelle ferido, e seguiram seu caminho. E' ainda hoje o orgulho que deixa na miseria os pobres e invalidos.

2. *O interesse.* Este homem fôra roubado e nada possuia. Ninguem o podia soccorrer sinão á propria custa e sem esperar recompensa. Quantas vezes nos recusamos as obras de caridade, que todavia fariamos, si se tratasse de pessoas de quem esperassemos algum bem?...

1) Luc. X. 29.

3. *Dureza de coração.* Ha corações que se não movem com nenhuma desgraça do proximo. Veem-n'ò soffrendo e na miseria, e passam de largo, sem o soccorrer. São corações duros que só olham a seus interesses!

2. Caridade do Samaritano

Mas um Samaritano que passava chegou perto delle, e quando o viu, se moveu á compaixão. E, aproximando-se, ligou-lhe as feridas, deitando azeite e vinho, e, pondo-o sobre seu jumento, o levou para a estalagem e teve cuidado delle.

E no outro dia tirou dois dinheiros, deu-os ao estalajadeiro e disse: Toma cuidado delle; e quanto gastares de mais, eu te pagarei ao voltar. — Jesus pinta-nos neste Samaritano a imagem de uma verdadeira caridade. Primeiramente é *universal*: o Samaritano não considera este infeliz como judeu, não se leva pela antipathia, que nasce da diversidade de nação, de paiz, de religião: é um homem, e basta isto para lhe prestar todo o auxilio. ! *Compassiva*: commove-se com este homem ferido, roubado e abandonado, e tem como propria sua desgraça. — *Activa*: não fica só em palavras e desejos: desce do seu cavallo, aproxima-se do infeliz, lava-lhe as feridas, pensa-lh'as e leva-o para a estalagem. — *Generosa*: provido de azeite e vinho para a viagem, esquece-se de suas proprias necessidades, e alegra-se com poder empregá-los em soccorrer aquelle ferido. — *Laboriosa*: Não só gasta com elle os seus haveres, mas toma o incommodo de o pôr sobre a sua montada, e segue-o a pé até á primeira estalagem. — *Perseverante*: lá não o abandona: manda dar-lhe tudo que é necessario e fica junto delle o resto do dia e a noite seguinte. — *Preventiva*: de manhã deixa dinheiro ao dono da estalagem para ter cuidado do ferido. Recommenda-lhe que não poupe nada, e que, si o dinheiro não chegar, na volta lhe pagará tudo. — Depois desta pintura da caridade, Jesus acrescenta:

— *Qual destes tres te parece que foi o proximo daquelle que cahiu em mãos dos ladrões?*

O doutor respondeu:

— *O que usou de misericordia com elle.*

E Jesus lhe disse:

— *Vae, e faze o mesmo.*

Tomemos estas palavras como ditas a nós, e façamos como este caritativo Samaritano. Sejamos caridosos com todos, sem distincção de paizes nem de cultos, porque na indigencia todos são nosso proximo e têm direito á nossa caridade.

3. O Samaritano, imagem de Jesus

Jesus exerce connosco o officio de verdadeiro Samaritano. Veiu ao nosso encontro, não por acaso, mas muito de proposito. Conhecendo o nosso estado, o mal que o demonio nos tinha tratado, os bens que nos roubára, e as feridas de que estavamos cobertos, desceu da Jerusalém celeste e veiu á terra fazendo-se homem e tomando sobre sua humanidade nossas fraquezas. Curou nossas feridas com seu Sangue; collocou-nos no jardim da sua Igreja, encommendou-nos a seus ministros, para que nos não faltassem com nenhum meio de Salvação, deixando os infinitos merecimentos de sua Paixão no thesouro da Igreja, para nos aproveitarmos delles para pagar nossas dividas contrahidas pelo peccado. Que mais podia fazer por nós este divino Samaritano? Si a parábola não fala do reconhecimento daquelle judeu tão generosamente soccorrido, podemos todavia suppôr qual seria sua gratidão. Os mesmos sentimentos e em gráu mais elevado devemos ter para com Jesus Christo, que fez por nós infinitamente mais que o Samaritano pelo seu proximo. Não podemos viver esquecidos de tão grandes beneficios e de tão misericordioso Bemfeitor.

DOS CONVIDADOS AO BANQUETE

1. Convite para o banquete

1. *Um dos que estavam à mesa disse para Jesus: Bemaventurado o que comer o pão no reino de Deus. Então Jesus lhe disse: Um homem fez uma grande ceia, para a qual convidou a muitos 1).* — O banquete que se dará aos justos no fim da vida será grande em todos os sentidos: Grande por parte de quem o dá — Deus; grande pelo lugar — o céu; grande pela nobreza e multidão de convidados — os Anjos e Santos; grande pela ordem que nelle reinará — a justiça de Deus assignalará a cada um o lugar apropriado aos proprios meritos; grande pelas delicias que nelle se gozam — a vista, posse e amor de Deus; grande emfim pela duração — a eternidade! Quem se negará pois a aceitar o convite a tal banquete?...

2. *E quando foi a hora da ceia, enviou um de seus servos a dizer aos convidados que viessem, que tudo estava já preparado.* — Os convidados, porque o eram, não deviam esperar outro convite para se apresentar no banquete; mas tão grande é o desejo que Deus tem de que seus filhos tomem parte nelle, que tem a condescendencia de lhes mandar segundo aviso. Todos nós somos convidados: como nos podemos esquecer? A Igreja nos chama sem cessar, e além disso nossa consciencia não fica silenciosa. Um instincto secreto, imperioso e constante, nos impelle para a felicidade, mas felicidade que só acharemos neste festim do céu.

3. Jesus chama-lhe *ceia*, pois terá lugar depois dos trabalhos da vida, na hora do repouso definitivo e eterno! Então, adeus fadigas e perigos da luta da vida terrestre, preocupações do presente e do futuro! Tudo isto acabará, e succeder-se-ão as alegrias do eterno banquete da gloria.

1) Luc. XIV, 15.

2. Escusas dos convidados

1. *Porém todos a uma começaram a excusar-se. Disse-lhe o primeiro: Comprei uma quinta, é-me necessario ir vê-la; peço-vos que me excuseis.* — Adquirir novos bens, engrandecer-se, divertir-se, é o que os mundanos têm por negocio mais importante, o que os faz esquecer a alma, o céu, a salvação. Por estes bens transitorios desprezam as promessas de Deus, não aceitam seus convites, não seguem seus avisos!

2. *E disse outro: Comprei cinco juntas de bois e vou prová-los; peço-vos que me deis por excusado.* — Outra especie de homens não são menos afastados da salvação! Toda a vida se lhes vae em trabalhos fatigantes para conservar suas fazendas. Sempre inclinados para a terra, não conhecem outro interesse, outro bem, outra felicidade! E assim preferem os bens terrenos aos celestes, rejeitando o convite para o festim da salvação!

3. *Disse tambem outro: Eu casei, e por isso não posso ir.* — O matrimonio legitimo, santo e christão, nada tem de opposto á salvação e até é um meio de a conseguir. Mas quantos, pelos gozos dos sentidos e prazeres sensuaes, renunciaram aos gozos eternos do céu! Infelizes, que assim trocam, por estes bens materiaes e passageiros, os bens eternos da alma!

4. Nestas tres classes de convidados que se excusam estão representadas as três concupiscencias que afastam os homens de sua eterna salvação, e nas quaes está repartido o mundo, como diz São João 1).

3. Os que são chamados

1. *E voltando o servo referiu a seu senhor tudo isto. Então, irado, o pae de familia disse a seu servo: Vae já ás praças e ruas da cidade e traze para aqui os pobres e os estropiados, os cegos e os coxos.* —

1) Jo. II, 16. Quoniam omne quod est in mundo, concupiscentia carnis est, et concupiscentia oculorum, et superbia vitae.

1. Os Escribas e Phariseus, que ouviam esta parábola, estavam longe de imaginar que era delles que se tratava, sendo elles os primeiros convidados que irritaram a Deus por suas escusas; pelo contrario, o povo simples e os gentios haviam de alcançar o céu pela fé no Messias, que a Synagoga rejeitava. — 2. Essa parábola encerra também mysterios relativos ao christianismo. applica-se a grandes e pequenos, a ricos e pobres. Os grandes do mundo, os ricos da terra, os voluptuosos do seculo excluem-se a si proprios do banquete do céu. O seu desespero será grande, quando virem sentados ao festim da gloria os pobres e simples, que elles desprezaram.

2. *E disse o servo: Está feito como ordenaste, e ainda ha lugar. E respondeu o senhor ao servo: Sae pelos caminhos e cercados e força todos a entrar, para que se encha minha casa.* — Esta ultima categoria de convidados, recrutados pelos caminhos e azinhagas, representa-nos as almas inteiramente transviadas, que não só ignoram a religião, mas vivem como que invencivelmente subjugadas pelo vicio. Nosso Senhor tem dellas immensa piedade. Inspira a seus sacerdotes para as procurar, forçar sua resistencia e impelli-las, como que a força, para a vida eterna! Quantos só assim é que se salvam! — A parábola ensina-nos que o céu será cheio, que o numero dos escolhidos será completo, e que os que forem excluidos só o serão por sua culpa.

3. *Porque eu vos declaro que nenhum daquelles que foram convidados provará a minha ceia!* — Palavras a um tempo terriveis e consoladoras! Deus é bom e justo para com todos. Ninguem se póde queixar d'elle, mas de si proprio. Ninguem é reprovado, a não ser por sua propria culpa, pois a todos dá auxilios abundantes para conseguir a salvação. Quem não corresponde ás graças, que são outros tantos convites para a ceia da gloria, mostra que renuncia a ella, e perde-se porque assim o quer!

DO FILHO PRODIGO

1. O filho prodigo abandona seu pae

1. *Um pae tinha dois filhos, dos quaes o mais novo disse: Meu pae, dae-me o que me pertence de minha herança. E o pae dividiu os bens entre ambos* 1). — Oh! loucura! Oh! ingratidão! Que faltava a este filho em casa de seu pae? Vivia na abundancia de todos os bens, cercado de caricias, tratado como um principe. Mas a familiaridade com falsos amigos fez-lhe perder o gosto a estes bens da casa paterna, e ansiar por outros que só longe della podia gozar. — Semelhante a este filho, não tenho rejeitado o suave jugo da lei do Senhor, a vida pura e innocente, a exactidão no cumprimento dos meus deveres, o recolhimento interior, para me entregar aos divertimentos mundanos, seguindo os conselhos de falsos amigos, as inclinações da natureza e as suggestões do demonio?

2. *E, passados não muitos dias, juntando o que era seu, o filho menor partia para um paiz estranho e muito distante.* — Não só deixa a casa paterna, mas também o paiz de sua naturalidade, com receio de que seus parentes ou conhecidos o estorvassem no gozo de seus loucos prazeres. — Assim faz o peccador que se afasta de Deus; procura viver longe d'elle pelo esquecimento completo de suas leis, de suas promessas, de suas ameaças, para mais livremente se entregar ao gozo dos prazeres. Mas nesse afastamento de Deus o vae ferir o remorso e perturbar-lhe a paz imaginária que pensava encontrar no meio dos seus divertimentos.

3. *E ahí dissipou toda a sua fortuna, vivendo luxuriosamente.* — Entregue a si mesmo, começou este joven a esbanjar prodigamente os seus bens em se vestir e banquetear luxuosa e lautamente. Na presença, seus amigos o applaudiam, na ausencia, porém, deviam zombar de sua prodigalidade e loucura.

1) Luc. XV, 11.

Pouco durou o tempo do prazer! A bolsa foi-se esvaziando, e com o dinheiro que lhe fugia das mãos fugia também a felicidade, desapareciam os amigos! — A felicidade que se encontra numa vida licenciosa é de curta duração! Pelo contrario, a felicidade que se procura na virtude é constante e conforta na desgraça.

2. A servir um amo

1. *E depois que tudo gastou, houve uma grande fome naquella paiz, e elle mesmo começou a soffrer necessidade.* — Era de prever esta rapida mudança de scena! A uma vida, gasta no gozo de todos os prazeres, segue-se a fome da verdadeira felicidade, fome devoradora, que atormenta com novos desejos, com novas aspirações, que de dia e de noite roem o coração. Mas só Deus é poderoso para satisfazer plenamente a fome dessa alma necessitada. E tu, ó joven inconsiderado, pensas encontrar nos cúmplices de taes desregramentos a consolação e paz de que elles carecem? Deixa o paiz do peccado e volta a casa do Pae do céu por um sincero arrependimento!

2. *Retirou-se, pois, e pôz-se ao serviço de um dos cidadãos daquella região, que o enviou a uma fazenda sua, para guardar porcos.* — Depois de tudo consumir em devassidões, o prodigo viu-se na triste necessidade de se vender a si mesmo, de se fazer escravo de um patrão, para ter com que matar a fome. — Quem pecca, faz-se escravo do demonio e das paixões. O senhor não pôde ser mais cruel, a escravatura não pôde ser mais degradante! A semelhante estado é conduzido o peccador pelo abuso de sua liberdade. Subtrahindo-se ao suave peso da lei do Senhor, reduz-se á mais infame das escravaturas, pondo-se ao serviço do demonio e do peccado.

3. Sua alimentação

E queria alimentar-se das bolótas que os porcos comiam, mas ninguem lh'as dava. — O prodigo, rebaixando-se ao vil estado de porqueiro, já não esperava

alimentar-se delicadamente, como quando vivia com seu pae; contentava-se já com qualquer alimento, por mais grosseiro que fosse! Mas o que lhe davam pelo seu trabalho era tão pouco e repugnante, que desejava saciar a fome com as glandes que os animaes comiam. O' prodigo infeliz, a que te reduziste por deixar a casa paterna! Puzeste-te a servir para ter pão, e morres de fome! — Não é outra a sorte do que se põe ao serviço do demonio pelo peccado. Mais cruel que o amo do prodigo, este nosso inimigo nada, do que promete, nos dá! Quem o serve, sentirá sempre o coração vazio, e chegará ao ultimo gráu de baixeza, procurando viver como os irracionaes. Desejaria abolir as leis da honestidade publica, para as substituir por uma liberdade cynica. A condição dos animaes lhe parece preferivel, e desejaria ter a sorte dos mais immundos, viver e morrer como elles!... Oh! horror! — Póde haver mais profundo abysmo, a que possa baixar um homem... um christão?!... O primeiro peccado é o primeiro degráu para elle!

CONVERSAO DO PRODIGO

1. Reflecte sobre seu estado

E entrando em si mesmo, disse: Quantos mercenarios, em casa de meu pae, têm pão em abundancia, e eu morro aqui de fome. — O primeiro passo para a conversão do pródigo foi entrar dentro de si, reflectir sobre o seu proprio estado. Primeiramente pensa no passado. E' facil de imaginar as reflexões que o pródigo faria ao considerar o que foi e o que era. Que vida feliz! Nada lhe faltava: nem um palacio rico e espaçoso, nem as alegrias da familia, nem as caricias de um pae amoroso e vigilante. Todas estas imagens e recordações saudosas o impressionam profundamente. — E' assim tambem que a recordação da vida feliz dos primeiros annos, passados na pratica da religião, resolve muitos peccadores a converter-se. Que importan-

te, pois, é a educação dos jovens nos princípios religiosos e moraes! E' ella a melhor garantia de que, si enveredaram pelo mau caminho, voltarão mais tarde á casa paterna, ao seio da Egreja, ao serviço de Deus.

Pensa no *presente*, e encontra-se sem nada do que antes possuia: sem casa que o abrigue; sem a familia que o conforto, sem o pae que o sustente; sem quem lhe dispense um obsequio, lhe dirija um olhar de carinho, uma palavra de amizade! Vê-se inferior aos jornaleiros da casa de seu pae, aos quaes não lhes falta pão em abundancia, morrendo elle, filho, a fome! — E não são estas tambem as tristes consequencias do peccado?... Quantas almas fieis a Deus vivem na abundancia da paz e da alegria, felizes por servir a um Senhor que as cumula de beneficios! E tu, peccador, que talvez recebeste maiores graças e experimentaste mais ternuras da parte de Deus, porque o abandonaste, vives longe d'elle, envelheces no peccado, morres de fome!

Pensa no *futuro*. "Si continuo nesta vida, morro de fome! E'-me impossivel viver assim: devo sahir desta terra, abandonar este amo cruel, deixar este officio ignobil e voltar a casa de meu pae. E' custoso, mas é preciso". — Oh! si o peccador lançasse um olhar sobre o seu futuro, sobre a morte certa, sobre o juizo inevitavel, sobre os eternos castigos do peccado. Ah! que fazer, diria! Si continuo neste estado, perco-me! Só um partido tenho a seguir, e amanhã será tarde: — Voltar a Deus!...

2. Resolução

Levantar-me-ei, irei a meu pae, e lhe direi: Pae, pequei contra o céu e contra ti. — A reflexão tem, por consequencia, alguma resolução. O filho prodigo, depois de entrar em si e reflectir detidamente sobre o seu deploravel estado, tomou a resolução que era de esperar: *Levantar-me-ei e irei a meu pae!* E que resolução firme e determinada! E' que ella tem por fundamente o horror do estado, o sentimento da miseria,

a evidencia do perigo em que se encontra o prodigo! As nossas resoluções seriam tão firmes e decididas si tivessem os mesmos fundamentos. Certamente o pródigo previa grandes difficuldades á realisação do seu proposito, mas não importa. — E' necessario!... Supportarei todas as fadigas, todas as injurias, todos os sarcasmos!

Irei a meu pae. — A bondade do pae é outro motivo de sua resolução. O doce nome de pae desperta-lhe o amor, reanima-lhe a confiança, renova-lhe as forças. "Irei a meu pae, e não ha algum parente ou amigo que me reconcilie com elle. Conheço meu pae, sua ternura, sua bondade, seu coração. De tudo abusei, mas são inesgotaveis suas misericordias". Si imitámos o pródigo na má vida, imitemo-lo nos sentimentos de confiança, pois a bondade deste pae não tem que ver com a infinita bondade de Deus!

Move-o a esta resolução o conhecimento de sua falta! — *Meu pae, pequei contra o céu e contra ti.* — O filho prodigo, longe de se escusar com o ardor da juventude, com inexperiencia dos annos, com os falsos amigos, accusa sua culpa, reconhece seu erro e confessa a enormidade de seu peccado. — Tal deve ser a nossa convicção de termos offendido a Deus, culpando-nos a nós e não áquelles que nos induziram ao mal.

Depois de planear sua confissão, impõe-se a penitencia: *Já não sou digno de ser chamado filho teu: recebe-me como um dos teus jornaleiros.* — Offerece-se, não para gozar dos privilegios de filho, mas para gastar toda a vida trabalhando como um dos operarios na casa de seu pae. — Si estamos convencidos de que somos peccadores, contentemo-nos com viver na casa de Deus humilhados, soffrendo com resignação todas as provas da vida, tomando-as como penitencia por nossas culpas.

3. Execução

E, levantando-se, foi ter com seu pae. — Execução *prompta*: logo que o prodigo riscou o plano de sua conversão, levantou-se e poz-se a caminho. Si differisse por outro tempo o pôr em pratica sua resolução, talvez lhe faltassem as forças, o ardor affrouxasse, e seu amo, notando-lhe o plano, lhe puzesse obstaculos invencíveis. — Quantas resoluções estêreis por demora na realização! Quantos christãos condemnados por differirem seus propositos de conversão!

Execução corajosa: Logo que se poz a caminho, a idéa da casa paterna, a esperança de ver seu pae e de alcançar o perdão torna-lhe facil a viagem e dá-lhe forças para vencer todos os perigos e fadigas. — Apenas dermos o primeiro passo para voltar a Deus, todas as difficuldades se desvanecerão e o coração se encherá de alegria e coragem para vencer todos os obstaculos da virtude.

Execução fiel: assim como traçou o plano, assim o executa. Leva e põe-se a caminho em direcção á casa paterna. Passou talvez por logares onde encontraria amigos, que, ao vê-lo naquelle estado andrajoso, o acolheriam. Mas nada o detém. Agora é a seu pae que procura. — Ah! e por que somos tão inconstantes no que promettemos a Deus?... Sejamos fieis ás nossas resoluções, si queremos, como o prodigo, gozar de um acolhimento amoroso de nosso Pae celeste.

REHABILITAÇÃO DO FILHO PRODIGO

1. O prodigo recebido pelo pae

Quando ainda vinha longe, seu pae o reconheceu, e, movido de compaixão, correu ao encontro d'elle, lançou-se-lhe ao pescoço e abraçou-o. — Notemos todos os passos desta scena. Nosso Senhor descreve-a com tantos pormenores para nos dar uma idéa da ternura que usa com o peccador que se converte.

1. *O pae vê o filho ao longe e reconhece-o.* — Não foi por acaso que o pae avistou o filho, mas por

sua paternal solicitude. Não passava dia que não subisse ao mirante de seu palacio e seguisse com longos olhos a estrada por onde seu filho partira. A esperança de o tornar a ver não foi em vão: um dia avistou ao longe um vulto de mendigo que se aproximava. O coração adivinhou-lhe quem era. — Deus seguenos por toda a parte e espera-nos com solicitude. Por mais desfigurados que nos apresentemos, não nos repelle.

2. *O pae, vendo-o, encheu-se de compaixão.* — Já está esquecido da presumpção com que o filho lhe pedira a legitima, o desprezo com que abandonára a casa paterna, e a vida licenciosa em que gastára sua fortuna. Tudo esquece, só attende ao estado presente de seu filho e se compadece delle. — O' Deus de misericordia, taes são vossos sentimentos para com o peccador arrependido. *Como o pae se compadece dos filhos, compadeceu-se o Senhor dos que o temem* 1). — *Quanto dista o nascente do poente, tão longe afastou de nós nossas iniquidades* 2).

3. *O pae desce a recebê-lo.* — Parece que o pae devia antes esperar que o filho se aproximasse, dissimular por algum tempo a compaixão que sua vista lhe inspirava, fingir um ar severo, para dar a entender ao joven libertino o descontentamento que seu proceder lhe causou. Mas Jesus Christo propoz a parábola para representar o Pae celeste e suas misericordias para com o peccador arrependido, e por isso detesta taes fingimentos.

4. *O pae lança-se ao pescoço do filho e recebe-o nos braços.* — Que surpresa para o filho tal acolhimento! Elle, que vinha resolvido a cair aos pés de seu pae offendido, é recebido nos braços! Julgando-se sem mais direito ás caricias paternas, é recebido com o ósculo da paz, com o amplexo da caridade! — As-

1) Ps. 102.

2) *Quantum distat ortus ab occidente; longe fecit a nobis iniquitates nostras.*

sim procede Deus com os peccadores arrependidos! Só elles nos pôdem dizer o que sentiram, no momento em que Deus os recebeu na sua graça.

2. A confissão do pródigo

E disse-lhe o filho: Pae, pequei contra o céu e contra ti, já não sou digno de ser chamado teu filho. — Apesar de se vêr acolhido por seu pae com tanto amor, não deixou de fazer a sua confissão, como a tinha preparado. Entre lagrimas e soluços, confessasse duas vezes criminoso, contra o pae e contra o céu, inexcusavel e indigno de ter mais o nome de filho. O pae, alegre por esta confissão tão sincera de seu filho, não o deixa acabar.

Mas disse aos seus servos: Trazei depressa a primeira estola e vesti-o, mettei-lhe o anel no dedo e calçae-o. — Com todo este apparatus quiz o pae mostrar que o recebia de novo como filho, e que como tal queria que todos o reconhecessem e tratassem. — O' Pae das misericordias! Sois vós mesmo que nos descreveis o vosso amor á alma arrependida! Por ella ponde um movimento o céu e a terra, ordenando a vossos ministros visiveis e invisiveis que a sirvam: mandae-lhe dar a tunica da innocencia recuperada pela graça santificante; metter no dedo o anel de ouro, symbolo da nobreza celestial; calçar os pés, para caminhar desapegado de todo o pó-dos bens da terra.

3. O festim

E trouxe um novilho gordo, matae-o, e comamos e banqueteemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, perecera e foi encontrado. E começaram a banquetear-se. — Esta ordem revela a alegria que o pae experimentava, e o desejo de que todos nella tomassem parte. O motivo, que apresenta para toda esta alegria, não podia ser mais justo: o filho que perecera, e reviveu! E sentaram-se á mesa. A alegria era grande e geral: a alma della era o pae; o objecto,

o filho. A's iguarias succederam-se as symphonias e dansas, e a festa foi de um brilho desusado. — O que nos quiz o Senhor representar nestas fracas alegrias da terra? Quiz-nos dar uma tenue imagem das eternas alegrias do céu pela conversão de um peccador, pela salvação de uma alma. — Tambem na sua Igreja offerece o Senhor um divino banquete á alma arrependida, quando lhe dá a comer o seu Corpo e a beber o seu Sangue na mesa eucharistica.

SENTIMENTOS DO FILHO MAIS VELHO

1. Descontentamento do filho mais velho

1. *Seu filho mais velho estava no campo; e como voltasse e se aproximasse de casa, ouviu o concerto e o ruido dos que dansavam. E chamou um dos criados e perguntou-lhe o que era.* — A estranheza do irmão e a curiosidade de saber o que havia não tem nada de reprehensivel, é até muito natural. Mas nós que direito temos de nos informarmos de tudo que se passa em casa alheia?

2. *E este lhe disse: Teu irmão veio, e, o pae mandou matar um novillo gordo, porque o recebeu incólume. Indignou-se e não quiz entrar.* — Ha homens de uma severidade excessiva para com os outros e que se indignam contra aquelles que se enchem de caridade com os peccadores. Assim eram os phariseus que se indignavam ao ver Jesus tratar com os publicanos e sentar-se com elles á mesa.

3. *Mas o pae, sahindo, instou com elle para que entrasse. Elle, porém, respondeu a seu pae: Ha já tantos annos que te sirvo, e nunca transgredi um só preceito teu, e não me deste um carneiro para me banquetear com meus amigos.* — Não devemos recordar o tempo que passamos em serviço de Deus, sinão para o agradecer, para nos humilhar, e não para pretender doçuras e consolações da parte de Deus, e muito menos distincções da parte dos homens. A vida é o

tempo da prova e do trabalho: no céu nos banquetearmos.

4. *Mas logo que chegou este teu filho, que gastou com meretrizes toda a sua fortuna, mataste-lhe um gordo vitello.* — Que sentimentos tão diferentes os deste irmão descaridoso e os do pae misericordioso! Sejam compassivos com os infelizes peccadores, nossos irmãos, e imitemos a Deus, que lhes perdôa os peccados e se esquece delles logo que se arrependem.

2. Felicidade em viver na casa paterna

Mas o pae disse-lhe: Filho, tu sempre estás comigo, e tudo que tenho é teu. — Notemos neste passo da parábola como descreve o Senhor as vantagens dos justos. 1. Quando o pae soube que seu filho mais velho estava descontente, vae ter com elle, e, em lugar de reprehensões, emprega para o convencer caricias, razões e supplicas: ouve paciente suas queixas, e, ainda que injustas e amargas, não se mostra offendido; responde com doçura, desfaz as suspeitas e emprega todo o amor paterno para o apaziguar. — E' assim que Deus se compadece de nossas fraquezas. Pae tão indulgente para os justos como misericordioso com os peccadores, excita estes á conversão e aquelles a aperfeiçoar-se cada vez mais em seus serviços. — 2. Os justos estão sempre com Deus, sempre unidos a elle pela graça santificante, sempre, ou ao menos habitualmente, unidos pelo recolhimento, pelo pensamento de sua presença, pelo desejo de lhe agradar. Neste estado feliz todas as obras são meritorias para a vida eterna. — 3. Todos os bens de Deus são delles, como diz S. Paulo: *Omnia vestra sunt, vos autem Christi*, todas as coisas são vossas, porém vós sois de Christo: os bens da criação e da natureza, os bens da Redempção, da Graça e da Gloria. Deus mesmo é seu bem, pois se fez sua herança. Oh! como devo, pois, andar contente na casa deste bom Pae, trabalhar para o servir, ainda que elle me não dê essas consolações interiores

e doçuras espirituaes que alguns de seus filhos experimentam! Já é grande favor o não ter deixado sua casa, como o prodigo!

3. Reflexões sobre o estado do peccado

Convinha, pois, banquetear-nos e alegrar-nos, porque teu irmão estava morto e reviveu, perecêra e foi encontrado. — Duas vezes menciona o Senhor estas palavras e com ellas conclue a parábola, para nos advertir da importancia que ellas têm.

1. O peccado é realmente *a morte* da alma. O peccador está privado de Deus e de sua graça, que é a vida da alma, como a alma é a vida do corpo. Quem, pois, sae do estado do peccado, e pela penitencia recebe a graça santificante, revive para Deus; é mais um filho que lhe entra em casa, pelo que ha grande alegria no céu.

2. Pelo peccado, o homem *perde-se*; pela conversão, é encontrado de novo; entra no numero dos filhos de Deus; e, sendo infinito o amor que Deus tem aos homens, é facil de imaginar a alegria que elle sente em encontrar de novo um filho que se tinha perdido.

3. Não é o fim da parábola tratar da *perseverança* do prodigo; mas é bom pensar como elle receberia seu antigo amo, si agora se lhe apresentasse e o mandasse retirar da mesa e voltar ao antigo emprego. Não seria elle tão insensato que se expuzesse segunda vez a cahir em estado tão miseravel. Mas supponhamos que o prodigo abandona de novo a casa de seu pae, e que, depois de cahir nas mesmas miserias, volta com os mesmos propositos: com que rosto o receberia então seu pae?... Ah! não meçamos a bondade de Deus pela dos homens! Deus está prompto a nos receber, não só uma nem duas, mas todas as vezes que sinceramente arrependidos voltamos a Elle. Mas qual não seria nossa malicia e ingratição, si sua bondade fosse para nós motivo de o offender?!...

DO ECÓNOMO INFIEL

1. O ecónomo chamado a contas

1. *Jesus disse ainda a seus discipulos: Um homem rico tinha um ecónomo; este foi accusado diante delle, por ter dissipado seus bens.* 1) — Este ecónomo, a quem o rico tinha confiado a administração de seus bens, em vez de os fazer render, dissipou-os servindo-se delles para seus proprios interesses. Este procedimento chegou a ser conhecido do senhor, que se encheu de cólera. — Não sou eu este ecónomo infiel? Tudo que tenho, bens do corpo e da alma, da natureza e da graça, do nascimento e da fortuna; vida, saúde, riquezas, talentos... tudo recebi de vós, ó meu Deus, tudo vós me déstes para vossa gloria. Mas o uso que fiz de todos estes bens não estará attrahindo sobre mim a vossa colera?...

2. *E mandou chamar o ecónomo e lhe disse: Que ouço dizer de ti? — Não ouço de ti sinão queixas e todos reclamam minha justiça contra tua iniquidade. — Confesso, Senhor, que dei assumpto a muitas queixas. Em todas as idades, logares, empregos, meus superiores iguaes e inferiores, todos apellam para vossa justiça, pelo máu uso que fiz dos bens que me déstes, pelas palavras, pensamentos e acções com que transgredi vossa lei!*

3. *Dá-me conta da tua administração. — Que golpe fulminante para este homem que nada tinha em ordem, que de tudo usára como proprietario para o fim de seus desejos! Agora se lembra que tem um senhor a quem é obrigado a dar conta! — O' homens, a quem poucos annos restam de vida sobre a terra, esqueceis-vos que tendes um Senhor, a quem sereis obrigados a dar conta minuciosa de todas as vossas acções?... Como viveis esquecidos desse ultimo instante, em que deveis responder por vós ao Supremo Juiz?...*

1) Luc., XVI, 1.

4. *Pois não poderás mais administrar*, disse-lhe o Senhor. — Um dia virá também em que nos tirarão toda a administração e nos despojarão de tudo. Já veio para muitos que nós conhecemos: tão depressa virá também para nós! Então cessará para sempre a administração dos bens deste mundo! E como é que vivemos como si nunca o houvessemos de deixar?... como si não tivéssemos de responder por cada acção?... Como si uma eternidade de tormentos não fosse a paga de nossas infidelidades?...

2. Prudencia do ecónomo

1. *Então disse elle a si mesmo: Que farei, pois meu amo tira-me a administração de seus bens? Cavar não posso e envergonho-me de mendigar.* — O ecónomo viu-se numa angustiada situação: urge tomar um partido para assegurar sua subsistencia — Oh! si pensássemos que em breve deixaremos a vida, e que uma eternidade nos espera, como trataríamos a sério de nos prevenir para entrar nesse novo mundo, em que só nossas boas obras e virtudes nos prepararão uma vida feliz! — *Quid faciam?* — que é bem fazer agora, para então?...

2. *Já sei, disse, o que hei de fazer, afim de que, quando me tirarem o emprego, tenha gente que me receba em sua casa. Mandando, pois, chamar os que deviam a seu patrão, disse ao primeiro: Quanto deves a meu senhor? Elle respondeu: Cem cados de azeite. O ecónomo disse-lhe: Toma tua caução, senta-te depressa e escreve cincoenta. Depois disse a outro: E tu, quanto deves? O qual disse: Cem môios de trigo. Disse-lhe: Toma a tua letra e escreve oitenta.*

E louvou o senhor o ecónomo infiel por ter procedido com prudencia. — O senhor não pôde deixar de louvar a industria deste homem, que, por uma acção mais prudente que justa, preparou um recurso para quando fosse despedido do seu emprego. — Oh! si fôssemos tão industriosos no que toca á nossa salvação! Perdoando as faltas do nosso proximo, dispo-

mos a Deus para nos perdoar as nossas. Dando esmolas aos necessitados, grangeamos outros tantos amigos que nos receberão no céu. Nisto somos prudentes, sem sermos injustos.

3. *Porque os filhos deste seculo são mais prudentes, nos negocios da vida, que os filhos da luz.* — Os filhos do seculo são os que só pensam na vida presente. Os filhos da luz são os que pensam mais na vida futura e trabalham por salvar-se. Nós somos deste numero; mas comparemos nossa prudencia no negocio da salvação eterna, com a prudencia dos mundanos nos negocios temporaes, e vejamos como é superior á nossa.

3. Poder das riquezas

E eu vos digo: Empregae as riquezas iniquas em grangear amigos, afim de que quando fallecerdes vos recebam nos eternos tabernaculos. — Jesus chama ás riquezas o dinheiro da iniquidade — *mamona iniquitatis* — quer pelo uso que fazemos dellas para o peccado, o luxo, o escandalo; quer pela maneira como as *adquirimos*, com avareza, crueldade, injustiças; quer pela maneira como as *possuimos*, pondo nellas o coração e tendo-as como o ultimo fim da nossa vida. E' com ellas que devemos grangear amigos no céu. E quaes são esses amigos? Os pobres que preservamos do peccado, ajudando-os com esmolas; os servos de Deus, que vivem da caridade dos ricos; as pobres almas do purgatorio, que, pelas Missas que por ellas mandamos celebrar, sobem ao céu a interceder por nós.

E para que são estes amigos? *Para nos receber nas moradas eternas.* — Esta expressão é tão forte e energica, que não a podemos explicar, sob pena de a enfraquecer: parece até exaggerada si não fosse dita por Nosso Senhor e Mestre. O' poder da esmola! O' poder dos pobres! O' poder dos Santos!

LAZARO E O RICO AVARENTO

1. Diferença entre Lázaro e o avarento

Havia um certo homem rico, que se vestia de púrpura e de seda; e todos os dias se banqueteava esplendidamente.

E havia um certo mendigo, por nome Lázaro, que, cheio de úlceras, jazia á porta do rico.

Desejava sustentar-se das migalhas da mesa do rico, mas ninguém lh'as dava; e vinham os cães e lambiam-lhe as úlceras. 1) — Nosso Senhor, para confirmar o que tinha dito do apêgo das riquezas e do modo de usar dellas, expôz esta parábola, ou esta narração em estylo de parábola, que encerra as mais terríveis verdades. Trata-se nella de dois homens muito diferentes um do outro:

1. *Nos bens temporaes*: um era rico e gastava suas riquezas em banquetes e vestidos luxuosos; o outro era um mendigo, a quem o rico negava as migalhas de sua lauta mesa.

2. *Nos bens do corpo*: o rico gozava saúde, que empregava na ociosidade; o pobre, impossibilitado de trabalhar, estava coberto de chagas e mal se podia arrastar.

3. *Nos sentimentos da alma*: o rico, inebriado de prazeres e inchado pelo orgulho, considera-se superior aos outros homens, e não se digna pôr um olhar de compaixão no infeliz que tinha á porta! Lázaro soffria com paciência e adorava a mão de Deus que o feria. Submettendo-se aos designios da Providencia, aguardava o fim de seus males e a recompensa da resignação com que os soffria. Adoremos a Providencia de Deus, que assim distribue os bens e os males! O fim da parábola nos mostrará que os felizes, afinal, são os que soffrem resignados!

1) *Luo.*, XVI, 19.

2. Morrem Lázaro e o avarento

Sucededeu que morreu o mendigo e foi levado pelos Anjos ao seio de Abrahão. Morreu também o rico e foi sepultado no inferno. — Chegados ás portas da morte, estes dois homens, na vida tão diferentes, são agora completamente iguaes. Fortuna, poder e miseria é a mesma em ambos. Para ambos tudo passou: riquezas para um, miserias para o outro! A morte a ambos iguala.

Mas uma nova differença se estabelece ao sahir deste mundo. O pobre Lazaro, que se via abandonado por todos, é agora servido pelos Anjos, que o tomam nos braços e o levam ao seio de Abrahão. O rico deshumano é arrebatado pelos demonios e sepultado no inferno! O que os torna agora tão differentes? As acções! O rico viveu no gozo dos sentidos, abusando dos bens que Deus lhe deu: agora recebe o castigo! O pobre Lazaro viveu no soffrimento supportado com heróica paciencia: agora recebe o premio! *Um momento de tribulação — uma eternidade de gloria!* 1) Oh! quanto mais felizes são neste mundo os que seguem pelo caminho de Lazaro, do que os que imitam o rico avarento!

No ultimo dia será maior a differença. O corpo de Lazaro, desfigurado pelas ulceras que os cães iam lamber, ha de apparecer no juizo final resplandecente como um sol. O corpo do rico avarento, que tanto se ataviou com vestidos luxuosos e regalou com banquetes, sahirá do sepulcro como um carvão destinado ao fogo eterno!

SUPPLICIOS DO RICO AVARENTO

1. Petição do rico avarento

1. *O rico avarento, em meio dos tormentos, levantando os olhos, viu ao longe Abrahão e Lazaro em seu seio.* — O rico avarento, no meio dos seus tor-

1) *Momentaneum et leve tribulationis nostrae, aeternum gloriae pondus operatur in nobis.* (II Cor. 4).

mentos, levantou os olhos, e então viu o que perdeu! Si elle durante a vida levantasse mais vezes os olhos ao céu e trabalhasse para o conquistar, estaria agora com Lazaro no seio de Abrahão! Mas este é um dos maiores tormentos dos condemnados: lembrar-se do céu que perderam, podendo tão facilmente alcançá-lo!

2. *E clamando, disse: Pae Abrahão, compadece-te de mim.* — Já é tarde! depois da morte não ha mais piedade e compaixão! Passou o tempo da misericórdia — chegou o tempo da justiça! No inferno, — ah! é já muito tarde para implorar a misericórdia divina — agora a devemos alcançar com lagrimas de sincera penitencia.

3. *Manda a Lazaro que molhe a extremidade do seu dedo na agua, para refrigerar minha lingua, pois soffro cruelmente nestas chammas.* — Estas palavras são reveladoras dos atrozes soffrimentos do rico avarento. Todo o seu corpo está envolto em chammas de um fogo que abrasa e não mata, queima e não consome, arde sempre sem affrouxar nem se apagar! Este fogo causa a sêde eterna dos condemnados. O tormento, que ella representa, está vivamente descripto na petição que o rico avarento dirige a Abrahão, de uma gota d'agua no dedo de Lazaro, que lhe refrigerar a lingua! Eis no que vieram a parar todos os banquetes do rico avarento! Antes tanta abundancia — agora nem uma gota d'agua para amortecer a sêde!...

2. Resposta de Abrahão

1. *E respondeu-lhe Abrahão: Filho, lembra-te que recebeste os bens na tua vida, e Lazaro, ao contrario, os males; agora, este é consolado, tu, porém, és atormentado.* — Esta resposta de Abrahão foi um terrivel desengano para o rico. Agora vê claramente a infinita desproporção entre os bens e males da terra, e os bens e males da eternidade. O que eram os bens da terra, pelos quaes se privou dos bens do céu e cahiu nos males do inferno? Bens instaveis, temporaes, in-

sufficientes para encher o coração! E por bens tão caducos se expoz o rico ao males do inferno, males eternos, males do corpo e da alma, sem remedio! — As palavras que Jesus poz na bocca de Abrahão devemnos encher de conforto: quanto mais soffrermos os males desta vida, mais seguros estamos que havemos de gozar os bens da outra.

2. *Além disso ha entre nós e vós um grande abysmo, de sorte que ninguem póde passar de cá para lá, nem de lá para cá.* — Estas palavras encerram uma das grandes e terriveis verdades da nossa fé: o estado de permanencia eterna das almas. Para onde cahir a arvore, ahi ficará eternamente! Nem os condemnados sahirão do lugar de seus horriveis tormentos, nem os justos verão, por um instante, perturbada ou interrompida sua felicidade!

3. Supplica do rico avarento

1. *E disse: Peça-te, pae, que mandes a Lazaro a casa de meu pae; pois tenho cinco irmãos, para que os avise, não venham tambem eles para este lugar de tormentos. E disse Abrahão: Têm Moysés e os Prophetas: ouçam-n'os.* — Não se devem exigir meios extraordinarios para alcançar a vida eterna, quando bastam os ordinarios. Não precisamos que Deus nos appareça e nos fale, que nos envie algum anjo que nos instrua. Já nos falou pelos prophetas e nos enviou seu divino Filho, que nos deixou em sua Igreja meios abundantes para nos salvarmos.

2. *Mas o avarento replicou: Não, pae Abrahão, mas si algum morto lhes falar, farão penitencia. Disse-lhe então: Si não ouvem nem a Moysés nem os Prophetas, nem mesmo que resuscitasse algum morto creriam.* — Não faltam pessoas que, para crer certas verdades, desejariam o testemunho de alguem que viesse do outro mundo. Mas um tal facto 1. nem seria conforme á sabedoria de Deus, que nos quer conduzir ao céu pela fé em sua palavra e não por visões de mortos; 2. nem conforme ao estado dos mortos, pois

não nos foram dados como prégadores da fé e porque já não pertencem a este mundo; 3. nem conforme á nossa situação presente, pois seria grande nossa inquietação si houvessemos de estar sempre na expectativa da apparição de algum morto para nos confirmar na fé.

Si não acreditamos em Jesus Christo, que, em pessoa, nos prégou a doutrina da nova lei, como acreditaríamos num morto, sem sabermos por quem nos era enviado, qual a sua autoridade, quaes as suas intenções?...

Para evitarmos as penas do inferno, não precisamos que algum condemnado nos venha falar dellas, pois temos esta parabola e muitas outras passagens do Evangelho em que Jesus Christo nos pinta com vivas côres os males que lá se padecem e nos exhorta a viver de modo que não sejamos lançados no fogo eterno!

O JUIZ E A VIUVA

1. Oração da viuva

1. *Havia numa certa cidade um juiz, que não temia a Deus nem respeitava os homens.* 1) — Em toda a sociedade bem ordenada, a magistratura, de preferencia a qualquer outra profissão, possui homens justos e conscienciosos; pois, sabendo elles que o divino Mestre no ultimo dia lhes ha de rever todas as sentenças, procuram proceder com toda a justiça em suas funcções. O juiz que figura nesta parábola não teme a Deus, nem se preocupa com o sentir dos homens. Como esperar delle uma sentença justa?

2. *Ora, havia naquella cidade uma viuva, e recorreu a elle, dizendo: Faze-me justiça contra meu adversario.* — Que podia esperar esta viuva? Si vivesse seu esposo, teria quem lhe apoiasse a demanda e fizesse respeitar seus direitos. Mas vê-se só; os filhos, si os tem, estão ainda na flôr da

1) Luc. XVIII. 2.

idade, pois o Evangelho nos apresenta esta viuva abandonada a si mesma. Todavia a necessidade obriga-a a reclamar diante do magistrado que se lhe faça justiça. Mas, como era de prever, o juiz nega-lhe a sua intervenção e não se occupa de sua causa:

3. *E não queria durante muito tempo.* — A viuva não desanima com as recusas successivas: volta de novo, multiplica suas instancias, repete com novo ardor suas reclamações.

Nesta pobre viuva está representada nossa pobre alma muitas vezes desprotegida de todo o apoio sensível. A quem ha de recorrer, para obter protecção contra o demonio, sinão a Deus! — Nas repetidas instancias da viuva ao juiz para vencer a causa, quer-nos o divino Autor da parábola mostrar o valor da oração perseverante.

2. Triunpho da oração perseverante

1. *Depois disto, disse, para comsigo, o juiz: Ainda que não temo a Deus, nem respeito o homem, contudo, porque esta viuva me importuna, far-lhe-ei justiça, para que não venha no ultimo dia e me diffame.* — Tanto insistiu a pobre viuva, que sua oração foi ouvida. O juiz acabou por ceder a suas instancias. Assim tambem procederá Deus connosco, si perseverarmos em orar até sermos importunos. E quanto mais seremos ouvidos tratando-se de nossos interesse eternos, da victoria em nossas tentações, do progresso na virtude!

2. Reparemos como nosso Salvador suppõe na parábola um juiz iniquo e perverso, precisamente para nos mostrar melhor a efficacia da oração perseverante. Comparando-se a um juiz sem consciencia e sem honra, parece dizer-nos: Esquecei minha bondade e ternura; supponde-me tão máu, si quereis, como os peiores entre vós. Ainda então podeis estar certos da efficacia da vossa oração, comtanto que seja perseverante.

3. Conclusão da parábola

1. *E o Senhor disse: Reparae no que diz o máu juiz: Deus, porém, não fará justiça a seus escolhidos, que a elle clamam dia e noite, e soffrerá que os opprimam?* — Jesus estabelece aqui a comparação entre o juiz iniquo e Deus, entre a viuva e os escolhidos. Notae, diz, que este juiz é perverso e iniquo, e que vosso Deus é justo e santo: aquelle é um juiz barbaro e inflexivel, sem honra e reputação — e vosso Deus é terno e compassivo e cioso de sua gloria.

Lá é uma viuva que o juiz olha com indiferença e desprezo — aqui são os eleitos de Deus, a Esposa querida de seu Filho, as almas ornadas da graça onde elle habita; lá é uma viuva que vem todos os dias supplicar a seu juiz, aqui é a Igreja catholica, que nos divinos officios, que celebra dia e noite sem interrupção, pede justiça a Deus contra seus inimigos. Nosso Senhor termina a parábola com uma promessa e com uma pergunta:

2. *Eu vos digo que Deus lhes fará justiça em pouco tempo.* — A vingança divina não tardou a cahir sobre a infiel Jerusalém. Quantos individuos, tyrannos e nações inteiras sentiram os raios de sua vingança! Com quantas guerras, incendios, epidemias, tremores de terra tem Deus vingado o desprezo da fé, as perseguições á Igreja, as profanações dos templos! Mas todos estes assômos da vingança de Deus são apenas gotas do calix preparado para os peccadores no dia das iras do Senhor, dia que já está perto, pois o intervallo entre nossa morte e esse dia conta-se por nada!

3. *Mas quando o Filho do homem vier, pensaes que encontrará fé sobre a terra?* — Eis a origem das perseguições dos escolhidos, e dos sentimentos que movem Deus a vingá-las: a defecção na fé. Negligenciar as obras da fé, escutar os seductores, protegê-los, desprezar a voz dos pastores, traz por consequencia a adopção de novas maximas e o odio áquelles que vivem da fé e a defendem. Daqui á perseguição

é um passo: os escolhidos são immolados: mas suas almas, ainda que no céu, não cessam, segundo a expressão do Apocalypse, de pedir dia e noite vingança, e o Filho do homem, ouvindo seus clamores, não tardará a exercê-la sobre os perseguidores. O universo, depois de receber a fé, a perseguirá; correrá o sangue dos eleitos e ficarão poucos fieis sobre a terra, quando o Senhor vier vingar seus escolhidos e esmagar seus inimigos sob o peso de sua omnipotencia.

O PHARISEU E O PUBLICANO

1. O Phariseu e o Publicano entram no templo

1. *E propôz tambem esta parabola áquelles que confiavam em si, tendo-se por justos, e desprezavam os outros.* 1) — Immediatamente á parabola da viuva importunando seu juiz, S. Lucas nos põe a do Phariseu e do Publicano. Ambas ellas nos recordam as condições da oração: a primeira, a perseverança; a segunda, a humildade. Esta segunda é dirigida áquelles que se comprazem em sua virtude e se julgam superiores aos outros, desprezando-os. Eis a parabola:

2. *Dois homens subiram ao templo para orar: um, Phariseu, e outro, Publicano.* — Em todos os tempos se escolheram os pontos elevados para edificar os altares e os templos, para os quaes, por consequente, era preciso *subir*. A ascensão material symboliza a espiritual, muito mais necessaria, pois a oração é uma elevação da alma a Deus. Devia-nos ser tão facil elevar-nos a Deus pela oração como á ave é natural o voar.

Para orar: Em toda a parte se pôde orar, todavia ha logares destinados á oração, onde ella se faz mais recolhida, onde Deus está mais presente ás nossas supplicas.

Um era phariseu, outro publicano. O phariseu era um dos que fazem profissão de vida regular e es-

1) Luc., XVIII. 9.

crupulosa, fiel observador das prescrições legais. O Publicano pertencia a uma classe de homens cuja profissão estava bastante desacreditada pelas injustiças que praticavam e eram publicamente designados com o nome de peccadores. De homens tão indiferentes, qual será a oração mais seguramente attendida? Todos diriam que a oração do Phariseu seria sublime, agradável a Deus e digna de ser proposta por modelo, e que a do Publicano, por menos instruido e mais carregado de peccados, seria rejeitada por Deus. Ora, justamente succedeu o contrario.

2. Oração do Phariseu

1. *O Phariseu, de pé, orava assim, consigo: O' Deus, dou-vos graças, porque não sou como os outros homens: ladrões, injustos, adulteros, como é também este publicano.* — 1. A attitude do Phariseu, caminhando pelo templo acima e postando-se diante do altar, revela sua grande ostentação e orgulho, escolhendo para orar um logar de destaque, afim de melhor ser visto por todos e reputado por um homem de bem. — 2. Começa sua oração "dando graças" a Deus: a acção de graças é uma das partes da oração, mas deve fundar-se no conhecimento do nosso nada e da nossa indignidade; deve ser acompanhada do temor pelo mau uso que fizemos dos beneficios, e de dor pela conta que delles havemos de dar; deve fundar-se no amor de Deus e do proximo, e não no amor de nós mesmos e no desprezo do proximo. — 3. "Porque não sou como os outros homens, ladrões, injustos, adulteros". — Que orgulho neste sentimento da propria excellencia! Que sátira amarga e louca presumpção! Elogiava-se contra a malvadez dos homens e contra as desordens que reinam entre elles, mas este zelo é suspeito quando não se está encarregado de corrigir os outros. Foi grande temeridade do Phariseu em se julgar superior a seu companheiro. 4. "Porque não sou como o publicano": que cegueira mental não revela no desprezo com que fala do pública-

no! Vendo-o entrar no Templo, devia julgá-lo digno de estima e louvor; mas não: tem por certo que a oração deste publicano não pôde ser agradável a Deus. Como erra no seu juízo temerario!

2. *Jejuo duas vezes na semana, pago o dizimo de tudo que possuio.* — Algumas vezes é permittido fazer menção das boas obras, quando isso é preciso para repellir uma calúmnia como Job, para sustentar seu ministerio como S. Paulo, para se animar á esperança e resistir á pusillanimidade, como David; mas, fóra destes casos, exaltar as boas obras, ou diante dos homens, ou consigo mesmo, é pôr-se em perigo de perder o fructo dellas, convertendo-as em obras de orgulho, de murmuração, e desprezo dos outros.

3. Oração do Publicano

1. *O Publicano, conservando-se distante, nem os olhos queria levantar para o céu: mas feria seu peito, dizendo: Senhor, compadecei-vos de mim, peccador.* — Reparemos em todos os traços com que Jesus narra a oração do publicano. 1. *Conservando-se ao longe:* isto é, á porta do templo. Ah! si entrássemos na igreja com este sentimento de humildade, tendo-nos por indignos de nos chegarmos mais perto do altar e si ao menos desde a porta nos penetrassemos da majestade do lugar, que boa disposição para sermos ouvidos em nossas orações! — 2. *Não ousava levantar os olhos:* tão grande era sua confusão! Temia, si os levantasse, encontrar o olhar de Deus fitando-o, irado! Olhava com horror para sua vida, e desejava que a contrição lhe despedaçasse o coração. Por isso dizia: — *Senhor, tende piedade de mim!* — Todavia era grande sua confiança, e no excesso da propria miseria encontrava motivo para esperar na misericordia divina. — 4. *Pobre peccador:* confessa-se culpado, implora a graça de perdão, a luz e força para deixar sua má vida. — Uma oração tão humilde não podia ficar sem grande successo:

2. *Eu vos declaro, disse Jesus, que este voltou para casa justificado, e não aquelle, porque todo o que se exalta será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado.* — Contra toda a expectativa, o publicano foi preferido ao Phariseu. Seus peccados foram perdoados, ao passo que o Phariseu sahiu do templo duplamente culpado, pelo orgulho e estima de si mesmo e pelo desprezo do seu proximo.

A OVELHA PERDIDA

1. Murmuração dos phariseus

Aproximavam-se, porém, delle os publicanos e peccadores para o ouvir. 1) — O espirito de Christo, é inteiramente opposto ao dos phariseus. Estes, cheios de soberba e ostentando o fausto da sua classe, desprezam os peccadores e fogem delles como de immundos. Christo, ao contrario, mostra-se cheio de bondade e tão affavel, que os publicanos e peccadores se animam a ir ter com elle, para ouvir sua doutrina. — Não será por falta desta virtude em nosso trato que os peccadores, os pobres e os humildes nos não procuram?...

2. *E murmuravam os phariseus e escribas, dizendo: Este recebe os peccadores e come com elles.* — Os máus têm sempre que censurar nos bons. As acções mais santas são para elles objecto de escandalo. Fructo da inveja! — Não será esta tambem a causa das minhas murmurações?... A censura dos phariseus, longe de desfazer na reputação do Salvador, recomendava a sua benignidade e mansidão em comer á mesa dos peccadores. A condescendencia e affabilidade com os humildes revela um coração bem prendado, isento de toda a dobrez e inveja. — Não imitarei os phariseus, quando murmuro do que em meus irmãos é virtude e digno de louvor?...

1) Luc. XV. 1.

2. Jesus responde-lhes com uma parábola

E disse-lhes esta parábola: Quem é o homem, dentre vós, que tem cem ovelhas, e, si perder uma del-las, não deixa as noventa e nove no deserto e vae á procura da que se perdeu, até que a encontre? — Jesus responde á murmuração dos phariseus com esta linda e terna parábola, em que explica o seu proceder com os peccadores e publicanos. Elle é o homem que tem as cem ovelhas. Deixando no céu as noventa e nove, que são os anjos, veiu á terra á procura da que se perdera, que é o homem... que sou eu... que és tu! E á custa de que dôres e angustias!... Quão arduos caminhos andou — do presepio ao pretorio, e do pretorio á cruz! — Quanto mais errei pelos caminhos do peccado, mais difficil, trabalhosa e demorada lhe tornei a pesquisa! Eu fugindo, e elle procurando-me! Por uma hervazinha rasteira de um prazer fugaz, em quantos precipicios cahi, quantas quedas mortaes!... E Jesus, o divino Pastor, procurava-me com uma benignidade e persistencia ineffavel! Ainda lhe fugirei?...

3. Continuação da parábola

1. *E, encontrando-a, carregou-a em seus hombros, com alegria.* — Do mesmo modo que o pastor tratou esta ovelhinha, trata Jesus os peccadores arrependidos. Em vez de a maltratar com o cajado e desabafar contra ella em iras e ralhos, acaricia-a, sorri-lhe, mostra que não tem contra ella a menor sombra de rancor ou desestima. Mas não se contenta com isto: cheio de compaixão ao vê-la sem forças, emmaranhada entre as silvas, toma-a com cuidado e carrega-a nos hombros, cheio de alegria. E' sob esta imagem terna que se pinta o divino Pastor de nossas almas! Ainda que pudéra fazê-la caminhar por seu pé adiante de si, quiz todavia carregá-la aos hombros, para nos insinuar que o peccador que devéras se arrepende de seus erros não sente mais as reprehen-

sões da consciencia, e é-lhe suave a lei de Deus e o caminho da virtude, porque é Deus que o leva por sua graça.

2. *E chegando a casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Dae-me o parabem, porque encontrei a minha ovelha, que se perdera.* — O divino Pastor não quer a alegria só para si, mas chama os amigos e vizinhos, que são os anjos e Santos e todas as almas justas, para que se alegrem com elle, pois a conversão de um peccador é motivo de alegria para todos. Eu, que sou a ovelha perdida e encontrada, devo convidar todas as creaturas para que ajudem a agradecer a Deus o ter-me arrancado da morte e restituído á vida!

3. *Digo-vos que assim será a alegria no céu por um peccador arrependido, mais do que por noventa e nove justos, que não precisam de penitencia.* — Eis a razão por que Jesus se junta com os peccadores e publicanos: trazer estas ovelhas perdidas ao arrependimento de seus peccados e á penitencia, pois sabe a alegria que tem o Eterno Pae e todos os anjos no céu, por um peccador que se converte. Não quer Jesus dizer nesta ultima parte da parabola que não agrade a Deus e aos anjos a santidade continuada dos justos, mas que a essa alegria accresce uma nova razão de jubilo a inesperada conversão de um peccador. — Todas as vezes que eu fizer penitencia por meus peccados, causarei esta nova alegria no céu!

A DRACHMA PERDIDA

1. A drachma perdida

Depois da parabola da ovelha perdida, proseguiu Jesus: — *Ou qual é a mulher que, tendo dez drachmas, si perder uma drachma, não accende a lanterna e varre a casa, e procura diligentemente até que a encontra?* 1) — O objecto desta parabola é o mesmo

1) *Luc.* XV, 8.

que o da *Ovelha perdida*. Jesus Christo em ambas nos quer dar a entender quanto Deus deseja a conversão dos peccadores e a alegria que por ella ha no céu.

Esta mulher, segundo S. Ambrosio, é a Igreja. A drachma representa a alma humana. Diz S. Cyrillo a S. Agostinho que todos nós somos drachmas, pois, como estas trazem a effigie de um principe, nós trazemos a de Deus.

A perda da drachma representa, pois, a perda de uma alma. Si a mulher da parábola anda tão inquieta pela drachma perdida, quanto se não deve agoniar a Igreja por toda a alma que se perde! A mãe, a quem morre um dos filhos, parece, no auge da dôr, esquecer todos os outros para só pensar naquella que perdeu. Assim a Igreja, com relação ás almas, está bem representada naquella mulher, a quem a presença das nove drachmas, que lhe restam, não compensa a ausencia da que lhe falta. — Aquella drachma é a minha alma, que a Igreja perdeu, quando eu, pelo peccado, perdi a graça santificante. Quanto fez para me encontrar?!... Posso julgar-me, de novo, em seu poder, ou ainda está á minha procura?...

2. A drachma procurada

Sigamos a mulher da parábola em todo o processo de investigação da drachma perdida.

1. *Accendeu a lanterna*. — Este era o meio obvio de encontrar a drachma perdida, pois a casa era pobre e tinha só uma porta, por onde entrava a luz, que devia ser muito escassa. Ora, sendo o objecto perdido tão pequeno, era necessario accender uma lanterna para o encontrar. A luz desta lanterna é a luz da fé que brilha na Igreja. Quando a fé illumina uma alma, ha sempre esperanza de que volte ao bom caminho.

Sem a fé, a piedade não passa de um sentimento esteril que depressa se mudará por outro. A fé, com as suas convicções inabalaveis, persiste sempre como pharol da salvação em meio de todas as dúvidas.

2. *E varreu a casa.* — Da parábola vê-se que a lanterna não foi suficiente para encontrar a drachma. Está talvez encoberta na poeira, é preciso lançar mão da vassoura e passá-la por todos os cantos da casa. — Não basta também a fé para nos salvarmos. É necessário remover o pó dos peccados por meio do Sacramento da penitencia, examinando todos os esconderijos de nossa alma, e varrendo para fóra todo o lixo das imperfeições, até apparecer, com todo o seu brilho, a drachma da graça santificante.

3. *E procurou-a diligentemente.* — Explica-se na mulher esta diligencia: uma drachma, para ella, tinha muito valor. — Mas que tem que ver o valor daquella drachma com o da nossa alma! Para a salvar, move-se o céu e a terra, e o Filho de Deus vem dar por ella o preço infinito de seu Sangue!... E eu talvez sem dar um passo para me entregar á Igreja e a Deus, que com tanto amor me buscam!

4. *Até a encontrar.* — Esta perseverança devo ter em procurar a salvação de minha alma, perseverança que deve durar toda a vida, pois em cada momento delia posso perder a graça santificante. É tão grande é o valor de minha alma, que bem merece que toda a vida me preocupe delia.

3. A drachma achada

E quando a encontrou, convidou as amigas e vizinhas, dizendo: Dae-me o parabem, porque encontrei a drachma que perdera. — A alegria em achar a drachma é tanta, que não resiste a chamar suas amigas e vizinhas para que tomem parte nelia. — Esta alegria é imagem da que sentem os anjos e Santos no céu pela conversão de um peccador.

É assim também que a Igreja se alegra, convidando seus amigos do céu e seus vizinhos da terra, que são os anjos e santos da igreja triumphante, e os fiéis militantes, para ter parte em sua alegria. E por que? — “Não só, diz, porque esta alma perdida vol-

tou ao bom caminho, mas sobretudo porque encontrei uma alma que tinha perdido". Quanto amor na Igreja e em Jesus, que a inspira e anima! Alegra-se não tanto pelo bem do peccador, mas pelo bem proprio, pois encontrára o que perdera! — Esta é a grande solicitude da Igreja: procurar as almas perdidas, para as entregar a seu Creador. O mal é que muitas dellas não se deixam procurar e querem passar a vida envolvidas no pó das coisas terrenas. A Igreja e seus ministros andam em nossa procura: não lhes fuja-mos! Deixemo-nos encontrar e será grande a alegria que daremos a Deus e aos Anjos do céu!

TERCEIRA PARTE



A PAIXAO DE JESUS

TRIUMPHO DE JESUS

1. Ordem de Jesus

Na manhã seguinte (que era o primeiro dia da semana) *aproximando-se Jesus de Jerusalém e de Bethphagé, mandou dois de seus discipulos, dizendo-lhes: Ide á aldeia que defronte de vós está, e logo achareis uma jumenta presa e um poldro com ella, e trazei-m'os. E si alguém vos perguntar: Que fazeis? diizei que o Senhor tem necessidade delles, e logo vo-los deixarão trazer. E os discipulos partiram e fizeram como Jesus lhes ordenára* 1). Nestes preparativos do triumpho de Jesus, 1º admiremos o conhecimento que Jesus tem de tudo, não só do que procede de uma causa necessaria, mas da livre vontade do homem; e descansemos na sua sabedoria e providencia. — 2º Admiremos a obediencia dos discipulos, que sem olhar ás difficuldades em cumprir uma ordem ao parecer injusta, temeraria e perigosa obedecem promptamente. Confiam em seu poder, e que tudo lhes succederá como elle determina. — 3º Não menos docilidade nos ensinam os Bethphagenses em ceder logo o que em nome do Senhor lhes é pedido. A' imitação delles não recusemos o que se nos pede em nome do Senhor e o que o mesmo Senhor nos pede.

2. Jesus entra na cidade em triumpho

Ora, tudo isto aconteceu para se cumprir o que o propheta dissera: Dizei á filha de Sião: Eis ahi vem teu rei manso, e assentado sobre uma jumenta e um poldro, filho da que leva o jugo. — Grande significação devia ter este triumpho para tão mi-

1) Math. XXI, 1.

nuciosamente ser predito pelo propheta! Jesus quiz mostrar á soberba de Jerusalém que elle é o seu verdadeiro rei, não um rei politico e orgulhoso, mas o Messias, o Salvador do mundo, que vinha tomar posse do Templo e da cidade. Por isso a sua entrada triumphal é cheia de mansidão, de paz, de ordem, de alegria e espontaneidade da parte de seus vassallos. — Assim quer Jesus tomar posse do mundo inteiro pela prégação de seus apóstolos: pela humildade, pela mansidão, pelo enthusiasmo da fé popular. — No poldro, em que montou Jesus, vêem os santos padres representada a gentildade, e na jumenta, que ia ao lado, o Judaismo. — As palmas e ramos de oliveira diz a Egreja que representam a victoria de Jesus sobre o poder da morte e do inferno.

3. Acclamação de Jesus

E, indo os discipulos fizeram como Jesus lhes mandára: e trazendo a jumenta e o poldro, puzeram sobre elles seus vestidos e o fizeram assentar em cima. E numerosa turba estendia seus vestidos pelo caminho: e outros cortavam ramos das arvores, e os espalhavam pelo caminho. E as turbas, que o precediam, e as que o seguiam, clamavam dizendo: Hosanna ao Filho de David: bemdito o que vem em nome do Senhor. — Assim entrou Jesus em Jerusalém com o mais apparatuso triumpho que até então se viu. As razões por que Jesus quiz este triumpho são: 1º o cumprimento das prophcias que annunciaram que o Messias tomaria assim posse do Templo e da cidade: 2º para tirar aos judeus todo o pretexto de incredulidade. Esperavam um Messias no esplendor da gloria e do poder, e ahi o têm; 3º para lhes provar que sua Paixão e Morte são inteiramente livres, pois lhes determina o momento preciso, 4º para tornar mais visivel a ignominia de sua Paixão: na cidade onde é tão delirantemente applaudido, será, pelos mesmos que o applaudem, covarde e vilmente escarnecido.

JESUS CHORA SOBRE JERUSALÉM

1. Causa das lagrimas de Jesus

E chegando perto de Jerusalém, olhando para a cidade, chorou sobre ella, dizendo: Si ao menos neste dia que te é dado conhecesses tambem quem te pôde dar a paz; mas tudo isto está occulto a teus olhos. 1)

— Tres coisas moveram Jesus ás lagrimas olhando para Jerusalém: 1. a pertinacia com que rejeitou as graças que lhe foram offerecidas. Depois de tres annos que Jesus encheu a Palestina com a fama de seus milagres e tendo na mesma Jerusalém operado dos mais maravilhosos, esta capital resistiu pertinazmente á luz da fé. Não serei eu como Jerusalém?...

2. Em se conservar na sua dureza, assistindo ao triumpho de Jesus, tão proprio para a render á fé no Messias, recebendo-o com frieza e pedindo-lhe até que prohiba a manifestação que lhe é feita. *Si ao menos neste dia!*... Mas Jerusalém não se converteu! — Não assisto eu tambem friamente ás manifestações de fé em Jesus Christo, sem me mover a amá-lo e servi-lo com mais fervor?... 3. A cegueira em que a vê cahida. *Agora tudo está occulto a teus olhos!* Lamentavel cegueira desta cidade! Fecha os olhos a tudo: não vê os bens que perde, os males que attráe sobre si, os crimes de que está maculada, o escandalo que dá a todo aquelle povo crente e religioso! Ah! não terás tu cahido em cegueira igual?... Conheces o valor do tempo presente?... Por que fechas os olhos á luz da verdade e não aproveitas a vida para ganhar o céu?...

2. Outras causas das lagrimas de Jesus

Virão sobre ti dias infelizes, em que teus inimigos te rodeiarão com trincheiras, em que te cercarão e fecharão de toda a parte. Arrasarão tuas casas, exterminarão teus moradores sob as ruinas e não te deixa-

1) Luc. XIX. 41.

rão pedra sobre pedra, porque não conhecestes o tempo em que foste visitada. — Esta predição cumpriu-se á risca. Jerusalém foi destruida pelos Romanos, quarenta annos mais tarde. A ruina de Jerusalém é uma figura da ruina da alma infiel. O mesmo acontecerá áquelle que resiste á graça, que fecha os olhos á luz da fé e da verdade, que se conserva sujeito aos seus maus habitos, que se mostra indocil aos avisos da Igreja, que se guia pelas maximas erroneas do mundo.

Qual será a sorte desta alma cahida no poder infernal de Satanaz, quando se vir cercada de seus inimigos e dos cúmplices de seus crimes, quando vir desmoronar-se toda a obra de suas vaidades, soberbas e luxurias?...

3. Jesus chora para nos ensinar a chorar

1. Os males temporaes e publicos são tantos, que somos impotentes para lhes dar remedio e só nos resta unir-nos a Jesus Christo e chorar com elle, não por fraqueza ou interesse, mas por compaixão e caridade. Quantas vezes as lagrimas dos justos abrandaram as iras do céu e inclinam para a terra os olhos misericordiosos de Deus! 2. Outra causa de nossas lagrimas são os peccados dos homens. O mundo offerece-nos um quadro desolador: por toda a parte campeia o peccado em todas as suas formas e em todas as classes da sociedade. Quem ama devéras a Deus, não pôde deixar de lavar com lagrimas tantas offensas. Si não podemos impedir que Deus seja tão gravemente offendido, ao menos suppramos com nossas lagrimas a dôr e o arrependimento dos autores de tantos crimes.

3. Outra causa de nossas lagrimas somos nós mesmos. Ainda que não tivéssemos offendido a Deus sinão uma vez, já tínhamos motivo de sóbra para chorarmos toda a vida. Mas quantas vezes o offendemos! Na infancia, na juventude, na virilidade, quantos peccados!

TRAIÇÃO DE JUDAS

1. Judas deixa o collegio apostolico

Então Judas foi ter com os principes dos sacerdotes, para lhes entregar Jesus, e combinou com os guardas do templo a maneira de lh'o entregar 1). — Logo depois da ceia em casa de Simão o leproso, Judas deixou a companhia de seu divino Mestre e dos apóstolos, e, aproveitando as trevas da noite, dirigiu-se á casa de Caiphaz, onde se reunia o conselho dos Judeus, para ajustar com elles quanto lhe davam pela entrega do Salvador. Judas seguiu o caminho que geralmente conduz as almas ao inferno. Deixou a companhia dos bons e juntou-se com os máus; desgostou-se da companhia dos bons, porque perdeu o gosto á virtude. Procurou as trevas da noite, por se não dar pela falta d'elle entre os outros apóstolos. Ah! não são estes os caminhos que segue quem abandona a Deus?! Quem se junta com os inimigos de Deus, da Igreja e da religião, já pertence á classe d'elles, já é, como elles, inimigo declarado da verdade, da justiça, da virtude.

2. Resposta de Judas

1. *E disse-lhes: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? 1)* — Que vil traição! Que ignominiosa proposta! Não olha o preço: dêem-lhe o que quizerem, e Jesus é d'elles! Assim se avalia o Messias, o Filho de Deus, o Rei de Israel, o Salvador do mundo! Por quem? por um discipulo que teve tempo de lhe conhecer todo o valor, que sabia muito bem quem elle era, que não era um vil escravo que se vende por qualquer preço, e que seu valor era infinito! — Mas tudo, que se póde dizer de Judas, não se applica a todo peccador, que por qualquer interesse, por qualquer satisfação entrega a sua alma ao demonio?...

1) Luc. XXII. 4.

1) Math. XXVI. 15.

2. *E ouviram-n'o com alegria.* — A proposta de Judas foi acolhida por aquelles inimigos de Jesus com summa alegria. Alegria infernal, nascida do desejo da vingança e de encontrar enfim uma occasião favoravel para satisfazer o odio. — Assim se alegra o demonio e todos os espiritos da maldade, quando o peccador lhes offerece a alma pelo vil preço de uma paixão. Assim se alegram os máus, quando vêem um christão trahir sua fé, juntar-se a elles, abraçar as suas maximas e viver como elles!

3. Venda de Jesus

1. *E contrataram dar-lhe trinta moedas de prata.* — Assim se arrematou a indigna venda! Por um lado, os Judeus compromettem-se a dar a Judas trinta peças de prata; por outro, Judas obriga-se a entregar-lhes a Jesus: e de um e outro lado, quanta baixeza! Trinta moedas de prata por Jesus, pelo grande propheta, pelo grande thaumaturgo, pelo Rei de Israel! Não se daria menos por um escravo! — Obrigarse *um dos doze* a entregar seu divino Mestre, a capitanear os soldados que o vão prender, a mostrar-lhes o lugar onde elle está, a designá-lo entre os apóstolos com um beijo, a que ponto pôde descer um animo vil, um coração viciado, um discipulo infiel e traidor!... Ah! Judas, não sabes o que fazes! Com Jesus, vendes a sua graça, vendes a tua alma, vendes o throno que te estava preparado no céu para julgares uma das doze tribus de Israel: e por que?... por um nada, por algumas peças de metal, que terás de arremessar de ti como objecto abominavel da tua perdição!

2. *E desde aquelle tempo procurava occasião de o entregar, e de o fazer sem tumulto.* — Judas, depois de consummada a traição, junta-se de novo a Jesus, na manhã seguinte, sem receiar apparecer em sua presença, tão socegado como si a consciencia em nada o reprehendesse. Ah! quando um peccador chega a este estado, e vive tranquillo em seu peccado como si nada tivesse a temer da divina justiça, que se pôde

esperar de sua salvação?... Não estarei eu neste estado? Durmo no peccado sem que o pensamento da morte e do inferno me desperte?...

A ULTIMA CEIA

1. Jesus manda preparar a ceia paschal

Chegou o dia dos azimos, em que era preciso immolar o cordeiro paschal. E Jesus enviou Pedro e João, dizendo: Ide preparar a Paschoa, para que a comamos (Luc. 22, 7). — Amanhecendo a quinta-feira, Jesus deu logo ordem a seus discipulos para prepararem a paschoa. — 1. A todas as leis de Moysés é Jesus prompto em *obedecer*, mas esta tem para elle interesse particular, por isso, 2. a *previdencia* em a mandar preparar por Pedro e João, em quem tinha mais confiança, e não por Judas, a quem, parece, competia. 3. Nesta ordem que dá a seus discipulos revela sua grande *pobreza*, pois não tem, para celebrar a ultima ceia, uma casa propria nem um salão de que possa dispôr. Vê-se obrigado a recorrer á caridade dos homens. Assim como não teve um berço, não terá um sepulcro nem tem agora uma sala ampla e rica instituir a eucharistia, mas é-lhe tudo cedido de esmola.

2. Obediencia dos apostolos

Indo, pois, encontraram tudo como lhes tinha dito e prepararam a paschoa. — Os dois apostolos obedecem promptamente e é-lhes, pelo homem designado, patenteada uma ampla sala mobiliada, onde prepararam a paschoa. Foram para isso ajudados do dono mesmo da casa, de alguns discipulos e das piedosas mulheres. Era preciso comprar o cordeiro paschal, levá-lo ao templo, immolá-lo, esfolá-lo e prepará-lo. Era preciso depois o pão sem fermento, as hervas amargas e um molho espesso composto de tamaras, amendoas, figos, e finalmente vinho e agua.

Os apóstolos preparam tudo com o maior empenho e zelo, movidos já pela ordem que Jesus lhes dá, e pela exactidão com que vêem cumprir-se tudo que o divino Mestre lhes tinha predito; já por se lembrarem que era aquella a ultima Paschoa que Jesus celebrava com elles, como lhes tinha dito; já talvez tambem porque na ultima festa da Paschoa em Capharnaum lhes prometeu instituir a Eucharistia. E que mais não teriam feito, si suspeitassem os grandes mysterios que naquella ceia se iam realizar! Imitemos este zelo dos apóstolos em preparar o nosso coração para nella celebrar Jesus a paschoa com nossa alma.

3. Jesus come o cordeiro paschal com seus discipulos

Depois de se despedir da familia de Lazaro em Bethania, ao cahir da tarde, dirigiu-se para Jerusalém e entrou no cenaculo. O rito foi observado com todo rigor. Vestidos como quem está de viagem, cingidos na cinta, e bastão em punho, aproximam-se da mesa. Dá a benção o pae de familia e termina-se tudo com o hymno de acção de graças. — Com a mesma fidelidade hei de cumprir todas as ceremonias que a Igreja usa na administração dos Sacramentos, sobretudo no da Eucharistia: devo estar vestido como de viagem para a eternidade por este mundo, que me não pertence; cingido com cingulo da castidade para me elevar acima das coisas da terra; e finalmente apoiado sobre o bordão da perfeita obediencia e da firmeza na fé, para não tropeçar no caminho da salvação.

JESUS LAVA OS PÉS A SEUS DISCIPULOS

1. Exemplo de humildade

Acabada a ceia, sabendo Jesus que o Pae lhe puzera nas mãos todas as coisas, que veiu de Deus e volta para Deus, levantando-se da mesa começou a lavar os pés aos discipulos. (Jo. 13, 2) — Esta scena

pathetica, de que S. João descreve todos os pormenores com a precisão que lhe é propria, devia surpreender os apóstolos. E com razão! O Filho de Deus ajoelhado aos pés de suas criaturas!... O Mestre prostrando-se aos pés dos discipulos!... O Justo, o Santo, aos pés dos peccadores!... Jesus despojando-se de seus vestidos, e não só tomando a forma de servo, mas fazendo-se verdadeiramente servo de seus apóstolos, cingindo-se com a toalha — tomando uma bacia — enchendo-a de agua — e indo ajoelhar-se aos pés de cada um... prestando-lhes um serviço já em si tão baixo, mas muito mais humilhante ainda na pessoa que o pratica!... O' exemplo nunca visto! Mas Jesus com este acto quiz reprehender e ensinar os seus apóstolos: reprehender-lhes a ambição de querer os primeiros logares, e ensinar-lhes, praticamente, como os que são maiores se devem fazer os servos de todos. Ensina-lhes que, havendo de ser elles os fundadores de sua Igreja, não devem usar da autoridade como uma tyrannia, servindo-se della para satisfação do egoismo. Quer que o possuir e exercer a autoridade seja "servir", não por graça e condescendencia, mas por dever e pela natureza da mesma autoridade.

2. Jesus aos pés de S. Pedro

1. *E foi logo a Simão Pedro: mas Pedro disse-lhe: Senhor, tu lavas-me os pés? Jesus respondeu-lhe: O que eu faço não o entendes agora, entendê-lo-ás mais tarde.* — A exclamação de Pedro é natural. A coisa em si era incomprehensivel, como o mesmo Senhor lhe disse: *agora não entendes.* Esta sentença de Jesus applica-se a tudo. Quantas coisa não comprehendemos no que diz respeito aos planos da Providencia, a muitos mysterios do Redemptor, e ao modo como Deus governa os homens?!... Sujeitemo-nos e um dia virá em que tudo comprehendemos.

2. *Pedro disse-lhe: Nunca, jámais me lavareis os pés.* — Pedro revela-nos aqui a vivacidade de seu character, da sua fé e da sua humildade. Mas a sua re-

sistencia foi mais longe do que devia. A vontade de Jesus era clara, e resistir-lhe era offendê-lo. A humildade que recusa os favores degenera em presumpção e orgulho.

3. *Respondeu-lhe Jesus: Si te não lavar, não terás parte comigo*, isto é, não terás parte na graça que vos preparo. A ameaça era terrível, mas necessaria para vencer a opposição do humilde discipulo. — Si a nossa vida é exempta de peccados, não nos deixemos vencer e intimidar por uma falsa humildade, que nos afasta da Communhão.

4. *Senhor*, disse Pedro, *lavae-me não só os pés, mas as mãos e a cabeça*. — Não podia S. João pintar-nos mais vivamente o character docil e amavel de S. Pedro, e o ardor e affecto para com seu Mestre. Ao ouvir que se tratava de ter parte com elle, deixou-se de humildades excessivas e já não se contenta com que lhe lave os pés, mas as mãos e a cabeça.

5. *Quem está lavado*, disse Jesus, *não precisa de lavar sinão os pés*. — Com estas palavras corrigiu Jesus o excesso de Pedro. Quem sae lavado do banho, só precisa de lavar os pés do pó, que se lhe adhere. Assim, quem sae lavado do baptismo ou da penitencia, já está limpo dos peccados e só precisa, antes de se aproximar da sagrada mesa, de lavar os pés, isto é, limpar-se dos peccados veniaes, o que se faz pela contrição ou reconciliação com o sacerdote.

INSTITUIÇÃO DA SANTÍSSIMA EUCHARISTIA

1. *Dá-nos seu corpo e sangue*

Ora, durante a ceia, Jesus tomou pão, benzeu-o e partiu-o e deu-o a seus discipulos, dizendo: Tomae e comei, isto é o meu corpo.

E tomando o calice, deu graças e lhes deu, dizendo: Bebei todos daqui, porque este é o sangue do Novo Testamento, que será derramado por um grande numero em remissão dos peccados 1).

1) Math. XXVI. 26.

A que ponto chegou a vossa excessiva caridade, ó meu amantissimo Jesus! Vós nos preparastes uma mesa da vossa carne e preciosissimo sangue para vos dardes todo a nós! Como podemos crêr em Jesus e não crêr na sua palavra? na realidade do seu corpo e seu sangue? Jesus não tinha mais que dar a seus discipulos e a todos nós sinão o seu corpo e o seu sangue. *Este é o meu corpo, este é o meu sangue*, são palavras formaes: seria uma infidelidade duvidar dellas. Si este mysterio está acima de nossa intelligencia, nisto se parece com todos os outros e é por isso que S. João desde o principio da ceia nos fala constantemente do poder infinito de Jesus; é por isso que os santos Padres nos avisam que não é aqui o logar de cremos em nossos sentidos, mas dar ouvidos á fé e crêr na palavra daquelle que disse á luz: *Faça-se!*

2. *Dá-se em alimento das almas*

Comei, isto é o meu corpo; bebei, este é o meu sangue. — Não foi sómente para receber nossas honras e homenagens que Jesus instituiu este sacramento, mas foi para nos deixar um alimento a nossas almas, para nos communicar sua vida, para se unir a nós pelo modo mais íntimo e substancial, communicandonos a sua mesma vida. Não só nos deu o seu Corpo e Sangue, promettendo a vida eterna a quem se alimentar delle, mas impôz-nos a obrigação de o receber e ameaçou-nos com perdermos a vida da graça e a salvação eterna, si o não recebermos. Parece que já previa que não seriam só os Capharnaitas que se haviam de scandalizar de uma tal offerta, mas que muitos christãos se haviam de conservar afastados desta mesa ou por temor ou por incredulidade. Nos Capharnaitas era natural que se horrorizassem com a proposta que Jesus lhes fazia de lhes dar a comer a sua carne e a beber o seu sangue, pois não tinham ainda a fé nem conheciam este mysterio: eu devo encher-me de outra sorte de horror ao aproximar-me desta mesa divina, pois, sabendo que numa só das espe-

cies recebo o corpo e o sangue, a alma e a divindade de meu Salvador, como, sendo eu um horrivel peccador, atrever-me-ei a alimentar-me do pão dos anjos?... Mas vós, que melhor conheceis nossa indignidade, é quem o ordenaes.

3. Sacramento de amor

Tomae, isto é o meu corpo; bebei, este é o meu sangue. — Sacramento de união e de amor. Si dar a vida pelos amigos é a maior prova do amor: Jesus deu por nós não só a vida, mas deixou-nos o seu mesmo corpo e sangue para constantemente nos ter unidos a si. Este alimento e esta bebida não é passageira e morta, é o mesmo Jesus Christo, cheio de vida e gloria, que vem a nós na communhão como esposo de nossa alma, para nos encher de bens e unir-se a nós por uma — *união intima*, pois entra em nós, faz-se um conosco, incorpora-se a nós; como dois pedaços de cêra fundidos num só, segundo a expressão dos Santos Padres; — *união casta*, pois este pão celeste gera virgens — *união divina*, pois Jesus vem não só com a humanidade, mas com a divindade, que lhe é inseparavel, e pela qual ficamos unidos não só a elle, mas ao Pae e ao Espirito Santo; — *união facil*, como é facil tomar o alimento; para a facilitar, Jesus immutou as leis da natureza a nosso favor. — *união mysteriosa* e occulta; todos vemos uma pessoa commungar, mas não vemos nem a sua fé, nem o ardor de seu coração, nem os transportes de sua alma, os favores e luzes que recebe do divino hospede, nem os effeitos da divina presença que necessariamente se produzem na alma.

A EUCHARISTIA COMO SACRIFICIO

1. Sacrificio verdadeiro

Para haver sacrificio é necessario haver victima, sacerdote e immolação: tudo temos na Eucharistia.

1. A *victima* é Jesus Christo em estado de morte, com o corpo mysticamente separado do sangue, aquel-

le sob as especies de pão e este sob as especies de vinho, representando-nos por esta morte mystica a morte real que padeceu na cruz. 2. *O sacerdote* é o mesmo Jesus Christo, que na Eucharistia se offerece como na ultima ceia e como se offereceu na cruz. Como Jesus Christo é o sacerdote eterno, e eterno deve ser, por conseguinte, o seu sacrificio, por isso institue os sacerdotes para que, em seu nome, offereçam o mesmo sacrificio até ao fim dos seculos. — 3. *O acto da immolação* são as palavras mesmas da consagração: *Este é o meu corpo, este é o meu sangue*. Por estas palavras o sangue é mysticamente separado do corpo, e a victima invisivel é immolada de uma maneira mystica, e como que constituida em estado de morte. Ainda que Jesus Christo está todo vivo em cada uma das especies, comtudo, em virtude das palavras da consagração, está o corpo sob as especies de pão e o sangue sob as especies de vinho. — O' grande mysterio! Sendo a Missa o sacrificio mais divino, o acto mais sublime da religião christã, como é que tão poucos assistem a ella, e os poucos, que assistem, o fazem com tão pouco respeito, fé e devoção?...

2. Sacrificio unico

1. O sacrificio da missa é o unico que substituiu a todos os antigos. Para não falar dos sacrificios dos idolatras feitos aos demonios, todos os sacrificios dos patriarchas da antiga lei, sacrificios de rezes, de pão e de vinho, que eram figurativos, cederam o lugar ao sacrificio da cruz renovado no sacrificio da Missa. — 2. Sacrificio unico e o mesmo que o da cruz. E' a mesma victima e o mesmo sacrificador principal, é o mesmo acto e o mesmo fim. A differença está só no modo: na cruz a immolação da victima é por uma morte real, cruel e infame; no altar a morte é mystica e incruenta, sem affrontas nem ultrajes, antes acompanhada de honras de toda a Egreja. — 3. Sacrificio unico e o mesmo em todo o mundo e em todos os tempos. O que celebra a Egreja por seus

ministros na Missa é o mesmo que celebrou Jesus na ultima ceia. E' o mesmo sacrificio em todas as egrejas da christandade, é o mesmo hoje que ha vinte seculos, a mesma victima, o mesmo corpo, o mesmo sangue, o mesmo Filho de Deus, Jesus Christo nosso Salvador. E' este sacrificio que nos torna o céu propicio, que abranda as iras do Eterno Pae offendido por tantos crimes da humanidade. Quão gratos devemos ser a Jesus Christo que o instituiu!...

3. Sacrificio necessario

A missa é um sacrificio necessario — 1. *á religião christã*. No culto publico que se tributa a Deus e que a religião determina, não ha acto mais sublime que o sacrificio. Religião, que não tem sacrificio, não é religião nem é conforme á natureza humana. A verdadeira religião, revelada por Deus, sempre teve sacrificios e muitos foram impostos pelo mesmo Deus. — 2. Sacrificio necessario *á gloria de Deus*: "Meu nome é grande, pois em todo o logar se me offerece uma oblação pura". Só o sacrificio da religião christã é verdadeiramente digno de Deus, pois só a victima que se lhe immola corresponde perfeitamente á grandeza daquelle a quem se immola. E' um Deus immolado a Deus, um Deus feito homem, que na sua humanidade se humilhou, derramou todo seu sangue, deu sua vida para gloria de seu nome e reparação pelas offensas commettidas contra sua divina Majestade. — 3. Sacrificio necessario *a nós*. — a) Felizes de nós que podemos assistir ao santo sacrificio da missa; — que podemos mandar celebrá-lo por nós; que podemos unir-nos á intenção do celebrante e offerecê-lo nós mesmos por suas mãos! b) Por elle rendemos a Deus o culto supremo, que, como senhor de tudo, exige de suas creaturas; — por elle rendemos a Deus as graças por todos os beneficios que nos tem feito! — por elle apaziguamos a divina justiça, pagamos-lhe mais do que lhe devemos, pois a victima que offerecemos, é de um valor infinito. — c) Podemos of-

ferecê-lo não só pelos vivos, mas pelos mortos que estão no purgatorio. — *d*) Finalmente, sendo nossos peccados o que mais nos deve inquietar nesta vida, temos no sacrificio da Eucharistia de que nos consolar; foi por isso que Jesus Christo fez, ao institui-la, menção propositada da remissão dos peccados — *in remissionem peccatorum*.

NO JARDIM DAS OLIVEIRAS

1. A caminho de Gethsemani

Jesus, tendo dito estas palavras, foi com seus discipulos para além da torrente do Cedron, para um lugar chamado Gethsêmani, onde havia um jardim no qual entrou Jesus. (Jo. 18, 1) — 1. E' o ultimo passeio que Jesus, antes da sua morte, dá com seus discipulos. Leva-os para o lugar em que ha de ser preso, para que elles saibam como elle se entrega generosamente á morte. 2. Para que saibam que, para onde vae o Mestre, irá o discipulo e que sendo perseguidos toda a vida, por fim tambem elles cairão nas mãos de seus inimigos. 3. Para os ensinar a ser corajosos: Jesus sabe muito bem o que o espera naquelle jardim. Mas é a vontade de seu Pae e, apesar da repugnancia da natureza, caminha corajoso para o lugar do sacrificio! — Quanto me ensina Jesus neste passo! Longe de o seguir e imitar, e de abraçar resolutamente as occasiões de lutar e soffrer, fujo covardemente e procuro desviar de mim tudo que me desgosta e mortifica. E não faço eu profissão de imitar a Jesus Christo?...

2. No jardim

E entrando no jardim disse a seus discipulos: Ficae aqui, enquanto eu me retiro para orar. (Math. 26, 36) — Jesus separa-se de seus discipulos para se entregar á oração. Quando o seu espirito, opprimido pela tristeza, mais precisava da companhia de

seus discipulos e de se entreter com elles, é que elle os abandona e só vae orar para um lugar solitario. E' na oração retirada e silenciosa, no trato intimo e familiar com Deus que a alma encontra o melhor lenitivo a suas dôres. A hora era de grande luta, e todo o tempo era pouco para cobrar alento na oração. — Jesus nos ensina aqui duas grandes lições: a de procurar na oração o conforto a nossos males, e a retirar-nos de todo o entretenimento dos homens, de toda a preocupação da vida e de todo pensamento estranho á nossa oração.

3. Temor de Jesus

E tomando consigo Pedro, Thiago e João, começou a temer. (Marc. 14, 33). — Escolhe tres dos discipulos e com elles se interna mais no horto. Por que estes tres de preferencia? Tendo elles assistido á transfiguração no Thabor, ás alegrias de seu Mestre, convinha que fossem agora tambem os confidentes de sua paixão interna, de suas humilhações e abatimentos. Como eram estes tres discipulos os que mais amava, quiz que o acompanhassem mais de perto na sua agonia e lhe ajudassem a beber o calix de sua Paixão. Este é o mimo que geralmente faz Jesus aos que mais ama: quer tê-los mais perto de sua cruz, mais associados a suas dores, mais semelhantes a seu mestre. Jesus faz-nos o mesmo favor; dá-nos a mesma distincção em o acompanhar no soffrimento, quando nos envia occasiões de soffrer com elle! Quando nos deviamos orgulhar com tal deferencia, queixamos-nos e talvez chegamos a dizer que Deus não nos ama! Sejamos consequentes e peçamos a nosso divino Redemptor que nos encha o coração do amor á sua cruz, de contrição de nossos peccados e de compaixão de suas dores.

PAIXÃO DE JESUS NO HORTO

1. Tristeza

E começou a estar triste e a affligir-se, a temer e a enojar-se. (Mt. 26, 37). 1) (Marc. X, 14, 33) 2) — Jesus entra no mar de sua Paixão. A sua alma começa a ser batida pelas ondas da tristeza, de tédio e de temor. O homem tinha peccado abusando das faculdades de sua alma, antes de abusar dos sentidos do seu corpo. E Jesus, vindo reparar esta grande desordem, começa a sua Paixão pelas dores da alma. Começou pela tristeza, o maior dos padecimentos da alma, que chega a dar a morte ao corpo, quando é intensa. E a tristeza de Jesus é desta sorte. Elle assim o diz: *Minha alma está triste até á morte*, isto é, minha alma sente a tristeza de quem luta com a morte, ou de quem se sente sob o peso esmagador dos maiores tormentos do espirito. O primeiro fructo do peccado é a tristeza, e Jesus via-se carregado com as iniquidades de todos os homens 1), para cuja reparação se offerecera a seu eterno Pae como a victima universal. Outra causa desta tristeza era a representação viva e minuciosa de todos os tormentos e affrontas que o esperavam. Finalmente a previsão desoladora da inutilidade de seu sangue derramado e de sua morte para um grande numero de homens endu-recidos no mal. 2)

2. Temor

E começou a temer (Marc. 14, 33) 3) — Jesus deixa-se invadir por todos os sentimentos aterrori-zadores, que sente uma alma nas vizinhanças da morte. Elle, que se tinha offerecido com plena vontade

1) *coepit contristari et moestus esse.*

2) *Et coepit pavere et taedere.*

53. 6) 1) *Fessuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrum* (Is.

2) *Quae utilitas in sanguine meo.* (Ps. 29. 10)

3) *Et coepit pavere.* (Marc. XIV. 33)

para a morte, 4) e que nada tinha desejado com tanto ardor como este tempo de sua Paixão, sente agora todas as repugnancias da natureza, pois quer realmente resgatar-nos soffrendo e dar-nos a consolação que ainda, apesar de toda a nossa resignação e vontade firme de servir a Deus, havemos de sentir as repugnancias da nossa natureza. Este temor não era contrario ao desejo ardentissimo de sua vontade de se immolar por nós. — Tambem nós nos veremos um dia, no fim da vida, nas vespervas de nosso sacrificio. Então sentiremos este temor ao pensar no momento da separação de nosso corpo e da entrada na eternidade.

Jesus está agora soffrendo para nos dar animo nessa hora.

3. Tedio

E começou a ter tedio — et coepit taedere. — O tedio é um tormento que isola a alma de tudo que a pode consolar. Nada já lhe dá gosto, nada a recreia, nada a entretém. Sente-se só, num abandono cruciante, numa morte antecipada. E' como o fastio da agonia, em que nenhum alimento já appetece. Quem não tem experiencia de momentos de tedio e desgosto, em que nos parece que todas as penas interiores e phisicas seriam nada si nos vissemos livres das interiores e espirituaes? Este tedio do Salvador tinha origem certamente no pouco fructo que, via, haviam de tirar os homens de sua Paixão. Apesar de todo este tedio, Jesus não desiste da obra comprehendida: continúa lutando contra a natureza e orando a seu Eterno Pae. — Quantas vezes o tedio que nos assalta nos faz retroceder nas empresas boas e santas e abandonar a vida fervorosa e recolhida? Prosigamos no caminho em que nos puzemos, ainda que elle seja por outro Gethsemani.

4) Oblatus est quia ipse voluit. (Is. 53. 7)

ORAÇÃO DE JESUS NO HORTO

1. Oração respeitosa

E, afastando-se de seus discipulos, pôz-se de joelhos, e com o rosto em terra orava. (Math. 26, 39)

— Jesus não só nos ensina a recorrer á oração, quando nos virmos tentados, mas também nos mostra como devemos orar. 1. Primeiramente afasta-se de seus discipulos para se entreter só com seu eterno Pae, porque, para concentrar todas as nossas faculdades mentaes em Deus e na oração, é necessario separar-nos do mundo exterior.

2. Em segundo logar Jesus põe-se de joelhos, que é a posição de quem ora, diminuindo-se diante de Deus, tornando-se mais pequeno. Não orou assim o phariseu do evangelho, mas, cheio de orgulho, fez a sua oração de pé.

3. Em terceiro logar prostrou-se por terra, tornando-se ainda mais pequeno, como si fosse indigno de levantar os olhos ao céu! Jesus está penetrado da majestade infinita d'Aquelle a quem fala, como homem e homem peccador, carregado de nossos peccados. — Si pensassemos quem é Aquelle diante de quem estamos e a quem oramos, não seria nossa postura na oração tão pouco respeitosa! E' por isto que S. Ignacio nos manda, antes de entrar na meditação, pensar *diante de quem estou*. O exterior humilde e composto do corpo ajuda muito para o recolhimento e devoção interior da alma.

2. Oração resignada

Meu pae, si é possivel passe de mim este calix. Comtudo, não se faça a minha vontade, mas a vossa. — Jesus, em tudo semelhante a nós, sente, como homem, os horrores da morte proxima, dos supplicios atrozes e das affrontas e humilhações que hão de precedê-la. Elle pede, *si é possivel*, para não beber o calix de todos estes sacrificios, mas logo corrige este desejo da vontade natural com a inteira sub-

missão da vontade racional á vontade divina. — E' assim que tambem nós devemos orar, quando pedirmos a Deus que nos livre de nossos males, que nos tire as dôres, que nos conserve a vida. Como Jesus, podemos pedir a nosso Pae que afaste de nós o calix de nossas amarguras, soffrimentos, desgostos e contrariedades, mas devemos-lhe protestar que, acima de tudo, queremos fazer a sua vontade.

3. Oração perseverante

E orou pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. — Por tres vezes interrompeu Jesus sua oração, para ir visitar seus apóstolos, para os consolar e exhortar a que orassem e vigiassem com elle. Volta de novo a orar com a mesma humildade e resignação: *Pae, si é possível, passe de mim este calix.* Jesus não affrouxa em sua oração; repete uma e muitas vezes a mesma supplica a seu Pae, sem receio de ser molesto e enfadonho.

Os apóstolos, dominados pela tristeza, dormem. Jesus, mais triste que elles, permanece em oração de joelhos, prostrado por terra, durante uma, duas, tres horas, por nós, por todo o mundo!

Quantas vezes um ligeiro incommodo nos corta a oração ou nos tira della o pensamento!... Não consiste o orar bem em elevados conceitos nem em muitas palavras. Com tão breve oração passou Jesus grande parte daquella noite.

AGONIA DE JESUS NO HORTO

1. A suprema luta

E entrando em agonia, veiu-lhe um suor de sangue que corria para a terra. (Luc. 22, 43). — A agonia é o ultimo combate da vida, em que o homem mostra a sua impotencia, lutando em vão contra a dissolução. E' a suprema humilhação em que o homem se vê no mais completo abandono, sem ter quem

o ajude a libertar-se das mãos da morte. Jesus quiz passar por este transe. Quiz experimentar em sua humanidade as ansias mortaes de um moribundo. Havendo de ser sua morte na cruz uma prova irrefragavel de sua divindade, morrendo soltando um brado que fez dizer ao Centurião: *Verdadeiramente este era o filho de Deus*, antecipou o tempo de sua agonia, soffrendo-a em toda a sua amargura antes de se entregar á crueza dos supplicios de seu corpo. Agonia tanto mais terrivel e penosa, quanto provocada não por um esgotamento physico, mas por um combate interior da vontade com o sentimento. — O' Jesus, que nova prova de amor! Que lição utilissima nos daes neste passo dolorosissimo de vossa vida! A lembrança desta vossa agonia é o unico conforto que nos suavizará as amarguras da morte, e nos merecerá a graça de a supportar com resignação e paciencia.

2. Suor de sangue

E sahiam de seu corpo como gotas de sangue, que corriam para a terra. (Luc. 22, 44) — A luta tremenda que se estava travando na alma de Jesus, entre o sentimento inferior da natureza e a firme resolução da vontade em cumprir o preceito de Deus seu Pae, revelou-se neste suor de sangue. Este suor de sangue indicava que havia luta e que nessa luta morria e triumphava alguém: morria o sentimento e triumphava a razão, morria a vontade propria e triumphava a vontade de Deus. — Quando nos sentirmos fracos na luta com as paixões, lembremo-nos deste sangue. Por mais repugnancias que tenhamos a vencer, nunca chegaremos a suar sangue. *Ainda não resististes até derramar sangue lutando contra o peccado*, diz S. Paulo. 1) *Adorae a Jesus Christo, chorando sobre vós*, diz S. Bernardo, *lagrimas de sangue, de todo o seu corpo.*

1) *Nonnum anim usque ad sanguinem resististis, adversus peccatum repugnantes.* (Hebr. 12, 4)

3. Conforto celeste

Um anjo, vindo do céu, appareceu-lhe e o confortou. — O céu assistia em profundo silencio a este combate do Homem-Deus. E o Eterno Pae, ao ver o seu filho debater-se na maior das agonias, ao ver que se lhe exauria pelos póros a vida que devia ser immolada no altar da cruz, manda-lhe um anjo que fortifique seu corpo, reanime suas forças e levante seu espirito, mostrando-lhe a grande gloria, que resultará para seu Pae, da redempção do genero humano. — Nunca a nossa oração ficará sem effeito. Si Deus não afastar de nós o calix de nossas amarguras, mandará o anjo das divinas consolações derramar sobre nossa alma o balsamo da graça, que nos confortará e dará força de espirito bastante para consummarmos o nosso sacrificio.

JESUS REPREHENDE OS APOSTOLOS

1. Os apóstolos deixam-se vencer pelo somno

Jesus, levantando-se, foi ter com seus discipulos e encontrou-os dormindo. E disse a Pedro: Simão, dormes? Não pudeste vigiar uma hora commigo? (Math. 26, 40). — Jesus, levantando-se de sua oração, vae ter com os discipulos para os confortar; mas, em vez de os encontrar orando e pedindo a Deus por seu divino Mestre, que sabiam estar soffrendo tanto, deixam-se dormir e vencer pela tristeza. Reprehende-os na pessoa de Pedro, que devia mostrar-se o mais vigilante, como se tinha mostrado o mais corajoso e prompto para a morte. Pedro e os outros apóstolos *não sabem que responder*, diz o Evangelista, e com razão. Tinham o exemplo de seu divino Mestre e o preceito formal d'elle: *Vigiae e orae, para não entrardes em tentação.* — E que posso eu responder a Jesus, que me faz a mesma observação ao ver a minha somnolencia e languidez nos exercicios espirituaes? Ainda dormes o somno do peccado?... da tibieza?... da dissipação?...

2. Os apóstolos reincidentem na falta

Elle veiu pela terceira vez ter com elles, e disse-lhes: *Dormi agora e repousae*, é bastante. Chegou a hora, e o Filho do Homem vae ser entregue nas mãos dos peccadores. — Vindo Jesus pela terceira vez a seus discipulos e encontrando-os dormindo, despertá-lhes a atenção com uma especie de ironia. *Dormi agora e repousae*. Como quem diz: Passou o tempo da oração; agora podeis dormir e repousar. Jesus já lhes fala noutro tom; já nos manifesta sentimentos de tristeza, de tedio e temor, mas de firmeza e coragem: e quem operou nelle esta mudança? a oração. — Ah! não nos diga Jesus a mesma palavra ao terminar a agonia desta vida: *dormi agora!* Passou o tempo da vossa vida, em que devieis orar, vigiar e lutar contra a falsa paz da tibieza. Dormi agora o somno eterno de vossa condemnação! Si não queres, ó christão, ouvir tal sentença, vigia e ora toda a vida, porque toda a vida não é mais que uma noite no horto de Gethsémani, em que devemos estar sempre em oração para não desfallecermos no momento do combate.

3. Jesus reanima os apóstolos

E' chegada a hora em que o Filho do Homem vae ser entregue nas mãos dos peccadores: levantae-vos e vamos. Aquelle que me ha de atraiçoar aproxima-se. — O temor converteu-se em heroismo. Jesus vae ao encontro de seu inimigo, vae dar-se á prisão, aos tormentos, á morte. Jesus é corajoso, mas *prudente*. Primeiro armou-se da força e intrepidez na oração, e só depois se apresentou ao combate. — Não presumamos entrar em combate com nossos inimigos sem primeiro nos robustecermos na oração.

Jesus é corajoso, mas *obediente*. *Chegou a hora*, a hora do supplicio, do opprobrio e da morte. A hora tão desejada por Deus, tão suspirada pelo mundo inteiro, tão ansiada pelo mesmo Salvador: *Desiderio desideravi...*

Com que valor e coragem entraremos no último combate da vida, quando nos annunciaram: *E' chegada a hora em que ides entrar na presença de vosso juiz?* Si passarmos a vida, que é o tempo da prova, em oração e submissão á vontade de Deus, entraremos, como Jesus, corajosos na ultima agonia, afim de coroarmos com uma santa morte as passadas victorias.

TRAIÇÃO DE JUDAS

1. Apostolo e apostata

Jesus falava ainda, quando Judas, um dos doze, chegou e com elle uma grande multidão de homens armados de espadas e fueiros. — Judas, um dos doze, quem tal imaginára? O evangelista sublinha com razão o apposto — *um dos doze,* — para nos fazer ver a vileza de uma tal traição, que tambem entre os mais familiares de Jesus ha um traidor. Si fôsse algum inimigo de Jesus que observasse o logar para onde se retirara aquella noite e o fosse denunciar aos judeus, seria menos para estranhar. Mas *um dos doze* apóstolos, favorecido com tantos privilegios, instruido na escola da virtude, confirmado na fé com tantos milagres, fazer-se instrumento daquelles que tramam contra a vida de Jesus! Não se contenta com vendê-lo, mas põe-se á frente da horda de sicarios que o vão prender. Um apóstolo, capitão de malfeitores! Si um anjo se fez chefe dos demonios!...

A sua avareza leva-o mais longe: elle proprio dá-o a conhecer a seus inimigos, para que nas trevas da noite o não confundam com outro apóstolo! E com que signal? Oh! cumulo de perfidia! A que abysmo de cegueira e perversidade conduz a paixão da avareza! É aqui o logar de exclamar com David, ensinado pela propria experiencia: *Senhor, que é o homem? Quid est homo?* Judas ficou sendo o chefe dos apóstatas que, tendo abjurado a fé e sahido da egreja, vivem do odio contra ella, perseguindo os que lhe são fiéis: elle é o chefe dos hypocritas e

seductores, que com uma falsa amizade entregam á morte aquelles de quem se confessam amigos; elle é o chefe das almas vis, que, por um baixo interesse, abraçam o partido dos máus e se fazem instrumentos de suas paixões; elle é a imagem das almas que, abraçando o estado da perfeição, se deixam levar por uma paixão secreta, que não quizeram domar a tempo, e á qual sacrificaram a sua vocação.

2. O osculo sacrilego

E aproximando-se de Jesus, disse-lhe: Salve, Mestre, e beijou-o. — Judas separa-se da chusma dos soldados e aproxima-se do divino Mestre para lhe dar o osculo, como convencionára com os seus inimigos. Pretende com este acto de negra hypocrisia occultar sua traição e passar diante dos outros apóstolos por um delles, e que não está por forma alguma colligado com a gente armada. — Judas tornou-se o mais detestavel dos homens! O seu nome será amaldiçoado por todos os povos, o mais execrando em todas as nações do mundo. — Assim fosse tambem a sua imitação! Mas quantos christãos se fazem réus da mesma traição na communhão sacrilega! Sob uma apparencia de piedade, entregam Jesus, quanto delles depende, ao demonio, que pelo peccado conservam em seu coração! Temamos cahir em tão baixo crime.

3. Amigo, a que vieste?

Jesus lhe respondeu: Amigo, a que vieste? Judas, com um osculo entregas o Filho do homem? — Jesus, desejando ganhar aquelle apóstolo endurecido, não afasta o rosto de seus labios impuros. E' a ultima vez que o tem em seus braços. *Meu amigo!* Jesus foi amigo d'elle durante tres annos e ainda agora o quer ser para o salvar. Apesar de teres faltado á amizade, ainda podes voltar a ella si quizeres. Para o converter, ajuda-o a reconsiderar o acto: *Amigo, a que vieste?* Pensa bem no que fizeste.

Jesus dá-lhe tempo a reflectir; mas vendo-o insensível, põe-lhe diante dos olhos todo o horror do seu crime, descobre-lhe as damnadas intenções de seu coração: *Judas, com um osculo entregas o Filho do homem?* Chama-o por seu nome, com aquelle tom de amor e ternura com que antes o tratava. Mas Judas não se converte! — Ah! não terá Jesus procedido commigo com a mesma bondade, recordando-me meus crimes, mostrando-me toda a sua fealdade? e eu endurecido não quero sahir desse estado?

PRISAO DE JESUS

1. Primeira pergunta

Jesus, sabendo o que lhe havia de acontecer, sahiu ao encontro dos soldados e lhes diz: A quem procuraes? E responderam: A Jesus de Nazareth. E disse-lhes: Sou eu. Quando Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e cahiram em terra. (Jo. 18, 1) — 1. Momento silencioso! Ao tumulto daquella tropa assalariada succede a tranquillidade. Ninguem se move. Já todos sabem quem é Jesus, a quem vão prender: Judas deu-o a conhecer. E todavia ninguem se atreve a lançar-lhe a mão. Que póde a creatura contra o seu Creador? E que podem contra nós todos os nossos inimigos, quer sejam homens, quer sejam demônios? Nada! Enquanto Deus não o permite, nenhum mal nos podem fazer. 2. Não só não lhe tocam, mas ao ouvir aquelle — *Sou eu!* recuam e caem por terra. Jesus quiz mostrar a seus inimigos que nenhum poder têm sobre elle e que não será pela força e violencia que o hão de prender: elle é que se lhes ha de entregar quando chegar a hora determinada por seu eterno Pae. — Si aquelle poderoso — *Sou eu!* produziu tal effeito nos seus adversarios, o que não produzirá no dia do juizo naquelles mesmos endurecidos Judeus e em todos que os imitarem! “Sou eu quem vós perseguistes e crucificastes”. Então não só cahirão elles por terra, mas bradarão aos montes que caiam sobre elles e os sepultem no inferno.

2. Segunda pergunta

E perguntou-lhes pela segunda vez: A quem procuraes? E responderam: A Jesus de Nazareth. — Parece que toda aquella multidão, depois de ser testemunha do grande poder de Jesus, devia retirar-se e desistir de pôr as mãos em quem se lhes revelava superior a todo o poder humano. Mas não! Jesus pergunta-lhes segunda vez a quem procuram, não porque o ignore, mas para os obrigar a pronunciar seu nome *Jesus de Nazareth* e por este nome reflectam na grandeza da pessoa que procuram. E elles com o mesmo odio, com o mesmo furor, com o mesmo endurecimento respondem: *Jesus de Nazareth*. São assim os homens viciosos: ainda que humilhados, perseguidos, deshonrados, não mudam de vida, não se arrependem, não querem abandonar o objeto de sua paixão. Nem milagres bastam já para os converter.

3. Jesus protege os apóstolos

Jesus lhes respondeu: já vos disse que sou eu. Si, pois, me procuraes a mim, deixae ir a estes. Jesus ia entregar-se á discrição de seus inimigos, nãas impondo-lhes uma ordem que elles forçosamente tiveram de cumprir. Nisto mostrava que, assim como defendia seus apóstolos contra o furor dos judeus, se pudera livrar a si. Tambem neste ponto foi obedecido. Assim cumpriu a promessa que tinha feito a seus apóstolos, na oração a seu Eterno Pai: *Não perdi nenhum daquelles que me destes.* Esta protecção que Jesus tem de seus apóstolos a tem de nós: e que poderosa! Os nossos inimigos, por mais furiosos que sejam, têm o poder coarctado e nenhum mal nos podem fazer sem a permissão divina. Deus é fiel e não permittirá que suas promessas falhem.

Jesus, conhecendo a fraqueza de seus apóstolos, toma-os debaixo de sua protecção e, ao entregar-se á prisão, procura pô-los em seguro.

Si Jesus teve tanto cuidado de tão poucos discipulos, não terá menos dos milhares de fieis que o seguem. 1)

S. PEDRO DEFENDE O SEU MESTRE

1. Pedro fere Malcho

Logo um dos que estavam com Jesus, Simão Pedro, lançou mão á espada, tirou-a e feriu o servo do pontifice, cortando-lhe a orelha direita: o servo chamava-se Malcho. (Math. XXVI, 51) — Este servo, querendo ser eo primeiro a ter a gloria de pôr as mãos em Jesus, foi a primeira victima da espada de Pedro, que, sem esperar ordem de seu divino Mestre, investiu contra o temerario aggressor e lhe decepou uma orelha. Ainda que imprudente, esta acção denota a adhesão do santo apostolo ao seu divino Mestre e como estava prompto a morrer por elle. Este primeiro golpe devia ser o rastilho para accender uma horrenda carnificina. Mas Jesus fala e ninguem dá mais um passo de uma parte e outra. Jesus permitiu este inicio de luta, a) para dar occasião a seu discipulo de testemunhar a fidelidade e amor que tinha a seu Mestre; b) para mostrar seu poder e bondade operando um milagre em favor de seus inimigos; c) para instruir a Pedro e os outros discipulos. — Ao recommear a luta entre as minhas paixões e os vossos mandamentos, pronunciae, ó Jesus, essa palavra de paz e fazei que eu não seja indocil aos vossos avisos.

2. Cura de Malcho

E tocando-lhe a orelha, o curou. — Assim paga Jesus a ousadia do servo. Jesus não conserva a menor sombra de odiosidade ao seu primeiro aggressor e repara-lhe até o damno que recebeu pelo temerario accomettimento. — Com aquelle milagre quiz

1) *Quod in paucis factum est, quomodo in pluribus negligetur?* diz S. Cyrillo Alex. (l. II, C. 34).

mostrar-nos que não veio derramar o sangue alheio, mas o proprio; e que a luta travada entre Jesus e o mundo, entre a carne e o espirito, não é luta de sangue, mas de vontade, de abnegação, de sacrificios. Como recebeu Malcho este favor? Elle e todos os cumplices no impio e sacrilego attentado ficam duros, insensíveis, obcecados. Não o ficariam barbaros! Este prodigio não os impressiona; tinham talvez assistido a muitos milagres de Jesus, e, pelo habito, já se tinham tornado inimpressionaveis a estas provas de sua Divindade. — Taes são os impios de hoje. Insensíveis a todas as provas da fé e demonstrações do poder de Deus, vivem e morrem na mais deploravel cegueira. Sigamos nós o exemplo de Jesus, fazendo bem aos que nos fazem mal.

3. Fala de Jesus a Pedro

1. *Então Jesus disse-lhe: Mette a espada na bainha, porque todos que fêrem com a espada, á espada morrem.* — Não quer Jesus para seus discipulos outras armas que as da doçura, da paciencia, da caridade e da oração. Não somos seus discipulos, si repellimos espada com a espada; si maldizemos quando nos maldizem; si injuriamos quando nos injuriam. Mettamos nossa espada na bainha, reprimindo a lingua, os desejos de vingança, os resentimentos com que somos tentados a offender o nosso proximo.

2. *Pensas que não posso pedir a meu Pae, e elle me enviará logo mais de doze legiões de anjos?* — Jesus mostra que não precisa de defesa humana. Com uma palavra reduziu á immobilidade todos os seus inimigos, e pudéra tirar-lhes a vida, si quizesse. Um só de seus apostolos pôde desafiar uma cohorte de soldados e gente armada, e ficou invulneravel. Agora não quer usar deste seu poder. Um dia virá em que o universo pelejará por elle; mas agora quer só mostrar que não é por fraqueza, mas por amor, que se entrega a seus inimigos. Quem pôde temer á sombra de um tal Senhor?

3. *Não hei de beber o calix que meu Pae me deu?*
— Que obediencia e amor de Filho para com Deus seu Pae! Quando nos virmos em meio de difficuldades, e sentirmos o appetite sensitivo dissuadir-nos a pratica da virtude, bebamos o calix que Deus, nosso Pae, nos dá. Mais amargo foi o que Jesus bebeu.

PRISÃO DE JESUS

1. Jesus exprobra a covardia dos que o vêm prender

Então Jesus, dirigindo-se aos principes dos sacerdotes, aos officiaes do templo e aos que tinham vindo para o prender, disse-lhes: Viestes a prender-me como si eu fosse ladrão, com espadas e páus (Luc. XXII, 52). — Jesus fala com toda a sua autoridade aos principes dos sacerdotes, como mais culpados, rebaixando a sua dignidade sacerdotal em tomar parte naquella emboscada, censurando-os pelo modo como o vão prender, e pela covardia em o procurar quando se encontra só, num lugar deserto e nas trevas da noite. O que mais custa a Jesus é o modo como se vê tratado. Elle, preso como um ladrão!... Não nos queixemos, quando nos tratarem pelo que não somos.

2. *Eu estava todos os dias comvosco, ensinando no templo, e não me prendestes.* Lança-lhes em rosto a sua covardia: então que o tinham no templo, e lhes era facil prendê-lo, não o fizeram, e vêm agora prendê-lo a horas mortas da noite, num lugar deserto. Então temiam o povo. Mas tambem o não podiam fazer, pois não era chegado o tempo. E' este o proceder dos filhos de Satanaz, que procuram as trevas para executar os seus planos depravados.

2. Últimas advertencias antes de sua prisão

Mas esta é a vossa hora — hora por que ha tanto tempo andaes suspirando, hora funesta para vós, para concluirdes o maior dos crimes, para vos desgraçardes para sempre; para attrahirdes sobre vós

as maldições de todos os povos. — *E o poder das trevas.* — Também Satanaz vê chegar a sua hora, a hora em que pôde servir-se de vós para se vingar de mim, para se desfazer de seu maior inimigo.

— *Mas tudo isto succede para que se cumpra o que disseram os prophetas* (Math. XXVI, 56). — Jesus appella-lhes para a Escripura, e mostra-lhes que estão em presença do Messias, daquelle de quem elles tantas vezes falaram ao povo nas synagogas; mas elles permanecem na sua cegueira. Foram estas as ultimas palavras antes de sua prisão, para que ficassem sabendo o que faziam. — Quando peccas, ó christão, é essa a tua hora, hora do teu crime, de teu mal; essa hora não a quer Deus, não t'a deu Deus: tua é, tu a fizeste. É tua e do *poder das trevas*, com quem te uniste para offender a Deus. Mas as *Escripuras se hão de cumprir* no que dizem respeito aos castigos do peccado.

3. Fuga dos apóstolos

Então seus discipulos o abandonaram e fugiram todos. Nisto vieram a parar as tão resolutas promessas dos apóstolos. Todos protestaram a seu divino Mestre que estavam promptos e determinados a *seguir-lo á prisão e á morte.* Antes da tentação, tudo parece facil e que não haverá nada que nos afaste de nossos propositos; chegada, porém, a hora de realizá-la, já o seguir o divino Mestre nos parece difficil, já a morte nos mette medo, e eis-nos em vergonhosa fugida. Faltou-lhes a fé na divindade e omnipotencia de Jesus, ao vê-lo entregar-se a seus inimigos: foi por isso que Jesus lhes disse: *Esta noite ser-vos-ei occasião de escandalo* (Marc. XIV, 27), isto é, de infidelidade: não haveis de crer em minha divindade e poder: e todos me abandonareis segundo o que está escripto: *Ferirei o pastor, e debandarão as ovelhas.* Além da falta de fé, foi temor, foi desconfiança e fructo da presumpção e negligencia em orar. Si me encontrasse no lugar dos apóstolos, teria

procedido de outra maneira?... Si falto tão facilmente a promessas menos custosas, si não quero seguir a Jesus pelo caminho do sacrificio e do Calvario?... Ainda que Jesus sabia de todo este successo, quanto não custaria ao seu coração o ver-se abandonado dos seus amigos!

JESUS NO TRIBUNAL DE CAIPHAS

1. Chamado ao tribunal

Conduziram-n'o logo a casa de Annás. De lá o levaram a Caiphás, summo pontifice naquelle anno, onde estavam reunidos os Escribas e Anciãos (Jo. 18, 13; Math. 26, 57). — Finda a Paixão no horto, Jesus entra no segundo passo de sua Paixão que são os tribunaes. Agora começa a beber o calix que o Anjo lhe offereceu no jardim das Oliveiras. Os tribunaes de Jerusalém vão-se occupar da mais grave causa que presenciou o mundo. Nelles vae começar Jesus a receber os maiores insultos, a ser objecto das mais flagrantes injustiças. Caiphás e outros juizes estão apostados a condemná-lo á morte. E' perante aquelle conselho impio e sanguinario que o Messias, o Filho de Deus, o Juiz eterno dos vivos e dos mortos se apresenta. — Si é sempre um vexame ser chamado aos tribunaes, muito mais o foi para Jesus, cuja reputação de santidade e justiça estava divulgada por toda a Palestina. Elle me anima com este exemplo a supportar as injustiças dos tribunaes da opinião publica e a ver interpretadas sinistramente as melhores intenções.

2. O interrogatorio

O pontifice interrogou Jesus no tocante a seus discipulos e a sua doutrina: Jesus respondeu: Falei publicamente; por que me perguntas? Interroga aos que me ouviram. (Jo. 18, 19) — Consideremos a interrogação do Pontifice e a resposta de Jesus. O in-

terrogatorio começa por sahir fóra dos trâmites de um tribunal. Nada mais absurdo que prender e julgar um homem sem lhe apresentar nenhum corpo de delicto. Si Jesus ensinou doutrinas subversivas e anti-religiosas, por que só agora é chamado a dar razão dellas? A interrogação do Pontifice era dictada pela malicia, por um secreto desejo de encontrar algum pretexto de accusação e condemnação. Mas Jesus frustrou-lhe este vão intento, dizendo-lhe que falou publicamente no templo e nas synagogas. Jesus não se intimidou diante de seus juizes; fala-lhes com a mesma serenidade, doçura e força que antes. Emquanto a seus discipulos, Jesus não diz palavra. E que podia elle dizer, si naquelle momento um acabava de o entregar a seus inimigos, outro o negava e os demais esconderam-se com medo de partilhar a sorte de seu Mestre? — Quando não puderdes dizer bem do proximo, é preferivel calar, a não ser que a caridade te obrigue a manifestar certos defeitos para bem do interessado e do publico. Devemos pesar bem nossas palavras, para nos não expormos a uma critica severa e justa.

3. A bofetada

Tendo Jesus falado desta sorte, um dos officiaes, que estava ao lado de Jesus, deu-lhe uma bofetada, dizendo: Assim respondes ao pontifice? Respondeu Jesus: Si falei mal, diz-me em quê, e si bem, por que me feres? — A affronta não podia ser maior. A sua gravidade mede-se — pela natureza da mesma affronta: a bofetada é o maior insulto que um homem pôde fazer a seu semelhante; — pela pessoa que a recebe: o rei do céu e da terra, o mais bondoso dos homens, o mais respeitavel, o mais santo, — Deus! — pela pessoa que a dá, um vil servo, o mais baixo daquella assembléa; — pelo fim com que é dada: para corrigir uma resposta cheia de sabedoria, de prudencia, de mansidão; para emendar o Mestre de toda a verdade. Si no modo como foi feita tal affronta

houve tanta crueldade, baixeza e deshumanidade, no modo como foi recebida transpareceu toda a doçura, paciência e mansidão do offendido. A resposta de Jesus serviu a) para sua justificação: não convinha que em momento tão solemne ficasse suspeita de que Jesus tivesse falado inconsideradamente aos juizes; b) para nossa instrução: podemos justificar nosso proceder sem faltar ao respeito ao poder constituído; c) para confusão dos seus inimigos convinha que, no decurso da Paixão do Salvador, apparecesse a sua innocencia, paciência e sabedoria, a par da injustiça, da violencia e da astucia de seus inimigos. O' modelo divino de paciência! Quem pôde queixar-se de affrontas ao vê-vos assim tão affrontado?!

INQUIRÇÃO DE TESTEMUNHAS

1. Innocencia de Jesus

Entretanto os principes dos sacerdotes e todo o conselho procuravam um falso testemunho contra Jesus, para o condemnar á morte, mas não encontravam (Math. 26, 59) — O odio dos Judeus a Jesus e o desejo de o tornar para sempre infamado fez-lhes conceber o plano de o matar, por uma sentença publica, no supplicio da cruz. Esta sentença só Pilatos a podia dar, e era preciso para isso testemunhas para levar o governador romano a um tal acto. Não as encontrando verdadeiras, procuravam as falsas. A que ponto pôde descer uma nação! Os homens mais cotados na administração, no poder e no ensino rebaixam-se a uma tal vilania! No meio de toda esta depravação do direito, da justiça e honradez sobresaie a figura majestosa de Jesus, aureolada de uma tal pureza de vida e de uma tal santidade de doutrina, que seus adversarios não lhe encontram a menor sombra de peccado. — Tal deve ser a vida do christão: tão ajustada em tudo com a lei divina, que ninguem tenha o que reprehender nelle, tanto nas acções como nas palavras, na vida publica, como na particular.

2. Silêncio de Jesus

Então o summo sacerdote, levantando-se no meio da assemblêa, interrogou a Jesus, dizendo: Não respondes ao que depõem contra ti? Mas Jesus calou e não respondeu. — 1. O silêncio de Jesus era a melhor resposta a acusações que se contradiziam a si mesmas. "Para que hei de falar, si vós mesmo vedes a discordancia das testemunhas?" — E que fructo tiraria Jesus de falar, si já estava decretado no alto conselho condemná-lo à morte.

2. Em attenção a nós, calou tambem Jesus, para nos ensinar a calar ainda quando nos accusam injustamente. Soffrendo, sem me justificar, as falsas accusações dos homens, expiarei as enormes e verdadeiras accusações, que meus repetidos peccados fazem contra mim. Que pouco caso faria eu dos juizos dos homens, si pensasse que suas injustiças, soffridas em silencio, me accrescentariam a gloria no dia do julgamento final.

3. Jesus confessa sua divindade

O summo sacerdote interrogou-o de novo e lhe disse: Eu te adjuro em nome de Deus vivo si és o Christo, Filho de Deus. Jesus respondeu: Tu o disseste, eu o sou. — A pergunta era cheia de malicia. Não encontrando o summo sacerdote de que accusar a Jesus, procura tirar-lhe da bocca materia para o accusar. Esperando uma resposta affirmativa, julgava-se de posse de uma accusação sufficiente para o condemnar á morte. Jesus, em attenção á gloria de Deus, em cujo nome é obrigado a falar, rompe o silencio e dá o testemunho da verdade: *Eu sou.* Elle conhecia bem as consequencias de uma tal confissão, mas quiz ensinar-nos que é necessario confessar a fé com risco da propria vida. Ensina-nos a calar e a falar a tempo, para o que exige uma grande reflexão, calma de espirito e firmeza de character. Por falta disto, quan-

tas inconsiderações nas palavras! quantas quebras da caridade, quanta falta de verdade! Quando o mundo me perseguir, então hei de mostrar com palavras e mais ainda com obras a firmeza de minha fé.

JESUS E' CONDEMNADO PELO TRIBUNAL DE CAIPHAS

1. Acção do summo sacerdote

Então o summo sacerdote rasgou os vestidos, dizendo: Blasphemou! Que precisão temos de testemunhas? — Acção indigna no summo sacerdote e em tal assembléa! Viva expressão do furor, do odio e da soberba. Acção sediciosa e tendente a inspirar nos assistentes as mesmas paixões. Acção hypocrita, occultando sob um gesto de indignação religiosa a alegria de encontrar enfim uma causa para condemnar Jesus á morte. Acção mysteriosa e prophetica symbolizando o fim do sacerdocio de Aarão e dos sacrificios da lei de Moysés, para dar logar ao verdadeiro sacerdocio e sacrificio do verdadeiro Melchisedech. Caiphás julgou enfim ter a razão peremptoria para apresentar Jesus ao povo como digno de morte, como blasphemador! — Só usando de meios tão baixos é que pôdem os impios condemnar o innocente, negar a verdade, perseguir a religião. Mas de que servem esses processos iniquos, si é Deus que ha de julgar a acções dos justos e as injurias dos perseguidores?... Ah! fuja das dissimulações e de occultar sob a capa de piedade intenções perversas.

2. Jesus tido por blasphemo

1. *Ouvistes as blasphemias: que vos parece? — Onde está a blasphemia, impio juiz? A tua decisão raia no absurdo. Trata-se de saber, si Jesus é o Messias. Perguntas-lhes si é, e responde que sim: onde está a blasphemia? Querias que, sendo elle o verdadeiro Messias, negasse que o era? Saber si Jesus é ou não o que disse de si, é questão de o examinar,*

mas isso é o que tu não queres: é questão já de antemão determinada. 2. *Que necessidade temos de testemunhas?* O' juiz iniquo, falaste verdade contra ti mesmo! Realmente, depois da solenne confissão de Jesus, são inúteis todas as testemunhas: Jesus está innocente. Assim é que todos os tribunaes dão testemunho de sua innocencia. Deus assim o dispoz para nossa consolação. Jesus legou á Egreja a mesma gloria.

3. Jesus é condemnado pelo supremo tribunal judeu

E todos disseram: é réu de morte! — Esta sentença de morte, dada por unanimidade de votos, foi a mais injusta que se tem ouvido. Segundo a lei de Moysés, todo o blasphemo era digno de morte. Mas convinha que cada juiz dêsse seu parecer sobre a resposta de Jesus. Juizes imparciaes deviam dar-se por offendidos com um tão inaudito processo de julgamento. Mas naquelle tribunal só dominava o odio. Jesus é, pois, condemnado á morte pelo supremo conselho da nação. Assim está prophetizado, e Jesus ouve este brado unisono condemnando-o á morte, contra toda a justiça. — Povo meu, que é que eu te fiz? Porque te tirei da terra do Egypto, preparaste a cruz para o teu Salvador! Jesus, segundo a expressão do Apostolo, é o segundo Adão que tomou sobre si o peccado do primeiro e os peccados innumeraveis de toda a posteridade, e, para os expiar, se condemnou elle mesmo á morte. Eu tambem entrei neste concerto de suffragios pedindo a morte de Jesus, pois o obriguei a carregar com o enorme peso de meus peccados!... *Morra eu de amor por vós, ó Jesus, que vos immolastes por mim.* 1)

1) *Moriar mihi amore tui, qui dedisti vitam tuam mihi.* (oração de um anachoreta.)

NEGAÇÕES DE S. PEDRO

1. Primeira negação

Estando Pedro no pateo veiu a serva do summo sacerdote, e vendo-o aquecer-se, disse-lhe: Não és tu dos discipulos deste homem? Tu estavas tambem com Jesus de Galiléa. Mulher, disse Pedro, não o conheço. (Marc. 14, 66) — S. Pedro, depois de recobrar o animo abalado com a prisão do divino Mestre, seguiu a Jesus de longe, levado por certa curiosidade, e entrou no atrio do palacio de Caiphás. Foi neste lugar que o principe dos apostolos negou seu divino Mestre, depois de lhe ter protestado a mais incondicional adhesão. *O lugar da infeliz queda foi o atrio: si a criada lhe falasse á porta, talvez elle se tivesse retirado e vencido a tentação; mas como isto succedeu quando estava com os soldados e servos do pontifice aquecendo-se, não teve Pedro coragem para vencer o respeito humano e cedeu miseravelmente á tentação, porque não é tanto o entrar no mundo, quanto a companhia dos máus, a causa de muitas de nossas quedas.*

— Em Pedro temos um claro exemplo de quanto é capaz a fraqueza humana, e de quanto devemos desconfiar de nós mesmos, pois, apesar das mais firmes resoluções, muitas vezes vimos a cair.

2. Segunda negação

Uma outra criada viu-o e disse: Aquelle estava tambem com Jesus de Nazareth. E elle negou pela segunda vez com juramento, dizendo: Não conheço esse homem. — Uma queda chama por outra. A primeira predispõe para a segunda. A primeira negação foi uma mentira e uma fraqueza, nascida da precipitação, pois Pedro falava contra suas convicções. A segunda é mais grave, já porque á mentira accrescentou o juramento. — Não é outro o caminho que segue quem se deixa cegar pela paixão. A primeira queda é o primeiro elo da cadeia, oxalá não ininter-

rupta, de outras muitas quedas, cada qual dellas mais grave na malícia, mais difficil para a emenda, mais triste nas consequencias. As *paixões*, diz Santo Agostinho, *são fogo e o fogo nunca diz: basta!* Quando ao primeiro rebate da paixão se lhe não oppõe um freio, caminha-se irremediavelmente para o abysmo. Não é esta a causa das minhas frequentes quedas?... Porque cedo á primeira, succede-se a segunda e tantas outras!...

3. Terceira negação

Depois de uma hora um dos servos do summo sacerdote disse a Pedro: Não te vi eu no jardim com elle? Certamente, ajuntaram os outros, tu estavas com aquella gente. Pedro negou pela terceira vez, e começou a dizer imprecações e a jurar: Não conheço este homem de quem me falaes. (Math. 26, 73; Luc. 22, 59.) — Parece que Pedro, ao ver-se cahido pela segunda vez, devia deixar aquella companhia e pôr-se em seguro para não cahir terceira vez. Mas aqui temos a prova do que é o caminho da iniquidade. Chega-se a perder o temor de peccar, a amar o perigo, a familiarizar-se com o peccado! Pedro em menos de duas horas negou tres vezès o seu divino Mestre! E na terceira vez juntou ao perjurio a imprecação! Ah! Pedro, tão depressa te esqueceste do teu protesto, da tua fé, do teu amor? — E' caso de perguntarmos por que permittiu o Senhor que seu primeiro apostolo, o futuro chefe de sua Igreja, cahisse tão vergonhosamente, e ficasse para eterna memoria exarada no Evangelho a sua queda. As razões que dão os commentadores são: 1. Para que a excelsa dignidade de Vigario de Jesus Christo se alliasse em Pedro a uma profunda humildade e compaixão das fraquezas dos seus subditos; 2. para que se visse que a Igreja catholica, apoiada sobre base tão fraca como este apostolo delinquente, é obra de Deus e não dos homens; 3. para aviso dos homens mais elevados em dignidade, pois estão sujeitos a semelhantes quedas e precisam sempre do auxilio da graça.

CONVERSAO DE S. PEDRO

1. Olhar de Jesus

O Senhor, voltando, olhou para Pedro. — Jesus, ao terminar o seu julgamento, foi conduzido para o vestibulo dos soldados e ao passar pelo atrio lançou um olhar para Pedro: *Respexit Petrum*. Olhar de reprehensão, que fez entrar em si o discipulo infiel; olhar de misericordia, que despertou nelle o arrependimento e a detestação de tão lamentavel crime. Si não fosse este olhar do divino Mestre, quem sabe si Pedro não teria descido até ao abysmo da infidelidade e do desespero, como Judas traidor! Mas naquelle olhar ia um raio de graça, que Pedro ainda soube aproveitar para sua conversão. — Jesus não é menos bondoso hoje com os peccadores, que outr'ora com Pedro. Ao passar-lhes através da alma num momento de reflexão, lança-lhes um desses olhares de sua graça e misericordia, que David, o rei penitente, tão ardentemente supplicava: *olhae, Senhor, para mim, e compadecei-vos de mim* 1). Quantas vezes eu senti a luz desses olhos de misericordia a illuminar-me, a reprehender-me, a offerecer-me a graça do perdão, e eu não me quiz levantar, não quiz despertar do somno da morte!

2. Pedro reconhece o seu peccado

Pedro lembrou-se então da palavra que Jesus lhe tinha dito: Antes que o gallo cante duas vezes, tu me terás negado tres vezes. (Marc. 14, 72) O primeiro effeito do olhar de Christo foi recordar-se Pedro das palavras que lhe tinha dito prophetizando-lhe as tres negações. Então viu a enormidade do seu peccado, então se convenceu da sua fraqueza, e de que a sua queda foi consequencia de não seguir o preceito de seu divino Mestre, quando o mandou vigiar e orar para não cair em tentação. — Ah! como

1) *Respice in me, et miserere mei.* (Ps. 24, 16)

muitos peccadores se converteriam, si pensassem no que Deus lhes diz nos livros santos pela bocca de seus prophetas: que não ha paz para os impios, que os máus irão para o supplicio eterno, e os justos irão para a vida eterna; que a palavra de Deus é verdadeira! Mas, esquecendo as palavras e ameaças de Deus, seguem os ditos do mundo, que encerram o erro e mentira.

3. Lagrimas de Pedro

E sahindo para fóra, chorou amargamente. (Math. 26, 75.) A conversão de Pedro é sincera. Con vencido de sua fraqueza, que vê agora tão claramente, não acha outro meio de salvação sinão a fugida. Deixa o logar e as pessoas que lhe serviram de occasião para o fazer cahir tão profundamente, e logo que se encontrou só e pôde medir toda a gravidade de sua culpa, os olhos se lhe abriram em duas fontes de amargosissimas lagrimas, fontes que nunca se estancaram até á morte. Lagrimas não de desalento e desconfiança, de se ver tão ignominiosamente vencido, mas de dôr pelo pensamento cruciante de ter negado, renegado, offendido e contristado seu Mestre, que estava sendo tão vilmente, tão injustamente maltratado, injuriado, blasphemado pelos grandes de Jerusalmém! — Ah! si, retirados do mundo e das occasiões de peccado, pensassemos em nossas ingratidões passadas, e na infinita Bondade e Majestade de Deus a quem offendemos, experimentaríamos os mesmos sentimentos de Pedro, um amor de Deus mais ardente, uma dôr mais profunda de nossos peccados e um desejo mais efficaz de compensarmos nossas ingratidões com toda a especie de boas obras.

JESUS E' ENTREGUE A PILATOS

1. Reunião do conselho

Desde o amanhecer, os anciãos do povo, os principes dos sacerdotes e os escribas se reuniram em conselho para o conduzir á morte (Math. 27, 1). Mal refeitos do somno depois de uma noite tão agitada,

os iníquos juizes apressam em se reunir para consummar seu plano. Esta segunda reunião do grande conselho foi decretada para ratificar a primeira e para dar á condemnação de Jesus uma fôrma jurídica perante o povo. A agitação na cidade cresce desde o primeiro crepusculo da aurora. De que se trata? — De condemnar o innocente e de apressar a sua morte!... Ah! para isto tanta diligencia?... E eu tão pouco apressado em dar a morte a meus vicios, tão afeiçoado a minhas commodidades, tão amigo da sensualidade, que é a mãe da preguiça espiritual e a primeira causa de minhas quédas?...

2. Jesus é conduzido a Pilatos

E toda a assembléa levantando-se, conduziram Jesus a Pilatos. — E todo aquelle povo, reunido no palacio de Caiphás, acompanha, ebrio de odio, o innocente Jesus ao palacio de Pilatos, para arrancar delle a sentença definitiva de sua condemnação. E o Messias, o Esperado das nações, o Salvador de Israel, é entregue pelo povo de Deus nas mãos da gentilidade. Que demencia! Que indignidade, que monstruosa ingratição! Já te esqueceste, ó povo ingrato, dos beneficios que recebeste desse homem a quem tão injustamente repelles de tua nação, tendo pouco antes, ao ver seus milagres, exclamado: *Nunca homem semelhante appareceu na terra?* — O coração divino do Senhor iria clamando pelas ruas de Jerusalém: *Meu povo, que te fiz eu, para assim me tratares?* — Mas esta perfidia e ingratição judaica ainda hoje é renovada por muitos christãos que, tendo recebido a este Senhor na Eucharistia, o entregam, pela communhão sacrilega, ao demonio de que estão possuidos pelo peccado. Choremos aos pés de Jesus nossas ingratições, e não sejamos tão duros com o nosso maior amigo e bemfeitor.

3. Hypocrisia dos phariseus

Mas elles não entraram no pretorio de Pilatos, para se não mancharem (Jo. 18, 28). Este povo, que não tem o menor escrupulo de condemnar um innocente á morte, teme contrahir a mancha puramente *legal*, entrando na casa de um pagão! Cego pela paixão, fórma uma consciencia erronea e grosseiramente falsa sobre o mais grave dos factos que então alarmava Jerusalém. — É não ha muitos christãos, e até religiosos, que, fazendo escrupulo do que é accessorio e desnecessario, desprezam o que é essencial? Não ha muitos que, fiéis ás praticas de piedade que elles a si mesmos se impuzeram, não têm por culpa faltar ao que a lei de Deus e da Igreja lhes impõe como obrigação grave?... Examinemos si não andamos iludidos no modo de julgar de nossos deveres e das obrigações que Deus nos impõe.

MORTE DE JUDAS

1. Remorso de Judas

Então Judas, que entregára Jesus, vendo-o condemnado á morte, arrependeu-se do que tinha feito, e levou os trinta dinheiros aos Principes dos Sacerdotes e aos Anciãos (Math., 27, 3). — Judas, entregando o divino Mestre aos Judeus, não previu as funestas consequencias de seu crime. Não imaginava que as coisas chegassem a tal extremo, mas tinha por certo que Jesus, por um milagre de seu poder, se libertaria das mãos de seus inimigos. Ao ver, porém, seus calculos errados e que Jesus realmente estava entregue ao furor dos Judeus, apostados a dar-lhe a morte, horrorizou-se com a vista de tal crime, e, sentindo-se esmagado debaixo do peso insupportavel do remorso, foi entregar aos sacerdotes do templo o dinheiro por que lhes vendera Jesus. — A riqueza alcançada com injustiça nunca leva a bom fim. Quando se cede a uma paixão desregrada, não tarda a vir o desenlace final, a deshonra propria e o damno do

proximo. Antes de commeter o mal, só se olha para o verso da medalha, para o lado agradável e seductor; mas, executando o crime, vêem-se as tristes consequências.

2. Judas procura os sacerdotes

Pequei, disse-lhes, entregando o sangue do Justo. Elles responderam: Que nos importa? Isso é comtigo. — Esta confissão de Judas seria o primeiro passo para sua conversão, si partisse de um coração contrito e humilhado. Mas não! Era a confissão de um espirito orgulhoso, irritado contra si proprio, por ter sido capaz de uma tal baixeza, e irritado contra os cúmplices de sua iniquidade, que o induziram e animaram a commettê-la. Judas não tanto se accusa a si proprio, quanto lança em rosto aos sacerdotes o serem cúmplices no mesmo crime e tão culpados como elle. Esperava que, tendo-o elles induzido a tal acto, o consolassem agora pelas suas tristes consequências. Mas recebem-n'o com a mais desoladora frieza, dando-lhe uma resposta que o levou ao cumulo do desespero. — Que mal aconselhado andou Judas neste recurso aos principes dos sacerdotes! Si fosse ter com a Mãe de Jesus, si fosse juntar-se com os outros apóstolos e chorasse diante delles o seu horroso crime, não teria cahido no abysmo da desesperação. Não ha que esperar favores e estima dos cúmplices da iniquidade, pois são cegos que guiam outro cego para o abysmo.

3. A morte do traidor

E lançando o dinheiro no templo, foi-se enforcar. — Judas coroou a série de seus crimes com o maior de todos: á avareza succedeu o desespero; ao desespero, a impenitencia, e á impenitencia, o suicidio. Aquelle dinheiro, que foi a causa de tantos crimes, já lhe parece desprezível; sente que lhe é um pêso para a consciencia, um tormento que o não deixa repousar,

e desfaz-se d'elle, arroja-o de si, amaldiçoa-o. O objecto, em que julgava encontrar o maior bem, converte-se num mal, e o que elle julgava um interesse, um prazer, uma satisfação, ennoja-o, horroriza-o, desespera-o, e achou que a força era o melhor meio de pôr fim a tantos males. — Que cego foi Judas! Por maiores que sejam nossos crimes, é maior a misericórdia de Deus: é infinita! Si peccámos, detestemos o objecto do peccado, mas não desesperemos da misericórdia divina.

JESUS E' APRESENTADO A PILATOS

1. A justiça de Pilatos

*Pilatos, sahindo, veiu ter com elles e disse-lhes: Que accusação trazeis contra este homem? Si não fosse um mafeitor, responderam, não l'o entregariamos (Jo., 18, 29). — O proceder de Pilatos é conforme a justiça. "Si aquelle homem é um criminoso, qual é o seu crime? Dizei-o vós". Pergunta aos que o trazem. Mas elles, suspeitando que tal seria a pergunta de Pilatos, já tinham preparada a resposta: — E' um mafeitor! Estes judeus orgulhosos, assim como antes condemnaram a Jesus sem testemunhas que conviessem nalgum crime, assim agora querem induzir Pilatos a que o condemne, sem lhe apresentar outra accusação que uma calumnia. De mafeitor era o que menos tinha Jesus. Ali mesmo estariam muitos que disseram d'elle: *Fez tudo bem, fez ouvir os surdos e falar os mudos.* — Jesus é ainda hoje calumniado em seus ministros, em sua Igreja, por tantos christãos degenerados que para a calumnia não têm outro motivo que o odio, a malicia e a inveja. Si se lhes pergunta, como Pilatos: *qual é o crime desses homens?* ficam mudos, ou não apresentam sinão vagas accusações, sem provas, sem credibilidade. Vivamos conforme a lei de Deus, e deixemos que os impios lancem contra nós suas calumniosas accusações, que por si mesmas se refutarão e diante dos juizes rectos ficará nossa honra intacta.*

2. Pilatos recusa-se a julgá-lo

Disse-lhes Pilatos: Tomae-o vós, e julgae-o segundo a vossa lei. Responderam: Não nos é licito matar ninguém. — A esta permissão de Pilatos parece que aquelles sanguinarios inimigos de Jesus se deviam dar por autorizados a satisfazer seu odio na innocente victima. Mas acobertam a mais negra hypocrisia sob uma apparencia de virtude e respeito pela lei, pois as suas intenções eram outras. Não querem responsabilizar-se pela condemnação de Jesus: 1º para que, sendo solennemente condemnado pelo magistrado supremo, apparecesse mais culpado e diffamado aos olhos do povo; — 2º para não carregarem com a odiosidade de sua morte; — 3º para que fosse condemnado á morte de cruz, a mais ignominiosa e cruel de todas, que só os romanos usavam, e não era imposta aos Hebreus por lei alguma.

Quantas vezes o que nos parece disposições humanas serve á realização dos planos de Deus? Quantas vezes os triumphos momentaneos dos máus entram na economia da divina Providencia, para bem e glorificação dos justos?

3. A impostura dos judeus

E começaram a accusá-lo assim: Encontramos este homem pervertendo a nossa nação, prohibindo pagar o tributo a Cesar e fazendo-se rei (Luc., 32, 4). — Tres accusações: as duas primeiras evidentemente falsas. Jesus prégou sempre a ordem, o respeito á autoridade, a obediencia ás leis. A terceira, igualmente falsa no sentido que os Judeus lhe davam, isto é, de um rei terrestre, que vem desthronar Cesar. — E' incrivel a impudencia e desfaçatez em homens que se diziam religiosos, rectos e justos, e se desautorizavam com taes mentiras! Mas o odio e a paixão passam por cima de toda a justiça, de todo o direito, de toda a verdade. Ah! christão, si te sentes ferido na honra e estima, aqui tens com quem te consolares!

Jesus está soffrendo os maiores insultos á sua honra, está sendo desacreditado na opinião publica, está sendo infamado perante a suprema autoridade judiciaria.

PILATOS INTERROGA JESUS

1. Jesus declará-se Rei

Entrando Pilatos no pretorio, interrogou Jesus, dizendo: És tu rei dos Judeus? Jesus respondeu: Meu reino não é deste mundo. Si fosse, meus vassallos não deixariam de combater para impedir de cahir nas mãos dos Judeus. Mas o meu reino não é deste mundo (Jo. 18, 33) — O que inquietava o juiz romano era a idéa de que Jesus se tivesse feito rei para destronar a Cesar. Mas Jesus tirou-lhe este temor, confessando que era rei, mas não deste mundo. Pilatos, ainda que não comprehendeu que especie de reino fosse este, todavia ficou certo de que não tinha de que se inquietar. Jesus confirmava-o nesta sua opinião. O estado em que o via, a maneira como se deixava tratar, não era de um rei deste mundo. — Verdade consoladora! Temos um rei e um reino no outro mundo, onde gozaremos de uma felicidade eterna. Vivemos neste para merecermos a posse daquelle; seguimos a Jesus perseguido para o gozarmos glorioso. Este mundo é para soffermos com Jesus as perseguições dos máus, afim de merecermos reinar com elle no outro, em companhia dos anjos.

2. Pilatos pergunta o que é a verdade

Pilatos insistiu e disse: Sois, pois, rei? Tu o disseste, sou rei. E' para dar testemunho da verdade que vim ao mundo: quem ama a verdade, escuta a minha voz. Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade? E dizendo isto sahiu. — Quem mais interessado em conhecer a verdade do que Pilatos? Comtudo, elle se nos revela o mais frisante exemplo da ligeireza humana. Pergunta o que é a verdade, e retira-se sem ouvir a

resposta. Quantos como Pilatos desejariam saber a verdade, mas fogem de a ouvir, por temer que não esteja em conformidade com sua vida. Pilatos, retirando-se, mostrou o desprezo pela verdade, e que a verdade não passa de uma idéa, um fantasma, ao qual um sabio não deve sacrificar sua tranquillidade. Assim pensam, como Pilatos, os grandes, os sabios, os poderosos e todos os que vivem presos e captivos dos bens deste mundo. Tambem elles perguntam: que é a alma? que é a salvação? que é a outra vida? Mas não querem ouvir a verdade encerrada nestas perguntas, porque não querem sacrificar a essas verdades os bens, os prazeres, o gozo desta vida! Mas a verdade é Jesus Christo, e só está na verdade quem o segue, pois elle é o rei immortal, a verdade eterna, a que é preciso sacrificar tudo.

3. Pilatos declara Jesus innocente

Pilatos, vindo ter com os judeus, os principes dos sacerdotes e o povo, disse-lhes: Não encontro neste homem crime algum. — Esta declaração de Pilatos foi um raio que cahiu sobre os inimigos de Jesus. Si Pilatos o declara innocente, si Pilatos o não condemna á morte, o triumpho d'elle esmagará a protervia judaica. A innocencia de Jesus, tão formalmente declarada por um gentio, foi a maior gloria para o Salvador, tão injusta e falsamente accusado; foi uma grande alegria para o povo fiel, que ainda ali, talvez, se conservasse do lado de Jesus; e foi a maior affronta ás autoridades judaicas, que apresentam para ser condemnado — um innocente! — O mundo perseguirá o justo, condemná-lo-á á morte, mas depois de claramente provada a sua innocencia, para ser maior o castigo da injustiça.

SILENCIO DE JESUS NO TRIBUNAL DE PILATOS

1. Silencio de Jesus ao ouvir as accusações dos Judeus

Os principes dos sacerdotes e os anciãos persistiram em adduzir outras accusações, mas Jesus não respondia — Vendo os Judeus que Pilatos não se impressionára com as accusações apresentadas contra Jesus, e que o declarava innocente inventaram novas accusações, não fosse caso que o absolvesse, ficando assim frustrados todos os seus planos. Jesus ouve tudo em silencio. Não se digna sequer responder, 1. porque não convinha á dignidade de sua pessoa, do Filho de Deus e do soberano juiz do universo, responder aos homens sobre crimes que tão falsamente lhe imputavam; — 2. porque as novas accusações não accrescentavam nada ás passadas, e o Pilatos, que reconhecera a sua innocencia, pretendia fazer cessar o tumulto; — 3. porque a santidade de sua vida respondia por elle: toda ella confundia não só seus calumniadores, mas provava sua divindade. — A vida do christão deve ser um testemunho constante de sua santidade; nella devem encontrar, todos os que se prezam de bons juizes, uma resposta peremptoria ás accusações malsinantes dos invejosos e impios.

2. Silencio de Jesus ao ouvir a pergunta de Pilatos

Pilatos interrogou de novo a Jesus e lhe disse: Não ouves quantos testemunhos levantam contra ti? Não respondes? Vê de quantas coisas te accusam. Mas Jesus não respondeu (Math., 27, 13). Admira-se Pilatos do silencio de Jesus e com razão. Qualquer accusado, em taes circumstancias e com um juiz tão favoravel, aproveitaria todos os recursos da eloquencia para defender sua innocencia. Jesus não profere uma palavra, sendo-lhe tão facil convencer de falsarios to-

dos os seus accusadores, e excitar contra elles as iras da multidão. Pilatos não podia descobrir as razões de tal silencio, mas nós não as podemos ignorar: —

1. Jesus cala, porque está decidido a morrer por nós, e depois de ter dito o que pedia o respeito á verdade e o que se referia á sua qualidade de Christo e Messias, em que devia instruir os homens, não ousa proferir uma só palavra em abono de sua innocencia e que sirva para lhe salvar a vida. — 2. Antes de morrer queria por este silencio, que lhe havia de cortar a vida, expiar nossos peccados da palavra, nossas vãs escusas, falsas justificações, murmurações e impaciencias pelas accusações que nos são feitas.

3. Insistencia dos Judeus em accusar Jesus

Os judeus começaram a clamar, dizendo: Subleva o povo, semeando sua doutrina por toda a Judéa, desde a Galiléa até aqui (Luc., 23, 5) — Os Judeus, vendo que Pilatos, depois de proclamar a innocencia de Jesus, não impunha silencio ás accusações que elles lhe levantavam, e que os não repellia com vigor, confiaram na fraqueza de tal juiz, e ainda com mais insistencia proseguiram em accusar mais insistentemente o Salvador. De facto Pilatos começava a temer o furor dos Judeus: queria salvar o innocente, e não desagradar a seus inimigos; esperava que Jesus, defendendo-se com vigor, o ajudasse a sahir daquelle embaraço e que, com a sabedoria que revelava, reduzisse seus accusadores ao silencio. Mas toda esta hesitação serviu para piorar mais a causa. — Não é outro o proceder de nosso commum inimigo, o demonio. Logo que nos vê hesitar timidamente entre Deus e os homens, entre o dever e a paixão, aproveita admiravelmente esta fraqueza e investe com mais audacia: aturde-nos com seus clamores, avulta-nos as difficuldades, convence-nos da impossibilidade de seguir pelo lado contrario ao do peccado, e eis-nos cahidos em seus enredos, atraíçoando nossa consciencia,

e subjugados pela iniquidade. Si não queremos resvalar pelo despenhadeiro de Pilatos, temos ceder a tentação ainda naquillo que nos parece insignificante, resistamos ao seu primeiro rebate, *armando-nos*, como diz o Apostolo, *com o escudo da fé* e da oração.

JESUS NA CÔRTE DE HERODES

1. Pilatos entrega Jesus a Herodes

Pilatos, ouvindo que Jesus era da jurisdição de Herodes, que se encontrava então em Jerusalém, lh'o enviou. Herodes alegrou-se com isto, pois esperava vê-lo operar algum milagre (Luc., 23, 7). — O motivo por que Pilatos envia Jesus a Herodes não é a consideração para com este rei, pois eram inimigos; não é o direito que tem Herodes de o julgar, pois tinha Pilatos toda a autoridade necessaria para decidir esta causa, sobre a qual devia dar sentença definitiva; mas enviou-lh'o por fraqueza, por declinar sobre Herodes a responsabilidade desta causa, e evitar a necessidade ou de agir contra a justiça para comprazer aos judeus, ou de desagradar aos judeus por seguir a justiça. Mas não sustentar a justiça, era já trahi-la. Por que expôr a um novo exame a causa de um accusado declarado innocente? Pilatos receia perder o alto posto que occupa. Quer ter a honra e não o peso. Ama a justiça, mas não a quer seguir com prejuizo dos proprios interesses. — Ama-se mais a estima dos homens que a virtude. Com taes disposições chega um juiz integro, moderado, esclarecido, a faltar ao gravissimo dever de julgar com justiça.

2. Jesus no palacio de Herodes

Herodes, vendo Jesus, teve grande prazer, porque havia muito tempo que o desejava vêr, pois tinha ouvido contar muitas coisas delle e esperava que fizesse ali algum milagre. — Os sentimentos com que Herodes recebeu a Jesus dão-nos campo a serias reflexões.

1. *Teve grande prazer*, mas foi um prazer *pueril*, de um rei voluptuoso, que vivia de curiosidade e sensações agradáveis. Outra foi a alegria que sentiu Zacheu ao ver Jesus em sua casa, alegria sincera de quem conhecia o bem que possuía. 2. Havia muito que o *desejava ver*, mas com um desejo *esteril*, pois pudera tê-lo visto. Era em Galiléa, seus estados, que Jesus pregava e operava suas maravilhas, mas, embebido nas delicias da corte, não queria aviltar sua majesta' real em pensar como o povo, e, como elle, crer nas maravilhas de Jesus.

3. *Esperava* ver algum milagre: *esperança impia*, pois não era para sua instrução, para sua utilidade, mas para satisfazer a vaidade, para se divertir com seus cortezãos, para submeter á sua critica as obras de Deus. — Quantos christãos se não parecem com este impio rei! A alegria das festas da Igreja é para elles vã, pueril. Os desejos da salvação são estereis. Os milagres de Jesus e as grandes maravilhas da natureza não os movem. Explicam tudo pelas forças *physicas* e ficam-se no seu materialismo rejeitando o sobrenatural.

3. Silencio de Jesus na cõrte de Herodes

Herodes fez-lhe algumas perguntas, mas Jesus não lhe deu resposta. Entretanto, os Principes dos Sacerdotes e Escribas persistiam em accusá-lo constantemente. — Tres reflexões aqui se nos offerecem: — 1. *sobre as perguntas de Herodes*, que eram de pura curiosidade, não para se instruir, mas para ouvir algum dito agudo, a solução de algum enigma, a explicação de algum facto maravilhoso. — 2. *sobre o silencio de Jesus*. A corte de Herodes representa o fausto e soberba do mundo e Jesus não só o julga indigno de um milagre, mas até de uma resposta. Nem para reprehender seus crimes, seu adulterio, a morte que deu a João Baptista, usa Jesus da palavra. — 3. Jesus não só cala ás perguntas de Herodes, mas também ás accusações dos Judeus, que, com receio de

que Herodes o livrasse, o accusam *constantemente*. Assim é o justo tratado pelo mundo orgulhoso e sensual; mas Jesus ensina-nos o desprezo com que devemos tratar esse mesmo mundo com todas as suas promessas, vaidades e grandezas.

JESUS E' DESPREZADO POR HERODES

1. Jesus desprezado

Mas Herodes com toda a sua corte o desprezou. — Herodes, ao ver que Jesus lhe não dava a menor importância, e que desprezava com um silêncio soberano todas as suas perguntas ineptas e as acusações iníquas dos judeus contra sua divina pessoa, creu emitir uma sentença de alta sabedoria tratando Jesus como um insensato. Os grandes de seu reino concordaram todos na apreciação que seu monarca fez de Jesus e todos se julgaram com direito de insultar a Sabedoria de Deus. É ao mesmo tempo que zombavam do Salvador, zombariam da credence do povo, que tinha este homem por um profeta e pelo Messias! Quanta cegueira, quanta impiedade, quanta injustiça neste rei e seus cortezãos! Assim pensa o mundo da virtude! Assim trata o justo, o innocente. Mas elles são loucos como um dia hão de confessar, segundo a prophecia dos Livros Santos. *Nos insensati vitam illorum aestimabamus insaniam.* — *Nós loucos tivemos a sua vida por loucura.*

2. Jesus tratado como um louco

E por zombaria mandou que o vestissem com uma tunica branca. — Não se contentou este impio rei com o desprezar Jesus: quiz que todos ficassem scientes do conceito que fazia daquelle réu, e que todos o tivessem na mesma conta! para o que mandou que o vestissem com este habito ridiculo, que o apresentaria ao povo como um sandeu.

E a Sabedoria increada deixa-se revestir com essa libré da loucura, para pisar aos pés o fasto, re-provar a sabedoria e estima do mundo, e ensinar-nos o apreço que devemos fazer della. — Põe, christão, os olhos em Jesus Christo! Sempre, mas neste passo especialmente, é elle o unico verdadeiro caminho que conduz á vida eterna, o vivo exemplar da perfeição christã. A elle te debes assemelhar, vestir a libré, ser por amor delle desprezado, injuriado, tido por insensato pelos inimigos de Deus, tratado como o ultimo dos homens.

3. Jesus reenviado a Pilatos

E o reenviou a Pilatos: E desde esse dia Herodes e Pilatos ficaram amigos, de inimigos que antes eram. — Assim é Jesus apresentado ao povo em Jerusalém, que, ao vê-lo neste estado humilhante, não pôde reprimir um grito de applauso á idéa de Herodes. A autoridade impressiona o espirito do povo, mas o que lhe fere os sentidos e entra pelos olhos tem sobre elle maior preponderancia. E' certo que Herodes era um rei de quarta classe, administrando só a quarta parte de uma monarchia, que isso quer dizer *tetrarcha*; era inimigo da religião, e seu reino gozava de pouca estima: todavia era rei e sua autoridade e opinião exercia certa influencia sobre o povo. Mas o que mais impressionou o povo foi ver Jesus naquelle estado; já lhe não apparecia como o grande propheta, o grande rei, o Filho de David, que pouco antes acclamaram tão triumphantemente pelas ruas de Jerusalém. Este povo perfilha as idéas de seus chefes, passa já do desprezo ao odio, dispõe-se para se tornar cúmplice no deicidio. — Ah! é bem lamentavel esta degradação de um povo tão beneficiado por aquelle que assim vota ao supremo desprezo! Mas não somos nós, em parte, seus imitadores! Donde vem o pouco respeito, para não dizer desprezo, com que tratamos a Jesus na Eucharistia?...

JESUS POSPOSTO A BARRABÁS

1. Pilatos propõe ao povo a escolha entre Jesus e Barrabás

E disse Pilatos ao povo: E' costume entre vós que na festa da Paschoa vos solte um preso. Qual quereis, Barrabás ou Jesus, chamado Christo? (Math., 27, 17; Jo., 18, 39). — Pilatos julgou declinar de si a causa de Jesus enviando-o a Herodes; mas, ao ver que este lhe entrega de novo o preso, recorre a outro estratagemma para não trahir a sua consciencia condemnando o innocente: como era costume soltar um preso pela paschoa, propõe ao povo a escolha entre o maior criminoso, que era Barrabás, e Jesus que até então lhes tinha sido tão sympathico. Propoz-lhes o maior criminoso, na certeza de que o povo não pediria a liberdade de um criminoso que era o terror de toda a gente. Mas mais uma vez se viu illudido na sua esperança. Mal foi começar a recuar no cumprimento do seu dever! *Não se pôde servir a dois senhores*, disse Jesus Christo: Deus e o mundo, a virtude e a paixão. Ceder o campo ao inimigo é cahir-lhe nas mãos. O amor desordenado á propria estima, ao proprio interesse leva-nos a praticar a injustiça, a renunciar á lei de Deus; a entregar a alma ao demonio, como levou Pilatos a entregar Jesus aos Judeus.

2. O povo escolhe a Barrabás

Os principes dos sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo a que pedisse Barrabás e condemnasse Jesus á morte. E todos clamaram: Não nos soltes este, mas Barrabás. — Quem pôde comprehender os opprobrios de que Jesus foi alvo neste momento! Posto em paralelo com Barrabás pelo supremo magisterio romano, para o propôr á escolha a um povo açulado pelo odio dos Judeus, Jesus é rejeitado, Barrabás preferido! Preferencia injusta e humilhante para Jesus — 1. pela differença das pessoas: Barrabás um revoltoso e ladrão; Jesus: o autor da vida, o santo e justo

por excellencia! — 2. pelo modo como esta escolha é feita: não é uma escolha serena e reflectida, mas apaixonada e manifestada a gritos de raiva e furor. — 3. pela unanimidade de votos: *Todo o povo* clama e pede a morte de seu Salvador, sem se ouvir, uma voz discordante, um voto a favor do Innoçente: — 4. pelo odio que provocou esta preferéncia. Não foi por amor a Barrabás que o povo rejeitou a Jesus; qualquer outro, peor que elle, seria preferido. Ah! povo ingrato e perfido, que mal te fez esse Jesus, cuja morte pedes com esses gritos freneticos, de odio satânico! — E não tenho eu imitado este povo ingrato preferindo tantas vezes o peccado á virtude, a creatura ao Creador?...

3. Pilatos admoestado por sua mulher

Ora, estando Pilatos sentado no tribunal, sua mulher mandou-lhe dizer: Não te mettas com esse justo, pois tive muito que soffrer em sonhos por causa delle (Math., 27, 19). — Esta mulher, matrona romana, tinha abandonado a idolatria e adorava o verdadeiro Deus. Os gregos a honram como santa sob o nome de Claudia Prócula. Ella sabia qual era a esperança de Israel e tinha ouvido falar de Jesus como sendo o Messias esperado. O sonho que teve era sem duvida da parte de Deus e annunciava-lhe as desgraças de que Pilatos estava ameaçado e de que foi victima. 1) — Quantas vezes nosso anjo da guarda, nossos directores nos advertem do mal, nos excitam ao bem quando a paixão nos cega e nos faz hesitar entre o bem e o mal? São graças insignes as inspirações de Deus, cujo desprezo nos póde levar a graves ruinas.

1) Segundo a lenda, Pilatos, desterrado para Vienna, suicidou-se de desespero.

PERPLEXIDADE DE PILATOS

1. Pilatos não sabe que fazer de Jesus

Pilatos lhes pergunta: Que farei pois de Jesus, E todos á uma responderam clamando: crucifica-o, crucifica-o. — 1. Quanto mais Pilatos se esforçava por salvar Jesus, mais insolentes se mostravam seus inimigos em exigir a sua morte! A fraqueza de Pilatos chega até ao ultimo gráu: consulta a vontade daquelles que lhe devem obedecer, para decidir da sorte de um accusado que julga innocente; e está pelo que elles disseram! 2. Outra qualidade de pessoas que entram nesta decisão são os sacerdotes e anciãos. São elles os mais culpados nas injustiças com que é tratado Jesus, pois são elles que, devorados pela inveja e odio, suscitaram este processo, e para o levar ao fim excitam e seduzem o povo a que com gritos aterrorizadores obrigue o pretor romano a pronunciar a sentença de morte contra Jesus. — Elles, que deviam, por seu estado sacerdotal, ser o modelo do povo, tornaram-se o seu escandalo. Nelles se verifica a verdade do axioma assaz comprovado pela experiencia dos seculos: *corruptio optimi pessima. A corrupção do optimo é a peor de todas.* Oxalá não vissemos em nossos dias outros muitos exemplos da veracidade deste aphorismo!

2. Os judeus pedem a crucifixão

E todos clamavam: crucifica-o, crucifica-o! — Eis a palavra decisiva, a ultima aspiração dos chefes do povo, predeterminada antes de todos os seculos pelo eterno Pae, acceitada pelo Filho, annunciada pelos prophetas, e a que tantas vezes se referiu Jesus Christo em suas prêgações. Ah! povo cego, duro e cruel, pedes a cruz para o teu bemfeitor... para o teu rei... para o teu Messias... para o teu Salvador! Quem pensou nunca que as coisas chegassem a este ponto! Mas a palavra está dita, Pilatos cederá, Jesus será crucificado, tambem o ha de ser o christão para se tornar

semelhante a seu Mestre, e reinar com elle. *Os que são de Jesus Christo*, diz S. Paulo, *crucificaram sua carne com seus vicios e concupiscencias* (Gal. 5, 24). Tambem eu devo pronunciar contra mim essa palavra de salvação.

Meu corpo foge do trabalho, e recusa o jugo da lei de Deus? seja crucificado! Minha carne levanta-se contra o espirito? seja crucificada! Meu amor proprio recusa obedecer? seja crucificado! Feliz de mim si viver crucificado ao mundo e a mim mesmo! Então serei verdadeiro christão e verdadeiro discipulo de Jesus Christo.

3. Pilatos manda flagellar Jesus

Pilatos fala-lhes pela terceira vez: Não encontro nada nelle que mereça a morte. Mandá-lo-ei flagellar e depois o porei em liberdade (Luc., 23, 22). São inauditas as monstruosas inconsequencias do governador romano! Declara pela terceira vez que Jesus está innocente, e manda-o flagellar, supplicio o mais ignominioso e barbaro que então se conhecia!... A intenção que tinha Pilatos com este castigo era contentar os Judeus e livrar Jesus da morte pela commiseração que este castigo despertaria nos assistentes. Mas não pensava que este querer contentar a perfidia judaica era preparar o caminho para a sentença fatal da morte de cruz, pois a flagellação era de ordinario imposta aos que deviam morrer crucificados. Assim se vae Pilatos enfraquecendo cada vez mais, até chegar a pronunciar a sentença fatal do deicidio! — E não é pelo mesmo caminho que eu sigo? Cedendo aqui e ali, hoje e amanhã, á minha paixão dominante, acabarei por cahir na maior das inconsequencias, condemnando, com um peccado mortal, Jesus á morte, e minha alma á eterna condemnação!

A FLAGELLAÇÃO

1. Jesus é mandado flagellar

Pilatos mandou prender Jesus e flagellá-lo (Jo. 19, 1). — Jesus entra em cheio na sua Paixão dolorosa. Vae começar a ser verdadeiramente o *Vir dolorum* — o homem de dôres. Até agora soffreu toda a sorte de affrontas á sua pessoa, á sua dignidade, á sua doutrina, agora vae soffrer no seu corpo as dôres mais atrozes. O supplicio da flagellação a que Jesus é submettido era um dos mais crueis entre os Romanos. Era só usado com os estrangeiros e escravos, afim de os obrigar a confessar alguma verdade, e muitos expiravam debaixo da violencia dos açoites. A flagellação era feita com vergas ou loros guarnecidos de nós ou rosetas. A lei dos judeus prohibia passar além de quarenta golpes, a dos Romanos não tinha numero limitado. — Destes dados se pôde ver qual seria o tormento horrivel a que o divino Salvador foi sujeito por nós para expiar nossas voluptuosidades criminosas. O passo de Jesus atado á columna e flagellado é dos mais ternos e impressionantes para nos decidir a chorar nossas culpas e a cessar de offender a quem assim se sujeita, por nossa salvação, a taes horrores.

2. Circumstancias deste supplicio

A crueldade de tal supplicio podemos ponderá-la sob tres aspectos: — 1. Pelo lado de Pilatos, que, tendo ensaiado dois meios de salvar a Jesus, enviando-o a Herodes e comparando-o com Barrabás, tenta este terceiro de o castigar e depois pô-lo em liberdade.. Queria, porém, que o povo ficasse satisfeito e que o não forçasse a proseguir com aquelle ingrato processo. Para isto procurou que Jesus se tornasse um objecto de compaixão capaz de mover o povo á commiserção e impressionar os corações mais barbaros. Para este fim deu as ordens convenientes aos algozes, que as executaram á risca. — 2. Pelo lado de Jesus: a

delicadeza de seu corpo virginal, feito para soffrer, tornou este supplicio o mais horrivel que se pôde imaginar. A's primeiras descargas, aquellas carnes divinas começaram a apparecer vincadas pelos golpes e arroxeadas pelos vergões, e logo abertas em fontes de sangue, ficaram numa chaga viva! — 3. Por parte dos algozes, soldados robustos, habituados a taes crueldades, estimulados pelos Judeus, corrompidos pelo dinheiro, executariam este supplicio com todos os requintes da barbaridade. — Ah! quem pôde assistir a este espectáculo sem se horrorizar? Mas não sou eu culpado nestes tormentos do meu Salvador, com minhas impurezas?... Ah! és tu, ó christão, que pelas mãos dos algozes estás, com tuas incontinencias e sensualidades, descarnando o corpo de Jesus, cobrindo-o de chagas, banhando-o no seu proprio sangue!

3. A flagellação na propheta

E' digno de reparo o laconismo com que os Evangelistas falam da flagellação de Jesus. S. Lucas passa-a em silencio, e S. Matheus e S. Marcos referem-se a ella com estas palavras: *Depois de Jesus ter sido flagellado*. Sômente S. João lhe reserva um versiculo, dizendo: *E mandou-o flagellar*. Mais explicitos e diffusos são os prophetas ao referirem-se a este supplicio. Contentemo-nos com algumas citações. *Os peccadores*, diz David, *fabricaram sobre meu dorso*, isto é, bateram sobre minhas costas, como os ferreiros sobre a bigorna a golpes ininterruptos. Noutro lugar se diz: *Elles contaram todos os meus ossos*, pondo-os a descoberto, descarnando-os. *Meu inimigo*, diz Job, *lançou-se sobre mim com a força de um gigante*. E Isaias: *Da sola dos pés até ao vertice da cabeça não ha nelle parte sã; todo o seu corpo não passa de uma chaga viva*. O mesmo propheta diz noutra parte: *Foi ferido e esmagado por nossos peccados*. — E, tudo isto, ó Jesus, o soffreis por mim!... Por mim entregaes vosso corpo innocente a esse barbaro sup-

plício! Sobre mim deviam cair esses golpes, que bem os mereço com minhas culpas, mas vossa misericórdia é infinita.

COROAÇÃO DE ESPINHOS

1. Jesus tratado como um rei de theatro

Então os soldados do governador tomaram Jesus, conduziram-n'o ao pretorio e, juntando-se toda a coorte, obrigando-a a despir seus vestidos, cobriram-n'o com um farrapo de purpura (Math., 27, 27). — Terminada a flagellação e depois de Jesus se ter vestido, lembraram-se os soldados de se divertirem á custa do preso. Ouvindo dizer que se queria fazer rei, trataram-n'o como um rei de theatro, escolhendo para scena a sua corôação. Começam a impia cerimonia com obrigá-lo a tirar seus vestidos já collados ás chagas abertas pela flagellação. Lançam-lhe logo aos hombros um panno de purpura, allusão ao manto real. Jesus sujeita-se a toda esta ignominia sem dizer uma palavra, sem oppor a menor resistencia. Elle quiz expiar com esta affronta as delicadezas do nosso corpo, o luxo de nossos vestidos, a vaidade e orgulho com que nos apresentamos ao mundo e queremos ocupar altos postos. Ponhamos os olhos neste quadro, lastimoso e humilhante de nosso divino Rei, quando nos vimos maltratados, humilhados, reprovados pelo mundo.

2. E' corôado de espinhos

E entrelaçando espinhos fizeram uma corôa que lhe collocaram na cabeça. — Para concluir a cruel cerimonia os soldados formam uma corôa de espinhos e lh'a põem na cabeça, fazendo-a penetrar a força. Eu não sei que tormento tenha causado mais dôres a Jesus, mas certamente esta corôação de espinhos foi um dos que lhe deram mais que soffrer, tanto pela agudeza dos espinhos, como pela sensibilidade da cabeça, onde

se reúnem os nervos. Fontes de sangue se abriram novamente com este inaudito tormento. Nosso Senhor, immovel, deixa que lhe ponham e enterrem este novo diadema na cabeça, expiando assim a louca ambição de nossos primeiros paes, e os excessos de tantas cabeças coroadas em derramar o sangue innocente. Expiava todos os crimes que se concebem na mente e nella perduram até se põem em execução, pensamentos de vaidade, de orgulho, de vingança, de odio. Quando nos vierem taes idéas, pensemos no que Jesus soffreu em sua cabeça, e quando sentirmos as dôres agudas desta parte do nosso corpo, pensemos nos pecados que nella commetemos, e no que Jesus soffreu na sua para pagar por elles.

3. Dão-lhe por sceptro uma canna

E lhe metteram uma canna na mão direita. — Para que não faltasse nenhuma das insignias da realeza, mettem-lhe na mão uma canna ôca e fragil. Jesus a tudo se sujeita: toma a canna, segura-a na mão, faz tudo que elles desejam. Neste estado irrisorio apparece áquella impia soldadesca, que sem o menor sentimento de compaixão o cobre de opprobrios!! Aos olhos da fé, é neste estado que Jesus é mais digno de nossas adorações, de nosso reconhecimento. — Daquelle throno de sua ignominia dá-nos lições da mais sublime sabedoria. Na canna mostra-nos a fragilidade de todas as grandezas da terra, a instabilidade das coisas desta vida, a caducidade de todos os sceptros e os perigos innumeraveis da soberania mundana.

4. Jesus é escarnecido por seus algozes

E dobrando o joelho diante delle, escarneciam-n'o e saudavam-n'o, dizendo: Salve, rei dos Judeus! Aqui é o logar em que se pôde dizer que Jesus foi saturado de opprobrios.

1. Elle soffre o escarneo mais ironico e sarcastico que se tem visto. Uns após outros, vêm os sol-

dados zombar delle, ajoelhando, adorando-o e saudando-o: Ave, rei dos judeus!

2. Elle soffre o insulto da mais intima especie, que é a bofetada e o escarro! Assim foi tratado em casa de Caiphás como Messias e propheta, aqui na qualidade de rei!

3. Elle soffre dôres crueis e incriveis nos golpes que recebe na cabeça. Os soldados tomam-lhe a canna da mão e com ella lhe enterram mais a corôa. O' barbaria! Assim sois tratado, ó Rei dos reis, para resgate de minha alma!

ECCE HOMO

1. Pilatos apresenta Jesus ao povo

Sahiu Jesus, levando a coroa de espinhos e um manto de purpura, e disse-lhes Pilatos: Eis o homem! (Jo. 19. 5) — Esperava Pilatos que o povo, ao ver Jesus coberto de feridas e de sangue e naquella attitude humilhante de um rei de farça, se havia de mover á compaixão e cessaria de proseguir ávante em pedir a condemnação daquelle justo. E' por isso que lh'o apresenta da varanda do palacio, dizendo-lhe: *Eis o homem!* Não bastou que Jesus tivesse por testemunhas de seus opprobrios os poucos soldados do corpo da guarda, ainda lhe faltava passar por esta confusão publica, apparecendo a todo o povo neste estado de ignominia, e, o que lhe era mais sensível e humilhante, ter de representar a mesma farça diante de seus inimigos! — *Eis o homem*, diz-lhes Pilatos; eis o homem que vós accusaes de sedicioso, de se fazer rei; ainda o temeis? Vêde si o conheceis! — Vimo-lo, diz o propheta Isaias, e não tinha aspecto de homem. Vimo-lo e não o reconhecemos! — *Eis o homem*, diz Pilatos; mas nós podemos tambem ouvir estas palavras da bocca do eterno Pae. — *Eis o homem*, que é meu Filho, e que vós, ó homens, puzestes neste estado! *Eis o homem*, que eu vos envie para vos salvar, e que, para esse fim, teve de se

reduzir a tão lastimoso estado! *Eis o homem*, dize tambem tu, ó christão, eis o homem-Deus, a quem eu devo tudo, pois se reduziu a tão vil estado para me elevar á felicidade eterna!

2. O povo judeu pede a morte de Jesus

Ao vê-lo, os sacerdotes e seus ministros começaram a clamar: Crucifica-o, crucifica-o! — Mais outra vez se enganou Pilatos nos seus planos de salvar Jesus. Esperando que o povo se movesse á commiserção com a simples vista do *Ecce-Homo*, qual não foi a sua decepção ao ouvir levantar-se de toda a multidão um grito unisono de *Crucifica-o, crucifica-o!* O espectáculo era para commover ainda os corações mais insensíveis. Mas os pontifices prepararam o povo para a resposta, e esse povo rude, esse povomachina gritou em coro com os seus chefes: *crucifica-o!* Enfatuados de orgulho e inveja, sedentos do sangue innocente, os Judeus querem aproveitar o resto de vida que ainda tem o Salvador para lh'a tirar com a morte de cruz! — Este grito ainda hoje se repete por tantos christãos, que, apresentando-se-lhes Christo crucificado e o mundo, para escolher entre os dois, preferem seguir o mundo com todos os seus erros e vicios, e Christo que morra na cruz!

3. Pilatos entrega Jesus aos judeus

E disse-lhes Pilatos: Tomae-o vós e crucificae-o... Os Judeus responderam: *Temos uma lei, e segundo esta lei deve morrer, porque se fez Filho de Deus.* — Pilatos sente-se embaraçado com o processo de Jesus e procura todos os meios de se desembaraçar d'elle. Mas como não atalhou desde o principio o seu andamento, vê-se cada vez mais enredado nelle. Jesus, entre o odio apaixonado dos Judeus e a injustiça de Pilatos, não pôde esperar sinão a sentença de morte. Os Judeus invocam uma lei que nunca existiu, Pilatos cede a victima a seus inimigos, e Jesus não

tem mais quem o defenda. Os Judeus appellam para um crime pretendido, dizendo *que se fez o Filho de Deus*. Provas de mais tinham elles para crer que Jesus não se fizera Filho de Deus, mas que o era por natureza. Mas esta ultima accusação serviu-lhes para attrahirem sobre si todas as maldições. Maltrataram-n'o na qualidade de Christo, de Messias e de Propheta no atrio de Caiphás; zombaram d'elle, na qualidade de rei, os gentios no pretorio de Pilatos; emfim na qualidade de Filho de Deus vae ser ultrajado pelo concurso de Judeus e gentios.

ULTIMAS TENTATIVAS DE PILATOS EM SALVAR JESUS

1. Pergunta de Pilatos e silencio de Jesus

E Pilatos, entrando no Pretorio, disse a Jesus: Donde és tu? Mas Jesus não lhe respondeu. (Jo. 19, 9) — Pilatos não intenta nesta pergunta investigar o logar do nascimento de Jesus, mas sómente quer saber a sua origem, si é realmente celeste, si é o Filho de Deus. A resposta a essa pergunta exigiria que Jesus lhe explicasse o mysterio ineffavel da sua geração divina e a sua Incarnação. Porém as más disposições de Pilatos não lhe mereceram esta resposta. — Deus não revela seus mysterios sinão aos humildes e puros. — Si Deus não me fala na oração, não me illumina com suas luzes divinas, é porque não me disponho para o escutar.

2. Nova pergunta de Pilatos

Disse-lhe Pilatos: Não me respondes? não sabes que tenho poder para te mandar crucificar e para te soltar? Jesus lhe respondeu: Não terias poder algum sobre mim, si não te fosse dado do alto. Eis por que aquelle que me entregou a ti commetteu um crime maior. — Jesus responde com soberana majestade, instruindo como Mestre e sentenciando como Juiz. —

1. Confessa tacitamente que é o Filho de Deus, pois não refuta a falsa accusação que lhe levantam de se fazer o Filho de Deus. — 2. Reprime o orgulho de Pilatos, lembrando-lhe que o poder, que tem sobre elle, lhe veiu de Deus. — 3. Ensina-nos a obediencia ao poder constituido, ainda quando exorbita nas suas attribuições. — 4. Reprehende Pilatos pelo seu peccado, mas indirectamente e com doçura. — 5. Mostra-se Juiz soberano, decidindo que o peccado de Caiphás é maior, pois o poder de que abusou era mais sagrado e acompanhado de mais luz e conhecimento, e porque procedeu por odio e paixão, ao passo que Pilatos, por fraqueza e politica. — Com a mesma justiça julgará no ultimo dia os meus peccados, e o que num gentio será desculpavel por ignorancia, num christão merecerá maiores castigos por ter as luzes da fé.

3. Pilatos invectivado pelos Judeus

Depois disto, Pilatos procurava um meio de o livrar; mas os Judeus começaram a clamar: Si sollas este homem, não és amigo de Cesar. Todo aquelle que se faz rei, declara-se contra Cesar. — Pilatos sentia-se tocado com as palavras de Jesus e procurava um meio de o salvar. Mas de tocado a convertido falta muito! Pilatos, ao ver chegado o tempo de tomar uma ultima decisão, procura ainda um ultimo meio de livrar a Jesus: mas, ó covarde juiz, si este meio o tens na mão, por que o procuras noutra parte? — Ah! o que falta a muitos christãos, para seguirem o caminho da virtude, é uma resolução! Com meias-vontades nada se consegue!

Pilatos, assim hesitante, apparece ao povo como para o consultar mais uma vez; mas este não lhe dá tempo a falar. *Si livras este, dizem-lhe, não és amigo de Cesar.* Emfim entra em jogo a politica, e é a politica que vae finalmente decidir da morte de Jesus. Pilatos ouve o nome de Cesar, e é ameaçado de cahir na sua inimidade, si salva a Jesus. Elle bem sabia que, si Jesus pretendia um reino, o seu reino não era deste

mundo, e portanto não podia ser uma offensa a Cesar. Si Pilatos tivesse um pouco de firmeza, todas aquellas ameaças se desvaneceriam. Mas, quem tem só por Deus a fortuna, a ella tudo sacrifica. Ao ouvir o nome de Cesar, Pilatos abandonou todos os planos de livrar Jesus, e passou á resolução contraria de o entregar. — Basta uma só paixão, por mais fraca que seja, para esterilizar todos os bons sentimentos que ainda um resto de religião e probidade conserva no coração.

JESUS CONDEMNADO A' MORTE

1. Os que tomam parte na condemnação de Jesus

Porém, Pilatos, ouvindo estas palavras, conduziu Jesus para fóra do Palacio e sentando-se no tribunal, no lugar chamado, em grego: Lithostratos, e, em hebreu: Gabbatha. Ora, neste dia, era a preparação da Paschoa, era então a sexta hora. — Nunca no mundo houve decisão mais importante e solenne. Todas as circumstancias merecem especial reflexão. A scena é representada por tres classes de pessoas bem distintas: O Filho de Deus é citado como criminoso, o povo de Deus reclama a sua morte e um gentio decide de sua sorte. O tribunal é o palacio do pretor romano, construido na cidade Santa. O Evangelista nomeia-o em tres linguas, latim, grego e hebraico, para nos indicar que todas as nações da terra estão interessadas na sentença que vae sahir deste tribunal. O dia é a vespera da paschoa. A hora é a mais clara do dia: era perto do meio dia. Toda a cidade estava desde o amanhecer numa grande agitação. Tres potentados tinham conhecimento deste facto: o supremo conselho da nação, o rei da Galiléa e o governador romano. O que havia de mais graduado da nação judia, juizes, sacerdotes, doutores, estava presente. Com todo este apparatus vae decidir-se sobre a sorte do Messias, do Filho de Deus, do Salvador do mundo.

2. Os Judeus pedem a morte de Jesus

Pilatos, sentado no tribunal, diz aos Judeus: Eis o vosso rei. Mas elles responderam: Mata-o, crucifica-o! — São os prodromos da sentença final. Pela terceira e ultima vez os Judeus levantam o grito sanguinario: *Mata-o, crucifica-o!* Pilatos tenta ainda a ultima instancia, para o livrar, e diz-lhes:

Que? crucificarei o vosso rei? *E os principes dos sacerdotes dizem: Não temos outro rei sinão Cesar.* — Por fim aquelles Judeus se revelam homens impios, sem fé e sem religião. Renegam do Messias, como rei descendente da casa de David, que virá salvar Israel, e passam-se para Cesar, para o paganismo! Ah! povo insensato, aonde te precipitas! Assim renuncias á fé de teus paes e rejeitas as promessas divinas? Serás ouvido: não terás nem rei, nem reino, nem estado; serás um povo nómade, vagabundo, serás olhado como o opprobrio do mundo, o rebutalho de todas as nações! Que Deus se apiéde de tua cegueira e te chame á luz da verdade!

3. Pilatos condemna Jesus á morte

Então entregou-lh'o para ser crucificado. — Por fim Pilatos deu o passo faltai! Nunca juiz algum pronunciou sentença tão injusta! Pilatos condemna á morte, como o ultimo dos malfeitores, aquelle cuja innocencia por quatro vezes solennemente confessou. Como pôde um homem, aliás de boas intenções, favoravel ao Salvador e de uma certa rectidão natural, chegar a tal excesso de fraqueza e injustiça? Já o vimos: falta de resolução, falta de energia em cortar, desde o principio, as exigencias da paixão dos inimigos de Jesus, *porque, diz o Evangelista, elle sabia que fôra Jesus levado ao seu tribunal por odio e inveja.* — E' pelo mesmo motivo que vemos homens distinctos, de intelligencia e coração, como religiosos de elevada santidade, cahirem até na heresia, na immoralidade, na apostasia!

JESUS LEVANDO A CRUZ

1. Jesus com a cruz aos hombros

Depois de terem zombado delle, tiraram-lhe o manto de purpura, e vestindo-o com seus habitos, levaram-n'o para o crucificar. Jesus sahio, pois; levando sua cruz (Math., 27, 31). — Jesus vae entrar na sua via dolorosa, vae abrir-nos o caminho do Calvario. Reparemos em todos os pormenores deste passo. Tiram-lhe o manto de purpura que trouxe durante todo o tempo da cruel irrisão. Vestem-lhe os proprios vestido sobre o corpo todo chagado, para logo, antes da crucifixão, lh'os arrancarem de novo. 2. Deixam-lhe a coroa de espinhos, com a qual morrerá e que será no resto da paixão uma continua fonte de agudissimas dores! Jesus não terá o menor allivio até expirar?... 3. A cruz que leva aos hombros, comprida e pesada, mal a pôde carregar pela fraqueza e esgotamento das forças. — Ah! quem pôde olhar para o divino Salvador, neste estado, sem lagrimas, sem temer e temer muito por si proprio, pois cada um de nós é responsavel por todo este infinito padecer de Jesus!

2. Jesus é ajudado a levar a cruz

Emquanto caminhavam, seguraram um homem de Cyrene, chamado Simão, que vinha de sua quinta, e o carregaram com a cruz, obrigando-o a levá-la diante de Jesus. — Pela debilidade extrema a que tinha chegado, Jesus mal podia já com o enorme madeiro da cruz, e succumbiu debaixo de seu peso. Segundo a tradição, Jesus cahiu tres vezes. As duas primeiras vezes Jesus fez um esforço e, talvez ajudado por algum braço caritativo, conseguiu levantar-se. A' terceira queda os Judeus receiaram que lhes expirasse no caminho com risco de se privarem do barbaro prazer de o vêr agonizar na cruz. Foi por este temor, e não por compaixão, que obrigaram a Simão Cyreneu a levar-lhe a cruz até ao Calvario. — Sobre nossos hombros pesa a cruz dos trabalhos, que Deus nos envia

para nos purificar. Como a levamos?... Com que valor e paciência?... Si nos sentimos fracos, Jesus nos dá a força com o seu exemplo. Elle revestiu-se de nossa natureza para nos communicar a sua, de nossa fraqueza para nos communicar sua força, de nossa mortalidade para nos communicar a sua vida.

3. Felicidade de Cyreneu em levar a cruz do Salvador

E obrigaram Simão, oriundo de Cyrene e pae de Alexandre e de Rufo, para levar a cruz de Jesus. (Marc, 15, 21) — Segundo esta variante de S. Marcos, pôde-se concluir que Simão no principio mostrou repugnancia em carregar a cruz do Salvador, pois só os escravos e os mais tarados criminosos carregavam com ella. Todavia o cuidado com que o evangelista nos transmittiu o seu nome e o dos seus dois filhos, Alexandre e Rufo, permite-nos suppôr que depois levou a cruz como digno discípulo de Jesus Christo, sendo-lhe este acto de caridade recompensado exuberantemente. Todos tres foram celebres na Igreja como bispos e martyres. — Simão é a imagem de todos os fiéis. Todos os soffrimentos dos justos são a cruz de Jesus. Mais: são o complemento do que falta aos soffrimentos de Jesus para formar com elle e a Igreja um só corpo. Os soffrimentos dos justos são o allivio de Jesus, quem soffre por amor de Jesus, ajuda-o como Simão, e toma parte no apoio que Simão lhe deu. Assim, soffrendo, soffremos com Jesus, e, associando-nos a Jesus nos trabalhos, nos associaremos na gloria.

ENCONTRO COM AS SANTAS MULHERES

1. Jesus pranteado pelas virgens de Jerusalém

Jesus ia seguindo, acompanhado de uma grande multidão de povo e mulheres que batiam no peito e choravam com grande alarido (Luc. 23, 27). — Nem todos que acompanhavam Jesus eram seus inimigos.

Muitos cheios de compaixão o seguiam chorando sobre a sua sorte. Entre estes fiéis israelitas iam muitas piedosas mulheres e com seus prantos tornavam aquelle espectáculo muito mais concorrido e emocionante. Juntemo-nos a estas piedosas mulheres e deixemos invadir nossos corações dos mesmos sentimentos e não sejamos como os indifferentes que acompanham a Jesus por curiosidade e sem se compadecer de suas dôres. — Durante estas meditações sobre os soffrimentos do nosso amavel Salvador, quaes são minhas impressões, meus sentimentos, minhas lagrimas de compaixão?...

2. Jesus fala ás filhas de Jerusalém

Mas Jesus, voltando-se para ellas, disse-lhes: Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, mas sobre vós e vossos filhos. — Jesus mostra-se insensível ás lagrimas destas mulheres. Como pareceu insensível ás honras que pouco antes lhe tributava Jerusalém, para se occupar só das desgraças que estavam para vir a esta infeliz cidade, e chorar sobre ella, agora parece insensível ás lagrimas que se derramam por suas dôres, para só se occupar das desgraças que esperam áquelles que choram sobre elle, si elles e seus filhos não renunciam á infidelidade. Manda-nos chorar sobre nós porque somos nós a causa de todos os seus padecimentos. Choremos, pois, mas lagrimas de penitencia e compunção por nossos peccados, que são a causa de todos os seus padecimentos; lagrimas de reconhecimento por tanto amor com que Jesus tanto soffre por nos livrar do inferno.

3. Palavras propheticas de Jesus

Porque virá um tempo em que se dirá: Felizes as mulheres estereis, felizes as que não conceberam e não amamentaram. — Jesus annuncia aqui os castigos que hão de cahir sobre Jerusalém quando fôr tomada pelos romanos. O primeiro castigo que annuncia ás

mães é a morte de seus filhos, que não foram educadas na verdadeira religião e temor de Deus.

2. *Então começarão a dizer ás montanhas: Cahi sobre nós, e ás collinas, cobri-nos!* — Qual é o reprobado que ao ver os castigos eternos que o esperam e a eternidade em que vae entrar não deseje o proprio aniquilamento! Agora desprezam-se estes castigos, mas quando se chegar ao ponto de cahir nelles, então são os gritos de desespero. Agora devemos fazer chegar nossos gritos de arrependimento aos ouvidos de Deus, pae de misericordias. Ah! como a vista de Jesus com a cruz ás costas torna estas verdades terriveis! Será porventura a eternidade uma insensatez, serão os castigos do inferno uma invenção, serão os juizos de Deus uma lenda para que o Filho de Deus venha ao mundo e soffra voluntariamente a morte affrontosa da cruz para nos salvar? O Filho de Deus extenuado, sem alento, cobra forças para no meio de seu supplicio prégear: e escolhe para thema estas verdades nunca assaz repetidas porque são eternas!

3. *Porque si isto se faz numa arvore verde, que será numa secca.* Jesus é a arvore verde, nós a secca. E si a justiça divina exige de Jesus que seja tratado como vamos meditando, que não exigirá de nós! Si Deus exigisse de nós o que exigiu de seu Filho, não teriamos de que nos queixar: mas, ó misericordia! todo o castigo é para o Filho adoravel, todos os favores para nós, peccadores!...

NO CALVARIO

1. Por que escolhem morrer no Calvario

E chegaram ao lugar chamado Golgotha, que é o lugar do calvario. (Math. 27, 33) — O novo Isaac chega por fim ao lugar do sacrificio! Neste lugar se consummaram os grandes sacrificios de Abrahão e Isaac, pois as montanhas de Sion, de Mória e do Calvario são ramificações do mesmo macisso. A at-

tenção dos evangelistas em citar o termo hebraico juntamente com o grego latinizado *cranium*, lugar do *calvario*, parece autorizar a tradição judia de que ali fôra sepultado o craneo de Adão. Os judeus tinham-na como incontestavel, e Tertuliano, Origenes, S. Athanasio com grande numero dos primeiros Padres da Igreja, a attestam. — Jesus, pois, vae consummar o sacrificio, 1. onde Deus mandou Abrahão sacrificar seus filho Isaac; á sombra succede a realidade, pois o eterno Pae, cheio de amor para conosco, vae ali sacrificar realmente seu proprio Filho; 2. ali onde repousa o craneo de nosso primeiro pae, para que a morte seja vencida no lugar em que nos reduziu a cinzas na pessoa de nosso primeiro pae, e para que a sentença de morte lavrada contra nós seja apagada pelo Redemptor no mesmo lugar onde foi executada contra o primeiro peccador. 3. Escolhe o lugar dos justificados, pois se considera justificado pela ira de Deus, seu Pae, e carregado com todos os crimes dos homens.

2. Dão-lhe a beber vinho com fel

E deram-lhe a beber vinho misturado com fel; mas, depois de ter provado, não quiz beber mais (Math., 27, 34). — Era uso dar aos pãdecentes um cordial de vinho misturado com myrrha para os fortificar e, em parte, insensibilizar. Mas para Jesus preparam uma bebida especial: vinho misturado com fel! Jesus acceita, prova, *mas*, diz o evangelista, *não quiz beber*. — 1. Jesus começa por expiar o peccado de nossos primeiros paes, que foi a gula. 2. Provou daquella bebida, porque era amarga, e elle queria padecer tambem no sentido do gosto, que ainda os algozes não tinham attingido... 3. Não bebeu, porque era um estimulante destinado a insensibilizar os pãdecentes, e elle queria soffrer todas as dores da crucifixão sem confortante. 4. Com esta ultima obediencia aos algozes quiz animar-nos a mortificar o nosso gosto no comer e sobretudo no beber. O peccado entra em nós pelo gosto da sensualidade e ha de sahir pelo amargor das lagrimas e da penitencia.

3. Mandam-lhe tirar os vestidos

Em seguida, os soldados mandam-n'o tirar os vestidos. Assim mandava a lei romana: os condemnados ao supplicio da cruz deviam despojar-se de seus vestidos, para juntar o desprezo aos tormentos. Tambem a esta operação se sujeitou o modestissimo Salvador, deŝpojando-se de seus vestidos quanto a honestidade publica podia permittir, no que soffreu não só a vergonha e confusão de apparecer em tal estado aos olhos do povo, mas dores incalculaveis que lhe causaria o arrancar dos vestidos adherentes e como collados ao corpo retalhado de golpes e coberto de feridas pela flagellação, se abriam de novo as chagas e renovariam as dores! — Assim se vão succedendo em nosso divino Salvador martyrios a martyrios, opprobrios a opprobrios, cada qual mais doloroso e mais humilhante. Parece que seu corpo foi feito para soffrer, pois sendo os tormentos passados taes que bastavam para tirar a vida a qualquer homem, elle ainda sente forças para ser crucificado. E quem lhe dá esta força? O desejo que tem de nos salvar. Ah! Como posso, com tal exemplo, recuar ante o menor trabalho, o menor desprezo, a menor privação!

CRUCIFIXAO DE JESUS

1. Jesus é crucificado

Era a terceira hora e crucificaram-n'o. (Marc. 15, 25) — A cruz está estendida no chão, o altar está preparado, falta a victima. Ahi vem ella: é Jesus que, á primeira ordem dos algozes, se adianta, senta-se sobre a cruz, deita-se, estende os braços, apresenta as mãos e os pés para serem cravados. Obediente até á morte! E logo começa essa operação, que não se póde descrever sem lagrimas! O algoz levanta o martello, e é cravada a mão direita do Salvador com um agudo cravo á cruz; e, a golpes repetidos, é cravada a mão esquerda, são cravados os pés. O éco das martelladas resôa pela montanha naquella hora solenne

de silencio. E Jesus não solta um gemido! Aproximate, christão, deste quadro! E' por ti, é por mim, é por todos os homens que Jesus supporta tão atrozes tormentos, tormentos inexprimiáveis, cuja exposição basta para fazer estremecer a natureza! Por isso os evangelistas dizem só: *Crucificaram-n'o!* E' facil suppor o resto. Ali está o corpo innocentissimo de Jesus crucificado por nossos peccados, e nós que tanto o offendemos não queremos crucificar a nossa carne com nossos vicios?...

2. Jesus é levantado ao alto

Já a victima está na cruz. A hostia propicia, ap-lacadora da divina justiça, vae ser erguida ao céu. A cruz é levantada, e seu pé cae na cova que lhe está preparada, onde é fixa. E Jesus lá fica suspenso entre o céu e a terra. Que leito aquelle para morrer! Um corpo extenuado, ferido, sem outro apoio, em sua agonia, que os cravos das mãos e dos pés! Um segundo naquellas dôres devia parecer uma hora, e Jesus passa nellas tres longas horas!... O espectaculo não pôde ser mais proprio para perguntar-nos a nós mesmos:

1. Que são e poderão ser os meus soffrimentos, a minha cruz, os meus martyrios, dôres e trabalhos, comparados com os soffrimentos de Jesus na cruz, que é a summula de tudo que se pôde soffrer?

2. Que tenho eu feito até hoje de grande e generoso, para pagar tanto amor, tanta generosidade, tanta dedicação?...

3. Jesus entre dois ladrões

E crucificaram com elle dois ladrões, um á direita e outro á esquerda. Jesus estava no meio. Assim se cumpriram as escripturas: E foi contado entre os scelerados. (Marc., 15 27). — Não bastava, para designar o officio de mediador, que Jesus fosse elevado entre o céu e a terra: faltava estar entre os pecca-

dores. Os judeus esperavam com esta humilhação apagar a gloria do Messias, mas ella o confirmava como tal, pois assim estava prophetizado. Posto entre malfeitores, é tido pelo maior delles. Jesus é o rei dos martyres nas dôres e nas humilhações. — Prostre-mo-nos em espirito aos pés da cruz, onde está suspenso o rei da gloria, reconciliando o céu com a terra, *apagando com o sangue que lhe corre das chagas a cedula de nossa condemnação pregando-a á sua cruz* 1). Repitamos uma e muitas vezes as palavras que a Igreja nos põe nos labios ao percorrer os passos da via-sacra: *Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Christo, porque com vossa santa cruz remistes o mundo.*

PRIMEIRA PALAVRA

1. Jesus medianeiro entre Deus e os homens

O eterno Pae ao vêr o seu Filho, em quem tinha posto todas as suas complacencias, assim crucificado por esse povo escolhido, entre todos, para ser o herdeiro das grandes promessas, por esse Israel tão favorecido por Jeovah, ia descarregar os raios da sua justa ira sobre o mundo deicida, réu do maior dos crimes, da mais negra das injustiças sobre a terra banhada no sangue do seu Filho, desse Filho tão querido, que elle enviou ao mundo como prova do seu infinito amor aos homens. Tudo pedia sua vingança. Mas esse Filho amado levanta os olhos ao céu: *Não, meu Pae, diz, não castigueis: perdoae-lhes porque não sabem o que fazem.* O' oração poderosa! O eterno Pae susteve a sua colera e perdoou não pelos dez justos que ainda pudesse haver sobre a terra — mas pelo justo dos justos, pelo seu Filho amantissimo, unico objecto de suas complacencias, ao vê-lo naquella attitude supplicante, naquelle estado de victima, naquella hora dos perdões. Elle continua ainda repetindo a mesma ora-

1) *Delans quod adversus nos erat chirographum decreti, alligans illud cruci.* (Coll. 2, 14).

ção no céu. Si o mundo ainda subsiste apesar de tantos crimes, de tanta maldade que nelle reinam, é porque está no céu Jesus Christo apresentando a seu Pae as chagas com que foi cravado na cruz para nos salvar. E si eu ainda não cahi no inferno depois de ter tantas vezes peccado, é porque *temos um advogado junto do Pae*, diz S. João, *que se compadece de nossas enfermidades*.

2. Jesus salvador

Pae, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem, (Luc. 23, 34.) — Jesus não só pede perdão, mas também perdoa. Elle era o offendido, o aggravado e seu sangue derramado pedia vingança ao céu, como a pedia o sangue do innocente Abel sobre seu assassino Cain e toda a sua descendencia, mas não: Jesus perdoa da sua parte aos Judeus que commetteram um crime infinitamente mais execrável que o de Cain, pois assassinaram o Santo dos Santos, o Messias. Quem podia esperar uma tal oração! Mas assim é o coração de Jesus: nelle cabe perdão para o maior dos crimes, perdão para todos os crimes, não só de todos os judeus, dos juizes, dos algozes, dos accusadores, dos sacerdotes, mas de todo o mundo. Não só para todos em geral, mas para os meus em particular, pois com cada um delles concorri para sua Paixão. Jesus Christo odeia o peccado e morre para o destruir, mas ama muito mais o peccador e morre para o salvar. Que admiravel exemplo de mansidão e caridade!

3. Duas Hções

1. *Jesus ensina-nos a desculpar as faltas*. — Não se contenta com pedir perdão a seu eterno Pae, com perdoar elle proprio, mas quer attenuar o peccado dos seus inimigos, culpando-os de ignorancia! Todo o peccado é um composto de malicia e de ignorancia. Jesus desculpa a malicia com a ignorancia, e porque intercede por nós, procura escusar-nos. Ah!

si eu aprendesse a desculpar a falta dos que me ofendem! Quantas vezes vejo malícia onde a não ha.

2. *Jesus ensina-nos a perdoar aos inimigos.* — Jesus perdoa a seus inimigos. O que elle ensina, agora o pratica. Ensinou a amar os inimigos, a fazer bem aos que nos fazem mal e agora ensina o mesmo com o exemplo. Esta palavra de perdão, descida da cruz no momento mesmo em que seus inimigos estão no auge de sua paixão, era para abrandar os inimigos mais irreductiveis. Jesus não sente esses odios que gera uma affronta, que se introduzem na alma e nella envelhecem. O Coração de Jesus não sabe o que é rancor; perdoa não por apathia, mas por misericordia, por compaixão, por amor!

SEGUNDA PALAVRA

1. O bom ladrão reprehende o seu companheiro

Um dos ladrões crucificados blasphemava de Jesus; mas o outro reprehendia-o, dizendo: Não temes a Deus, tu que estás padecendo o mesmo supplicio? (Luc., 23, 39). — Aqui temos um dos grandes mysterios da graça. Dois ladrões condemnados á morte pelo mesmo crime, no mesmo supplicio, como testemunhas oculares da paciencia sobrehumana de Jesus Christo, ambos com o Redemptor do mundo ao lado, que contraste entre a morte de um e de outro! — Um, blasphemando, morre na impiedade como um réprobo. . . O outro, docil á graça, põe-se ao lado de Jesus, compadece-se d'elle, arrepende-se, pede-lhe perdão e morre como predestinado, e, diz S. Cypriano, como um martyr baptizado no proprio sangue. A Igreja o celebra como tal e o propõe á veneração dos fieis a 25 de Março. — Este é o mysterio; agora vem a lição que nelle se encerra: Deus dá a todos os homens as graças necessarias para a salvação, a uns mais abundantes que a outros. Mas todas são perdidas para o homem que não coopera com ellas e não

as utiliza para a sua salvação. Por mais abundantes que fossem as graças concedidas ao bom ladrão, de nada lhe valeriam para se converter e salvar, si não cooperasse com ellas. Que resulta daqui? Attender ás inspirações da graça e aproveitar todos os meios de santificação.

2. O bom ladrão defende Jesus

Quanto a nós, somos justamente condemnados; soffremos o castigo de nossos crimes; mas este não fez nenhum mal. Senhor, lembrae-vos de mim. — Estas palavras encerram tres acções do bom ladrão. 1. confessou a sua culpa; 2. defendeu a innocencia de Jesus; 3. supplicou o perdão. O primeiro passo para a conversão é reconhecer as proprias quedas, receber os castigos como satisfação dos peccados. Peccamos gravemente, e não temos a coragem do bom ladrão de confessar nossas culpas; pelo contrario, dissimulamo-las, negamo-las ou excusamo-las e não queremos ser corrigidos e avisados!... Não é isto que te diz a consciencia?... — 2. Defende a innocencia de Jesus com um zelo — *caritativo*: quer tirar seu companheiro do erro; — *corajoso*: não teme levantar a voz a favor de Jesus, quando todos o affrontam; *esclarecido*: apresentando como origem de todos os peccados a falta de temor de Deus: *Tambem tu não temes a Deus?* — *insistente*, argumentando com seu compadecente, com razões irrespondiveis: *nós soffremos justamente, mas este...* Oh! si nós tivéssemos este zelo para com tantos peccadores — 3. Finalmente supplica — *com fé*: crê que Jesus é seu Salvador e seu rei; — *b) com esperanza*: apesar de tantos peccados, não hesita em pedir um logar no céu; — *c) com amor*: pois defende a Jesus que vê padecer innocente.

3. A oração do bom ladrão despachada

Senhor, lembrae-vos de mim quando chegardes ao vosso reino. Jesus respondeu-lhe: Em verdade, te digo que hoje mesmo estarás commigo no paraíso.

— Doce palavra do Salvador para o feliz ladrão. Quando tudo parecia impelli-lo ao desespero, os supplicios atrozes da crucifixão, a lembrança dos passados crimes, a perspectiva incerta do futuro, ouve, dos labios daquelle que reconhece como seu rei e Salvador, a sentença de sua salvação! — 2. Admiremos aqui a efficacia da oração feita com fé e confiança: é por ella que um peccador envelhecido no crime se muda num predestinado. 2. Reparemos como Deus é mais generoso em dar que nós em pedir: o ladrão pede apenas que Jesus se lembre delle, e Jesus perdoa-lhe os peccados, assegura-lhe a felicidade do paraíso. Pede-lhe que se lembre delle no seu reino, e Jesus ali mesmo lhe despacha o pedido; pede que se lembre delle, e Jesus não se contenta com se lembrar delle, mas leva-o comsigo. — Fazemos uma offensa a Deus, si desconfiamos de sua bondade ou da efficacia da oração. A virtude da oração é independente da santidade daquelle que a faz: por grandes peccadores que sejamos, podemos contar com a efficacia da oração.

TERCEIRA PALAVRA

1. Maria ao pé da cruz

Ora, a mãe de Jesus e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléophas, e Maria Magdalena estavam ao pé da cruz. (Jo. 19, 25) — Maria Santissima não podia faltar nesta hora no calvario. Era o sacrificio de seu Filho, os ultimos momentos de sua vida mortal, a hora da agonia. Não sei qual seja mais difficil de comprehender, si o *excesso da dôr*, si a *constancia heroica* desta Mãe! Não sei que maior dôr possa haver no mundo para um coração materno, que ver — seu filho-unico — o mais santo — morrer crucificado — innocente — pelos peccadores! 2. Si a dôr é inapreciavel, a *constancia heroica* é sem exemplo! Como, sendo a mais terna das mães, não desfallece, não expira aos pés da cruz onde agoniza seu amado Filho? Como penetra afoita e resoluta por essa turba insolente e se

vae postar firme diante do patibulo da infamia, onde seu Filho está agonizando? Verdadeiramente *Mãe dolorosa*, pois gerou o *Homem das dores!* — Força sobre-humana que só ella podia merecer, 1. por effeito de uma graça extraordinaria, para a qual se dispoz; 2. pela fidelidade com que supportou as duras provas a que sua fé e constancia foram precedentemente submettidas.

2. "Eis ahi o teu filho"

Jesus, vendo sua Mãe e junto della o discipulo amado, disse-lhe: Mulher, eis ahi o teu filho. — Jesus dá fé de tudo que se passa em volta d'elle. Morrendo na maior pobreza, dispõe do unico bem que lhe resta, que é sua Mãe. Para ella são as ultimas atenções. Só elle sabia o que se passava naquelle coração de mãe ao ver que ia ficar orphã de um Filho tão querido, e Jesus entrega-lhe, na pessoa de S. João, um outro filho, que a console, que a sustente, que a acompanhe neste mundo. — S. João representava aqui todos os christãos, e por isso nos confiou a todos a sua Mãe. Tambem nós somos discipulos-amados de Jesus, pois derramou por nós todo o seu sangue. Dando-nos por filhos a sua mãe, Jesus associa-nos a si, de um modo invisivel. Nós fazemos com Jesus um só filho, um só Christo, um só corpo. Fazemos com elle um só Filho de Maria, um só Filho de Deus. Elle Filho natural, nós filhos adoptivos. Sou filho de Maria: e qual é meu amor para com esta Mãe?...

3. "Eis ahi a tua mãe"

Depois disse ao discipulo: Eis ahi a tua mãe — Jesus não se contenta com dizer a sua Mãe, designando com os olhos aquelle que estava ao pé della: *Eis ahi o teu filho*; mas accrescenta, falando ao discipulo: *Eis ahi a tua mãe*, afim de que, sendo a doação mutua, o fossem tambem os sentimentos de parte a parte. 2. Não só attendeu a sua mãe afflicta, mas tam-

bem ao discipulo-amado, o unico dos onze que lhe foi fiel até ao fim. Bem merecia elle ser contemplado com algum dom: mas Jesus, na sua pobreza, só tem um bem: é sua Mãe, e este, o mais precioso, confia-o ao seu discipulo fiel: *Eis ahí a tua mãe!* — Palavra consoladora para nós todos, pois, segundo a interpretação commum dos santos Padres, Maria foi-nos dada a todos por Mãe. Oh! que rica herança nos deixaste, ó Jesus, a nós teus irmãos, teus filhos, teus remidos, teus discipulos! Que seria de nós neste valle de lagrimas sem esta Mãe compassiva, sem este refugio certo, a que podemos acudir em todas as nossas necessidades, seguros de que virá em nosso auxilio!

QUARTA PALAVRA

1. As trevas cobrem a terra

Era quasi a sexta hora do dia (meio dia) e fizeram-se trevas por toda a terra até á hora nona (tres horas) e escureceu-se o sol (Math., 27, 74.) — Em tres sentidos foram milagrosas estas trevas: 1. *na sua causa.* Não foram effeito de um eclipse do sol ordinario, pois a Pascoa dos Judeus coincidia com a lua cheia, circumstancia que torna impossivel todo o eclipse do sol. Foi pois o sol mesmo que se escureceu, ou totalmente, ou dando apenas a luz sufficiente para se distinguirem os objectos. Os Judeus, cujo espirito estava coberto de trevas mais espessas, não comprehenderam este milagre, attribuindo-o a causas naturaes, e persistindo na sua cegueira e em consummar seu crime. 2. *na sua universalidade.* Estas trevas estenderam-se por toda a terra de um a outro hemispherio, e assim devia ser, pois era o sol mesmo que escurecia, como uma lampada que se apaga. Assim quiz o Eterno Pae que todo o mundo pranteasse a morte de seu Filho. Ellas representavam as trevas do erro em que todo o mundo estava envolto, e que em breve seriam dissipadas com a luz do Evangelho. — 3. *na sua duração.* Duraram estas trevas tres horas, que foi todo o tempo que Jesus passou na cruz,

desde o meio dia até ás 3 horas em que morreu. Assim pareceu a natureza tomar parte no luto pela morte do seu autor, e acompanhá-lo nas tres longas horas de sua agonia.

2. A quarta palavra

Pela hora nona Jesus clamou, em alta voz: Eli, Eli, lamma sabacthani, que significa: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? — Estas palavras são as primeiras do psalmo 21, em que o rei David, nove seculos antes disto acontecer, prophetiza a Paixão do Messias. Jesus Christo, proferindo-as textualmente, com tal energia de voz e num momento tão solenne, 1º claramente insinuava aos Judeus que era o verdadeiro Messias predito pelos prophetas, e 2º para nos dizer a nós que *soffre sem que a intervenção divina venha alliviar em nada suas terriveis dôres.* — 3º não é porque não queira morrer por nós, mas para nos mostrar quanto custa á natureza esta ordem e quanto nos ha de custar um dia passar por ella. — 4. para nos ensinar que uma queixa terna e respeitosa não nos é prohibia quando fôr acompanhada de resignação na vontade de Deus. — Proferiu estas palavras em voz clamorosa, 1º para mostrar a seus inimigos que não morria como um simples homem, mas como Deus e por isso com forças bastantes para continuar a viver quanto tempo quizesse. 2º para nos inculcar o temor de Deus, fazendo-nos ver as tristes consequencias do peccado. 3º para que chegassem aos ouvidos dessa Jerusalém deicida e a despertasse do somno mortal de seu endurecimento.

Ah! quão graves são nossos peccados! Para pagar por elles Jesus sente-se neste isolamento universal em que tudo o abandona ás suas dôres, até seu proprio Pae! Tambem um dia te verás a braços com a morte, crucificado num leito de dores; entregue á tua sorte sem que ninguem te possa já valer; todos te abandonarão menos Jesus, que está agora merecendo-te para esse momento o conforto e assistencia do céu.

QUINTA PALAVRA

1. Cumprimento da prophécia

Depois disto, Jesus, vendo que tudo estava consummado, para que se cumprisse a Escripura, disse: Tenho sede (Jo., 19, 28). — E' esta a quinta palavra de Jesus. Tinha elle dito aos Judeus que tudo que as Escripuras diziam sobre o Messias havia de ser cumprido até á ultima syllaba. Ora, estava escripto no psalmo sessenta e oito: *Em minha sede, me darão a beber vinagre*. Para que esta prophécia fosse cumprida, é que Jesus disse: *Sitio — tenho sede!* pois sabia que os soldados lhe dariam vinagre, que, segundo o costume, tinham consigo para matar a sede ao padecente. Jesus, no meio de suas dôres, vae seguindo a série dos acontecimentos e a realização de cada prophécia. Não quer que fique nada por cumprir, pois tudo era vontade de seu eterno Pae. — Ah! como reprehende com esta sua fidelidade nossa frouxidão em cumprir as obrigações que Deus nos impoz, e quer que todas sejam cumpridas á letra!

2. A sede do Salvador

Tenho sede! — palavra breve, mas que resume um grande tormento! A sede de Jesus devia ser extrema depois de tantos soffrimentos e de tanto sangue derramado. Como estariam aquelles labios e aquella garganta! Este só tormento bastava para lhe dar a morte, como a ia dando ao pequenino Ismael, no deserto de Mambré, si um anjo não viesse soccorrer a pobre Agar, mostrando-lhe uma fonte com que matasse a sede a seu filho. A mãe de Jesus não foi tão feliz! Como podia ella soccorrer o seu Filho, ainda que tivesse á mão agua fresca em abundancia?... Mas ali, naquelle cerro escaldado, nem a tinha, nem que a tivesse lh'a podia offerecer! O' tormento do Filho! O' tormento da Mãe! Jesus quiz soffrer este tormento para pagar por tantas intemperanças e embriaguezes. Que monstruoso contraste! Jesus soffrendo na cruz

uma sede mortal, e o christão, que professa a imitação de Christo, sentado á mesa da embriaguez, e entregando-se á crapula e a todos os excessos da gula!

3. Como satisfazem os soldados a sede do Salvador

Ora, havia ali um vaso com vinagre. Logo, um dos soldados correu a tomar uma esponja, que embebeu de vinagre, e, pondo-a na ponta de uma canna, lh'a apresentou para beber. — Assim foi cumprida a prophécia. Ella sem duvida referia-se a um novo tormento do Salvador, como todas as passadas. Não foi nem para se queixar dos tormentos, nem para obter algum allivio, que Jesus pronunciou aquelle *sitio*; foi para obrigar os soldados a dar-lhe mais este tormento, de lhe matar a sede com uma tal bebida! — Cumpra-se também, em mim, ó meu Salvador, tudo que de mim tendes determinado para minha salvação, ou seja amargo ou doce; ou seja o vinho de vossas consolações, ou o vinagre e fel das tribulações, dos vitiuperios, das dôres physicas do corpo, ou das agonias inconsolaveis da alma! — Si, como consideram alguns Santos, a sede natural de Jesus estava unida a sede de nossas almas, de nossa salvação e santificação, em nossa mão está alliviar Jesus neste seu tormento, com a nossa fidelidade á graça, e em lhe ganhar almas que o sirvam e amem.

SEXTA PALAVRA

1. Esta palavra applicada a Jesus

Jesus, tendo bebido do vinagre, disse: Tudo está cumprido (Jo. 19. 30). — E assim devia ser. Ao terminar a sua vida mortal sobre a terra, Jesus tinha a consolação de poder dizer a todo o mundo: *Tudo está cumprido!* É neste *tudo* quanto vae dito! *Tudo* o que de mim disseram as Escripturas, *tudo* o que meu Pae exigiu de mim quando me enviou ao

mundo para reparar a sua gloria; *tudo* o que de mim esperavam os homens para os salvar, *tudo* o que se relacionava com minha missão: a minha vida occulta, a minha vida publica, a minha vida dolorosa: tudo está acabado! O odio dos Judeus está saciado! A crueldade dos algozes está esgotada! O meu sacrificio está consummado, o peccado de Adão está remido, o mundo está salvo! — E quanto vos custou, ó Jesus, a consummação dessa grande obra! De quantas graças vos somos devedores, por terdes consummado a obra de nossa salvação, sem a qual ficaríamos para sempre excluidos do paraíso!...

2. Esta palavra applicada ao christão fervoroso

Tudo está consummado! — Estas palavras pronunciou Jesus cravado no leito da cruz, ao avizinhar-se o momento de sua morte. Considerate, ó christão, no teu leito de morte, e vê em que sentido podes dizer estas mesmas palavras. O christão fervoroso, o christão que viveu, não do nome, mas das obras de christão, dirá como Jesus Christo: *Tudo está cumprido* e consummado! No que toca aos mandamentos da lei de Deus e da Igreja, tudo está cumprido! Guarda do domingo e das festas, confissão e communhão annual, jejuns e abstinencias, tudo está cumprido! — Deveres para com Deus: oração da manhã e da noite, pura intenção nas obras, pureza do coração, victoria das tentações, tudo está cumprido! — Deveres para com o proximo: perdão das injurias, amor dos inimigos, reparação dos danos injustamente causados, pagamento de dividas, tudo está cumprido! — Deveres para commigo mesmo: applicação ao trabalho, vigilancia sobre as quedas frequentes, exame de consciencia, vida no estado de graça, tudo está cumprido. — Ah! quão feliz deve ser a morte que vem após uma tal vida e que se consumma com taes sentimentos!

3. Esta palavra applicada ao peccador impenitente

Tudo está consummado! — Estas palavras tambem as poderá pronunciar o christão que morre impenitente, porém em que sentido tão diverso! Consummou-se a vida, mas que mal empregada! Consummaram-se os dias, que empregou no peccado, tendo-lhe sido dados para com elles negociar sua eterna salvação! — Com a vida consummaram-se os prazeres, as honras, as festas; e quanta inquietação deve causar a um moribundo poder dizer a tudo isso: *Tudo está consummado!* — Bens do corpo: saúde, forças, formosura, parentes e amigos, satisfação dos sentidos: *tudo está consummado!* Passou a vida, passaram os bens da alma, passaram os bens do corpo, e de tudo isso que passou uma só coisa fica: o peccado. Só elle não passou, nem passará, como para o justo não passará a virtude: esta e aquelle terão o seu premio e o seu castigo — eternos!

SETIMA PALAVRA

1. O brado de Jesus

Jesus clamou em alta voz, dizendo: Meu Pae, em vossas mãos encommendo o meu espirito. (Luc. 23, 46). — São estas as ultimas palavras que Jesus pronunciou sobre a cruz, e com as quaes terminou a sua vida mortal. A primeira reflexão, que nellas se nos offerece, é o modo como são proferidas: *soltou um brado*, diz S. Lucas. Um moribundo bradando não é coisa ordinaria, e muito menos um moribundo como Jesus, que, pelos tormentos que padecera durante aquelle dia, estava mais morto que vivo. Mas quiz com este brado annunciar a todos os judeus, que já se tinham retirado para Jerusalém, o momento solenne do seu fim, o momento definitivo da redempção do mundo, que era a morte do Salvador. Quiz mostrar que não morria por necessidade, mas livremente. Si morria o autor da vida, era porque dava

licença á morte que fizesse nelle o seu dever. Bra-
dou para que o ouvissem os anjos no céu e os justos
no Limbo, para que constasse a todos o seu sacri-
ficio.

2. A setima palavra

*Pae, em vossas mãos encommendo o meu espiri-
rito.* — Jesus não só é o nosso modelo na vida, mas
tambem na morte. — 1. Jesus entrega a Deus, seu
Pae, a sua alma, pois só Elle é o verdadeiro destino
della. De Deus veiu, para Deus deve voltar. 2. En-
trega a sua alma nas mãos *omnipotentes* de Deus,
pois só nellas estará segura, e das quaes não have-
rá força que a possa arrancar. 3. Entreg-a nas mãos
de seu *Pae*, para a premiar, e não de seu Juiz, para
a julgar, pois nada ha nella digno de castigo. — Com
estas palavras devo eu tambem terminar meus dias.
Que doce será pronuncia-las, nessa hora, com a firme
esperança de que Deus a receberá para a premiar!
Ah! mas, para ter esta confiança, como deve ella estar
pura de toda a imperfeição, e ornada da graça santi-
ficante! Sem esta veste, Deus não a receberá, e si
Deus a rejeitar, ai! della, pois já o demonio estará de
sobreviso para a levar consigo!

3. Morte de Jesus

E inclinando a cabeça expirou. — Consummou-
se o sacrificio! A espada da divina justiça feriu a vi-
ctima, e ella, agonizando, deu a Deus a reparação
que só ella lhe podia dar. Estamos remidos! Esta-
mos salvos! A inclinação da cabeça do Salvador é o
signal. Com elle mostrou, aos que lhe assistiam, que
já não vivia. Era o signal da plena submissão á
vontade de seu Pae, da perfeita obediencia com que
acceptára a morte de cruz: *Feito obediente até a mor-
te, e morte de cruz.* — Jesus, em tudo semelhante a
nós, quiz passar pela maior de nossas miserias para
nos alertar, quando chegar para nós essa hora. En-

tão todo o nosso conforto será pôr os olhos num Deus crucificado e morto pelos homens. Pois qual é o discípulo que queira ser mais que seu mestre? Vivamos a vida de Christo, para morrermos a sua morte. *Jesus Christo morreu por todos*, diz S. Paulo, *para que aquelles que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Jesus Christo.* (II Cor. 5)

JESUS MORTO

1. O lado de Jesus aberto pela lança

Mas um dos soldados abriu-lhe o costado com uma lança e sahiu logo sangue e agua. (Jo. 19, 31) A acção de Longuinhos, assim se chamava o soldado, não ha quem a não tenha por cruel. O corpo de um justificado sempre foi respeitado. Quanto mais o devia ser o corpo innocentissimo de Jesus! Mas foi a Providencia que permittiu esta acção de Longuinhos, para que não ficasse a menor duvida sobre a morte de Jesus. — Mas, si é cruel a acção de Longuinhos, não o é menos a nossa quando peccamos! Em Longuinhos estava representada a humanidade e na lança os peccados de todos os homens. Assim a canta a Igreja: *Vibrantis hastam militis, peccata nostra dirigunt.* Longuinhos não sabia a quem trespassava, e nós?... Ah! sabemos muito bem que é a um Deus a quem offendemos! Longuinhos offendia o corpo morto de Jesus, que não podia sentir a lançada, e nós... offendemos a um Deus vivo, a um coração que sente profundamente nossas offensas!

2. O corpo de Jesus descido da cruz

Depois de Jesus expirar, um homem rico, chamado José de Arimathéa, foi ter com Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus. Veiu tambem Nicodemos, com uma mistura de myrrha e aloes. — Estes dois homens, discipulos occultos de Jesus, praticam dois actos de misericordia qual delles maior. Um para com o corpo

defunto do Senhor, outro para com a desolada Mãe. Sem saber a Senhora como havia de obter o corpo de seu Filho, e receiando que os soldados o deitassem á valia commum dos condemnados, estava em grande ansiedade. Como ficou agradecida a José e a Nicodemos quando os viu praticar para com seu Filho aquella obra de misericordia, descendo-o da cruz com tanta reverencia, e collocando-lh'o sobre os braços! Assim providenciou Deus pelo Filho e pela Mãe, dando valor áquelles dois discipulos até então tímidos e disfarçados, agora mais corajosos que os apóstolos.

3. Sepultura do corpo de Jesus

Elles envolveram o corpo de Jesus em ligas e perfumes, como é costume sepultar entre os judeus. Ora, havia ali ao pé um jardim e no jardim um sepulcro novo, onde ninguem tinha sido sepultado, e que José tinha mandado abrir numa rocha. Ali collocou o corpo de Jesus e rolando uma grande pedra para a entrada se foi. — Jesus teve um enterro e uma sepultura, quanto se pôde dizer, digna. E' primeiramente embalsamado com profusão de perfumes, como são os ricos; é acompanhado por dois homens da melhor sociedade de Jerusalém, — José, nobre e rico, Nicodemos, senador, — pela familia de Lazaro e outras pessoas dedicadas á Virgem e a seu Jesus; é sepultado num mausoléu novo, aberto numa rocha, collocado num jardim. Quanta consolação teria nisto a Santissima Virgem! — Um sepulcro podemos offerecer a Jesus — o nosso coração. Mas que seja *novo*, pela innocencia, ou ao menos renovado pela penitencia! aberto na *rocha* de nossos propositos, para não deixar que nada penetre nelle que possa offender o corpo de Jesus: no jardim, rodeado de flores e de fructos de nossas boas obras, fechando-lhe a entrada com a pedra de uma constancia e, perseverança no bem; sellada emfim com a resolução de nunca profanar com o mais leve peccado esta habitação do Senhor.

QUARTA PARTE

VIDA GLORIOSA DE JESUS

RESURREIÇÃO DE JESUS

1. As santas mulheres compram aromas

E como passasse o sabbado, Maria Magdalena, Maria, irmã de Thiago, e Salomé compraram aromas para irem ungir o corpo de Jesus (Marc. 16, 1) — Nesta breve passagem do evangelho dão-nos as santas mulheres tres exemplos:

1. Esperaram que *passasse o sabbado*, observando a lei que prohibia nesse dia qualquer trabalho.

2. *Compraram aromas*, pois já os não têm para uso proprio e fomento da vaidade.

3. Amor e dedicação a Jesus; pois tendo já sido unguido e embalsamado cuidadosamente por José de Arimathéa e Nicodemos, não attendem ao que os outros fizeram, mas ao que se julgam obrigadas a fazer. Assim diz S. Gregorio papa: "Ouvistes, carissimos irmãos, que as santas mulheres, que tinham seguido o Senhor, foram com aromas ao sepulcro para obsequiar depois de morto aquelle que em vida tanto amaram. Mas este facto indica o que nós devemos fazer. Tambem nós vamos ao sepulcro com aromas, si, crendo naquelle que morreu, munidos com o aroma das virtudes, procuramos o Senhor com a opinião, de boas obras 1).

2. E vão ao sepulcro

E foram muito de madrugada ao sepulcro. (Luc. 24, 1). — O amor madruga. A santa impaciencia em que estavam o dia antecedente, por não poderem ir ungir o corpo do divino Mestre, obriga-as a madru-

1) Homilia 21 in *Evangelia*. Lições do Breviario.

gar, e talvez, a passar a noite de vela em preparativos para a visita ao sepulcro. — Si amassemos a Jesus como estas santas mulheres, não seríamos tão negligentes em o ir visitar em seus templos, e em lhe consagrarmos os primeiros momentos do dia.

E foram ao sepulcro. O sepulcro era o lugar onde estava Jesus morto: e aquellas piedosas mulheres, já que o não pôdem ter vivo, ao menos querem honrá-lo, morto. E para lhe prestarem as honras e obsequios que o amor lhes, inspira, não pensam nos soldados, que as não deixarão realizar os seus piedosos intentos, nem na pedra, que serão incapazes de remover. — Quem emprehende obras de zêlo e de amor de Deus tem que fechar os olhos a difficuldades, e seguir avante, esperando do céu o auxilio.

3. Uma difficuldade

E diziam entre si: quem nos removerá a pedra do sepulcro? (Marc. 16, 3) — Lembram-se no caminho de uma enorme difficuldade, que lhes estorvava a realização de sua piedosa romaria. A pedra que fechava o sepulcro era pesada, e ellas, mulheres fracas, não tinham forças para a arredar, Não seria o máu espirito que lhes occultou esta difficuldade para as afastar do seu proposito? Si foi, bateu a má porta: as esforçadas mulheres seguem avante. Que bello exemplo de constancia e confiança em Deus! — Si entraste no caminho da virtude, conta com as difficuldades: como vencer tal tentação?... como evitar tal perigo?... como domar tal vicio?... Confiança em Deus, e para a frente! As difficuldades se desvanecerão, como se desvaneceram as das santas mulheres. Um grande terremoto afastou a pedra e pôz os soldados em fuga.

APARIÇÃO DO ANJO AS SANTAS MULHERES

1. Chegam ao sepulcro

E, entrando no sepulcro, viram um joven sentado á direita, vestido de branco, e ficaram aterradas (Marc., 16, 5). — As santas mulheres, ao verem o sepulcro aberto, experimentaram certamente dois sentimentos, um de alegria por verem a pedra do sepulcro removida, outro de temor de algum desacato ao corpo de Jesus. Impellidas por estes dois sentimentos, penetraram no sepulcro, quando vêem o anjo sentado á direita. Não encontraram o corpo do Senhor, mas o anjo, que lhes annunciou a grande nova de sua resurreição. Assim viram premiada a sua diligencia com serem escolhidas para primeiras testemunhas da resurreição de Jesus.

Todas as circunstancias desta apparição merecem especial reflexão. Primeiramente encontraram o anjo *sentado*, como esperando as piedosas visitantes, *dentro*, para as obrigar tambem a entrar a ver o lugar onde estivera o corpo do Senhor, afim de terem certeza de sua resurreição; *vestido de branco*, que é o vestido da alegria e da pureza proprias desta festa. *Sentado á direita*: o que se designa pela esquerda, commenta S. Gregorio, sinão a vida presente, e pela direita, a vida eterna? 1) Assim sentou-se o anjo á direita, porque vinha annunciar a vida celeste do Redemptor, que já tinha passado da vida temporal. Aquellas mulheres que trouxeram aromas viram os anjos, porque para chegar a ver os anjos no céu é necessario seguir a Christo com o odor das virtudes.

2. Palavras do anjo

O qual lhes disse: Não temaes. Procuraes a Jesus de Nazareth, crucificado? resuscitou, não está aqui; eis o lugar onde o puzeram. — Notemos o so-

1) *Quid manque per sinistram, nisi vita presentis; quid vero per dexteram, nisi perpetua vita designatur?* (Lição II do Breviario.)

lido motivo que dá o anjo ás santas mulheres para não temerem: procuraes a Jesus? “Temam aquelles”, diz S. Gregorio na mesma homilia, “que não amam a vinda dos celeste mensageiros; temam aquelles que, presos aos desejos carnaes, desesperam chegar a entrar em sua companhia. Porém vós, por que temeis ao ver os vossos concidadãos?” entre os que procuram a Jesus e os que o não procuram, ou entre bons e maus. Os maus têm muito que temer neste mundo e no outro dos bons anjos a quem não querem ouvir, e dos maus a quem se abandonam. Os que procuram a Jesus crucificado nada têm que temer neste e no outro mundo, nem da parte dos anjos bons que os protegem, nem dos maus, que não têm poder nenhum sobre elles. — Procuremos a Jesus crucificado em tudo. Nós o encontraremos crucificado neste mundo para nos ajudar a levar a cruz, e glorioso no outro para nos reunir a si e nos glorificar.

3. A nova da resurreição

Resuscitou, não está aqui. — A alegria ineffavel que esta palavra despertou no coração das santas mulheres é facil de imaginar. Já não está neste lugar, que é o lugar dos mortos, e Jesus está entre os vivos. — A imitação de Jesus devemos resuscitar para uma vida santa, vida com os anjos, vida com Deus, sahindo do sepulcro de nossos vicios e peccados.

Mas ide, dizei a seus discipulos e a Pedro, que irá adiante de vós para Galilêa: lá o vereis, como vos disse. — A ordem que o anjo deu ás santas mulheres para se retirarem era conforme aos seus desejos, pois estavam ansiosas por communicar aos apóstolos tão fausta noticia. A menção que o anjo faz de S. Pedro deve ter sido consoladora para este apóstolo, que tinha negado seu divino Mestre, e com esta lembrança não desfructaria as alegrias daquella grande solenidade.

A promessa feita aos apóstolos de verem Jesus em Galiléa não quer dizer que o não verão antes; porém lá o verão mais demoradamente, afim de tratar com elles sobre o reino de Deus, que é a futura Igreja.

APARIÇÃO DE JESUS AS SANTAS MULHERES

1. As mulheres saem do sepulcro

E sahiram logo do sepulcro com temor e grande alegria, correndo a levar a nova aos discipulos (Math., 28, 8). — 1. Obedientes á voz do anjo, as santas mulheres *retiram-se* logo do sepulcro, porque já lá não estava a quem procuravam. Não se demoraram a conversar com o anjo, presas de sua belleza celeste, pois só Jesus as enthusiasmava. — 2. *Sahiram logo*, porque o amor dá asas; e tendo o coração cheio de alegria, queriam communicá-la aos apóstolos. Assim nos ensinam a cumprir com rapidez as ordens de Deus, sem nos prendermos com as creaturas. — 3. *Retiram-se com temor e grande alegria: temor*, pela vista do anjo, que lhes appareceu como um relampago; *alegria*, pela resurreição do Salvador. Estes sentimentos devemos tambem despertar em nós; pois todos este acontecimentos sobrenaturaes, que Deus opera para nosso bem, devem-nos encher de temor de que não nos venhamos a aproveitar de tantas graças, e de que não cheguemos a ter essa resurreição gloriosa, que na de Jesus nos é promettida; — e de alegria, porque todos estes mysterios são a consummação da grande obra da redempção e o penhor de nossa eterna salvação.

2. Jesus apparece-lhes

E Jesus veio-lhes ao encontro, dizendo-lhes: Deus vos salve! Ellas, porém, aproximaram-se, e abraçaram seus pés, e o adoraram. — Assim premiou Jesus o amor com que estas santas mulheres o procuravam. — *Salve!* doce palavra com que Jesus se lhes revelou,

pronunciada com aquella inflexão de voz com que antes lhes falava. Foi uma saudação efficaz, serenando-lhes os animos e inundando-as de indizível gozo.

Esta doce saudação deu-lhes confiança para se aproximarem e abraçarem os pés do seu divino Mestre, sem exigir outras provas da sua entidade. Jesus não se afasta, porque sabia quanto precisavam de animo para vencer a incredulidade dos apóstolos. O' Jesus, como sois bom e vos dignaes consolar as almas que vos procuram!

3. Jesus consola-as

1. *Então disse-lhes Jesus: Não temaes; ide, annunciae aos meus irmãos, para que vão á Galiléa, que lá me verão.* — Como podiam temer, estando com Jesus! Esta palavra — *não temaes* — dissipou toda a sombra de temor e duvida que ainda pudessem ter. O' Jesus, dizei estas palavras á minha alma intimidada com o pensamento de vossos rigorosos juizos e com a aproximação de uma morte inevitavel.

2. *Dizei a meus irmãos:* é este o doce nome que Jesus resuscitado dá a seus apóstolos. A humanidade vae entrar desde agora em novas e intimas relações com Deus por intermedio de Jesus Christo, que será o primogenito entre muitos irmãos. (Rom. 8, 29) Jesus trata por irmãos aquelles mesmos que o tinham abandonado e até renegado: que bondade a do seu coração! Quiz com esta palavra inspirar confiança e significar a seus apóstolos que não mantinha contra elles a menor indisposição.

APPARIÇÃO DE JESUS A MAGDALENA

1. A apparição dos anjos

1. *Maria Magdalena estava junto ao sepulcro, chorando.* (Jo. 20, 11) — Magdalena não acompanha as outras Marias a Jerusalém a annunciar aos apóstolos a nova da Resurreição do Senhor, pois não póde arrancar-se do lugar onde esteve o seu divino Mestre, e

onde esperava encontrá-lo. As lágrimas que está deramando revelam a dôr que sente em se ver sem o objecto do seu amor. — Ah! si procurássemos a Jesus como Magdalena! Si, perdendo a sua graça pelo peccado, ou as consolações do seu amor pela tibieza, sentíssemos ao menos a grandeza de tal perda! Como nos postariamos ao pé do tabernaculo, em profunda contemplação, até que Jesus se nos revelasse de novo, e nos manifestasse o seu amor!

2. *E viu dois anjos, vestidos de branco, sentados onde fôra posto o corpo de Jesus, um á cabeceira, outro aos pés. Elles disseram-lhe: Mulher, por que choras? Disse-lhes: Porque levaram daqui o meu Senhor, e não sei onde o puzeram.* — Maria Magdalena não se admira de uma visão tão repentina, não se prende da belleza dos anjos, nem se detém a conversar com elles. Vê-os, ouve-os, responde-lhes como si tratasse com elles de ha muito tempo. Si os ouve e lhes fala é para saber onde está Jesus. Tudo o mais é-lhe indifferente, só este bem procura, só em Jesus tem posto o coração. — Procuremos a Jesus, como Magdalena, e procuremos a elle só, não admitindo em nosso coração outro desejo, outro interesse ou outro affecto.

2. Jesus disfarçado em jardineiro

Dizendo isto, voltou-se para traz, e viu Jesus de pé; e não sabia que era Jesus. — Jesus não está longe daquelles que o buscam de coração. A's vezes dissimula sua presença para nos provar o amor. Occulta-se, diz Drog. Host., para que mais ardentemente o procuremos, e procurado o encontremos com alegria, e encontrado o guardemos com solicitude.

Chora Magdalena porque lhe tiraram o Senhor: e eu não choro porque o perdi! O' dureza do meu coração!

Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? a quem procuras? — Pergunta, não por ignorancia, mas porque se compraz ás vezes em ouvir nossas queixas e

desejos. — *Julgando ella que era o jardineiro, disse-lhe: Senhor, si foste tu que o levaste, dize-me onde o puzeste e eu o irei buscar.* — Magdalena, ouvindo ruido atraz de si, voltou-se, e viu um homem que lhe parecia ser o jardineiro, e suppondo que lhe tinha ouvido a conversa com os dois anjos, e a causa da sua dôr, sem outra explicação, roga-lhe que lhe indique o logar onde poz o seu divino Mestre; e, sem attender á sua fraqueza, se offerce para o ir buscar. Estava longe de supôr que era com Jesus que falava. Procurava o corpo morto de seu Mestre, e falava com elle, vivo. Jesus comprazia-se nestes sentimentos de Magdalena, nos seus desejos, no seu amor, na perseverança com que ella espera alcançar o objecto, cuja perda a faz chorar. — Si Jesus visse em nós iguaes disposições, como gozariamos de sua presença sensível, e voltariamos ao antigo fervor, que fazia todas as nossas delicias!

3. Jesus revela-se a Magdalena

Disse-lhe Jesus: Maria! Ella, voltando-se, disse-lhe: Mestre! — Uma palavra só bastou para Jesus se dar a conhecer. Magdalena, ao ouvir o seu nome, reconheceu, no tom da voz, que estava em presença do divino Mestre. Assim se communica Jesus a uma peccadora penitente! Ella se preparou para este grande favor, 1º pela generosidade do seu amor; — 2º pela grande parte que tomou na Paixão do Salvador; — 3º pelo ardente desejo de ver a Jesus Christo e pela constancia perseverante em o procurar. *Procurae e encontrareis.*

Logo que Magdalena reconheceu o seu Mestre, lançou-se-lhes aos pés para os abraçar. *Não me toques, disse-lhe Jesus, pois ainda não subi a meu Pae.* — Quiz Jesus com esta recusa temperar o ardente fervor de Magdalena, cujo amor atropellava a reverencia. Quer Deus ser amado, mas com reverencia respeitosa.

Com uma palavra de Christo — Maria! — com uma de Magdalena — Mestre! — quantos affectos se exprimiram! Em Christo, de benignidade, ternura e affabilidade; em Magdalena, de reverencia, humildade, adoração. Assim com poucas palavras se communica Deus com o homem e o homem com Deus.

Vae, porém, ter com meus irmãos, e dize-lhes: Subo a meu Pae e a vosso Pae, a meu Deus e a vosso Deus. — 2. Ordem custosa para Magdalena; mas Jesus quer o mais cedo possível consolar os seus, e a manda levar-lhes a nova de sua resurreição. Muitas vezes quer Deus que nos privemos das consolações espirituaes para as levarmos aos tristes. 3. Este mesmo officio exerce Jesus chamando aos discipulos *irmãos*. Tendo-se mostrado amigos infieis, Jesus dá-lhes o nome de irmãos, tirando-lhes assim toda a sombra de desconfiança e tristeza. O' amorosissimo Jesus, esquecei-vos tambem das minhas infidelidades e chamae-me vosso filho e irmão, porque o quero ser de todo o coração. 4. Lembra-lhes a *subida ao Pae*, para que vão pensando na breve partida de Christo, dispô-los para a supportar e confiar em Deus, que devem ter como Pae.

PEDRO E JOÃO VÃO AO SEPULCRO

1. Partida para o sepulcro

Sahiu, pois, Pedro e aquelle outro discipulo, e foram ao sepulcro (Jo., XX, 3). — Nem todos os apóstolos negaram fé ás palavras das santas mulheres que voltaram do sepulcro dizendo que Jesus tinha resuscitado. Pedro e João, não se prendendo com o exemplo dos incredulos, resolveram informar-se por si mesmos do facto. Fazem o que lhes importa fazer e não o que fazem os outros, no que revelaram a sua superioridade espiritual não tendo por chimerica a nova trazida por Magdalena; mas seguem o impulso de sua consciencia e da recta razão, sem se importarem com o que possam dizer ou pensar os outros. — Feliz

quem assim procede em todas as coisas, não tendo por norma de suas acções sinão Deus, a propria consciencia e as obrigações do proprio estado! Mas quantas vezes conformo o meu proceder pelo que dizem os menos perfectos, pelo respeito humano, pela voz do amor proprio?...

2. Mostram interesse por tudo que se relaciona com seu Mestre. Qualquer nova, que lhe diz respeito, têm-n'a por summamente importante, venha ella donde vier.

3. S. Pedro sobretudo mostra grande confiança, não duvidando poder encontrar o seu divino Mestre. A' sua imitação, não devem nossas faltas retardar-nos em irmos a Jesus, mas confiar que, apesar dellas, nos ha de receber com amor.

2. Caminham apressadamente

E corriam os dois juntos. — 1. A' medida que se aproximam do sepulcro, os dois apóstolos aceleram os passos, *correm*. Tal era o interesse de saber o que tinha acontecido. O amor dá asas e forças extraordinarias, e não sabe o que são delongas. A lentidão em servir a Deus pouco dista de não servi-lo. — É' com esta promptidão que emprehendo as obras do serviço de Deus?... Corro para a oração, para as obras de zelo, de caridade, de mortificação? ou caminho lentamente para ellas, sem vontade nem energia?...

2. Mostram, além disso, coragem em sahir do cenaculo, sem medo dos Judeus. A nova é tão grande, que não dá tempo a temores e covardias.

3. Chegam ao sepulcro

E aquelle outro discipulo correu adiante e chegou primeiro que Pedro ao sepulcro. — João, como era mais novo e ligeiro, chegou ao sepulcro antes de S. Pedro; todavia não entrou por deferencia a S. Pedro, ao qual não se considerou superior por ter assistido á morte do Salvador junto da cruz, emquanto Pe-

dro negou seu Mestre tres vezes. Nisto nos ensina S. João a não olhar o homem que nos governa como sujeito a miserias e imperfeições, mas como representante de Deus.

João, levado pelas asas da virgindade, correu adiante, diz S. Jeronymo 1), porque quanto mais esta virtude se afasta da carne, tanto mais se aproxima de Deus.

Veu então Simão Pedro seguindo-o, e entrou no sepulcro, e viu a mortalha dobrada e o sudario, que estivera sobre a cabeça, não dobrado junto com os lenções, mas, separadamente, dobrado num lugar. Então entrou tambem aquelle outro discipulo que chegára primeiro ao sepulcro: e viu e creu. — O resultado desta visita encheu os dois apóstolos de fé. Puderam verificar que o corpo do Senhor não foi roubado, nem soterrado pelo terremoto. S. João diz de si mesmo que *creu*, e S. Lucas diz que Pedro voltou ao cenaculo cheio de admiração. Ambos abandonaram o sepulcro numa disposição muito diversa daquella que lá os levou. Foram duvidosos e cheios de curiosidade, e voltaram cheios de fé, consolados e com luzes particulares para penetrar o mysterio da Ressurreição.

JESUS APPARECE A S. PEDRO

1. Pedro volta do sepulcro

Partiu (Pedro) cheio de admiração pelo que tinha succedido. (Luc. XXIV, 12.) — Enquanto S. João correu a Jerusalém a avisar os discipulos do que tinha visto, Pedro seguia atraz com passos vagarosos, pensando comsigo o que tinha acontecido. Ia em profunda meditação, reflectindo sobre tudo que vira no sepulcro, confrontando o succedido com as prophcias que Jesus fizera de sua resurreição, e recordando com immensa dôr as tres negações! Pelo seu coração passariam então sentimentos variados de alegria e de

1) *Joannes elatus virginitatis alis praeconcurrit.* (Hier. in C. 56 Is.)

dôr, de confiança e temor, de amor e arrependimento. — Que bello exemplo nos dá Pedro! Quando estamos sós, trabalhando ou viajando, repassemos em nosso espirito algum mysterio da nossa fé, e sentiremos despertar em nossos corações doces emoções e piedosos affectos. A melhor disposição para ver a Deus é afastarmo-nos das creaturas e entrarmos numa perfeita solidão da alma com Deus.

2. Jesus apparece a Pedro

O Senhor resuscitou e appareceu a Pedro. (Luc. XXIV, 34) — Jesus apparece a Pedro, que o negou, e não apparece a João, que o acompanhou ao Calvario e lhe assistiu á morte. A razão é que o apóstolo estava já bastante firme na fé da resurreição; pelo contrario, a Pedro convinha uma apparição particular, 1º. para o confirmar na fé, e para o consolar e animar por causa da sua queda; — 2º porque era o chefe do collegio apostolico e uma apparição particular dava-lhe maior autoridade sobre os outros apóstolos; — 3º porque o testemunho de Pedro seria um forte argumento para os mais discipulos crearem na resurreição de Jesus. — Admiremos esta bondade do Senhor, que apparece em primeiro logar áquelle dos apóstolos que mais profundamente cahiu e publicamente o offendeu! Esta apparição a Pedro foi uma declaração de que lhe era perdoado o peccado, e que já estava na graça e amizade de seu Mestre.

3. Como foi esta apparição

Deve ter sido tocante o modo como Jesus se manifestou ao seu apóstolo. Cansado talvez da viagem, sentou-se sobre alguma pedra do monte Calvario, e ali, com a cabeça apoiada na mão direita, iria recompondo todo o drama daquelles dias. Nisto aproxima-se d'elle um desconhecido, que lhe diz:

— Pedro!

E reconhecendo Pedro a voz:

— Ah! sois vós, Senhor!

E cáe-lhe aos pés. Jesus assegura-lhe o perdão e manda-o levantar-se.

— Vae, e confirma os teus irmãos na fé da minha ressurreição.

Como ficaria a alma de Pedro com tal successo! Como logo se desvaneceram as sombras da tristeza e desconfiança! Já é outro, já corre, já voa a prégar aos discipulos a ressurreição de seu Mestre. Aprendamos de Jesus a ser indulgentes com nossos irmãos, a esquecer as offensas que nos fazem, a não conservar contra elles o menor resentimento, a respeitar-lhes a autoridade e a acreditá-los diante daquelles que lhes estão sujeitos.

JESUS APPARECE AOS DISCIPULOS DE EMMAUS

1. Dois discipulos saem de Jerusalém para Emmáus

E no mesmo dia iam dois delles para o castello, que distava de Jerusalém sessenta estadios (cerca de duas leguas), chamado Emmáus (Luc., XXIV, 13). — Estes dois discipulos, aterrados com as noticias que ouviam, e cansados com as disputas dos apostolos sobre a ressurreição de Jesus, resolveram ir espairecer até á quinta que um delles possuia em Emmáus. Procuram as consolações da terra, quando deviam esperar as do céu. Quão depressa nos cansamos de esperar as graças de Deus!

E falavam entre si de tudo que tinha acontecido. — Naturalmente a conversa durante o caminho era sobre a paixão de Jesus e tudo o mais que tinha acontecido. Acostumemo-nos a falar não de coisas vãs, mas uteis e divinas, para termos a Jesus por companheiro. Procurar consolação nos amigos e uma honesta recreação, quando a tristeza e o enfado fatigam a alma, não é prohibido nem incompativel com a perfeição. Mas onde a procuramos? Não é em

longas e frívolas conversas? Em visitas e leituras perigosas? — A verdadeira consolação não se encontra nas creaturas, mas em Deus.

2. Jesus disfarçado em peregrino

1. *Ora, succedeu que, enquanto iam falando e conferenciando entre si, se lhes juntou Jesus e ia com elles.* — A vinda deste novo companheiro, que elles não suspeitavam quem era, tornou-lhes mais agradável o passeio, pois tinham ensejo de se informar d'elle sobre o succedido. Jesus, porém, se lhes juntou por amor e zelo para reconduzir ao rebanho estas duas ovelhas perdidas. Assim exerce Jesus para com seus discipulos o officio de Bom Pastor. Exercei-o também commigo, ó Jesus, reconduzindo-me pelo caminho da verdade até ao rebanho de vossos escolhidos e predestinados.

2. *Mas os olhos delles estavam retidos para o não conhecerem.* — Os dois discipulos ainda não estavam dispostos para merecer reconhecer a Jesus, tal como elle era, e tomaram-n'o por um peregrino. Jesus serviu-se deste seu engano para melhor os instruir e dispôr para a grande revelação em Emmáus. A atenção com que o ouviam e a docilidade com que acceitavam suas explicações mereceram-lhes tê-lo por companheiro até ao fim da viagem e hospedá-lo em sua casa.

3. Jesus interroga os discipulos

1. *E disse-lhes: Que conversas são essas em que vos entretendes caminhando, e estaes triste?* — Jesus sabia de que falavam, mas interroga-os para que revelem a sua chaga e recebam a medicina, diz Theophylato 1). Manifestando elles as idéas erroneas e mundanas que tinham do Messias, mais facilmente os podia corrigir e ensinar. Desta maneira havemos de proceder quando tivermos de corrigir

1) *Ut: alios suum detegerent ac pharmacum susciperent.*

os outros. E' preciso que ouçamos de sua bocca a confissão da falta, e que então lhe mettamos pelos olhos a sua gravidade e funestas consequencias. Só assim conseguiremos a correcção della.

2. — *E por que estaes tristes?* A tristeza não convinha ao feliz dia da resurreição. Imaginemos que Jesus nos dirige a mesma pergunta: por que estaes tristes? Que desejos occupam vosso coração? Que pensamentos vos affligem? — Si não nos occupamos de Deus, os objectos que nos entretêm só nos podem conduzir á tristeza. Si a não sentimos emquanto lisonjeamos as paixões, senti-la-emos bem depressa nos remorsos da consciencia.

OS DISCIPULOS DE EMMAUS

(Continuação)

1. Dialogo entre Jesus e os discipulos

Um delles, chamado Cléophas, disse-lhe: Só tu és estranho em Jerusalém, e não sabes o que se passou lá estes dias? — Jesus não se agasta com este tratamento, antes aprecia esta franqueza de Cléophas, e para o obrigar a descobrir todos os seus pensamentos e assumpto da conversa lhes pergunta: O quê? E disseram-lhe: a respeito de Jesus de Nazareth, que foi um propheta, poderoso nas obras e nas palavras diante de Deus e de todo o povo. — Pergunta como ignorando, e como esquecido das injurias que lhe foram feitas. Respondem os discipulos revelando a sua pouca fé e conhecimento de Jesus, a quem dão apenas o nome de propheta e não se lembram que este Jesus poderoso em obras e palavras prometeu que havia de resuscitar.

Nós esperavamos que elle havia de libertar Israel. — Não só é debil a fé, mas tambem a esperanza está abalada.

E é já o terceiro dia depois que isto foi feito. — Aquí não explicam todo o seu pensamento. Não

ousam dizer que este Jesus poderoso em obras e palavras disse que havia de resuscitar, talvez com receio de que o peregrino zombasse delles por tal promessa.

E contaram tambem o facto das mulheres que foram ao sepulcro.

2. Jesus reprehende-os pela sua incredulidade

E elle disse-lhes: ó estultos e de coração tardio em crer tudo que os prophetas disseram! — Jesus reprehende, mas sem indignação. Usa de termos energicos, pois a incredulidade dos discipulos merecia uma correcção forte, e elles, reconhecendo-se culpados, acceitaram-n'a sem replica. — Mais aspera reprehensão merecem muitos christãos que, tendo tantas provas de sua fé, vivem praticamente como sinão cressem.

Não só se não offenderam com a reprehensão do seu companheiro, mas alegraram-se ao ver um homem falar assim do divino Mestre. Jesus, para se não dar a conhecer, não lhes censurou a infidelidade da narração do que succedeu naquelle dia. Recorre ás prophecias, que nenhum incredulo póde rejeitar. Para que a reprehensão seja util é preciso que o culpado conheça a sua falta.

3. Jesus explica-lhes as Escripturas

Não conveiu que Christo padecesse, para assim entrar em sua gloria? — Jesus não só reprehende, mas instrue os dois discipulos sobre a verdadeira concepção do Messias, que devia, contra o que elles pensavam, estabelecer o seu reino na humildade e abnegação. Nestas palavras deu-nos a nós grande lição: Si Jesus, para entrar em sua gloria, teve de soffrer a morte de cruz, nós, para entrarmos na gloria que não é nossa de origem, mas conquistada por Christo, não havemos de soffrer?... Aqui está indicado o caminho para a gloria celeste e não ha outro: soffrer, seguir

pelo caminho do Calvario! O contrario seria um absurdo, o extremo da loucura, da molleza e ociosidade!... Conveiu que Christo padecesse a) pela necessidade de uma satisfação; b) pela utilidade de uma redempção; c) pelo excesso de seu amor para conosco; d) para exemplo de imitação.

JESUS HOSPEDE DOS DISCIPULOS DE EMMAUS

1. Jesus finge ir mais longe

E quando chegaram ás proximidades do castello, para onde iam, Jesus fingiu que ia mais longe. — Este fingimento não é daquelles que são contrarios á fidelidade. Jesus, apparecendo-lhes como viandante, quer continuar a fazer o papel do mesmo personagem. Procede com elles como quem não quer parar em Emmáus. E de facto proseguiria, si o não tivessem forçado a pernoitar no castello. Jesus tencionava fazer-lhes um grande favor, manifestando-se-lhes e dando-lhes uma prova de sua resurreição: mas queria que este beneficio singularissimo fosse pedido por instantes preces. Quer Jesus conceder-nos suas graças, mas não nô-las concede sem ser instado e forçado com ardentes desejos. Finge apartar-se, quando nos sentimos desolados, mas permanece conosco, como elle mesmo diz por bocca do real propheta: *Cum ipso sum in tribulatione.* Estou com elle na tribulação (Ps. 90).

2. Os discipulos forçam-n'o a ser seu hospede

E forçaram-n'o, dizendo: ficae conosco, porque já é tarde, e o dia declinou. — A scena que nestas palavras se entrevê é natural. Encantados os discipulos com a conversa de tão amavel companheiro, instaram com elle para que ficasse em sua companhia. Não só pediram, mas conjuraram-n'o com toda a sorte de motivos: que já era tarde, que o dia acabara, que não era possivel ir mais longe; que não encontraria outra hospedaria mais perto. A's palavras jun-

taram a acção, collocando-se diante d'elle para lhe interceptar a passagem, indo até a uma especie de violencia — *coegerunt, violentaram-n'o.* — Isto mesmo é o que Jesus pretendia, diz S. Bernardo; finge ir mais longe, *não porque assim o queria, sinão porque queria ouvir: Senhor, ficae connosco* 1). — Ficae tambem commigo, ó Jesus, porque já se vae fazendo tarde; vae terminando o dia de minha vida e aproximando-se a noite de minha morte!

3. Jesus hospede de seus discipulos

E entrou com elles no castello. — Jesus cedeu ás instancias de seus dois discipulos, cujo coração já tinha ganho, e os via preparados para receber a graça da sua revelação. Si foi grande a alegria em o ter por companheiro de viagem, muito maior foi o contentamento em o ter por hospede e commensal. Entretanto não sabiam quem elle era: todavia deram-lhe o primeiro lugar e o serviram com desvelada solitudine. O que não fariam si o conhecessem! — Eu conheço-o, quando na communhão o introduzo em meu peito e o faço hospede de minha alma. Com que affecto o forço a ser meu hospede? com que preparação o vou receber? com que amor o trato? e sirvo?... qual é a acção de graças?... Dou-lhe o primeiro lugar nos meus affectos? ou, depois de o hospedar em meu coração, o abandono e deixo só, indo entreter-me com outros amigos, ou occupar-me em outros negocios?...

JESUS REVELA-SE AOS DISCIPULOS DE EMMAUS

1. O Pão eucharistico

E estando Jesus com elles á mesa, tomou o pão e benzeu e partiu-o, e o deu aos discipulos. (Luc. 25, 30) — Crêm S. Agostinho e S. João Chrysostomo que Jesus consagrou o pão, como na ultima ceia, e o

1) *Non quia hoc volebat, sed quia volebat audire: Mane nobiscum Domine.* (Serm. 74 in cantica).

deu aos dois discipulos. Foi por esta acção que os discipulos conheceram que tinham em sua casa a Jesus: *Então se lhes abriram os olhos e o conheceram.* Este é tambem o effeito da sagrada Eucharistia: illuminar a mente do que a recebe, para conhecer a Deus e a excellencia dos bens sobrnaturaes. Foi aquelle um momento delicioso para os dois discipulos, uma visão celeste, um gozo que só elles nos poderiam descrever. Tal é o momento da communhão, em que a alma verdadeiramente desprendida do mundo sente as ineffaveis doçuras da união com Jesus!

2. Jesus desaparece

E desapareceu aos olhos delles. — São assim as consolações da terra ainda as mais puras e celestes! São como relampagos, que, mal brilham, logo se apagam. Os dois discipulos passaram neste momento pelos mais variados affectos: de alegria por terem visto o divino Mestre resuscitado; de saudade da boa companhia que lhes fez, sem elles o conhecerem; de dôr por não poder tê-lo mais tempo comsigo.

2. E por que foi tão rapida esta apparição? Por que não deu tempo a que lhe dessem as devidas acções de graças, a que o adorassem, a que se lhe lançassem aos pés como a Magdalena, ás santas mulheres e a Pedro, para os abraçar e beijar? Era quasi noite e quiz dar-lhes tempo de voltarem a Jerusalém a reunir-se aos outros apóstolos, pois queria todo o seu rebanho reunido no cenaculo para naquella mesma noite apparecer a todos a portas fechadas. — Assim nós, depois de gozarmos as doçuras da presença sensível de Jesus na eucharistia, devemos voltar ao meio de nossos irmãos para nos exercitarmos em obras de zelo e caridade.

3. Voltam a Jerusalém

1. *E disseram entre si: Não sentiamos arder o nosso coração enquanto nos falava no caminho?* — Agora comprehendem a razão por que sentiam arder

de amor seus corações, enquanto o que elles tinham por um peregrino lhes falava no caminho. E' que as palavras de Christo, diz Origenes, accendiam os corações no amor divino. 1) — Tambem Jesus me fala na leitura de livros piedosos, nas exhortações, na meditação. Si não me sinto abrasado no amor de Deus e da virtude, é porque não abro o coração a essas verdades, e porque, pelo affectos que o dominam, impeço que ellas nelle penetrem e exerçam toda a sua efficacia.

2. *E levantando-se na mesma hora, voltaram a Jerusalém.* — Apesar de ser já o anoitecer, não esperam pelo dia seguinte. A alegria que sentem é tanta que não resistem a ir communicá-la hoje mesmo aos outros discipulos. — Para atear nos outros o amor de Deus, é preciso que primeiro me abraze nelle. — De todo este longo mysterio tirarei por fructo um trato intimo e familiar com Jesus, sobretudo depois de o receber na santa hostia.

JESUS APARECE AOS APOSTOLOS

1. Jesus em meio dos apostolos

Na tarde daquelle dia, num sabbado, e estando fechadas as portas do cenaculo, onde estavam os discipulos congregados, com medo dos Judeus, veiu Jesus, e, pondo-se no meio delles, disse-lhes: A paz seja convosco (Jo., 20, 19). — 1. Aparece-lhes no fim do dia, pois é o tempo do recolhimento e em que todos se reúnem em casa. Esperou tanto, porque os queria preparar para esta apparição com o desejo ardente de o vêr. 2. Apareceu-lhes quando estavam falando delle e commentando a apparição aos discipulos de Emmaús; Jesus está no meio daquelles que se entretêm a falar delle. 3. Apareceu-lhes quando tinham as portas do cenaculo bem fechadas, com medo dos Judeus; si queremos que Jesus entre em nosso coração, fechemos as portas dos nossos sentidos, e conservemo-nos

1) Christi sermones accendebant corda ad amorem divinum.

num santo e salutar temor de o offender. 4. Apareceu no meio delles para ser visto de todos, como seu Mestre, Pastor e Pae. "Quando dois ou tres se reúnem em meu nome, disse elle, eu estou no meio delles". 5. Apareceu-lhes dando-lhes a paz e tirando-lhes todo o temor, pois elle é o Deus da paz, e queria estar em paz e amizade com todos, como o Pae com seus filhos.

2. Temor dos apóstolos

Perturbados com tal visão, e aterrados, julgavam vêr um phantasma.

E disse-lhes: Por que vos perturbaes e por que tendes esses pensamentos? — O temor dos apóstolos é natural. Uma tal visão áquella hora, sem elles a esperarem e estando sob a impressão do medo dos Judeus, era para os atemorizar. Mas Jesus tiralhes todo o medo e restitue-lhes a calma e serenidade. Si vós, ó Jesus, apparecendo aos apóstolos tão amavel e carinhoso, os encheis de perturbação, qual não será a minha ao apparecer diante de vós, como juiz?... Ah! dizei-me então: Não temas! Sou eu! A paz seja contigo!

Vêde as minhas mãos e os meus pés, como sou eu mesmo: apalpaes e vêde; pois o espirito não tem carne nem ossos. — Até que ponto desce a benignidade do Salvador, afim de lhes tirar todo o temor e duvida.

E dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés com as chagas recebidas na crucifixão. Parece que devia ser este o ultimo argumento para os render e tranquillizar.

3. Jesus come com os discipulos

E como elles ainda não crêsem plenamente, disse-lhes Jesus: Tendes aqui alguma coisa para comer? E offereceram-lhe parte de um peixe assado e um favo de mel. E tendo comido diante delles, deu-lhes os restos. — De todos estes modos se serve Jesus para se

insinuar aos apóstolos, e para que creiam que é elle e não outro. Deixa-se ver, faz-se ouvir, permite que o toquem e apalpem, e por fim abaixa-se a uma acção que parece não convir ao seu corpo glorioso, afim de convencer os discípulos da verdade da sua resurreição. — A salvação das almas não se consegue com um só meio: é preciso tentar muitos, ainda os mais humilhantes e contrarios á natureza humana.

A PAZ DE JESUS

1. Jesus dá a paz a seus apóstolos

Depois disto, disse-lhes outra vez: A paz seja comvosco. — E' com esta saudação que Jesus apparece a seus apóstolos no dia de sua resurreição, pois a paz com Deus, a paz da alma e do coração é um dos fructos da resurreição. Com tres pessoas devemos viver em paz: com Deus, com o proximo e comnosco.

A paz *com Deus* consiste na plena conformidade de nossa vontade com a divina. Ora, sendo-nos a vontade de Deus manifestada pelos seus mandamentos, preceitos da Igreja, pelas ordens de nossos superiores, si conformarmos nossos pensamentos, palavras e acções com o que elles nos mandam, vivemos em paz com Deus. Quem cumpre a vontade de Deus nada tem que temer, pois tem por si o mesmo Deus com quem está alliado no combate contra os inimigos da salvação.

2. A paz com o proximo

E disse-lhes de novo. A paz seja comvosco. (Jo. 20, 21) A paz com Deus deve ser acompanhada da paz *com o proximo*, sobretudo com nossos irmãos e irmãs em Jesus Christo, com nossos collegas no trabalho e obras de zelo apostolico, com aquelles com quem convivemos, com todos emfim, pois sem paz não ha ordem, nem progresso, nem bem-estar na sociedade.

Os apóstolos sobretudo precisavam desta paz, pois a obra, que dentro em breve iam emprender, podia arruinar-se com a menor desunião dos corações, e ficar sem effeito a missão que iam receber de unir todos os povos da terra pelos laços de uma mesma fé, de uma mesma caridade. — Para chegar a esta paz com o proximo são precisas duas condições: *supportar os defeitos dos outros e não dar que supportar aos outros.*

3. Paz comnosco

A paz seja comvosco. Nesta saudação tantas vezes repetida nas aparições aos seus apóstolos, Jesus refere-se sobretudo á paz comnosco, de cada um consigo, á paz interior de nossa alma. Esta paz consiste no testemunho da bõa consciencia, na submissão de nossos sentimentos ao imperio da razão, na plena subordinação de nossas paixões á vontade governada pela luz da fé. — Para chegarmos a esta paz temos de lutar constantemente, pois, como diz a Imitação, *é resistindo ás paixões que se encontra a paz* 1). Ainda que emquanto estamos neste mundo não poderemos chegar a uma paz perfeita, pois a vida é tempo de prova e de combate, e a paz que nesta vida pôde gozar nossa alma está na continua abnegação e victoria das tentações.

PODERES QUE JESUS DA AOS APOSTOLOS

1. Dá-lhes sua mesma missão

Assim como meu Pae me enviou, vos envio eu a vós. (Jo. 20, 21) — Jesus, depois de dar a paz a seus apóstolos, dá-lhes a mesma missão que recebeu de seu Pae, enviando-os pelo mundo com os mesmos fins de glorificar a Deus e salvar os homens; — com os mesmos meios da oração, da prêgação, dos milagres; — com as mesmas *difficultades* da parte dos

1) Luc. c. 6.

perseguidores, do demonio e das paixões humanas; — com a mesma *recompensa*, de entrarem no reino que Jesus lhes preparou, de se sentarem á mesa da gloria eterna, e de julgarem as doze tribus de Israel. Assim ficaram constituídos seus apóstolos e enviados incumbidos de cooperar no altíssimo ministerio da salvação das almas. Assim ficou lançado o fundamento da religião christã e lançada a cadeia que une todos seus successores, que remontam a Deus, que é sua origem e seu fim. Deus enviou seu Filho e o Filho envia os apóstolos e estes enviarão os seus successores, perpetuando-se assim a religião christã até á consummação dos seculos.

2. Dá-lhes o Espirito Santo

E dizendo isto soprou sobre elles e lhes disse: Recebei o Espirito Santo. — Como a missão que lhes confiava era ardua e superior ás suas forças, Jesus, por aquelle sopro mysterioso, dá-lhes o Espirito Santo (que procede d'elle como elle procede do Pae). Esta comunicação do Espirito Santo aos apóstolos não é aquella que Jesus tantas vezes lhes prometteu. Esta é particular, parcial e interior; a outra será universal, publica e acompanhada de prodigios exteriores. 2. Dá-lhes o Espirito Santo, pois desde este momento devem começar a viver conforme este divino Espirito, e não segundo o espirito do mundo, onde tudo é egoísmo, vaidade, orgulho, cobiça, sensualidade. 3. E' como uma nova vida e um vigor sobrenatural que Jesus inspira nestes seus representantes, como Deus, soprando no barro de Adão, lhe deu a vida corporal.

Este mesmo Espirito Santo recebemos todos os christãos no baptismo e na confirmação, para vivermos conforme o evangelho. E' conforme este Espirito que eu vivo, ou conforme o mundo? . . . *Os que são impellido pelo espirito de Deus, são filhos de Deus;* diz S. Paulo. (Rom. 8)

3. Dá-lhes o poder de perdoar os peccados

Os peccados serão perdoados áquelles a quem os perdoardes, serão retidos a quem os retiverdes. — Nestas memoraveis palavras institue Jesus Christo o sacramento da Penitencia, dando aos apóstolos o poder de perdoar os peccados commettidos depois do baptismo, por mais enormes e numerosos que sejam. A caridade de Jesus para conosco é inesgotavel! Deus é offendido pelos homens, e dá aos homens o poder de os reconciliar com Elle! Podia, depois de morrer na cruz, abandonar os que ainda naufragassem no mar da culpa e deu-lhes a *segunda taboa de salvação*, como se expressa o concilio tridentino, para se salvarem! Como somos reconhecidos a nosso Salvador por este grande beneficio? Ah! talvez o consideremos como um jugo pesado! Talvez, até, temos abusado de tão santo sacramento, profanando-o sacrilegamente! Ao menos, não o tenho ido receber sem as disposições necessarias?... sem fructo?... sem emenda?...

INCREULIDADE DE S. THOME'

1. Ausencia de Thomé

Thomé, porém, um dos doze, que se chamava Didymo, não estava com elles, quando veiu Jesus. (Jo. 20, 24). — Thomé tinha sahido do Cenaculo levado talvez por sua incredulidade nas varias apparições de que alguns tinham sido testemunhas. Esta ausencia do collegio apostolico privou-o da graça de assistir á apparição de Jesus aos outros apóstolos reunidos. — Não é raro nas pessoas piedosas affectar singularidades; isentar-se, sem motivo plausivel, dos piedosos exercicios a que em certos dias costumam assistir os fiéis: O motivo muitas vezes não é outro sinão o orgulho, o amor proprio e o desejo de querer mostrar-se notavel e singular. *Aquelle que renuncia ás praticas de devoção feitas em commum perde certas*

graças especiaes a ellas ligadas, diz o autor da Imitação de Christo.

Thomé, em se ausentar dos outros apóstolos, cahiu em dois erros: preferir o seu parecer aos dos outros que diziam ser testemunhas oculares do facto da Ressurreição de Jesus, — e em se afastar da communiidade a que pertencia e a que devia estar unido. O apêgo ao proprio juizo é causa de muitos erros, e leva, geralmente, á completa cegueira do espirito.

2. Pertinacia na incredulidade

Disseram-lhe então os outros discipulos: Vimos o Senhor. — Ao entrar Thomé no cenaculo, todos o receberam com uma só voz: *Vimos o Senhor* — como uma nova que o devia interessar. E sendo tantas as testemunhas e de tão alta autoridade, como Pedro e João, e até a Santissima Virgem, Thomé acolheu a nova com um sorriso de descrença que devia esfriar o entusiasmo dos outros apóstolos, e scandalizá-los pela sua dureza de juizo. — Uma falta não anda só. A primeira puxa a segunda, a segunda a terceira, e vae-se, como se diz, de mal em peor; e si Jesus se não compadecesse deste seu apóstolo, haveria mais uma vaga no collegio apostolico.

3. Exigencias de Thomé

Elle, porém, disse-lhes: Si não vir em suas mãos a abertura dos cravos, e si não meter o meu dedo na chaga dos cravos, e a mão no seu lado, não crerei. — E' inaudita esta incredulidade de Thomé! O testemunho dos dez apóstolos, dos dois discipulos de Em-máus, das tres Marias, as circumstancias notaveis das quatro aparições tornam a sua incredulidade in-escusavel.

A incredulidade de Thomé subiu a ponto de impôr a Deus as condições de sua fé. Não se contenta com as que o Senhor lhe offerece, mas declara que não creará si o Senhor se não render ás suas exigencias. — Quantos incredulos procedem do mesmo modo! — *Não creio sem vêr!* — Mas si Deus condescende ás vezes

com os desejos temerarios dos incredulos, como com Thomé, e estes se não rendem, qual não será então sua condemnação? — E não pertenco eu mesmo á escola de Thomé? Depois de tantas provas de minha fé, ainda hesito em crêr, ainda duvido, e pouco me falta para adoptar a maxima do incredulo — *Não creio sem vêr!*

APPARIÇÃO DE JESUS AOS DISCIPULOS E A THOMÉ'

1. Jesus apparece aos apóstolos

E depois de oito dias, estavam de novo os seus discipulos dentro, e Thomé com elles. Veiu Jesus, estando as portas fechadas, e pôz-se no meio e disse-lhes: A paz seja comvosco (Jo., 20, 26). Havia oito dias que Thomé persistia na sua incredulidade, e nella continuaria, si Jesus não viesse em seu auxilio. Assim procura Jesus, como bom Pastor, reconduzir a ovelha desgarrada ao seu rebanho.

2. Apparece Jesus em presença dos outros apóstolos para que sejam testemunhas da reparação do escandalo que Thomé déra com sua incredulidade e, como peccára diante de todos, diante de todos se arrependesse, e alegrasse aos que com sua falta entristecera.

3. Apparece estando as portas fechadas, para nos ensinar a respeitar a fama alheia e a não revelar os defeitos de nosso irmão a quem não tem o direito de os conhecer, e a não reprehender ninguem publicamente sinão em presença daquelles que são as testemunhas de sua falta.

2. Jesus dirige-se a Thomé

Depois disse a Thomé: Mette aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos, traz a tua mão e mette-a no meu lado: e não sejas incredulo, mas fiel. — Dirige-se Jesus a Thomé, pois era por causa delle que esta nova

aparuição tinha lugar. Quando o incredulo apóstolo esperava uma severa reprehensão de seu Mestre, vê a excessiva bondade com que se presta a satisfazer as suas extravagantes exigencias. Mostra-lhe que é seu verdadeiro Deus, que lhe ouviu os protestos com que recusou crêr no que os outros apóstolos lhe diziam. Quaes não deviam ser o seu assombro e temor á vista de seu divino Mestre, contra quem se portára tão infielmente! Mas, ao vêr a bondade com que Jesus lhe fala, poz de parte todas as duvidas e temores e creu sem ser preciso verificar com o tacto que tinha a Jesus presente.

3. Profissão de fé de S. Thomé

1. *Respondeu Thomé e disse-lhe: Senhor meu e Deus meu!* — Palavras breves mas expressivas! Nel-las o apóstolo manifesta a sua fé na *humanidade* e *divindade* de Jesus. Este acto de fé foi acompanhado dos sentimentos de veneração, respeito, amor, submissão e arrependimento, pelos quaes mereceu que Jesus lhe perdoasse o passado e o admittisse em sua amizade.

2. *Disse-lhe Jesus: Porque viste, Thomé, creste; bemaventurados os que não viram e crêram.* — Palavras consoladoras para nós que não tivemos a dita de Thomé em ver Jesus resuscitado. Nós cremos, sem ver, o que elle creu, vendo; a nossa fé é por isso mais meritória. A recompensa, que lhe corresponderá no céu, não depende da evidencia que della temos pelo testemunho dos milagres, mas da céga submissão de nosso entendimento ao que Deus nos revelou.

APPARIÇÃO NA PRAIA DO MAR TIBERIADES

1. União dos discipulos

Depois disto, Jesus manifestou-se a seus discipulos na praia do mar de Tiberiades, e manifestou-se desta maneira: Simão Pedro e Thomé, chamado Dydimio, Nathanael, que era de Caná de Galiléa, os dois

filhos de Zebedeu, e dois outros discipulos, estavam juntos (Jo., 21, 1) — Aqui temos posta em pratica uma das muitas recommendações que Jesus fez a seus apóstolos: a união. Estavam juntos com Pedro. Fóra desta união dos membros com a cabeça, dos subditos com os superiores, não ha que esperar grandes fructos nos trabalhos e empresas da gloria de Deus.

2. *Simão disse-lhes: Vou pescar. Elles lhe contestaram: Vamos tambem contigo. Foram todos, e entraram na barca.* — Pedro fala e todos o seguem: elle propõe a pesca, emprehende-a e convida para ella os outros com seu exemplo. A seu convite rendem-se os outros discipulos e põem-se sob a sua direcção. Que admiravel conformidade de sentimentos e de vontade nestes discipulos! — Na vida de familia e na vida religiosa nada ha mais bello e mais proprio para fomentar a caridade e o amor que saber cada um de seus membros renunciar a seus gostos e opiniões para se conformar com a maneira de ver e agir dos outros no que não se oppõe á lei de Deus. Ha em mim esta conformidade?... Ou antes, não manifesto uma certa propensão para a contradicção? apêgo ao proprio juizo?

2. Uma noite de trabalho

E naquella noite nada pescaram. — Este trabalho infructifero de toda aquella noite foi providencial. Quiz Deus que na ausencia do Salvador nada pescassem, e que na sua presença fizessem uma pesca tão copiosa de um só lanço, para nos ensinar que trabalharemos em vão para a vida eterna sempre que o Senhor não estiver presente á nossa alma pela graça santificante, e que os esforços de nosso zêlo serão pouco efficazes, si não estamos unidos a Deus pela pureza de intenção e pelo espirito de oração. — Aquella noite passada numa pesca, de que não tiraram proveito algum, é imagem da noite do peccado, em que nossas obras, por mais custosas que sejam, de nada valem para a gloria celeste. Que fructo tiro eu dos meus

trabalhos? Não me succederá como a estes apóstolos trabalhar por toda a noite desta vida e encontrar-me no fim della sem nada nas redes?...

3. Jesus disfarçado na praia

Vindo a manhã, Jesus appareceu na praia: porém os discipulos não conheceram que era Jesus. — Os discipulos têm diante de si a Jesus, sem o conhecerem. O trabalho delles não lhe passou desapercibido. Quantas vezes nos julgamos sós na noite de nossas tribulações, no mar tempestuoso de nossas penas! Mas não! Jesus está perto, Jesus assiste a tudo, Jesus vê-nos lutando, assiste aos nossos combates na praia da sua gloria. Quando raiar a manhã da vida eterna, elle nos apparecerá, não disfarçado, mas em todo o seu esplendor, servindo-nos ao banquete eterno.

PESCA MILAGROSA

1. Jesus na praia

Disse-lhes, pois, Jesus: Moços, tendes alguma coisa de comer? Responderam-lhe: Não. — Jesus sabia muito bem que nada tinham pescado, e que, depois de uma noite de trabalho, estavam mortos de fome e fadiga. O seu amor queria socorrê-los nesta necessidade e recreá-los; mas, interrogando-os, queria colher de seus labios a confissão do insuccesso nocturno e da pobreza em que se encontravam. — O mesmo processo segue Jesus connosco. Quer ouvir a humilde confissão de nossa miseria, quer que nos reconheçamos precisados de seu auxilio, quer que nos disponhamos com ardentes desejos para recebermos os seus dons. E' por falta destas disposições que somos tão pouco mimoseados dos favores celestes.

2. Ordem de Jesus

Disse-lhes então Jesus: Lançae a rêde do lado direito do navio, e encontrareis. Lançaram-n'a logo; e já não podiam levantá-la por causa da multidão de

peixes. — Ainda que era um desconhecido quem lhes mandava, obedecem, e esta *simplicidade* na obediência merece-lhes tão abundante e miraculosa pesca! Obedeceram com promptidão, pois não esperaram por segunda ordem, mas logo tomaram as rêdes e lançaram-n'as ao mar. Obedeceram cegamente *contra o proprio juizo*, pois, tendo toda a noite lançado as rêdes para a direita e para a esquerda, tinham a convicção de que não havia ali peixe, e que era inutil qualquer tentativa de pesca. — A obediência *simples, prompta e cêga* às leis, aos superiores legitimamente constituídos, aos deveres do proprio estado, é a primeira virtude, aquella que deve reger todas as outras, e á qual devemos sacrificar nosso parecer, gostos e repugnancias.

3. Jesus é reconhecido

1. *Então aquelle discipulo a quem Jesus amava disse a Pedro: E' o Senhor.* — João é o primeiro a reconhecer a pessoa divina do Salvador. Deu-lhe esta precedencia a sua virgindade. *Só o virgem*, diz S. Jeronymo, *reconheceu o rei das virgens* 1). Oh! como a virgindade é caminho seguro para ver a Deus! Neste apostolo se cumpre literalmente a palavra do Salvador, que disse: "*Bemaventurados os limpos de coração, porque verão a Deus*".

2. *Mal Pedro ouviu dizer que era o Senhor, cingiu-se com a tunica e lançou-se ao mar.* — João foi o primeiro a descobrir o Senhor, mas Pedro foi o primeiro que foi ter com elle e lhe cahiu aos pés. O amor não lhe permite demorar. A marcha do barco sobrecarregado parece-lhe muito lenta para as presas do seu ardente amor. "Não contente com ver, impaciente com o desejo de se juntar ao divino Mestre,

1) *Solus virgo virginem agnoscit.* (Liv. I contr. Jovino c. 201).

sem pensar mais na pesca nem temer o perigo, ao ver o Senhor na praia, julga chegar tarde, si acompanha os outros no navio" 1).

JESUS DA' DE ALMOÇAR AOS DISCIPULOS NA PRAIA

1. Jesus prepara o almoço

Logo que saltaram em terra viram brasas postas e um peixe sobre ellas, e pão. — 1. Jesus com este milagre quiz confirmar o que tinha dito a seus apóstolos: que no exercicio de suas funcções, quando andassem lançando as redes a outros peixes e noutros mares, nada lhes faltaria. 2. A bondade, que nesta acção mostrou Jesus a seus discipulos, não tem exemplo! Elle se faz cozinheiro de seus apóstolos, preparando-lhes o almoço, como a mais terna mãe o não faria a seus filhos. 3. Esta solicitude de Jesus por seus apóstolos é imagem da que elle tem no céu por todos aquelles que trabalham na propagação do Evangelho e se sacrificam pela salvação das almas. Elle lá lhes está preparando o almoço eterno, que será o premio de suas fadigas.

2. Pedro contribue com os peixes

Disse-lhes Jesus: Trazei dos peixes que apañastes agora. Subiu Pedro e arrastou a rêde para a terra, cheia de cento e cincoenta e tres grandes peixes. — 1. Jesus quer que seus apóstolos tenham a satisfação de provar do fundo de seu trabalho. — As boas obras, que praticamos, serão o objecto do eterno manjar da gloria.

2. Nos cento e cincoenta e tres grandes peixes que Pedro encontrou na rêde estão representados os fructos abundantes do apostolado. Ali estão representados todos os povos convertidos ao christianismo pela

1) Non contentus vidisse, impatiens desiderii, negligens captio-
nis, inmemor periculi, ubi Dominum in littore vidit, serum esti-
mat, et cum cetera navigio perveniret (Jer. In c. 24 Luc.).

graça de Deus e pelo trabalho dos operarios da barca de Pedro. Cada um de nós foi apanhado naquella rêde.

E, ainda que eram tantos os peixes, a rêde não se rompia. — Não obstante a multiplicidade de povos entrados na Igreja, a fé não soffreu mudança, mas permaneceu sempre inteira e immutavel. Por mais numerosas que sejam as almas justas, a barca de Pedro a todos comporta.

3. Jesus convida-os a comer

Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. E nenhum delles se atreveu a perguntar-lhe: Tu, quem és? Sabendo que elle era o Senhor. E foi Jesus, e tomou o pão e deu-lh'o e o mesmo fez com o peixe. — Esta frugal refeição é imagem da que Jesus e seus apóstolos têm na conversão dos peccadores. E' o que significa o peixe que Jesus lhes manda trazer. 2. Jesus não só se faz cozinheiro, mas servente de seus amados discipulos. Neste momento se realizaram as palavras que elle disse na ultima ceia: *Estou agora no meio de vós como um que vos serve.* 1) — O' bondade infinita do Salvador! Elle nos preparou um manjar para todas as manhãs de nossa vida. Elle nos serve a si proprio no pão eucharistico, dando forças á nossa fraqueza para permanecermos fieis, e merecermos ser chamados para o banquete que nos tem preparado no céu.

JESUS NOMEIA PEDRO SEU VIGARIO NA TERRA

1. Jesus examina o amor de Pedro

Depois da refeição, Jesus disse a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais que estes? Sim, Senhor, respondeu elle, vós sabeis que vos amo. Diz-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros. (Jo., 21, 15).

1) *Ego autem in medio vestrum sum, sicut qui ministrat* (Luc. XXII. 27).

— Jesus aproveita esta ocasião da pesca milagrosa, em que Pedro tomou tão grande parte, como chefe da companhia, para lhe conferir a alta dignidade de seu vigário na terra e Pastor de toda a Igreja. Esta eminente dignidade exigia d'elle um grau também eminente de santidade e caridade. Por isso lhe pergunta si o ama, porque o trabalho que lhe ia confiar só com muito amor o executaria. 1) São Pedro não diz: Eu vos amo mais que estes, mas sómente: Sabeis que vos amo. Attinge só o amor, e omitta a comparação. A experiencia lhe tinha ensinado a ser circumspecto, a não se fiar de si, a não se preferir a ninguem.

2. Segundo exame do amor de Pedro

Disse-lhe de novo: Simão, filho de João, amas-me? Sim, Senhor, respondeu-lhe, vós sabeis que vos amo. — Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros. — Repete Jesus a pergunta, para exigir a constancia e firmeza no amor. Não basta dizer num momento de fervor: Meu Deus, eu vos amo! E' necessario que este amor arda constantemente em nosso coração. Pedro responde com a mesma humildade: Bem sabeis que vos amo. Receia de sua propria sciencia, e remette-se para a infinita Sabedoria do seu Mestre, que, melhor que elle, conhece o seu coração.

No perfeito amor de Deus está a perfeição da vida religiosa. Nesta repetida pergunta mostra Jesus o desejo que tem de ser amado, e foi da falta deste amor que se queixou a S. Margarida. E' dos religiosos que elle espera mais especialmente ser amado. Como temos correspondido a esta vontade do Salvador?... Qual é o meu crescimento neste amor?...

3. Pedro investido chefe de toda Igreja

Disse-lhe, pela terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Entristeceu-se Pedro, porque lhe dis-

1) *Interrogatur amor, imperatur labor*, diz S. Agostinho (tract. 154 in Joan.)

se pela terceira vez: Amas-me? e disse-lhe: Senhor, vós tudo sabeis; sabeis que vos amo. — Disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas. — Pedro, acostumado, depois da primeira queda, a desconfiar de si mesmo, desconfiou neste momento do seu proprio coração. Ao ouvir a terceira pergunta de Jesus si o amava, lembrou-se das tres quedas e das tres vezes que negára o amor a seu divino Mestre, e as lagrimas lhe vieram aos olhos. 2. Jesus não ignorava que Pedro o amava, mas quiz que expiasse as tres negações com tres actos de amor. 3. Agora que está tudo reparado, dá-lhe Jesus a ultima investidura do munus pastoral sobre toda a Igreja. Não são já os cordeiros, ou os simples fieis, que lhe encommenda, mas as ovelhas, isto é, os pastores dos fieis, sobre os quaes deve exercer toda a sua autoridade. Assim cumpre Jesus a promessa de lhe dar as chaves do reino do céu, isto é, o governo de toda a Igreja, e o constitue seu vigario na terra.

E' tambem o amor de Deus que deve caracterizar um apóstolo. Trabalhar por Deus, não ter outro fim sinão Deus, não esperar outra recompensa sinão Deus.

JESUS PREDIZ A PEDRO A MORTE DE CRUZ

1. A morte de Pedro

Em verdade, em verdade, te digo, quando eras joven, cingias-te a ti mesmo e ias aonde querias; mas quando fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e levará aonde não queres (Jo., 21, 18). — Pedro acabára de protestar tres vezes o seu amor a Jesus. Mas a lembrança das tres quedas, depois de ter publicamente affirmado o seu amor a Jesus, devia-lhe infundir um receio de vir a faltar ao promettido, si por acaso se visse em alguma prova semelhante áquella que o fez cahir a primeira vez. Esta duvida e incerteza o penalizava, mas Jesus certificou-o que permaneceria fiel até á morte. — Feliz apóstolo! Es-

tava seguro de tres coisas que todos nós ignoramos: — do tempo da morte, que seria na velhice; do genero de morte, que seria a de cruz; — da perseverança final, pois morreria martyr pela fé. Notemos qual é o premio que Jesus dá a seu apostolo: a morte de cruz. Estes são os mimos que Deus dá aos que mais ama.

2. Ordem de Jesus

E dizendo isto, disse-lhe: Segue-me. — Depois de Jesus ter assegurado a Pedro que seria fiel até á morte, manda que o siga. A que proposito vem agora uma ordem tão facil, depois de ter preparado seu discipulo para o martyrio? Jesus nos quiz ensinar que, para ser fiel nos grandes e difficeis sacrificios, é preciso sê-lo nos pequenos e faceis. Assim o prérgou elle antes de sua Paixão: *Aquelle que é fiel no pouco, é-o tambem no muito.* (Luc. 16) — Depois de Jesus confiar a Pedro o supremo pontificado, diz-lhe: *Segue-me*; pois não é outro o caminho para se desempenhar do arduo e gravissimo cargo que Jesus lhe confiou. Seguindo a Jesus encontramos a solução de todas as difficuldades; pois, por onde elle andou, todos podemos ir, ainda que seja até ao calvario, até á cruz!

3. Jesus reprehende a curiosidade de Pedro

Voltando-se Pedro, viu que o seguia aquelle discipulo a quem Jesus amava. E disse a Jesus: Senhor, e deste, que será feito? — Disse-lhe Jesus: Quero que fique assim até que eu volte. Que te importa? Tu, segue-me. — Grande lição para nós, que tanto gostamos de saber o que ha de succeder aos outros! Não devemos ser demasiadamente curiosos sobre o futuro que nos espera, mas pensarmos só no momento presente. Trabalhemos para sermos fiéis ás nossas obrigações e sigamos a voz de Deus quando e para

onde nos chamar. As palavras do Salvador são a melhor resposta que devemos dar ás perguntas curiosas que se levantam em nosso espirito: *Que te importa? Quid ad te?* — E' tentação ordinaria nas familias, mesmo nas religiosas, querer informar-me de tudo que se passa nas outras, ingerir-se nos negocios alheios, julgar ou interpretar em máu sentido as palavras e acções dos outros. E' com a palavra de Jesus: *Que te importa?* que se hão de rebater estas tentações. Que te importa? Que tens que ver com isso? Quem te encarregou de governar os outros? Não terás de dar conta dos outros, mas de ti.

APARIÇÃO EM GALILÉA

1. Os discipulos vão á Galiléa

Os onze discipulos foram para Galiléa, para o monte que Jesus lhes designou. (Mat. 28, 16) São Paulo, falando desta apparição, diz que os discipulos ali reunidos eram mais de quinhentos 1). Esta apparição é uma das mais apparatusas já pelo numero, já pelo lugar onde foi feita, já pelos resultados que della vieram para o mundo. Por isso foi annunciada pelos anjos e por Jesus Christo no dia mesmo da resurreição. A noticia propagou-se rapidamente e era grande a ansiedade de todos por assistir ao espectáculo para muitos nunca visto. Uns iriam por curiosidade, afim de ver um morto resuscitado; outros por affecto para com Jesus Christo, desejosos de lhe testemunhar respeito, amor e reconhecimento; a maior parte delles cheios de incredulidade. — Jesus está presente em nossos templos, e quantos o visitam?... Muito poucos: e desses, uns vão levados por curiosidade afim de ver e ouvir o que lá se passa; outros sem fé na presença real de Jesus na eucharistia; outros, e estes são os verdadeiros christãos, para adorar a Jesus sacramentado, testemunhar-lhe a sua dedicação e affecto.

1) I Cor. 15, 6.

2. Aparição de Jesus

E vendo-o adoraram-n'o: porém alguns duvidaram. O mesmo foi vê-lo que adorá-lo. Os que estavam convencidos de sua ressurreição, quaes eram os apóstolos e as santas mulheres, adoraram-n'o sem hesitar. Alguns, porém, duvidaram, isto é, não se prostraram por terra nem o adoraram, receiando qualquer aparição phantastica. Pela sua desconfiança e irresolução, faziam um deploravel contraste com a viva fé e alegria de todos os mais. Ficaram frios e insensíveis no meio dos santos ardores e piedosos entusiasmos dos discipulos crentes e fervorosos. — Não é raro verem-se nas familias christãs e comunidades religiosas membros fracos na fé, tibios e insensíveis ás manifestações do amor de Deus, ao lado de irmãos fervorosos e fieis aos deveres de sua vocação. Sou eu do numero dos fieis e fervorosos, ou faço côro com os que hesitam entre o bem e o mal, com os que

3. Jesus reprehende os incredulos

E exprobrou-lhes a incredulidade e dureza do coração. (Marc. 16, 14) Assim como Jesus reprehen-
deu a incredulidades dos discipulos de Emmáus, de Thomé e dos outros discipulos que não crêram nos que o viram resuscitado, tambem aqui não deixaria de censurar a pouca fé dos que não criam na sua ressurreição dando-lhes elle uma prova tão clara, tão evidente, tão palpavel. Esta dura incredulidade era uma affronta ao Salvador, que, tendo prophetizado tantas vezes que havia de resurgir ao terceiro dia, confirmára esta verdade com tantas aparições a seus discipulos, cujo testemunho merecia toda a fé, e com os factos extraordinarios da manhã da ressurreição. O divino Mestre, para que todos ficassem convencidos de que realmente tinha resuscitado e era o mesmo, teria com estes incredulos a condescendencia que teve com os outros discipulos tambem incredulos, dando-lhes algum signal da sua identidade.

Dissipae, ó Jesus, todas as duvidas, erros e incredulidades, que ainda afastam de vossa Igreja tantos infelizes, para que todos gozem os fructos de vossa Ressurreição.

JESUS ENVIA SEUS APOSTOLOS A PRÉGAR E BAPTIZAR

1. O poder de Jesus

E, aproximando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: Foi-me dado todo o poder no céu e na terra (Mat. 28, 18). — Jesus aproxima-se de seus discipulos para que o vissem bem e se certficassem que não era um phantasma que lhes falava. Depois que todos o reconheceram, declara-lhes o seu poder universal e supremo *no céu e na terra*, relativamente á salvação do genero humano. Todo este poder lhe é dado como a homem, pois como Deus já o possuia de toda a eternidade. — E' -lhe dado todo o poder *no céu*, onde comanda as innumeraveis legiões dos anjos; onde reina á direita de seu Pae; onde distribue os thronos aos seus eleitos; — donde nos envia o Espirito Santo, e vela sobre toda a Igreja. — Tem todo o poder *na terra*, onde fundou um reino que durará enquanto o mundo durar; onde vive sacramentado para continuar a obra da redempção; onde por meio de seus apostolos está submettendo á lei do Evangelho as nações infieis, convertendo os peccadores, santificando as almas; aonde enfim virá um dia, como juiz, a julgar os vivos e os mortos. Este poder deve encher-nos de confiança, pois temos nelle o remedio de tudo.

2. Jesus manda os apostolos ensinar as gentes

Indo, pois, por todo o mundo, ensinae todas as gentes. — Nestas breves palavras confiou Jesus a seus apostolos a obra grandiosa da evangelização do mundo. Confiou-lhes esta missão depois de lhes declarar que tinha todo o poder no céu e na terra, para

ihes ensinar que, apesar de ardua, essa missão era possível a suas forças auxiliadas pela graça divina. Manda-os ensinar *todas* as gentes sem distincção de raças e religiões, pois todos são chamados a entrar na Igreja. Todas as gentes, pois, estão obrigadas a aceitar a lei do Evangelho, nem é possível a salvação fóra da Igreja Catholica.

Não executa Jesus Christo por si mesmo a obra da regeneração do mundo, mas confia-a aos apóstolos. Qualquer superioridade que tenhamos, não julgemos que somos capazes de fazer tudo, e que ninguém o pode fazer melhor que nós. Muito menos devemos recuar ante os obstaculos que se oppõem ao cumprimento de nossos deveres, ou por nos julgarmos incapazes. Si Deus nos encarregar de alguma missão, dar-nos-á o auxilio necessario para a concluir.

3. Manda-os a baptizar

Ide, ensinae a todos os povos, *baptizando-os em nome do Pae e do Filho e do Espirito Santo*. — Com esta lei do baptismo ficou abolida a da circumcisão. Como uma sociedade visível não se pode constituir sem signaes visiveis de aggregação de seus membros, Jesus prescreve o baptismo como rito religioso, pelo qual são admittidos na Igreja os que recebem a prégação do Evangelho. O baptismo é uma verdadeira consagração, pela qual o baptizado, separado do mundo profano e pagão, fica pertencendo áquelle em nome do qual foi baptizado. Jesus não fala sinão deste Sacramento, porque é como que a base de todos os outros e absolutamente necessario para a Salvação. — E' pela profissão de fé na santissima Trindade e pelo baptismo conferido em nome das tres divinas Pessoas que Jesus Christo quer que seus fieis entrem na Igreja. Tambem eu fui baptizado: já não sou do mundo, mas de Christo. Não devo viver conforme as leis do mundo, mas conforme a lei do Evangelho. Fui consagrado a Deus Pae, a Deus Filho e* a Deus Espirito Santo, para viver só para os servir, para os louvar, para os amar.

JESUS ENVIA SEUS APOSTOLOS A PRÉGAR E BAPTIZAR

(Continuação)

1. Obrigação dos fiéis

Ensinai-os a observar tudo que vos mandei. — Jesus já impôz aos apóstolos a missão de evangelizar as gentes; agora trata do que devem fazer os fiéis. — 1. *Ensinai-os a observar tudo* e não parte do que vos mandei: *Quem falta numa só coisa é réu de tudo* 1). Estão, pois, os fiéis obrigados a observar tudo que se refere á moral, ao culto, á disciplina, aos sacramentos, e não só o que está escripto no Evangelho, mas também o que nos é transmittido pela tradição.

2. *Tudo o que vos mandei*: portanto outro propheta, outro messias, ou mesmo um anjo do céu que nos pregue uma doutrina contraria á do Evangelho, deve ser rejeitado.

3. *Ensinai-os*: só dos apóstolos podemos saber tudo que Jesus Christo lhes ordenou durante a sua vida mortal ou depois de sua resurreição; e não podemos saber sinão pela Igreja e pelos successores dos apóstolos o que os apóstolos ensinaram como prescripto por Jesus Christo. — E' portanto dever dos fiéis assistir ás pregações, homilias, catecheses e outras explicações da moral do Evangelho, para se conformarem com o preceito de Christo, pois não ha salvação sinão na lei que elle nos deixou.

2. Condição para a salvação

Quem crê e fôr baptizado, será salvo, quem não crê será condemnado (Marc., 16, 16). — Não ha meio termo: ou crê e ser baptizado, e salvar-se; ou não crê, e condemnar-se! Palavras consoladoras por um lado, pois nos mostram o caminho seguro e facil

1) *Quicumque autem totam legem servaverit, offendet autem in uno, factus est omnium reus.* (Jac. 2, 10.)

da salvação eterna; e terríveis por outro, pois encerram a condenação formal não só de todos os herejes, mas também de duas categorias de catholicos: *explicitamente* dos que falam com desprezo de certos dogmas, adoptando a maxima: *Pouco importa o que se crê, contanto que se viva bem*; — e *explicitamente* daquelles que, adherindo aos dogmas catholicos, vivem em desharmonia com sua fé; pois *a fé sem obras é morta*, diz S. Thiago 1); e — *é segundo as nossas obras que seremos julgados*, diz Jesus Christo 2). — E's christão? — Sim! E onde estão as obras de tua fé?... Crês na Eucharistia? e onde estão tuas communhões?... Crês no inferno? por que vives então no peccado mortal?... Crês no purgatorio? e como não evitas tantos peccados veniaes?...

3. Assistencia de Jesus á sua Igreja

E eu estarei comvosco até á consummação dos seculos. (Math. 28, 20) — Para que os apóstolos possam cumprir devidamente sua missão, além da assistencia permanente do Espirito Santo, que já lhes tinha prometido, promette-lhes também a sua assistencia invisivel, mas continua *de todos os dias*, e permanentemente *até á consummação dos seculos*.

E realmente — 1. Jesus está com seus apóstolos e successores, não para que não tenham que soffrer, mas para que não sejam vencidos da crueldade dos perseguidores 1).

2. Está na sua Igreja como Deus e como Homem Deus. Como Deus, por sua immensidade; como Homem-Deus, por sua presença real na eucharistia.

3. Está Jesus com seus apóstolos e conosco: a) pela graça habitual com que nos tem unidos a si; b) pelas graças actuaes dando-nos forças para trabalhar sobrenaturalmente; c) por uma especial pro-

1) Jac. 2, 20.

2) Math. 16, 27.

1) *Non ut nihil patiaris, sed quod multo majus est, ut nulla evangeticorum crudelitate superaris*, diz S. Prospero (l. 2 de voc. gent. c. 1).

videncia governando a cada um segundo sua vocação. Por todos estes modos estaes, Jesus, conosco neste exilio: quanto amor vos devemos por tanta benignidade!

ULTIMA APPARIÇÃO DE JESUS A SEUS APOSTOLOS

1. Jesus apparece-lhes á hora da refeição

Finalmente, estando os onze sentados á mesa, lhes appareceu. (Marc. 16, 14) — Esta ultima apparição reservou-a Jesus exclusivamente para os onze apóstolos. A elles consagra os ultimos momentos de sua vida gloriosa sobre a terra, como lhes tinha consagrado os da sua vida mortal. A sua condescendencia levou-o a sentar-se á mesa com elles, mostrando-lhes com este acto de intimidade uma predilecção particular. Eram os seus amigos, os companheiros de tres annos de vida apostolica, testemunhas de suas fadigas, perseguições e privações, os continuadores de sua obra sobre a terra: delles se ia separar naquella mesma tarde. Vem prepará-los para essa separação e dar-lhes os ultimos conselhos.

2. Jesus promette-lhes a sua assistencia

Aqui renovaria Jesus a promessa que fizera a todos os discipulos juntos no monte de Galiléa. Aproximava-se a hora em que os apóstolos iam ficar privados para sempre da presença sensivel de seu divino Mestre, que os encarregára da grande missão de ir ensinar a todas as gentes a lei do Evangelho. Sem Jesus, que podiam elles fazer, homens fracos e timidos? Este pensamento os lançava numa profunda tristeza. Para os consolar, Jesus promette-lhes sua assistencia. Ausente na apparencia, na realidade elle os acompanhará por toda a parte para os defender dos perigos e fazer prosperar os seus trabalhos. Elles o terão sempre consigo corporalmente na santa Missa

e na Eucharistia, e não só o tiveram aquella vez como commensal, mas todos os dias quando o recebem na casa de seu coração e com elle se entretêm familiarmente. O' bondade infinita! O' amor excessivo! Quem poderia imaginar em Deus tanta condescendencia com o homem!

3. Promette-lhes o Espirito Santo

E eu vos enviarei o promettido de meu Pae (o Espirito Santo). (Luc. 24, 49) — Para mais os confortar na sua ausencia, promette-lhes o auxilio especial do Espirito Santo, afim de os fortalecer e illuminar no desempenho da alta missão que lhes confiou. Assim véla Jesus Christo pelos seus amigos e pela obra admiravel de sua Igreja. Elle prevê tudo, attende a tudo, ordena tudo, pois a sua ausencia proxima vae ser até ao fim do mundo, e os apóstolos não têm mais occasião de conversar com elle e inteirar-se do que devem fazer. — Todas estas prevenções de Jesus Christo, ao deixar a terra, devem-nos fazer ver a grande importancia de nos salvarmos, pois a salvação das almas é o fim de toda a sua obra redemptora da fundação da Igreja, do magisterio apostolico. Elle proveu a sua Igreja de todos os meios necessarios para obter tão nobre fim. Ai! daquelles que não se aproveitam destes meios para se salvarem, pois no dia do juizo ser-lhes-á imputado como gravissima culpa o não se terem aproveitado delles para sua salvação.

ASCENSAO

1. Jesus caminha para o monte Olivete

E sahio com elles para Bethania. (Luc. 24, 50). — Jesus vae enfim deixar a terra e subir ao céu. O logar escolhido para a sua gloriosa Ascensão é o monte Olivete, proximo ao jardim das Oliveiras, para nos lembrar que o subir ao céu está junto ao soffrimento. Para lá, pois, se dirige com seus apóstolos.

Em vez, porém, de seguir o caminho mais curto, deu uma volta por Bethania, onde morava Lazaro e suas irmãs, para lhes agradecer as multiplas hospedagens que lhe tinham dado, e convidá-los para irem assistir á sua gloriosa subida ao céu. — Jesus não se esquece dos obsequios que lhe prestaram. E eu quão esquecido sou das graças que delle recebo!

Sahiu, pois, de Bethania acompanhado de Lazaro e suas irmãs e dos apóstolos, e caminham todos para o cimo da montanha. A saudade e tristeza, que os opprimia, não os deixa falar: ouvem porém avidamente os ultimos conselhos que Jesus lhes dirige. Incorporemo-nos neste cortejo, e vamos assistir á ultima manifestação do poder de Jesus sobre a terra.

2. No monte Olivete

E levantando as suas mãos, abençoou-os. — Chegados ao cimo e feitas as despedidas, que a piedade de cada um pode imaginar, Jesus, levantando as mãos, abençoou seus discipulos. Não sabemos quaes foram as bênçãos que lhes lançou, nem as palavras que para isso empregou. Mas não andariam longe das que usou na ultima ceia: *Pae santo, guarda em teu nome a todos os que me destes, para que sejam um, como nós.* (Jo. 17, 11) — Esta ultima bênção seria dada com especial affecto por Jesus Christo, e recebida pelos apóstolos com a mais profunda devoção, amor e recolhimento. — Foi uma bênção efficacissima que fez logo baixar do céu sobre elles as graças que lhes desejava. — Abençoou-os em seu nome, no do Pae e do Espirito Santo; e esta bênção não só se limitava a elles, mas estendia-se a todos os homens, ao mundo inteiro, que elle tinha remido com seu preciosissimo sangue.

3. Sobe ao céu

E succedeu que, emquanto os abençoava, separou-se delles e era levado para o céu. — (Luc. 24, 51) — Emquanto Jesus abençoava os seus apóstolos, despren-

de-se da terra, desta terra que elle regára com seu sangue, desta terra por onde andára durante trinta e tres annos, que santificára com seus passos, que evangelizára com sua doutrina, que beneficiára com tantos milagres. O' mysterio adoravel! As respirações estão suspensas, os olhos, immoveis, dilatam-se na contemplação deste nunca visto espectaculo! E Jesus continua subindo por sua propria virtude, até que uma nuvem o arrebatou e o furta aos olhares dos espectadores. Mas elles proseguem olhando, na esperança de que a nuvem passe e possam ver, ainda que por breves instantes, a pessoa adoravel do Salvador. Mas em vão! Jesus não se vê mais! A saudade que lhes ficou na alma não é explicavel. Como lhes pareceria vil e desprezivel a terra, ao ver o seu divino Mestre subir tão glorioso ao céu! O desejo de todos seria segui-lo. Seja elle tambem o nosso. Ponhamos no céu nossas esperanças, pois é lá a nossa verdadeira patria.

ASCENSAO

(Continuação)

1. Dois anjos falam aos apóstolos

E como olhassem para o céu, vendo-o subir, eis que dois anjos apparecem diante delles, com vestes alvas (Act., 1, 10). — Os apóstolos não podiam retirar os olhos do céu, por onde viram subir o seu divino Mestre, que os levou captivos consigo. Foi preciso que os anjos os viessem desenganar que não veriam mais o divino Salvador. — Varões da Galiléa, dizem-lhes, por que estaes olhando para o céu? E' muito bom e salutar olhar para o céu, mas não basta. E' necessario fazer por alcançá-lo cumprindo o que Deus nos manda, assignalando-nos por seu serviço, e adquirindo com boas obras e virtudes merecimentos que nos deem direito á gloria do paraíso. Que faço eu pelo céu?...

2. Os anjos annunciam a segunda vinda de Jesus ao mundo

Este Jesus que vistes subir ao céu, assim virá do modo como o vistes subir. (Act. 1, 11.) — Esta segunda vinda não será como a primeira. A primeira foi de misericórdia; a segunda será de justiça. Descerá da segunda vez como subiu da primeira, com toda a grandeza e majestade, mas descerá não para remir, mas para julgar. A esta segunda vinda referiu-se Jesus no tribunal de Caiphás, quando disse: *E vereis o Filho do homem descer nas nuvens do céu.* A esta segunda vinda de Jesus ao mundo todos havemos de assistir, pois toda a humanidade apparecerá diante d'elle para ser julgada — Preparemo-nos para esta segunda vinda com a pratica de todas as virtudes, para merecermos ouvir de seus labios aquellas palavras: *Vinde, benditos de meu Pae, possui o reino que vos está preparado desde o principio do mundo.* (Mat. 25, 34)

3. Os apóstolos voltam a Jerusalém

E elles adorando a Deus voltaram a Jerusalém com grande alegria. (Luc. 24, 52) — Obedientes á voz dos anjos, os apóstolos retiraram-se do monte Olivete e voltam a Jerusalém. *Adoram* beijando o lugar donde Jesus subira ao céu e onde deixára estampados os vestigios de seus pés. Voltam com alegria — 1. porque tinham assistido ao triumpho de seu Mestre que entrava vencedor no reino da gloria; — 2. por ir abrir-lhes o céu que o peccado dos primeiros paes nos tinha fechado; — 3. porque, elevando até ao mais alto do céu sua humildade santissima, ennobrecia a nossa pobre natureza e a tornava capaz de contemplar a natureza divina; — 4. porque lhes deixava a segurança de que lhes ia preparar um lugar junto de seu Pae. — Estes são os motivos de alegria que os alentam a proseguir a obra que lhes encarregou, esperando que dentro de poucos annos serão chamados a gozar da mesma gloria.

ASCENSAO

(Continuação)

1. O cortejo das almas resgatadas

E o Senhor Jesus... subiu ao céu, e está sentado á direita de Deus. (Marc. 16, 19) — Jesus subiu ao céu como um triumphador, levando consigo as almas resgatadas do Limbo. No triumpho que o senado romano decretava aos consules victoriosos, viam-se figurar no cortejo os principes vencidos, cuja humilhação revelava mais a gloria do vencedor. Jesus no seu triumpho é tambem acompanhado dos tropheus de sua victoria, mas estes vencidos não vão cobertos de cadeias, pois sendo tambem elles vencedores, levam coroas na cabeça e palmas na mão. São os santos do Antigo Testamento, que sahiram victoriosos do combate da vida e esperavam no limbo a vinda do Rei da Gloria para os libertar daquelle carcere. — Si vencermos o combate da vida contra o mundo e suas seduções, faremos tambem parte do cortejo que na segunda subida, depois do juizo universal, acompanhará Jesus Christo para o reino da gloria.

2. Jesus entra no céu

Chegando Jesus com toda esta comitiva ás portas do céu, estabeleceu-se aquelle grandioso dialogo que David nos descreve no psalmo 23. "Abri, principes, vossas portas, e vós, ó portas eternas, abri-vos! E entrará o Rei da gloria". E lá de dentro perguntam os anjos: "Quem é esse Rei da gloria?" — "É o Senhor forte e poderoso", dizem as almas que acompanham ao seu Libertador. E as portas, até então fechadas, abrem-se de par em par. O' spectaculo grandioso! Quem poderá assistir a esta entrada triumphal de Jesus em seu reino! Que festas, que alegrias, que hosannas e alleluias não solennizaram o Rei do céu e da terra ao tomar posse do seu reino! — Si por nossa fidelidade no serviço de Deus merecermos mor-

rer em sua amizade, também nós sahiremos victoriosos das provas desta vida e entraremos triumphantes na eternidade. Nossas boas obras nos farão cortejo e os anjos e santos celebrarão a nossa entrada.

3. Jesus é sentado á direita de seu Pae

Jesus foi subindo por todas as jerarchias dos anjos até chegar ao throno do eterno Pae. E disse-lhe: "Pae, cumpri a obra que me confiastes. Verti todo o meu sangue, paguei-vos a divida do peccado". E mostraria as chagas que recebera em sua crucifixão e conservára como signaes de sua obediencia. Apresentaria logo as almas resgatadas como primicias da redempção. Então o Eterno Pae mandou-o sentar á sua direita, segundo aquellas palavras de David: "Sentate á minha direita, enquanto faço de teus inimigos o escabello de teus pés. — Em nossa mão está preparar-nos uma felicidade semelhante. No dia do nosso baptismo foi-nos destinado no céu um throno com o nosso nome. Todos os nossos esforços, todos os nossos actos de virtude e amor de Deus, toda e qualquer boa obra, bom pensamento, bom desejo, será contado no livro da vida e dará a este throno uma nova belleza, um novo esplendor.

ALEGRIA DA RESURREIÇÃO

1. Para Jesus

Procuraes a Jesus de Nazareth? Resurgiu, não está aqui. (Marc. 16, 6) — Grande motivo de alegria foi para as santas mulheres ouvir uma tal nova; Jesus já se não encontra entre os mortos. Resurgiu! A alma uniu-se de novo ao corpo. O sepulcro não é mais a sua habitação. Delle sahiu glorioso e triumphante como o sol que se levanta no horizonte e alegra toda a natureza com a sua luz.

Jesus resurgiu! Que alegria para elle, para os apóstolos, e para nós!

Para elle: é o fim das dôres! Já não soffre mais! já não morre outra vez! Por trinta e tres annos de vida cheia de trabalhos e perseguições uma eternidade feliz, uma vida incorruptivel! Por uma cruz de infamia, um throno de gloria! Pela purpura e a canna irrisoria, um manto de realza eterna, um sceptro, a que se curvam reverentes anjos e homens, o céu e a terra! — Tal será a nossa gloria, si a nossa vida, na terra, se parecer com a de Jesus: *Si padecemos juntamente com elle, com elle seremos glorificados*, diz S. Paulo. (Rom. 8, 17).

2. Para os apóstolos

Para os apóstolos sobretudo foi a Ressurreição de Jesus um motivo de extraordinaria alegria. O estado em que se encontravam era de tristeza, de duvida, de temor dos Judeus, de hesitação na fé, de falta de esperança, de desconfiança e confusão por terem abandonado tão covardemente o seu divino Mestre. Jesus com sua resurreição vem dissipar todas estas nuvens sombrias — que lhes acabrunham o espirito. Elle os tira das profundas tristezas da semana da Paixão; — elle os conforta na fé em que estavam abalados; — elle lhes apparece com a mesma bondade com que antes os tratava! de tímidos os torna fortes; de tristes, alegres; de tibios e vacillantes na fé, fortes e firmes. Elle enxuga as lagrimas a Magdalena, que chora por se ver sem o seu Mestre; e as de Pedro, que chora seu peccado. Elle reconduz ao rebanho os dois discipulos que se ausentavam para Emmáus, e condescende com as exigencias de Thomé para o tirar de sua piedosa teimosia e escandalosa incredulidade. — Si Jesus resuscitar em nosso coração pela communhão paschal, operará nelle semelhantes prodigios. Recebamo-lo com fé, humildade e amor.

3. Para nós

Ainda que o facto da Ressurreição de Jesus se deu ha vinte seculos, a alegria, que d'elle resulta, ainda hoje nos inunda o coração e nos enche a alma de jubilo. Ainda que tão distantes, Jesus resuscitou tambem para nós, como para os apóstolos. Como elles, nós nos alegramos 1º por ver o nosso Salvador triumphar de seus inimigos, zombando de todos os meios que empregaram para o reter no sepulcro; 2º por vê-lo vencer a morte, obrigando-a a restituir a seu corpo morto a vida que lhe roubára; 3º por vê-lo adornado com os dotes da agilidade, impassibilidade, immortalidade, subtileza e claridade; 4º por ver nelle o modelo de nossa resurreição, esperando que todas estas maravilhas se hão de realizar em nós, ainda que em differente gráu, como a fé nos ensina. *Si Christo resuscitou, diz S. Paulo, tambem nós havemos de resuscitar.*

O' Jesus, fazei que no dia da minha resurreição eu sinta as doces alegrias da vossa, indo gozar da vossa presença com vossos anjos e santos.

A GLORIA DE JESUS NA RESURREIÇÃO

1. O sepulcro de Jesus glorioso

E collocou o corpo do Senhor no seu sepulcro novo, que mandára abrir numa rocha. (Math. 27, 60). — O sepulcro onde foi depositado o corpo de Jesus merece tambem nossas reflexões. — Este sepulcro é glorioso — 1º, porque foi o primeiro sacrario onde esteve encerrado o corpo de Jesus unido á divindade. Aberto numa rocha, nelle não tinha ainda sido sepultado ninguem. Era um sepulcro virgem para receber o corpo virginal de Jesus. — E' glorioso o sepulcro de Jesus, porque nelle se operou a grande maravilha que foi a resurreição de Jesus e d'elle sahiu, deixando-o intacto. 3º. Pela grande veneração que até hoje conserva, attrahindo de todas as partes do mundo numerosos peregrinos, que, á imi-

tação das santas mulheres e dos apóstolos, o vão visitar. — Também nós havemos um dia de sahir do sepulcro. E será com gloria ou sem ella?... será com gloria si o nosso corpo andar unido a uma alma pura e delle sahir revestido dos dotes gloriosos a que uma santa morte lhe dará direito.

2. O corpo de Jesus glorioso

Está nos planos e decretos de Deus que sejam mais exaltados os que mais se humilharam. Ora, Jesus em seu corpo foi humilhado até ser tido por um verme. Desde os pés até á cabeça não havia nella parte sã. Os tormentos da flagellação, da coroação de espinhos, da crucifixão fizeram-n'o passar pela humilhação mais profunda a que póde baixar um sêr humano. A resurreição veio levantá-lo desse estado de aniquilamento, desse abysmo de baixaza a que se reduzira por nossos peccados. Esse corpo retalhado pelos açoites, desfigurado pelas chagas e esgotamento de todo o seu sangue, reveste uma nova formosura, cobra novos alentos de vida, de vida juvenil, de vida eterna. Por um corpo pesado, opaco, sujeitô ás dôres e á morte, recebeu um corpo subtil, transparente, immortal, impassivel. — O' santas austeridades! Quanto mais humilhado fôr o meu corpo debaixo do flagello da penitencia, quanto mais desfigurado pelo jejum e abstinencia, tanto mais glorioso sahirá do sepulcro na resurreição universal!

3. Gloria da alma de Jesus

A alma de Jesus foi saturada de opprobrios. Elle foi tratado como o ultimo dos homens, como o mais culpado dos malféitores. Na opinião dos grandes de Jerusalém foi tido por um mentecapto, por um blasphemô. Durante a Paixão sua alma foi submersa num mar de tristezas e amarguras. — A todas estas humilhações succede agora o triumpho, a gloria, a exaltação. Os mesmos que tanto concorreram para as

humilhações de Jesus são agora testemunhas de sua exaltação. Os soldados, que ha pouco o insultavam, fogem aterrados ao vê-lo sahir do sepulcro como um gigante. Os pontífices vêem-se obrigados a confessar o facto da resurreição, e Jerusalém, theatro de suas humilhações, está cheia dos rumores que circulam da resurreição de Jesus. A alma de Jesus, que superou o grande combate, que esgotou o calix das humilhações, sente-se inundada das mais ineffaveis delicias, de uma gloria e felicidade imperciveis. — Quanto mais humilhados vivermos, quanto mais desconhecidos, quanto mais desprezados por amor da virtude, mais glorificados, mais exaltados, mais engrandecidos seremos por Aquelle que exalta os humildes e humilha os soberbos.

PROPRIEDADE DA RESURREIÇÃO DE JESUS CHRISTO

1. Foi cedo

A Resurreição de Jesus não só é o modelo da nossa resurreição corporal no ultimo dia do mundo, mas tambem da espiritual, quando nos acontecer pelo peccado morrer para a vida da graça. Primeiramente Jesus Christo resuscitou no domingo de manhã *muito cedo*. Rigorosamente permaneceu no estado de morte só um dia inteiro, com a tarde do dia em que morreu, e a manhã do dia em que resuscitou. — Tão cedo deve ser a nossa resurreição espiritual, não só a que nos tira da morte do peccado para a vida da graça, como tambem a que nos levanta do estado de languidez, inercia e tibieza espiritual para o fervor e actividade na pratica da virtude.

2. Foi verdadeira

A resurreição de Christo foi, em segundo lugar, *verdadeira*. *Surrexit Dominus vere*. (Luc. 24, 34). O Senhor resuscitou verdadeiramente, disseram os discipulos no Cenaculo aos dois que voltavam de Emmáus.

Elle deu a seus apóstolos todos os signaes de que tinha resuscitado, e de que não era um phantasma. A' sua imitação, pois, devemos resuscitar espiritualmente, com toda a verdade, sem dissimulação nem hypocrisia. Tal será nossa resurreição, si, como Jesus Christo resuscitou por seu proprio poder e vontade, assim nós resuscitarmos interiormente por um acto resolutivo de nossa vontade, com uma transformação radical de nosso interior, não nos contentando só com praticas puramente exteriores.

3. Foi manifesta

Em terceiro lugar a resurreição de Christo foi *manifesta*. Todos os apóstolos e grande numero de discipulos foram della testemunhas. Os mesmos judeus se viram obrigados a confessar este facto, subornando os soldados para que o não divulgassem. — Não basta que nos renovemos em nosso interior. Si a nossa mudança de vida, para melhor, é sincera, deve manifestar-se exteriormente. Si com nosso mau proceder fomos causa de escandalo arrastando outros ao peccado, com nossa resurreição espiritual devemos reparar o escandalo e movér outros á virtude.

4. Foi para sempre

Jesus Christo resuscitou não como Lazaro, para tornar a morrer, mas *para sempre*, para a vida eterna. Christo, diz S. Paulo, *resurgindo dos mortos, já não morre. A morte não terá mais imperio sobre elle.* 1) — Tal deve ser a nossa resurreição: não para morrer de novo, para de novo peccar, para de novo voltar aos máus habitos, mas para viver para sempre com Deus na alma, em sua graça, em seu amor.

5. Foi gloriosa

Finalmente Jesus Christo resuscita com um corpo adornado dos quatro dotes de claridade, impassibili-

1) Christus resurgens ex mortuis jam non moritur; mors illi ultra jam non dominabitur. (Rom. 6, 9.)

dade, subtileza e agilidade. Taes devem ser tambem os dotes de uma alma devéras convertida a Deus. Ha de revestir-se da *claridade* da graça que é o adorno de toda a alma pura; — da *impassibilidade*, que se revela na paciencia inalteravel em meio das adversidades e tentações: — da *subtileza* com que penetra e medita as verdades eternas e descobre os perigos do mundo e enganos do demonio; — da *agilidade* no exercicio constante da virtude, das obras de zelo, na prompta obediencia e na exacta observancia dos proprios deveres.

6. Foi para o céu

Jesus resuscitou *para o céu* e não para a terra. Nella só ficou o tempo preciso para completar a obra da redempção e a instituição da Igreja, mostrando-se a seus apóstolos em aparições rapidas. — Si resuscitamos com Jesus Christo, procuremos o que elle buscou: o céu e não a terra. *Si resuscitastes com Christo*, diz S. Paulo, *procurae as coisas de cima, onde está Christo sentado á direita de Deus: gostae as coisas do céu, e não as da terra.* 1)

O' Jesus, operaes em minha alma estes efeitos admiraveis da vossa Resurreição! Tiraes-me da morte do peccado, illuminaes-me com a luz da graça, confortaes-me com a esperanza nas vossas promessas e guiaes-me pelo caminho da virtude até á patria celeste, onde vos goze para sempre. Amen.

JESUS APPARECE A MARIA, SUA MAE

1. Crença geral nesta aparição

Procuraes a Jesus de Nazareth? Resuscitou, não está aqui, disseram os anjos ás santas mulheres. Aqui se nos offerece uma pergunta: por que não foi tambem ao sepulcro a Mãe de Jesus? Amava-o ella me-

1) *Ignitar se consurrexistis cum Christo que sursum sunt querite, ubi Christus est in dextera Dei sedens: que sursum sunt opte, non que super terram.* (Col. 1. 1. 2).

nos que as outras mulheres? — Primeiramente Maria não foi ao sepulcro com as outras mulheres, porque a fé na resurreição de seu Filho era inabalável. É em segundo lugar, porque, ainda que o Evangelho o não diz, Jesus, logo que resuscitou na manhã do domingo, appareceu a sua Mãe santissima. Não é contra esta crença o dizer S. Marcos que o Senhor appareceu *primeiramente* a Magdalena, pois, tendo de apresentar testemunhas da resurreição, não havia de começar pela Virgem como mais interessada na gloria de seu Filho. S. Anselmo de Cantuária crê que seriam no Evangelho palavras inuteis aquellas que se empregassem em narrar factos tão evidentes. S. Ignacio de Loyola diz que tem falta de criterio quem nega que Jesus appareceu a sua Mãe primeiro que aos discipulos.

2. Como Jesus apparece a sua Mãe

Qual não foi pois a alegria desta Mãe desolada ao ver diante de si o seu Filho transfigurado! Vamos considerando todos os motivos desta alegria: a) Maria viu *de novo* seu Filho, que a morte lhe tinha arrancado dos braços e caricias maternas. Grande consolação era já vê-lo, ainda que não fosse sinão como antes o via. Assim foi grande a alegria da viuva de Naim ao ver de novo seu proprio filho que Jesus resuscitára; grande foi tambem a alegria das irmãs de Lazaro ao ver de novo seu irmão vivo. Mas a alegria da Senhora foi incomparavelmente maior, pois — b) viu a seu amado Filho, não como antes era, mas *resuscitado* por seu proprio poder, vencedor da morte e de todos os seus inimigos; — c) viu-o *glorioso*, resplandecente como um sol, com os dotes da immortalidade e subtileza, agilidade e claridade; — d) viu-o *cortejado* de tantas almas que elle conquistára com sua morte, entre as quaes veria — e com que jubilo! — as de seus santos paes e castissimo esposo; e) viu-o *celebrado* pelo cõro dos anjos e de todas aquellas almas que o acompanhavam desde o Limbo cantando:

E' digno o Cordeiro, que foi morto, de receber virtude, divindade e sabedoria, e fortaleza, e honra, e gloria, e benção. (Ap. 5, 12).

3. Causas deste favor

E com que mereceu a Mãe de Deus este favor? — 1. O ser mãe, e mãe como ella o foi, dedicada, terna, solícita, sacrificada em velar pela vida de seu Filho, por o vestir e sustentar com toda a dedicação. Jesus não quiz tambem faltar a um dever de filho dedicado e agradecido, concedendo-lhe a honra de ser a primeira a experimentar as alegrias da grande festa da Resurreição. — 2. O Ser Mãe *martyr*, tendo soffrido em sua alma mais que todos os martyres juntos soffreram em seus corpos pelo amor de Jesus Christo; 3. Mãe *crucificada* juntamente com seu Filho. Ella se offereceu ao supplicio subindo a encosta do Calvario, prompta a ser crucificada com elle. Si o não foi no corpo, foi-o na alma, recebendo nella todos os golpes com que se cravaram os pés e mãos de seu Filho na cruz. 4. Mãe *alanceada*, com o coração trespassado dessa lança formada de todos os tormentos phisicos e moraes que atormentavam seu filho! — Si queremos ter parte nas alegrias da resurreição de Jesus, tenhamo-lo nas suas dores. Quanto mais perto estivermos de sua cruz, mais perto estaremos delle na gloria do paraíso.

DAS CHAGAS COM QUE JESUS CHRISTO RESUSCITOU

1. Para gloria propria

Que chagas são estas no meio de tuas mãos? (Zach. 13, 6) Quiz Jesus Christo conservar em seu corpo glorioso as chagas que recebera na cruz para que a luz da gloria não escurecesse a causa mesma da gloria, diz Euzebio Emisseno 1). Quiz que constasse

1) *Ne causam ipsam gloriae obscuraret lux gloriae* (hom. 10 in Pasch).

eternamente que fôra pelas chagas de sua Paixão que comprára a gloria do paraizo. — Si este é o preço da eterna gloria, que hei de eu apresentar um dia ao divino Juiz para a comprar, eu que tanto fujo do soffrimento e tão solícito sou por minhas commodidades?... A Christo foi preciso soffrer para entrar na sua gloria 1); — haverá para mim outro caminho?...

2. Para recordar-se de nós

Outra causa que moveu a Christo conservar em seu corpo glorioso as cicatrizes da Paixão, foi para ter nellas uma constante recordação do amor com que nos remiu e por quem as quiz soffrer. Nellas vê o preço da nossa salvação e por ellas continua ainda a amar-nos, que tão caros lhe fomos. O' bondade infinita! Jesus quer recordar-se de mim eternamente, quer ter-me presente em suas chagas, quer mostrar a seus escolhidos com quanto amor os remiu! — E eu tão esquecido do grande amor com que Jesus me remiu! Mas como hei de lembrar-me do meu Salvador e de seus infinitos padecimentos, si não me esqueço das creaturas que me impedem a lembrança de Deus! São as chagas o logar de refugio das almas puras; nellas encontram o balsamo suavissimo para todas as penas desta vida.

3. Reprehensão para os máus

A terceira causa das chagas no glorioso corpo de Christo é para no dia do Juizo mostrá-las aos reprobos para lhes exprobrar a dureza dos corações e o terem sido, com seus peccados, a causa dellas; — para lhes mostrar a ingratição com que lhe pagaram tanto amor, vivendo esquecidos de sua Paixão e não se querendo aproveitar della para se salvarem — para os reprehender tacitamente de sua vida commoda e sensível, pois soffrendo o Filho de Deus em seu corpo mortal os maiores tormentos para alcançar a gloria eterna,

1) Luc. 24, 26.

elles os condemnados só pensaram na vida presente e nada fizeram pela futura. — Para os Bemaventurados serão fonte de suavíssimas consolações, pois a ellas attribuirão a felicidade que alcançaram. — Como olharei para ellas? Com alegria ou confusão?...

DA VINDA DO ESPIRITO SANTO

1. Tempo em que veiu

Tendo-se completado os dias do Pentecostes estavam todos no mesmo lugar. (Act. 2, 1) Não é sem mysterio que S. Lucas faz menção do tempo em que veiu o Espirito Santo. O Pentecostes era celebrado na antiga lei em acção de graças pela messe de trigo 1) e pelo dom da Lei sobre o monte Sinai.2). A' lei do temor veiu, pois, o Espirito Santo substituir a lei do amor, escrevendo-a no coração dos fiéis, tornando-nos por meio della o jugo de Christo suave e a carga leve. Descei, divino Espirito, e escrevei esta lei do amor em meu coração para que não sirva a Deus por necessidade servil mas por amor filial.

2. Como veiu

Fez-se de repente um ruido do céu como da vinda de um sopro vehemente. (ib.) Reflectamos um pouco em todas as circumstancias: a) *fez-se um ruido* para despertar a attenção dos apóstolos e excitar os indolentes. b) *De repente*: porque o Espirito Santo não tem hora fixa para visitar as almas, mas deve sempre ser esperada e pedida. c) *Do céu* donde nos vem todo o dom *optimo*, isto é, o Filho de Deus, e todo o dom perfeito, isto é, o Espirito Santo. d) *Como espirito*, isto é, vento cujas diversas propriedades, como proprias do Espirito Santo, podemos considerar. e) *Vehemente* para denotar o impeto com que impelle o nosso coração para as obras da virtude. Vinde, Espirito divino, com estas propriedades a meu coração.

1) Exod. 34, 22; (Levit. 23. 15.) Deut. 16. 9.

2) Exod. 19. 1.

3. Efeitos que produziu

E encheu toda a Casa onde estavam sentados. — Nestas palavras se mostra a abundancia de dons com que foi cheia a Igreja nascente. Nenhum dos que estavam no Cenaculo foi excluido. Assim desça hoje o mesmo Espirito Consolador e encha a casa de minha alma com os seus sete dons. Abre-lhe todas as portas para que possa penetrar nella com toda a sua plenitude. Mas para isto é preciso que esteja, como os discipulos, recolhido pela oração e compostura da alma. A alma que anda vagueando pelas creaturas não póde ser penetrada completamente deste divino Espirito.

DA VINDA DO ESPIRITO SANTO EM LINGUAS DE FOGO

1. Symbolismo das linguas

E appareceram sobre elles linguas espalhadas (Act. 2, 3). — E' notavel a forma por que o Espirito Santo baixou sobre os apóstolos, sob a forma de linguas. O fim que teve o Espirito Santo em se manifestar desta maneira foi para mostrar que vinha fazer dos apóstolos pregadores da nova lei, e para falarem ao povo as grandezas de Deus. — Pela lingua devo reconhecer si tenho o Espirito Santo em meu coração. Da abundancia do coração fala a boca.

2. Symbolismo do fogo

Como de fogo. — O Espirito Santo appareceu outras occasiões sob varias figuras: da nuvem, da pomba, do rio, etc.; aqui sob a forma de fogo, com o qual os apóstolos se illuminassem e illuminassem os outros; accendessem a si e accendessem aos outros e purificassem a mente dos peccadores, dotes estes dos pregadores evangelicos que o Espirito Santo vinha formar. — Este fogo é-me necessario para illuminar as

trevas de minha alma e para purificar o meu coração dos vícios e peccados! Vem, Espírito divino, e o fogo do teu amor accende nos corações!

3. Localização das linguas

E pousou em cada um delles. — Esta sessão, diz S. Gregorio Nizianzeno, significa a excellencia da regia dignidade no Espírito Santo, 1) com a qual tomou posse do coração dos discipulos. *Sentou-se* para não se apartar jámais delles, pois os apóstolos ficavam com esta vinda confirmados em graça. — Oh! si o Espírito obtivesse também em meu coração esta regia dignidade! Vinde, Espírito de fortaleza, confirmar-me na graça, pois sou tão variavel e inconstante! — Elle reinará em mim si eu quizer: é não admittir o dominio da carne e obedecer ás divinas inspirações.

FIM DA VINDA DO ESPIRITO SANTO

1. Primeiro fim

Eu pedirei ao Pae, e dar-vos-á outro Paráclito, o Espírito da Verdade, que o mundo não pôde receber (Jo., 14, 16). — Um dos fins da vinda do Espírito Santo é ser *Paraclito*, isto é, consolador, como *Espírito de verdade* vem ensinar os apóstolos a discernir a falsidade da verdade. Quantas tribulações não gera a falsidade das coisas da terra! O Espírito vem, não como enviado de Deus, mas como nosso Senhor e nosso Deus, como Creador e soberano Senhor do céu e da terra.

Como Espírito Consolador, alegremo-nos com este acontecimento e agradeçamos ao Espírito Santo todos os bens que nos trouxe. Que thesouros de graças nesta festa! Ella nos deu o Espírito Santo, a Igreja com todas as graças e bens de que ella é origem: ella nos deu a vida christã, o mundo christão, a lei christã,

1) *Sessio haec regiae in Spiritu Sancto dignitatis excellentiam* (Orat. 44 de Pentec.)

as virtudes e costumes do christianismo, cuja primeira comunidade de Jerusalém nos offerece um quadro tão bello!

2. Segundo fim

Quando vier o Espirito de verdade, ensinar-vos-á toda a verdade (Jo. 16, 13). — O segundo fim é para dar aos apóstolos a intelligencia daquillo que Christo lhes ensinou, ou abertamente ou occultamente, para ser communicado a toda a Egreja. Aqui apparece a providencia que Deus tem dos seus, procurando afastar de suas mentes todo o erro. O entendimento é que seduz a vontade. Quanto é pois conveniente que descubra as falacias e se informe dos altos principios da verdade, para que não seduza a vontade com os falsos principios da carne e do mundo? Quaes são os principios que me regem?... São conformes á verdade?...

3. Terceiro fim

Quando elle vier, arguirá o mundo do peccado, da justiça e do juizo (Jo., 16, 8) — O terceiro fim por que veiu o Espirito Santo foi para arguir o mundo por meio dos apóstolos e para o corrigir. Por que então se attribue ao Espirito Santo o munus odioso de reprehender e arguir? E' porque o Espirito Santo é o Espirito de amor, e para que toda a reprehensão se faça no espirito de amor e brandura. De tres coisas vem arguir o mundo: 1º, do peccado da incredulidade; 2º, da justiça, por se julgar o mundo justo, sendo nelle tantas as injustiças; 3º, do juizo em escolher o diabo para principe deste mundo. Vê qual é tua fé! Em que obras se firma? Sou justo com falsa estimação? Ouço as suggestões do demonio?

FRUCTO DA VINDA DO ESPIRITO SANTO

1. Novo Baptismo

Vós, porém, sereis baptizados no Espírito Santo (Act. 1, 5). — As sagradas letras chamam á vinda do Espírito Santo baptismo, para mostrar que os efeitos produzidos nos apóstolos no dia de Pentecostes são parecidos aos do baptismo: — perdão dos peccados, remissão da pena, graça, caridade perfeita e união com Deus e todos os habitos das virtudes sobrenaturaes. O' sorte feliz a dos bemaventurados apóstolos! Ainda que no baptismo recebi todos estes dons do Espírito Santo, quanto me falta para a perfeição! Vem, Espírito Santo, enche da graça superna os peitos que creaste.

2. Caridade

A caridade diffundiou-se em nossos corações pelo Espírito Santo. (Rom. 5, 5) — Esta palavra de S. Paulo diz-nos outro efeito do Espírito Santo: a caridade. Esta caridade nos apóstolos consistia no zelo da conversão de todo o mundo á fé e gloria de Deus, sem medo dos perigos, dos tormentos e da morte, que tanto pouco antes os aterravam e que os fizeram abandonar e negar seu divino mestre! A vinda do Espírito Santo a minha alma deve-se revelar por esta caridade e zelo da gloria de Deus e salvação das almas.

3. Dom das linguas

Começaram a falar em varias linguas. (Act. 2, 4.) — Ao zelo e caridade juntou o Espírito Santo nos apóstolos o dom das linguas, para poderem prégá a todas as gentes o Evangelho. Deu-lhes as graças conforme á missão que lhes confiava e em harmonia com o estado de cada um. Aquelles, a quem chama ao apóstolado, costuma Deus prover dos meios necessarios á sua vocação. — O mesmo fez commigo, dando-me meios abundantes para minha salvação. O mal está em que muitas vezes não nos aproveitamos delles.

INDICE

Prologo	5
I parte: INFANCIA DE JESUS	
Apparição de são Gabriel a Zacharias.....	11
Como Zacharias recebe a embaixada.....	13
Nascimento de são João.....	14
Maria desposada com são José.....	17
Annunciação do anjo são Gabriel.....	18
Saudação do Anjo.....	20
A embaixada do anjo.....	22
O mysterio da incarnação.....	24
Consequencias do mysterio da incarnação.....	26
Visitação	28
Glorificação de Maria.....	29
Magnificat	32
Perplexidade de são José.....	34
O anjo revela a José o mysterio da incarnação.....	35
Viagem de Maria e José a Belém.....	37
Chegam a Belém.....	40
Nascimento de Jesus.....	41
Contemplação de Jesus no presepio.....	43
Jesus nasce pobre.....	46
Revelação aos pastores.....	49
Signaes para conhecer o Messias.....	51
Adoração dos pastores.....	52
Os pastores voltando do presepio.....	54
Circumcisão do Senhor.....	56
Virtudes de Jesus na circumcisão.....	57
Do nome de Jesus I.....	59

Do nome de Jesus II.....	61
A estrella no oriente.....	62
Virtudes dos magos.....	65
Os magos em Jerusalém.....	67
Os magos saem de Jerusalém.....	69
Adoração dos magos.....	71
Os presentes dos magos.....	72
A volta dos magos.....	74
Purificação de Maria.....	75
Apresentação de Jesus.....	77
Encontro com Simeão.....	80
Canto de Simeão.....	81
Prophesia de Simeão.....	83
Anna prophetiza.....	86
A ordem de fugir para o Egypto.....	88
Execução da ordem.....	90
Vida da sagrada familia no Egypto.....	91
Morte dos innocentes.....	93
Regresso da sagrada familia.....	95
Ida da s. familia ao templo.....	97
Jesus perdido.....	99
Jesus encontrado.....	100
Vida em Nazareth.....	102
Vida occulta.....	104
Vida de progresso.....	107
Vida de santidade.....	108
Vida de trabalho.....	110

II parte: ENSINAMENTOS

Pregação de s. João Baptista.....	115
Testemunho de s. João Baptista.....	118
Baptismo de Jesus.....	121
Jesus no deserto.....	124
Tentações de Jesus.....	126
Vocação dos primeiros discipulos.....	129
Vocação de Felippe e Nathanael.....	132
Milagre das bodas de Caná.....	134
Jesus expulsa do templo os profanadores.....	136
Entrevista de Jesus com Nicodemos.....	139

A Samaritana I.....	142
A Samaritana II.....	145

Das bemaventuranças

Primeira bemaventurança	148
Segunda bemaventurança	150
Terceira bemaventurança	153
Quarta bemaventurança	156
Quinta bemaventurança	158
Sexta bemaventurança	161
Setima bemaventurança	164
Oitava bemaventurança	166
Qualidades dos apóstolos.....	169
Da observancia da lei.....	171
Deveres para com o proximo.....	174
Amor dos inimigos.....	176
Um christão não deve tratar ninguém como inimigo	177
Modelo para o perdão dos inimigos.....	178
A esmola	179
Da oração	182
Da oração dominical.....	184
Os thesouros	189
Dois senhores	192
Abandono á Providencia.....	193
Dois caminhos	195
Os falsos prophetas.....	197
Da vontade de Deus.....	199
Da oração	201
Vocação de S. Matheus.....	204
Jesus em casa de Matheus.....	205
Conversão de Zacheu.....	208
Conversão de Magdalena.....	211
A mulher adúltera.....	214
O jovem rico.....	217
Jesus e os meninos.....	219
Os filhos de Zebedeu.....	222
Embaixada de S. João Baptista a Jesus.....	225
Elogio de S. João Baptista.....	227
Degolação de s. João Baptista.....	230

Da vocação apostolica.....	233
A mãe e os parentes de Jesus.....	235
Os apóstolos apanhando espigas.....	237
Eleição dos doze apóstolos.....	240
Juizo final	242
Da morte	244
Da salvação	247
A mãe de Jesus louvada.....	249
Missão dos apóstolos.....	251
Confissão de s. Pedro.....	253
Transfiguração	256

MILAGRES

Cura do filho do régulo.....	260
Cura do possesso em Capharnaum.....	262
Cura da sogra de s. Pedro.....	265
Cura do leproso	268
Cura do servo do centurião.....	270
O possesso do espirito impuro I.....	273
O possesso do espirito impuro II.....	276
Cura do paralytico.....	278
Resurreição da filha de Jairo I.....	281
Resurreição da filha de Jairo II.....	283
Cura de dois cegos.....	289
Resurreição do filho da viuva de Naim.....	291
Cura do paralytico junto da piscina.....	293
Jesus é accusado de curar ao sabbado.....	296
Cura da mão seca.....	298
Cura de possesso cego e mudo.....	301
Multiplicação dos pães.....	303
Cura da filha da cananéa.....	305
Cura de um surdo-mudo.....	308
Segunda multiplicação dos pães.....	310
Cura do cego de Bethsaida.....	312
Cura de um menino lunatico.....	315
Cura da mulher encurvada.....	318
Cura do cego de nascença I.....	320
Cura do cego de nascença II.....	323
Cura do hydropico.....	325

Cura do cego Bartimeu.....	328
Resurreição de Lazaro I.....	330
Resurreição de Lazaro II.....	333
A pesca milagrosa.....	336
A tempestade serenada.....	339
Jesus caminha sobre as aguas.....	342
Jesus paga o tributo.....	344
A figueira amaldiçoada.....	347

PARABOLAS

Parabola do sementeiro.....	350
O campo semeado.....	352
O grão de mostarda.....	355
Do joio	357
Da rede	360
Do mau servo I.....	362
Do mau servo II.....	365
Do samaritano	368
Dos convidados ao banquete.....	371
Do filho prodigo.....	374
Conversão do prodigo.....	376
Reabilitação do prodigo.....	379
Sentimentos do filho mais velho.....	382
Do ecônomo infiel.....	385
Lazaro e o rico avarento.....	388
Supplices do rico avarento.....	389
O juiz e a viuva.....	392
O phariseu e o publicano.....	395
A ovelha perdida.....	398
A drachma perdida.....	400

III parte: A PAIXÃO DE JESUS

Triunpho de Jesus.....	407
Jesus chora sobre Jerusalém.....	409
Traição de Judas.....	411
A ultima ceia.....	413
Jesus lava os pés a seus discipulos.....	414
Instituição da ss. eucharistia.....	416
A eucharistia como sacrificio.....	418

No jardim das Oliveiras.....	421
Paixão de Jesus no horto.....	423
Oração de Jesus no horto.....	425
Agonia de Jesus no horto.....	426
Jesus reprehende os apóstolos.....	428
Traição de Judas.....	430
Prisão de Jesus.....	432
S. Pedro defende o seu mestre.....	434
Prisão de Jesus.....	436
Jesus no tribunal de Caiphaz.....	438
Inquirição de testemunhas.....	440
Jesus é condenado pelo tribunal de Caiphaz.....	442
Negações de s. Pedro.....	444
Conversão de s. Pedro.....	446
Jesus é entregue a Pilatos.....	447
Morte de Judas.....	449
Jesus é apresentado a Pilatos.....	451
Pilatos interroga a Jesus.....	453
Silêncio de Jesus no tribunal de Pilatos.....	455
Jesus na côrte de Herodes.....	457
Jesus é desprezado por Herodes.....	459
Jesus posposto a Barrabás.....	461
A flagellação	465
Coroação de espinhos.....	467
Ecce homo	469
Últimas tentativas de Pilatos para salvar Jesus.....	471
Jesus condenado á morte.....	473
Jesus levando a cruz.....	475
Encontro com as santas mulheres.....	476
No Calvario	478
Crucifixão de Jesus.....	480
Primeira palavra.....	482
Segunda palavra.....	484
Terceira palavra.....	486
Quarta palavra.....	488
Quinta palavra.....	490
Sexta palavra	491
Setima palavra	493
Jesus morto	495

VIDA GLORIOSA DE JESUS

Resurreição de Jesus.....	499
Apparição do anjo ás ss. mulheres.....	501
Apparição de Jesus ás ss. mulheres.....	503
Apparição de Jesus a Magdalena.....	504
Pedro e João vão ao sepulcro.....	507
Jesus apparece a s. Pedro.....	509
Jesus apparece aos discipulos de Emmaus I.....	511
Os discipulos de Emmaus II.....	513
Jesus, hospede dos discipulos de Emmaus.....	515
Jesus revela-se aos discipulos de Emmaus.....	516
Jesus apparece aos apóstolos.....	518
Poderes que Jesus dá aos apóstolos.....	521
A paz de Jesus.....	520
Incredulidade de s. Thomé.....	523
Apparição de Jesus aos discipulos e a Thomé.....	525
Apparição na praia do mar de Tiberiades.....	526
Pesca milagrosa	528
Jesus dá de almoçar aos discipulos na praia.....	530
Jesus nomeia Pedro seu vigario na terra.....	531
Jesus prediz a Pedro a morte na cruz.....	533
Apparição em Galiléa.....	535
Jesus envia seus apóstolos a prégar e baptizar I.....	537
Jesus envia seus apóstolos a prégar e baptizar II....	539
Ultima apparição de Jesus a seus apóstolos.....	541
Ascensão I	542
Ascensão II	544
Ascensão III	546
Alegria da resurreição.....	547
A gloria de Jesus na resurreição.....	549
Propriedade da resurreição de Jesus.....	551
Propriedade de resurreição de Jesus.....	551
Jesus apparece a Maria sua Mãe.....	553
Das chagas com que Jesus Christo resuscitou.....	555
Da vinda do Espirito Santo.....	557
Da vinda do Espirito Santo em linguas de fogo.....	558
Fim da vinda do Espirito Santo.....	559
Fructo da vinda do Espirito Santo.....	561

Bons livros asceticos

ALBORES DIVINOS ou a Eucharistia, para espiritos pensantes e almas sedentas, pelo P. Dr. Huberto Rohden.

Broch. — Enc.

O assumpto que versa é a mais profunda e a mais mysteriosa verdade da fé; porém, num estylo tão simples e tão claro, tão suave e tão ameno, tão incisivo e tão forte, que faz comprehender e sentir, tanto quanto possível, todo o mysterio ineffavel: illumina e abrasa. — *D. Augusto*, arcebispo-primaz da Bahia.

EXCERPTOS (da submissão á vontade de Deus — das adversidades — da oração), pelo P. de la Colombière. Broch. E' uma joia ascetica que ninguem julga encontrar sob titulo tão desprezencioso. Quantos conselhos de mestre nessas linhas e tão proveitosos para a vida espiritual!

EXERCICIO DA PRESENÇA DE DEUS ou o grande meio de santificação para as almas piedosas, por um zeloso sacerdote.

BREVES MEDITAÇÕES para todos os dias do anno, por fr. Pedro Sinzig, ofm. Enc.

Em dois ou tres pontos subministra materia sufficiente para passar 15 a 30 minutos em proveitosa meditação. E' original o methodo que o autor emprega.

A AMIZADE DE CHRISTO, por Mons. Roberto Hugo Benson. Versão autorizada do original inglez, por fr. Adolpho Thoonsen, ofm.

O autor indica como devemos conhecer e seguir a Christo. E diz tudo de um modo tão novo, tão fresco, tão encantador que a leitura constitue um gozo espiritual dos mais puros.

DA EUCHARISTIA A' SANTISSIMA TRINDADE, pelo P. M. Vicente Bernardot, O. P. — Broch.

O livro do illustrado dominicano vem contribuir, poderosamente, a que almas entrem em si mesmas e lá vivam as esplendidas realidades da fé.

GLORIAS DE MARIA SANTISSIMA, por Santo Affonso de Li-guori. Versão do P. Geraldo Pires de Souza, C. SS. R. Broch.

Ler esta obra é accender no coração um incendio de amor a Nossa Senhora. Talvez já tenha ella convertido mais peccadores do que letras que contém. E' conhecido no mundo inteiro.

RAIOS DE LUZ para guia sobretudo da mocidade, pelo P. Alexandrino Monteiro, S. J. Enc.

A VIDA ESPIRITUAL reduzida a tres principios, pelo P. Mauricio Meschler, S. J. Enc.

PEDIDOS A' EDITORA "VOZES". CAIXA POSTAL, 23
PETROPOLIS — E. DO RIO

Livros apologeticos e doutrinarios

- ALLEGORIAS.** Para quem saiba ler entrelinhas, pelo P. Dr. Huberto Rohden. Enc.
- O ANJO DA LUZ** ou Polemicas de doutrina, de sciencia e de bom senso sobre questões de theologia popular, pelo P. Julio Maria. Broch.
E' obra que interessa a todo o catholico que estiver á altura de sua epoca. Apresenta um arsenal como melhor não pode desejar. A materia é expandida com clareza, não deixando o leitor em duvida sobre o que é materia de fé. Diz a verdade embora não seja de sabor agradavel.
- AUDI, FILIA (OUVE, O FILHA)** — Paginas para moças, pelo P. Geraldo Pires de Souza, C. SS. R. Broch.
São breves leituras, entremeadas de exemplos e citações, que levam ao espirito das jovens leitoras bons pensamentos, idéas sãs, esclarecimentos e incentivos para a formação da intelligencia e do coração, para a luta contra os perigos e defeitos da propria idade, etc.
- CATECISMO APOLOGETICO** para o ensino em Collegios, Uniãos de Moços e Centros Catholicos, por um Padre Redemptorista. Broch.
- OS LIVROS SAGRADOS DO NOVO TESTAMENTO** — Evangelhos — actos dos apóstolos — epistolas — apocalypse. Versão baseada no texto grego mais antigo, confrontada com as variantes da Vulgata e brevemente anotada, pelo P. Dr. Huberto Rohden. Broch. Enc. Papel delgado
- ESPLENDORES DA FE'.** Um livro para intelligencias robustas e vontade sinceras, pelo P. Dr. Huberto Rohden Broch.
- O MESTRE TE ENSINARA'.** Reflexões para normalistas e professoras, por Otto Cohausz, S. J. — Adaptação brasileira pelo P. Geraldo Pires de Souza, C. SS. R. Broch.
- CRENÇA E DESCRENÇA.** Tratados apologeticos para as classes illustradas, pelo P. Dr. I. Klug.
Quanta resposta acertada poderá ser colhida nessas paginas orientadoras em defesa da fé!
- AS NOSSAS CRENÇAS,** pelo Conego Dr. Clementino Contente. Enc.
Expõe a verdade religiosa escudada nos dictames da razão e da historia.
- OS SEGREDOS DO ESPIRITISMO,** desvendados e explicados, pelo P. Julio Maria. Broch. Enc.
E' um estudo popular e scientifico sobre as origens, os principios, as praticas e as fraudes espiritas.
- AS RAZÕES DA NOSSA CRENÇA.** Obra apologetica de valor, por Justino Mendes. Enc.
- A VERDADE DA RELIGIAO CATHOLICA.** Dogmas e doutrinas caracteristicos, por Jacob Linden, S. J. Broch.
- PEDIDOS A' EDITORA "VOZES".** CAIXA POSTAL, 23
PETROPOLIS — E. DO RIO

Obras catecheticas para a mão do docente

ESBOÇOS CATECHETICOS, por Henrique Stieglitz. Traduzidos por Milton Luiz Valente, S. J. Broch.

Este compendio encerra pontos de religião desdobrados em exposição, explicação e applicação. A' mão dos mesmos, o catechista pode desenvolver a sua lição e estender-se á medida que convém e ao gráu que visa attingir.

LIÇÕES CATECHETICAS PARA OS PEQUENINOS, segundo o methodo da escola activa, por Abbé Quinet. Trad. autorizada do francez. Broch.

E' uma das melhores obras no genero que até agora appareceu no Brasil. Feição moderna, exposição da materia segundo os principios da didactica, supplantará de vez o methodo antiquado e fastidioso ainda em vigor em muitos lugares. Paes, professores e catechistas não deverão ensinar, de ora em diante, por outro methodo.

O CATECHISTA PRATICO, ou lições fundamentaes, breves e methodicas, da doutrina christã, por Um Amigo da Infancia. Broch.

A' mão desta obra têm os catechistas um guia despretençioso e simples e que offerece indicações para tornar a aula de religião agradável, interessante e preferida pelos alumnos, ficando lançada assim, com a graça de Deus, uma base segura para a vida christã.

HORAS CATECHETICAS, por Georg Schreiner. Traducção autorizada por Uma Catechista. Enc.

Constitue verdadeira delicia ensinar á mão deste livrinho. Linguagem simples e ao alcance da intelligencia infantil, exemplificação adequada, applicação logica á vida pratica, são requisitos que o recommendam.

EXPLICAÇÃO DO PEQUENO CATECISMO, pelo P. Dr. Jacob Huddleston Slater. Com uma carta de recommendação de S. Em. Cardeal-Arcebispo D. Sebastião Leme. Enc.

CADERNOS CATECHETICOS: I — Methodos e programmas. Broch.

Contém: Formação christã e escola activa. — Methodologia do catecismo. — A eucharistia na formação christã. — Conselhos e avisos praticos. — Programmas de religião para a escola primaria, distribuidos por 4 annos.

CURSO PARA CATECHISTAS. Broch.

Contém: Lição preliminar (como dividir a hora do catecismo). A seguir desenvolve, em 12 lições, os pontos principaes da doutrina christã.

O QUE TODO O CATHOLICO DEVE SABER, ou explicação da doutrina christã, pelo Padre C. Zimmermann. Broch.

**PEDIDOS A' EDITORA "VOZES" — CAIXA POSTAL, 23
PETROPOLIS — E. DO RIO**

Uma obra que merece destaque

LUZ E VIDA. O "livro nacional". Curso superior de religião, por cathedaticos da Universidade de Bonn.

Prefacio do P. Leonel Franca, S. J.

Apreciação do P. João Baptista de Siqueira, censor da Curia do Rio de Janeiro.

Adaptação vernacula de fr. Leopoldo Pires Martins, ofm.

A obra foi distinguida com a seguinte recommendação de S. Eminencia:

Rio de Janeiro, 7/4/35.

Revmo. Sr. Fr. Leopoldo,

Muito lhe agradeço o exemplor de "Luz e Vida", 1º volume. O seu trabalho não é, realmente, uma simples traducção da famosa obra catholica alemã. Inteligentemente adaptado ao nosso meio, publicou V. Revma. um Curso Superior de Religião, que bem pôde ser chamado "livro nacional". Com todo o empenho, aqui o recomendo aos estudiosos e á nossa mocidade, em geral. Desnecessario se me afigura renovar a V. Revma. o meu commovido reconhecimento pela carinhosa dedicatória.

Com votos e benções em N. S. Jesus Christo,

† *Seb. Card. Leme*. Arceb. do R. de J.

1º volume — *Os dogmas da fé*: 1ª parte: A EGREJA, pelo Dr. J. P. Junglas.

2º volume — *Os dogmas da fé*: 2ª parte: JESUS CHRISTO.
3ª parte — DEUS, UNO E TRINO, pelo Dr. J. P. Junglas.

3º volume — *Moral catholica*, pelo Dr. Frederico Tiltmann.

4º volume — *Historia da Igreja*, por Lortz. Traducção do Dr. Francisco X. Kulnig.

PEDIDOS A' EDITORA "VOZES" — CAIXA POSTAL, 23
PETROPOLIS — E. DO RIO